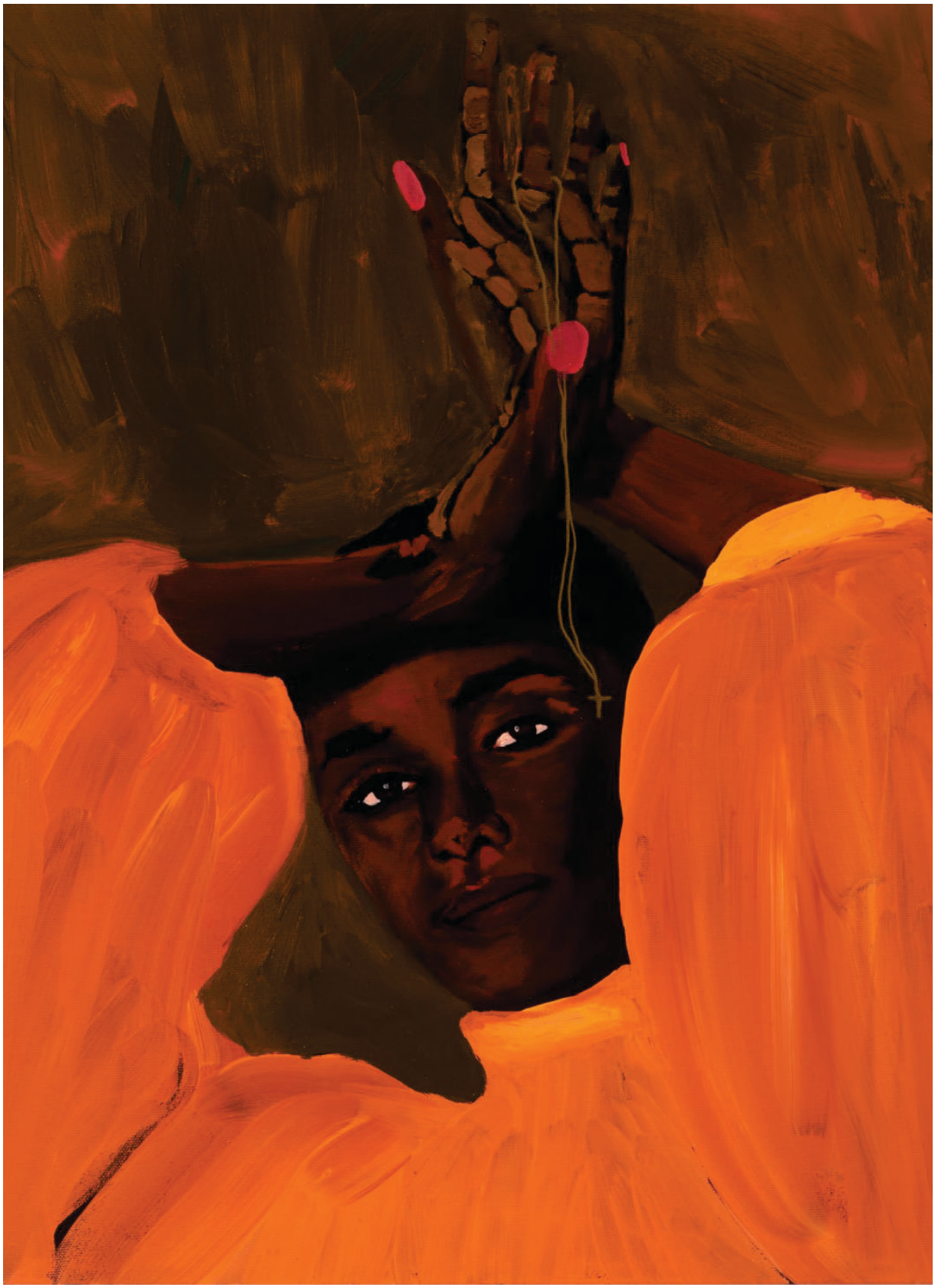
eISSN 1984-8412

FóRUM LINGUÍSTICO

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA DA UFSC

FLORIANÓPOLIS - VOLUME 19 - NÚMERO 4 - OUT./DEZ. 2022



UNIVESIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

REITOR | Irineu Manuel de Souza

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

DIRETOR | Fábio Lopes da Silvaz
VICE-DIRETORA | Mariane Rossi Stumpf

DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

CHEFE | Rodrigo Acosta Pereira
SUB-CHEFE | Nubia Rech

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

COORDENADOR | Valter Pereira Romano
VICE-COORDENADOR | Daniiel do Nascimento e Silva

APOIO
FAPESC – EDITAL 21/2022

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA / DIRECCIÓN POSTAL / MAILING ADDRESS
Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Lingüística
CCE - Bloco B, Sala 315, 88040970, Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianóplis, SC, Brasil.
https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/index Tel. (48) 3721-9581/ Fax (48) 3721-6604

(CATALOGAÇÃO NA FONTE PELA DECTI DA BIBLIOTECA DA UFSC)

Fórum lingüístico/ Programa de Pós-graduação em Lingüística.
Universidade Federal de Santa Catarina. v. 19, n. 4 (2022)
Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, Pós-graduação
em Lingüística, 2019 –

Trimestral
Irregular 1998-2007;
Resumo em português, espanhol e inglês
A partir de maio de 2008, disponível no portal de periódicos da UFSC em:
http://www.periodicos.ufsc.br
pISSN 1516-8698
eISSN 1984-8412

1. Lingüística. 2. Linguagem. 3. Língua Portuguesa I. Universidade
Federal de Santa Catarina. Pós-graduação em Lingüística. Curso de
Letras

INDEXADORES / INDEXACIÓN / INDEXATION
CAPES - Portal de Periódicos - http://www.periodicos.capes.gov.br
DRJI - Directory of Research Journal Indexing - http://www.drji.org
Diadorim - http://diadorim.ibict.br
Dialnet - https://dialnet.unirioja.es
DOAJ - https://doaj.org
EBSCO - http://www.ebsco.com
Genamics JournalSeek - http://journalseek.net
Latindex - http://www.latindex.org
Sumários.org - http://www.sumarios.org
Redib: https://www.redib.org

F ó R U M L I N G U Í S T ! C O

VOLUME 19 | NÚMERO 4 | JUL./SET. 2021

eISSN 1984-8412

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA | UFSC

Forum linguist. | Florianópolis | v. 19 | n.4 | p. 8426-8686 | out./dez. 2022

EDITOR-CHEFE / EDITOR JEFE / EDITOR-IN-CHIEF

Atilio Butturi Junior - UFSC, Florianópolis, BR

EDITORES EXECUTIVOS / EDITORES EJECUTIVOS / EXECUTIVE EDITORS

Ana Paula Oliveira Santana, Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis - SC, BR | Eric Duarte Ferreira, UFFS, Brasil | **Izabel Christine Seara . UFSC, Florianópolis, BR** | Núbia Ferreira Rech . UFSC, Florianópolis, BR | **Rodrigo Acosta Pereira . UFSC, Florianópolis, BR** | Rosângela Pedralli . UFSC, Florianópolis, BR | **Sandro Braga . UFSC, Florianópolis, BR**

EDITORES ASSISTENTES / EDITORES ADJUNTOS / ASSISTANT EDITORS

Aline Aline Francieli Thessing. UFSC, Florianópolis, BR | **Amanda Machado Chraim** | Anderson Jair Goulart. UFSC, Florianópolis | **Igor Valdeci Ramos da Silva. UFSC, Florianópolis, BR |** Jéssica Forini Ramon. UFSC, Florianópolis, BR | **Nathalia Müller Camozzato. UFSC, Florianópolis, BR** | Nelly Andrea Guerrero Bautista. UFSC, Florianópolis, BR | **Priscila de Souza UFSC. Florianópolis, BR** | Suziane da Silva Mossmann. UFSC, Florianópolis, BR

CONSELHO EDITORIAL / CONSEJO EDITORIAL / EDITORIAL BOARD

Adail Ubirajara Sobral . UCPEL, Pelotas, BR | **Adelaide Hercília Pescatori Silva . UFPR, Curitiba, BR** | Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão . UFSC, Florianópolis, BR | **Aleksandra Piasecka-Till . UFPR, Curitiba, BR** | Ana Demeurt . University of Cape Town, África do Sul | **Angela Bustos Kleiman . UNICAMP, Campinas, BR** | Ani Carla Marchesan . UFFS, Chapecó, BR | **Benedito Gomes Bezerra . UFP, Recife, BR** | Benjamin Meisnitzer, Johannes Gutenberg Universität Mainz, GER | **Bento Carlos Dias da Silva . UNESP, Araraquara, BR** | Charles Briggs . UC Berkeley, EUA | **Christina Abreu Gomes . UFRJ, Rio de Janeiro, BR** | Cláudia Regina Brescancini . PUCRS, Porto Alegre, BR | **Dóris de Arruda C. da Cunha . UFPE, Recife, BR** | Dulce do Carmo Franceschini . UFU, Uberlândia, BR | **Edwiges Maria Morato . UNICAMP, Campinas, BR** | Eleonora Albano . UNICAMP, Campinas, BR | **Eliana Rosa Sturza . UFSM, Santa Maria, BR** | Elisa Battisti . UFRGS, Porto Alegre, BR | **Fábio José Rauen . UNISUL, Tubarão, BR** | Fernanda Coelho Liberali . PUC-SP, São Paulo, BR | **Francisco Alves Filho . UFPI, Terezina, BR** | Gabriel de Ávila Othero . UFRGS, Porto Alegre, BR | **Georg A Kaiser, Universität Konstanz, GER** | Heloísa Pedroso de Moraes Feltes . UCS, Caxias do Sul, BR | **Heronides M. de Melo Moura . UFSC, Florianópolis, BR** | Jane Quintiliano Silva . PUCMINAS, Belo Horizonte, BR | **Jerry Lee, University of California at Irvine, EUA** | João Carlos Cattelan . UNIOESTE, Cascavel, BR | **João Wanderley Geraldi . UNICAMP, Campinas, BR** | José Luís da Câmara Leme . Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, PT | **Leonor Scliar Cabral . UFSC, Florianópolis, BR** | Letícia Fraga . UEPG, Ponta Grossa, BR | **Lilian Cristine Hübner . PUCRS, Porto Alegre, BR** | Lucília Maria Sousa Romão . USP, Ribeirão Preto, BR | **Luiz Francisco Dias . UFMG, Belo Horizonte, BR** | Lurdes Castro Moutinho . Univ. de Aveiro, Aveiro, PT | **Marci Fileti Martins . UNIR, Campus Guajara-Mirim, BR** | Marco Jacquemet. University of San Francisco, EUA | **Maria Cristina da Cunha Pereira Yoshioka – PUCSP, São Paulo, BR** | Maria Cristina Lobo Name . UFJF, Juiz de Fora, BR | **Maria de Lourdes Dionísio, Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho, PT** | Maria Izabel Santos Magalhães . UNB, UFC, Fortaleza, BR | **Maria Margarida M. Salomão . UFJF, Juiz de Fora, BR** | María Ángeles Sastre Ruano, Universidad de Valladolid, ESP | **Mariangela Rios de Oliveira – UFF, Niterói, BR | Marígia Ana de Moura Aguiar . UNICAP, Recife, BR** | Marta Cristina Silva – UFJF, Juiz de Fora, BR | **Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti . UFSC, Florianópolis, BR** | Morgana Fabíola Cambrussi . UFFS, Chapecó, BR | **Nicanor Nicanor Rebolledo Recendiz . Universidad Pedagógica Nacional, Cidade do México, MX** | Nívea Rohling da Silva. UFTPR, Curitiba, BR | **Rainer Enrique Hamel . Univ. Autónoma Metropolitana, Cidade do México, MX**| Rosângela Hammes Rodrigues . UFSC, Florianópolis, BR | **Sinfree Makoni, Universidade Estadual da Pennsylvania, EUA** | Solange Coelho Vereza . UFF, Niterói, BR | **Telisa Furlanetto Graeff . UPF, Passo Fundo, BR | Tommaso Milani, University of Gothenburg, Suécia** | Tony Berber Sardinha . PUC-SP, São Paulo, BR | **Vânia Cristina Casseb Galvão . UFG, Goiânia, BR** | Wander Emediato de Souza . UFMG, Belo Horizonte, BR

IMAGEM DA CAPA / IMAGEN DE LA PORTADA / COVER IMAGE
Danielle Mckinney / *Let's be real* /2021
https://daniellejmckinney.com/

DESIGN GRÁFICO / TAPA Y DISEÑO GRÁFICO / COVER AND GRAPHIC DESIGN
Pedro P. V. – Florianópolis, Brasil

NAS REDES
https://www.instagram.com/forumlinguistico/

SUMÁRIO / TABLA DE CONTENIDOS / TABLE OF CONTENTS

APRESENTAÇÃO / *Presentación* / Presentation 8438

ATILIO BUTTURI JUNIOR

ARTIGO / *ARTÍCULO* / ARTICLE

POR QUE NÃO É A MESMA COISA: O PENSAMENTO DE EMÍLIA FERREIRO, IMPLICAÇÕES PARA A COMPREENSÃO DO APRENDIZADO DA ESCRITA E EQUÍVOCOS DE ABORDAGEM NO BRASIL | *Por qué no es lo mismo: el pensamiento de Emília Ferreiro, implicaciones para la comprensión del aprendizaje de la escritura y malentendidos del enfoque en Brasil* | Why it is not the same thing: the thought of Emília Ferreiro, implications for understanding the learning of writing, and misunderstandings of approach in Brazil 8442

ROSÂNGELA PEDRALLI

CULTURAS DISCIPLINARES EM ANÁLISE SOCIORRETÓRICA DE GÊNEROS: EM BUSCA DE UMA PROPOSIÇÃO CONCEITUAL | *Culturas disciplinarias en el análisis socioretórica de género: en búsqueda de una propuesta conceptual* | Disciplinary Cultures in Socio-Rhetorical analysis of genres: in search of a conceptual proposition 8454

JORGE TÉRCIO SOARES PACHECO E CIBELE GADELHA BERNARDINO

O ENSINO DE GÊNEROS NA PERSPECTIVA DOS LETRAMENTOS ACADÊMICOS: A RESENHA NO CURSO DE LETRAS | *La enseñanza de género desde la perspectiva de la albetización académica: la reseña en el grado de Letras* | Academic Literacies-based genre teaching: the book review in a Languages course 8470

AMANDA CAVALCANTE DE OLIVEIRA LÊDO, BENEDITO GOMES BEZERRA E MARIA LADJANE DOS SANTOS PEREIRA

ASPECTOS DISCURSIVOSSOBRE O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO: POR UMA PRÁTICA DE ESCRITA ARGUMENTATIVA | *Aspectos del discurso sobre opinión de género artículo: para una práctica de escritura argumentativa* | Discourse aspects about gender opinion article: for an argumentative writing practice 8489

ELIETE CORREIA DOS SANTOS E WILIANA DE ARAÚJO BORGES

A MÍDIA DIGITAL COMO APARELHO IDEOLÓGICO DE PROPAGANDA DO ESTADO: A "NOVA" PREVIDÊNCIA ENTRE OS DITOS, NÃO DITOS E OUTROS EFEITOS | *Los medios digitales como aparato de propaganda ideológica del Estado: la "nueva" previdencia entre los efectos dichos, tácitos y de otro tipo* | Digital Media as an Ideological Propaganda Apparatus of the State: the "new" welfare among sayings, non-sayings an other effects 8501

PAULA SOUZA PEREIRA E GERENICE RIBEIRO DE OLIVEIRA CORTES

FEMININAS MAS NÃO _FEMINISTAS_:SENTIDOS EM DISPUTA NO DISCURSO DE MULHERES PARLAMENTARES DE DIREITA | Femenina *pero no* feminista: *sentidos en disputa en el discurso de mujeres parlamentarias de derecha*| *Feminine* but not *feminist*: dispute of meaning in right-wing female parlamentarians discourse 8518

RENATA ORTIZ BRANDÃO

"ELE É AVERDADEIRA JUVENTUDE" – REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO TEMA "JUVENTUDE"NA EXORTAÇÃO _CHRISTUS VIVIT_ DO PAPA FRANCISCO | *"Él es la verdadera juventud" – representaciones discursivas del tema "juventud" en la exhortación* Christus Vivit *del Papa Francisco* | "He is the true youthfulness" – discursive representations of the theme "youth" in the Pope Francisco's *Christus Vivit* exhortation 8536

JOSÉ RUBENS PEREIRA E MARIA ELIETE DE QUEIROZ

O PSEUDONIMATO COMO PRÁTICA DEMOCRÁTICA PARA A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE EXTIMIDADE COM CONTEÚDO A FAVOR DA VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19 | *El pseudonimato como práctica democrática para la construcción del discurso de extimidad con contenido a favor de la vacunación contra la Covid-19* | Pseudonimity as a democratic practice for the construction of the extimacy discourse in favor of the vaccination against Covid-19 8555

DIEILA DOS SANTOS NUNES E MARIA EDUARDA GIERING

PRÁTICAS EDUCATIVAS DIALÓGICAS COM ANÁLISE MULTISSEMIÓTICADE CANÇÕES DE DENÚNCIA | *Prácticas educativas dialógicas con análisis multisemiótico de canciones de denuncia* | Dialogical Educational Practices with Multisemiotic Analysis of denunciation songs 8571

MARCOS ANTONIO ROCHA BALTAR, ROBERTO BARON E CAMILA FARIAS FRAGA

PROXÊMICA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA: UM MECANISMO DE MODALIZAÇÃO INTERSUBJETIVA | *Proxémica linguístico-discursiva: un mecanismo de modalización intersubjetiva* | Linguistic-discursive Proxemics: a mechanism of intersubjective modalization 8586

RODRIGO ALBUQUERQUE E ALINE MUNIZ

SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA E RELAÇÕES DE SENTIDO: O VALOR ARGUMENTATIVO DA EXPRESSÃO "CIDADÃO DE BEM" | *Semántica argumentativa y relaciones de sentido: el valor argumentativo de la expresión "cidadão de bem"* | Argumentative semantics and meaning relations: the argumentative value of the expression "cidadão de bem" 8604

JOÃO RICARDO FAGUNDES DOS SANTOS E ERNANI CESAR DE FREITAS

O ENSINO DE LIBRAS COMO L2 EM CURITIBA: UM MAPEAMENTO PRELIMINAR | *Enseñar libras como L2 en Curitiba: un mapeo preliminar* | Teaching Brazilian Sign Language as L2 in Curitiba: a preliminary mapping 8615

NAJARA DALLA BARBA E LÍDIA DA SILVA

ASPECTOS PROSÓDICOS DA CHILD-DIRECTED SIGNING NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS | *Aspectos prosódicos de la Child-Directed Signing en la Lenguaje de Señas Brasileño – libras* | Prosodic Aspects of Child-Directed Signing In Brazilian Sign Language – Libras 8635

MARCELO MEIRA ALVES, MARIA DE FÁTIMA DE ALMEIDA BAIA E ADRIANA STELLA CARDOSO LESSA-DE-OLIVEIRA

ANÁLISE DA VARIAÇÃO DE F0 NOS GRUPOS TONAIS DE ÂNCORAS DA REDE GLOBO: UMA ANÁLISE COMPARATIVACOM ÂNCORAS DA REDE RECORD E DO SBT | *Análisis de la variación f0 en los grupos tonal de la Rede Globo: un análisis comparativo con presentadores la Rede Record y el SBT* | Analysis of f0 variation in tonal anchor groups of the Rede Globo: a comparative analysis with anchors of the Rede Record and SBT 8653

MARIA IMACULADA PEREIRA AZEREDO E VERA PACHECO

ROTACISMO EM ALAGOAS: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA | *Rotación en Alagoas: un análisis variacionista* | The rhotacism in Alagoas: a variationist analysis 8671

MARIA APARECIDA DOS SANTOS VALENTIM, MARIA DE FÁTIMA ROCHA SANTOS E ALMIR ALMEIDA DE OLIVEIRA

RESENHA / *REVISIÓN* / REVIEW

SOUZA, L. M. de. *Como funciona uma língua*: fundamentos (muito básicos) de linguística. Campinas: Mercado de Letras, Abralin, 2021. 8681

MARCELO MÓDOLO

DURÃO, A. B. de A. B.; DURÃO, A. B; SASTRE RUANO, M. Á. (org.). *(Meta)Lexicografia e Terminografia*. v. 3. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. 8684

ANA CAROLINA MOREIRA SALATINI

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e92568

F ó R U M

L I N G U Í S T ! C O

@ f o r u m l i n g u i s t i c o

APRESENTAÇÃO

VOLUME 19, NÚMERO 4, OUT./DEZ. 2022

Este é o quarto e último número de 2022 da ***Fórum Linguístico***, revista de Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, que conta com 15 artigos e duas resenhas.

Abrimos a edição com textos de Linguística Aplicada e do campo dos estudos discursivos. O primeiro deles, **Por que não é a mesma coisa: o pensamento de Emília Ferreiro, implicações para a compreensão do aprendizado da escrita e equívocos de abordagem no Brasil,** é de autoria de **Rosângela Pedralli** (Universidade Federal de Santa Catarina), que estabelece um diálogo crítico com as leituras recebidas, no Brasil, dos textos de Emília Ferreiro e as implicações teórico-práticas que essas leituras produzem, tendo em vista os pressupostos da própria teoria e observando: "{a]] i) retomada de seu lugar no movimento histórico, (ii) sua assunção como procedimento metodológico de ensino em contradição com a própria teorização produzida pela autora e seu grupo de colaboradores e (iii) sua forma de conceber o objeto de conhecimento prioritário em sua elaboração teórica, a modalidade escrita da língua, na relação com a totalidade das manifestações simbólicas e da história da escrita".

O segundo artigo, **Culturas disciplinares em análise sociorretórica de gêneros: em busca de uma proposição conceitual**, de **Jorge Tércio Soares Pacheco** e **Cibele Gadelha Bernardino**, da Universidade Estadual do Ceará, discute princípios teóricos gerais para a produção do conceito de "cultura disciplinar". O autor e a autora assim esclarecem seu objetivo: "[...] apresentar proposições conceituais sobre os eixos que gravitam em torno da dimensão das culturas disciplinares, explicando em que consiste a acepção de crenças epistêmicas, práticas disciplinares, práticas sociorretóricas e comunidades disciplinares, termos essenciais para uma taxonomia mais palpável de culturas disciplinares".

O ensino de gêneros na perspectiva dos letramentos acadêmicos: a resenha no curso de Letras é o terceiro artigo deste número. Escrito por **Amanda Cavalcante de Oliveira Lêdo, Benedito Gomes Bezerra** e **Maria Ladjane dos Santos Pereira**, da Universidade Católica de Pernambuco, sua temática também é o gênero, especificamente a resenha. O texto pretende "[...] discutir uma experiência de ensino do gênero resenha acadêmica realizada com estudantes do curso de Letras", a partir de três abordagens: "[os] letramentos acadêmicos (LEA; STREET, 2006), [uma] pedagogia de gêneros inspirada nos Estudos Retóricos de Gênero (DEVITT, 2009) e {o] Inglês para Fins Específicos (SWALES, 1990, 2004)".

O quarto dos artigos do n.4 de 2022 intitula-se **Aspectos discursivos sobre o gênero artigo de opinião: por uma prática de escrita argumentativa** e investiga os efeitos discursivos do artigo de opinião. Suas autoras, **Eliete Correia dos Santos** e **Wiliana de Araújo Borges**, da Universidade Estadual da Paraíba, apontam que se trata de uma pesquisa que teve lugar durante a pandemia e que tem a análise calcada "[...] nos estudos interacionista sociodiscursivos, particularmente os conceitos de "condições e produção de textos", "estratos do folhado textual" e "sequência argumentativa", de Bronckart (1999) e Coutinho (2013)".

Quinto artigo do número e escrito por **Paula Souza Pereira** e **Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes,** da Universidade Estadual do Sudeste da Bahia, **A mídia digital como aparelho ideológico de propaganda do estado: a "nova" previdência entre os ditos, não ditos e outros efeitos** (em versões em PB e Inglês) parte da Análise do Discurso Francesa – ou materialista –, notadamente de Pêcheux e de sua leitura de Althusser, para descrever as relações entre o que chama de *formação discursiva do neoliberalismo* e os discursos sobre a eficiência da "nova previdência", materializados nos enunciados on-line.

Renata Ortiz Brandão, da Universidade Estadual de Campinas, é autora de ***Femininas* mas não *feministas*: sentidos em disputa no discurso de mulheres parlamentares de direita,** sexto de nossos artigos (também em versões em PB e em Inglês) e que, igualmente, se produz tendo em vista os pressupostos da AD materialista. Tem como objetivo analisar "[...] o discurso de três mulheres parlamentares que integravam o Partido Social Liberal (PSL): Janaína Paschoal, Joice Hasselmann e Soraya Thronicke" e a cisão que ele materializa entre mulheres *feministas* e *femininas* – o segundo, amplamente criticado pelas três.

Ainda no campo dos discursos, o sétimo dos artigos, **"Ele é averdadeira juventude" – representações discursivas do tema "juventude" na exortação *Christus Vivit* do Papa Francisco**, de autoria de **José Rubens Pereira** (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e **Maria Eliete de Queiroz** (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte), traça uma análise discursivo-textual, conforme a proposta de Jean-Michel Adam, da materialização da juventude nos escritos de Francisco.

O pseudonimato como prática democrática para a construção do discurso de extimidade com conteúdo a favor da vacinação contra a Covid-19, aqui nas versões em PB e Inglês, é o oitavo dos artigos da presente edição da ***Fórum***. Suas autoras, **Dieila dos Santos Nunes** e **Maria Eduarda Giering**, da Universidade do Vale do Rio Sinos, toma a discussão do tecnodiscursivo de Paveau e analisam o discurso digital do perfil "Haddad Debochado", tendo em vista seus efeitos no jogo político brasileiro. Segundo elas, conclui-se com o artigo que "o pseudonimato é uma estratégia democrática e constitutiva do discurso de extimidade".

Por sua vez, o nono artigo (em versões em PB e Inglês), **Práticas educativas dialógicas com análise multissemiótica de canções de denúncia**, escrito por **Marcos Antonio Rocha Baltar** (Universidade Federal de Santa Catarina), **Roberto Baron** (Universidade Federal de Santa Catarina) e **Camila Farias Fraga** (Instituto Federal de Santa Catarina), recorre aos estudos balkhtinianos e por meio do que chama de "telegrama de análise multissemiótica" apresenta uma análise de canções cujo objetivo, segundo os autores e a autora, é "fortalecer os estudantes para o uso consciente das linguagens".

O décimo dos artigos também tem versões em PB e em Inglês. Intitulado **Proxêmica linguístico-discursiva: um mecanismo de modalização intersubjetiva** e escrito por **Rodrigo Albuquerqu**e e **Aline Muniz,** da Universidade de Brasília, o escrito pretende desenvolver uma proxêmica segundo três teorias:"[...] as teorias de (im)polidez e de face; a noção de gêneros discursivos; e a indexicalidade comum às pistas contextualizadoras, à referenciação e à dêixis social/discursiva".

O décimo primeiro artigo, **Semântica argumentativa e relações de sentido: o valor argumentativo da expressão "cidadão de bem"**, escrito por **João Ricardo Fagundes dos Santos** e **Ernani Cesar de Freitas**, escolhe a Teoria dos Blocos Semânticos de Ducrot para analisar a expressão "cidadão de bem" materializadas na tira do Armandinho e em uma declaração do deputado Rogério Mendonça. Para os autores, "A análise da expressão 'cidadão de bem', em dois enunciados diferentes, reflete sobre a tese de que o sentido não preexiste ao discurso, já que só nele se constitui".

O décimo segundo dos artigos, **O ensino de libras como L2 em Curitiba: um mapeamento preliminar**, volta-se para a Libras. Escrito por **Najara Dalla Barba** e **Lídia da Silva**, da Universidade Federal do Paraná, o texto tem a tarefa de "[...] identificar quais são e como se caracterizam os espaços de ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como segunda língua (L2) encontrados em Curitiba (Brasil) no período de 2005 a 2020". Os resultados apontam para um campo ainda em desenvolvimento naquela cidade.

Libras é o objeto também do décimo terceiro artigo da presente edição, **Aspectos prosódicos da *Child-Directed Signing* na língua brasileira de sinais – Libras.** Seus autor e suas autoras, **Marcelo Meira Alves**, **Maria de Fátima de Almeida Baia** e **Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira**, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como aponta o título, analisam o *CDSign* na Libras, a partir de um experimento de nomeação realizado com cinco sujeitos, que mostra alterações fonética nos sinais relevantes segundo os achados do texto.

Décimo quarto dos artigos deste número e escrito por **Maria Imaculada Pereira Azeredo** e **Vera Pacheco**, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, A**nálise da variação de f0 nos grupos tonais de âncoras da Rede Globo: uma análise comparativa com âncoras da Rede Record e do SBT,** analisa as curvas melódicas de apresentadores de telejornais de três emissoras de TV do Brasil. As autoras mostram, em seus resultados, que "[...] os âncoras do Jornal Nacional quase sempre iniciam sua fala subindo a F0 no início do GT e descendo ao final. Em contrapartida, não há um padrão na fala dos jornalistas do Jornal SBT Brasil e Jornal da Record".

O décimo quinto dos artigos, que fecha a seção, aqui vem em versão em PB e Inglês. **Rotacismo em Alagoas: uma análise variacionista,** escrito por **Maria Aparecida dos Santos Valentim**, **Maria de Fátima Rocha Santos** e **Almir Almeida de Oliveira**, da Universidade Estadual de Alagoas, toma um corpus de entrevistas com 120 falantes e mostra que a variável escolaridade influencia no fenômeno e na sua valoração social, além de apresentar outros achados relacionados aos contextos de ocorrência.

Fecha a edição a seção **resenha**, com dois textos: **Marcelo Módolo e Muri Lucas Pereira, da Universidade de São Paulo,** resenham o livro de Luisandro Mendes de Souza, *Como funciona uma língua: fundamentos (muito básicos) de linguística* (Mercado de Letras, Abralin, 2021); por sua vez, o livro organizado por Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, Aylton Barbieri Durão e María Ángeles Sastre Ruano, intitulado *(Meta)Lexicografia e Terminografia* (Pontes, 2020), tem resenha feita *por* **Ana Carolina Moreira Salatini**, da Universidade Estadual de Londrina.

Como de costume, quero e queremos agradecer ao apoio irrestrito do Programa de Linguística da UFSC (nomeio o coordenador Valter Romano, sempre atento a nossas demandas) e a todas as pessoas que colaboram para que a revista permaneça em pleno funcionamento: autoras e autores, pareceristas, editores e editoras, artistas gráficos, revisoras e revisores e, claro, as pessoas que dedicam seu tempo para ler os textos que publicamos. Além disso, é mister mencionar o apoio se costume do Setor de Periódicos da UFSC e o apoio financeiro recebido, desde setembro de 2022, da FAPESC.

Por fim, convido a todes para a leitura e a divulgação dos textos deste volume 19, número 4, de 2022 da ***Fórum Linguístico***.

Atilio Butturi Junior

Editor-chefe

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e81044

POR QUE NÃO É A MESMA COISA: O PENSAMENTO DE EMÍLIA FERREIRO, IMPLICAÇÕES PARA A COMPREENSÃO DO APRENDIZADO DA ESCRITA E EQUÍVOCOS DE ABORDAGEM NO BRASIL

POR QUÉ NO ES LO MISMO: EL PENSAMIENTO DE EMÍLIA FERREIRO, IMPLICACIONES PARA LA COMPRENSIÓN DEL APRENDIZAJE DE LA ESCRITURA Y MALENTENDIDOS DEL ENFOQUE EN BRASIL

WHY IT IS NOT THE SAME THING: THE THOUGHT OF EMÍLIA FERREIRO, IMPLICATIONS FOR UNDERSTANDING THE LEARNING OF WRITING, AND MISUNDERSTANDINGS OF APPROACH IN BRAZIL

Rosângela Pedralli*
Universidade Federal de Santa Catarina

* Professora Adjunta do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina. Vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Linguística (GEPEL/FURG-UFSC). E-mail: rosangelapedralli@hotmail.com.

RESUMO: O presente artigo retoma, analisa e discute a relação entre Epistemologia Genética e Psicogênese da Escrita para problematizar a (im)possibilidade de compatibilizar tais escopos com perspectivas teórico-pedagógicas histórico-críticas. Trata-se de uma reflexão fundamental para a definição de projetos formativos orientadores de currículos e trabalhos educativos, especialmente no âmbito da alfabetização. À luz dessa problematização, no presente estudo, enfrentamos os seguintes eixos de análise e discussão: (i) retomada de seu lugar no movimento histórico, (ii) sua assunção como procedimento metodológico de ensino em contradição com a própria teorização produzida pela autora e seu grupo de colaboradores e (iii) sua forma de conceber o objeto de conhecimento prioritário em sua elaboração teórica, a modalidade escrita da língua, na relação com a totalidade das manifestações simbólicas e da história da escrita. A apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, sinteticamente, ganhará contornos muito distintos a depender do fundamento teórico-filosófico preconizado.
PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Sistema de Escrita Alfabético. Pedagogia crítica. Psicogênese da escrita.

RESUMEN: En este artículo, retomamos, analizamos y discutimos la relación entre la Epistemología Genética y la Psicogénesis de la Escritura para problematizar la (im)posibilidad de compatibilizar dichos alcances con las perspectivas teórico-pedagógicas histórico-críticas. Se trata, sobre todo en relación con la alfabetización, de una reflexión fundamental para la definición de proyectos formativos que orienten el currículo y el trabajo educativo. Ante esta problematización, nos enfrentamos a los siguientes ejes de análisis y discusión: (i) la reanudación de su lugar en el movimiento histórico, (ii) su asunción como procedimiento metodológico de enseñanza en contradicción con la propia teorización producida por la autora y su grupo de colaboradores y (iii) su forma de concebir el objeto de conocimiento prioritario en la modalidad escrita de la lengua, su elaboración teórica, en la relación con la totalidad de las manifestaciones simbólicas y la historia de la escritura. La apropiación del Sistema de Escritura Alfabética adquirirá contornos muy diferentes, sintéticamente, en función del fundamento teórico-filosófico que se defienda.
PALABRAS CLAVE: Alfabetización. Sistema de escritura alfabético. Pedagogía crítica. Psicogénesis de la escritura.

ABSTRACT: In this article, we take up, analyze and discuss the relationship between Genetic Epistemology and the Psychogenesis of Written Language in order to problematize the (im)possibility of making these scopes compatible with historical-critical theoretical-pedagogical perspectives. This is, especially in relation to literacy, a fundamental reflection for the definition of formative projects that guide the curriculum and educational work. In the face of this problematization, we deal with the following axes of analysis and discussion: (i) the resumption of its place in the historical movement, (ii) its assumption as a methodological teaching procedure in contradiction with the very theorization produced by the author and her group of collaborators, and (iii) its way of conceiving the priority object of knowledge in the written modality of language, its theoretical elaboration, in relation to the totality of symbolic manifestations and the history of writing. The appropriation of the Alphabetic Writing System will acquire very different contours, synthetically, depending on the philosophical-theoretical foundation recommended.
KEYWORDS: Literacy. Alphabetic Writing System. Critical Pedagogy. Psychogenesis of Written Language.

1 INTRODUÇÃO

Quando tratamos da alfabetização no cenário educacional brasileiro, não é possível produzir quaisquer elaborações sem considerar as interveniências do pensamento de Emília Ferreiro nas questões teórico-pedagógicas e metodológicas e na formação de professores para/em atuação nesse campo. Isso precisa ser feito, como é o caso neste artigo, ainda que seja no âmbito de (i) retomada de seu lugar no movimento histórico, (ii) sua assunção como procedimento metodológico de ensino em contradição com a própria teorização produzida pela autora e seu grupo de colaboradores e (iii) sua forma de conceber o objeto de conhecimento prioritário em sua elaboração teórica, a modalidade escrita da língua, na relação com a totalidade das manifestações simbólicas e da história da escrita.

Para esse empreendimento, por incidir diretamente sobre o fenômeno educacional na correlação, própria e inerente, com a ciência, faz-se necessário situar a matriz epistemológica, portanto filosófica, que ampara a proposta teórica em causa. É nesse esforço que buscamos, com a brevidade demandada por um artigo, retomar e discutir esse arcabouço teórico na relação estreita com o campo

da Alfabetização, sem descurar do rigor exigido para a formação do profissional que se responsabiliza pela apropriação inicial da escrita no âmbito escolar.

2 EPISTEMOLOGIA GENÉTICA E A CONCEPÇÃO CONSTRUTIVISTA PIAGETIANA

O escopo epistemológico piagetiano, denominado pelo próprio autor como *epistemologia genética*, reúne-se a um conjunto de tentativas de explicar o desenvolvimento humano de base biologicista, mesmo que originalmente buscasse distinguir-se dele. Tais tentativas são gestadas no âmbito da psicologia e são desenvolvidas como explicações sobre o modo pelo qual o ser humano se desenvolve de forma íntegra, no sentido de não serem previstas complementações e tampouco a possibilidade de coincidências entre os paradigmas explicativos. No limite, cada um desses paradigmas se propõe a explicar por uma via distinta e ao mesmo tempo radicalmente convergente o desenvolvimento de cada novo ser da espécie humana (cf. DUARTE, 2008). A convergência reside justamente na base biológica que se projeta nelas, apesar de esforço de algumas para superá-la.

2.1 A APRESENTAÇÃO DOS FUNDAMENTOS TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICOS PRÓPRIOS DO PENSAMENTO PIAGETIANO E A IMPOSSIBILIDADE DE RETARDAR A CRÍTICA

No caso da tentativa proposta na elaboração que define a obra *Epistemologia Genética* (PIAGET, 2012 [1990]), a tese central é de que:

> [...] o conhecimento não pode ser concebido como algo predeterminado nem nas estruturas internas do sujeito, porquanto essas resultam de uma construção efetiva e contínua, nem nas características preexistentes do objeto, uma vez que elas só são conhecidas graças à mediação necessária dessas estruturas, e que estas, ao enquadrá-las enriquecem-nas (quando mais não seja para situá-las no conjunto dos possíveis). Em outras palavras, todo o conhecimento contém um aspecto de elaboração nova, e o grande problema da epistemologia consiste em conciliar essa criação de novidades com o fato duplo de que, no terreno formal, elas se fazem acompanhar de novidades imediatamente elaboradas, e de que, no plano do real, permitem (e são, de fato, as únicas a permitir) a conquista da objetividade. (PIAGET, 2012 [1990], p. 1)

Para a resolução desse problema epistemológico, Piaget destaca e corrobora a síntese acerca de sua elaboração em cooperação com seu grupo de pesquisa produzida pela American Psychological Association (PIAGET, 2012 [1990], p. 3): "Ele abordou questões até então exclusivamente filosóficas de uma forma decididamente empírica e constituiu a epistemologia como ciência separada da filosofia, mas vinculada a todas as ciências humanas". A essa síntese, o autor construtivista fez a seguinte complementação: "[...] sem esquecer, naturalmente, a biologia".

Adiantando, em alguma medida, o conteúdo previsto para a subseção seguinte, acerca dessa síntese sobrelevada pelo autor em sua obra, vale uma primeira consideração: a impossibilidade original de cisão entre ciência e filosofia. Nesses termos, as elaborações consistentes próprias do campo da epistemologia apresentam consenso sobre a indissociabilidade entre a ciência, em seus distintos padrões, paradigmas e abordagens, e filosofia, se não o é por outros motivos, pela natureza histórica e, portanto, ideológica da ciência. Limitaremo-nos, neste artigo, a apresentar apenas esquematicamente os padrões científicos, segundo elaboração de Tonet (2013), e os três marcos das abordagens epistemológicas, apresentados e discutidos por Löwy (1985; 1987)[1].

Antes, contudo, vale registrar nossa concordância com Andery *et al.* (1988, p. 14-15) ao asseverarem que "As ideias são a expressão das relações e atividades reais do homem, estabelecidas no processo de produção de sua existência", o que não se dá de modo automático, neutro: "[...] aquilo que o homem faz, acredita, conhece e pensa sofre interferência também das ideias (representações) anteriormente elaboradas [...] [e] geram transformações na produção de sua existência", do que a ciência não estaria apartada.

[1] Entendemos que a impossibilidade de dar tratamento mais detido a essa questão possa ser plenamente suplantada pela leitura de Tonet (2013) e Löwy (1985; 1987), produções amplamente reconhecidas no campo.

No que compete, então, especificamente aos padrões científicos, Tonet (2013, p. 9), entendendo que a concepção científica "[...] vai de par, de modo geral, com a ideia de que a sociedade moderna, ou até aquela chamada de pós-moderna, é a forma definitiva de sociedade", posição que balizaria a defesa de que a assunção de posições sociais e, portanto, ideológicas significaria postura não científica. Nessa direção, estariam presentes de forma muito fortemente marcada na história da humanidade o padrão de cientificidade greco-medieval e o moderno. O primeiro, segundo o mesmo autor, expressa a forma de produção do conhecimento própria da Antiguidade e da Idade Média, sendo regido pela perspectiva metafísica. O segundo, fundado no primado de que o que se fez até então não era ciência em razão do alinhamento metafísico assumido, firma-se como o único modo de produzir conhecimento socialmente válido. Para o padrão moderno, o polo regente do conhecimento é o próprio sujeito, não sendo considerada a possibilidade de colocar tal polo em suspeição em razão de desconsiderar a coexistência entre duas abordagens possíveis no âmbito científico: essa, a gnosiológica, e a ontológica. É justamente enfrentando essa questão tanto quanto a premissa de que seria possível cindir ideologia e ciência que se eleva o padrão marxiano, que defenderá que a produção de conhecimento desde a origem sofre influência e relaciona-se com as posições sociais, seja pela égide da conservação ou pelo vislumbre de sua transformação. Para tal, irá inflexionar a verdade moderna e fundar-se sob base ontológica.

Michael Löwy, a seu turno, toma esse embate entre padrões científicos pelo corte histórico do padrão moderno, envolvendo mais diretamente as formas de manifestação epistemológicas dele e incluindo nesse, salvaguardadas todas as distinções muito claramente marcadas em sua elaboração, a forma de conhecer própria do marxismo. Ao produzir sua categorização, Löwy enfatiza a necessária assunção de ideologia e ciência como indissociáveis, *as visões sociais de mundo* como denomina, posicionando-as em dois tipos: as visões ideológicas "[...] quando servirem para legitimar, justificar, defender ou manter a ordem social do mundo [...]" (LÖWY, 1985, p. 21) e as visões sociais utópicas "[...] quando tivessem uma função crítica, negativa, subversiva, quando apontassem para uma realidade ainda não existente" (LÖWY, 1985, p. 21). A partir desses tipos, seria possível situar as abordagens epistemológicas prevalecentes em: positivista, historicista e marxista. As duas primeiras, apesar de assentadas em perspectivas de produção do conhecimento diametralmente opostas, seriam concretizações do tipo de visão ideológica; enquanto a última, marxista, seria uma manifestação da visão social utópica. A título de esclarecimento, vale apresentar a definição de *utopia* assumida por Löwy (1985, p. 21): "É uma aspiração a uma ordem social, a um sistema social que ainda não existe em nenhum lugar e que, portanto, está em contradição com a ordem existente, com a ordem estabelecida".

Retomando a proposição epistemológica de Piaget, nessa mesma direção, importa uma consideração sobre o padrão científico e a concepção de ciência depreensíveis nessa síntese da mencionada associação. Quer parecer-nos que, ao reverenciar a contribuição da epistemologia genética pela produção de "forma decididamente empírica" de uma "ciência separada da filosofia", recai-se no padrão científico hegemônico, porque reconhecido como "a" ciência de fato, o padrão moderno, para o qual a ideia da neutralidade e a superioridade do sujeito sobre o objeto são pontos fundamentais. Por neutralidade aqui, entende-se, dentre outros focos possíveis, a assepsia das dimensões sócio-histórica e cultural – e, portanto, política – para que se produza conhecimento científico genuíno, o que remete a importantes categorias do Positivismo – concepção científica pertencente ao padrão moderno, que tem como marca nodal a tentativa de haurir da atividade de pesquisa a dimensão ideológica inerente a ela e, com isso, inclinando-se a uma visão social de mundo pró-manutenção do status quo, conservadora. Muito desse alinhamento, cabe esse registro, é confirmado por uma busca por tomar a ordem social e tudo o que decorre dela como naturalizadas. Numa tentativa de antecipação à crítica e de defesa sobre tal questão, o autor assim se situa em relação ao embate epistemológico, sem, contudo, superar a mera dimensão retórica.

> [...] encontrar-se-á nestas páginas a exposição de uma epistemologia que é naturalista sem ser positivista, que coloca em evidência a atividade do sujeito sem ser idealista, que se apoia igualmente no objeto ao mesmo tempo que o considera um limite (portanto, existindo independentemente de nós mas sem ser completamente alcançado) e que, sobretudo, vê no conhecimento uma construção contínua [...]. (PIAGET, 2012 [1990], p. 6)

É interessante notar, nesse mesmo fragmento destacado na avaliação da associação, a importância conferida ao caráter empírico que marca o fundamento construtivista na elaboração piagetiana. Apenas a título de confirmação: trata-se também aqui de elemento nodal das elaborações teóricas típicas do padrão científico moderno, seja nas derivações que preconizam a subjetividade (o Historicismo de modo geral) ou ainda a hipercentralidade na subjetividade (o paradigma pós-moderno em sua vasta gama de

refinamentos), seja nas que delimitam as formas de conhecer a realidade ao manejo pelo pesquisador de métodos cristalizados e pré-concebidos no âmbito de fundamentos teóricos tipificados (genericamente, o Positivismo) (cf. TONET, 2013; LÖWY, 1985, 1987).

Merece ainda uma consideração a complementação apresentada por Piaget à avaliação da American Psychological Association. Ao apor, ao registro da revista sobre o alcance da epistemologia genética "a todas as ciências humanas", o complemento de que não se poderia "esquecer, naturalmente, [d]a biologia", Piaget acaba por corroborar um aspecto nodal dos paradigmas desenvolvimentais biologicistas, a prevalência da dimensão biológico-orgânica sobre a dimensão social, o que parece ser referendado quando enfatiza que "[...] as próprias fases psicogenéticas mais elementares são precedidas por fases que, de uma certa maneira, são organogenéticas" (PIAGET, 2012 [1990], p. 3). A identificação dessa prevalência biológico-orgânica coloca sob suspeição quaisquer argumentos em favor de uma possível aproximação/complementação entre concepção construtivista e as ideias da Psicologia Social, projetadas especialmente pela Escola de Vigotski.

Acerca das especificidades que envolvem as tentativas de aposição das proposições dessas duas formas distintas de explicar o desenvolvimento humano, Duarte (2008, p. 20-21), retomando a prioridade da dimensão ontológica do mundo social, a qual envolveria tanto a produção do conhecimento (sobre o que já tratamos anteriormente neste artigo) quanto o próprio trabalho educativo, assim escreve:

> Em uma perspectiva histórico-social, mais importante do que apenas superar unilateralismos na análise da relação sujeito-objeto é buscar compreender as especificidades dessa relação, considerando-se que sujeito e objeto são históricos e que a relação entre eles também é histórica. Não é possível compreender essas especificidades quando se adota um modelo biológico da interação entre organismo e meio-ambiente.

Nesse ponto, vale o que entendemos ser um importante reparo considerando-se o campo da alfabetização. Trata-se da eleição da psicogênese da escrita por Magda Soares, na obra, prêmio Jabuti, *Alfabetização: a questão dos métodos*. Ao justificar a contribuição sui generis dessa elaboração para a discussão do que a autora denomina de "faceta linguística da alfabetização" no âmbito dessa mesma obra, evoca os estudos desenvolvidos por Luria, integrante da Escola de Vigotski, e assim posiciona a diferença entre ambos:

> [...] embora essa teoria [psicogênese da escrita] e a de Luria analisem aproximadamente o mesmo período do processo de desenvolvimento da criança [...], diferenciam-se em relação ao **objeto de conhecimento** privilegiado: na pesquisa de Luria[,] o foco é posto nos grafismos utilizados pela criança para apoio à memória, ou seja, o objeto do conhecimento é uso da escrita pela criança como *instrumento*; na pesquisa de Ferreiro e Teberosky, o foco é posto nos processos cognitivos da criança em sua progressiva aproximação ao princípio alfabético de escrita, ou seja, o objeto do conhecimento é a escrita como *um sistema de representação* [...]. (SOARES, 2017, p. 62, grifos no original)

A nosso ver, parece, no mínimo, uma simplificação significativa posicionar a diferença entre os dois escopos no que a autora chama de "objeto do conhecimento", no limite, porque a distinção mais elementar entre ambos reside justamente na prevalência da dimensão biológico-orgânica da concepção construtivista em relação à dialética entre essa dimensão e a sociocultural na Psicologia Social, o que certamente oferece implicações para a forma como o objeto língua e sua apropriação são assumidos.

Materializando num contínuo a psicogênese dos conhecimentos, a partir desses pressupostos e sob a mencionada base biologicista, Piaget assim define os níveis que, divididos em dois momentos – um anterior ao desenvolvimento da linguagem pelo indivíduo e outro já com ela desenvolvida como capacidade –, caracterizariam o desenvolvimento humano: (i) níveis sensoriomotores; (ii) nível do pensamento pré-operatório; (iii) o segundo nível pré-operatório – entre 5-6 anos; (iv) o primeiro nível do estágio das operações "concretas" – entre 7-8 anos; (v) o segundo nível das operações "concretas" – entre 9-10 anos; e (vi) as operações formais – entre 11-12 anos.

Ao introduzir a especificação desses níveis na obra em causa, o autor (2012 [1990]) destaca que o conhecimento, ao contrário do que estaria na base do apriorismo ou do inatismo, por exemplo, não procede nem de um sujeito consciente de si mesmo nem de objetos já constituídos, mas de interações que se produziriam "[...] a meio caminho entre sujeito e objeto, mas em virtude de uma

indiferenciação completa e não de trocas entre formas distintas" (PIAGET, 2012 [1990], p. 8) ou, ainda nas palavras desse autor (2012 [1990], p. 9), "[...] o problema inicial do conhecimento será, portanto, o de construir tais mediadores"; eis o foco no sujeito. Para tal, partir-se-ia da zona de contato entre o próprio corpo e as coisas.

Ao asseverar essa dinâmica a partir da qual se *instauraria* o conhecimento – e nos parece que, nos termos definidos pelo autor, essa é mesmo a palavra mais correta – Piaget, supostamente, estaria assumindo que, portanto, o homem seria geneticamente social, o que, como defende e explica La Taille (1992, p. 12), "[...] não significa optar por uma teoria que explique como este 'social' interfere no desenvolvimento e nas capacidades da inteligência humana". Interessante que, para precisar essa definição de "homem como ser social", esse debatedor do pensamento piagetiano evoca uma passagem do nome do paradigma desenvolvimental construtivista em que ele justamente posiciona o desenvolvimento social do ser humano na absoluta correlação com o critério etário, destacando, ao contrário do que parecia ser seu objetivo, a natureza biologista desse fundamento. Eis a mencionada passagem: "O homem normal não é social da mesma maneira aos seis meses ou aos vinte anos de idade e, por conseguinte, sua individualidade não pode ser da mesma qualidade nesses dois diferentes níveis" (PIAGET, 1977, p. 292 apud LA TAILLE, 1992, p. 12).

Para dar maior definição a tal aspecto da elaboração piagetiana, La Taille (1992, p. 14, grifo no original) vai destacar o conceito de *equilibração*, segundo o qual "[...] o 'ser social' de mais alto nível é justamente aquele que consegue relacionar-se com seus semelhantes de forma *equilibrada*". Em consequência dessa forma de compreensão do desenvolvimento humano, a personalidade não é mais do que o indivíduo submetendo-se voluntariamente às normas de reciprocidade e de universalidade, o que reforça a um só tempo os caráteres biologicista e adaptativo da concepção em foco, além de posicionar inegavelmente o construtivismo, defendido pelo autor, em alinhamento à visão social de mundo conservadora.

É especialmente sobre tais pressupostos evidenciados nesse fundamento que, na subseção que segue, apresentaremos os limites que identificamos nele e em teorias dele derivadas, do que é exemplo a teorização de Ferreiro e colaboradores, principalmente para a educação escolar, incluindo-se de forma destacada a alfabetização.

2.2 CRÍTICA AO ESCOPO EPISTEMOLÓGICO PIAGETIANO À LUZ DE UMA PERSPECTIVA CRÍTICO-TRANSFORMADORA

Uma matriz teórico-filosófica e pedagógica crítico-transformadora certamente entende haver problema em assumir as dimensões biologista e adaptativa como pressupostos tanto para pensar o projeto social, quanto para pensar projetos formativos, a exemplo dos escolares, que assumem concepções de desenvolvimento humano normalmente na prevalência biológico-orgânica, como é o caso do construtivismo. De forma geral, essas concepções envolvem o processo de conhecimento e podem ser classificadas em três grandes grupos, quais sejam: inatismo/apriorismo, empirismo e interacionismo (BECKER, 1993 *apud* DUARTE, 2008), suscitando compreensões de que, sendo esses os únicos grandes marcos possíveis para pensar o desenvolvimento humano, no último desses grupos estariam reunidos tanto Piaget quanto Vigotski, sendo o último classificado como sociointeracionista, com o que temos discordância radical, nos termos antecipados na subseção anterior, mas para o que vale retornar dada a projeção dessa tentativa de reunião também no campo da alfabetização.

Nessa direção, importa retomar e ampliar as distinções entre as ideias dos autores em razão do fundamento epistemológico que as sustentam. No caso do construtivismo piagetiano, "Nenhum leitor da obra do pensador genebrino desconhece que ele interpretava o desenvolvimento da inteligência como parte do processo de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, numa direta referência ao processo biológico de interação adaptativa entre organismo e meio ambiente" (DUARTE, 2000, p. 91).

O meio ambiente, nos termos assumidos pela epistemologia genética, "[...] é definido sempre por referência ao sujeito" (DUARTE, 2000, p. 93) e não como existência independentemente da consciência dele, o que leva à compreensão de que "[...] o conhecimento é algo que se refere não ao mundo exterior, mas sim aos processos e às estruturas de percepção e ação do sujeito" (DUARTE, 2000, p. 93). O desenvolvimento humano, à luz dessa concepção, portanto, seria sinônimo de adaptar-se (logo, acriticamente) ao meio ambiente (às realidades natural e social), para o que a construção de conhecimento desde o próprio sujeito seria elemento

constituinte, sendo a transmissão do conhecimento reservada para casos em que ela fosse inevitável (DUARTE, 2000). Nas palavras de Azenha (1993, p. 24), "[...] ser bem sucedido na perspectiva biológica implica a possibilidade de conseguir um ponto de equilíbrio entre as necessidades biológicas fundamentais à sobrevivência e as agressões ou restrições colocadas pelo meio à satisfação dessas mesmas necessidades".

Assumindo como pressuposto a ideia de que, afora as claras distinções entre esses três grupos, eles convergem na assunção de um modelo explicativo biológico, naturalizante do desenvolvimento humano, e marcando a distinção entre tais concepções expressas por esses grupos e um modelo desenvolvimental de matriz histórico-social, Vigotski e sua escola colocam a apropriação do conhecimento produzido historicamente num lugar destacado para o desenvolvimento humano, uma vez que seria justamente tal apropriação o elemento fundamental para a promoção da humanização, o que envolve a confirmação para si de capacidades humanas garantidas ontogeneticamente apenas como potência. De acordo com Duarte (2008), quando uma concepção de desenvolvimento humano que denega ou, pelo menos, secundariza esse caráter histórico passa a balizar projetos educacionais impõe implicações pedagógicas como "[...] a secundarização do ato de ensinar e da transmissão de conhecimentos" (DUARTE, 2008, p. 21). Nesse sentido, o custo para a formação humana não pode ser desprezado, uma vez que assumir que, na esteira da adaptação humana e da naturalização/biologização de seu desenvolvimento, os projetos formativos teriam como fim a conservação da ordem vigente, como naturalmente presente e não como resultado da ação humana no curso da história.

Contribuindo e adensando essa posição acerca do construtivismo, Rossler (2005) destaca quatro pontos que poderiam explicar a adesão a esse ideário pela educação escolar, ainda que Fosnot (1998), a partir de alinhamento compatível com as ideias de Piaget, defenda que ele não se trate de uma teoria de ensino. O primeiro deles diz respeito ao poder de sedução que a concepção teria em razão da aproximação a elementos fortemente ideológicos e sedutores reificados no cotidiano da sociedade capitalista. No que tange ao segundo ponto, em razão desse caráter de sedução, portanto de alienação, o construtivismo teria aderência por ser uma "[...] teoria de natureza imediata, espontânea, pragmática, carente de reflexão, de rigor lógico [...]" (ROSSLER, 2005, p. 16). Já o terceiro desses pontos põe em destaque a alienação humana e defende: "A presença de processos de sedução na vida dos indivíduos e, sendo assim, a sedução nas atividades que compõem a prática educativa dos educadores é, por sua vez, uma manifestação da alienação desses mesmos educadores, assim como da alienação de sua prática, de seu pensamento e, em última instância, de sua formação [...]" (ROSSLER, 2005, p. 16) .Por fim, o último dos pontos dá relevo à relação entre o elemento de sedução na propagação de determinadas teorias da educação e a ocorrência dos modismos educacionais (ROSSLER, 2005).

Isso posto, por ilação, é possível entender que a adesão por profissionais da educação a uma concepção não pautada na reflexão, na consciência e na crítica revelaria um indivíduo profundamente movido pela subjetividade em si e, consequentemente, alienado, o que nos leva a um ponto fundamental, se assumirmos as demandas da atividade profissional do professor e as implicações delas para a sua formação: é possível pensar um currículo voltado para projeto formativo humanizador, bem como planejar/organizar/sistematizar um trabalho educativo com vistas a contribuir para tal objetivo se não se desenvolveu em si formação correlata? Haveria tal possibilidade se não se entende, no limite, que essa seria a verdadeira função social da escola? Nesse sentido, os argumentos de Rossler (2005) e a própria análise da epistemologia genética, ainda que incipiente no âmbito deste artigo, parecem por si só apontar para a resposta a essas questões imbricadas.

Parece-nos, como veremos na seção que segue, que a adesão ao pensamento de Ferreiro e colaboradores, fundamentada nessa epistemologia, na forma de uma orientação teórico-metodológica no campo da alfabetização, carrega consigo essas mesmas contradições. Eis o que se busca desvelar na próxima seção.

3 O PENSAMENTO DE EMÍLIA FERREIRO COMO MATERIALIZAÇÃO DO CONSTRUTIVISMO NO ÂMBITO DA ALFABETIZAÇÃO: IMPLICAÇÕES E EQUÍVOCOS

É certo que as discussões no campo da alfabetização no cenário nacional enfrentam ou, no mínimo, se defrontam com uma pergunta elementar e ao mesmo tempo complexíssima: como garantir que alunos das classes populares, sejam eles adultos ou crianças, se alfabetizem? As respostas a essa questão serão tão diversas quanto as ideias do que signifique estar alfabetizado. É nesse sentido que o trabalho teórico desenvolvido por Ferreiro e colaboradores pretendeu avançar e é sobre alguns elementos considerados centrais a essa teorização que nos debruçaremos ainda que brevemente, quiçá esquematicamente.

3.1 O FUNDAMENTO, AS ELABORAÇÕES TEÓRICAS E AS IMPLICAÇÕES PARA A ALFABETIZAÇÃO

Emília Ferreiro e Ana Teberosky produziram o que entenderam converter-se em uma contribuição ao campo da alfabetização, como essa primeira autora enuncia, a partir de fundamento epistemológico piagetiano: "Em todas as minhas apresentações e publicações anteriores tenho afirmado que a teoria de Piaget foi minha principal fonte de inspiração para a pesquisa sobre leitura e escrita." (FERREIRO, 2009 [1986], p. 9). Do mencionado fundamento, a autora haure, além de outros aspectos, a pergunta fundamental que orientou a pesquisa desenvolvida por Piaget – como passar de um estado menor a um estado maior de conhecimento? –, para cuja resposta ela considerou fundamental "[...] procurar identificar os modos de organização relativamente estáveis que podem caracterizar os níveis sucessivos de conhecimento de um dado domínio [...]" (FERREIRO, 2009 [1986], p. 9).

Perscrutando essa agenda, é que a autora, em coautoria com Ana Teberosky, chega à contribuição possivelmente mais conhecida de sua elaboração, os estágios implicacionais da aquisição[2] da escrita, quais sejam: pré-silábico, silábico-alfabético e alfabético[3]. Tais estágios são, na exposição das autoras, divididos em cinco níveis, conceptualizados da seguinte forma:

> NÍVEL 1 – Neste nível, *escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da escrita*. Se esta forma básica é a escrita de imprensa, teremos grafismos separados entre si, compostos de linhas curvas e retas ou de combinações entre ambas. Se a forma básica é a cursiva, teremos grafismos ligados entre si com uma linha ondulada como forma de base, na qual se inserem curvas fechadas ou semifechadas. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 183, grifos no original)
>
> NÍVEL 2 – A hipótese central nesse nível é a seguinte: *Para poder ler coisas diferentes* (isto é, atribuir significados diferentes) *deve haver uma diferença objetiva nas escritas*. O progresso gráfico mais evidente é que a forma dos grafismos é mais definida, mais próxima à das letras. Porém o fato conceitual é o seguinte: segue-se trabalhando com a hipótese de que faz falta uma certa quantidade mínima de grafismos para escrever algo, e com a hipótese da variedade nos grafismos. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 189, grifos no original)
>
> NIÍVEL 3 – Este nível está caracterizado pela tentativa de dar um *valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita*. Nesta tentativa, a criança passa por um período da maior importância evolutiva: *cada letra vale por uma sílaba*. É o surgimento do que chamaremos a *hipótese silábica*. Com esta hipótese, a criança dá um salto qualitativo com respeito aos níveis precedentes. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 193, grifos no original)
>
> NÍVEL 4 – *Passagem da hipótese silábica para a alfabética.* Vamos propor, de imediato, nossa interpretação deste momento fundamental da evolução: *a criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá "mais além" da sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de grafias* (ambas exigências puramente internas, no sentido de serem hipóteses originais da criança) e *o conflito*

[2] Mantemos, nas remissões diretas à proposta teórica dessa autora, o termo *aquisição* em oposição ao conceito vigotskiano de *apropriação*, por entendermos que, sob a lógica defendida por Ferreiro e Teberosky, trata-se de um processo que, ao sobrepor a natureza biológico-orgânica à "descoberta" do sistema de escrita alfabética produzido historicamente e ao complexo processo de incorporação à segunda natureza que dela decorre, teria seus limites melhor explicados com o emprego desse termo.

[3] No âmbito deste artigo, com os objetivos que movem nossa proposta de contribuição, não nos ocuparemos de descrever tais estágios e limitar-nos-emos a apresentar as conceptualizações dos níveis, por serem eles já amplamente reconhecidos por profissionais que atuam na alfabetização. A discussão original pode ser encontrada na obra *Psicogênese da língua escrita*, sob autoria de Emília Ferreiro e Ana Teberosky e publicada em 1999.

> *entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termos de hipótese silábica* (conflito entre uma exigência interna e uma realidade exterior ao próprio sujeito). (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 196/209, grifos no original)

> NÍVEL 5 – A *escrita alfabética* constitui o final desta evolução. Ao chegar a este nível, a criança já franqueou a "barreira do código"; compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba, e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever, isto não quer dizer que todas as dificuldades tenham sido superadas: *a partir desse momento a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido estrito*. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 213, grifos no original)

Trata-se de um trabalho amplamente conhecido e que permitiu a identificação desses modos de organização precedentes à representação[4] alfabética da linguagem e o ordenamento em que se sucedem: "[...] primeiro, vários modos de representação alheios a qualquer busca de correspondência entre a pauta sonora de uma emissão e a escrita; depois, modos de representação silábicos (com ou sem valor sonoro convencional) e modos de representação silábico-alfabéticos que precedem regularmente a aparição da escrita regida pelos princípios alfabéticos" (FERREIRO, 2009 [1986], p. 10).

Tais achados são convergentes com o compromisso de "[...] compreender a 'lógica interna' desses modos de organização, bem como a de compreender as razões da substituição de um modo de organização por outro [...]" (FERREIRO, 2009 [1986], p. 10), o que a autora define ser a tarefa de quem pensa sobre a gênese da escrita, entendemos, portanto, por pesquisadores e professores que atuam, ao menos, na alfabetização. Dessa assertiva, é depreensível uma premissa fundamental: a teorização em causa, como teorização que é, não se propõe a definir ou mesmo apresentar caminhos metodológicos para a ação docente no âmbito da alfabetização.

Em decorrência dessa agenda pautada em compromisso teórico, parece ocupar os profissionais os "problemas cognitivos" identificados em sujeitos em processo de alfabetização, sendo que a maioria deles teria relação com a complexidade envolvida na simbolização não-icônica. Essa forma de simbolização típica do escrito, mas não apenas, envolveria a "construção" de um conhecimento sobre regularidade combinatória entre dois tipos de linhas, os pauzinhos e as bolinhas, e sobre a denominação de alguns como letras e outros como números (cf. FERREIRO, 2009 [1986]). Em síntese, segundo destaque da própria autora, o que estaria em questão nesse processo e que está envolvido em apenas um desses muitos "problemas cognitivos" apresentados pelos sujeitos em processo de alfabetização seria "[...] a relação entre o todo e as partes que o constituem" (FERREIRO, 2009 [1986], p. 11). Nessa direção, a autora argumenta que

> Desde o momento em que uma escrita é considerada como composta de partes (e, particularmente, desde o momento em que se estabelece o que chamamos a 'hipótese da quantidade mínima'), a coordenação destas partes com a totalidade constituída começa a tornar-se problemática. De início, os elementos gráficos não são mais que peças necessárias para constituir uma totalidade 'legível'. As propriedades atribuídas às partes; um nome atribuído à escrita toda também pode ser lido em cada um dos elementos gráficos constitutivos, apesar do fato de que qualquer desses elementos, tomado fora da totalidade, perde a propriedade de ser significante (porque 'com uma só letra não se pode ler'). (FERREIRO, 2009 [1986], p. 11)

Nesse ponto de sua argumentação, a autora evoca a noção de *tematização*, tal qual definida no escopo piagetiano. Para ela, trata-se de noção fundamental para compreender a concatenação entre partes e todo, na medida em que algo que foi utilizado como instrumento do pensamento pode converter-se em objeto do pensamento, reposicionando-se como elemento do conhecimento, por implicar determinado grau de tomada de consciência, no caso específico focalizado pela autora, sobre o conhecimento do sistema de escrita alfabética. Cabe destacar que aquilo que a autora trata como problema cognitivo, envolvido na aquisição inicial da escrita no que compete à coordenação entre partes e todo, envolveria tanto o processo de produção escrita quanto de leitura e afetaria todos os níveis linguísticos, a exemplo das letras que compõe a palavra, das séries de letras que compõem um texto maior, dentre outros.

[4] Para Kosik (1976 [1963], p. 15), "A representação da coisa não constitui uma qualidade natural da coisa e da realidade: é a projeção, na consciência do sujeito, de determinadas condições históricas *petrificadas*".

Os limites que vemos em compreensões congêneres no âmbito da apropriação da escrita e do próprio escopo teórico para pensar os processos de planejamento/organização/sistematização do trabalho educativo na alfabetização serão enfrentados na subseção a seguir.

3.2 OS LIMITES INERENTES À PROPOSIÇÃO TEÓRICA E EQUÍVOCOS NA INTERPRETAÇÃO DO ESCOPO

Comecemos nossa discussão neste ponto do trabalho pelo que Ferreiro classifica como "Os problemas cognitivos envolvidos na construção da representação escrita da linguagem", ênfase de produção teórica com esse título que apresenta discussão sobre o que poderíamos entender como reflexão sobre o processo pedagógico, com destaque para o fato de que constitui uma reflexão enfocada no indivíduo para o qual a atividade principal é a aprendizagem e não no professor. No texto em tela, originalmente uma comunicação em jornada de discussões promovida por Instituto Municipal de Educação barcelonês, voltado à discussão pedagógica portanto, o que a autora coloca em relevo para tematizar o que entende serem "grandes problemas cognitivos descritos em outros domínios" são os problemas de classificação necessariamente enfrentados quando se procura compreender a representação escrita.

Disso, inferimos que o que ela concebe como "problemas cognitivos" são, à luz de uma concepção histórico-cultural de desenvolvimento humano, na verdade, regularidades próprias do sistema de escrita alfabética, às quais chegou-se historicamente e ainda não compreendidas e, portanto, não apropriadas pelos indivíduos em processo de alfabetização nesse caso. Sob essa lógica, certamente a questão não seria da ordem de problemas ou mesmo dificuldades do indivíduo, mas de um processo de apropriação em curso que poderá ser potencializado pela ação deliberada do indivíduo mais desenvolvido, criando motivos e, com isso, promovendo necessidade da linguagem escrita, explicando e evidenciando regularidades próprias desse sistema, de forma a contribuir para um processo de diferenciação cada vez maior e de complexificação das relações que envolvem esse mesmo sistema, compreendido como constitutivo da linguagem escrita, uma das formas de simbolização produzidas pelas gerações anteriores.

Observe-se que, contrariamente à perspectiva assumida pela autora, sob a lógica da aposta da Psicologia Social, a apropriação da linguagem escrita obedece a um processo relacionado diretamente com atividades humanas preponderantes na cultura em cada momento do desenvolvimento humano. Como processo sociocultural que é, assim, não pode ser tomado como alcançável desde o próprio sujeito e tampouco se dar de forma incontrolável e imprevista, porque justamente dependente da intervenção dos outros com os quais o indivíduo em processo de apropriação compartilha em maior ou menor grau a cultura, os objetos e a compreensão da realidade, todos elementos históricos.

Essa assertiva, um pressuposto inalienável da filosofia da práxis de base materialista histórica e dialética, está em desacordo desde a origem com as premissas tomadas pela autora, quais sejam: de um lado, a prevalência da base biologicista que ampara a explicação sobre o processo de apropriação da linguagem escrita por cada novo ser da espécie humana, inferível também do emprego do termo "problema cognitivo", e, do outro, a forma intuitiva com que parece explicar o desenvolvimento desse mesmo processo, depreensível, a título de exemplo, de uma importante síntese apresentada pela autora:

> [...] se os conflitos surgem no centro da evolução (porque a principal razão para a elaboração de sistemas novos e mais coerentes é na verdade a necessidade de superar as contradições, cf. Piaget, 1975), *não se pode descrever o desenvolvimento como uma sucessão de conquistas. Progredir na alfabetização adentro não é uma jornada tranquila.* Encontram-se muitos altos e baixos neste caminho, cujos significados exatos precisam ser compreendidos. Como qualquer outro conhecimento no domínio-cognitivo, *é uma aventura excitante, repleta de incertezas, com muitos momentos críticos, nos quais é difícil manter a ansiedade sob controle.* (FERREIRO, 2009 [1986], p. 64, grifos adicionados)

Assumir a ação docente em convergência com concepção congênere demanda considerar que o processo de alfabetização estaria à mercê de um processo intuitivo, indeterminado e que contribuiria para a diferenciação cada vez mais complexa do sistema escrito. Tal concepção, assim, implicaria diretamente na concepção de formação humana presente em projetos sociais, currículos e trabalho educativo, custando, na origem, seu alinhamento à conservação da ordem social em curso.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS RAZÕES PELAS QUAIS NÃO É TUDO A MESMA COISA

Tendo essa forma de compreender a relação dos seres humanos com a escrita, neste ponto de nossa discussão, a finalização do artigo, esperamos ter apresentado elementos teórico-conceituais que permitam, dentre outras reflexões, o posicionamento da proposição teórica de Ferreiro e colaboradores no movimento histórico, relevando sua vinculação estreita com o construtivismo piagetiano, compreendido como uma tentativa de superação dos paradigmas desenvolvimentais apriorista e empirista e diametralmente distinto da concepção histórico-cultural. No que compete mais especificamente ao campo da alfabetização, tal proposição parece servir bem ao embate pedagógico, que refletia/reflete, também nesse campo, a oposição entre os projetos conservadores, de diferentes matrizes, e os crítico-transformadores.

É, em boa medida, em razão desse mesmo embate, que tende a apresentar sua face mais nítida na eleição de formas de conceber o processo de aquisição/apropriação pela via metodológica estrita, que a projeção de uma visão contraditória com a própria elaboração teórica da autora em coautoria com Ana Teberosky parece ganhar lugar no campo da alfabetização: como um delineamento metodológico novo (inovador?) para o trabalho na alfabetização. Nesses termos, as indicações metodológicas presentes nos trabalhos de Ferreiro aqui considerados, derivadas da identificação do que ela chama de *modos de organização relativamente estáveis que podem caracterizar os níveis sucessivos de conhecimento*, a exemplo dos estágios implicacionais e dos níveis em que esses se desdobram, parecem apresentar uma contradição de outra ordem, agora interna à própria elaboração: a aproximação de uma base desenvolvimental biologicista para explicar o desenvolvimento humano e uma perspectiva teórico-metodológica imprecisa e aleatória, quase acidental.

Essa posição, como não poderia deixar de ser, por sua vez, incide sobre a forma como o objeto de conhecimento prioritário em sua elaboração teórica, a modalidade escrita da língua, é concebido. Trata-se de uma concepção representacional no sentido mais rudimentar do termo, constituído num movimento adaptativo por cada indivíduo, que permitiria a superação de problemas cognitivos próprios e inerentes à compreensão da escrita. O sistema escrito, na medida mesma que precisaria ser compreendido, o seria na dependência estrita da performance individual daquele que a compreende. Vale, nesse ponto, enfatizar uma das muitas distinções entre a concepção assumida pela autora e a histórico-cultural: para esta, a totalidade das manifestações simbólicas e da história da escrita é, na relação dialética, ponto de partida e de chegada do processo de apropriação da linguagem escrita, ao passo que, para aquela, "as propriedades atribuídas ao todo não diferem das propriedades atribuídas às partes [...]" (FERREIRO, 2009 [1986], p. 11). Disso decorreria que a "hipótese da quantidade mínima" seria fundamental e explicativa de toda a passagem, ainda que não linear, pelos estágios implicacionais da escrita, materializados na conceptualização dos níveis 1 a 5, apresentados anteriormente neste artigo.

Sendo sobremaneira da ordem da agenda individual essa passagem do saber menos para o saber mais, também em relação à escrita, projeta-se, na elaboração teórica enfocada neste artigo, a noção de sujeito empírico. A noção em destaque enfatiza (ou circunscreve?) o sujeito no exercício da atividade prático-sensível; no bojo da qual e como fim em si mesmo, ele elaboraria suas próprias representações das coisas e seu sistema correlativo de noções da e para a dimensão fenomênica da realidade. Eis a exacerbação da práxis utilitária, que, numa concepção histórico-cultural de desenvolvimento humano, não é nem o fim em si mesmo dos indivíduos históricos, quanto mais deva ser – este sim o fim – superada ou, de forma mais radical, destruída (cf. KOSIK, 1976 [1963]). Tratar-se-ia, em síntese, do objetivo a ser buscado em favor da práxis revolucionária. Esse projeto social, contudo, não seria favorecido, como esperamos ter evidenciado, por um projeto educativo pautado na proposta teórica em causa, dado seu compromisso, ainda que velado, com a conservação do estado de coisas, compatível com uma concepção de caráter adaptativo e naturalizante.

REFERÊNCIAS

ANDERY, M. A. *et al*. *Para compreender a ciência*: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

AZENHA, M. da G. *Construtivismo*: de Piaget a Emília Ferreiro, São Paulo: Ática, 1993.

DUARTE, N. *Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?:* quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. Campinas: Autores Associados, 2008.

DUARTE, N. *Vigotski e o "aprender a aprender":* crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas/SP: Autores Associados, 2000.

FERREIRO, E. *Alfabetização em processo*. São Paulo: Cortez, 2009 [1986].

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A.. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FOSNOT, C. T. *Construtivismo*: teoria, perspectivas e práticas pedagógicas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

KOSIK, K. *Dialética do concreto.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976 [1969].

LA TAILLE, Y. de. O lugar da interação social na concepção de Jean Piaget. *In*: LA TAILLE, Y. de; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. *Piaget, Vigotski, Wallon*: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992. p. 11-21.

LÖWY, M. *As aventuras de Karl Marx contra o barão de Müchhausen:* marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Cortez, 1987.

LÖWY, M. *Ideologias e ciência social*: elementos para uma análise marxista. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

PIAGET, J. *A epistemologia genética*. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

ROSSLER, J. H. Construtivismo e alienação: as origens do poder de atração do ideário construtivista. *In:* DUARTE, N. (org.). *Sobre o construtivismo*: contribuições a uma análise crítica. Campinas/SP: Autores Associados, 2000. p. 3-22.

SOARES, M. *Alfabetização*: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2017.

TONET, I. *Método científico*: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

Recebido em 29/04/2021. Aceito em 24/01/2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e81982

CULTURAS DISCIPLINARES EM ANÁLISE SOCIORRETÓRICA DE GÊNEROS: EM BUSCA DE UMA PROPOSIÇÃO CONCEITUAL

CULTURAS DISCIPLINARIAS EN EL ANÁLISIS SOCIORETÓRICA DE GÉNERO: EN BÚSQUEDA DE UNA PROPUESTA CONCEPTUAL

DISCIPLINARY CULTURES IN SOCIO-RHETORICAL ANALYSIS OF GENRES: IN SEARCH OF A CONCEPTUAL PROPOSITION

Jorge Tércio Soares Pacheco*
Cibele Gadelha Bernardino**
Universidade Estadual do Ceará

RESUMO: Muitas pesquisas sobre gêneros acadêmicos têm enfatizado a perspectiva teórica das culturas disciplinares, buscando compreender como áreas distintas se portam em relação à concepção, ao uso e ao consumo dos gêneros que fazem parte das interações na academia. Entretanto, é fato que muitos desses estudos não estabeleceram parâmetros definidores para os elementos constituintes de uma cultura disciplinar, ou seja, não deixaram claros os elementos que constroem esse conceito. Desse modo, neste artigo, objetivamos apresentar proposições conceituais sobre os eixos que gravitam em torno da dimensão das culturas disciplinares, explicando em que consiste a acepção de crenças epistêmicas, práticas disciplinares, práticas sociorretóricas e comunidades disciplinares, termos essenciais para uma taxonomia mais palpável de culturas disciplinares. A partir do diálogo com os pressupostos teóricos propostos por Becher (1981, 1987, 2001[1989]) e Hyland (2000, 2009), lançamos, no final deste trabalho, uma proposição conceitual sobre culturas disciplinares na perspectiva de análise de gêneros.
PALAVRAS-CHAVE: Culturas disciplinares. Comunidades disciplinares. Crenças epistêmicas. Práticas disciplinares. Práticas sociorretóricas.

RESUMEN: Numerosas investigaciones sobre géneros académicos han enfatizado la perspectiva teórica de las culturas disciplinarias, buscando comprender cómo se comportan las distintas áreas en relación a la concepción, uso y consumo de los géneros que forman parte de las interacciones en la academia. Sin embargo, es un hecho que muchos de estos estudios no establecieron parámetros definitorios de los elementos constitutivos de una cultura disciplinaria, es decir, no dejaron en claro los elementos que construyen este concepto. Así, en este artículo pretendemos presentar propuestas conceptuales sobre los ejes que gravitan en torno a la dimensión de culturas disciplinarias, explicando cuál es el significado de creencias epistémicas, prácticas disciplinarias, prácticas socio-retóricas y comunidades disciplinarias, términos imprescindibles para una visión más palpable

* Doutor em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (/UECE). Membro do Grupo de Pesquisa em Discurso, Identidade e Letramento Acadêmicos/DILETA. Professor de Língua Portuguesa da Prefeitura Municipal de Fortaleza. E-mail: jorgeterciosp@gmail.com.

** Docente de UECE. Líder do grupo de pesquisa em Discurso, Identidade e Letramento Acadêmicos (DILETA). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. E-mail: cibele.gadelha@uece.br.

taxonomía de culturas disciplinarias. A partir del diálogo con los supuestos teóricos propuestos por Becher (1981, 1987, 2001 [1989]) y Hyland (2000, 2009), lanzamos, al final de este trabajo, una propuesta conceptual sobre las culturas disciplinarias desde la perspectiva del análisis de género.
PALABRAS CLAVE: Culturas disciplinarias. Comunidades disciplinarias. Creencias epistémicas. Prácticas disciplinarias. Prácticas socio-retóricas.

ABSTRACT: Many researches on academic genres have emphasized the theoretical perspective of disciplinary cultures, seeking to understand how the different areas behave in relation to the conception, use and consumption of the genres that are part of interactions in the academy. However, it is a fact that many of these studies did not establish defining parameters for the constituent elements of a disciplinary culture, that is, they did not make clear the elements that build this concept. Thus, in this article, we aim to present conceptual propositions on the axes that gravitate around the dimension of disciplinary cultures, explaining what is the meaning of epistemic beliefs, disciplinary practices, socio-rhetorical practices and disciplinary communities, essential terms for a more palpable taxonomy of disciplinary cultures. From the dialogue with the theoretical assumptions proposed by Becher (1981, 1987, 2001 [1989]) and Hyland (2000, 2009), we launched, at the end of this work, a conceptual proposition on disciplinary cultures from the perspective of genre analysis.
KEYWORDS: Disciplinary cultures. Disciplinary communities. Epistemic beliefs. Disciplinary practices. Socio-rhetorical practices.

1 INTRODUÇÃO

Há mais de três décadas, pesquisas em torno das variações disciplinares podem ser evidenciadas ao redor do mundo, em virtude, principalmente, da expansão do acesso ao ensino superior. A análise de gêneros nessa perspectiva teórica tem se mostrado um caminho científico muito profícuo, uma vez que o ingresso massivo nas universidades trouxe à tona questões sobre a importância dos gêneros acadêmicos como o espaço por meio do qual o conhecimento científico é partilhado, as interações entre os pares são materializadas e o letramento acadêmico é construído.

Nesse contexto, Morales e Cassany (2008) reconhecem que estudantes universitários, ao iniciarem sua carreira acadêmica, enfrentam dificuldades relacionadas à aprendizagem de práticas letradas particulares das áreas disciplinares que escolheram como carreira profissional. Quando os estudantes são inseridos em um contexto acadêmico, habilidades específicas lhes são exigidas e basicamente estão relacionadas à compreensão e produção dos gêneros acadêmicos. Na maioria das vezes, esses estudantes não estão aptos a desempenhar tais habilidades, dada a complexidade das práticas e dos discursos altamente especializados, cujos significados são construídos conforme uma tradição preestabelecida em cada área disciplinar.

Corroborando essa assertiva, Ylijoki (2000) atesta que dentro de um ambiente acadêmico existem diferentes tipos de valores, objetivos, pressões e problemas, e, por isso, o ensino e a aprendizagem na universidade respondem a diferentes significados conforme a área disciplinar da qual fazem parte. A esse respeito, Navarro (2014) assevera que, para um membro pertencer a uma cultura disciplinar, faz-se necessário participar, de forma exitosa, das práticas de leitura e escrita consensuais de uma comunidade disciplinar, em outras palavras, apoderar-se das convenções próprias de uma dada disciplina é uma premissa para poder incorporar-se ao seu grupo disciplinar.

Já faz algum tempo que pesquisadores têm se debruçado em investigações que visam a compreender as culturas disciplinares. Para exemplificar isso, ressaltamos os estudos de Holmes (1997), que examinou, comparativamente, a organização composicional da seção de Discussão em artigos acadêmicos das áreas de História, Ciência Política e Sociologia, percebendo que a referida seção na área de História apresenta um repertório de movimentos retóricos mais enxuto se comparada à configuração dessa seção nas áreas de Ciência Política e Sociologia; de Parodi (2009) que catalogou os gêneros mais utilizados no processo de formação de estudantes em quatro áreas disciplinares (Química Industrial, Serviço Social, Engenharia Civil e Psicologia), constatando, por exemplo, que estudantes de Psicologia liam até quatro vezes mais que os estudantes de Química Industrial; de Morales (2010) que, ao descrever sociorretoricamente artigos acadêmicos na área de Odontologia, produzidos em língua hispânica, constatou que os pesquisadores dessa área não recorrem a críticas a pesquisas prévias, haja vista a pouca competição entre odontólogos hispânicos; e de Peacock

(2011) que analisou a seção de Métodos de artigos acadêmicos em oito áreas disciplinares (Biologia, Química, Física, Ciências ambientais, Negócios, Linguística, Direito e Administração Social). Embora se trate de um recorte bem reduzido de estudos em torno dessa perspectiva teórica, o intuito aqui foi elucidar algumas pesquisas que têm sido produzidas acerca das variações disciplinares.

Em âmbito nacional, destacamos a pesquisa pioneira de Motta-Roth (1995), que descreveu e comparou os movimentos retóricos recorrentes em resenhas acadêmicas nas áreas de Linguística, Economia e Química produzidas em língua inglesa. Esse trabalho buscou compreender como exemplares do gênero em estudo se realizam em áreas disciplinares distintas. Tratando ainda do mesmo gênero, Bezerra (2002) investigou o comportamento retórico da resenha acadêmica na área de Teologia, buscando compreender como o referido gênero era produzido por membros experientes e iniciantes nessa área disciplinar.

Em relação ao artigo acadêmico, ressaltamos os trabalhos de Silva (1999) que investigou a seção retórica de Resultados e Discussão na área de Química, explicitando os recursos linguísticos utilizados pelos escritores para a realização dos manuscritos; de Hendges (2003) que comparou a seção de Revisão de Literatura em artigos eletrônicos nas áreas disciplinares de Economia e Linguística, indicando aspectos diferenciadores da referida seção nessas publicações dos tradicionais manuscritos impressos; de Costa (2015) que analisou a configuração composicional do artigo experimental nas áreas de Linguística e Medicina.

Embora muitos estudos sobre gêneros acadêmicos tenham se debruçado em reconhecer as particularidades inerentes a cada campo disciplinar, evidenciamos que as pesquisas desenvolvidas não dispuseram ainda de uma definição clara para cultura disciplinar. Portanto, neste artigo, objetivamos delimitar e compreender dimensões teóricas que constituem as áreas disciplinares, levando-nos a propor uma acepção operacional de cultura disciplinar relacionada à análise de gêneros.

Assim, buscando pressupostos teóricos em prol da compreensão conceitual de cultura disciplinar, chamamos ao diálogo os estudos de Becher, que, desde meados da década de 1980, já vinha revelando que diferentes áreas disciplinares apresentam comportamentos distintos, categorizando-as segundo critérios cognitivos e sociais. Em um segundo momento dessa discussão, evidenciamos noções-chave para a apreensão de culturas disciplinares: discurso, comunidade acadêmica e disciplina, com base nos pressupostos teóricos de Hyland (2000; 2009). E, por fim, desenhamos uma definição de cultura disciplinar.

2 ÁREAS DISCIPLINARES E SUAS CATEGORIZAÇÕES

Nos anos de 1980, Becher realiza um empreendimento investigativo que intenta compreender as diversas áreas disciplinares que compõem a academia, para isso, lança mão de renomados pesquisadores de universidades britânicas e americanas sobre a produção do conhecimento em suas áreas disciplinares. A partir desse diálogo com pesquisadores experientes de diversas áreas do conhecimento, o autor chama a atenção para as variações disciplinares, apontando contrastes que envolvem aspectos epistemológicos, sociais, bem como indicando valores e práticas que caracterizam essas áreas disciplinares, como, por exemplo, questões relacionadas à publicação.

As áreas disciplinares mantêm-se unidas, em qualquer grau significativo, por um sistema de acordos compartilhadas, tendo em vista que características típicas da linguagem em contexto acadêmico representam aspectos de uma determinada cultura disciplinar. Assim, cada comunidade disciplinar está eivada de elementos culturais que a definem quanto às tradições, aos costumes, às práticas que envolvem o compartilhamento de conhecimento, às crenças, aos princípios morais e às normas de conduta, evidenciando-se nas formas linguísticas e simbólicas de comunicação (BECHER, 1981, 1987, 2001 [1989]).

Por meio de sua metáfora sobre as "tribos e territórios acadêmicos", Becher (2001 [1989]) sugere que as formas de organização de áreas disciplinares estão intimamente relacionadas às atividades intelectuais desempenhadas por seus membros. O autor busca evidenciar as diferenças entre os aspectos sociais da comunidade e as propriedades epistemológicas do conhecimento. No tocante aos aspectos epistemológicos, as disciplinas são categorizadas em duras ou brandas, puras ou aplicadas; ao passo que, na dimensão social, as disciplinas podem ser classificadas em convergentes ou divergentes, urbanas ou rurais.

Segundo Becher (2001[1989]), as disciplinas duras apresentam uma teoria bem desenvolvida, leis universais e proposições causais, são cumulativas e os seus resultados são generalizáveis. Nos termos de Turner, Miller e Mitchell-Kernan (2002), essas disciplinas se caracterizam pelo conhecimento atomístico, comparáveis ao processo de solução de um quebra-cabeça. Por outro lado, nas disciplinas brandas, conforme aponta Trowler (2014, p. 18)[1], os limites quanto à sua estrutura teórica não estão fortemente especificados, bem como essas disciplinas "estão sujeitas à moda e têm os problemas vagamente definidos". Turner, Miller e Mitchell-Kernan (2002) acrescentam que disciplinas brandas como a História e a Sociologia se preocupam com problemas de pesquisa menos restritos (em oposição ao conhecimento atomístico como na área de Física) e, ao mesmo tempo, enfatizam a subjetividade que reside na interpretação dos dados.

Por sua vez, as disciplinas puras e aplicadas se contrastam em relação ao grau de autonomia social. Conforme esclarece Trowler (2014), as disciplinas puras são autorreguladoras e não se relacionam diretamente aos problemas pertinentes às profissões nem ao mundo exterior, centralizam-se na compreensão dos fenômenos em si mesmos. Por outro lado, as disciplinas aplicadas são orientadas pela influência externa em alguma extensão, como, por exemplo, órgãos que regulam as entidades profissionais de áreas e, por esse motivo, são mais relacionadas às profissões. Além disso, disciplinas aplicadas estão sujeitas à aplicação pragmática de pesquisa para problemas sociais.

Quanto à natureza do ensino na universidade, Neumann (2001) observa que, em diferentes disciplinas acadêmicas, as práticas e concepções pedagógicas também variam. Por exemplo, acadêmicos das Ciências Naturais, da Tecnologia e da Medicina dispõem de uma carga-horária maior em atividades de laboratório, aulas práticas e de campo. Nas áreas brandas, há uma preferência maior pelo ensino, enquanto, nas áreas duras, a ênfase maior recai na pesquisa. Para a autora, essa polarização mostra-se um tanto questionável, considerando que pesquisas voltadas ao ensino podem envolver essas duas perspectivas mutuamente.

Conforme pontua Neumann (2001), as práticas educacionais das disciplinas duras na pós-graduação estão fortemente associadas à organização da pesquisa em si, cujo processo de supervisão se baseia no trabalho em grupo. Nessas áreas, a supervisão de pesquisa representa um dos componentes do processo de ensino, ao passo que, nas disciplinas brandas, prevalece a aprendizagem individual, visto que as pesquisas dos alunos nem sempre estão vinculadas ao projeto de um supervisor. As áreas brandas, por seu turno, dão maior atenção ao conhecimento amplo, ao desenvolvimento global dos alunos, estimulando-os quanto ao posicionamento crítico acerca do conhecimento, haja vista a ênfase na criatividade do pensamento e na expressão oral e escrita.

Em uma dimensão social, Becher (2001 [1989]) apresenta uma classificação de quatro células: convergentes e divergentes, urbanas e rurais. As disciplinas convergentes estão fortemente ligadas por sua ideologia, seus valores comuns, seu juízo de qualidade, sua consciência de pertença a uma determinada tradição, seu sentido de nacionalidade. É pertinente pontuar que as fronteiras territoriais e intelectuais das disciplinas convergentes são bem delimitadas. Em contrapartida, em disciplinas divergentes, os membros necessitam de um sentido maior de coesão e identidade compartilhada. As zonas fronteiriças nesses campos não são tão definidas e por isso estão suscetíveis quanto a sua defesa. Trowler (2014) acrescenta que disciplinas convergentes apresentam padrões uniformes na prática de pesquisa, configurando-se em uma elite relativamente estável, enquanto as divergentes são adeptas do desvio intelectual e, por vezes, se aventuram em mudanças de seus padrões de pesquisa.

Em relação ao enfoque urbano e rural, Becher (2001 [1989]) busca comparar as áreas conforme a proporção de pessoas envolvidas na solução de um problema. As disciplinas urbanas são caracterizadas por um ritmo de vida agitado e por um alto grau de atividade coletiva, e, por esse motivo, as lutas por espaços e recursos são mais intensas. Em relação às pesquisas, há uma ênfase maior em questões cujas soluções podem ocorrer de forma mais rápida, visto que, nessas áreas, a competitividade é mais acirrada, levando seus pesquisadores a se preocuparem tanto com o sigilo dos dados, quanto com a publicação rápida dos seus resultados de pesquisa. Nas disciplinas rurais, por se concentrarem em territórios maiores, a interação entre os pesquisadores e a proporção de pessoa por problema é menor, podendo demandar um tempo maior para atingir os objetivos de pesquisa. Além disso, nessas áreas, há um envolvimento mais estreito com questões de grande alcance, os quais podem levar anos para ser solucionados.

[1][*Soft* disciplines have unclear boundaries, relatively unspecified theoretical structure,] are subject to fashions and have loosely defined problems (TROWLER, 2014, p. 18).

Exemplificando essa taxonomia, Becher (2001 [1989]) diz que a área de Física é uma disciplina dura, pura, convergente e urbana; a Sociologia é branda, pura, divergente e rural; a Engenharia é dura, aplicada, convergente e urbana; a Economia é dura, aplicada, convergente e rural. Com base nessa classificação, Trowler (2014) mostra que essas diferenças dizem respeito ao modo como os membros de culturas disciplinares se comunicam, abordam os problemas de pesquisa, consideram o que é relevante ou não para a área. Assim, disciplinas duras e puras apresentam um consenso considerável em termos de atitudes, valores e práticas relacionados à pesquisa; enquanto, em disciplinas brandas, há uma diversidade ou até conflito sobre questões fundamentais, como a própria natureza da disciplina. As diferenças quanto às culturas disciplinares se resvalam ainda nas carreiras profissionais, nas atividades de pesquisa fora dos contextos universitários e nas práticas de publicação.

É importante destacar que Trowler (2014) questiona essa categorização, à medida que essas disciplinas, quando analisadas de uma longa distância, mostram-se delimitadas e visíveis; porém, quando as lentes se aproximam delas, tornam-se perceptíveis as suas rachaduras, como também as congruências entre áreas disciplinares aparentemente diferentes. Melhor dizendo, as diferenças territoriais não são tão evidentes como propunha a metáfora territorial de Becher (2001 [1989]). Segundo Trowler (2014, p. 19), "a paisagem é excepcionalmente complicada e está mudando rapidamente para se tornar ainda mais complicada com o passar do tempo"[2]. A respeito disso, o autor rejeita essa concepção imprecisa e tendenciosa do termo tribos como uma classificação pejorativa eivada do colonialismo imperialista.

Ainda a respeito das classificações das disciplinas acadêmicas, Turner, Miller e Mitchell-Kernan (2002) chamam a atenção para o fato de que essas polarizações apresentam limitações, tendo em conta que dificilmente as características de uma disciplina apontam para só um dos eixos (social ou epistemológico) da cultura disciplinar. Em um contexto de ensino de pós-graduação, Turner, Miller e Mitchell-Kernan (2002) categorizam as áreas disciplinares em colaborativas e solitárias. Os autores reconhecem a limitação de uma classificação simplificada como esta, no entanto, para o efeito de descrever a inter-relação entre a epistemologia e a estrutura social disciplinar em cursos de doutorado, essa taxonomia se mostrou relativamente pertinente. Áreas disciplinares colaborativas "envolvem um apagamento normativo da subjetividade individual, ao passo que as disciplinas solitárias adotam como pressuposto a subjetividade individual como prática disciplinar" (TURNER; MILLER; MITCHELL-KERNAN, 2002, p. 53)[3].

Assim, em uma área disciplinar solitária, os componentes de um trabalho cognitivo, geralmente, não são divididos, mostrando-se difícil a sua execução por meio de uma equipe de professores e alunos. Por outro lado, não implica dizer que em disciplinas eruditas como a Filosofia não sejam concebíveis o trabalho em colaboração, embora áreas como essas não demonstrem a realização de trabalhos nesses moldes. Em áreas disciplinares colaborativas, são exigidas formas compartilhadas de pesquisa, cujos problemas intelectuais podem ser divididos para uma realização mais eficaz. Nessa perspectiva de investigação, não há lugar para a subjetividade individual quanto à produção de conhecimento, uma vez que o saber construído é acordado coletivamente conforme os ditames estabelecidos da disciplina. Em outros termos, os resultados de um trabalho intelectual não podem ser associados ao olhar particular do pesquisador. Entretanto, é relevante destacar que, mesmo em disciplinas colaborativas, as tensões em torno do *status* das contribuições cognitivas individuais também podem ser evidenciadas (TURNER; MILLER; MITCHELL-KERNAN, 2002). Consideramos que a subjetividade não é de toda suprimida nessas disciplinas, mas redimensionada de uma percepção/perspectiva individual para a de um grupo.

É fato que as mudanças na prática acadêmica têm possibilitado que as áreas disciplinares tornem-se cada vez mais complexas, como também se subdividam em novas áreas (HUGHES, 2013). Acerca disso, Trowler (2014, p. 22) reconhece outras estruturas poderosas, como tecnologias, ideologias e práticas gerenciais que influenciam a prática disciplinar. Em uma perspectiva teórica da prática social, o autor passa a entender as disciplinas acadêmicas como maleáveis, como sistemas abertos, que são influenciados de maneiras contextualmente contingentes por características sociais e materiais. As identidades acadêmicas individuais e as relações

[2] The landscape is an exceptionally complicated one, and is quickly changing to become even more complicated as time goes on (TROWLER, 2014, p. 19).

[3] [In short, the collaborative disciplines] involve a normative erasure of individual subjectivity while the lone-scholar disciplinary culture is premised upon individual subjectivity *as* disciplinary praxis (TURNER; MILLER; MITCHELL-KERNAN, 2002, p. 53).

de poder são significativas na estruturação de como as práticas disciplinares são instanciadas em locais específicos."[4] Hughes (2013) chama a atenção para o fato de que, embora se perceba que as fronteiras dos territórios acadêmicos não se mostrem tão delimitadas, dada a sua constante mudança e contestação, o desejo de pertencer a uma comunidade disciplinar se mantem presente ainda hoje.

Embora muitos estudos tenham se debruçado sobre a compreensão das áreas disciplinares por meio de categorias definidoras dessas áreas, não se evidencia claramente na literatura uma elaboração conceitual sobre o termo cultura disciplinar. Compartilhamos a compreensão de que a categorização das áreas pode nos ajudar a entender fronteiras, limites e interseções entre os diversos campos do conhecimento, mas não é suficiente para a construção de um conceito que dê conta da operacionalização analítica do termo cultura disciplinar tão amplamente utilizado hoje em dia. Desse modo, visando à construção de um conceito sobre culturas disciplinares que possa ser produtivo para a análise de gêneros acadêmicos, buscamos nos fundamentar nas discussões de Hyland (2000; 2009), Azuara (2013) e Navarro (2014) acerca de disciplinas, comunidades acadêmicas, escrita e discursos acadêmicos. Essas concepções se mostram intimamente imbricadas, de modo que, para a compreensão de um desses termos, faz-se necessário recorrer à compreensão dos outros.

3 DISCIPLINAS E COMUNIDADES ACADÊMICAS

Conforme aponta Hyland (2000), cada disciplina apresenta um acervo de valores e práticas marcantes que a caracteriza em relação às demais áreas da academia. Todavia, esses traços que particularizam as áreas não se revelam apenas por meio da terminologia específica das disciplinas, pelo contrário, eles se evidenciam nos modos de conceber o conhecimento, na construção de seus discursos e nas práticas sociais recorrentes que permeiam a academia em um contexto disciplinar específico. Na visão de Bhatia:

Disciplinas [...] são compreendidas principalmente em termos de conhecimentos específicos, metodologias e práticas compartilhadas por membros de sua comunidade, especialmente suas formas de pensar, construir e consumir conhecimento, suas normas e epistemologias específicas e, acima de tudo, seus objetivos típicos e práticas disciplinares para atingir esses objetivos. (BHATIA, 2004, p. 32)[5]

Em outras palavras, disciplina se caracteriza por apresentar modos típicos de pensar, construir e consumir o conhecimento, como também por adotar metodologias e epistemologias que tentam se adequar aos objetos investigados. Nessa mesma linha, Hyland (2009) sugere que disciplina pode ser compreendida pelos variados papéis, identidades, relações, reputações, sistemas de recompensa e outras práticas sociais.

Embora Becher (1981; 2001 [1989]) reconheça que as disciplinas se caracterizam por apresentar elementos unificadores, elas estão longe de ser entidades homogêneas e estáveis, haja vista a complexidade e a variedade de abordagens que podem conviver em uma disciplina. Além disso, a natureza de qualquer disciplina é suscetível à variação ao longo do tempo e do espaço. Confirmando essa premissa, Hyland (2009) indica que as fronteiras das disciplinas eruditas estão mudando e se dissolvendo em função das variações histórico-geográficas. O autor acrescenta que as disciplinas não podem ser entendidas como instituições monolíticas de geração de conhecimento, mas como espaços de lutas locais sobre recursos e reconhecimento.

Considerando as disciplinas como instituições fluidas, Trowler (2014, p. 22) propõe uma conceituação que tenta ultrapassar a delimitação tribal de Becher (2001 [1989]), assim, o autor diz que: "disciplinas são reservatórios de modos de saber que, em combinação dinâmica com outros fenômenos estruturais, podem condicionar práticas comportamentais, conjuntos de discursos,

[4] Individual academic identities and power relations are significant in structuring how disciplinary practices are instantiated in specific locales (TROWLER, 2014, p. 22).

[5] Disciplines [, on the other hand, in spite of the overlap with registers, have their typical characteristics, and] are primarily understood in terms of the specific knowledge, methodologies and shared practices of their community members, especially their ways of thinking, constructing and consuming knowledge, their specific norms and epistemologies and, above all, their typical goals and disciplinary practices to achieve those goals (BHATIA, 2004, p. 32)[5].

modos de pensar, procedimentos, respostas emocionais e motivações"[6]. Nessa ótica, concebemos a disciplina como o espaço onde uma determinada comunidade acadêmica vem acumulando, no decorrer de sua história, o seu acervo cultural, o qual vem moldar as práticas retóricas recorrentes no que diz respeito à construção do conhecimento, à escolha de determinados gêneros em detrimento de outros, à relação entre os seus membros, aos modos de publicação, em suma, esse conjunto de informações armazenado orienta os comportamentos específicos de uma área disciplinar. Para Trowler (2014), embora possa haver conflitos dentro das disciplinas, há um consenso quanto às figuras-chave, conflitos e conquistas que as tornam una. Nessa construção conceitual, o autor ressalta que as disciplinas enquanto instituições organizacionais apresentam hierarquias distintas que lhes conferem vantagem e desvantagem.

Consoante Morales e Cassany (2008), cada disciplina é constituída por uma comunidade discursiva em que as práticas de leitura, escrita e utilização dos gêneros são fruto de uma construção histórica que envolve as relações existentes em seu entorno geográfico e cultural. Nessa perspectiva, Hyland (2000; 2009) compreende comunidades acadêmicas como grupos relativamente estáveis, cujos membros se relacionam consensualmente em suas práticas sociais e na utilização da linguagem. Em outros termos, comunidades acadêmicas são passíveis de divergências, visto que a sua composição pode abraçar discursos antagônicos, teorias contestáveis, como também pode agregar componentes ocasionais. Assim, nessa pluralidade de práticas e de crenças, a inovação de uma comunidade torna-se possível.

Hyland (2009) atesta que a comunidade acadêmica está associada à linguagem, tendo em vista que a utiliza para interagir com os seus pares, por meio de normas particulares, categorizações e conjunto de convenções que conduzem à realização de suas atividades. A maneira como os membros de uma comunidade interagem, trocam informações e realizam as ações retóricas varia conforme o grupo do qual fazem parte. O autor diz ainda que uma comunidade acadêmica detém conhecimentos que norteiam a atribuição de significado que é produzido em suas interações, ou seja, a forma como os membros de uma comunidade acadêmica se comunicam diz muito sobre uma área disciplinar. Dessa forma, as comunidades acadêmicas adotam formas particulares de representação, encorajando a construção de determinados tipos de identidades. Conforme Pose e Trincheri (2014), membros de uma comunidade acadêmica devem legitimar sua voz dentro da sua disciplina, mostrando que detém conhecimento sobre léxico específico, conceitos, metodologias e práticas de pesquisa.

Segundo Hyland (2009), em uma comunidade acadêmica, nem todos os participantes concordam em tudo, visto que disciplinas representam os contextos em que a discordância pode ser deliberada. Para nós, essas divergências movimentam a construção do saber, representam uma força propulsora para o novo, seja por meio de aspectos teóricos e metodológicos, seja pelas imposições externas à academia. Em síntese, as comunidades acadêmicas são instituições humanas cujas ações são influenciadas por questões pessoais e biográficas, mas, sobretudo, pela academia e pelo entorno sociocultural.

4 ESCRITA E DISCURSO ACADÊMICOS

Para a compreensão de culturas disciplinares, faz-se pertinente perceber como o discurso acadêmico permeia instâncias essenciais da universidade, como a produção escrita e a construção do conhecimento. Conforme Hyland (2000; 2009), o discurso acadêmico se refere às maneiras pelas quais a linguagem é concebida e realizada na academia. É responsável por construir os papéis e as relações sociais que transpassam a academia, sustentando, assim, as disciplinas e a própria criação do conhecimento. Para o autor, a academia não vive sem seus discursos, uma vez que estes se concentram no bojo das práticas sociais das quais seus membros participam.

Nessa mesma linha teórica, Azuara (2013, p. 27) atesta que "[...] a comunicação é alma da vida acadêmica", considerando que "a promoção do conhecimento e o estabelecimento de prestígio dependem necessariamente dela"[7]. A autora destaca que os modelos

[6] Disciplines are reservoirs of ways of knowing which, in dynamic combination with other structural phenomena, can condition behavioural practices, sets of discourses, ways of thinking, procedures, emotional responses and motivations (TROWLER, 2014, p. 22).

[7] "La comunicación es el alma de la vida académica. Tanto la promoción del conocimiento como el establecimiento de um prestigio dependem necessariamente de ella" (AZUARA, 2013, p. 27).

de comunicação utilizados e privilegiados por membros de uma comunidade denotam aspectos típicos de uma cultura disciplinar. Para Hyland (2000; 2009), a escrita acadêmica, dada a sua função comunicativa, pode ser considerada o protótipo do discurso acadêmico, visto que representa um acervo de significados que dão identidade a uma cultura disciplinar. Assim, um membro de uma determinada comunidade disciplinar deve ser capaz de produzir gêneros conforme o conjunto de acordos, normas e coerções que orientam as práticas comunicativas de seus agentes sociais. Como aponta Hyland (2000), o discurso disciplinar representa uma rica fonte de informações a respeito das práticas sociais acadêmicas, como também pode ser entendido como um conjunto de declarações que revelam os valores e as crenças de uma comunidade disciplinar.

Nessa perspectiva, o discurso acadêmico obriga seus agentes sociais a reverem seus posicionamentos para uma melhor adequação aos ditames das práticas institucionalizadas no domínio discursivo das universidades. As vivências prévias que os estudantes tiveram no ensino básico quanto à produção de gêneros pouco serão levadas em conta, haja vista, na universidade, as formas que legitimam a produção de significados não são muitos distintas. Nesses novos contextos, são estabelecidos novos termos técnicos e/ou específicos para explicar como as coisas acontecem ou existem (HYLAND, 2009). Dada a complexidade dos discursos acadêmicos, Navarro (2014) indica que os estudantes devem lançar mão de estratégias que possibilitem representar os significados conforme as bases de sua cultura disciplinar.

Considerando o discurso como uma construção social, Hyland (2000) diz que a escrita não representa apenas um aspecto do que se realiza em uma cultura disciplinar, pelo contrário, a escrita é compreendida como uma importante dimensão da produção dessa cultura. Nesses termos, compreender a produção escrita na academia requer uma apreensão dos comportamentos sociais dos grupos disciplinares, assim como suas crenças no que diz respeito à construção do conhecimento e suas estruturas institucionais, ou seja, faz-se necessário conhecer o mundo onde esses textos estão inseridos, são construídos e são consumidos.

A forte ênfase dada à escrita acadêmica se deve ao fato de que a academia é, em grande medida, fruto da escrita, pois a construção do conhecimento e a manutenção de seus valores e suas crenças se realizam por meio dos gêneros, tais como: artigos acadêmicos, resenhas, livros didáticos, guias de estudos, entre outros gêneros (HYLAND, 2000). Contudo, a escrita não se restringe apenas ao âmbito da divulgação e do consumo do conhecimento, pelo contrário, segundo Morales e Cassany (2008), grande parte das práticas sociais na academia gravita em torno da escrita, como o uso de protocolo de laboratório, informe, projeto, memorial, ofícios, relatórios, portarias, pareceres, entre outros gêneros da esfera mais administrativa.

Nessa perspectiva, a escrita acadêmica é parte constituinte das disciplinas, à medida que um campo disciplinar pode ser evidenciado pela sua produção de gêneros. A construção dos discursos nos e pelos gêneros é responsável por negociar o conhecimento e a credibilidade da comunidade, como também pela produção e pela manutenção das relações, dos interesses e do *status quo* nas disciplinas. Em outros termos, o conhecimento acadêmico é resultado de acordos, filiações e discussões disciplinares. Dessa forma, o texto acadêmico nunca pode ser tomado como uma representação precisa do mundo real, haja vista a seleção e simbolização de seus significados, ou seja, a realidade é produzida por meio de processos sociais e pela elaboração de textos. É por meio do discurso acadêmico que resultados de pesquisa são constituídos em conhecimento acadêmico (HYLAND, 2000, 2009).

O discurso acadêmico pode ser evidenciado na materialização de textos e nas práticas sociais institucionais. É, por meio do discurso, que nós, enquanto membros de uma comunidade acadêmica, recriamos instituições, atividades, práticas e valores, pois o discurso é um modo de ser. Em suma, as atividades acadêmicas respondem a contextos institucionais socialmente situados, com suas ideologias, controvérsias e normas disciplinares. Assim como as disciplinas e as comunidades acadêmicas não são uniformes, os discursos acadêmicos também não, considerando que são fruto de instâncias interacionais e institucionais resultantes de práticas e estratégias sociais de membros escritores em suas áreas disciplinares.

5 CULTURAS DISCIPLINARES: EM BUSCA DE UM CONCEITO

As concepções de disciplina, discurso acadêmico e comunidade acadêmica têm se mostrado enredadas por características próximas, o que, muitas vezes, torna difícil uma delimitação mais precisa entre os termos. No entanto, Hyland (2000) atesta que o importante

não é a forma como as disciplinas são intituladas, se recebem a designação de culturas, tribos ou comunidades discursivas, mas, sim, como essas acepções podem e devem influenciar a visão sobre a escrita acadêmica, possibilitando compreendê-la no contexto de suas crenças epistêmicas e práticas sociais. Para o autor, o discurso acadêmico revela significativamente uma cultura disciplinar por meio das práticas adotadas em suas pesquisas, do zelo em analisar seus dados, da ética intelectual, da forma como compreende o avanço do conhecimento, da manutenção de autoridade etc.

Na tentativa de elucidar uma acepção de cultura disciplinar, lançamos o olhar para pesquisas pertinentes a essa discussão a fim de compreendermos como as disciplinas se fazem presentes em sua construção discursiva, destacando aspectos relacionados ao reconhecimento acadêmico em uma área disciplinar, à construção do conhecimento, à autoria individual ou coletiva de seus manuscritos, ao uso e à seleção dos gêneros predominantes que respondem aos seus propósitos comunicativos.

O reconhecimento em uma carreira acadêmica, conforme atesta Becher (2001 [1989]), destaca-se fundamentalmente pela publicação dos resultados de suas investigações, porém essa premissa pode variar de uma disciplina para outra. Por exemplo, um profissional da área de Direito pode se tornar um eminente consultor, embora não tenha publicado muito em sua área. Já, em áreas tecnológicas, a publicação mostra-se um complicador, uma vez que a confidencialidade de novas interfaces é uma máxima, em outros termos, nenhum pesquisador entregará, sem ganho algum, suas inovações tecnológicas.

Em determinadas áreas, o empenho dos acadêmicos reside na qualificação e experiência profissional em detrimento de uma carreira acadêmica, como a realização de um doutorado, por exemplo, pois o mercado apresenta posições muito mais atrativas. Assim, um engenheiro empreende grande esforço para produzir um artefato que lhe renda atributos financeiros, pois isso dificilmente seria possível na academia (BECHER, 2001 [1989]).

Na cultura disciplinar da área de Direito, embora a escrita permeie todas as instâncias de sua prática acadêmica, seja no uso das leis, seja na produção de processos, os valores que emanam indicam que, para o reconhecimento de um membro experiente nessa área, não implica obrigatoriamente ser detentor de uma vasta produção escrita (BECHER, 1981). De forma semelhante em culturas disciplinares voltadas para o mercado, o olhar frente às descobertas de pesquisa mostra-se diferente, ou seja, não se faz pertinente propagar para o mundo resultados de pesquisa sem que antes sejam patenteados. Em suma, o reconhecimento de um membro em uma área disciplinar específica é construído pelo conjunto de valores emanados de fatores internos e externos à academia.

Quanto à construção do conhecimento, existem áreas disciplinares que estão enredadas em uma complexa rede de aceleração de descobertas científicas, como a área de Física. Nessa disciplina, por exemplo, há periódicos que agilizam o processo de submissão e avaliação dos artigos, levando em média três meses para a publicação. Além da velocidade como o conhecimento é propagado, é importante ressaltar que o conhecimento, nessa área, é considerado atomístico, haja vista ser concebido por meio do acúmulo de descobertas científicas, em que cada novo achado deve se conectar a um já existente (BECHER, 1987). Nessa mesma linha, evidenciamos que o fluxo de publicação em culturas disciplinares da Saúde é muito dinâmico e constante (PACHECO, 2016; 2020). Um pesquisador entrevistado na pesquisa de Pacheco (2020) pontuou que um manuscrito submetido em um periódico de alto impacto na área de Farmácia, por exemplo, leva em média 3 meses para ser publicado. Por outro lado, disciplinas sociais, como a História e a Sociologia, apresentam uma comunicação mais comedida e, além disso, não concebem o conhecimento na perspectiva cumulativa, tendo em vista que podem se basear na reiteração e reinterpretação de um objeto que já tenha sido investigado por outro viés ou por outro pesquisador (BECHER, 2001 [1989]).

Dada a fragmentação, articulação e rapidez com que a construção do conhecimento é concebida na área de Física, a autoria de artigos, conforme pontua Becher (1987), mostra-se extremamente coletiva. Corroborando essa assertiva, quando observamos a área de Nutrição (PACHECO, 2016) e as áreas de Enfermagem, Farmácia, Medicina e Odontologia (PACHECO, 2020), encontramos inúmeros exemplares de manuscrito provenientes de estudos multicêntricos, que envolvem vários autores de instituições diversas, ultrapassando os limites da área de História, por exemplo, que tem a tradição de autoria individual (FREITAS, 2018). A esse respeito, Becher (1987) já indicava que, em alguns campos, seria aceitável a publicação com dois ou mais autores, enquanto, em outros, a norma seria a autoria individual. Nas áreas de Sociologia e História, não é coerente, em sua linha interpretativa, o olhar coletivo de seu objeto de investigação, já que a voz autoral é muito estimada.

Confirmando essas proposições, Freitas (2018), ao investigar artigos acadêmicos na área de História, reconhece que grande parte da produção nessa área é individual. Em sua amostra, apenas três artigos foram produzidos por mais de um autor, o que reforça o caráter extremamente interpretativo e solitário do trabalho historiográfico. Esses dados corroboram a categorização das disciplinas em solitárias e colaborativas pontuadas por Turner, Miller e Mitchell-Kernan (2002), indicando que determinadas áreas são adeptas de atividades compartilhadas, enquanto outras consideram inconcebível um trabalho que envolva mais de um pesquisador. O trabalho historiográfico é essencialmente interpretativo de modo que os autores concebem a pesquisa como uma ação solitária.

É importante destacar que a velocidade com que o conhecimento deve ser construído em uma disciplina provoca mudanças essenciais no modo como as comunidades disciplinares devem encarar suas práticas de pesquisa. Assim, em culturas disciplinares colaborativas, o conhecimento é produzido de forma mais acelerada em virtude do trabalho compartilhado.

O uso dos gêneros também é condicionado às variações disciplinares, de modo que um gênero que confere autoridade em uma disciplina, em outra pode não apresentar o mesmo valor. Becher (1981; 2001 [1989]) e Freitas (2018) apontam que, na área de História, há uma forte adesão à produção do livro, uma vez que essa publicação lhe atribui maior prestígio que artigos acadêmicos. Nas áreas que valorizam o livro, torna-se comum também a publicação de resenhas com o propósito de divulgar para seus pares a apreciação de um trabalho de renome para a área. Considerando a recorrência desse gênero, Navarro (2014) aponta que, nas áreas de Humanas, é corriqueira ainda a utilização de resenha de formação, visando estimular a vivência acadêmica de seus estudantes. Por outro lado, existem disciplinas que valorizam gêneros curtos (artigo, *short comunication* etc), dada a velocidade com que o conhecimento é produzido e consumido.

Nessa ótica, Becher (2001 [1989]) aponta que o prestígio, na área de Física, consiste no anúncio de descobertas por meio de artigos acadêmicos em detrimento de livros, por exemplo. Na mesma perspectiva, Motta-Roth e Hendges (2010) sugerem que, na área de Química, têm-se optado pelo uso de um resumo mais amplo em substituição ao artigo acadêmico. É importante sublinhar que, considerando a baixa publicação de livros, o uso de resenhas se torna desnecessário para essas áreas disciplinares. Sob esse mesmo prisma, um pesquisador entrevistado na pesquisa de Pacheco (2016) revelou que, na área de Nutrição, os pesquisadores pouco se utilizam de livros para aquisição de conhecimento, pois a base para a atualização reside no consumo de artigos, e, por conseguinte, desconsideram a resenha como gênero de relevância para a área. Segundo esse pesquisador entrevistado, um livro demanda muito tempo desde a sua concepção até a sua publicação, de modo que os conhecimentos ali construídos já nascem desatualizados.

Podemos perceber que a velocidade com que as culturas disciplinares concebem a construção do conhecimento influi sobremaneira na escolha dos gêneros que melhor se adequam a sua realidade e a seus objetivos. Em culturas disciplinares cuja interpretação consiste no olhar subjetivo de um pesquisador, a rapidez do conhecimento não é uma ótica que se deve tomar como parâmetro. Pesquisas antropológicas, por exemplo, demandam anos para a publicação de um livro, haja vista o tempo que o pesquisador se debruça em coletar os dados como também em interpretá-los. Dada a complexidade com que esses achados são (re) significados e o tempo de maturação dessa interpretação, os livros correspondem às expectativas de tal comunidade disciplinar, ao passo que, em uma cultura disciplinar que concebe a construção do conhecimento de forma acelerada, esse gênero não se mostra a opção mais oportuna.

Ainda em consonância com a fluidez em que pesquisas são publicadas, áreas cuja rapidez da propagação do conhecimento é a ótica tendem a compactar os seus achados em manuscritos cada vez menores. Na área de Física, os artigos comumente não ultrapassam a dimensão de três ou quatro laudas (BECHER, 1989). Em culturas disciplinares da grande área da Saúde, como, por exemplo, nas áreas de Nutrição (PACHECO, 2016), de Enfermagem, Farmácia, Medicina e Odontologia (PACHECO, 2020) e de Psicologia (ABREU, 2016), os manuscritos também se mostram enxutos, já que grande parte dos dados é disponibilizada em tabelas ou gráficos autoexplicativos, excluindo, assim, a necessidade de uma textualização mais detalhada desses resultados. Por sua vez, Becher (1987) indica que, nas áreas de Sociologia e História, os artigos apresentam uma média de 20 e 30 páginas, respectivamente. De forma semelhante, Freitas (2018), ao analisar a cultura disciplinar da área de História, observou, em sua amostra, que a dimensão do manuscrito alcançou uma média de 23 páginas, embora alguns exemplares tenham ultrapassado a marca de 30 páginas. Ao contrário das demais áreas em que muitos dados podem ser condensados em tabelas, por exemplo, o trabalho historiográfico, em

virtude de seu caráter interpretativo, demanda mais espaço para a análise e discussão dos resultados, já que os historiadores se propõem a defender uma nova visão para um fato histórico, muitas vezes, já investigado.

Assim, em culturas disciplinares solitárias, geralmente, as pesquisas envolvem a reinterpretação subjetiva dos fatos, demandando um espaço maior para sua explanação, em outros termos, há uma prevalência por textos mais longos, tendo em vista a complexidade em atribuir significado ao objeto investigado. Em contrapartida, em culturas disciplinares que concebem a velocidade e compartimentação como uma ótica da construção do conhecimento, os valores agregados à sua cultura não compactuam com a utilização de gêneros longos, pois o conhecimento é construído e consumido de forma rápida por sua comunidade disciplinar. Dessa forma, para agregar novos conhecimentos, os membros de uma dada comunidade devem partir dos saberes acumulados na área.

Levando em consideração trabalhos no âmbito do Grupo de Pesquisa em Discurso, Identidade e Letramento Acadêmicos - DILETA, evidenciamos que o gênero artigo, embora seja o gênero contemplado pela academia para a aquisição e divulgação de conhecimento, apresenta configurações composicionais diferentes quando olhamos para áreas disciplinares distintas, confirmando assim as proposições de Bhatia (2004) de que os gêneros são suscetíveis às variações disciplinares.

Dentro do escopo do nosso grupo de pesquisa, destacamos os trabalhos: de Bernardino e Pacheco (2017), que, ao analisarem a seção de Introdução em artigos da área de Nutrição, propõem como critério de prototipicidade de uma unidade informacional a recorrência mínima de 50% em exemplares de um mesmo gênero em estudo; de Bernardino e Abreu (2018), que, ao descreverem a seção de Metodologia em artigos da área de Psicologia, contribuem para a discussão sobre o termo razão subjacente proposto por Swales (1990); de Pacheco, Bernardino e Freitas (2018), que constroem um percurso metodológico de análise de gêneros à luz das culturas disciplinares; de Pacheco, Abreu e Bernardino (2018), que traçam um perfil comparativo entre culturas disciplinares com base nas fontes de pesquisas mais consumidas pelas áreas de Linguística, Nutrição e Psicologia; e de Freitas, Bernardino e Pacheco (2021), que descrevem o comportamento sociorretórico da seção de Introdução de artigos da área de História, entre outros estudos.

Em relação à configuração global do gênero artigo acadêmico, por exemplo, destacamos que a unidade retórica de revisão de literatura não recebe a mesma atenção nas diversas disciplinas da academia. Por exemplo, na área de Linguística (COSTA, 2015), uma forte atenção é dada à discussão de pesquisas prévias e aos pressupostos teóricos que embasam um estudo, destinando parte da Introdução para retomada de estudos anteriores, como também dedicando uma seção do artigo para a apresentação dos fundamentos teóricos centrais para o empreendimento analítico de uma pesquisa. Por outro lado, em culturas disciplinares da área da Saúde (PACHECO, 2016; 2020), não há o mesmo empenho, já que os seus manuscritos não dispõem de uma seção específica para esse fim, apresentando-se, de forma breve, estudos anteriores somente na Introdução e na Discussão. Já na área de Psicologia, embora também não haja uma seção voltada para pesquisas prévias e fundamentação teórica, ela se faz presente na seção de Introdução de forma mais intensa que na área de Nutrição, já que, em Psicologia, 80% dessa seção se destina ao estudo de pesquisas prévias e à discussão teórica (ABREU, 2016).

Quando pensamos na seção de Metodologia em artigos de análise de dados, diferenças sociorretóricas também podem ser apontadas. Essa seção mostra-se extremamente importante em culturas disciplinares da Saúde, como, por exemplo, nas áreas de Nutrição, Enfermagem, Farmácia, Medicina, Odontologia (PACHECO, 2016; 2020) e Psicologia (ABREU, 2016), apresentando detalhadamente informações pertinentes à natureza da investigação, aos critérios de seleção da amostra, aos instrumentos utilizados, aos parâmetros de análise, enfim, há uma apresentação pormenorizada do caminho seguido para a realização da pesquisa. No entanto, a mesma ênfase não é evidenciada na área de Linguística (COSTA, 2015), por exemplo, já que informações pertinentes a aspectos metodológicos podem estar presentes, de forma breve, na Introdução ou na seção de Resultados e Discussão, como também em uma seção destacada. Em um lado mais extremo, encontramos artigos na área de História (FREITAS, 2018), cujas fontes e abordagens metodológicas empregadas na investigação são brevemente mencionadas na Introdução.

Em suma, um membro de uma comunidade disciplinar deve corresponder às expectativas de sua cultura disciplinar, dando maior ênfase ou não às unidades informacionais que compõem um determinado gênero, considerando que o discurso acadêmico pode se manifestar de forma diferente em contextos disciplinares distintos. Que objetivo teria um membro de uma comunidade disciplinar

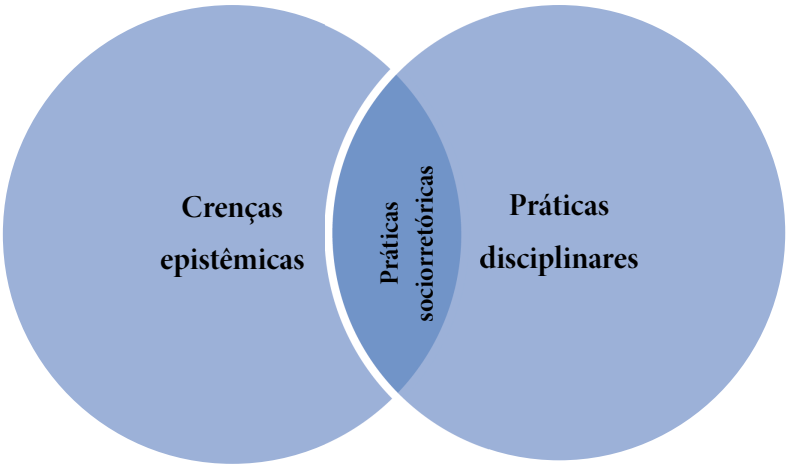
em discorrer detalhadamente sobre pesquisas anteriores e fundamentos teóricos se a sua disciplina comumente se mostra sucinta quanto à realização dessa ação comunicativa? Do mesmo modo, seria adequado um membro de uma comunidade disciplinar negligenciar informações metodológicas em um artigo de uma área disciplinar cuja validade de uma pesquisa se dá justamente pelo detalhamento de aspectos metodológicos? A nosso ver, esse membro não estaria correspondendo às práticas vigentes em sua cultura disciplinar. Embora transgressões sejam possíveis e saudáveis à renovação de uma área disciplinar, isso não se dá por meio de eventos isolados, geralmente, tais mudanças são compartilhadas, de forma regular, pelos membros de maior respaldo de uma comunidade disciplinar.

A partir do que discorremos ao longo deste artigo teórico, buscamos compreender as nuances que permeiam o universo das culturas disciplinares, uma vez que estão imbricadas nas concepções de disciplina, comunidade disciplinar e discurso acadêmico. Nesse contexto, acreditamos que, em um ambiente acadêmico, a cultura disciplinar corresponde ao acervo de crenças e valores epistêmicos, conhecimentos teóricos e metodológicos e formas de interação adquiridas ao longo de sua construção histórica que orientam e, muitas vezes, regem as práticas sociais e discursivas dos membros de uma comunidade disciplinar.

Esse conjunto de crenças e valores epistêmicos influencia o modo como membros de uma comunidade disciplinar concebem a construção do conhecimento, a seleção dos gêneros que mais se adequam aos seus propósitos comunicativos, a dimensão e a configuração mais apropriada para a realização desses gêneros, como também a forma de encarar o trabalho individual ou coletivo, enfim, esse arquivo cultural que constitui uma área disciplinar promove sanções quanto aos comportamentos inerentes ao fazer acadêmico em uma área específica. Por sua vez, os seus discursos se materializam por meio dos gêneros que melhor respondem aos propósitos da cultura de uma disciplina do conhecimento, como também pela concepção de construção desses gêneros.

O discurso disciplinar não se faz evidente apenas pela terminologia específica de sua área do conhecimento ou por suas crenças epistêmicas, mas, sobretudo, pela forma como uma comunidade disciplinar reverbera as suas ações sociorretóricas recorrentes em conformidade com os anseios de sua disciplina. Nesse sentido, compreender e explicar os gêneros acadêmicos é fundamental para compreender e explicar a própria cultura disciplinar. Destacamos que esse contexto cultural, embora fortemente arraigado a uma herança social das áreas de conhecimento, não se trata de uma unidade impenetrável às mudanças. Entretanto, para que mudanças efetivas realmente ocorram nas concepções culturais de uma área disciplinar, faz-se importante que as ações sociorretóricas recorrentes nas práticas da área sejam reconsideradas por seus membros experientes. Para uma melhor visualização das relações existentes na constituição do conceito de cultura disciplinar, apresentamos a Figura 1.

Culturas disciplinares



Comunidades disciplinares

Figura 1: Culturas disciplinares em análise de gêneros
Fonte: Elaborado pelos autores

Com base na Figura 1, podemos depreender que uma cultura disciplinar se constitui das práticas disciplinares e das crenças epistêmicas que convivem e dialogam em seu entorno, influenciando suas práticas sociorretóricas. A partir da apreciação desses aspectos, compreendemos culturas disciplinares como o arcabouço cultural que abrange os modos particulares de construir as relações sociocomunicativas, bem como os objetivos acadêmicos compartilhados em torno de três relevantes dimensões: as crenças epistêmicas, as práticas disciplinares e as práticas sociorretóricas.

Essas práticas disciplinares (acadêmicas ou profissionais) compreendem as várias formas de interação e argumentação entre seus pares, as diversas maneiras de composição, divulgação e consumo dos gêneros, as relações de poder, as articulações políticas, os princípios morais e as normas de conduta, cuja manutenção também pode ser evidenciada pelos acordos formais presentes nas instituições, associações e agremiações profissionais, conselhos de área, disposições dos periódicos, entre outras entidades disciplinares.

É importante ponderar que essas práticas disciplinares se realizam em conformidade com o acervo epistemológico adquirido ao longo da história de uma disciplina, que envolve seus posicionamentos quanto à produção do conhecimento em uma área. Assim, consideramos crenças epistêmicas como as maneiras particulares de conceber o conhecimento, as quais se consubstanciam diretamente na delimitação e construção dos objetos de pesquisa eleitos por uma área, nas teorias sedimentadas em um campo disciplinar, nas metodologias e técnicas procedimentais adotadas para a apreensão de seus objetos e na natureza ou no tipo de estudo empreendidos.

Por sua vez, as práticas sociorretóricas residem na interseção entre as crenças epistêmicas e as práticas disciplinares, que são materializadas no e pelos gêneros acadêmicos. Assim, a relação intrínseca entre esses dois eixos resulta, por exemplo, no entendimento sobre o funcionamento, sobre a configuração composicional e sobre a organização dos gêneros ou na compreensão sobre o prestígio de um gênero em detrimento de outro para as ações comunicativas das comunidades disciplinares. Nesse sentido, as práticas sociorretóricas compreendem os comportamentos relacionados à concepção, à construção, à circulação, à recepção e ao impacto dos gêneros em uma comunidade disciplinar, ou seja, sem a realização dos gêneros acadêmicos, tanto as crenças epistêmicas quanto as práticas disciplinares não se materializariam de forma mais evidente, melhor dizendo, não ganhariam materialidade nas comunidades disciplinares.

Destacamos que uma análise sociorretórica de gêneros não deve se limitar a apontar diferenças retóricas evidenciadas nos exemplares de um gênero, pelo contrário, faz-se necessário relacionar a configuração composicional do gênero a suas crenças epistêmicas e práticas disciplinares, visando explicá-la e não somente descrevê-la. Para isso, o analista deve recorrer não somente a informações presentes nos textos, mas também lançar mão de dados da cultura disciplinar em investigação, por meio da literatura sobre a história da área, das diretrizes de publicação presentes nos periódicos e manuais e do olhar dos membros experientes de uma comunidade disciplinar. Essa triangulação de dados é o que temos considerado uma análise de gênero tipicamente sociorretórica em oposição a uma análise retórica. A análise sociorretórica considera que a configuração composicional de um gênero não é fruto de um acaso, mas, na verdade, é resultante das crenças, propósitos e práticas disciplinares que se materializam textualmente nos gêneros.

De uma forma geral, a questão aqui levantada dialoga com a preocupação teórica da chamada Análise Crítica de Gênero, particularmente, proposta por Bhatia (2017) a partir da qual o autor defende que a teoria de gêneros deve avançar de uma perspectiva textual para uma perspectiva de uma teoria de contextualização das ações sociodiscursivas materializadas nos e pelos gêneros.
Antes de encerrarmos essa discussão, julgamos pertinente destacar em que medida a acepção de comunidade disciplinar se dissocia do conceito de cultura disciplinar, embora saibamos que essa distinção não seja insofismavelmente excludente. Uma comunidade disciplinar se caracteriza essencialmente pela relação direta de seus membros com os papéis sociais e as práticas que desempenham em suas áreas disciplinares. É por meio de uma comunidade disciplinar que uma cultura disciplinar se mantém, se propaga, se modifica. Em síntese, uma cultura disciplinar, considerando seus três eixos (crenças epistêmicas, práticas disciplinares e práticas sociorretóricas) permanece viva através das ações executadas pelos membros de sua comunidade disciplinar. Ressaltamos que essas dimensões podem receber influências de fatores externos à academia, como, por exemplo, os imperativos do mercado profissional.

Consideramos que as proposições lançadas aqui sobre crenças epistêmicas, práticas disciplinares e práticas sociorretóricas em prol de uma compreensão conceitual de culturas disciplinares representam fundamentos essenciais para uma melhor apreensão dos gêneros acadêmicos, haja vista indicar que áreas disciplinares distintas demonstram características típicas quanto à construção do conhecimento, à valorização dos gêneros, como também à sua produção. Acreditamos que essas categorias teóricas podem orientar a condução de novas pesquisas que visam compreender o comportamento sociorretórico dos gêneros acadêmicos em diversas culturas disciplinares, bem como em outras perspectivas teóricas sobre os gêneros.

REFERÊNCIAS

ABREU, N. O. *O artigo acadêmico na cultura disciplinar da área de psicologia:* um estudo sociorretórico. 2016. 213f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

BERNARDINO, C. G. PACHECO, J. T. S. Uma análise sociorretórica de Introduções em artigos originais da cultura disciplinar da área de Nutrição. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 1749-1766, mar. 2017.

BERNARDINO, C. G.; ABREU, N. O. A unidade retórica de Metodologia em artigos empíricos da cultura disciplinar da área de Psicologia: uma investigação sociorretórica. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 18, n. 4, p. 887-918, Dec. 2018.

BECHER, T. Towards a definition of disciplinary cultures. *Studies in Higher Education*. v. 6, n. 2, p. 109-122, 1981.

BECHER, T. *Tribus y territorios académicos:* la indagacion intelectual y las culturas de las disciplinas. Editora Gedisa, Barcelona, 2001.

BECHER, T. Disciplinary discourse. *Studies in Higher Education*. v.12, n.3, p. 261-274, 1987.

BHATIA, V. K. *Analysing Genre:* language use in professional settings. Routledge: New York, 2013.

BHATIA, V. K. *Worlds of written discourse:* a genre-based view. London, Continuum, 2004.

BHATIA, V. K. A análise de gêneros hoje. *In:* BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (org.). *Gêneros e sequências textuais*. Recife: Edupe, 2009, p. 159 - 195.

BHATIA, V. K. *Critical genre analysis:* investigating interdiscursive performance in professional practice. Routledge: New York, 2017.

COSTA, R. L. S. da. *Culturas disciplinares e artigos acadêmicos experimentais:* um estudo comparativo da descrição sociorretórica. 2015. 243 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

DAHL, T. Textual metadiscourse in research articles: a marker of national culture or of academic discipline? *Journal of Pragmatics*. v.36, p. 1807-1825, 2004.

FREITAS, T. L. de. *O artigo acadêmico na cultura disciplinar da área de História:* uma investigação sociorretórica. 2018. 177 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

FREITAS, T. L. de; BERNARDINO, C. G.; PACHECO, J. T. S. A construção sociorretórica da seção de introdução em artigos acadêmicos da cultura disciplinar da área de história. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 65, 2021. DOI: 10.1590/1981-5794-e12702. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/12702. Acesso em: 30 ago. 2021.

HENDGES, G. R. *Novos contextos, novos gêneros:* a seção de Revisão da Literatura em artigos acadêmicos eletrônicos. 2001. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.

HOLMES, R. Genre Analysis, and the social sciences: an investigation of the structure of research article Discussion section in three disciplines. *English for Specific Purposes*, v. 16, n. 4, p. 321-337, 1997.

HUGHES, M. Book review essay: The territorial nature of organization studies. *Culture and Organization.* v.19, n.3, p.261-274, 2013.

HYLAND, K. Talking to the academy: Forms of hedging in science research articles. *Written Communication.* v.13, n. 2, p. 251-281, 1996.

HYLAND, K. Scientific claims and community values: articulating an academic culture. *Language & Communication*. v. 17, n. 1, p. 19-31, 1997.

HYLAND, K. *Disciplinary discourse:* social interactions in academic writing. Singapura: Pearson Education Limited, 2000.

HYLAND, K. *Academic discourse:* English in a global context. London: Continuum, 2009.

MORALES, O. A.; CASSANY, D. Leer y escribir en la universidad: Hacia la lectura y la escritura crítica de géneros científicos. *Revista Memoralia*, Universidad Nacional Experimental de los Llanos Ezequiel Zamora (Unellez), Cojedes, Venezuela. p.1-14, 2008.

MORALES, O. A. *Los Géneros Escritos de la Odontología Hispanoamericana:* Estructura retórica y estrategias de atenuación en artículos de investigación, casos clínicos y artículos de revisión. 2010. 359f. Tese (Departamento de Tradução e Ciências da Linguagem) – Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2010.

MOTTA-ROTH, D. *Rhetorical features and disciplinary cultures:* a genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics. 1995. 358 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras/Inglês, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. *Produção textual na universidade.* São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NAVARRO, F. (org.) *Manual de escritura para carreras de humanidades.* 1a ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2014.

NEUMANN, R. Disciplinary Differences and University Teaching. *Studies in Higher Education.* v. 26, n. 2, p.135-146, 2001.

OLIVEIRA, F. *A configuração textual da seção de Metodologia em artigos acadêmicos de Linguística Aplicada.* 2003. 147f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

PACHECO, J. T. S. *O artigo acadêmico na cultura disciplinar da área de Nutrição:* uma investigação sociorretórica. 2016. 201 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

PACHECO, J. T. S.; BERNARDINO, C. G.; ABREU, N. O. Culturas disciplinares: influências na produção do gênero artigo acadêmico. *Linguagem em Foco*, v. 10, n. 1, p. 71-82, 2018.

PACHECO, J. T. S.; BERNARDINO, C. G.; FREITAS, T. L. de. Um estudo sociorretórico da seção de Conclusão em artigos originais da cultura disciplinar da área de Nutrição. *Entrepalavras*, Fortaleza, v.8, n.1, jan./abr. 2018.

PACHECO, J. T. S.. *Uma análise comparativa entre culturas disciplinares da Grande área da saúde:* semelhanças e diferenças Sociorretóricas em artigos acadêmicos originais. 2020. 395 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2020.

PARODI, G. University genres in disciplinary domains: social sciences and humanities and basic sciences and engineering. *D.E.L.T.A.*, v.25, n.2, p. 401-426, 2009.

PEACOCK, M. The Structure of the Methods Section in Research Articles Across Eight. *Asian ESP Journal Spring.* v.7, n.2, p. 97-124, 2011.

POSE, R.;TRINCHERI, M. Examen final oral. *In*: NAVARRO, F. (org.) *Manual de escritura para carreras de humanidades.* 1a ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2014. p. 239-284.

SILVA, L. F. *Análise de gênero:* uma investigação da seção de Resultados e Discussão em artigos científicos de Química. 1999. 111f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1999.

SWALES, J. M. *Genre analysis:* English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. M. Repensando gêneros: nova abordagem ao conceito de comunidade discursiva. *In*: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (orgs.) *Gêneros e sequências textuais.* Recife: Edupe, 2009. p. 197-220.

SWALES, J. M. *Research genres:* explorations and applications. New York: Cambridge: Cambridge University Press, 2004

TROWLER, P. Academic tribes and territories: The theoretical trajectory. *Österreichische Zeitschrift Für Geschichtswissenschaften.* v.25, n..3, p. 17-26, 2014.

TURNER, J. L.; MILLER, M.; MITCHELL-KERNAN, C. Disciplinary Cultures and Graduate Education. *Emergences*, v.12, n.1, p. 47-70, 2002.

YLIJOKI, O. Disciplinary cultures and the moral order of studying – a case-study of four Finnish university departments. *Higher Education.* v.39, p. 339-362, 2000.

Recebido em 29/05/2021. Aceito em 06/09/2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e77345

O ENSINO DE GÊNEROS NA PERSPECTIVA DOS LETRAMENTOS ACADÊMICOS: A RESENHA NO CURSO DE LETRAS*

LA ENSEÑANZA DE GÉNERO DESDE LA PERSPECTIVA DE LA ALBETIZACIÓN ACADÉMICA: LA RESEÑA EN EL GRADO DE LETRAS

ACADEMIC LITERACIES-BASED GENRE TEACHING: THE BOOK REVIEW IN A LANGUAGES COURSE

Amanda Cavalcante de Oliveira Lêdo**
Universidade de Pernambuco

Benedito Gomes Bezerra***
Universidade Católica de Pernambuco
Universidade de Pernambuco

Maria Ladjane dos Santos Pereira****
Universidade Católica de Pernambuco

* Trabalho desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa *Leitura e escrita acadêmica em diferentes áreas disciplinares: uma abordagem baseada em gêneros discursivos/textuais*, aprovado pelo CEP/UNICAP sob o nº CAAE 81143617.5.0000.5206, parecer 2.560.673, de 23/03/2018.

** Doutora em Linguística (UFPE). Docente do Curso de Letras e do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Mata Norte. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7178-9796. E-mail: amanda.ledo@upe.br.

*** Doutor em Linguística (UFPE). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Mata Norte. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7382-0937. E-mail: beneditobezerra@gmail.com.

**** Doutora em Ciências da Linguagem (UNICAP). Docente da Rede Municipal de Arcoverde e Buíque/PE. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5799-5403. E-mail: ladjane_pereira@hotmail.com.

RESUMO: O ensino de gêneros acadêmicos em disciplinas dos cursos de graduação se justifica pela necessidade de facilitar o acesso dos estudantes às práticas de letramento típicas do ambiente universitário. O objetivo deste estudo é discutir uma experiência de ensino do gênero resenha acadêmica realizada com estudantes do curso de Letras. O estudo está fundamentado na abordagem dos letramentos acadêmicos (LEA; STREET, 2006), aliada a uma pedagogia de gêneros inspirada nos Estudos Retóricos de Gênero (DEVITT, 2009) e no Inglês para Fins Específicos (SWALES, 1990, 2004). Os resultados evidenciam que os estudantes incorporam aos seus textos, progressivamente, parte das sugestões dadas em sala de aula, de modo que se podem reconhecer avanços entre a primeira e a última versão do texto produzido. Conclui-se que o ensino explícito da resenha acadêmica constitui uma opção produtiva, em especial quando não há tempo suficiente para trabalhar o gênero em uma perspectiva imersiva.
PALAVRAS-CHAVE: Letramentos acadêmicos. Resenha acadêmica. Ensino explícito de gêneros.

RESUMEN: La enseñanza de los géneros académicos en los cursos de pregrado se justifica por la necesidad de facilitar el acceso de los estudiantes a las prácticas de alfabetización propias del ámbito universitario. El objetivo de este estudio es discutir una experiencia de docencia del género de revisión académica realizada con alumnos del curso de Letras. El estudio se basa en el enfoque de alfabetización académica (LEA; STREET, 2006), combinado con una pedagogía de género inspirada en los estudios retóricos de género (DEVITT, 2009) y el inglés para fines específicos (SWALES, 1990, 2004). Los resultados muestran que los estudiantes incorporan progresivamente a sus textos parte de las sugerencias dadas en el aula, de manera que se reconocen los avances entre la primera y la última versión del texto producido. Se concluye que la enseñanza explícita de la revisión académica constituye una opción productiva, especialmente cuando no se cuenta con el tiempo suficiente para trabajar el género en una perspectiva inmersiva.
PALABRAS-CLAVE: Alfabetización académica. Reseña académica. Enseñanza explícita de géneros.

ABSTRACT: The teaching of academic genres in undergraduate courses is justified by the need to facilitate students' access to literacy practices typical of the university environment. The aim of this study is to discuss an experience of teaching the academic review genre to students of a Languages course. The study is based on the approach of academic literacies (LEA; STREET, 2006), combined with a genre pedagogy inspired by Rhetorical Genre Studies (DEVITT, 2009) and English for Specific Purposes (SWALES, 1990, 2004). The results show that students progressively incorporate part of the suggestions given in the classroom to their texts, so that advances between the first and the last version of the produced text can be recognized. It is concluded that the explicit teaching of the academic review constitutes a productive option, especially when there is not enough time to work on the genre in an immersive perspective.
KEYWORDS: Academic literacies. Book review. Explicit genre teaching.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As pesquisas de Araújo e Bezerra (2013) e Bezerra (2015) apontam para a existência de um hiato entre as produções de texto ensinadas e esperadas no Ensino Médio em relação às práticas de leitura e escrita que passam a ser exigidas aos estudantes ao ingressarem na Universidade. Inquietações sobre como os estudantes se engajam em eventos de letramento e como constroem suas identidades no ambiente acadêmico suscitam discussões a respeito dos impactos das formas de ensinar e de adquirir conhecimentos de novos gêneros e, por conseguinte, a respeito do desenvolvimento do letramento acadêmico.

Os modelos de pedagogias de gênero incluem abordagens mais explícitas, que pressupõem o trabalho sistemático e manifesto de traços linguístico-textuais que compõem o gênero; e outras implícitas, que são delineadas a partir da inserção dos estudantes em situações que envolvam a produção do gênero, de modo que a familiarização aconteça através do reconhecimento das características genéricas pelos próprios discentes (DEVITT, 2009).

Considerando a perspectiva das pedagogias de gênero, o objetivo deste estudo é relatar uma experiência de ensino explícito do gênero resenha acadêmica realizada com estudantes do primeiro período do curso de Licenciatura em Letras na disciplina de Leitura e Produção de Gêneros Acadêmicos (LPGA). Para isso, analisamos uma sequência de atividades desenvolvidas com a resenha, que incluiu três produções: uma produção livre, uma produção orientada e uma reescrita desta última.

No intuito de discutir as questões que ladeiam o letramento, em especial o letramento acadêmico, nos ancoramos nas contribuições de Lea e Street (2006) e Street (2014); no que diz respeito às concepções de gêneros que subjazem à perspectiva de ensino, nos pautamos nas contribuições dos Estudos Retóricos de Gêneros, representadas pelos trabalhos de Bazerman (2005), Miller (2009) e Devitt (2009); assim como pela abordagem do Inglês para Fins Específicos (ESP) representada por Swales (1990, 2004); e pelo conceito de culturas disciplinares de Hyland (2004). Para a análise, tomamos como parâmetro o modelo utilizado por Bezerra (2009), que compara resenhas produzidas por estudantes e por escritores especialistas da área de Teologia.

O trabalho está organizado da seguinte forma: após esta seção introdutória, discutimos os conceitos de letramentos e de gêneros assumidos no trabalho; em seguida, exploramos essa perspectiva por meio da relação entre gêneros acadêmicos e cultura disciplinar. Na sequência, caracterizamos modelos de pedagogias de gênero, acompanhados da descrição do gênero resenha. Por fim, relatamos uma experiência de ensino de resenhas, analisando os avanços obtidos a partir das diferentes versões produzidas pelos estudantes, e concluímos com nossas considerações finais.

2 LETRAMENTOS E GÊNEROS ACADÊMICOS

Nos últimos anos, várias pesquisas têm sido desenvolvidas a respeito dos desafios inerentes às práticas de leitura e de escrita na Universidade (BEZERRA, 2015; FISCHER; HOCHSPRUNG, 2017; PEREIRA, 2018). As práticas sociais que acontecem nas diferentes esferas de atividade humana mobilizam diferentes gêneros, que se constituem a partir de características próprias do meio em que circulam e dos propósitos que pretendem alcançar. Na esfera acadêmica não é diferente e, ao ingressar em um curso superior, os estudantes necessitam desenvolver conhecimentos específicos para obter sucesso nas atividades em que se engajam. Na literatura especializada, esse conjunto de conhecimentos é chamado de letramento acadêmico e parte dele está relacionada à familiarização com os gêneros que circulam na academia.

Dentre as perspectivas que se debruçam sobre o fenômeno do letramento, destacamos a abordagem sociocultural representada pelos Novos Estudos do Letramento (STREET, 2007; 2014). Nessa perspectiva, o letramento se constitui pelas práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita em uma dada sociedade em uma determinada época. Essas práticas não dizem respeito somente às habilidades técnicas de (de)codificação do texto escrito, mas envolvem desde os significados e as funções sociais atribuídos à escrita até os conhecimentos sobre a organização dos textos, a sua ação retórica e a agência dos participantes da interação. Nesse sentido, os letramentos não são neutros nem completamente transferíveis de um contexto para outro, mas intrinsecamente permeados por ideologias e relações de poder. Além disso, vale destacar que seria mais adequado falar em letramentos, tendo em vista que de fato não há um letramento único, mas variedades, de acordo com os diferentes contextos e comunidades em que ocorrem, dado seu caráter local e situado (STREET, 2007; 2014; LÊDO, 2013).

No que se refere especificamente aos letramentos acadêmicos, Lea e Street (2006) explicam que existem três abordagens da aprendizagem da leitura e da escrita no Ensino Superior: o modelo de habilidades de estudo, o modelo da socialização acadêmica e o modelo dos letramentos acadêmicos. No primeiro modelo, os conhecimentos aprendidos em determinado contexto seriam transferíveis e enfocariam principalmente os aspectos formais da língua. Para o segundo, o letramento seria adquirido a partir da socialização dos estudantes, através da qual, sob a orientação de um membro mais experiente da comunidade, como o professor, eles participariam de atividades típicas do meio acadêmico e apreenderiam as normas desse meio. Já o terceiro não descarta os conhecimentos pressupostos nos modelos anteriores, mas avança no sentido de incluir questões identitárias e de relação de poder inerentes a essas práticas.

No modelo dos letramentos acadêmicos, o letramento é constituído por um conjunto de conhecimentos que variam de acordo com as comunidades e os contextos culturais em que se situa e, ainda, que engloba a compreensão sobre os gêneros. Tal modelo apresenta uma proposta mais completa e mais crítica sobre as práticas de leitura e escrita na academia. De toda forma, as três abordagens se complementam e apontam para a complexidade do desenvolvimento do letramento acadêmico (BEZERRA, 2012; FISCHER; HOCHSPRUNG, 2017).

Embora os Novos Estudos de Letramento (NEL) mencionem a noção de texto como central para o conceito de letramento, compreendemos que os textos que circulam na sociedade não aparecem em abstrato ou indistintamente, mas mediados pela categoria de gênero (BEZERRA, 2017). Neste trabalho, consideramos gênero como um fenômeno de reconhecimento psicossocial que estabiliza as atividades humanas a partir do seu caráter sociocognitivo (BAZERMAN, 2005), ao mesmo tempo em que atua como uma forma de ação social tipificada através de respostas recorrentes a situações comunicativas (MILLER, 2009). Os gêneros também podem ser compreendidos por sua dimensão sociorretórica. Nessa perspectiva, o gênero corresponde a uma classe de eventos comunicativos guiados por propósitos comunicativos comuns e compartilhados por uma comunidade discursiva (SWALES, 1990, 2004). Essas perspectivas são compatíveis com a compreensão plural, contextualizada e não neutra de letramento, conforme proposta dos NEL.

Considerando que um aspecto central do letramento pressupõe se familiarizar, (re)conhecer e (re)produzir os gêneros típicos da esfera de atividades em que eles circulam, no tópico seguinte caracterizamos os gêneros acadêmicos relacionando-os ao conceito de cultura disciplinar.

3 GÊNEROS ACADÊMICOS E CULTURA DISCIPLINAR

O ensino de ou baseado em gêneros no contexto acadêmico se apresenta como um desafio não somente por este ser um *lócus* de práticas de linguagem específicas, mas porque as próprias comunidades acadêmicas são heterogêneas. Por isso, de acordo com Hyland (2004), a compreensão das disciplinas envolve a compreensão de seus discursos, pois eles se constituem como uma rica fonte de informação sobre as práticas sociais subjacentes. Na Universidade, os gêneros escritos desfrutam de grande *status*, uma vez que os acadêmicos "publicam artigos, livros, resenhas, conferências e anotações de pesquisas; eles se comunicam com os colegas por e-mail, solicitam impressões, dão pareceres" (HYLAND, 2004, p. 3)[1]. Considerando que as práticas sociais de leitura e de escrita são situadas contextual e culturalmente, o conceito de cultura disciplinar possibilita ressaltar que cada área organiza de diferentes maneiras os gêneros que mobiliza.

Para Hyland, na construção de um gênero acadêmico, é preciso considerar as características das culturas disciplinares das quais ele faz parte, uma vez que a escrita acadêmica está intimamente associada "[...] às atividades sociais, estilos cognitivos e crenças epistemológicas das comunidades disciplinares particulares" (HYLAND, 2004, p. 13). De modo semelhante, Bazerman (2015, p. 53) argumenta que "nossos textos são moldados pelos mundos sociais e ideológicos para os quais os produzimos, e aqueles mesmos mundos vão definir a distribuição e circulação dos textos". Sendo assim, não nos parece possível dissociar a relação entre os gêneros e as comunidades em que circulam.

Nessa perspectiva, os gêneros são formas de ações sociais que emergem de variadas situações comunicativas e sofrem influências de diversas ordens: linguísticas, culturais, cognitivas e interpessoais, à medida que circulam no interior de determinadas comunidades disciplinares (HYLAND, 2004). Hyland (2004) assevera que esse tipo de comunidade "não é monolítica e unitária", mas, ao contrário, se constitui de indivíduos com experiências, especialidades e comprometimentos diversos, uma vez que representa uma pluralidade de objetivos, métodos e crenças. Isso significa, conforme Bernardino e Valentim (2016, p. 124), que "A interação entre os membros da comunidade acadêmica, realizada por meio da produção, da circulação e do consumo de textos, é um retrato da construção, manutenção e transformação de tradições que, embora compartilhadas, não eliminam as diferenças que existem entre as áreas disciplinares que formam a academia".

Logo, a comunidade discursiva acadêmica não pode ser vista como uma entidade homogênea e estável, e sim como diversa e plural. E, apesar de os gêneros refletirem, em boa medida, as características da comunidade, isso não se dá de forma estanque. Se, por um lado, o gênero apresenta uma "integridade genérica" (BHATIA, 2009), por outro, ele é dinâmico. Nesse sentido, a depender do campo disciplinar, determinados gêneros irão emergir como sendo mais relevantes para as práticas ali delineadas (por exemplo, em algumas áreas, o resumo expandido detém considerável prestígio, já em outras o artigo científico desfruta de maior relevância).

[1] Todas as traduções de citações em língua estrangeira, neste trabalho, são de nossa responsabilidade, a não ser que haja indicação em contrário.

Também dependendo da área, um mesmo gênero pode apresentar variações significativas em sua estruturação (relativas à extensão do texto, à presença, ausência ou nomeação de seções), como apontam estudos que comparam a organização sociorretórica de gêneros em diferentes áreas (COTOS; HUFFMAN; LINK, 2015; COSTA, 2015; OLIVEIRA, 2016; PACHECO; ABREU; BERNARDINO, 2018).

Nessa perspectiva, as "convenções de gênero sinalizam as normas, a epistemologia, a ideologia e a ontologia social de uma comunidade discursiva" (BERKENKOTTER; HUCKIN, 1995, p. 4), refletindo e constituindo os valores da comunidade da qual fazem parte. Além disso, mesmo quando nos debruçamos sobre uma cultura disciplinar específica, como a de Letras, foco deste estudo, é possível perceber que há variações no modo como os discursos são organizados, ao comparar a escrita de textos nas subáreas de Literatura e Linguística e até mesmo dentro de cada uma dessas subáreas (SOUSA, 2018). Dessa forma, podemos concluir que a cultura disciplinar de Letras tende a influenciar, sobremaneira, os gêneros que circulam no seu contexto e, consequentemente, o modo como os usuários os produzem.

Admitindo-se que os gêneros são sensíveis à variação em função de fatores tais como sua esfera de circulação, o ensino de gêneros (ou com base neles) suscita diferentes reflexões, visto que essa questão se apresenta como relevante não somente nos níveis básicos de ensino, mas também no contexto universitário. Além disso, diferentes teorias apresentam distintos posicionamentos sobre essa problemática, inclusive chegando a questionar a própria possibilidade, necessidade ou utilidade deste ensino (FREEDMAN, 1994). O tópico a seguir caracteriza as diferentes perspectivas sobre a pedagogia de gêneros.

4 DIFERENTES PEDAGOGIAS DE GÊNEROS

As diversas teorias de gênero assumem perspectivas distintas no que se refere ao seu ensino: algumas defendem a necessidade de explicitar as principais características linguístico-textuais dos gêneros de prestígio em uma dada comunidade, com vistas a prover acesso a alunos marginalizados, seja socioeconomicamente, seja em função de diferenças culturais e linguísticas. Exemplos de teorias que assumem esse posicionamento são a Escola de Sidney, que propõe a modelagem dos gêneros baseada na Linguística Sistêmico-Funcional (MARTIN; ROSE, 2008; ROSE; MARTIN, 2012; MARTIN, 2015; ROSE, 2015) e voltada principalmente ao nível básico de ensino; e o Inglês para Fins Específicos (SWALES, 1990, 2004; BHATIA, 1993, 2004), que enfoca o ensino-aprendizagem dos gêneros preferencialmente em contextos acadêmicos e profissionais.

Já outras teorias defendem a aquisição de gêneros a partir da imersão dos estudantes em práticas reais que estimulem a apreensão tácita dos gêneros, tais como a proposta de Freedman (1994). Por fim, há teorias de gênero que propõem a combinação de múltiplas estratégias de ensino, com vistas ao desenvolvimento da consciência de gênero, a exemplo da escola brasileira de interacionismo sociodiscursivo (CRISTÓVÃO; ARTEMEVA, 2018; BAWARSHI; REIFF, 2013) e da abordagem "linguístico-retórica" de Devitt (2004, 2009).

Assim, ao trazermos à cena a necessidade de se observar as práticas de ensino que envolvem os gêneros textuais nos diferentes níveis, incidimos em variadas práticas explícitas, implícitas ou interativas. Sobre isso, Devitt (2009, p. 342) explica que diferentes pedagogias integram ao gênero o seu caráter social, cultural e linguístico, em prol de atingir um propósito maior que é "dar aos alunos acesso à linguagem, estruturas e instituições que sejam importantes para o seu desenvolvimento individual, acadêmico e profissional". Nesse sentido, a autora complementa que "pedagogias de gênero diferentes resultam [...] da ênfase em diferentes preocupações teóricas" (p. 342).

No que concerne ao ensino de gêneros no ambiente acadêmico, é preciso ter em vista que a apreensão (*uptake*) desses gêneros pressupõe a inserção dos estudantes em atividades características da comunidade acadêmica. Consequentemente, pensar em propostas que explorem a imersão dos estudantes em práticas contínuas de leitura e escrita pode constituir um percurso estratégico para que desenvolvam a familiaridade com os gêneros e com as práticas e eventos de letramento que serão fundamentais para seu engajamento na referida comunidade discursiva.

Quanto à possibilidade de se refletir sobre as estratégias para a aquisição do conhecimento de gêneros, sobretudo, no contexto acadêmico e profissional, é possível refletir sobre a complexidade de se "ensinar" gêneros: tanto as propostas de pedagogia implícitas como as explícitas e as interativas não estão imunes a críticas e apresentam aspectos positivos e negativos. Na discussão sobre o desafio do ensino de gênero, se destaca o conceito de apreensão. Bawarshi e Reiff (2013, p. 113) explicam que "O conhecimento da apreensão é conhecimento de quando e por que usar um gênero; como selecionar um gênero adequado em relação com outro ou outros; onde e a que custo apreender um gênero, ao longo da extensão de seu perfil de apreensão; como alguns gêneros citam explicitamente outros gêneros em sua apreensão, enquanto alguns só o fazem implicitamente, e assim por diante".

Esse tipo de conhecimento é enfatizado em pedagogias de ensino implícito e é fundamental para a formação da consciência dos gêneros e para o desenvolvimento de um letramento crítico. Apesar de defender esse tipo de ensino, Freedman (1994, p. 170) faz uma ressalva quando apresenta a Hipótese Restrita que, por sua vez, "permite certas condições limitadas sob as quais o ensino explícito pode melhorar a aprendizagem – pelo menos para certos alunos". Nesse sentido, a autora sugere que em algumas situações o ensino explícito pode responder de modo bem-sucedido aos objetivos pretendidos. Isso nos faz refletir sobre o problema de adotar pedagogias únicas sem a necessária análise contextual e cultural, levando em conta fatores como as características do público-alvo e o tempo disponível para a intervenção pedagógica, por exemplo.

Ainda sobre o ensino de gênero, destacamos o posicionamento de Devitt (2009), que defende a necessidade de se ensinar uma consciência crítica de gêneros, a partir do trabalho com gêneros antecedentes. Nesse sentido, a autora explica que há aspectos que variam em virtude de diferentes encaminhamentos teóricos e que é importante considerar o gênero sob uma ótica multidimensional. Em cada dimensão, podem ser mobilizados elementos retóricos e formais dos gêneros, cujas estruturas, objetivos e ideologias estão disponíveis aos usuários para que as utilizem em resposta às mais diversas situações retóricas e possam agir socialmente como membros de seus respectivos grupos. Conforme Devitt,

> Diferentes respostas pedagógicas aos entendimentos teóricos compartilhados surgem com objetivos diferentes para os alunos: se os gêneros são ações retóricas, então os aprendizes podem obter entendimento retórico ganhando acesso à linguagem e formas de gêneros. Se os gêneros são ações sociais, o acesso às formas de gênero pode dar aos alunos agência dentro dos objetivos e estruturas dos grupos. Se os gêneros reforçam estruturas e ideologias existentes, então ganhar consciência dos gêneros pode ajudar os alunos a reduzirem o reforço e a propagação de normas e ideologias existentes. Se a mudança de gêneros muda as normas e ideologias existentes, então alunos que mudam o gênero podem mudar os objetivos, estruturas e normas. (DEVITT, 2009, p. 343)

Em sua proposta, Devitt (2009) sugere que o gênero seja analisado por meio da "lente heurística da partícula, onda e campo", metáfora que examina o gênero como uma coisa em si (partícula), como um processo (onda) e como contexto (campo). Conforme Reinaldo e Bezerra (2012, p. 83), "estudar os gêneros como partículas, com elementos que têm propósitos mais do que regras, propicia aos estudantes verem gêneros como criações das pessoas para realizar objetivos", e não apenas como modelos que eles devem reproduzir. Já como processos, os gêneros podem ser compreendidos a partir de outros que o estudante já conhece. Finalmente, sob a lente do contexto, pode-se entender não somente que os gêneros estão relacionados com outros, mas que "servem a grupos e reforçam modos particulares de ver o mundo" (REINALDO; BEZERRA, 2012, p. 84).

Nesse sentido, o ensino do gênero como partícula, em si, não dá conta de sua complexidade, mas pode ser um ponto de partida para a compreensão de outros aspectos relevantes. No percurso, haveria uma necessária ampliação do olhar para o gênero, pela ótica do processo, observando-o como uma "onda", de modo a recuperar os gêneros já conhecidos (antecedentes) dentro de um "campo", isto é, no contexto em que se organiza a situação de produção, que sinaliza para o desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes, e consequentemente, do letramento. O Quadro 1 sistematiza a proposta de Devitt (2009):

<table>
<tr><th>Ensino de gêneros como partículas/coisas: Gêneros específicos</th><th>Ensino de gêneros como ondas/processos: Gêneros antecedentes</th><th>Ensino de gêneros como campos/contextos: Consciência crítica de gênero</th></tr>
<tr><td>Objetivo: aprender a escrever gêneros específicos.</td><td>Objetivo: aprender a construir a partir de gêneros anteriores quando se aprendem novos gêneros.</td><td>Objetivo: aprender a criticar e modificar gêneros existentes.</td></tr>
<tr><td>Partículas/Coisas:
Quais gêneros relevantes existem? Como eles podem ser bem categorizados?</td><td>Partículas/Coisas:
Quais gêneros servem como antecedentes para outros gêneros?</td><td>Partículas/Coisas:
Quais são os componentes da consciência crítica?</td></tr>
<tr><td>Quais gêneros que os alunos precisam aprender?</td><td rowspan="2">Que os gêneros estão bem estabelecidos como antecedentes potenciais?</td><td>Quais gêneros se prestam ao desenvolvimento da consciência crítica?</td></tr>
<tr><td>Quais são os componentes desses gêneros?</td><td>Quais componentes dos gêneros se prestam ao desenvolvimento da consciência crítica?</td></tr>
<tr><td>Ondas/Processos:
Como essas formas mudaram com o tempo?</td><td>Ondas/Processos:
Como as pessoas usam os gêneros conhecidos quando encontram gêneros menos familiares?</td><td>Ondas/Processos:
Como os escritores conscientes criticam e mudam os gêneros?</td></tr>
<tr><td>Como os especialistas adquirem esses gêneros?</td><td rowspan="2">Quais partes desses processos podem ser explicitadas e ensinadas?</td><td>Que experiências os escritores precisam ter para desenvolver a consciência de gêneros?</td></tr>
<tr><td>Como os novatos adquirem esses gêneros?</td><td>Como os gêneros podem ser modificados? Como os iniciantes podem participar desta mudança?</td></tr>
<tr><td>Campos/Contextos:
Quais conjuntos de gêneros os iniciantes precisam usar?</td><td>Campos/Contextos:
Para quais gêneros futuros esses escritores precisam de antecedentes?</td><td rowspan="3">Campos/Contextos:
Como o desenvolvimento da consciência de gêneros afeta a interação dos escritores com os usuários de gêneros existentes?</td></tr>
<tr><td>Que gêneros eles já conhecem?</td><td>Quais os futuros gêneros para os quais esses escritores precisam de antecedentes?</td></tr>
<tr><td>Como a aprendizagem desses novos gêneros afetará suas interações com o contexto/cultura maior?</td><td>Como a aprendizagem desses antecedentes afetará as interações dos escritores em contextos futuros?</td></tr>
</table>

Quadro 1: Três pedagogias de gêneros

Fonte: Devitt (2009, p. 345-346)

Podemos compreender que a metáfora sugerida por Devitt (2009) pode ser conduzida por pedagogias que mobilizam estratégias implícitas e explícitas, apontando para uma pedagogia interativa, a fim de possibilitar aos estudantes a aquisição de novos gêneros. Em seu argumento, a autora não desconsidera o ensino explícito, mas também não limita o ensino do gênero a uma modelagem. Prevê, antes, que como não é possível ensinar todos os gêneros, pode-se selecionar um gênero particular, que servirá como parâmetro para a produção de novos gêneros, que poderão ser tomados como antecedentes em outras aprendizagens, avançando pelas etapas da metáfora. Em suas palavras:

> Embora não possamos ensinar aos alunos um gênero específico totalmente, os gêneros que ensinamos e usamos em sala de aula podem servir como andaimes para posterior aquisição de gêneros, pois esses gêneros parcialmente aprendidos atuam como antecedentes para outros gêneros [...]. No tratamento de gêneros particulares como antecedentes para a aprendizagem de gêneros futuros, esta pedagogia muda de gênero como partícula para gêneros como onda ou processo. (DEVITT, 2009, p. 346)

Dessa maneira, consideramos que pode ser produtivo analisar essas múltiplas e complexas dimensões aplicadas ao ensino de gêneros, em especial no contexto acadêmico. Nessa perspectiva, o professor não se limitaria à mera modelagem, mas poderia explorar inclusive os recursos linguísticos em diferentes situações de comunicação.

Neste estudo, selecionamos a resenha acadêmica por considerarmos que se trata de um gênero que circula amplamente na cultura disciplinar de Letras, o que é verificável pela quantidade de resenhas publicadas nos periódicos da área. Adicionalmente, esse gênero figura como responsável por apresentar obras recém-lançadas, sob a ótica crítica de algum especialista, o que, do ponto de vista da produção, confere protagonismo ao resenhista. Por fim, se configura como um gênero prioritariamente organizado pelas tipologias textuais descritiva e argumentativa, podendo ser considerado um gênero intermediário, do ponto de vista da complexidade, em comparação com gêneros acadêmicos como o artigo científico. A produção da resenha por estudantes recém-chegados à Universidade é uma oportunidade para que eles mobilizem conhecimentos prévios e exercitem a autoria. A seguir, caracterizamos a resenha acadêmica e relatamos uma experiência de ensino com esse gênero.

5 ANALISANDO UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO EXPLÍCITO DE GÊNERO: A RESENHA ACADÊMICA

Na literatura especializada, vários estudos têm tomado como objeto o gênero resenha, a exemplo de Araújo (2009, p. 78), para quem se trata de "[...] um gênero textual que tem como objetivo social descrever e avaliar o conteúdo de um livro recentemente lançado no mercado editorial e direcionado àqueles interessados na contribuição da obra para determinado campo disciplinar". Nessa definição, identificamos um elemento para além do viés linguístico, que leva em conta o público a que se destina a obra, situando-a no tempo, uma vez que em sua função social as resenhas circulam para avaliar, recomendando ou não, obras recém-lançadas. Bezerra (2009, p. 95), por sua vez, destaca que a resenha é "um gênero socialmente representativo por transitar igualmente nos ambientes escolar e acadêmico". Sendo assim, talvez os estudantes possam recuperar situações comunicativas antecedentes em diferentes momentos na produção do gênero. De acordo com Hyland,

> [...] as resenhas são retórica e interacionalmente complexas e representam uma realização social cuidadosamente elaborada. Na maioria dos campos [...] uma boa resenha precisa não apenas oferecer uma perspectiva crítica e perspicaz, valendo-se de um conhecimento considerável do campo, mas, ao mesmo tempo, responder às demandas complexas dessa delicada situação interacional, exibindo uma consciência da expressão apropriada de elogios e críticas. (HYLAND, 2004, p. 43-44)

Apesar da sua relevância como gênero capaz de avaliar e divulgar novas publicações, a resenha é um gênero que demanda considerar aspectos organizacionais e, sobretudo, discursivos, uma vez que ela pode contribuir para promover ou desprestigiar a obra avaliada, a depender das estratégias a que o escritor recorre. No mesmo entendimento, Araújo (2009, p. 78) assevera que a resenha pode ser "um gênero ameaçador tanto para a reputação do autor da obra quanto para a comunidade disciplinar". Assim, ao ensinar os estudantes a produzirem resenhas acadêmicas, mais do que apresentar seus aspectos estruturais, parece ser necessário que sejam exploradas questões éticas e ideológicas que orbitam o gênero. Nessa empreitada, torna-se relevante que os estudantes tenham contato com exemplares reais e analisem as estratégias normalmente adotadas pelos especialistas.

Entre os estudos da resenha na perspectiva de gênero, destacamos, para os fins da experiência didática aqui relatada, o trabalho de Bezerra (2009). O autor, ao analisar resenhas produzidas por estudantes de graduação e por especialistas na área de Teologia, com base na análise de movimentos inspirada em Swales (1990), identificou as estratégias retóricas que caracterizam os textos no gênero. Como resultado de sua análise, Bezerra (2009) delineou um quadro da organização retórica da resenha acadêmica, composto por

Unidades Retóricas, equivalentes aos movimentos, e Subunidades Retóricas, correspondentes aos passos do Modelo CARS (SWALES, 1990), conforme sintetizado a seguir:

UNIDADES RETÓRICAS	SUBUNIDADES RETÓRICAS
Un 1 – INTRODUZIR A OBRA	**Sub 1** – Definindo o tópico geral **Sub 2** – Argumentando sobre a relevância da obra **Sub 3** – Informando sobre o autor **Sub 4** – Fazendo generalizações sobre o tópico **Sub 5** – Informando sobre a origem da obra **Sub 6** – Referindo-se a publicações anteriores
Un 2 – SUMARIAR A OBRA	**Sub 7** – Descrevendo a organização da obra **Sub 8** – Apresentando/discutindo o conteúdo **Sub 9** – Citando material extratextual
Un 3 – CRITICAR A OBRA	**Sub 10** – Avaliando positiva/negativamente **Sub 11** – Apontando questões editoriais
Un 4 – CONCLUIR A ANÁLISE DA OBRA	**Sub 12A** – Recomendando a obra completamente **Sub 12B** – Recomendando a obra apesar de indicar limitações **Sub 13** – Indicando leitores em potencial

Quadro 2: Organização retórica da resenha acadêmica
Fonte: Bezerra (2009, p. 104)

No quadro, identificamos as unidades e subunidades retóricas que ratificam as definições apresentadas quanto à função social da resenha. Contudo, o que o diferencia em relação a perspectivas encontradas em manuais de escrita acadêmica é o processo através do qual Bezerra (2009) identificou essas atividades linguísticas recorrentes na produção do gênero: através da análise de textos reais de uma determinada área.

5.1 ETAPAS DA ESCRITA DA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES COM O GÊNERO RESENHA ACADÊMICA

A sequência de atividades aqui relatada foi vivenciada em uma turma do primeiro período do curso de Letras, na disciplina de Leitura e Produção de Gêneros Acadêmicos, no semestre 2019.1. A disciplina prevê em sua ementa o trabalho com diferentes gêneros, dentre eles a resenha. A sequência em questão durou 4 semanas, com encontros de 3h/aula cada. As atividades constituíram parte do processo de avaliação da unidade, conforme acordado entre docente e discentes. A professora da disciplina havia exposto o conceito de leitura, discutindo dados da pesquisa Retratos da Leitura do Brasil[2] e, na continuidade, questionou se os estudantes eram leitores/as ou não[3]. Como a maioria afirmou que era leitor/a, a docente solicitou que eles indicassem, oralmente, um livro e justificassem essa indicação. Alguns estudantes participaram da atividade em classe e a docente pediu que refletissem sobre o que fizeram linguisticamente ao indicar o livro, isto é, que informações citaram, e anotou no quadro conforme os estudantes apontaram (título da obra, nome do autor, resumo da história, razão por que indicaram). Ao final, a docente solicitou que os estudantes produzissem um texto escrito com essa indicação, para entregar na aula seguinte. Nessa etapa, não se nomeou o gênero, nem foram apresentados modelos ou exemplos de resenhas. Apesar disso, ao final, alguns poucos estudantes reconheceram o gênero, perguntando se era para produzir uma resenha, ao que foi sinalizado positivamente.

Na segunda semana, os estudantes entregaram essa primeira produção, a que chamamos de produção livre, e na sequência foram distribuídos pela docente dois textos, referentes a resenhas publicadas em periódicos da área de Letras. As resenhas foram lidas e analisadas conjuntamente na classe e foram levantadas questões como: Que gênero era esse? Qual a função desse gênero? Como era a linguagem nesses textos? Em que trechos eles observavam as características do livro? Quem eram os autores das resenhas? Em que trechos era possível reconhecer a opinião do autor? Que tipologias textuais eram predominantes no texto? A docente indagou se a resenha havia despertado neles a curiosidade pela leitura do livro indicado, entre outros questionamentos. Após essa análise, a professora sintetizou e discutiu as características do gênero resenha a partir de uma apresentação de *slides,* com base no capítulo de

[2] Informações sobre a pesquisa se encontram no site do Instituto Pró-Livro (https://prolivro.org.br).

[3] Conforme a pesquisa referida acima, é considerado leitor "aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses".

Motta-Roth e Hendges (2010) sobre resenha acadêmica. O capítulo foi sugerido para leitura, os estudantes receberam orientações sobre a organização e a formatação do texto e foi solicitada uma segunda produção, desta vez baseada no que havia sido discutido naquela aula. Essa segunda produção era a resenha de um trabalho científico indicado pela docente.

Na terceira semana, a produção livre foi devolvida com as correções/sugestões individuais feitas pela professora, seguida de comentário geral sobre as produções. Nessa aula, os alunos entregaram a primeira versão da resenha acadêmica (segunda produção). Após esse momento, a professora apresentou o roteiro de produção de resenhas, baseado na descrição sociorretórica de Bezerra (2009), explicando sua origem e a intenção de que servisse como uma sistematização do gênero baseada em textos reais. Em seguida, foi proposta uma atividade de reconhecimento de unidades e subunidades retóricas, corrigida coletivamente, utilizando os textos das duas resenhas analisadas anteriormente.

Na quarta semana, a primeira versão da resenha foi devolvida aos estudantes com as devidas correções e sugestões, seguida de um comentário de apreciação geral da docente e de momento para esclarecimento de dúvidas. Nesse dia, a docente solicitou que eles reescrevessem sua resenha, a partir do *feedback* dado e que entregassem, na aula seguinte, todas as versões anexadas para a avaliação, finalizando a sequência de atividades.

Para esta pesquisa, tomamos como *corpus* 30 resenhas escolhidas aleatoriamente dentre as produções dos estudantes que participaram das três etapas do estudo dentro dos prazos estabelecidos, sendo 10 exemplos de cada etapa descrita anteriormente: 10 resenhas (produções livres) de um livro literário já lido; 10 resenhas acadêmicas de capítulo de livro indicado pela professora; 10 textos de refacção desta última versão. No intuito de facilitar o reconhecimento e a organização dos textos, optamos por denominar a primeira versão de Resenha Livre (RL), tendo em vista que todas foram produzidas com base em textos literários; a segunda versão denominamos Resenha Acadêmica I (RACI) e a versão de reescrita, Resenha Acadêmica II (RACII).

Recuperando a proposta de Devitt (2009), sistematizada no Quadro 3 a seguir, avaliamos que a sequência de atividades desenvolvida prioriza a perspectiva de ensino da resenha como partícula, visto que objetiva a apreensão desse gênero particular pelos estudantes. Essa ênfase se deve principalmente ao tempo limitado para o desenvolvimento da proposta.

Ensino de gêneros como partículas/coisas: Gêneros específicos	**Ensino de gêneros como onda/processos: Gêneros antecedentes**	**Ensino de gêneros como campos/contextos: Consciência crítica de gêneros**
Objetivo: aprender a escrever gêneros particulares.	Objetivo: aprender como construir a partir de gêneros anteriores quando aprende novos gêneros.	Objetivo: aprender a criticar e modificar gêneros existentes.
Partículas/Coisas: Escolha da resenha acadêmica por esta se configurar como um dos gêneros relevantes na cultura disciplinar de Letras e possibilitar ao estudante recém-chegado à Universidade a experiência de produção escrita no contexto acadêmico.	**Partículas/Coisas:** Em sua produção, o estudante recupera gêneros que compartilham características da resenha (organização, linguagem, tipologia textual).	**Partículas/Coisas:** Elementos que colaboram para o desenvolvimento da consciência crítica a partir da produção da resenha acadêmica são os indícios de autoria que explicitam o posicionamento do estudante-autor e a criatividade na exploração das potencialidades do gênero.
Situar a resenha acadêmica em conjunto com outras práticas (inclusive da oralidade) e produzir diferentes tipos e versões de resenhas, possibilitando o contato contextualizado com o gênero.	Os gêneros antecedentes potenciais que podem ser mobilizados pelos estudantes na construção da resenha são o resumo, o comentário e outros tipos de resenha (literária, fílmica).	A resenha pode colaborar para o desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes ao exigir um componente avaliativo, que deve ser aliado à análise e à argumentação sobre a obra resenhada; e uma reflexão sobre ética e questões de

		poder, ao selecionar estratégias para avaliar respeitosamente as obras de outros profissionais.
Explorar a organização sociorretórica da resenha permite conhecer os componentes do gênero, associando as possíveis estratégias aos seus propósitos comunicativos.		Analisar e comparar exemplares de resenhas reais aprovadas pelos pares e que circulam em periódicos permite uma visão mais realista do gênero, com vistas ao desenvolvimento da consciência crítica.

Quadro 3: Aplicação da proposta de Devitt (2009) ao gênero resenha
Fonte: Elaboração dos autores

Apesar de a sequência ter privilegiado a perspectiva de gênero como partícula, é possível vislumbrar o diálogo com as demais perspectivas, na medida em que são resgatados, ainda que não sistematicamente, em um módulo específico da sequência de atividades, os gêneros antecedentes (a exemplo de quando a docente explica que a resenha resume o conteúdo da obra, mas não se limita a essa síntese e que necessariamente deve apresentar um caráter avaliativo, com o intuito de convencer o leitor sobre o seu ponto de vista; neste ponto, ela sugere que os discentes relembrem estratégias de descrever, sumariar e argumentar apreendidas em momentos anteriores de sua formação). Além disso, também houve reflexões direcionadas ao desenvolvimento da consciência crítica (a exemplo de discussões sobre autoria e ética, relacionadas à abordagem criativa – e não mera reprodução das informações – e à necessidade de o autor da resenha explicitar o seu posicionamento, apresentando críticas de maneira cortês e respeitosa).
Vale salientar que estamos apresentando apenas uma possibilidade de abordagem, que pode ser ampliada, a depender do tempo disponível para vivenciar a sequência de atividades, de modo a relacionar de maneira significativa outros gêneros acadêmicos e potencializar as três perspectivas de ensino de gêneros (partícula, onda e campo). Na continuidade, apresentamos a análise das produções dos estudantes, com base em Bezerra (2009).

5.2 ANÁLISE DA PRIMEIRA VERSÃO DAS RESENHAS DOS ESTUDANTES (RESENHA LIVRE - RL)

A respeito desta primeira produção, em 3 textos (RL2, RL5, RL10) as informações foram organizadas em tópicos e não em parágrafos, sugerindo a ideia de que o estudante respondia a um possível roteiro implícito de perguntas e respostas (Qual o título da obra? Qual o autor? Qual a temática? Etc.), não operando na concepção de um texto único, corrido, mas estruturado em partes distintas e pontuais.

Com relação às Unidades e Subunidades Retóricas contempladas nessas resenhas, observamos que apenas 3 apresentaram as 4 Unidades previstas pelo modelo de Bezerra (2009): (1) *Introduzir a obra*; (2) *Sumariar a obra*; (3) *Criticar a obra;* e (4) *Concluir a análise da obra*. Dentre as Unidades mais recorrentes[4], estão as duas primeiras; de modo mais detalhado, verificamos que todas as resenhas desta versão contemplaram a Unidade 1, com predominância das Subunidades 3 e 5 (respectivamente, *Informando sobre o autor* e *Informando sobre a origem da obra*). Nos Exemplos 01 e 02, a seguir, retirados das produções dos estudantes, é possível visualizar a realização das Subunidades:

Exemplo 01: Informando sobre o autor (UN1SUB3):
RL1:Machado de Assis escreveu várias obras de forma que é considerado *um dos maiores escritores do Brasil*. Sendo um autor de *grande importância* para literatura, pois foi *um dos fundadores e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras*.[5]

Exemplo 02: Informando sobre a origem da obra (UN1SUB5)
RL1: O livro Helena é uma de suas obras, *publicado primeiramente em folhetos pelo Jornal o Globo em 1876*.

[4] Neste trabalho, estamos considerando recorrentes as unidades que apareceram em 50% ou mais dos textos de cada versão da resenha.

[5] A não ser que haja indicação em contrário, as partes em itálicos, nos exemplos, são destaques de nossa responsabilidade, para fins de análise.

No primeiro exemplo, percebemos que o estudante evidencia a relevância do autor, enfatizando a sua importância histórica, marcada pelo uso de expressões destacadas em itálico. Essa estratégia pode ter sido utilizada para agregar ainda mais valor ao texto lido e que, possivelmente, será recomendado. No segundo exemplo, o autor da resenha destaca que a obra foi publicada em "folhetos", antes de receber o formato de livro. Conforme podemos depreender, o estudante demonstra reconhecer a importância de situar a obra historicamente a fim de validar o seu valor na literatura.

Ainda sobre as estratégias recorrentes nesta versão, em nove resenhas os estudantes utilizaram a Unidade 2, com predominância da Subunidade 8 (*Apresentando/discutindo o conteúdo*). As Unidades 3 e 4 também foram contempladas, respectivamente, em 5 e 6 resenhas, das 10 totais. Neste ponto, em que há o espaço para que o estudante avalie a obra apresentando seu ponto de vista, percebeu-se que a crítica realizada é sempre positiva (Subunidade 10) e a obra é recomendada sem restrições (Subunidade 12A). Os exemplos 03, 04 e 05 a seguir contemplam as realizações das Subunidades recorrentes:

Exemplo 03: Apresentando/discutindo o conteúdo (UN2SUB8)
RL3: *O livro fala sobre* um garoto chamado Bruno, cujo qual vivia em Berlim, que surpreendido ao ver sua empregada arrumando as malas, vai perguntar a sua mãe o que estava acontecendo. [...]

Exemplo 04: Avaliando positiva/negativamente (UN3SUB10)
RL6: Apesar da forte realidade árdua transmitida na narrativa, *a sua escrita é carregada por uma linguagem culta* ao mesmo tempo em que se mistura com *uma linguagem regional, fazendo de suas abordagens acessíveis para o público leitor* ao modo em que *sua leitura se torna fluida, prazerosa e rápida*.

Exemplo 05: Recomendando a obra completamente (UN4SUB12A)
RL2: *Essa obra é muito indicada para* pessoas que encontram-se assim, que procuram uma forma de vencer esses obstáculos, [...] *Este livro é indicado principalmente para* o público que deseja realizar seus sonhos [...]

No Exemplo 03, o autor retoma o conteúdo da obra, de modo a apresentar um resumo dos principais fatos para o leitor. Tal característica foi recorrente não somente nesta versão, o que nos permite supor que os estudantes compreendem a importância de se remeterem ao conteúdo original da obra como estratégia fundamental desse gênero. Já no Exemplo 04, é possível perceber que o estudante mobiliza variados recursos para compor elogios à obra, ou seja, para marcar uma avaliação positiva sobre ela. Ele/a opina sobre a natureza da obra, a linguagem utilizada e, consequentemente, sobre o que essa narrativa pode proporcionar ao leitor, conforme podem ser confirmados nos trechos em itálicos. Por fim, no Exemplo 05, observamos que, além de sugerir a leitura da obra, o estudante explicita uma Subunidade relacionada à recomendação da obra, que é a indicação a leitores em potencial (Un4Sub13), no entanto esta é feita de modo vago e parece associada à um estado psicológico do leitor e não vinculada propriamente a um interesse sobre a temática do livro.

De maneira geral, consideramos que, por apresentar uma temática literária ou fílmica, esta versão da resenha teve características específicas, levando-nos a refletir sobre como fatores como o tema interferem na própria composição dos textos. Nesse sentido, parte dos exemplares desta versão apresentavam fortes inspirações na linguagem e nas informações de modelos de resenha deste tipo disponíveis em sites da internet.

5.3 ANÁLISE DA PRIMEIRA VERSÃO DA RESENHA ACADÊMICA (RACI)

Nesta primeira versão da resenha acadêmica também recebemos textos com as informações topicalizadas, para nossa surpresa, produzidas por estudantes diferentes dos que organizaram desta maneira a resenha livre (RACI1, RACI4, RACI6 E RACI9). A nossa hipótese é de que, diferentemente da RL, em que os estudantes puderam escolher qual obra resenhar, de forma que dominavam o assunto e puderam se basear em outras resenhas disponíveis na internet sobre esses mesmos filmes ou livros literários, eles sentiram mais dificuldade para produzir a resenha acadêmica devido ao processo de apropriação do conteúdo, da organização e da linguagem do artigo científico a ser resenhado.

Apesar disso, houve um pequeno aumento das resenhas que contemplavam as 4 Unidades previstas pelo modelo de Bezerra (2009), bem como um acréscimo nas Subunidades, de modo que, se na RL as Unidades apresentavam apenas uma estratégia retórica, nesta versão a maior parte dos textos contemplou mais de uma Subunidade, diversificando e ampliando a produção do estudante, a exemplo da RACI1, RACI5, RACI10 que trazem todas as Unidades e, em duas delas, aparecem pelo menos, duas Subunidades.

Além disso, a Subunidade 7, que havia aparecido em apenas 3 das RL, foi encontrada em 8 resenhas dessa primeira versão. Um outro indício dessa ampliação é que a Unidade 3 (*Criticar a obra*), que anteriormente foi utilizada em 5 resenhas, nesta versão ocorreu em 7 textos. De modo semelhante, a Unidade 4 (*Concluir a análise da obra*), com 6 ocorrências na RL, foi realizada em 7 resenhas desta versão. Selecionamos alguns exemplos de ocorrências recorrentes nesta versão, a fim de compará-los com os da RL. No Exemplo 06 a seguir é possível observar a realização da Subunidade 7, que se tornou recorrente na RACI, e da Subunidade 8:

Exemplo 06: Descrevendo a organização da obra (UN2SUB7) e Apresentando/discutindo o conteúdo (UN2SUB8)
RACI7: *Organizado em* 17 páginas, *o texto aborda, a princípio* [...]. *Os autores ainda destacam* [...]. *Os autores aprofundam* [...]. *No final,* dão suas considerações finais sobre o trabalho *e apresentam* as referências bibliográficas [...].

Neste trecho, o estudante apresenta a organização do texto, desde a quantidade de páginas, de modo a dedicar vários parágrafos da resenha para a descrição do que os autores trazem ao longo do texto até chegarem às referências. Dentre as estratégias linguísticas mobilizadas para realizar essa Subunidade, destacamos os marcadores "a princípio", "ainda" e "no final", os quais contribuem para uma descrição sequencial da organização do texto resenhado. À medida que o autor descreve a estrutura do trabalho, ele também explora o conteúdo do artigo original, descrevendo-o, de modo a realizar a Subunidade 8, que foi recorrente porque apareceu em todas as resenhas desta versão. A seguir, apresentamos mais duas Subunidades recorrentes:

Exemplo 07: Avaliando positiva/negativamente (UN3SUB10)
RACI1: O artigo resenhado destaca-se por procurar *explicar bem* esse assunto, [...]. Trata-se de uma *leitura bastante interessante*, na qual os autores apresentam *visões esclarecedoras* sobre o assunto [...]. A abordagem apresentada pelos autores é *muito relevante* pois apresenta uma *explicação bastante esclarecedora*.

Exemplo 8: Indicando leitores em potencial (UN4SUB13)
RACI3: [...] a leitura do mesmo é recomendada para estudantes da área de Letras, pois [...].

Assim como no RL, a Subunidade 10 também foi recorrente nesta versão e pode ser visualizada no Exemplo 07. Neste trecho, fica evidente uma sequência de elogios à obra a respeito da forma como o assunto é abordado pelos autores. Além disso, a avaliação aparece já no segundo parágrafo e é retomada no último. Disso, podemos concluir que a avaliação parece ter sido compreendida como elemento relevante para o cumprimento dos propósitos do gênero, já que apareceu em 7 das 10 resenhas desta versão. Já no exemplo 08, visualizamos outra estratégia que se tornou recorrente na RACI, que foi a Subunidade 13. Diferentemente do que aconteceu em textos da RL, em que a indicação do público-alvo foi realizada de maneira imprecisa (conforme Exemplo 05), nesta resenha, assim como outras 6 do nosso *corpus*, é mencionado um perfil específico de público ao qual seria recomendada a leitura do artigo (como os estudantes de Letras).

5.4 ANÁLISE DA REESCRITA DA RESENHA ACADÊMICA (RACII) E COMPARAÇÃO DAS VERSÕES

Nesta terceira etapa, que contemplou a refacção da resenha acadêmica, orientada pelos comentários da docente em cada um dos textos, não houve nenhuma produção topicalizada, ou seja, as 10 resenhas acadêmicas desta versão estavam organizadas em parágrafos. Além disso, um maior número de produções contemplou as 4 Unidades do gênero em comparação às versões anteriores (6 resenhas), apresentando pelo menos uma Subunidade em cada uma. Das 4 resenhas em que faltou alguma Unidade, em 3 delas os/as autores/as não utilizaram estratégias da Unidade 3 (*Criticar a obra*), sinalizando para uma dificuldade em avaliar o texto resenhado. O Quadro 4 sintetiza as ocorrências das Subunidades nas diferentes versões das resenhas:

UN	SUB	RL	RACI	RACII
UN1 Introduzir a obra	**Sub1** Definindo o tópico geral		2	7
	Sub2 Argumentando sobre a relevância da obra	2		1
	Sub3 Informando sobre o autor	7	5	4
	Sub4 Fazendo generalizações sobre o tópico		1	2
	Sub5 Informando sobre a origem da obra	5	2	1
	Sub6 Referindo-se a publicações anteriores	1		
UN2 Sumariar a obra	**Sub7** Descrever a organização da obra	3	8	8
	Sub8 Apresentando/discutindo o conteúdo	9	10	10
	Sub9 Citando material extratextual			
UN3 Criticar a obra	**Sub10** Avaliando positiva/negativamente	5	7	7
	Sub11 Apontando questões editoriais			
UN4 Concluir análise da obra	**Sub12A** Recomendando a obra completamente	5	1	7
	Sub12B Recomendando a obra apesar de indicar limitações	1		
	SUB13 Indicando leitores em potencial	1	7	9

Quadro 4: Recorrência das unidades e subunidades retóricas nas três versões[6]

Fonte: Elaboração dos autores

A partir da observação do Quadro 4, é possível afirmar, em concordância com os resultados apresentados por Bezerra (2009), que os estudantes, diferentemente dos especialistas, não fazem menção a material extratextual. Tal fato nos leva ao pressuposto de que ser estudante de graduação, quer em Letras ou em Teologia, pode representar uma certa insegurança para agir dialogicamente na relação com outros textos e outros autores a fim de fortalecer a discussão sobre a obra no seu contexto. Além disso, eles também não mencionam questões editoriais, tendo em vista que, a priori, tal atividade poderia requerer um olhar descentrado do conteúdo e com ênfase a aspectos paratextuais, como capa, edição, tipo de impressão e de letra, entre outros.

Outra estratégia não recorrente nos textos dos estudantes de Letras foi a crítica em relação às possíveis limitações da obra, semelhantemente ao que também já havia apontado a pesquisa de Bezerra (2009). Isso ocorreu, em nossa avaliação, porque o estudante ainda não se vê provido de conhecimento legitimado para tecer comentários negativos sobre a obra elaborada por especialistas. Disso decorre uma tendência em se fazer avaliações sempre positivas quanto ao conteúdo, com palavras elogiosas e que, por vezes, se repetem quando fazem a recomendação, como pudemos observar no Exemplo 07, anteriormente. Além disso, cada versão apresentou uma organização retórica diferenciada, quando comparadas as estratégias recorrentes selecionadas pelos estudantes, conforme sistematizado no Quadro 5:

RL	RACI	RACII
Un1: Sub3 Sub5 **Un2:** Sub8 **Un3:** Sub10 **Un4:** Sub 12A	**Un1:** Sub3 **Un2:** Sub7 Sub8 **Un3:** Sub10 **Un4:** Sub13	**Un1:** Sub1 **Un2:** Sub7 Sub8 **Un3:** Sub10 **Un4:** Sub12A Sub13

Quadro 5: Organização retórica das diferentes versões da resenha

Fonte: Elaboração dos autores

A respeito desta variação na organização das resenhas em suas diferentes versões, podemos considerar que os estudantes elegeram diferentes maneiras de realizar as unidades, aspecto que já é previsto no modelo, que descreve as Subunidades como opcionais. No

[6] Legenda das cores: a cor vermelha indica Subunidades que não foram contempladas nas resenhas; a cor amarela indica as Subunidades que ocorreram nos textos, mas com baixa frequência (menos de 50%); e a cor verde indica as Subunidades que apresentaram recorrência igual ou superior a 50% nos textos analisados.

entanto, apesar da flexibilidade esperada, alguns movimentos permaneceram recorrentes em todas as versões, a exemplo das Subunidades 8 e 10 (*Apresentando/discutindo o conteúdo* e *Avaliando positiva/negativamente*), de modo a enfatizar o que parecem ser as duas ações retóricas essenciais do gênero resenha: descrever e criticar uma obra.

De maneira geral, comparando as diferentes versões das resenhas dos/das estudantes, pudemos identificar três movimentos em suas produções: (1) os casos que apresentaram avanço progressivo entre uma versão e outra; (2) os casos que apresentaram avanços, mas de maneira oscilante em cada versão e (3) os casos que apresentaram dificuldades para incorporar as orientações nas diferentes versões. No primeiro grupo, destacamos os estudantes 2 e 8, em cujas produções foi possível verificar o refinamento do texto, apresentando em sua versão final uma resenha mais próxima da prototípica e contemplando todas as Unidades (inclusive com mais de uma Subunidade em algumas delas). Para os estudantes deste grupo, o ensino explícito do gênero parece ter sido mais produtivo, visto que permitiu que se apropriassem dele de maneira satisfatória em um curto período. O Quadro 6 representa o avanço na organização retórica do estudante 8:

RL	RACI	RACII
Un1: Sub5 **Un2:** Sub8 **Un3:** --- **Un4:** ---	**Un1:** --- **Un2:** Sub7; Sub8 **Un3:** Sub10 **Un4:** Sub13	**Un1:** Sub1; Sub2 **Un2:** Sub7; Sub8 **Un3:** Sub10 **Un4:** Sub13

Quadro 6: Unidades e subunidades nas produções do estudante 8
Fonte: Elaboração dos autores

No segundo grupo, identificamos a maior parte dos estudantes: 1, 3, 4, 5, 6, 9 e 10, os quais, na comparação das versões de suas resenhas, apresentam avanços relativos, na medida em que ou incorporam parcialmente as orientações ou deixam de realizar uma estratégia aparentemente apreendida nas produções anteriores. Isso aconteceu, por exemplo, com os estudantes que topicalizam a primeira versão da resenha acadêmica, embora na versão livre tivessem produzido um texto organizado em parágrafos, e/ou com aqueles que deixaram de contemplar uma Unidade, ainda que nas versões anteriores ela tenha sido utilizada. No Quadro 7, podemos ver uma representação da evolução da organização retórica das resenhas do estudante 01:

RL	RACI	RACII
Un1: Sub3; Sub5 **Un2:** Sub8 **Un3:** Sub10 **Un4:** Sub12A	**Informações em tópicos** **Un1:** Sub3 **Un2:** Sub7; Sub8 **Un3:** Sub10 **Un4:** ---	**Un1:** Sub1; Sub3 **Un2:** Sub7; Sub8 **Un3:** Sub10 **Un4:** Sub13

Quadro 7: Unidades e subunidades nas produções do estudante 01
Fonte: Elaboração dos autores

Em nossa visão, essa oscilação faz parte do processo de produção escrita, em especial quando realizada em gêneros e contextos ainda pouco familiares aos escritores. Aparentemente, para obter resultados mais positivos, seria necessário um maior investimento de tempo e atividades para consolidar os conhecimentos adquiridos a partir do ensino explícito do gênero resenha acadêmica.

RL	RACI	RACII
Un1: Sub3; Sub5. Sub6 **Un2:** Sub8 **Un3:** --- **Un4:** ---	**Un1:** Sub1 **Un2:** Sub7; Sub8 **Un3:** --- **Un4:** Sub13	**Un1:** Sub1; **Un2:** Sub7; Sub8 **Un3:** --- **Un4:** Sub13

Quadro 8: Unidades e subunidades nas produções do estudante 07
Fonte: Elaboração dos autores

Por fim, no terceiro grupo elencamos o estudante 7 como o que apresentou dificuldades significativas para incorporar as orientações para produção das resenhas em suas diferentes versões. Neste caso, além de utilizar menos Subunidades da Unidade 1 nas versões de resenha acadêmica, ele não mobiliza, em nenhuma das suas três produções, estratégias da Unidade 3 (*Criticar a obra*), conforme o Quadro 8, de modo que o seu texto apresenta um teor majoritariamente descritivo, uma espécie de resumo, sem que o estudante explicite a avaliação e a possível recomendação da obra, como esperado em uma resenha. Nesse sentido, o ensino explícito não trouxe o resultado esperado, o que nos faz refletir sobre os diferentes impactos para diferentes estudantes, bem como sobre a necessidade de diversificação de abordagens pedagógicas, a fim de possibilitar uma apropriação satisfatória que alcance todos os/as estudantes com vistas ao desenvolvimento efetivo do seu letramento acadêmico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi relatar uma experiência que privilegiou as estratégias de ensino explícito do gênero resenha acadêmica realizada com estudantes do primeiro período do curso de Licenciatura em Letras e analisar as possíveis implicações desse ensino em três versões produzidas por um grupo de 10 estudantes. Considerando que as três versões apresentam variações entre uma e outra, pudemos perceber que os estudantes respondem retoricamente de forma distinta, se considerarmos as Unidades e Subunidades mobilizadas. Essa flexibilidade já estava prevista no modelo CARS de Swales e nos demais que se originaram a partir dele, seguindo o método da análise de movimentos.

Em quase todos os textos, aparecem os quatro movimentos identificados por Bezerra (2009), de modo que as características da cultura disciplinar de Letras parecem convergir com as de Teologia, a exemplo da coincidência das Unidades não realizadas nos textos dos estudantes. Além disso, há Subunidades que aparecem em todas as versões, identificadas em 50% ou mais dos textos, dentre as quais destacamos: **a)** Un1Sub3, na medida em que grande parte dos textos traz informações sobre os autores; **b**) Un2Sub8, visto que apenas um dos textos não discute o conteúdo da obra; esse número pode se justificar pelo fato de o estudante ter compreendido a necessidade de enfocar o conteúdo da obra analisada em sua resenha; **c)** Un3Sub10, pois 17 textos, incluindo-se as três versões, avaliam – positivamente – o conteúdo da obra resenhada; **d)** Un4Sub13, tendo em vista que 17 dos textos realizam uma recomendação de leitura para públicos específicos.

Em linhas gerais, percebemos que, de uma versão a outra, os estudantes ampliam ou, ao menos, refletem sobre as escolhas que fazem a fim de atender ao que a professora recomenda. Percebemos que após a recomendação da professora para a refacção, muitos reveem questões estruturais, tendo em vista que nas duas primeiras versões aparece uma tendência a apresentar os elementos em tópicos, além de revisarem questões mais voltadas ao conteúdo. Tais escolhas apontam para uma produção final que sinaliza uma maior compreensão da necessidade de explorar os quatro eixos principais da resenha acadêmica: situar a autoria da obra, sintetizar o conteúdo, avaliar tal conteúdo e, por fim, recomendá-lo a leitores específicos. Neste ponto, é importante reiterar a necessidade de trabalhar a reescrita com os estudantes. Percebemos que atividades envolvendo a reflexão sobre a própria escrita e sua compreensão como um processo, aliadas ao *feedback* do/a docente, são de grande valia para a apreensão dos letramentos acadêmicos.

Foi possível observar, ainda, que os estudantes, como membros iniciantes da comunidade acadêmica, tentam reproduzir, nas versões da resenha acadêmica, uma linguagem mais culta e impessoal, além de respeitarem a convencionalidade do gênero, sendo menos criativos em sua realização. Adicionalmente, recorrem a uma polidez excessiva, representada pelo tom elogioso, a fim de preservar a sua face, evitando críticas ao texto resenhado.

A análise dos resultados identificados até aqui ratifica não somente a importância do ensino explícito desse gênero acadêmico, mas a necessidade de ampliação proposta pela metáfora de Devitt (2009), em que as abordagens de gênero como partícula, onda e campo possam dialogar. De toda forma, acreditamos que foi uma experiência produtiva pois ainda que os estudantes recuperem o que já conhecem do gênero (em especial, conhecimentos anteriores sobre a resenha literária), as orientações explícitas apresentadas pela professora viabilizaram a produção de textos que atenderam mais adequadamente aos propósitos do gênero resenha dentro desse novo contexto, na cultura disciplinar de que o estudante começa a participar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. D. O gênero resenha acadêmica: organização retórica e sinalização lexical. *In*: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C; SOUSA, S. C. T. (org.). *Gêneros textuais e comunidades discursivas:* um diálogo com John Swales. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 77-115.

ARAÚJO, C. M.; BEZERRA, B. G. Letramentos acadêmicos: leitura e escrita de gêneros acadêmicos no primeiro ano do curso de Letras. *Diálogos:* Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade, v. 9, p. 5-37, 2013.

BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. *Gênero*: história, teoria, pesquisa, ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAZERMAN, C. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. *In*: BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação.* São Paulo: Cortez, 2005. p. 19-46.

BAZERMAN, C. *Retórica da ação letrada*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BERKENKOTTER, C.; HUCKIN, T. *Genre knowledge in disciplinary communication:* cognition, culture, power. Hillsdale, New Jersey: LEA, 1995.

BERNARDINO, C. G.; VALENTIM, D. L. O gênero artigo acadêmico e a cultura disciplinar da área do direito: as primícias de uma análise sociorretórica. *RevLet*: Revista Virtual de Letras, v. 8, p. 122-141, 2016.

BEZERRA, B. G. A resenha acadêmica em uso por autores proficientes e iniciantes. *In*: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. C. T. (org.). *Gêneros textuais e comunidades discursivas*: um diálogo com John Swales. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 95-115.

BEZERRA, B. G. Gêneros acadêmicos em cursos de especialização: conjunto ou colônia de gêneros. *RBLA*, Belo Horizonte, v.12, n.3, p. 443-461, 2012.

BEZERRA, B. G. Letramentos acadêmicos e construção da identidade: a produção do artigo científico por alunos de graduação. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 15, n. 1, p. 61-76, jan./abr. 2015.

BEZERRA, B. G. *Gêneros no contexto brasileiro:* questões (meta)teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola, 2017.

BHATIA, V. K. *Analysing genre*: language use in professional settings. London: Longman, 1993.

BHATIA, V. K. *Worlds of written discourse*: a genre-based view. London: Continuum, 2004.

BHATIA, V. K. Análise de gêneros hoje. *In*: BEZERRA, Benedito G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (org.). *Gêneros e sequências textuais.* Recife: EDUPE, 2009. p. 159-195.

COSTA, L. R. S. *Culturas disciplinares e artigos acadêmicos experimentais:* um estudo comparativo da descrição sociorretórica. 2015. 243 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

COTOS, E.; HUFFMAN, S.; LINK, S. Furthering and applying move/step constructs: technology-driven marshalling of Swalesian genre theory for EAP pedagogy. *Journal of English for Academic Purposes*, n. 19, p. 52-72, 2015.

CRISTOVÃO, V. L. L.; ARTEMEVA, N. Towards a hybrid approach to genre teaching: comparing the Swiss and Brazilian schools of socio-discursive interactionism and rhetorical genre studies. *Diálogo das Letras*, v. 7, n. 2, p. 101 - 120, 2018.

DEVITT, A. *Writing genres.* Carbondale: Southern Illinois University Press, 2004.

DEVITT, A. Teaching critical genre awareness. *In*: BAZERMAN, C.; BONINI, A.; FIGUEIREDO, D. *Genre in a Changing World.* Fort Collins, Colorado: The WAC Clearinghouse; West Lafayette, Indiana: Parlor Press, 2009. p. 337-351.

FISCHER, A.; HOCHSPRUNG, V. Prática de escrita na universidade: a perspectiva dos letramentos acadêmicos sobre produções de estudantes de Letras. *Miguilim*: Revista Eletrônica do NETLLI, v. 6, p. 44-66, 2017.

FREEDMAN, A. 'Do as I say': the relationship between teaching and learning new genres. *In*: FREEDMAN, A. MEDWAY, P. (ed.). *Genre and the new rhetoric:* critical perspectives on literacy and education. London/New York: Taylor & Francis, 1994. p. 161-177.

HYLAND, K. *Disciplinary discourse:* social interactions in academic writing. Singapore: Pearson Education, 2004.

LEA, M; STREET, B. The "academic literacies" model: theory and applications. *Theory into practice,* v. 45, n. 4, p. 368-377, 2006.

LÊDO, A. C. O. *Letramentos acadêmicos:* práticas e eventos de letramento na Educação a Distância. 2013. 155 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

MARTIN, J. R. One of three traditions: genre, functional linguistics, and the "Sydney School". *In*: ARTEMEVA, N.; FREEDMAN, A. (ed.). *Genre studies around the globe*: beyond the three traditions. Inkshed pubications, 2015. p. 31-79.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Genre relations*: mapping culture. London: Equinox, 2008.

MILLER, C. R. Gênero como ação social. *In*: MILLER, C. R. *Gênero textual, agência e tecnologia*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009. p. 21-44.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. *Produção textual na universidade.* São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

OLIVEIRA, F. V. A. *A organização retórica da seção de considerações finais do gênero monografia em comunidades disciplinares distintas.* 2016. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

PACHECO, J. T. S.; ABREU, N. O.; BERNARDINO, C. G. Culturas disciplinares: influências na produção do gênero artigo acadêmico. *Linguagem em Foco*, v. 10, p. 71-82, 2018.

PEREIRA, R. C. M. (org.). *Escrita na universidade:* panoramas e desafios na América Latina. João Pessoa: Ed. UFPB, 2018.

REINALDO, M. A.; BEZERRA, M. A. Gêneros textuais como prática social e seu ensino. *In*: REINALDO, M. A.; MARCUSCHI, B.; DIONÍSIO, A. (org.). *Gêneros textuais:* práticas de pesquisa e práticas de ensino. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012. p. 73-96.

ROSE, D. Genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School. *In*: ARTEMEVA, N.; FREEDMAN, A. (ed.). *Genre studies around the globe*: beyond the three traditions. Inkshed pubications, 2015. p. 299-338.

ROSE, D.; MARTIN, J. R. *Learning to write, writing to learn*: genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School. Sheffield, UK: Equinox, 2012.

SOUSA, E. B. *A ciência linguística e as várias culturas disciplinares no gênero projeto de pesquisa na graduação em Letras.* 2018. 498 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

STREET, B. V. Perspectivas interculturais sobre o letramento. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 8, p. 465-488, 2007.

STREET, B. V. *Letramentos sociais:* abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SWALES, J. M. *Genre analysis*: English in academic and research settings. Cambridge. Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. M. *Research genres explorations and applications.* Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

Recebido em 24/09/2020. Aceito em 23/09/2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e82729

ASPECTOS DISCURSIVOS SOBRE O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO: POR UMA PRÁTICA DE ESCRITA ARGUMENTATIVA

ASPECTOS DEL DISCURSO SOBRE OPINIÓN DE GÉNERO ARTÍCULO: PARA UNA PRÁCTICA DE ESCRITURA ARGUMENTATIVA

DISCOURSE ASPECTS ABOUT GENDER OPINION ARTICLE: FOR AN ARGUMENTATIVE WRITING PRACTICE

Eliete Correia dos Santos[*]
Wiliana de Araújo Borges[**]
Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO: Este artigo aborda as dificuldades enfrentadas por alunos do 3°ano do ensino médio em identificar e descrever as fases constitutivas de sequências argumentativas presentes na produção inicial de um artigo de opinião. Os dados coletados foram realizados antes da pandemia. A pesquisa consiste de uma análise documental e exploratória, por envolver respectivamente análise de orientação para a escrita em um manual didático e de reduzido número de produções escritas por sujeitos colaboradores. O eixo teórico para análise dos dados conta com contribuições dos estudos interacionista sociodiscursivos, particularmente os conceitos de "condições e produção de textos", "estratos do folhado textual" e "sequência argumentativa", de Bronckart (1999) e Coutinho (2013). Os resultados obtidos evidenciaram a dificuldade dos alunos em manter a sequência de fases argumentativas na produção escrita do gênero artigo de opinião.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de produção de texto. Modelo didático de gênero. Artigo de opinião.

[*] Pós-doutora em Educação Contemporânea (UFPE). Doutora em Linguística (PROLING-UFPB). Professora colaboradora (PPGLE-UFCG) e permanente (PPGFP-UEPB). Membro do grupo de pesquisa GPLEI e líder do GPAS. E-mail: professoraeliete@hotmail.com.

[**] Doutoranda (Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino – UFCG). Membro do grupo de pesquisa Arquivologia e Sociedade (GPAS) e do Grupo de Pesquisa o círculo de Bakhtin em diálogo. E-mail: wiliana.borges@aluno.uepb.edu.br.

RESUMEN: Este artículo aborda las dificultades que enfrentan los estudiantes de 3º de bachillerato para identificar y describir las fases constitutivas de las secuencias argumentativas presentes en la producción inicial de un artículo de opinión. Los datos recopilados se llevaron a cabo antes de la pandemia. La investigación consiste en un análisis documental y exploratorio, ya que implica respectivamente un análisis de la orientación para la redacción de un manual didáctico y un número reducido de producciones escritas por sujetos colaboradores. El eje teórico para el análisis de datos está representado por aportes de los estudios interaccionistas socio-discursivos, en particular los conceptos de "condiciones y producción de textos", "estratos de bocanadas textuales" y "secuencia argumentativa" Bronckart (1999) y Coutinho (2013). Los resultados obtenidos evidenciaron la dificultad de los estudiantes para mantener la secuencia de fases argumentativas en la producción escrita del género de artículos de opinión.
PALABRAS CLAVE: Enseñanza de la producción de textos. Modelo didáctico de género. Artículo de opinión.

ABSTRACT: This article addresses the difficulties faced by 3rd year high school students with regard to identifying and describing the constitutive phases of argumentative sequences present in the initial production of an opinion article. The data collected were carried out before the pandemic. The research consists of a documentary and exploratory analysis, as it involves respectively an analysis of guidance for writing in a didactic manual and a reduced number of productions written by collaborating subjects. The theoretical axis for data analysis is represented by contributions from social-discursive interactionist studies, particularly the concepts of "conditions and text production", "strata of textual puffs" and "argumentative sequence" Bronckart (1999) and Coutinho (2013). The results obtained showed the students' difficulty in maintaining the sequence of argumentative phases in the written production of the opinion article genre.
KEYWORDS: Text production teaching. Gender didactic model. Opinion article.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A aprendizagem da produção escrita é fundamental no ensino de línguas e se desenvolve progressivamente levando em consideração os aspectos afetivos, cognitivos e sociais dos sujeitos envolvidos. Muitos pesquisadores que trabalham com esta temática desejam um estudo de língua pautado na perspectiva interacionista sociodiscursiva, preocupando-se em fazer uma correlação entre os contextos físicos e sociais do sujeito que escreve e do sujeito que irá receber a mensagem, a fim de proporcionar uma interação das ideias, das informações e das intenções pretendidas. Atualmente, levando em consideração as aulas remotas, o processo de ensino da escrita está passando por uma adaptação a novas metodologias por parte dos professores, pois o suporte de trabalho para esses profissionais são os usos das novas tecnologias e não o espaço físico de sala de aula. Dessa forma, a relação dialógica estabelecida através do ambiente virtual pelos alunos ganha espaço e os sujeitos passam a interagir com os diferentes suportes expondo suas ideias e ponto de vista a respeito das questões sociais (desemprego, isolamento social, política etc.) que estão vivenciando no dia a dia.

Destarte, os gêneros textuais tornaram-se base para as discussões e análises das práticas de ensino de língua portuguesa desenvolvidas no cotidiano escolar. Não se trata de objetos adquiridos em manuais prontos e pré-definidos, mas, sim, nos processos interativos, nas atividades cotidianas do sujeito social. Para Schneuwly e Dolz (2010), os gêneros são essenciais na formação do sujeito crítico e participativo dos diversos contextos sociais. Sendo assim, a produção de um texto não é como um fenômeno estritamente linguístico, pois envolve tanto a interdisciplinaridade quanto à linguagem em funcionamento. Não diz respeito apenas ao conteúdo semântico, mas sobretudo à percepção das marcas do seu processo de produção que orienta o interlocutor da leitura na medida em que as marcas linguísticas agem como pistas para o efeito de sentido do texto. No ensino do artigo de opinião, por exemplo, deve ser contemplado o estudo da sua estrutura composicional, que é representada por uma sequência de fases argumentativas que dá sentido ao texto, constituindo-se elementos argumentativos que caracterizam o gênero.

Com base nessas discussões acerca de gênero, a ação que problematiza este estudo consiste no seguinte questionamento: quais fases da sequência argumentativa são utilizadas por alunos do 3°ano do ensino médio na situação de produção inicial de um artigo de opinião para avaliação da aprendizagem desses alunos?

Tendo em vista responder a essas indagações, o objetivo geral desta investigação é identificar e descrever as fases constitutivas de sequências argumentativas presentes na produção inicial de um artigo de opinião escrito por alunos do 3° ano do ensino médio de uma escola pública. Como objetivos específicos, pretendemos: a) identificar as dificuldades e necessidades dos alunos na construção das sequências argumentativas; e b) refletir sobre as condições necessárias para o planejamento tendo em vista a apropriação do gênero artigo de opinião pelos alunos envolvidos. O interesse por esta pesquisa associa-se à necessidade de buscar subsídios que contribuam com a qualidade da prática de escrita desenvolvida na escola pelos alunos de ensino médio. Além disso, pode ser uma alternativa de trabalho no âmbito educacional utilizada em contextos sociais e histórico específicos, como o que estamos vivendo no momento devido à pandemia do COVID-19.

2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO ARTIGO DE OPINIÃO E A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

O objeto a ensinar e a aprender, a escrita, envolve a textualização, a revisão e é produzido de acordo com as situações de comunicação que é posto em funcionamento. Essa é a perspectiva de ensino recomendada pelos PCN (BRASIL, 1998).

Uma abordagem do ensino da escrita que tem influenciado os estudos e a pesquisa no Brasil é a do interacionismo sociodiscursivo, introduzida no meio acadêmico na década de noventa do século XX, no Programa de Linguística Aplicada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) através das pesquisadoras Ana Rachel Machado e Roxane Rojo, após estágios de formação desenvolvidos com o Grupo de Genebra. A influência dos estudos dessas pesquisadoras se fez sentir na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (BRASIL, 1998), que oficializaram o ensino de Língua Portuguesa centrado nos gêneros textuais.

Um problema considerado relevante pelos estudiosos interacionistas sociodiscursivos no ensino da escrita diz respeito às condições que são oferecidas ao aprendiz tendo em vista a apropriação dos gêneros escritos. Por essa razão, suas reflexões estão orientadas para a didatização dos gêneros na escola. Para isso, partem da descrição dos gêneros com forte adesão ao aprendizado pela modelização didática do gênero a ser ensinado.

2.1 AS BASES DE ORIENTAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE TEXTOS

Neste trabalho assumimos a posição definida pelo interacionismo sociodiscursivo, mais especificamente por Jean-Paul Bronckart, para o estudo de produção de textos, a partir de noções como base de orientação e contexto de produção (BRONCKART, 1999).

Denomina-se base de orientação para produção de texto o conjunto de decisões tomadas pelo produtor para a produção de um gênero de texto. Essas decisões envolvem a mobilização de algumas de suas representações sobre dois componentes: de um lado, as representações sobre os três mundos que marcam o contexto da produção textual (a situação de interação na qual o agente produtor se encontra), e esses conhecimentos vão desempenhar um controle sobre alguns aspectos da organização do texto; de outro lado, as representações do conteúdo temático (os temas que vão ser verbalizados no texto) e vão influenciar os aspectos conceituais ou da ordem do saber manifestados pelo produtor de texto (BRONCKART, 1999).

O conteúdo temático de um texto se constitui de um conjunto de informações traduzidas por unidades declarativas da língua natural utilizada. Os conhecimentos constitutivos do conteúdo temático são representados pelo agente-produtor e podem variar de acordo com o nível de desenvolvimento do agente. Quando a ação da linguagem se manifesta através do texto, os conhecimentos são devidamente submetidos a uma reestruturação, que se subdivide em dois aspectos: a) enquanto simultâneos, organizados de um modo lógico e hierárquico, interferindo na estrutura do texto devido à sua linearidade; b) enquanto semiotizados, relacionados ao tipo de discurso em que são mobilizados e organizados nos textos nos quais a ação do agente se realiza.

Segundo Bronckart (1999), todo texto resulta de um comportamento verbal concreto, produzido por um agente situado nas coordenadas do espaço e do tempo, resultando em um ato realizado pelo contexto físico que envolve quatro parâmetros: o lugar de

produção, o momento de produção, o emissor e o receptor. A produção de um texto também se relaciona com a formação social, o lugar social, a posição social do emissor (que passa a ser chamado de enunciador) e do receptor (que passa a ser chamado de destinatário). Esse contexto de produção ilustra a dificuldade que todo agente-produtor encontra na representação dos parâmetros de interação social e em relação aos parâmetros do contexto subjetivo que são objetos de uma aprendizagem mais longa.

Os mundos ou planos de enunciação são sistemas de coordenadas formais que, de um lado, são radicalmente "outros" em relação aos sistemas de coordenadas dos mundos representados em que se desenvolvem as ações de agentes humanos, mas que, de outro, devem mostrar o tipo de relação que mantêm com esses mundos da atividade humana. Por convenção, chamaremos os mundos representados pelos agentes humanos de mundo ordinário e os mundos virtuais criados pela atividade de linguagem, de mundos discursivos. As operações de construção das coordenadas gerais que estruturam o conteúdo temático mobilizado em um texto apresentam o caráter binário: a) disjunta, coordenada separada do mundo ordinário da ação da linguagem; b) conjunta, coordenada organizadora do conteúdo temático do texto (BRONCKART, 1999).

A organização de um texto, de acordo com este autor, constitui-se por três camadas que são superpostas, a saber: a) infraestrutura geral do texto, que representa o plano mais geral do texto, devido aos tipos de discurso que são correspondentes tanto pelas modalidades de articulação entre esses tipos de discurso quanto pelas sequências (dialogal, narrativa, descritiva, expositiva e argumentativa) que nele aparecem eventualmente; b) mecanismos de textualização, que representam as marcas de estruturação do conteúdo temático, que combina tipos de discursos e, eventualmente, sequências; e c) mecanismos enunciativos, que representam o tipo de interação entre o agente-produtor e seus destinatários.

Elegemos desse modelo a estrutura composicional dos textos objeto de análise, no caso, artigos de opinião. De acordo com esse modelo, essa estrutura composicional do artigo se materializa na sequência argumentativa, cuja forma prototípica constitui-se de quatro fases: premissas, argumentos, contra-argumentos e conclusão, conforme será abordado a seguir.

2.2 O ARTIGO DE OPINIÃO E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

A escrita de um gênero se caracteriza pelas funções sociais e pela situação de comunicação, evidenciando os aspectos de linguagem a partir do texto, focando não apenas a forma ou a estrutura, mas sobretudo na coerência e na construção de sentidos.

A palavra artigo, no âmbito social, tem duas significações de natureza diferenciada: o senso comum tem uma concepção restrita, que considera o artigo de opinião apenas enquanto produto, ignorando o processo, ou seja, ele não passa de uma matéria publicada em jornal e revista; já as instituições jornalísticas o concebem como um gênero escrito por um colaborador do jornal, que geralmente é uma pessoa influente na sociedade, apresentando um determinado ponto de vista, expondo suas ideias na intenção de convencer o interlocutor (BARRETO, 2008).

Como todo processo de produção de gênero, a produção de um artigo de opinião é realizada a partir das representações do conhecimento de mundo por parte do autor, bem como de sua capacidade de identificar o que ocorre nos meios informativos, tais como: revistas, jornais ou quaisquer textos informativos, pois assim será capaz de expor suas próprias opiniões e dialogar com seu próprio texto.

Segundo Coutinho (2003, p.109), na medida em que "[...] os textos correspondem a ações de linguagem, a sua produção mobiliza a representação que o sujeito tem do contexto de ação e o seu conhecimento efetivo de diferentes gêneros – formas comunicativas elaboradas pela atividade de gerações precedentes e sincronicamente disponíveis.".

A argumentação se materializa nas diversas práticas sociais e nas situações de comunicação em que somos levados a convencer o destinatário. Aqui a linguagem utilizada tem um caráter persuasivo, evidenciado no uso de mecanismos argumentativos resultando na defesa de um ponto de vista, uma espécie de confronto das próprias opiniões de maneira justificada. Nesse sentido, o processo de construção de argumentos representa um marco que desencadeia a interação entre locutor e destinatário, consideramos três fatores fundamentais no processo de argumentação: o contexto de produção, o conhecimento que o indivíduo tem do assunto e as

estratégias mediadoras ou gerenciamento da interação entre locutor e interlocutor. Na modalidade escrita, essa caracterização ou escala sequenciada de argumentos se dá através de gêneros específicos para essa finalidade, como o gênero artigo de opinião.

Tomamos como base para o estudo da argumentação no artigo de opinião a noção de sequência argumentativa de Bronckart (1999) e Coutinho (2003), segundo a qual o processo de construção de argumentos representa um marco que desencadeia a interação entre locutor e interlocutor. Consideramos três fatores fundamentais no processo de argumentação: o contexto de produção, o conhecimento que o indivíduo tem do assunto as estratégias mediadoras ou gerenciamento da interação entre locutor e interlocutor.

2.3 A SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA, SUA ORGANIZAÇÃO E IMPORTÂNCIA PARA O ENSINO

A argumentação se materializa nas diversas práticas sociais e nas situações de comunicação em que somos levados a argumentar. Nesse sentido, a linguagem utilizada tem um caráter persuasivo que se propõe convencer o outro, fazendo uso de mecanismos argumentativos resultando na defesa de um ponto de vista, uma espécie de confronto das próprias opiniões de maneira justificada.

> A sequência argumentativa de um texto apresenta-se sob quatro fases: a) Premissas, que apresenta a constatação inicial; b) Argumentos, fase de apresentação de elementos que indicam persuasão assegurados de exemplos, especificações, regras gerais, etc. c) Contra-argumentos, fase em que esses elementos operam uma restrição em relação à orientação argumentativa; d) Conclusão, fase que correlaciona os efeitos dos argumentos e dos contra-argumentos. (BRONCKART, 1999, p. 226-227)

Essa descrição das fases da sequência argumentativa está também contemplada em Coutinho (2003) que explicita o processo de funcionamento dessas fases nos seguintes termos: A sequência argumentativa se caracteriza, basicamente, pela relação entre argumentos e conclusão- assumindo um enunciado um destes papéis, a posteriori, relativamente ao outro termo da relação. Para este funcionamento é ainda essencial um mecanismo que permita passar dos argumentos (premissas ou dados) à conclusão; esse mecanismo corresponde normalmente a uma inferência (que dispensa a introdução de outros dados), funcionando com base num princípio geral.

Assim, o ensino da argumentação através do artigo de opinião pode ser indicado como uma forma de contribuir para o desenvolvimento da competência argumentativa dos alunos. É necessário refletir sobre os modos de criação de argumentação, propiciando as condições de desenvolvimento dos saberes dos alunos. Em outras palavras, deve-se favorecer as bases para a orientação de produção desse gênero, contemplando a ampliação do conhecimento sobre o tema e sobre a forma de organização do texto desse gênero.

A principal razão para que esta prática de ensino seja bem orientada no contexto escolar é a de que o artigo de opinião é um gênero utilizado como uma forma dos alunos se posicionarem acerca de um determinado assunto ou defesa de um ponto de vista. Esse gênero tem uma forte influência na mídia, o que favorece ainda mais o trabalho em sala de aula, permitindo ao aluno o desenvolvimento da competência argumentativa, dando-lhe maior liberdade de expressão e maior autonomia frente aos diversos temas que circulam na sociedade. No caso do presente estudo, o tema escolhido para ser trabalhado como conteúdo temático das produções em análise foi a maioridade penal, já que vinha sendo objeto de discussão em sala de aula naquele bimestre letivo.

3 AS PRODUÇÕES ESCRITAS PELOS ALUNOS: DESCRIÇÃO DAS FASES ARGUMENTATIVAS

As produções analisadas para esta pesquisa foram extraídas de uma turma de 3º ano do ensino médio de uma escola pública do agreste Paraibano. A escola comporta cerca 500 alunos. A turma em observação tinha 33 alunos, sendo 90% de zona rural e 10% de zona urbana. A professora de língua portuguesa da turma solicitou a produção do gênero artigo de opinião[2] e ela já havia discutido

[2] A pesquisa foi realizada antes da pandemia de Covid-19.

com a turma sobre a produção do gênero apontando os principais critérios de elaboração bem como sua principal função. O tema do artigo era *A maioridade penal*.

O levantamento das fases argumentativas nas produções dos alunos pesquisados permitiu-nos verificar as suas dificuldades na construção da sequência prototípica do artigo de opinião. Para melhor visualização do desempenho de cada um desses alunos, apresentamos a seguir o Quadro 1[3].

FASES	A1	A2	A3	A4	A5
PREMISSA/SITUAÇÃO PROBLEMA	X	X	X	X	X
ARGUMENTOS/DISCUSSÃO	-	-	X	X	X
CONTRAARGUMENTOS/DISCUSSÃO	-	-	-	-	-
CONCLUSÃO/SOLUÇÃO AVALIAÇÃO	X	X	-	-	X

Quadro 1: Fases da sequência argumentativa na produção inicial dos alunos
Fonte: dados da pesquisa (2020)

A organização de um artigo de opinião não possui uma ordem pré-estabelecida quanto a seus elementos, no entanto, é necessário que haja um problema a ser discutido e seja proposta uma solução ou avaliação.

A *situação-problema* coloca a questão a ser desenvolvida para guiar o leitor ao que virá nas demais partes do texto, buscando contextualizar o assunto a ser abordado por meio de afirmações gerais e/ou específicas; a *discussão* expõe os argumentos e constrói a opinião a respeito da questão examinada; e os *argumentos* baseiam-se nos conceitos apresentados, na adequação dos fatos para exemplificá-los, bem como na correção do raciocínio que estabelece relações entre conceitos e fatos.

Para evitar abstrações, geralmente faz-se uso da exposição de fatos concretos, dados e exemplos, com o emprego de sequências narrativas, descritivas e explicativas, entre outras. A *solução-avaliação* evidencia a resposta à questão apresentada, podendo haver uma reafirmação da posição assumida ou uma apreciação do assunto abordado. (BOFF; KOCHE; KARINELLO, 2009). A seguir, apresentaremos as fases abordadas através de cada elemento constituinte do gênero proposto aos alunos.

3.1 PREMISSA/SITUAÇÃO PROBLEMA

Esta fase diz respeito à constatação inicial ou contextualização pelo produtor do texto do problema a ser enfocado e sua relevância para o público leitor, apresentando informações que são textualizadas por meio de afirmações gerais ou específicas. O levantamento da ocorrência desta fase do texto argumentativo nos cinco exemplares de produção inicial pesquisados permitiu-nos constatar que os cinco sujeitos contemplaram esta fase com textualizações diferentes. Três alunos fizeram essa contextualização através de afirmações gerais com frases assertivas, como atestam os exemplos dos alunos A2, A3 e A5.

[3] O quadro 1 apresenta informações acerca das produções iniciais dos alunos. É importante ressaltar que consideramos os textos na íntegra respeitando a escrita dos sujeitos da pesquisa, que apresentaram erros ortográficos em suas produções.

> A2:
> *A maioridade penal é um assunto vasto e agora esta sendo enredado e muito discutido em todo o Brasil. Diminuir a idade penal é essencial e fundamental na sociedade, pois hoje o numero de adolescentes e menores infratores é cada dia maior e mais assustador.*
> A3*:*
> *A maioridade penal, em especial na atualidade, é um tema que muito se discute. O que se sabe é que os delinquentes juvenis são responsáveis por grande parte de pequenos e grandes frutos sem esquecer dos muitos números de assassinatos brutais. Logo, toda a sociedade se vê refém desses marginais, que para grande parcela da população é vista como "coitados".*
> A5*:*
> *A diminuição da maioridade penal, é um assunto bastante polêmico na sociedade algumas pessoas acham que não deve prevalecer essa lei porque os jovens não devem responder por seus crimes até que haja idade superior, mas, em hipotezes alguma podemos esquecer que jovens também matam, roubam, e consome droga o tempo todo como se fosse normal.*

Podemos observar que os alunos A2, A3 e A5 fizeram sua afirmação inicial em apenas um parágrafo, no qual chamam atenção, em frases assertivas, para a amplitude do problema focalizado (é um assunto vasto , é um tema que muito se discute, é um assunto bastante polêmico na sociedade), criando uma expectativa no leitor para a continuação das informações que poderão vir nas demais partes do texto, possivelmente em forma de argumentos que darão sustentação a esse ponto de vista esboçado na introdução.

Diferentemente desse modo de apresentar o tema, o aluno 1 o fez por meio de um questionamento inicial de natureza retórica, uma vez que em seguida ele mesmo responde a sua indagação manifestando seu ponto de vista sobre o tema.

> A1:
> *É justo um jovem que furtou um bem material receber a mesma pena de outro que cometeu um assacinato? Não podemos confundir índole com idade mínima para responsabilizar um jovem por um crime, eles devem ser julgados de acordo com a gravidade do delito cometido.*

Nesse trecho o aluno indaga sobre a legitimidade ou não da maioridade penal para o jovem de 16 anos (É justo um jovem que furtou um bem material receber a mesma pena de outro que cometeu um assacinato?), manifestando, em seguida, seu posicionamento, em forma de resposta (Não podemos confundir índole com idade mínima para responsabilizar um jovem por um crime, eles devem ser julgados de acordo com a gravidade do delito cometido), embora tenha desviado da temática abordada, apontando para um dos fatores que influenciam a criminalidade juvenil.

Por último o aluno A4, utiliza dois parágrafos para apresentar seu ponto de vista. No primeiro parágrafo, faz uso de uma citação que assegura seu ponto de vista inicial sobre o tema, chamando a atenção para a importância deste. No segundo parágrafo, descreve e explicita qual é o tema, conforme atesta o trecho abaixo:

> A4:
> *O problema do menor é o maior, quando o filosofo Carlito Maia advertiu isso não imaginaria o quanto suas pequenas palavras estava contextualizada com um dos temas que nos últimos tempos vem sendo fortemente destacado no Brasil. A redução da maioridade penal.*
> *Ultimamente tem se voltado a tona as discussões que envolvem a redução da maioridade penal de 18 para 16 anos de idade para o menor que cometer crime, o menor de idade deixará de ser submetido a tratamentos psicológicos e passará a pagar pelos seus atos na cadeia.*

Aqui o autor, apoiando-se, no primeiro parágrafo, em uma referência filosófica sobre o tema, declara de forma genérica a relevância do assunto em discussão no Brasil e, no segundo parágrafo, descreve mais detalhadamente esse assunto, pois coloca seu

posicionamento acerca das discussões sobre a maioridade penal e indica uma possível solução que difere do ato de colocar o jovem que cometeu atos ilícitos ir para a cadeia, pois para A4 seria mais adequado submeter o jovem a um tratamento psicológico.

3.2 ARGUMENTOS/DISCUSSÃO

Nesta fase, a sequência argumentativa apresenta elementos que indicam persuasão e constroem a opinião do leitor sobre o que está sendo discutido. Esses elementos argumentativos são baseados em conceitos apresentados e em fatos que comprovam a problemática do artigo. Eles realçam a ideia defendida no texto de opinião e asseguram o que o autor está propondo para comprovar a sua justificativa quanto à problematização apresentada na fase inicial do texto.

Dessa forma, observamos que dos cinco alunos pesquisados, três contemplaram de forma adequada essa fase da sequência argumentativa nas produções.

Assim, o aluno A3 apresenta seu argumento em forma de uma questão retórica sobre o tema.

> A3:
> *Mas, se uma pessoa, seja ela homem ou mulher menor de dezoito anos pode trabalhar, casar, matar, roubar, estuprar, votar, por que não pode responder por seus crimes na cadeia? Sabe-se que atualmente, uma pessoa com seus dezesseis ou dezessete anos já tem a capacidade de ter sua personalidade formada, tendo conciência do certo e do errado, então pode perfeitamente pagar a pena equivalente aos crimes por eles cometidos.*

Aqui o autor apresenta seu questionamento (Mas, se uma pessoa, seja ela homem ou mulher menor de dezoito anos pode trabalhar, casar, matar, roubar, estuprar, votar, por que não pode responder por seus crimes na cadeia?), ao qual responde, com objetivo de convencer o leitor do posicionamento favorável à maioridade, baseando-se na divulgação de conhecimentos atuais (Sabe-se que atualmente, uma pessoa com seus dezesseis ou dezessete anos já tem a capacidade de ter sua personalidade formada, tendo conciência do certo e do errado, então pode perfeitamente pagar a pena equivalente aos crimes por eles cometidos).

O aluno A4, utiliza para sua argumentação uma referência de um filósofo que acrescenta credibilidade ao seu posicionamento a respeito da maioridade penal.

> A4:
> *Se jovens com menos de 18 anos roubam e matam é porque, como constam as investigações policiais são manipuladas por adultos que conhecem bem a diferença entre prisão de quem tem mais de 18 e de quem tem menos argumenta o escritor Frei Betto em um dos seus artigos publicados na internet.*

Por último, o aluno 5 apresenta como argumento fatos do cotidiano divulgados na mídia.

> A5:
> *Hoje no Brasil abrange um grande número de adolescentes envolvidos em crimes. Há um certo tempo uma reportagem impactânte de uma mãe, que dizia meu filho era um exemplo até que um dia ele chegou em casa acompanhado por policiais e disseram seu filho foi preso em fragante, por tráfico de drogas, então ela disse ele tem apenas 16 anos não pode ser preso.*
> *A maioria das pessoas não conseguem entender que a diminuição da maioridade penal é uma forma de punir os jovens, quando foi aprovado em primeira instância, foi motivo de brigas, protestos e de críticas a respeito dessa lei tornando-se um assunto bastante polêmico.*

No primeiro parágrafo, o autor recorre a um exemplo de criminalidade juvenil veiculado numa uma reportagem (Há um certo tempo uma reportagem impactânte de uma mãe), sobre o assunto. No segundo parágrafo, o autor recorre a exemplos do senso

comum para justificar seu posicionamento sobre o tema (A maioria das pessoas não conseguem entender que a diminuição da maioridade penal é uma forma de punir os jovens, quando foi aprovado em primeira instância, foi motivo de brigas, protestos e de críticas a respeito dessa lei tornando-se um assunto bastante polêmico), e para discutir com o leitor a respeito dele.

Já os alunos 1 e 2 apresentaram desempenho insuficiente nesta fase da sequência argumentativa. Ambos tenderam a fugir do tema de forma diferenciada: A1, ao invés de apontar exemplos, fatos ou conceitos que dessem continuidade e sustentação a premissa inicial (É justo um jovem que furtou um bem material receber a mesma pena de outro que cometeu um assacinato? Não podemos confundir índole com idade mínima para responsabilizar um jovem por um crime, eles devem ser julgados de acordo com a gravidade do delito cometido), apresentou novas asserções genéricas que se distanciam do conteúdo da primeira asserção. Nestas novas asserções o aluno autor evoca: a) na primeira, a ausência de relação entre maturidade e idade; b) na segunda, o papel da família na educação dos filhos; c) na terceira, o envolvimento dos pais no trabalho como fator determinante para distanciar-se da educação dos filhos; d) na quarta, a desestrutura familiar e a qualidade do ensino como fatores determinantes da destruição da juventude.

Essas asserções são atestadas a seguir:

> *A maturidade não depende de idade, existem jovens com quatorze anos que demonstram mais responsabilidade na vida que um de vinte.*
> *A família é o foco principal na mudança dessa realidade, pois antigamente os pais eram mais presentes na vida dos filhos e desde criança eram cobrados e acostumados a serem responsáveis e educados a partir de casa.*
> *Hoje os pais trabalham muito ou não ligam com os filhos e essa ausência se reflete no comportamento.*
> *A responsabilidade com a educação é jogada para a escola.*
> *A desistrutura familiar somada a má qualidade das escolas e o convívio com o crime resulta na destruição da juventude.*

Diante dessas asserções, verificamos a dificuldade de A1 pôr em evidência a sua capacidade argumentativa.

Já A2 não cumpre esta fase da sequência argumentativa por razão diferente, apresentando fatos que ilustram outro tema/problema – as condições de ocupação dos presídios.

> *Todos os menores são repreendidos pelos policiais, mas não presos e logo voltam as ações criminosas. Um assunto que deve ser abordado caso a maioridade penal seja decretada é que é totalmente absurdo colocar em celas juntas duas pessoas com crimes distintos, um exemplo disso seria colocar alguém que cometeu assassinato junto a uma que cometeu um furto. Influências podem ser fortes com esse contato.*

Conforme mostra o trecho acima, A2 despreza o conteúdo da premissa inicial, desviando-se para outro tema.

3.3 CONTRA-ARGUMENTOS/DISCUSSÃO

Esta fase se caracteriza por elementos argumentativos que operam restrição em relação à orientação dos argumentos através de conceitos apresentados, adequação de fatos para exemplificar esses conceitos e correção do raciocínio que estabelece relações entre conceitos e fatos. Para evitar abstrações, o produtor de texto geralmente faz uso da exposição de fatos concretos, dados e exemplos.

O levantamento dos dados pesquisados mostra que esta fase não foi contemplada pelos alunos produtores do texto. Nenhum deles apresentou fatos, conceitos ou exemplos que ilustrassem nova orientação argumentativa, ou seja, desfavorável à premissa apresentada inicialmente.

3.4 CONCLUSÃO/SOLUÇÃO AVALIAÇÃO

Fase da sequência argumentativa que procura relacionar as intenções argumentativas apresentadas na premissa ou questionamento inicial, seguida de duas intenções: ou reafirmar de forma clara e objetiva o posicionamento assumido ou apenas efetuar uma apreciação sobre o assunto.

Dessa forma, de acordo com as produções escritas pelos alunos pesquisados, observamos que houve três procedimentos diferentes. No primeiro procedimento, adotado por A1, A2 e A5, observamos a reafirmação do ponto de vista declarado inicialmente, conforme atestam os dados a seguir:

> A1:
> *Diminuir a maioridade penal não adianta nada sem a ajuda da família e cabe ao poder público investir realmente em educação de qualidade e no incentivo ao esporte, como ocorre em outros países onde atletas são descobertos nas escolas.*
> A2 :
> *No fundo esse vai ser mais um tema discutido demais e com poucas soluções. Mas a maioridade penal é essencial para que mais jovens sejam punidos de verdade para que não voltem a praticar ações ilícitas.*
> A5:
> *Na minha opinião, a diminuição da maioridade penal é uma das maiores leis desse país, por esse motivo deve sim ser aprovado para que os jovens, que for preso possa refletir seus crimes e pense em melhorar, porque todos merecem uma segunda chance só precisa querer.*

Observando esses trechos constatamos que A1 reafirma sua posição contrária à maioridade penal, ao mesmo que aponta possíveis soluções para o problema da criminalidade juvenil. Enquanto A2 e A5 reafirmam sua posição favorável à maioridade penal como forma de reduzir a criminalidade juvenil no país.

No segundo procedimento adotado, A3 reafirma seu ponto de vista, embora apresente inadequação quanto ao organizador textual que inicia a conclusão. Ao usar o organizador *entretanto*, o aluno produtor estabelece uma relação de oposição ou adversidade em lugar de conclusão ("*Entretanto, tal tema e bastante discutido e picas medidas são pastas em pratica. De qualquer forma a redução da maioridade penal será para que os delitos cometidos por menores de dezoito anos não para ficar impune*").

Por último, o terceiro procedimento, adotado por A4, consistiu no desvio do foco principal, quando o aluno apresenta recomendações em relação a reformas educacionais, políticas e sociais, fugindo dessa forma do conteúdo de temático proposto inicialmente, conforme atesta o trecho a seguir:

> A4:
> *Precisamos urgentemente de uma reforma na educação, na sociedade e no poder legislativo. É dever dos governantes oferecer uma educação de boa qualidade para que as famílias possam educar e criar seus filhos de acordo com seus valores e crescendo com a noção dos seus erros e tendo em mente a consequência que cada um causa.*

Esses resultados podem ser explicados pela orientação genérica e superficial que os alunos receberam para sua produção inicial. Um exemplo dessa superficialidade se encontra no fato de a base de orientação usada pelo livro didático se restringir a apontar grandes etapas que devem ser contempladas nas produções escritas dos alunos: 1°) a de elaboração, apresentando as informações que estão presentes na introdução, desenvolvimento e conclusão; 2°) a de avaliação e reescrita que compreende desde a autoavaliação da versão inicial até a reescrita do artigo e 3º) a de veiculação ou circulação do gênero.

Dessa forma, observamos que as cinco produções dos alunos colaboradores da pesquisa não apresentaram a fase de avaliação e a fase de veiculação do gênero. A maioria dos alunos, embora tenha fugido do tema proposto como temática para escrita do artigo, abordou a fase de elaboração para escrita do texto.

Considerando essa proposta de orientação apresentada pelo manual didático do professor, evidenciamos a falta de um modelo didático do gênero explorado no próprio livro, como também por parte da professora. De acordo com as produções escritas, os alunos demonstraram dificuldades quanto ao planejamento da escrita do gênero, além disso, observamos que a fase de contra-argumentos não foi apresentada pelos alunos, que não tiveram postura contrária à premissa apresentada em seus textos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os objetivos apresentados na introdução, a análise dos dados coletados na situação de ensino pesquisada permite-nos levantar alguns pontos relevantes para orientar o planejamento do ensino de textos escritos. As redações escritas pelos alunos colaboradores da pesquisa apresentaram as dificuldades e as necessidades destes no que diz respeito aos aspectos de planejamento e de realização da escrita.

O primeiro ponto, procurando responder ao questionamento desta pesquisa, evidencia que a maioria das fases da sequência argumentativa foi abordada pelos alunos nas redações. No entanto, a fase de contra-argumentos não foi contemplada, pois os alunos não conseguiram apresentar um posicionamento contrário à premissa dos textos.

O segundo ponto evidencia que as contribuições deste estudo exploratório foram relevantes para orientar a intervenção do professor no planejamento com a escrita do gênero em análise. Nesse sentido, há necessidade de que o professor recorra a modelos didáticos do gênero como referência para facilitar a sua apropriação pelos alunos, visto que não conhecem os elementos que constituem a estrutura composicional desse gênero, representada pelas fases da sequência argumentativa.

Para isso, o professor deve suplementar a proposta do livro didático adotado, que tende a enfatizar o conteúdo temático em detrimento de fornecer referências de modelos do gênero para facilitar o entendimento dos alunos. Além disso, o professor deve investir na revisão coletiva, para que os alunos se tornem capazes de perceber as falhas de seus textos e reescrevê-los.

Acreditamos, portanto, que os resultados obtidos poderão contribuir significativamente para o trabalho com argumentação, através da sistematização na prática de ensino da escrita do gênero proposto, como defende a orientação didática do interacionismo sociodiscursivo para o processo de escrita.

Além disso, ensinar a argumentação é entender que a linguagem pode ser um espaço democrático de se deixar ouvir as várias vozes e resistir às imposições autoritárias que estão presentes na sociedade brasileira e no mundo, ao criar uma antinomia dos discursos ao considerar que os vários pontos de vista possam ser debatidos e respeitados.

REFERÊNCIAS

BARRETO, E. C. *Estudo da competência argumentativa de alunos do ensino fundamental.* 2008. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino. Universidade Federal de Campina Grande – Paraíba, 2008. Disponível em: http://posle.ufcg.edu.br/index.php?title=2008 Acesso em: 5 jan. 2021.

BOFF, O. M. B.; KOCHE, V. S.; MARINELLO, A. F. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. v. 7, n. 13, p.1-12, 1° sem. 2009.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).* Língua portuguesa: ensino fundamental. terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, J.. *Atividade de linguagem, textos e discursos.* Por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Educ, 1999.

COUTINHO, M. A. *Texto(s) e competência textual.* Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola.* 2.ed. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

Recebido em 08/07/2021. Aceito em 17/12/21.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e84159

A MÍDIA DIGITAL COMO APARELHO IDEOLÓGICO DE PROPAGANDA DO ESTADO: A "NOVA" PREVIDÊNCIA ENTRE OS DITOS, NÃO DITOS E OUTROS EFEITOS[1]

LOS MEDIOS DIGITALES COMO APARATO DE PROPAGANDA IDEOLÓGICA DEL ESTADO: LA "NUEVA" PREVIDENCIA ENTRE LOS EFECTOS DICHOS, TÁCITOS Y DE OTRO TIPO

DIGITAL MEDIA AS AN IDEOLOGICAL PROPAGANDA APPARATUS OF THE STATE: THE "NEW" WELFARE AMONG SAYINGS, NON-SAYINGS AN OTHER EFFECTS

Paula Souza Pereira*
Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

RESUMO: Neste artigo, objetivamos analisar o discurso da propaganda digital da "nova" Previdência, visando compreender os efeitos ideológicos na constituição dos sentidos e sujeitos. O *corpus* foi constituído de uma publicação da página do governo federal "Previdência e Trabalho" (*Facebook)*, além de uma materialidade disponível no site do governo, usada na apresentação da proposta da reforma previdenciária (RP). O estudo respalda-se teoricamente nos pressupostos da Análise de Discurso (AD) pecheuxtiana. Os resultados apontam que o discurso da "nova" Previdência, inscrito na formação discursiva (FD) estatal, embora seja atravessado

[1] Este trabalho é um recorte de pesquisa de doutorado em andamento.

* Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso (GPADis-UESB). Bolsista da UESB. E-mail: papaula_luz@hotmail.com.

** Doutora em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso (GPADis-UESB). E-mail: gcortes@uesb.edu.br.

por várias outras FDs, é fortemente regido pela FD neoliberal; nessa trama, a mídia digital funciona como aparelho ideológico de propaganda estatal, que busca inculcar sentidos de prosperidade e desenvolvimento à nação pela aprovação da RP. Assim, ainda que os ditos sobre a "nova" Previdência produzam efeitos de transparência e univocidade lógica, a equivocidade se instaura, pois os sentidos sempre podem ser outros.
PALAVRAS-CHAVE: "Nova" Previdência. Discurso Estatal. Ideologia e Propaganda digital.

RESUMEN: En este artículo pretendemos analizar el discurso de la publicidad digital de la "nueva" Previdencia, con el objetivo de comprender los efectos ideológicos en la constitución de significados y sujetos. El *corpus* ha consistido en una publicación en la página del gobierno federal "Previdência e Trabalho" (*Facebook*), además de material disponible en el sitio web del gobierno, utilizado en la presentación de la propuesta de reforma de la Previdencia (RP). El estudio se apoya teóricamente en los supuestos del Análisis del Discurso (AD) pecheuxtiano. Los resultados muestran que el discurso de la "nueva" Previdencia, inscrito en la formación discursiva estatal (FD), aunque estea atravesado por varias otras FDs, está fuertemente regido por la FD neoliberal; en esta trama, los medios digitales funcionan como un aparato ideológico de propaganda estatal, que busca inculcar un sentido de prosperidad y desarrollo en la nación mediante la aprobación de la RP. Así, aunque los dichos sobre el "nueva" Previdencia producen efectos de transparencia y univocidad lógica, se establece el equívoco, porque los significados siempre pueden cambiarlos diferentes.
PALAVRAS CLAVE: "Nueva" Previdencia. Discurso Estatal. Ideología y Publicidad digital.

ABSTRACT: In this paper, we aim to analyze the digital advertising discourse of the "new" Social Welfare, in order to comprehend ideological effects in the constitution of the meanings and subjects. The *corpus* consists of a publication on the federal government's page "Previdência e Trabalho" on Facebook, and a materiality available at the government's website, which was used in the Welfare reform's proposal (RP). The study is theoretically supported by the assumptions of Discourse Analysis (AD) in the perspective of Michel Pêcheux. The results show that the discourse of the "new" Social Welfare, inscribed in the state discourse formation (FD), although it is crossed by several other FDs, it is strongly governed by the neoliberal FD; in this plot, the digital media works as an ideological apparatus of state propaganda, which seeks to inculcate meanings of prosperity and development in the nation through the approval of the RP. Thus, despite the sayings about the "new" Social Welfare produce effects of transparency and univocal logic, the equivocation is established, because the meanings can always be different.
KEYWORDS: "New" Social Welfare. State Discourse. Ideology and Digital Advertising.

1 INTRODUÇÃO

Apresentada como o caminho para a prosperidade econômica do Brasil, a "nova" Previdência passa a ser discutida no início de 2019, quando Jair Messias Bolsonaro, então filiado ao Partido Social Liberal (PSL), assume a presidência da República e lança a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 06/2019, instituindo uma série de mudanças no sistema previdenciário.

Na oportunidade, o governo Bolsonaro faz os primeiros pronunciamentos sobre a necessidade de modificações na Previdência, na conjuntura de sua ascensão à presidência da República, com a renomeação do significante "nova" ao invés de "reforma". Posteriormente, a reforma da Previdência (RP) foi votada em dois turnos na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, com aprovação do texto-base no dia 22 de outubro de 2019[2] em segundo turno na última Casa.

Em vista disso, nosso objetivo, neste estudo, é analisar o discurso da propaganda[3] da "nova" Previdência nas mídias digitais, visando entender os efeitos ideológicos instaurados na constituição dos sentidos e sujeitos. Discorreremos sobre o trajeto dos sentidos na rede, a fim de compreender os efeitos das repetições parafrásticas e das derivas de sentidos em torno do significante "nova". A partir

[2] Alguns destaques foram discutidos e aprovados no dia 23 de outubro de 2019.

[3] Proveniente do latim, pela expressão *propagare* (propagar), a propaganda remete à disseminação de ideias, pensamentos e causas, usando de estratégias persuasivas na tentativa de influenciar as pessoas a aceitarem o que está sendo proposto. Para Carrozza (2012), ao que parece, a expressão *propaganda* guarda uma relação com um sentido de ideologia refletida enquanto ocultação, conteúdo, manipulação. Sublinhamos que, na Análise de Discurso, a ideologia é tomada no interior das formações discursivas, interpelando os indivíduos em sujeitos.

de formulações digitais que materializam a propaganda estatal da "nova" Previdência, intentamos compreender os modos de interpelação ideológica do sujeito, em funcionamento no discurso da propaganda e marketing do "novo" modelo previdenciário. Nossa hipótese é a de que a mídia digital funciona como aparelho ideológico de propaganda do Estado[4].

Nesse percurso analítico, consideramos as formulações discursivas do campo político-econômico para entender as determinações das formações discursivas (FDs) que atravessam essa trama. Conforme Pêcheux (2014, p. 147, grifos do autor), as formações discursivas correspondem àquilo que, "[...] numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*".

Em meio à dispersão de sentidos em/na rede, buscamos questionar as evidências dos sentidos e as determinações históricas e ideológicas, na movência das posições-sujeito, no jogo dos ditos e não ditos que funcionam sob o jogo das relações de forças e de sentidos.

O *corpus* constitui-se de uma postagem feita dois dias após a apresentação da PEC, na página "Previdência e Trabalho", administrada pelo governo federal, na mídia social *facebook*[5], além do *print* de uma imagem com inscrições linguísticas sobre a proposta da "nova" Previdência[6].

Num arquivo de materialidades digitais sobre a RP, efetuamos um recorte de três sequências discursivas (SDs) para a constituição do *corpus discursivo*. Para procedermos à discussão, temos como base teórico-metodológica a Análise de Discurso (AD) de filiação pecheuxtiana, a qual abordaremos no próximo tópico. Ademais, mobilizaremos algumas contribuições das Ciências Sociais, tendo em conta a relevância de seus estudos e que alguns de seus conceitos ajudam a melhor explicar o funcionamento do discurso.

2 APORTES TEÓRICOS: A ANÁLISE DE DISCURSO DE PÊCHEUX

A Análise de Discurso desenvolvida por Pêcheux toma a língua em sua forma material e considera a inscrição do sujeito na historicidade, sendo este afetado pela ideologia e pelo inconsciente (PÊCHEUX, 2014). Com isso, a língua é a materialidade do discurso e este é a materialidade da ideologia (ORLANDI, 2002). O discurso é definido como efeito de sentidos entre interlocutores e funciona nas tensões instauradas entre a estrutura e o acontecimento, sob as relações da linguagem com a exterioridade (PÊCHEUX, 1997, 2015). Nesse processo, sujeito e sentidos são mutuamente constituídos (PÊCHEUX, 2014). Logo, a AD opera em um espaço que entende o enunciado[7] como uma série de pontos de deriva, oferecendo lugar à interpretação (PÊCHEUX, 2015).

Na conjuntura teórica da AD, a noção de sujeito ocupa um lugar de singularidade, pois é concebido como uma posição entre outras, por meio das relações com a forma-sujeito[8] de uma dada FD (PÊCHEUX, 2014). Ao se inscrever no discurso, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, podendo ocupar distintos posicionamentos ou posições de sujeito. Nessa direção, Courtine (2014) postula que uma posição-sujeito é definida como uma relação determinada, estabelecida em uma formulação entre um sujeito enunciador e o sujeito do saber de uma FD, produzindo vários efeitos-sujeito no discurso.

[4] A noção de Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) foi cunhada por Althusser (1999). O autor relata que um AIE consiste num sistema complexo de instituições, organizações e práticas definidas, no qual é realizada toda a Ideologia de Estado ou uma parte dessa ideologia. Althusser (1999) sublinha que os AIE são os Aparelhos: escolar, familiar, religioso, político, sindical, da informação, da edição-difusão e cultural.

[5] Mídia social desenvolvida em 2003 por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Andrew McCollum, Chris Hughes e Eduardo Saverin, estudantes da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Essa mídia conta com quase três bilhões de usuários ativos no mundo.

[6] Publicada no site do governo federal, a imagem integra um conjunto de *slides* sobre a PEC, expostos à Comissão Especial da Câmara dos Deputados em maio de 2019.

[7] Com base na obra "Arqueologia do saber", de Michel Foucault, Courtine (2014) concebe o enunciado não se referindo à proposição, nem à frase, nem ao ato de linguagem, mas ao âmbito discursivo.

[8] Essa expressão foi introduzida por Louis Althusser e remete à forma de existência histórica dos indivíduos.

Tais efeitos-sujeito apontam para as diversas modalidades do funcionamento subjetivo (PÊCHEUX, 2014), as quais resultam das relações dos enunciadores com os saberes de uma dada FD, processos que podem ter efeitos de: *identificação*, no qual a tomada de posição do sujeito promove seu assujeitamento sob o modo do livremente consentido; *contraidentificação*, que produz um distanciamento do sujeito da enunciação em relação à forma-sujeito de uma FD; e *desidentificação*, cujo efeito realiza-se "[...] por um processo subjetivo de apropriação dos conceitos científicos e de identificação com as organizações políticas de "tipo novo"" (PÊCHEUX, 2014, p. 202). Nesse último caso, funciona uma ruptura de saberes com a forma-sujeito dominante de uma FD, instaurando uma nova FD.

Importa ressaltar que esse sujeito é também afetado pelos já ditos do interdiscurso, nível de constituição do discurso. Courtine (2016) cita o estabelecimento de dois níveis na descrição de uma FD: o do enunciado e o da formulação. O *enunciado* refere-se aos elementos do saber de uma FD, que governa a repetibilidade no interior de uma rede de formulações (COURTINE, 2016). O autor salienta que o desnivelamento de formulações concerne à dimensão vertical ou interdiscursiva de um enunciado como rede de formulações. Sobre o *nível da formulação*, Courtine (2016) comenta acerca do intradiscurso, em que este aparece como o lugar onde a sequencialização dos elementos do saber é realizada, tratando-se de uma horizontalização da dimensão vertical.

O autor acrescenta ainda que os enunciados "[...] existem no *tempo longo de uma memória*, ao passo que as "formulações" são tomadas no *tempo curto da atualidade de uma enunciação*" (COURTINE 2014, p. 106, grifos do autor). Nessa ótica, "[...] a noção de memória discursiva diz respeito *à existência histórica do enunciado* no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos" (COURTINE, 2014, p. 105-106, grifos do autor). Para o autor, a partir das relações entre a memória longa - considerada pelo autor como interdiscurso (eixo vertical) - e o intradiscurso (eixo horizontal), temos os efeitos de memória.

Em conformidade com Pêcheux (2020), a memória seria aquilo que, frente a um texto que emerge como acontecimento a ler, vem restabelecer os "implícitos" de que sua leitura necessita, ou seja, a condição do legível quanto ao próprio legível.

Nesse ínterim, Indursky (2003) pontua que os saberes preexistentes ao discurso estão localizados no interior de uma estrutura vertical, seja ela a FD que atravessa o sujeito discursivo ou o interdiscurso. Por sua vez, a autora destaca que na estrutura horizontal (intradiscurso) localiza-se a formulação do sujeito, apontando para uma forma atualizada do enunciado.

É, portanto, nesse jogo de relações de sentidos já ditos que as formulações atualizam os discursos, produzindo efeitos parafrásticos e polissêmicos, pois o discurso funciona nessa tensão entre os efeitos de (des)estabilização.

Os conceitos aqui mobilizados auxiliam na explicitação do funcionamento do processo discursivo nas materialidades selecionadas para análise. Com base nos pressupostos apresentados, analisaremos o discurso da propaganda estatal da "nova" Previdência, nas mídias digitais, no intuito de compreendermos os modos de interpelação ideológica dos sujeitos, desfazer as evidências de sentidos e sublinhar a equivocidade do discurso (PÊCHEUX, 2015).

3 GESTOS ANALÍTICOS

Como iremos nos debruçar sobre os discursos que circulam no digital, passemos a descrever algumas peculiaridades desse ambiente, porquanto produz determinações e efeitos de sentidos.

3.1 AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO/CIRCULAÇÃO DOS DISCURSOS EM FUNCIONAMENTO NOS ESPAÇOS DIGITAIS

Levando em conta os postulados apresentados, iniciaremos esse percurso analítico com uma reflexão acerca do funcionamento do discurso digital, já que a mídia digital será nosso espaço discursivo e também integra as condições de produção e de circulação dos discursos em pauta.

Segundo Dias (2016), na AD, o digital refere-se a um campo de discursividades constitutivo do espaço, do sujeito e do sentido, bem como do conhecimento, com sua própria materialidade. O digital funciona como um campo profícuo para leitura e interpretação materialista de discursos, tornando-se regularmente objeto dos analistas pela dinâmica ali estabelecida.

As práticas discursivas nesse espaço possibilitam uma intensa circulação e movimentação de sentidos, face aos traços de memória, às articulações e desarticulações entre os nós da rede, instaurando pontos de estabilização e de deriva nos discursos.

Nesses elos, embates político-ideológicos são materializados nos mais diversos formatos, instituindo processos de anuência e resistência aos discursos, no jogo entre silêncio e memória. A tecnologia digital é um instrumento de disputas de sentidos e relações de poder, que afeta os sujeitos, sendo estes já afetados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente.

A digitalização do mundo, consoante Dias (2016), remete a um processo de historicização dos sentidos que move o modo de significação, produzindo outra forma material -, uma vez que inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em demais condições de produção -, afetada por outras instituições, assegurando o funcionamento da máquina ideológica por meio das relações de poder e de produção-reprodução do trabalho.

Nesse espaço, a escrita e a leitura funcionam pelos (des)caminhos do hipertexto. Cortes (2015) assevera que o hipertexto é constituído de recortes da memória, sendo tecido de modo não linear e considerado um *palimpsesto* eletrônico. A autora diz que o hipertexto é tido como um suporte móvel que propicia um movimento de gestos de inscrever e apagar, constituindo um lugar tecido de/pela memória.

Nesse bojo, o entrecruzamento de discursos no digital produz uma multiplicidade de dizeres, com novas significações em meio à fluidez discursiva. Funcionam nessa trama relações de forças e de sentidos, instituindo um trabalho da memória nos processos de (re)atualização discursiva, com efeitos parafrásticos e polissêmicos.

Romão (2004) destaca que o ciberespaço instaura inúmeras questões aos estudos da linguagem, como os inovados modo e estrutura da textualidade eletrônica junto à multilinearidade das direções de leitura. A autora assinala que a internet concede espaço para se refletir acerca do surgimento de novas posições-sujeito, de discursos e contradiscursos, de sentidos de resistência e de dominação, que se intrincam em movimentadas espirais.

Diante da complexidade instaurada pelas condições de produção do digital que afetam a produção dos sentidos, é preciso tentar apreender como os discursos podem ser repetidos, com efeitos de estabilização, contradiscursos e rupturas.

Em nossos gestos de interpretação, seguiremos as orientações de Pêcheux (2015), no que tange ao batimento descrição/interpretação em movimentos de tensão contínua.

Passemos à análise, com nossa primeira sequência discursiva (SD1), constituída da materialidade abaixo, que foi postada no dia 22 de fevereiro de 2019, na página Previdência e Trabalho.

SD1:

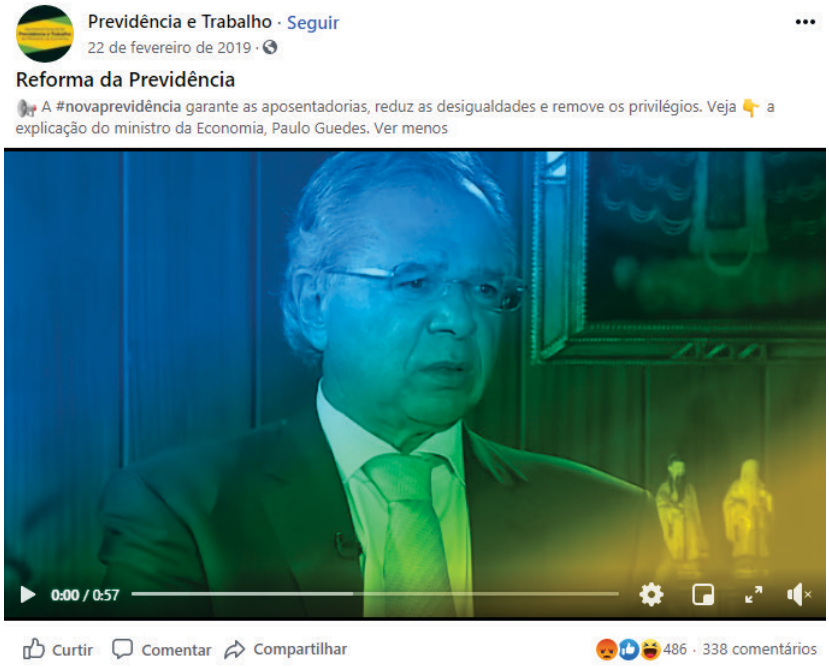


Figura 1: *Print* de publicação
Fonte: Página "Previdência e Trabalho", no *facebook*.

A postagem inicia-se com o título "Reforma da Previdência". Tem-se a chamada "A #novaprevidência garante as aposentadorias, reduz as desigualdades e remove os privilégios. Veja a explicação do ministro da Economia, Paulo Guedes"; esses enunciados são precedidos de um ícone de um alto falante, da indexação da *hashtag* #novaprevidência, além de outro ícone de uma mão que indica um vídeo de duração de quase um minuto.

A postagem conta com 486 reações e 338 comentários[9].

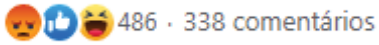


Figura 2: *Print* das reações à publicação inscrita na SD1
Fonte: Página "Previdência e Trabalho", no *facebook*.

Entre os gestos de interpretação materializados nas reações destaca-se, na sequência, um *ícone de raiva* (grr), correspondendo a uma tomada de posição contrária àquilo que foi proposto, podendo resultar em processos de contraidentificação ou de desidentificação à forma-sujeito da FD estatal. Em seguida, tem-se o *ícone curtir*, subjetivando uma identificação do sujeito, e o *ícone de risada* (haha), produzindo sentidos de ironia e de contrariedade à publicação.

Esses ícones integram a materialidade da linguagem digital e funcionam como uma *corpografia*, conceito proposto por Dias (2016) para refletir sobre a escrita no digital. Essa noção é definida por Dias (2008) mediante os conceitos de estilo e afeto, os quais, conforme o filósofo Gilles Deleuze, tocam as questões da língua e da escritura. Para Dias (2016), *corpografia* é a textualização do corpo na letra, na tela, pelo afeto, produzindo uma escrita – e um corpo – afetada pelo digital. Portanto, a *corpografia* digital materializa gestos de interpretação e diversas posições-sujeito no espaço midiático digital.

Os gestos de interpretação/interpelação dos sujeitos na rede através do "curtir" promovem uma submissão ao contexto de dominação, afirma Han (2020). O autor preconiza que somos dominados pela ditadura do capital e que o curtir refere-se ao "amém

[9] Números correspondentes até o dia da coleta da materialidade, em 07 de janeiro de 2021.

digital". Han (2020) explana que o neoliberalismo equivale ao "capitalismo do curtir". Nesse quadro, observamos que as reações dos sujeitos materializam identificações ao discurso dominante e neoliberal.

Por outro lado, os sujeitos, em seus gestos interpretativos, podem se distanciar da forma-sujeito da FD estatal, pelo processo de contraidentificação, ou romper com a forma-sujeito, pelo processo de desidentificação.

Cabe observar que, desde o início da campanha publicitária em prol das mudanças, o discurso estatal optou pela utilização do termo "Nova Previdência" em lugar de "reforma da Previdência"; são modos de interpelação ideológica pela propaganda estatal, pelos efeitos das promessas de um novo sistema previdenciário, justo e igualitário.

Na SD1, a publicação é introduzida com a expressão "Reforma da Previdência", e abaixo desse título temos a *hashtag* #novaprevidência. Tal substituição instaura a metáfora discursiva, pois segundo Pêcheux (2014, p. 240), o sentido não consiste na propriedade da literalidade significante, mas "[...] existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos)".

Em consonância com Pêcheux (2014), a metáfora funciona pelo princípio da interdiscursividade, pois cada nova formulação para significar traz a inscrição dos sentidos do interdiscurso. Assim, o discurso vai funcionar sob as tensões da memória, entre os já ditos de reformas já realizadas - o significante "reforma" ainda aparece na postagem –, e os efeitos de novidade, pela *hashtag* #novaprevidência. Tal substituição metafórica produz efeitos de silenciamento dos sentidos já ditos de outras reformas, cuja memória funciona com sentidos de retrocessos instaurados nos direitos trabalhistas. Orlandi (2007, p. 74) ressalta que "toda denominação apaga necessariamente outros sentidos possíveis, o que mostra que o dizer e o silenciamento são inseparáveis: contradição inscrita nas próprias palavras". Desse modo, esse efeito de contradição funciona no discurso pela utilização alternada de termos.

Observamos na SD1 a inscrição da *corpografia* pelos ícones que materializam o anúncio de algo renovador, a exemplo do uso da *hashtag*. A *hashtag* #novaprevidência tem sido compartilhada no intuito de aglutinar e fazer circular discursos favoráveis às mudanças na Previdência. Na visão de Silveira (2015), a *hashtag*, por sua condição de tecnopalavra, inscreve-se numa dimensão discursiva, pois ela extrapola o uso individual e institui um vínculo do sujeito com a língua e com os discursos. Diante disso, essa rede de *links* clicáveis faz circular as leituras pelos gestos de compartilhamentos de sentidos e, embora outros discursos funcionem no arquivo, instaura efeitos de completude e de apoio às modificações num processo de estabilização dos sentidos.

Na perspectiva de Pereira (2018), a *hashtag* trata-se de símbolo de poder, dado que se configura como língua. A autora explicita que a repetição e a quantidade, quando instituídas pelas *hashtags* enquanto lugar de poder, promovem relações desiguais em meio à circulação e à memória, estruturando linhas de dominação entre sentidos.

É possível observar que o *hiperlink* da *hashtag* #novaprevidência funciona como um modo de interpelação ideológica, pois o discurso estatal se apropria, não somente da *hashtag*, mas de todo o aparato das tecnologias digitais para realizar uma campanha publicitária em favor da aprovação da reforma da Previdência. Por isso, estamos defendendo que a mídia digital funciona nesse discurso como aparelho ideológico de propaganda estatal. No campo de análises de sua pesquisa, observando a formulação/circulação da *hashtag* política #onagagné, Silveira (2015) discorre que os sujeitos-usuários possuem uma relação ideológica com as *hashtags*, visto que estas, em seus variados processos de formulação/circulação, sofrem determinação histórica e ideológica da sociedade tecnocrática. Para a autora, a investigação linguística da *hashtag* propicia a reflexão do vínculo entre língua e sujeito, língua e ideologia. Outrossim, fundamentada em pressupostos de Pêcheux, Dias (2004, p. 49) declara que "a técnica interpela o indivíduo em sujeito na relação ciberespacial, a partir de uma norma identificadora", nesse sentido, pelo funcionamento da ideologia. Nesse processo, a *hashtag* #novaprevidência certamente produz novos efeitos de poder, na interpelação e afetação dos sujeitos, pelo viés da indexação que alavanca a circulação da proposta estatal, em repetições parafrásticas.

Cabe salientar que o governo investiu alto na campanha publicitária em prol da reforma da Previdência. Estima-se, conforme publicado na Revista piauí online (MAZZA; BUONO, 2020), que, durante o primeiro ano do governo Bolsonaro, a RP liderou o ranking de despesas publicitárias, sendo que, a cada R$100 de gastos, R$72 foram destinados à campanha da RP.

Constatamos o trabalho da interpelação ideológica pela mídia digital, sendo esta o aparelho ideológico da propaganda estatal, em referência à reforma previdenciária. Consoante Payer (2005), a mídia vem funcionando com um grande poder de interpelação ideológica dos sujeitos. Nas palavras da autora:

> [...] tudo indica que *um novo Texto vem adquirindo o valor de Texto fundamental na sociedade contemporânea*: um texto cujo poder de interpelação sobre os indivíduos vem se equiparando àquele que o Texto sagrado ocupa na ordem religiosa, na Idade Média, e que o Texto da lei jurídica ocupa na ordem do Estado Moderno. *Este grande texto da atualidade, no meu modo de entender, consiste da Mídia, daquilo que está na mídia, em um sentido amplo, e em especial no marketing, na publicidade.* O valor que a sociedade vem atribuindo à mídia – ou o poder de interpelação que a Mídia vem exercendo na sociedade – passa a assegurar-lhe o papel de *Texto fundamental de um novo grande Sujeito, o Mercado, agora em sua nova forma globalizada.* (PAYER, 2005, p. 15-16, grifos da autora)

Aplicando as reflexões da autora em nossa análise discursiva, postulamos, conforme já sinalizado, que, no funcionamento do discurso sobre a reforma da Previdência empreendida pelo governo Bolsonaro, a mídia digital funcionou/funciona como aparelho ideológico da propaganda e marketing estatal. No caso deste estudo, esse Sujeito[10] seria a forma-sujeito da FD estatal, que busca "vender" um produto, que é a reforma, pela interpelação dos sujeitos para aceitação da proposta.

Payer (2005) observa que, historicamente, esse processo discursivo de interpelação funciona com enunciados de máximas institucionais que estabelecem sempre uma condição (obediência) para uma consequente promessa de recompensa. Segundo a autora, na ordem religiosa, o enunciado que funciona como máxima é o da obediência à lei divina, cuja recompensa prometida é a salvação da alma; na ordem do Estado, esse enunciado é a obediência à lei jurídica (obediência civil), sendo a liberdade de expressão a recompensa; na ordem do mercado, o enunciado é o sucesso, que funciona com o poder de "[...] *interpelar ideologicamente o indivíduo em sujeito* (Althusser) e de *imprimir a evidência do sentido* (Pêcheux) [...]"; "[...] o *enunciado todo-poderoso do Mercado*, que funciona como lugar máximo de interpelação, pode ser resumido em uma palavra: "*sucesso*" (PAYER, 2005, p. 18, grifos da autora).

Pelas ponderações da autora, podemos pensar sobre o funcionamento do discurso de propaganda e marketing estatal acerca da Previdência, cujo enunciado em funcionamento no processo de interpelação ideológica dos indivíduos em sujeitos é a aprovação da RP, a qual promete como recompensa uma "nova" Previdência que trará crescimento econômico, muitos empregos e prosperidade ao país. Tal promessa pode ser verificada na SD1, em que a propaganda estatal promete um "novo" sistema, que "garante as aposentadorias, reduz as desigualdades e remove os privilégios". Neste caso, aplicando o pensamento de Payer (2005) a esta análise, podemos afirmar que a mídia digital e as redes sociais funcionam como o "Texto fundamental" de um Sujeito, que é o Estado neoliberal, que reúne forças da FD estatal com a FD neoliberal.

Dardot e Laval (2019) explicitam que o neoliberalismo não apenas sobrevive como sistema de poder, mas também se reforça. Para os autores, é preciso perceber o sentido das transformações atuais do neoliberalismo no que concerne ao que intitulam de novo neoliberalismo. Não se trata somente de políticas econômicas de austeridade ou monetaristas, de ditadura dos mercados financeiros ou de mercantilização das relações sociais (DARDOT; LAVAL, 2019). Fundamentalmente, volta-se a uma racionalidade política mundial que intenta impor, por parte dos governos, a lógica do capital na economia, na sociedade e no próprio Estado, até a converter na norma das existências e na forma das subjetividades (DARDOT; LAVAL, 2019).

De acordo com os autores, a propaganda é uma das estratégias empregadas pelo neoliberalismo para o exercício do poder; a mídia digital é, pois, tanto o instrumento, o aparelho ideológico, como também o espaço de circulação dos discursos neoliberais, a exemplo da propaganda da reforma da Previdência.

[10] Esse sujeito, com "S" maiúsculo, reporta-se ao sujeito absoluto e universal (PÊCHEUX, 2014).

Desde os primeiros debates acerca da necessidade de mudanças no sistema previdenciário, o governo tem elencado, além dos efeitos fiscais que seriam gerados com as alterações, a diminuição das desigualdades e a retirada de privilégios. As justificativas funcionam como resposta a um sistema que, supostamente, atua enquanto mecanismo de fortalecimento da desigualdade.

No entanto, indagamos sobre quem serão os beneficiados com a reforma, porquanto as alterações incluem o endurecimento de regras, penalizando os trabalhadores, a exemplo do aumento da idade mínima para aposentadoria das mulheres, que passa a ser de 62 anos; das novas regras de pensão por morte, em que antes da RP era paga integralmente, mas agora passa a ser de 50% do valor da aposentadoria, acrescido de 10% para cada dependente, até o limite de 100% da aposentadoria; da aposentadoria por incapacidade permanente, que no antigo sistema previdenciário consistia em 100% da média dos salários de contribuição e passa a ser nas novas regras de 60% acrescido de 2% por ano de contribuição que exceder 20 anos (homens) ou 15 anos (mulheres)[11]; do cálculo para o valor do benefício, que contabilizará todos os salários e não mais os 80% mais altos[12]. Esses fatores contribuem, entre outros pontos, na prorrogação da aposentadoria dos segurados e na diminuição de renda de alguns benefícios.

Assim, o discurso da "nova" Previdência produz efeitos de perfeita transparência, mas, ao questionar as evidências de sentidos, é profundamente opaco (PÊCHEUX, 2015), afinal, quem ganha com a reforma? Que privilégios são removidos, privilégios de quem? As desigualdades serão, de fato, removidas? As formulações da RP são, portanto, proposições com uma aparente lógica estável, passível de resposta unívoca; todavia, no entrecruzamento de proposições e de questionamentos, surgem as "[...] formulações irremediavelmente equívocas" (PÊCHEUX, 2015, p. 28).

No discurso inscrito na SD1, notamos o movimento dos sentidos em fuga. Orlandi (2012a) defende que os "sentidos em fuga" exprimem a movência de possíveis sentidos num mesmo objeto simbólico, produzindo diferentes posições-sujeito e efeitos de sentidos. A fuga se instaura em vista do processo ideológico, pois uns sentidos ficam e outros se vão (ORLANDI, 2012a). De acordo com a autora, os sentidos em fuga produzem efeitos na produção do silêncio, de maneira forte e dinâmica. Nesse efeito disperso e desordenado, o enunciado instaura sentidos de garantia de aposentadorias, redução de desigualdade e remoção de privilégios, porém, na opacidade dos sentidos, o discurso é desconstruído diante das diversas medidas que prejudicarão os beneficiários do sistema.

Dessa forma, a mídia, enquanto aparelho ideológico de propaganda do Estado neoliberal busca imprimir sentidos de novidade à reforma, trabalhando os efeitos das mudanças na vida dos cidadãos de forma positiva. Nessa trama, enredado ao discurso estatal, a mídia digital torna-se a "língua de Estado", definida por Pêcheux (2011, p. 86) como "[...] uma série de estratégias de discurso obstinada em evacuar qualquer contradição e a mascarar a existência das relações de classes: ela usa uma falsa aparência para contornar indefinidamente o que todo mundo sabe e que ninguém pode dizer".

Para Gadet e Pêcheux (2004), a língua é uma questão de Estado, com uma política de absorção, invasão e anulação das diferenças, supondo que estas sejam reconhecidas. Contudo, pelas determinações impostas pela língua em sua equivocidade, esse discurso pode falhar, produzindo efeitos de incompletude, pois instaura não ditos. No jogo da língua de Estado, o discurso neoliberal atravessa e determina o discurso estatal, produzindo o Estado neoliberal.

Em relação ao gerenciamento da Previdência, para Dugnani (2015, p. 228), o discurso neoliberal "[...] alia suas posições favoráveis à redução dos benefícios sociais previdenciários à evocação insistente da redução do peso do Estado", lançando uma solução: "menos Estado, mais mercado".

No enunciado inscrito na SD1 funcionam paráfrases com efeitos de justificativas e de uma premente necessidade da reforma, pois os sentidos são retomados e atualizados a cada governo. A paráfrase retorna aos mesmos espaços do dizer (ORLANDI, 2012b).

[11] Exceto em casos decorrentes de acidente de trabalho, de doença profissional e de doença do trabalho.

[12] Mudanças listadas na Emenda Constitucional nº 103, de 12 de novembro de 2019.

Observemos a materialidade abaixo que consta em um dos materiais de trabalho do governo Bolsonaro e integra uma notícia publicada no site do governo.

SD2:

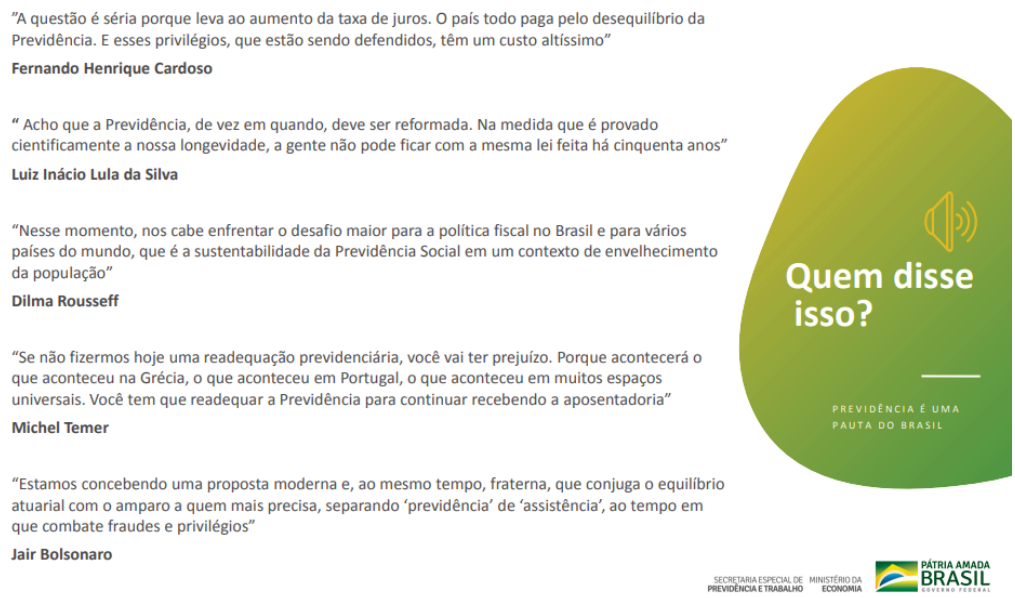


Figura 3: *Print* de um recorte de material usado na apresentação da PEC à Comissão Especial da Câmara dos Deputados
Fonte: Ministério da Economia, 2019. (Site do Governo Federal)

A SD2 atualiza formulações já ditas sobre as reformas efetuadas nos governos de Fernando Henrique Cardoso, de Luís Inácio Lula da Silva, de Dilma Rousseff, e a tentativa de instituição de reforma no governo Michel Temer[13], mas também traz a inscrição do discurso da RP, no espaço de enunciação do atual governo.

Observamos o efeito de regularidade discursiva nos enunciados, nos quais notamos os movimentos parafrásticos produzidos em torno da necessidade de reformas contínuas. Funcionam no discurso materializado na SD2 as seguintes retomadas discursivas: ajuste fiscal e manutenção do equilíbrio atuarial e financeiro; expectativa de vida da população e sustentabilidade da Previdência; periodicidade de reformas; remoção de privilégios e diminuição de desigualdades; e combate às fraudes.

Na SD2, o presidente Bolsonaro, ao comentar sobre a proposta da reforma, declara que a RP faz separação entre 'previdência' e 'assistência'; nesse discurso, temos o funcionamento da refutação por denegação, que, para Courtine (2014, p. 204-205), funciona pelo viés do enunciado dividido e do discurso transverso[14], o qual "[...] cruza e conecta entre si os elementos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído [...]"; no entanto, de acordo com o autor, nesse processo, os sentidos do interdiscurso são dissimulados no intradiscurso. O autor preconiza que a refutação por denegação: "[...] pode ser obtida pela supressão de um membro de uma forma completa de refutação; é conservado o membro que comporta a negação contrastiva, no qual o pré-construído elemento de saber de uma FD antagônica é marcado por uma identificação negativa" (COURTINE, 2014, p. 206).

Retornando à SD2, é possível parafrasear a expressão [...] "separando 'previdência' de 'assistência'" [...] pela frase seguinte: "nossa proposta não pretende realizar assistência, e sim, previdência". Desse modo, o discurso, pela denegação, produz efeitos de refutação aos sentidos de assistência à "nova" Previdência. Temos aí o discurso transverso em funcionamento, uma vez que o termo "assistência" retoma a memória do assistencialismo.

[13] Devido a um pequeno apoio no Congresso Nacional e à intervenção federal na segurança pública do Rio de Janeiro, em 2018, a proposta de reforma da Previdência foi suspensa, pois a Constituição Federal impede mudanças no texto em períodos de intervenção federal.

[14] Pêcheux (2014) assinala que o funcionamento do discurso transverso remete à metonímia, enquanto vínculo da parte com o todo, da causa com o efeito, do sintoma com aquilo que ele designa etc.

Silva, Quadros e Flach (2019) explanam que o assistencialismo consiste numa entrega de serviço, mediante a doação, a caridade ou favor, cujo trabalho realiza-se muitas vezes sem o respeito à singularidade do sujeito. Logo, o assistencialismo gera no sujeito atendido uma dependência pelo outro (SILVA; QUADROS; FLACH, 2019). Os autores debatem a maneira e a motivação pela qual o assistencialismo é realizado, levando em consideração que em dados momentos, sua motivação é de cunho narcísico, envolvendo a busca por status social, a tentativa de compensar atitudes causadoras de arrependimento por via de "boas ações", visando até mesmo à adesão dos beneficiários a pensamentos ideológicos.

Isto posto, na propaganda da RP, os sentidos de assistencialismo não seriam bem-vindos, tendo em vista que tal significante carrega uma memória de sentidos de dominação. Todavia, a denegação produz o efeito inverso da refutação, ou seja, não refuta, mas confirma os sentidos denegados, já que, nesse processo se dá a incorporação/dissimulação dos elementos pré-construídos[15] no discurso (COURTINE, 2014).

Pelo efeito do discurso de propaganda, a declaração do presidente Bolsonaro materializa sentidos de que a RP proporcionará "amparo a quem mais precisa", sem, no entanto, ser assistencialista. Funciona no discurso uma política de dominação do poder hegemônico, dado que nesse processo estão em jogo os interesses das classes mais abastadas da sociedade. Com isso, o governo não combate, de forma total e efetiva, as causas que resultam no estado de carência da população, não aprofundando às raízes dos problemas sociais para solucioná-los; e a Previdência, embora com roupagem de nova, não contempla as necessidades dos trabalhadores, visto que segue os ditames ideológicos neoliberais, que buscam apenas os interesses empresariais.

A maneira como a mídia faz circular os discursos é uma forma de interpelação ideológica para a aceitação daquilo que é (im)posto. Nas palavras de Orlandi (2017, p. 247), "[...] é o modo de circulação, inerente à sua materialidade, que rege a textualização do discurso, afetando tanto a constituição como a formulação e, portanto, o funcionamento ideológico do discurso digital". Nesse ínterim, a ideologia do Estado neoliberal convoca os sujeitos a se identificarem com a FD estatal, pelo viés da metáfora que insere o significante "novo", e passa a significar com efeitos de uma lógica aparente, pois o discurso estatal promete uma "nova" Previdência, com sentidos de desmonte de um sistema ultrapassado, para dar lugar a algo inovador que promoverá a equidade. Assim, o retorno do discurso da RP aos mesmos espaços do dizer no discurso bolsonarista instaura paráfrases que reforçam sentidos de justificativas plausíveis para a RP e produz sentidos de importância para a adoção de medidas de implementação das mudanças.

Em prosseguimento, vejamos a SD3, constituída por trechos de um vídeo com declarações do ministro da Economia, Paulo Guedes (cf. SD1). O vídeo começa com a exposição do enunciado entoado como o *slogan* principal "Nova Previdência / É para todos / É melhor para o Brasil".

SD3:

> "Vamos garantir as aposentadorias, vamos reduzir as desigualdades, vamos remover os privilégios, vamos aumentar o ritmo de crescimento do País, aumentar a produtividade, a acumulação de capital, gerar empregos. É um novo Brasil se nós conseguirmos fazer as reformas que precisamos. E essa reforma da Previdência é a primeira e a mais importante. Nós vamos melhorar o grau de investimento na economia, nós vamos acelerar os investimentos, nós vamos reduzir estruturalmente o déficit, voltando ao equilíbrio fiscal. Isso permite juros baixos, investimentos mais rápidos, crescimento econômico, geração de emprego. Então é definitiva, essa reforma é superimportante. E estamos no caminho da prosperidade para todos".

Quadro 1: Transcrição de entrevista concedida pelo ministro Paulo Guedes
Fonte: Página "Previdência e Trabalho", no *facebook*

[15] O termo "pré-construído" foi criado por Paul Henry para designar aquilo que reporta a uma construção anterior, exterior, porém sempre independente, opondo-se ao que é construído pelo enunciado (PÊCHEUX, 2014).

O discurso de propaganda da "nova" Previdência inicia-se com formulações que instituem sentidos de abrangência e de única saída econômica para o Brasil, sentidos esses trabalhados pela propaganda do governo no discurso institucional. Nesse viés, as relações de forças funcionam na SD3, porquanto o lugar ocupado por Guedes é constitutivo do que ele diz, legitimando o discurso estatal de necessidade da reforma.

Ocupando o lugar de ministro da Economia, Guedes, enquanto orador, é atravessado por relações de forças que determinam o discurso. Nesse processo, percebemos também as relações de sentido, pois o discurso remete a outros produzidos em governos anteriores.

Ademais, são retomados alguns dizeres que fortalecem o processo de interpelação ideológica para a adesão dos sujeitos ao discurso da RP. Primeiramente, a repetição do verbo "vamos" produz sentidos de legitimação, de veracidade às promessas elencadas, bem como de uma voz coletiva que abrange a voz de toda a sociedade. Outras expressões se destacam nessa cadeia de dizeres, instituindo uma família parafrástica para o significante "nova" Previdência:

- ✓ garantia de aposentadorias
- ✓ redução de desigualdades
- ✓ remoção de privilégios
- ✓ aumento do ritmo de crescimento
- ✓ aumento da produtividade
- ✓ acúmulo de capital
- ✓ geração de empregos
- ✓ melhora do grau de investimento
- ✓ aceleração dos investimentos
- ✓ redução estrutural do déficit
- ✓ volta ao equilíbrio fiscal

Quadro 2: Famílias parafrásticas para o significante "nova" Previdência

Fonte: Elaboração própria.

As famílias parafrásticas para o significante "nova" Previdência produzem sentidos de crescimento econômico e, consequentemente, de benefícios aos segurados. Para Indursky (2011), as formulações podem trazer o mesmo sentido, como ocorre numa família parafrástica que funciona enquanto matriz de sentido. Indursky (1997) defende que no interior de uma família parafrástica pode-se estabelecer a comparação entre o mesmo e suas repetições, decorrendo daí a regularização do sentido.

Nessa relação de repetibilidade, as expressões produzem efeitos de sentidos de benefícios para a "nova" Previdência, num jogo de força que busca manter a regularização dos dizeres na proposta, mas também instituem sentidos em fuga, já que dispersam o teor das regras que serão implementadas no processo de "crescimento" e o sacrifício dos trabalhadores para se alcançar os benefícios. Notamos no discurso o que preconiza Pêcheux (2015, p. 20): "a novidade não tira a opacidade do acontecimento".

Silva Sobrinho (2019) afirma que certas discursividades que clamam por "mudanças" e "reformas" são tomadas ideologicamente como princípios essenciais aos programas de gerenciamento da produção e ao direcionamento do Estado burguês, que anuncia a globalização, e suas práticas neoliberais, como uma estrada sem volta para a sociedade. Funciona no discurso a "língua de Estado", produzindo efeitos de sentidos voltados a interesses capitalistas, instituindo efeitos ideológicos de crescimento econômico.

Segundo Dugnani (2009), com o objetivo de potencializar os lucros, os agentes neoliberais pressionam a fim de que haja mudanças que direcionem recursos ao mercado financeiro, mas que, contraditoriamente, afetam de forma negativa a massa da população. Nessa direção, constatamos o discurso ideológico da reforma e os ideais do sistema capitalista. Nogueira (2017) comenta que os discursos sobre as relações de trabalho, a depender da posição em que são produzidos, instituem uma maneira de reescrever o capitalismo na tentativa de que ele permaneça (re)significando.

Retornando às formulações da SD3, Guedes enuncia: "É um novo Brasil se nós conseguirmos fazer as reformas que precisamos. E essa reforma da Previdência é a primeira e a mais importante". Constatamos aqui a regularidade no que tange aos rumos concedidos pelas modificações ao país, que se tornará um "novo Brasil".

Essa metaforização de sentidos variando de "reforma" para "nova" produz efeitos de que não haverá retrocessos, uma promessa de que com a adoção das "novas" medidas não haverá retirada de direitos trabalhistas. Guedes torna-se aí o "garoto-propaganda" do Estado neoliberal, pois também usa a língua de Estado para interpelar os indivíduos em sujeitos neoliberais, anunciando que a "reforma" no sistema previdenciário "é a primeira e a mais importante". Ou seja, as modificações na Previdência são o primeiro passo para outras reformas em outros âmbitos, que ganharão fôlego com a aprovação da primeira.

Observa-se a importância atribuída pelo discurso estatal à RP como um caminho a ser trilhado para abrir novos trajetos. O discurso enunciado por Guedes promete como resultados das mudanças, um avanço no que diz respeito à economia. "Nós vamos melhorar o grau de investimento na economia, nós vamos acelerar os investimentos, nós vamos reduzir estruturalmente o déficit, voltando ao equilíbrio fiscal. Isso permite juros baixos, investimentos mais rápidos, crescimento econômico, geração de emprego". Mais uma vez funciona a língua de Estado, na interpelação ideológica, com efeito de estruturação econômica com possibilidades de ascensão quanto aos postos empregatícios; são sentidos de evidência aparentemente lógica, mas o discurso é sempre opaco, e os sentidos sempre podem ser outros (PÊCHEUX, 2014, 2015).

Para encerrar, o ministro enuncia: "Então é definitiva, essa reforma é superimportante. E estamos no caminho da prosperidade para todos". Essa conclusão retoma num processo parafrástico o sentido de que a reforma da Previdência "é a mais importante". Nesse âmbito, o discurso da "nova" Previdência indica um novo caminho, o "caminho da prosperidade para todos". É mais uma promessa do Estado neoliberal, como recompensa pela adesão dos sujeitos ao discurso de defesa da RP.

Ao analisar o discurso de gestão empresarial da/na Petrobras, Nogueira (2015) assinala que a noção de prosperidade funciona pelo efeito de pré-construído, isto é, há um pré-construído sobre "prosperidade na vida", podendo ser alcançada pelo trabalho e funcionando como um lugar de identificação à classe trabalhadora.

Nogueira (2015) complementa que a ideologia só funciona nesses sujeitos pelo fato de que existe uma tomada de posição de identificação, em que o sujeito se identifica com algo, numa relação de projeção imaginária discursiva, correspondendo nesse caso à prosperidade (possível). A autora assevera que a relação sustentada no discurso da prosperidade é um engano, visto que é uma ilusão consumista inerente do capitalismo. Nessa perspectiva, Nogueira (2015, p. 174) declara que "[...] a prosperidade é a promessa do capitalismo".

No funcionamento da interpelação ideológica, os efeitos de sentidos neoliberais, com a promessa de prosperidade, são instituídos e linearizados no intradiscurso, haja vista uma proposta de reforma que supostamente contempla um novo futuro.

Em um estudo implementado por Tenório Neto e Ericson (2020)[16], os pesquisadores relatam que, no plano político brasileiro, o imaginário de um futuro de prosperidade é recuperado com vistas a atribuir-lhe a responsabilidade de eliminação da corrupção, da velha política, alimentando o desejo pelo milagre econômico. Os autores buscam discutir de que forma o discurso neoliberal se apresenta, silenciando o antagonismo de classes sociais, na medida em que recupera uma memória que reforça uma unidade quanto a um futuro que não chega.

Para Tenório Neto e Ericson (2020), no âmbito discursivo, esse imaginário continua produzindo sentidos, dado que surge como um recorte de um passado memorável, remontando a campanhas políticas que visavam o desenvolvimento econômico, a exemplo de: "50 anos em 5" (campanha eleitoral de Juscelino Kubistchek – 1955); "Collor é progresso. Um novo tempo vai começar"

[16] Pesquisa feita a partir de um *corpus* extraído do documento "Uma ponte para o futuro", formulado pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB (2015).

(campanha eleitoral de Fernando Collor – 1989); "O Brasil não pode voltar para trás. Avança Brasil" (campanha eleitoral de Fernando Henrique Cardoso – 1998).

Nesse jogo enredado por diversas FDs, como vimos, funcionam substituições de enunciados, no trabalho metafórico, quando as gestões governamentais mudam, produzindo paráfrases ao processo de "crescimento econômico". Desse modo, há uma regularidade discursiva quanto ao progresso, "inculcando", nas palavras de Pêcheux (2014), sentidos de necessidade de caminhar para frente. Pontuamos que o discurso de novidade é atravessado por ideais neoliberalistas e funciona apenas como uma roupagem, uma camuflagem de velhas práticas de exploração ao trabalhador e de cortes de direitos.

Nessa trama discursiva, percebemos uma relação entre o silêncio, a metáfora e o interdiscurso, como aponta Orlandi (2012a), quando descreve sobre a noção "sentidos em fuga", explanando que estes são desmanche, explosão que desestabiliza e produz desordenação de movimento. Temos na SD3 que a ideologia dominante no Estado neoliberal interpela a população a participar do processo de mudança, instituindo efeitos de democracia, de engajamento e de compromisso com o crescimento econômico. Entretanto, outros sentidos são silenciados no discurso das novidades nas regras previdenciárias, como a penalização do trabalhador e a defesa dos interesses dos empresários.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso sobre a "nova" Previdência, pelo efeito metafórico do termo "nova", funciona de maneira a produzir efeitos de um sistema que pretende acabar com privilégios, promover a equidade, não se equivalendo a reparos. A mídia digital propaga, pela circulação em massa, sentidos de rejeição ao sistema então vigente e preconiza sua necessária substituição, tendo em vista sua urgência, supostamente imprescindível ao crescimento econômico do país.

O discurso é afetado pelas relações de forças e de sentidos, com fortes determinações do discurso neoliberal. Nesse processo, a mídia funciona como aparelho ideológico e máquina de propaganda do Estado e faz circular, com intensidade e celeridade, efeitos de sentidos de fortalecimento à proposta estatal, na tentativa de "inculcar" na mente da população a importância das medidas do "novo" sistema previdenciário.

Todavia, o discurso funciona sob as tensões da transparência e da opacidade e, dessa maneira, as palavras, expressões e proposições mudam de sentido conforme as posições daqueles que as empregam (PÊCHEUX, 2014).

Portanto, no jogo dos ditos, inscrevem-se os não ditos e assim os sentidos para a "nova" Previdência podem ser outros bem distintos daqueles determinados pela FD neoliberal, a exemplo da penalização dos trabalhadores e do retrocesso das conquistas trabalhistas.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. *Emenda Constitucional nº 103, de 12 de novembro de 2019.* Altera o sistema de previdência social e estabelece regras de transição e disposições transitórias. Brasília, DF: Presidência da República, [2019]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc103.htm. Acesso em: 09 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Economia. *Nova Previdência* – Comissão Especial. Brasília, DF: Ministério da Economia. 8 maio 2019. Disponível em: https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/images/2019/05/apresentacaoa_alterada-1.pdf. Acesso em: 10 ago. 2021.

CARROZZA, G. Publicidade e propaganda: o jogo de sentidos na configuração da área no Brasil. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, v. 27/28, p. 121-136, 2012. Disponível em: http://www.revistalinguas.com/edicao27e28/artigo7.pdf. Acesso em: 15 set. 2021.

CORTES, G. R. de O. *Do lugar discursivo ao efeito-leitor*: a movimentação do sujeito no discurso em blogs de divulgação científica. 2015. 266 f. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/13933. Acesso em: 26 jul. 2019.

COURTINE, J.-J. *Análise do discurso político*: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2014.

COURTINE, J.-J. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. *Policromias*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 14-35, 2016. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/4090. Acesso em: 14 ago. 2019.

DARDOT, P.; LAVAL, C. Anatomia do novo neoliberalismo. *Revista IHU Online*, São Leopoldo, 2019. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591075-anatomia-do-novo-neoliberalismo-artigode-pierre-dardot-e-christian-laval. Acesso em: 21 set. 2019.

DIAS, C. *A discursividade da rede (de sentidos)*: a sala de bate-papo hiv. 2004. 176 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_37694bf0b2046d693514ffba7b67899c. Acesso em: 16 set. 2021.

DIAS, C. *Da corpografia*: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital. Santa Maria: UFSM/PPGL, 2008.

DIAS, C. A análise do discurso digital: um campo de questões. *Redisco*, Vitória da Conquista, v.10, n. 2, p. 8-20, 2016. Disponível em: http://periodicos.uesb.br/index.php/redisco/article/viewFile/6139/5880. Acesso em: 04 jul. 2019.

DUGNANI, R. *A previdência social brasileira sob pressão neoliberal*. 2009. 304 f. Dissertação (Mestrado em Economia Política) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/9406. Acesso em: 02 jun. 2020.

DUGNANI, R. *Análise dialógica do discurso neoliberal sobre a previdência brasileira nos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo*. 2015. 280 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3633. Acesso em: 16 ago. 2021.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. *A língua inatingível*. Trad. Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

HAN, B.-C. *Psicopolítica*: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas: Editora da Unicamp: 1997.

INDURSKY, F. Lula lá: estrutura e acontecimento. *Organon*, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 101-121, 2003. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30020. Acesso em: 08 abr. 2020.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. *In:* INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. F. (org.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.

MAZZA, L.; BUONO, R. A conta da publicidade oficial. *piauí*, 3 fev. 2020. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/conta-da-publicidade-oficial/. Acesso em: 1 set. 2021.

NOGUEIRA, L. *Discurso, sujeito e relações de trabalho*: a posição discursiva da Petrobras. 2015. 314 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_bac1c818a5a992da3c63f78c7e110d63. Acesso em: 28 fev. 2020.

NOGUEIRA, L. *Discurso, sujeito e relações de trabalho na contemporaneidade*. Campinas: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, E. P. A análise de discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 42, p. 21-40, jan./jun. 2002. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637139. Acesso em: 28 out. 2019.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio*: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. P. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. *In*: CARROZZA, Guilherme *et al.* (org.). *Sujeito, sociedade, sentidos*. Campinas: RG Editora, 2012a. p. 11-27.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2012b.

ORLANDI, E. P. *Eu, tu, ele*: discurso e real da história. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

PAYER, M. O. Linguagem e sociedade contemporânea. Sujeito, mídia, mercado. *RUA*, Campinas, v. 11, n. 1, p. 9-25, 2005. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640774. Acesso em: 30 set. 2019.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania Mariani *et al.* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-161.

PÊCHEUX, M. Foi "propaganda" mesmo que você disse?. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Análise de discurso*: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 73-92.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. *O discurso*: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 7. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In*: ACHARD, P. *et al* (org.). *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 45-53.

PEREIRA, D. D. da S. *Funcionamento discursivo das hashtags*: um olhar para #somostodos. 2018. 82 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_f19eebdbeadc35494246e21e4ccd5689. Acesso em: 08 abr. 2020.

PREVIDÊNCIA E TRABALHO (Brasil). *Reforma da Previdência*: 📣 A #novaprevidência garante as aposentadorias, reduz as desigualdades e remove os privilégios. Veja 👇 a explicação do ministro da Economia, Paulo Guedes. Brasília, 22 fev. 2019. Facebook: Previdência e Trabalho @previdenciaetrabalho. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?v=2063038437077848. Acesso em: 07 nov. 2021.

ROMÃO, L. M. S. Nós, desconhecidos, na grande rede. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 5, n. 1, p. 71-91, jul./dez. 2004. Disponível em: https://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/302. Acesso em: 20 mar. 2020.

SILVA, A. B. da; QUADROS, L. A. de; FLACH, F. Assistencialismo no Brasil e seus efeitos subjetivos. *In*: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 27., SALÃO DO CONHECIMENTO, 2019, Ijuí. *Anais* [...]. Disponível em: https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/12812. Acesso em: 24 set. 2021.

SILVA SOBRINHO, H. F. da. O caráter material do sentido e as classes sociais: uma questão para a análise do discurso. *Polifonia*, Cuiabá, v. 26, n. 43, p. 130-150, jul./set. 2019. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/8307. Acesso em: 23 mar. 2020.

SILVEIRA, J. da. *Rumor(es) e humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no twitter*. 2015. 210 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015. Disponível em: http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/3988. Acesso em: 25 fev. 2020.

TENÓRIO NETO, J. F.; ERICSON, S. Uma ponte para o futuro: efeitos de sentido do discurso neoliberal no Brasil. *Revista da Abralin*, v. 19, n. 3, p. 409-428, 2020. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1739. Acesso em: 11 ago. 2021.

Recebido em 29/09/2021. Aceito em 31/01/2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e84159

DIGITAL MEDIA AS AN IDEOLOGICAL PROPAGANDA APPARATUS OF THE STATE: THE "NEW" WELFARE AMONG SAYINGS, NON-SAYINGS AN OTHER EFFECTS

A MÍDIA DIGITAL COMO APARELHO IDEOLÓGICO DE PROPAGANDA DO ESTADO: A "NOVA" PREVIDÊNCIA ENTRE OS DITOS, NÃO DITOS E OUTROS EFEITOS1

LOS MEDIOS DIGITALES COMO APARATO DE PROPAGANDA IDEOLÓGICA DEL ESTADO: LA "NUEVA" PREVIDENCIA ENTRE LOS EFECTOS DICHOS, TÁCITOS Y DE OTRO TIPO

Paula Souza Pereira*
Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

ABSTRACT: In this paper, we aim to analyze the digital advertising discourse of the "new" Social Welfare, in order to comprehend ideological effects in the constitution of the senses and subjects. The *corpus* consists of a publication on the federal government's page "Previdência e Trabalho" on Facebook, and a materiality available at the government's website, which was used in the Welfare Reform's proposal (WR). The study is theoretically supported by the assumptions of Discourse Analysis (DA) in the perspective of Michel Pêcheux. The results show that the discourse of the "new" Social Welfare, inscribed in the state discourse formation (DF), although it is crossed by several other DFs, it is strongly governed by the neoliberal DF; in this plot, the digital media functions as an

[1] This paper is a clipping of a doctoral research in progress.

* Doctoral student at the Postgraduate Program in Linguistics at the State University of Southwest Bahia (UESB). Researcher at the Discourse Analysis Research Group (GPADis-UESB). UESB Scholarship. E-mail: papaula_luz@hotmail.com.

** PhD in Letters/Linguistics from the Federal University of Pernambuco. Professor of the Postgraduate Program in Linguistics at the State University of Southwest Bahia (UESB). Researcher at the Discourse Analysis Research Group (GPADis-UESB). E-mail: gcortes@uesb.edu.br.

ideological apparatus of state propaganda, which seeks to inculcate senses of prosperity and development in the nation through the approval of the WR. Thus, despite the sayings about the "new" Social Welfare produce effects of transparency and univocal logic, the equivocation is established, because the senses can always be different.
KEYWORDS: "New" Social Welfare. State Discourse. Ideology and Digital Advertising.

RESUMO: Neste artigo, objetivamos analisar o discurso da propaganda digital da "nova" Previdência, visando compreender os efeitos ideológicos na constituição dos sentidos e sujeitos. O *corpus* foi constituído de uma publicação da página do governo federal "Previdência e Trabalho" (*Facebook)*, além de uma materialidade disponível no site do governo, usada na apresentação da proposta da reforma previdenciária (RP). O estudo respalda-se teoricamente nos pressupostos da Análise de Discurso (AD) pecheuxtiana. Os resultados apontam que o discurso da "nova" Previdência, inscrito na formação discursiva (FD) estatal, embora seja atravessado por várias outras FDs, é fortemente regido pela FD neoliberal; nessa trama, a mídia digital funciona como aparelho ideológico de propaganda estatal, que busca inculcar sentidos de prosperidade e desenvolvimento à nação pela aprovação da RP. Assim, ainda que os ditos sobre a "nova" Previdência produzam efeitos de transparência e univocidade lógica, a equivocidade se instaura, pois os sentidos sempre podem ser outros.
PALAVRAS-CHAVE: "Nova" Previdência. Discurso Estatal. Ideologia e Propaganda digital.

RESUMEN: En este artículo pretendemos analizar el discurso de la publicidad digital de la "nueva" Previdencia, con el objetivo de comprender los efectos ideológicos en la constitución de significados y sujetos. El *corpus* ha consistido en una publicación en la página del gobierno federal "Previdência e Trabalho" (*Facebook*), además de material disponible en el sitio web del gobierno, utilizado en la presentación de la propuesta de reforma de la Previdencia (RP). El estudio se apoya teóricamente en los supuestos del Análisis del Discurso (AD) pecheuxtiano. Los resultados muestran que el discurso de la "nueva" Previdencia, inscrito en la formación discursiva estatal (FD), aunque estea atravesado por varias otras FDs, está fuertemente regido por la FD neoliberal; en esta trama, los medios digitales funcionan como un aparato ideológico de propaganda estatal, que busca inculcar un sentido de prosperidad y desarrollo en la nación mediante la aprobación de la RP. Así, aunque los dichos sobre el "nueva" Previdencia producen efectos de transparencia y univocidad lógica, se establece el equívoco, porque los significados siempre pueden cambiarlos diferentes.
PALAVRAS CLAVE: "Nueva" Previdencia. Discurso Estatal. Ideología y Publicidad digital.

1 INTRODUCTION

Presented as the only way to economic prosperity in Brazil, the "new" Social Welfare is discussed in early 2019, when Jair Messias Bolsonaro, who was a member of the Social Liberal Party (PSL), holds the presidency of the Republic and launches the Constitutional Amendment Bill (PEC) 06/2019, implementing a number of changes in the welfare system.

On this occasion, Bolsonaro government makes the first pronouncements on the need for changes in Social Welfare, in the context of his rise to the presidency of the Republic, with the renaming of the term "new" instead of "reform". Subsequently, the Social Welfare Reform (WR) was voted in two rounds in the Chamber of Deputies and in the Federal Senate, with the approval of the base text on October 22, 2019[2] in the second round in the last House.

Therefore, our objective in this study is to analyze the discourse of advertising[3] of the "new" Social Welfare in digital media, aiming to understand the ideological effects established in the constitution of senses and subjects. We will discuss the path of the senses in the network, in order to understand the effects of paraphrastic repetitions and the drift of senses around the term "new". Based on digital formulations that materialize the state propaganda of the "new" Social Welfare, we intend to understand the processes of

[2] Some highlights were discussed and approved on October 23, 2019.

[3] Coming from the Latin, by the expression *propagare* (to propagate), propaganda refers to the dissemination of ideas, thoughts and causes, using persuasive strategies in an attempt to influence people to accept what is being proposed. For Carrozza (2012), it seems that the expression *propaganda* is related to a sense of ideology reflected as concealment, content, manipulation. We emphasize that, in Discourse Analysis, ideology is taken within the discursive formations, that interpellate individuals in subjects.

ideological interpellation of the subject, functioning in the discourse of advertising and marketing of the "new" Social Welfare model. Our hypothesis is that the digital media functions as an ideological apparatus of State propaganda[4].

In this analytical course, we consider the discursive formulations of the political-economic field to understand the determinations of the discursive formations (DF) that cross this plot. According to Pêcheux (2014, p. 147, author's emphasis), discursive formations correspond to what, "[...] numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*"[5].

In the face of the dispersion of senses in/in the network, we seek to question the evidence of senses and historical and ideological determinations, in the movement of subject positions, in the plot of sayings and non-sayings that functions under the plot of relations of strengths and senses.

The *corpus* consists of a post made two days after the presentation of the PEC, on the page "Previdência e Trabalho", managed by the federal government, on the social media Facebook[6], in addition to the print of an image with linguistic inscriptions about the proposal of the "new" Social Welfare[7].

In an archive of digital materialities about WR, we cut out three discursive sequences (DS) for the constitution of the *discursive corpus*. To proceed with the discussion, we have as a theoretical-methodological basis the Discourse Analysis (DA) of Pêcheux, which we will discuss in the next topic. Furthermore, we will bring some contributions from the Social Sciences, taking into account the relevance of their studies and that some of their concepts help to better explain the functioning of discourse.

2 THEORETICAL CONTRIBUTIONS: PÊCHEUX'S DISCOURSE ANALYSIS

The Discourse Analysis developed by Pêcheux takes language in its material form and considers the subject's inscription in historicity, which is affected by ideology and the unconscious (PÊCHEUX, 2014). Thus, language is the materiality of discourse and this one is the materiality of ideology (ORLANDI, 2002). Discourse is defined as an effect of senses between interlocutors and functions in the tensions established between the structure and the event, under the relations of language with exteriority (PÊCHEUX, 1997, 2015). In this process, subject and senses are mutually constituted (PÊCHEUX, 2014). Therefore, DA functions in a space that understands the utterance[8] as a series of drift points, allowing interpretation (PÊCHEUX, 2015).

In the theoretical context of DA, the notion of subject is in a place of singularity, as it is conceived as a position among others, through the relations with the subject form[9] of a given DF (PÊCHEUX, 2014). When inscribing in the discourse, the individual is interpellated as a subject by the ideology, being able to occupy different positions or subject positions. In this sense, Courtine (2014)

[4] The notion of Ideological State Apparatuses (ISA) was coined by Althusser (1999). The author reports that an ISA consists of a complex system of institutions, organizations and defined practices, in which the entire State Ideology or a part of this ideology is carried out. Althusser (1999) emphasizes that the ISA are the Apparatuses: school, family, religious, political, trade union, information, edition-diffusion and cultural.

[5] "[…] in a given ideological formation, that is, from a given position in a given conjuncture, determined by the state of the class struggle, determine what can and must be said" (PÊCHEUX, 2014, p. 147, our translation).

[6] Social media developed in 2003 by Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Andrew McCollum, Chris Hughes and Eduardo Saverin, students at Harvard University in the United States. This media has nearly three billion active users worldwide.

[7] Published on the federal government website, the image is part of a set of slides on the PEC, exposed to the Special Committee of the Chamber of Deputies in May 2019.

[8] Based on the work "The Archeology of Knowledge", by Michel Foucault, Courtine (2014) conceives the utterance not referring to the proposition, nor to the sentence, nor to the act of language, but to the discursive scope.

[9] This expression was introduced by Louis Althusser and refers to the form of historical existence of individuals.

postulates that a subject-position is defined as a determined relation, established in a formulation between an enunciating subject and the dominant subject of a DF, producing various subject-effects in the discourse.

Such subject-effects point to the different modalities of subjective functioning (PÊCHEUX, 2014), which result from the relations of enunciators with the senses of a given DF, processes that can have *identity effects* - in which the position taken by the subject promotes its subjection under the mode of freely consented; *counter-identification* - which produces a distancing of the subject of the enunciation in relation to the subject-form of a DF; and *disidentification*, the effect of which takes place "[…] por um processo subjetivo de apropriação dos conceitos científicos e de identificação com as organizações políticas de "tipo novo"" (PÊCHEUX, 2014, p. 202)[10]. In the latter case, there is a rupture of sense with the dominant subject-form of a DF, establishing a new DF.

It is important to emphasize that this subject is also affected by the already said in the interdiscourse, the level of discourse constitution. Courtine (2016) cites the establishment of two levels in the description of a DF: that of the utterance and that of the formulation. The utterance refers to the sense elements of a DF, which governs repeatability within a network of formulations (COURTINE, 2016). The author emphasizes that the unevenness of formulations concerns the vertical or interdiscursive dimension of an utterance as a network of formulations. On the *level of formulation*, Courtine (2016) comments on intradiscourse, in which it appears as the place where the sequencing of the elements of sense is carried out, in the case of a horizontalization of the vertical dimension.

The author adds that the utterances "[...] existem no *tempo longo de uma memória*, ao passo que as "formulações" são tomadas no *tempo curto da atualidade de uma enunciação*"[11] (COURTINE, 2014, p. 106, author's emphasis). In this perspective, "[...] a noção de memória discursiva diz respeito *à existência histórica do enunciado* no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos" (COURTINE, 2014, p. 105-106, author's emphasis). For the author, from the relations between long memory - considered by the author as interdiscourse (vertical axis) - and intradiscourse (horizontal axis), we have the effects of memory.

For Pêcheux (2020), memory would be that which, faced with a text that emerges as an event to be read, comes to reestablish the "implied" that its reading needs, in other words, the condition of the legible in relation to the legible itself.

In the meantime, Indursky (2003) points out that the pre-existing sense of the discourse is located within a vertical structure, be it the DF that crosses the discursive subject or the interdiscourse. In turn, the author emphasizes that the subject's formulation is located in the horizontal structure (intradiscourse), pointing to an updated form of the utterance.

Then, it is in this plot of relations of senses already said that the formulations update the discourses, producing paraphrastic and polysemic effects, as the discourse functions in this tension between the effects of (de)stabilization.

The concepts mobilized here help to explain the functioning of the discursive process in the materialities selected for analysis. Based on the assumptions presented, we will analyze the discourse of state propaganda of the "new" Social Welfare, in digital media, in order to understand the modes of ideological interpellation of the subjects, undo the evidence of senses and highlight the equivocality of the discourse (PÊCHEUX, 2015).

3 ANALYTICAL GESTURES

As we will focus on the discourses that circulate in the digital, we will describe some peculiarities of this environment, as it produces determinations and effects of senses.

[10] "[…] by a subjective process of appropriation of scientific concepts and identification with political organizations of a "new type"" (PÊCHEUX, 2014, p. 202, our translation).

[11] "[…] exist in the long time of a memory, while "formulations" are taken in the short time of the actuality of an utterance" (COURTINE, 2014, p. 106, our translation).

3.1 THE CONDITIONS OF PRODUCTION/CIRCULATION OF DISCOURSES FUNCTIONING IN DIGITAL SPACES

Taking into account the postulates presented, we will start this analytical journey with a reflection on the functioning of digital discourse, since digital media will be our discursive space and also integrates the conditions of production and circulation of the discourses in question.

According to Dias (2016), in DA, the digital refers to a field of discursivities that is constitutive of space, subject and sense, as well as knowledge, with its own materiality. The digital functions as a meaningful field for materialist reading and interpretation of discourses, regularly becoming an object of analysts due to the dynamics established there.

The discursive practices in this space allow an intense circulation and movement of senses, in view of the traces of memory, the articulations and disarticulations between the nodes of the network, establishing points of stabilization and drift in the discourses.

In these links, political-ideological clashes are materialized in the most diverse formats, instituting processes of consent and resistance to discourses, in the plot between silence and memory. Digital technology is an instrument for disputes over senses and power relations, which affects subjects, who are already affected by ideology and crossed by the unconscious.

The digitization of the world, in line with Dias (2016), refers to a process of historicization of the senses that moves the way of meaning, producing another material form -, since it inscribes the saying, the doing, the practices of the subjects, in other conditions of production -, affected by other institutions, ensuring the functioning of the ideological machine through the relations of power and production-reproduction of work.

In this space, writing and reading function through the (mis)paths of hypertext. Cortes (2015) asserts that hypertext is made up of memory clippings, being woven in a non-linear way and considered an electronic *palimpsest*. The author says that hypertext is seen as a mobile support that provides a movement of inscribing and erasing gestures, constituting a place woven from/by memory.

In these terms, the intersection of discourses in the digital produces a multiplicity of sayings, with new senses through discursive fluidity. Relations of strengths and senses function in this plot, instituting a work of memory in the processes of discursive (re)updating, with paraphrastic and polysemic effects.

Romão (2004) highlights that cyberspace raises numerous questions for language studies, such as the innovative mode and structure of electronic textuality along with the multilinearity of reading directions. The author points out that the internet gives space to reflect on the emergence of new subject-positions, of discourses and counter-discourses, of senses of resistance and domination, which are intricately intertwined in swirling spirals.

Faced with the complexity created by the conditions of digital production that affect the production of senses, it is necessary to try to understand how discourses can be repeated, with stabilizing effects, counter-discourses and ruptures.

In our gestures of interpretation, we will follow the guidelines of Pêcheux (2015), regarding the description/interpretation intricacy in continuous tension movements.

Let us move on to the analysis, with our first discursive sequence (DS1), consisting of the materiality below, which was posted on February 22, 2019, on the page "Previdência e Trabalho".

DS1:

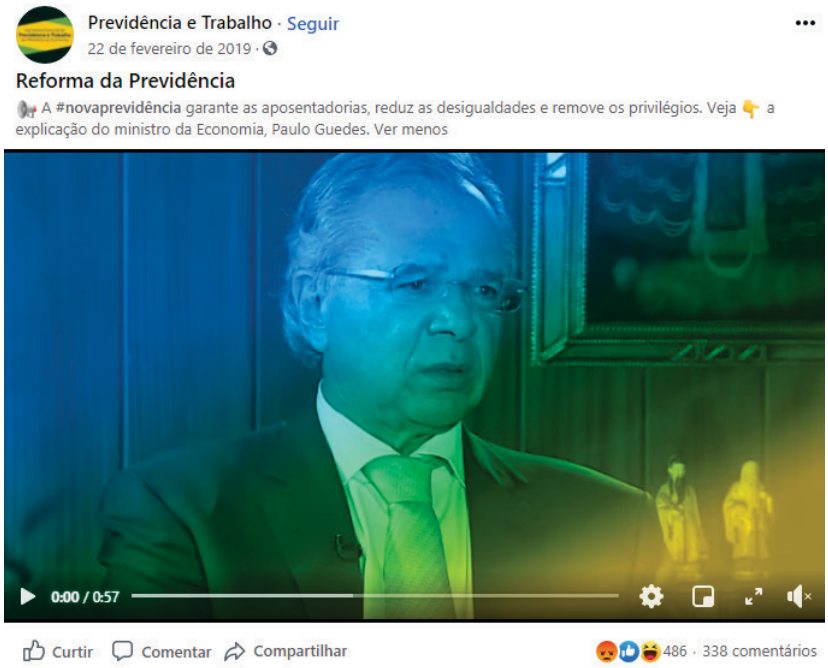


Figure 1: Publication print
Source: Page "Previdência e Trabalho", on Facebook

The post begins with the title "Welfare Reform". There is the call "The #novaprevidência guarantees retirements, reduces inequalities and removes privileges. See the explanation of the Minister of Economy, Paulo Guedes"; these utterances are preceded by an icon of a speaker, the indexing of the hashtag #novaprevidência, in addition to another icon of a hand that indicates a video lasting almost one minute.

The post has 486 reactions and 338 comments[12].



Figure 2: Print of reactions to the publication entered in DS1
Source: Page "Previdência e Trabalho", on Facebook

Among the interpretation gestures materialized in the reactions in the post inscribed in SD1 there is an icon of anger (grr), corresponding to a position contrary to what was proposed, which may result in processes of counter-identification or disidentification to the subject-form of the state DF. Then there is the *icon like*, subjectifying an identification of the subject, and the *icon of laughter* (haha), producing senses of irony and annoyance to the publication. These icons integrate the materiality of digital language and function as a *corpografia*, concept proposed by Dias (2016) to reflect on digital writing. This notion is defined by Dias (2008) through the concepts of style and affection, which touch the issues of language and writing, according to the philosopher Gilles Deleuze. For Dias (2016), *corpografia* it is the textualization of the body in the letter, on the screen, through affection, producing a writing – and a body – affected by the digital. So, the digital *corpografia* materializes gestures of interpretation and different subject-positions in the digital media space.

[12] Corresponding numbers up to the day of materiality collection, on January 7, 2021.

The gestures of interpretation/interpellation of the subjects in the network through the "like" promote submission to the context of domination, says Han (2020). The author advocates that we are dominated by the dictatorship of capital and that "like" refers to the "digital Amen". Han (2020) explains that neoliberalism is equivalent to "capitalism of like". In this context, we observe that the reactions of the subjects materialize identifications with the dominant and neoliberal discourse.

On the other hand, the subjects, in their interpretative gestures, can distance themselves from the subject-form of the state DF, through the process of counter-identification, or break with the subject-form, through the process of disidentification.

It is worth noting that, since the beginning of the publicity campaign in favor of the changes, the state discourse opted for the use of the term "New Social Welfare" instead of "Social Welfare Reform"; they are modes of ideological interpellation by state propaganda, by the effects of the promises of a new, fair and equal welfare system.

In DS1, the publication is introduced with the expression "Welfare Reform", and below that title there is the hashtag #novaprevidência. Such substitution establishes the discursive metaphor, because for Pêcheux (2014, p. 240), sense does not consist in the property of the literalness of the signifier, but "[…] existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos)" [13].

In line with Pêcheux (2014), the metaphor functions by the principle of interdiscursivity, as each new formulation to signify brings the inscription of the senses of the interdiscourse. So, the discourse will function under the tensions of memory, between the already said of reforms already carried out - the signifier "reform" still appears in the post -, and the effects of novelty, through the hashtag #novaprevidência. Such metaphorical substitution produces silencing effects of the senses already said of other reforms, which memory functions with senses of setbacks established in labor rights. Orlandi (2007, p. 74) points out that "toda denominação apaga necessariamente outros sentidos possíveis, o que mostra que o dizer e o silenciamento são inseparáveis: contradição inscrita nas próprias palavras" [14]. In this way, this effect of contradiction functions in the discourse by the alternating use of terms.

We observed in DS1 the inscription of the *corpografia* by the icons that materialize the announcement of something renewing, such as the use of the hashtag. The hashtag #novaprevidência has been shared in order to gather and circulate discourses favorable to changes in social security. In Silveira's (2015) view, the hashtag, due to its status as a techno-word, is inscribed in a discursive dimension, as it goes beyond individual use and establishes a bond between the subject and the language and the discourses. In view of this, this network of clickable links circulates the readings through gestures of sharing senses and, although other discourses function in the archive, it introduces effects of completeness and support for changes in a process of stabilization of senses.

From the perspective of Pereira (2018), the hashtag is a symbol of power, as it is configured as a language. The author explains that repetition and quantity, when instituted by hashtags as a place of power, promote unequal relations in the midst of circulation and memory, structuring lines of domination between senses.

It is possible to observe that the hyperlink of the hashtag #novaprevidência functions as a way of ideological interpellation, as the state discourse appropriates, not only the hashtag, but the entire device of digital technologies to carry out an advertising campaign in favor of the approval of the Welfare reform. Therefore, we maintain that digital media functions in this discourse as an ideological apparatus of state propaganda. In the field of analysis of her research, observing the formulation/circulation of the political hashtag #onagagné, Silveira (2015) argues that subject-users have an ideological relation with hashtags, since these, in their various processes of formulation/circulation, suffer historical and ideological determination from technocratic society. For the author, the linguistic investigation of the hashtag provides a reflection on the link between language and subject, language and ideology. Furthermore, based on Pêcheux's assumptions, Dias (2004, p. 49) declares that "a técnica interpela o indivíduo em sujeito na relação ciberespacial,

[13] "[…] exists exclusively in metaphor relations (performed in substitution effects, paraphrases, synonym formations)" (PÊCHEUX, 2014, p. 240, our translation).

[14] "[…] every denomination necessarily erases other possible senses, which shows that saying and silencing are inseparable: contradiction inscribed in the words themselves" (ORLANDI, 2007, p. 74, our translation).

a partir de uma norma identificadora"[15], in this sense, by the functioning of ideology. In this process, the hashtag #novaprevidência certainly produces new effects of power, in the interpellation and affectation of the subjects, through the bias of indexation that leverages the circulation of the state proposal, in paraphrastic repetitions.

It should be noted that the government invested heavily in the advertising campaign in favor of Welfare reform. It is estimated, as published in Revista piauí online (MAZZA; BUONO, 2020), that during the first year of Bolsonaro government, WR led the ranking of advertising expenses, and for every R$100 spent, R$72 went to the WR campaign.

We note the work of ideological interpellation by digital media, and the latter is the ideological apparatus of state propaganda, in reference to Social Welfare reform. According to Payer (2005), the media has been working with a great power of ideological interpellation of the subjects. In the author's words:

> [...] tudo indica que *um novo Texto vem adquirindo o valor de Texto fundamental na sociedade contemporânea*: um texto cujo poder de interpelação sobre os indivíduos vem se equiparando àquele que o Texto sagrado ocupa na ordem religiosa, na Idade Média, e que o Texto da lei jurídica ocupa na ordem do Estado Moderno. *Este grande texto da atualidade, no meu modo de entender, consiste da Mídia, daquilo que está na mídia, em um sentido amplo, e em especial no marketing, na publicidade.* O valor que a sociedade vem atribuindo à mídia – ou o poder de interpelação que a Mídia vem exercendo na sociedade – passa a assegurar-lhe o papel de *Texto fundamental de um novo grande Sujeito, o Mercado, agora em sua nova forma globalizada*. (PAYER, 2005, p. 15-16, author's emphasis)[16].

Making use of the author's reflections in our discursive analysis, we postulate, as already indicated, that in the functioning of the discourse on the Social Welfare reform undertaken by the Bolsonaro government, the digital media functioned/functions as an ideological apparatus of state propaganda and marketing. Regarding this study, this Subject[17] would be the subject-form of the state DF, which seeks to "sell" a product, which is the reform, by interpellating the subjects to accept the proposal.

Payer (2005) observes that, historically, this discursive process of interpellation functions with utterances of institutional precepts that always establish a condition (obedience) for a consequent promise of reward. In accordance with the author, in the religious order, the utterance that functions as a precept is obedience to the divine law, whose promised reward is the salvation of the soul; in the order of the State, this utterance is obedience to the juridical law (civil obedience), with freedom of expression being the reward; in the market order, the utterance is success, which functions with the power to "[…] *interpelar ideologicamente o indivíduo em sujeito* (Althusser) e de *imprimir a evidência do sentido* (Pêcheux) [...]"; "[…] o *enunciado todo-poderoso do Mercado*, que funciona como lugar máximo de interpelação, pode ser resumido em uma palavra: "*sucesso*"" (PAYER, 2005, p. 18, author's emphasis)[18].

Based on the author's considerations, we can think about the functioning of the discourse of state propaganda and marketing about welfare system, whose utterance functioning in the process of ideological interpellation of individuals into subjects is the approval of the WR, that promises as a reward a "new" Social Welfare in order to bring economic growth, many jobs and prosperity to the country. Such a promise can be seen in DS1, in which state propaganda promises a "new" system, that "guarantees retirements, reduces inequalities and removes privileges". In this case, applying Payer's (2005) thinking to this analysis, we can say that digital

[15] "[…] the technique interpellates the individual as subject in the cyberspace relation, based on an identifying norm" (DIAS, 2004, p. 49, our translation).

[16] "[...] everything indicates that *a new Text has been acquiring the value of a fundamental Text in contemporary society*: a text whose power of interpellation over individuals has been equivalent to that which the sacred Text occupies in the religious order, in the Middle Ages, and which the Text of the legal law occupies the order of the Modern State. *This great text of the present time, in my understanding, consists of the Media, of what is in the media, in a broad sense, and especially in marketing, in advertising.* The value that society has been assigning to the media – or the power of interpellation that the Media has been exercising in society – starts to assure it the role of *fundamental Text of a new great Subject, the Market, now in its new globalized form*" (PAYER, 2005, p. 15-16, author's emphasis, our translation).

[17] This subject, with a capital "S", refers to the absolute and universal subject (PÊCHEUX, 2014).

[18] "[…] *ideologically interpellate the individual as a subject* (Althusser) and *imprint the evidence of sense* (Pêcheux) [...]"; "the *all-powerful utterance of the Market*, which functions as the maximum place of interpellation, can be summed up in one word: "*success*"" (PAYER, 2005, p. 18, our translation).

media and social networks function as the "Fundamental text" of a Subject, the neoliberal State, which gathers forces from the state DF with the neoliberal DF.

Dardot and Laval (2019) explain that neoliberalism not only survives as a system of power, but also reinforces itself. For the authors, it is necessary to understand the sense of the current transformations of neoliberalism with regard to what they call the new neoliberalism. It is not just about austerity or monetarist economic policies, the dictatorship of financial markets or the commodification of social relations (DARDOT; LAVAL, 2019). Fundamentally, it turns to a global political rationality that seeks to impose on the part of governments, the logic of capital in the economy, in society and in the State itself, to the point of converting it into the norm of existence and the form of subjectivities (DARDOT; LAVAL, 2019).

For the authors, propaganda is one of the strategies employed by neoliberalism for the exercise of power; the digital media is, then, both the instrument, the ideological apparatus, as well as the space for the circulation of neoliberal discourses, such as the propaganda of Welfare reform.

Since the first debates about the need for changes in the social welfare system, in addition to the fiscal effects that would be generated with the changes, the government has listed the reduction of inequalities and the withdrawal of privileges. The justifications function as a response to a system that supposedly acts as a mechanism to strengthen inequality.

However, we inquire about who will benefit from the reform, as the changes include tightening rules that penalizes workers, such as raising the minimum age for women to retire, which is now 62 years old; the new pension rules for death, which before the WR was paid in full, but now it is 50% of the amount of the retirement, plus 10% for each dependent, up to the limit of 100% of the retirement; retirement due to permanent disability, that in the old social welfare system consisted of 100% of the average contribution salary and becomes, in the new rules, 60% plus 2% per year of contribution that exceeds 20 years (men) or 15 years (women)[19]; the calculation for the benefit amount, which will account for all salaries and no longer the highest 80%[20]. These factors contribute, among other things, to the extension of the retirement of the insured and the reduction of income from some benefits.

Thus, the discourse of the "new" Welfare produces effects of perfect transparency, but, when questioning the evidence of senses, it is deeply opaque (PÊCHEUX, 2015), after all, who benefits from the reform? What privileges are removed, whose privileges? Will inequalities actually be removed? This way, the WR formulations are propositions with an apparent stable logic, subject to a univocal answer; though, in the intersection of propositions and questionings, appear "[…] formulações irremediavelmente equívocas"[21] (PÊCHEUX, 2015, p. 28).

In the discourse inscribed in DS1, we notice the movement of the senses in escape. Orlandi (2012a) argues that the "senses in escape" express the movement of possible senses in the same symbolic object, producing different subject-positions and effects of the sense. The escape is established in view of the ideological process, as some senses stay and others go (ORLANDI, 2012a). The author says that the senses in escape produce effects in the production of silence, in a strong and dynamic way. In this dispersed and disordered effect, the utterance establishes senses of guaranteeing retirements, reducing inequality and removing privileges, however, in the opacity of senses, the discourse is deconstructed in the face of the various measures that will harm the beneficiaries of the system.

In this way, the media, as an ideological propaganda apparatus of the neoliberal State, seeks to imprint senses of newness on the reform, working on the effects of changes in the lives of citizens in a positive way. In this plot, entangled in state discourse, digital media becomes the "language of State", defined by Pêcheux (2011, p. 86) as "[...] uma série de estratégias de discurso obstinada em

[19] Except in cases resulting from an accident at work, occupational disease and work-related disease.

[20] Changes listed in Constitutional Amendment 103 of November 12, 2019.

[21] "[…] irremediably equivocal formulations" (PÊCHEUX, 2015, p. 28, our translation).

evacuar qualquer contradição e a mascarar a existência das relações de classes: ela usa uma falsa aparência para contornar indefinidamente o que todo mundo sabe e que ninguém pode dizer"[22].

For Gadet and Pêcheux (2004), language is a matter of State, with a policy of absorption, invasion and annulment of differences, assuming that they are recognized. Nevertheless, due to the determinations imposed by the language in its equivocality, this discourse can fail, producing effects of incompleteness, as it establishes non-sayings. In the plot of language of State, neoliberal discourse crosses and determines state discourse, producing the neoliberal State.

Regarding Welfare management, for Dugnani (2015, p. 228), the neoliberal discourse "[...] alia suas posições favoráveis à redução dos benefícios sociais previdenciários à evocação insistente da redução do peso do Estado"[23], launching a solution: "less State, more market".

In the utterance in DS1, paraphrases function with the effect of justifications and a pressing need for reform, as the senses are resumed and updated with each government. The paraphrase returns to the same spaces as the saying (ORLANDI, 2012b). Let's observe the materiality below, which appears in one of the Bolsonaro government's work materials and is part of a news published on the government's website.

DS2:

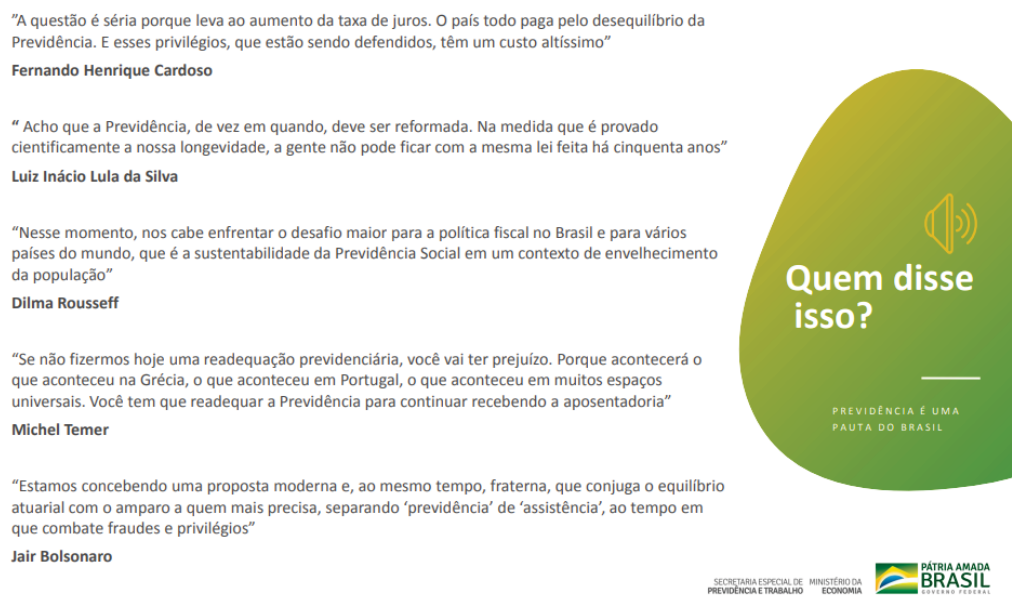


Figure 3: Print of a clipping of material used in the presentation of the PEC to the Select Committee of the Chamber of Deputies
Source: Ministry of Economy, 2019. (Federal government website).

DS2 updates formulations already said about the reforms carried out in the governments of Fernando Henrique Cardoso, Luís Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff, and the attempt to institute Welfare reform in the Michel Temer government[24], but it also brings the inscription of the WR discourse, in the enunciation space of the current government.

[22] "[…] a series of strategies of discourse obstinate to evacuate any contradiction and to mask the existence of class relations: it uses a false appearance to indefinitely circumvent what everyone knows and no one can say" (PÊCHEUX, 2011, p. 86, our translation).

[23]"[…] allies its favorable positions to the reduction of social security benefits to the insistent evocation of the reduction of the weight of the State" (DUGNANI 2015, p. 228, our translation).

[24] Due to a small support in the National Congress and the federal intervention in the public security of Rio de Janeiro, in 2018, the proposal for Welfare reform was suspended, as the Federal Constitution prevents changes to the text in periods of federal intervention.

We observed the effect of discursive regularity in the utterances, in which we noticed the paraphrastic movements produced around the need for continuous reforms. In the discourse materialized in DS2, the following discursive resumptions function: fiscal adjustment and maintenance of actuarial and financial balance; life expectancy of the population and sustainability of Social Welfare; periodicity of reforms; removal of privileges and reduction of inequalities; and combating fraud.

In DS2, President Bolsonaro, when commenting on the reform proposal, declares that WR separates 'welfare' and 'assistance'; in this discourse, we have the functioning of refutation by denial, which functions through the bias of the announced and the transverse discourse[25], that "[…] cruza e conecta entre si os elementos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído [...]", according to Courtine (2014, p. 204-205)[26]; however, for the author, in this process, the senses of the interdiscourse are hidden in the intradiscourse. The author advocates that refutation by denial: "[...] pode ser obtida pela supressão de um membro de uma forma completa de refutação; é conservado o membro que comporta a negação contrastiva, no qual o pré-construído elemento de saber de uma FD antagônica é marcado por uma identificação negativa" (COURTINE, 2014, p. 206).[27]

Returning to DS2, it is possible to paraphrase the expression [...] "separating 'welfare' from 'assistance'" [...] by the following sentence: "our proposal does not intend to provide assistance, but welfare". In this way, the discourse, through denial, produces effects of refutation of the senses of assistance to the "new" Welfare. There we have the transverse discourse in functioning, since the term "assistance" takes up the memory of welfarism.

Silva, Quadros and Flach (2019) explain that welfarism consists of a service delivery, through donation, charity or favor, whose work is often carried out without respect for the individual's uniqueness. Therefore, welfarism generates in the assisted subject a dependence on the other (SILVA; QUADROS; FLACH, 2019). The authors debate the way and the motivation by which welfarism is carried out, taking into account that at times, its motivation is narcissistic, involving the search for social status, the attempt to compensate for attitudes that cause regret through "good actions", aiming even at the adhesion of the beneficiaries to ideological thoughts.

That said, in the WR advertising, the senses of welfarism would not be welcome, given that such a term carries a memory of senses of domination. However, denial produces the opposite effect of refutation, that is, it does not refute, but confirms the denied senses, since in this process the pre-constructed elements[28] in the discourse are incorporated/dissimulated (COURTINE, 2014).

Due to the effect of the discourse of advertising, President Bolsonaro's utterance materializes the sense that WR will provide "support to those who need it most", without being based on assistance. A policy of domination of hegemonic power functions in the discourse, given that in this process the interests of the wealthiest classes in society are at stake. With that, the government does not fight, in a total and effective way, the causes that result in the state of need of the population, not delving into the roots of the social problems to solve them; and Social Welfare, although in a new guise, does not address the needs of workers, as it follows neoliberal ideological dictates, which seek only business interests.

The way the media circulates discourses is a way of ideological interpellation for the acceptance of what is imposed. In the words of Orlandi (2017, p. 247), "[...] é o modo de circulação, inerente à sua materialidade, que rege a textualização do discurso, afetando tanto a constituição como a formulação e, portanto, o funcionamento ideológico do discurso digital"[29]. In the meantime, the

[25] Pêcheux (2014) points out that the functioning of transverse discourse refers to metonymy, as a connection of the part with the whole, the cause with the effect, the symptom with what it designates, etc.

[26] "[…]crosses and connects with each other the elements constituted by the interdiscourse as pre-constructed [...]" (COURTINE, 2014, p. 204-205, our translation).

[27] "[…] can be obtained by suppressing a member of a complete form of refutation; the member that carries the contrastive negation is preserved, in which the pre-constructed element of sense of an antagonistic DF is marked by a negative identification" (COURTINE, 2014, p. 206, our translation).

[28] The term "pre-constructed" was created by Paul Henry to designate what refers to a previous and exterior construction, but always independent, opposing what is constructed by the utterance (PÊCHEUX, 2014).

[29] "…it is the mode of circulation, inherent to its materiality, that governs the textualization of discourse, affecting both the constitution and the formulation and, therefore, the ideological functioning of digital discourse" (ORLANDI, 2017, p. 247, our translation).

ideology of the neoliberal State summons the subjects to identify with the state DF, through the bias of the metaphor that inserts the term "new" and starts to signify with the effects of an apparent logic, as the state discourse promises a "new" Welfare, with a sense of dismantling an outdated system, to make room for something innovative that will promote equity. Thus, the return of the WR discourse to the same spaces of the saying in the Bolsonaro discourse establishes paraphrases that reinforce senses of plausible justifications for the WR and produces senses of importance for the adoption of measures to implement the changes.

Next, let's look at DS3, made up of excerpts from a video with utterances by the Minister of Economy, Paulo Guedes (cf. DS1). The video begins with the exposition of the utterance chanted as the main slogan "New Social Welfare / It's for everyone / It's better for Brazil".

DS3:

"We are going to guarantee retirements, we are going to reduce inequalities, we are going to remove privileges, we are going to increase the country's growth rate, increase productivity, capital accumulation, generate jobs. It's a new Brazil if we can make the reforms we need. And this Welfare reform is the first and most important. We are going to improve the investment grade in the economy, we are going to accelerate investments, we are going to structurally reduce the deficit, returning to fiscal balance. This allows for lower interest rates, faster investments, economic growth, job creation. So, it is definitive, this reform is very important. And we are on the path to prosperity for all."

Table 1: Transcript of an interview given by Minister Paulo Guedes
Source: Page "Previdência e Trabalho" on Facebook

The advertising discourse of the "new" Welfare begins with formulations that establish senses of scope and of the only economic way out for Brazil, senses that are worked on by government advertising in the institutional discourse. In this bias, the power relations function in DS3, as the place occupied by Guedes is constitutive of what he says, legitimizing the state discourse of the need for reform.

In the position of Minister of Economy, Guedes, as a speaker, is crossed by relations of strengths that determine the discourse. In this process, we also perceive the relations of sense, as the discourse refers to others produced in previous governments.

In addition, some sayings that strengthen the process of ideological interpellation for the adhesion of the subjects to the WR discourse are resumed. First, the repetition of the sequence "we are going to" produces senses of legitimation, of veracity to the promises listed, as well as of a collective voice that encompasses the voice of the entire society. Other expressions stand out in this set of sayings, instituting a paraphrastic family for the term "new" Welfare:

✓ retirement guarantee
✓ reduction of inequalities
✓ removal of privileges
✓ increase in growth rate
✓ increase in productivity
✓ capital accumulation
✓ job creation
✓ investment grade improvement
✓ acceleration of investments
✓ structural deficit reduction
✓ return to fiscal balance

Table 2: Paraphrastic families for the term "new" Social Welfare
Source: Own elaboration

The paraphrastic families for the signifier "new" Welfare produce senses of economic growth and, consequently, of benefits to the points. For Indursky (2011), formulations can bring the same sense, as in a paraphrastic family that functions as a matrix of sense. Indursky (1997) argues that within a paraphrastic family, a comparison can be established between the same and its repetitions, resulting in the regularization of sense.

In this relation of repeatability, the expressions produce effects of senses of benefits for the "new" Welfare, in a plot of strength that seeks to maintain the regularization of the sayings in the proposal, and at the same time they institute senses in escape, since they disperse the content of the rules that will be implemented in the "growth" process and the sacrifice of workers to achieve the benefits. We note in the discourse what Pêcheux (2015, p. 20) advocates: "a novidade não tira a opacidade do acontecimento"[30].

Silva Sobrinho (2019) states that certain discursivities that call for "changes" and "reforms" are taken ideologically as essential principles to the production management programs and the direction of the bourgeois State, which announces globalization, and its neoliberal practices, as a road of no return to society. The "language of the State" functions in the discourse, producing effects of senses aimed at capitalist interests, instituting ideological effects of economic growth.

Dugnani (2009) explains that neoliberal agents press for changes that direct resources to the financial market with the aim of boosting profits, however, these changes negatively affect the mass of population. In this regard, we see the ideological discourse of reform and the ideals of the capitalist system. Nogueira (2017) comments that discourses on labor relations, depending on the position in which they are produced, establish a way of rewriting capitalism in an attempt to make it (re)signifying.

Returning to the formulations of DS3, Guedes says: "It is a new Brazil if we manage to carry out the reforms we need. And this Welfare reform is the first and most important". Here we can see the regularity regarding the directions given by the changes to the country, that will become a "new Brazil".

This metaphorization of senses ranging from "reform" to "new" produces the effect that there will be no setbacks, a promise that with the adoption of the "new" measures there will be no withdrawal of labor rights. Guedes becomes the "advertising character" of the neoliberal State, as he also uses the language of the State to interpellate individuals in neoliberal subjects, announcing that the "reform" in the Social Welfare system "is the first and most important". In other words, the changes in Social Welfare are the first step towards other reforms in other areas, which will gain momentum with the approval of the first one.

It can be seen the importance attributed by the state discourse to WR as a path to be followed to open new routes. The discourse given by Guedes promises, as a result of the changes, an advance in terms of the economy. "We are going to improve the investment grade in the economy, we are going to accelerate investments, we are going to structurally reduce the deficit, returning to fiscal balance. This allows for lower interest rates, faster investments, economic growth, job creation". Once again, the language of the State functions, in ideological interpellation, with the effect of economic structuring with possibilities of ascension in terms of employment positions; they are senses of apparently logical evidence, but the discourse is always opaque, and the senses can always be others (PÊCHEUX, 2014, 2015).

To conclude, the minister states: "So it is definitive, this reform is very important. And we are on the path to prosperity for all." This conclusion takes up, in a paraphrastic process, the sense that the Welfare reform "is the most important". In this context, the discourse of the "new" Social Welfare indicates a new path, the "path of prosperity for all". It is yet another promise of the neoliberal State, as a reward for the adhesion of the subjects to the discourse in defense of WR.

When analyzing the corporate management discourse of/in Petrobras, Nogueira (2015) points out that the notion of prosperity functions through the pre-constructed effect, i.e., there is a pre-constructed about "prosperity in life", which can be achieved through work and functions as a place of identification for the working class.

[30] "…the novelty does not take away the opacity of the event" (PÊCHEUX, 2015, p. 20, our translation).

Nogueira (2015) adds that ideology only functions in these subjects because there is an identification position that is taken, in which the subject identifies with something, in a relation of discursive imaginary projection, corresponding in this case to (possible) prosperity. The author asserts that the relation sustained in the prosperity discourse is a mistake, since it is an inherent consumerist illusion of capitalism. In this perspective, Nogueira (2015, p. 174) declares that "[...] a prosperidade é a promessa do capitalismo"[31].

In the functioning of ideological interpellation, the effects of neoliberal senses, with the promise of prosperity, are instituted and linearized in intradiscourse, due to a reform proposal that supposedly contemplates a new future.

In a study carried out by Tenório Neto and Ericson (2020)[32], they report that at the Brazilian political level the imaginary of a future of prosperity is recovered with a view to attributing to it the responsibility of eliminating corruption, of the old politics, feeding the desire for the economic miracle. The authors seek to discuss how the neoliberal discourse presents itself, silencing the antagonism of social classes, as it recovers a memory that reinforces a unity regarding a future that does not seem to arrive.

For Tenório Neto and Ericson (2020), in the discursive scope, this imaginary continues to produce senses, given that it appears as a clipping of a memorable past, going back to political campaigns aimed at economic development, such as: "50 years in 5" (Juscelino Kubistchek's electoral campaign – 1955); "Collor is progress. A new time will begin" (Fernando Collor's electoral campaign – 1989); "Brazil cannot go back. Go forward Brazil" (Fernando Henrique Cardoso's electoral campaign – 1998).

In this plot entangled by several DFs, as we have seen, substitutions of utterances function in metaphorical work, when government administrations change, producing paraphrases to the process of "economic growth". In doing so, there is a discursive regularity regarding progress, "inculcating", in the words of Pêcheux (2014), senses of the need to move forward. We point out that the discourse of novelty is crossed by neoliberalist ideals and functions only as a guise, a camouflage of old practices of exploitation of the worker and rights cuts.

In this discursive plot, we perceive a relation between silence, metaphor and interdiscourse, as Orlandi (2012a) points out, when she describes the notion "senses in escape", explaining that these senses are seen as dismantling, an explosion that destabilizes and produces movement disorder. In DS3, the dominant ideology in the neoliberal State interpellates the population to participate in the process of change, instituting effects of democracy, engagement and commitment to economic growth. Nonetheless, other senses are silenced in the discourse of novelties in welfare rules, such as penalizing workers and defending the interests of entrepreneurs.

4 FINAL CONSIDERATIONS

Due to the metaphorical effect of the term "new", the discourse on the "new" Social Welfare functions in a way to produce the effects of a system that intends to end privileges, promote equity, not being equivalent to repairs. Through mass circulation, digital media propagates feelings of rejection of the current system and advocates its necessary replacement, given its urgency which is supposedly essential for the country's economic growth.

The discourse is affected by the relations of strengths and senses, with strong determinations of the neoliberal discourse; in this process, the media functions as an ideological apparatus and propaganda machine of the State and circulates, with intensity and celerity, the effects of strengthening the proposal, in an attempt to "inculcate" in the minds of the population the importance of the measures of the "new" welfare system.

However, the discourse functions under the tensions of transparency and opacity and, in this way, words, expressions and propositions change sense according to the positions of those who use them (PÊCHEUX, 2014).

[31] "[…] prosperity is the promise of capitalism" (NOGUEIRA, 2015, p. 174, our translation).

[32] Research made from a corpus extracted from the document "A bridge to the future", formulated by the Brazilian Democratic Movement Party - PMDB (2015).

Therefore, in the plot of the sayings, the non-sayings are inscribed and thus the senses for the "new" Social Welfare can be quite different from those determined by the neoliberal DF, such as the penalization of workers and the setback of labor achievements.

REFERENCES

ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. *Emenda Constitucional nº 103, de 12 de novembro de 2019*. Altera o sistema de previdência social e estabelece regras de transição e disposições transitórias. Brasília, DF: Presidência da República, [2019]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc103.htm. Acesso em: 09 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Economia. *Nova Previdência* – Comissão Especial. Brasília, DF: Ministério da Economia. 8 maio 2019. Disponível em: https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/images/2019/05/apresentacaoa_alterada-1.pdf. Acesso em: 10 ago. 2021.

CARROZZA, G. Publicidade e propaganda: o jogo de sentidos na configuração da área no Brasil. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, v. 27/28, p. 121-136, 2012. Disponível em: http://www.revistalinguas.com/edicao27e28/artigo7.pdf. Acesso em: 15 set. 2021.

CORTES, G. R. de O. *Do lugar discursivo ao efeito-leitor*: a movimentação do sujeito no discurso em blogs de divulgação científica. 2015. 266 f. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/13933. Acesso em: 26 jul. 2019.

COURTINE, J.-J. *Análise do discurso político*: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2014.

COURTINE, J.-J. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. *Policromias*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 14-35, 2016. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/4090. Acesso em: 14 ago. 2019.

DARDOT, P.; LAVAL, C. Anatomia do novo neoliberalismo. *Revista IHU Online*, São Leopoldo, 2019. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591075-anatomia-do-novo-neoliberalismo-artigode-pierre-dardot-e-christian-laval. Acesso em: 21 set. 2019.

DIAS, C. *A discursividade da rede (de sentidos)*: a sala de bate-papo hiv. 2004. 176 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_37694bf0b2046d693514ffba7b67899c. Acesso em: 16 set. 2021.

DIAS, C. *Da corpografia*: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital. Santa Maria: UFSM/PPGL, 2008.

DIAS, C. A análise do discurso digital: um campo de questões. *Redisco*, Vitória da Conquista, v.10, n. 2, p. 8-20, 2016. Disponível em: http://periodicos.uesb.br/index.php/redisco/article/viewFile/6139/5880. Acesso em: 04 jul. 2019.

DUGNANI, R. *A previdência social brasileira sob pressão neoliberal*. 2009. 304 f. Dissertação (Mestrado em Economia Política) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/9406. Acesso em: 02 jun. 2020.

DUGNANI, R. *Análise dialógica do discurso neoliberal sobre a previdência brasileira nos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo*. 2015. 280 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3633. Acesso em: 16 ago. 2021.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. *A língua inatingível*. Trad. Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

HAN, B.-C. *Psicopolítica*: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas: Editora da Unicamp: 1997.

INDURSKY, F. Lula lá: estrutura e acontecimento. *Organon*, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 101-121, 2003. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30020. Acesso em: 08 abr. 2020.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. *In:* INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. F. (org.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.

MAZZA, L.; BUONO, R. A conta da publicidade oficial. *piauí*, 3 fev. 2020. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/conta-da-publicidade-oficial/. Acesso em: 1 set. 2021.

NOGUEIRA, L. *Discurso, sujeito e relações de trabalho*: a posição discursiva da Petrobras. 2015. 314 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_bac1c818a5a992da3c63f78c7e110d63. Acesso em: 28 fev. 2020.

NOGUEIRA, L. *Discurso, sujeito e relações de trabalho na contemporaneidade*. Campinas: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, E. P. A análise de discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 42, p. 21-40, jan./jun. 2002. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637139. Acesso em: 28 out. 2019.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio*: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. P. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. *In*: CARROZZA, Guilherme *et al*. (org.). *Sujeito, sociedade, sentidos*. Campinas: RG Editora, 2012a. p. 11-27.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2012b.

ORLANDI, E. P. *Eu, tu, ele*: discurso e real da história. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

PAYER, M. O. Linguagem e sociedade contemporânea. Sujeito, mídia, mercado. *RUA*, Campinas, v. 11, n. 1, p. 9-25, 2005. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640774. Acesso em: 30 set. 2019.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania Mariani *et al.* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-161.

PÊCHEUX, M. Foi "propaganda" mesmo que você disse?. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Análise de discurso*: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 73-92.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et al*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. *O discurso*: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 7. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In*: ACHARD, P. *et al* (org.). *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 45-53.

PEREIRA, D. D. da S. *Funcionamento discursivo das hashtags*: um olhar para #somostodos. 2018. 82 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_f19eebdbeadc35494246e21e4ccd5689. Acesso em: 08 abr. 2020.

PREVIDÊNCIA E TRABALHO (Brasil). *Reforma da Previdência*: A #novaprevidência garante as aposentadorias, reduz as desigualdades e remove os privilégios. Veja a explicação do ministro da Economia, Paulo Guedes. Brasília, 22 fev. 2019. Facebook: Previdência e Trabalho @previdenciaetrabalho. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?v=2063038437077848. Acesso em: 07 nov. 2021.

ROMÃO, L. M. S. Nós, desconhecidos, na grande rede. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 5, n. 1, p. 71-91, jul./dez. 2004. Disponível em: https://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/302. Acesso em: 20 mar. 2020.

SILVA, A. B. da; QUADROS, L. A. de; FLACH, F. Assistencialismo no Brasil e seus efeitos subjetivos. *In*: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 27., SALÃO DO CONHECIMENTO, 2019, Ijuí. *Anais* [...]. Disponível em: https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/12812. Acesso em: 24 set. 2021.

SILVA SOBRINHO, H. F. da. O caráter material do sentido e as classes sociais: uma questão para a análise do discurso. *Polifonia*, Cuiabá, v. 26, n. 43, p. 130-150, jul./set. 2019. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/8307. Acesso em: 23 mar. 2020.

SILVEIRA, J. da. *Rumor(es) e humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no twitter*. 2015. 210 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015. Disponível em: http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/3988. Acesso em: 25 fev. 2020.

TENÓRIO NETO, J. F.; ERICSON, S. Uma ponte para o futuro: efeitos de sentido do discurso neoliberal no Brasil. *Revista da Abralin*, v. 19, n. 3, p. 409-428, 2020. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1739. Acesso em: 11 ago. 2021.

Received on September 29, 2021. Approved on January 31, 2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.82430

FEMININAS MAS NÃO FEMINISTAS: SENTIDOS EM DISPUTA NO DISCURSO DE MULHERES PARLAMENTARES DE DIREITA

FEMININE BUT NOT FEMINIST: DISPUTE OF MEANING IN RIGHT-WING FEMALE PARLAMENTARIANS DISCOURSE

FEMENINA PERO NO FEMINISTA: SENTIDOS EN DISPUTA EN EL DISCURSO DE MUJERES PARLAMENTARIAS DE DERECHA

Renata Ortiz Brandão*
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Este artigo, desenvolvido à luz da análise de discurso materialista, em interface com o pensamento feminista anticapitalista, tem como objeto de análise o discurso de três mulheres parlamentares que integravam o Partido Social Liberal (PSL): Janaína Paschoal, Joice Hasselmann e Soraya Thronicke. Meu intuito é produzir uma reflexão sobre os modos de dizer sobre as mulheres por mulheres sujeitas no/ao capitalismo, bem como dar visibilidade às divisões e deslocamentos nos sentidos da palavra *mulher*. As análises mostram que a tomada da palavra pelas congressistas produz um efeito de oposição entre *femininas* e *feministas* que se inscreve em uma rede de sentidos filiada a uma posição-sujeito conservadora e neoliberal. A partir desta posição, o discurso significa as mulheres pelo funcionamento de um imaginário de universalidade, produzindo um apagamento das interseccionalidades e desconsiderando as relações entre gênero, raça e classe em políticas públicas e programas sociais.
PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Análise de Discurso Materialista. Divisão política dos sentidos. Posição-sujeito.

RESUMEN: Este artículo, desarrollado a la luz del análisis del discurso materialista, en interfaz con el pensamiento feminista anticapitalista, tiene como objeto de análisis el discurso de tres parlamentarias del Partido Social Liberal (PSL): Janaína Paschoal, Joice Hasselmann y Soraya Thronicke. Mi objetivo es reflexionar sobre las formas de decir sobre mujeres por mujeres sujetas al capitalismo, así como dar visibilidad a las divisiones y desplazamientos en los sentidos de la palabra *mujer*. Los análisis muestran que la toma de la palabra por parte de las congresistas produce un efecto de oposición entre *mujeres femininas* y *mujeres feministas* que se inscribe en una red de significados afiliados a una posición-sujeto conservadora y neoliberal. Desde esta posición, el discurso

* Doutoranda e Mestra em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP. E-mail: renata.o.brandao@gmail.com.

significa las mujeres por el funcionamiento de un imaginario de universalidad, produciendo un borrado de las interseccionalidades y desconsiderando las relaciones entre género, raza y clase en las políticas y programas sociales.
PALABRAS CLAVE: Mujer. Análisis del Discurso Materialista. División política de los sentidos. Posición sujeto.

ABSTRACT: This article, developed in the light of the materialist discourse analysis, in interface with the anti-capitalist feminist theory, has as its object of analysis the discourse of three female parliamentarians who were part of the Social Liberal Party: Janaína Paschoal, Joice Hasselmann and Soraya Thronicke. My aim is to reflect on the ways of saying about women by women subject to capitalism, as well as to give visibility to the divisions and displacements in the meaning of the word *woman*. The analyses show the discourse of these congresswomen produces an effect of opposition between *feminine women* and *feminist women*. This effect is inscribed in an affiliation of meaning produced from a conservative and neoliberal subject-position. From this position, the discourse signifies women by the functioning of an imaginary of universality, producing an obliteration of intersectionalities and disregarding the relations among gender, race and class regarding public policies and social programs.
KEY WORDS: Woman. Materialist Discourse Analysis. Political division of meaning. Subject-position.

1 INTRODUÇÃO

Nas eleições de 2018, houve um crescimento expressivo do Partido Social Liberal (PSL), que passou a representar a segunda maior bancada de deputados na Câmara, o que indicou uma maior aceitação do programa político[1] do partido por parte significativa da sociedade brasileira e um maior envolvimento do PSL e de seus congressistas na elaboração de leis e de políticas públicas a partir de 2019. Tal envolvimento afeta fundamentalmente os rumos da sociedade brasileira e, portanto, demanda de nós, pesquisadores, um olhar mais atento e analítico.

Para esta tarefa, tomo como objeto de análise o discurso de mulheres parlamentares que integravam o PSL, recortando a especificidade do dizer de três delas: Janaína Paschoal (J.P.), Joice Hasselmann (J.H.) e Soraya Thronicke (S.T.). Como material de análise para o *corpus* do trabalho[2] [3] [4], selecionei tanto entrevistas que as congressistas deram ao *site UOL Universa* e à revista *Marie Claire* quanto projetos de lei desenvolvidos e apresentados por elas à Câmara e/ou ao Senado.

A partir da Análise de Discurso, na linha de reflexão desenvolvida por Pêcheux na França e por Orlandi no Brasil, *discurso* é entendido não como "[...] uma transmissão de informações entre *A* e *B*", mas sim como "um 'efeito de sentidos' entre os pontos *A* e *B*", sendo que "*A* e *B* designam lugares determinados na estrutura de uma formação social" e "[...] estão *representados* nos processos discursivos em que são colocados em jogo" (PÊCHEUX, 2014, p. 81, grifos do autor). Por ser efeito de sentido, o discurso está sempre em movimento; é "um processo em curso" e, desse modo, uma das práticas que constitui "a sociedade na história" (ORLANDI, 2012, p. 71). Isso significa conceber as relações de sentido a partir de uma perspectiva sobre a linguagem sustentada no materialismo histórico, levando-se em conta a ideologia[5] como constitutiva do sentido e dos sujeitos, a historicidade do dizer e a divisão política das línguas. Assim, conforme Pêcheux (1988, p. 82, grifos do autor), "´[...] *todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes*".

[1] O PSL, partido pelo qual se elegeu Jair Bolsonaro em 2018, alinhado ao conservadorismo e ao neoliberalismo, apresentava, como principais pautas, a defesa da segurança pública e o apoio às polícias federal, militar e civil; a proteção da propriedade privada; a revogação do Estatuto do Desarmamento e a flexibilização do porte de armas pelos cidadãos; a defesa do Estado mínimo e o incentivo à livre iniciativa privada.

[2] O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

[3] Este artigo é resultado de um trabalho apresentado para qualificação de área em Análise de Discurso sob a orientação da Profa. Dra. Isadora Machado, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

[4] Agradeço especialmente aos membros da banca de qualificação do trabalho que gerou este artigo, a Profa. Dra. Débora Massmann (Universidade Federal do Alagoas) e o Prof. Dr. Rogério Modesto (Universidade Estadual de Santa Cruz), pela leitura atenciosa e pelas contribuições.

[5] Segundo Althusser (1996, p. 131), "[...] não existe prática, a não ser através de uma ideologia, e dentro dela"; bem como "não existe ideologia, exceto pelo sujeito e para sujeitos".

Meu interesse é refletir a respeito dos modos de dizer sobre as mulheres por mulheres, sujeitas no/ao capitalismo, e os efeitos de sentido produzidos no/pelo seu dizer. Especificamente, interessa-me lançar luz para o discurso produzido por mulheres de direita que ocupam cargos da governança pública na atualidade brasileira. Em 2018, Soraya Thronicke foi eleita senadora pelo estado do Mato Grosso do Sul e, posteriormente, escolhida pelo então presidente do partido, Luciano Bivar, para liderar o *PSL Mulher* – grupo que discutia pautas e propunha projetos alegadamente do interesse das mulheres da sociedade brasileira. Joice Hasselmann foi eleita deputada federal pelo estado de São Paulo – a segunda mais votada candidata ao cargo, com mais de 1 milhão de votos[6]. Janaína Paschoal foi eleita deputada estadual de São Paulo, sendo a candidata mais votada da história do Brasil[7], com mais de 2 milhões de votos recebidos.

A motivação para este trabalho surgiu, portanto, a partir da conjuntura política após as eleições de 2018, que indicaram, por um lado, o crescimento do PSL, devido à expansão da popularidade de Jair Bolsonaro e de seus apoiadores; por outro lado, nesse movimento, uma inclinação social mais evidente a valores políticos alinhados ao espectro da direita, isto é, ao neoliberalismo e ao conservadorismo.

Apesar do crescimento expressivo do partido, ao longo do desenvolvimento deste trabalho, instaurou-se, em meados de outubro de 2019, uma crise[8] dentro do PSL, relacionada ao controle do partido e de sua verba, resultando em uma fratura entre o presidente da República e o presidente do partido, o que, consequentemente, culminou na saída[9] de Jair Bolsonaro do PSL. Como consequência desse racha, o PSL ficou enfraquecido e sofreu inúmeras derrotas[10] nas eleições municipais de 2020[11].

Para este trabalho, interessa-me compreender os movimentos nos sentidos de *mulher* produzidos no e pelo discurso de mulheres parlamentares de direita, especificamente produzido na conjuntura política pós-eleições de 2018. Pelo movimento analítico de contraste e contraposição, as materialidades discursivas[12] são concebidas pelo primado da não homogeneidade, o que significa que a tomada da palavra se dá a partir de um litígio permanente, isto é, pelo conflito entre modos de dizer e pela disputa incessante de sentidos na história. Tal embate produz efeito sobre o real, isto é, sobre aquilo que faz sentido, sobre aquilo que pede para ser significado e nomeado, assim reconfigurando-o. Desse modo, minhas análises, ao lançarem luz para as divisões nos sentidos de *mulher*, se basearão em "[...] colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras."(ORLANDI, 2012, p. 59).

A ancoragem teórica da Análise de Discurso implica assumir que os sentidos são divididos e apresentam uma especificação determinada sócio-historicamente. É sempre em uma prática histórica e social que se dá a tomada da palavra, configurando disputas

[6] Fonte: VEJA os 20 candidatos a deputado federal mais votados em SP. *G1*, São Paulo, 08 de outubro de 2018.

[7] Fonte: JANAÍNA Paschoal é a deputada mais votada na história do país. *G1*, São Paulo, 07 de outubro de 2018.

[8] Fonte: ENTENDA o racha entre Jair Bolsonaro e o PSL. *G1*, Caderno Política, 18 de outubro de 2019.

[9] Fonte: BOLSONARO anuncia saída do PSL e criação de novo partido. *G1*, Caderno Política, 12 de novembro de 2019.

[10] Dos 731 candidatos a prefeituras lançados pelo PSL, somente 90 se elegeram – nenhum deles nas 100 maiores cidades do país. Fonte: COSTA, R. Reatar com presidente ou se livrar dos bolsonaristas? PSL vive dilema após fracasso eleitoral. *Gazeta do Povo*, Brasília, 23 de novembro de 2020.

[11] Joice Hasselmann também perdeu sua influência e força política após a fratura do PSL e o rompimento com a ala bolsonarista. Nas eleições municipais de 2020, concorrendo para o cargo de prefeita da cidade de São Paulo, Hasselmann obteve cerca de 100 mil votos, o que representa apenas 1,84% dos votos válidos. Fontes: 1) PIRES, S. Eleita com mais de 1 milhão de votos há dois anos, Joice Hasselmann faz menos de 100 mil em 2020. *GZH*, Porto Alegre, 17 de novembro de 2020.; 2) COVAS e Boulos disputam 2º turno em São Paulo. *G1*, São Paulo, 15 de novembro de 2020.

[12] A partir da perspectiva da análise de discurso materialista, a linguagem verbal tem a sua materialidade. A língua se organiza pela *forma material*, que Orlandi (2007) distingue da forma empírica e da forma abstrata. A forma abstrata é tomada enquanto elemento de um sistema; a forma empírica corresponde ao resultado do processo de significação. A forma material é tomada no processo de inscrição da língua na história, no equívoco que faz significar: ou seja, ela é uma forma linguística-histórica significativa. Por sua vez, se a materialidade da ideologia é o discurso e a do discurso é o texto, no qual se integram as formas materiais da língua, assumo, com Orlandi (1996, p. 14), que "qualquer modificação na materialidade do texto corresponde a diferentes gestos de interpretação, distintos recortes de memória, distintas relações com a exterioridade".

por "*modos e direitos de dizer* desigualmente distribuídos" (ZOPPI FONTANA, 2015, p. 273, grifos da autora), o que produz sentidos inscritos em relações díspares de dominância.

As relações de sentido se estabelecem, desse modo, a partir de relações de força, que determinam o dizível e o silenciado, isto é, as possibilidades de dizer e de não dizer. Interessa-me, a partir da análise das materialidades discursivas, mostrar as divisões nos sentidos de *mulher* produzidos no/pelo discurso de mulheres de direita que ocupam cargos na governança pública, bem como a posição-sujeito ou posições-sujeito a partir da(s) qual(is) esse discurso se produz, considerando, para isso, a formação, as características e a memória que essa(s) posição(ões) recorta(m) para produzir sentido.

Nas seções seguintes, examino, nas declarações das parlamentares, o embate entre os sentidos de *mulheres femininas* e *mulheres feministas* que, ao produzir um efeito de oposição, significa em relação a uma posição-sujeito alinhada ao conservadorismo e à meritocracia (seção 2). Analiso também os sentidos da palavra *mulher* em leis e políticas públicas elaboradas pelas congressistas que, a partir de um discurso neoliberal e universalizante, de um lado, apagam as divisões entre as mulheres na sociedade, por meio do funcionamento de um imaginário de homogeneização a respeito de suas demandas e urgências (seção 3); e, de outro lado, silenciam as violências e desigualdades de gênero, apresentadas no dizer como problemáticas da esfera privada, individual, e não como coletivas e sociais (seção 4). Por fim, à luz dos debates realizados por Davis (2016), Federici (2017) e Akotirene (2019), trago, nas conclusões, uma retomada das principais reflexões desenvolvidas ao longo do artigo, bem como um vislumbre de possíveis modos de enfrentamento ao discurso da direita e a seus efeitos sociais deletérios.

2 EMBATE ENTRE *FEMININAS* E *FEMINISTAS*

A partir do lugar da governança pública e, mais especificamente, do lugar de congressista mulher de direita, produz-se, como efeito de sentido do dizer, um embate entre o que se apresenta como da ordem da feminilidade e da ordem do movimento feminista, por meio de um efeito de oposição entre as formulações *mulheres femininas* e *mulheres feministas*.

As sequências discursivas abaixo são recortes de entrevistas dadas pelas congressistas Soraya Thronicke[13], Joice Hasselmann[14] e Janaína Paschoal[15], tanto à página da internet *Uol Universa* quanto à revista *Marie Claire*. A noção de recorte no domínio dos estudos discursivos é apresentada por Orlandi (1984, p. 14): "o recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva". Orlandi (1984) aponta, ainda, que a seleção dos recortes varia conforme as condições de produção, bem como o objetivo e o alcance da análise. Não se trata, portanto, de mera segmentação, mas sim de um gesto analítico, de modo que a análise dos recortes que integram um texto encaminha para a interpretação desse texto (GUIMARÃES, 1987), o que permite observar o movimento dos sentidos que nele se produzem e o processo discursivo ao qual ele remete.

A palavra *mulher* significa, seja pelo silêncio, no recorte (1), seja em presença, no recorte (2), pelo efeito de oposição entre *feminino*/*feminina* e *feminismo*/*feminista*, bem como pelas marcas de primeira pessoa do plural, isto é, nos pronomes possessivos (*nossa*, *nossas*) e na conjugação verbal (*trazemos*, *somos*), em (1). Vejamos as sequências discursivas abaixo:

> (1) Nossa pauta é conservadora. Trazemos valores como proteção à vida, somos contra o aborto, contra as drogas, a favor da moral, do patriotismo e da família. Feministas têm pauta pró-aborto e outras posições, diferentes das nossas. Outra coisa é o respeito à língua: não aceito ser chamada de presidenta. Sou presidente. Também acredito que temos

[13] Fonte: BRANDALISE, C. Presidente do PSL Mulher: Bolsonaro é um doce, e feminista não diz obrigada. *Universa Uol*, 03 de junho de 2019.

[14] Fontes: 1) BRANDALISE, C. "Feministas têm comportamento vexaminoso", diz Joice Hasselmann. *Universa Uol*, 01 de novembro de 2018.; 2) CORTÊZ, N. Joice Hasselmann: a deputada de extrema direita que se compara a Bolsonaro e despreza o feminismo. *Marie Claire*, 07 de dezembro de 2018.

[15] Fontes: 1) SOUTO, L. "Estou chocada com o presidente", diz Janaina Paschoal sobre Bolsonaro. *Universa Uol*, 25 de julho de 2019.; 2) CORTÊZ, N. Janaina Paschoal não descarta escrever um novo processo de impeachment. *Marie Claire*, 25 de março de 2019.

> de nos unir, homens e mulheres; e feministas nunca elogiam ou agradecem a um homem. Eu sempre faço isso. Por isso digo que que nossas pautas são feminist... Perdão! Femininas. (S.T., 2019)[16]

> (2) O feminismo tem uma pauta reducionista que alcança um tantinho de mulher. Critico a vitimização do feminismo, critico isso de mulher contra homem, homem contra mulher. É um saco. Compartimentar é um saco. Mulher não tem que ser maior do que homem. Ela tem que ser o que é. Se ela quer ser dona de casa, qual é o problema? E acho caricato isso de vai pra rua e mostra os peitos. Não representa o que a mulher quer. Se representasse você teria uma feminista eleita com a maior votação da história e não uma mulher de direita que respeita os espaços do homem e da mulher. Quero encabeçar o movimento feminino no Brasil. (J.H., 2019)[17]

O cotejo dos recortes dá visibilidade a uma divisão entre as mulheres ditas femininas e as mulheres ditas feministas. No recorte (1), tal divisão se constrói pelo funcionamento da primeira pessoa do plural, que produz um jogo de oposição entre *nós* e *elas*: as marcas do *nós*[18] apontam para a presidente do *PSL Mulher*[19], para as participantes do grupo e para aquelas que estão alinhadas aos valores e projetos do grupo, instaurando, nesse alinhamento, um outro ao qual se opõem: as feministas.

O litígio nos sentidos construídos para *mulher* funciona não só nas marcas gramaticais da primeira pessoa do plural, mas também na significação de *femininas* e *feministas*, em (1), e no efeito oposição entre *mulher* e *feminismo*/*feministas*, em (2). Ambos funcionamentos apontam para modos díspares de dizer da/sobre as mulheres na sociedade brasileira. As ditas "mulheres femininas", em (1), são descritas como aquelas cujos valores são *conservadores*: *contra o aborto* e *contra as drogas; a favor da vida* (que não é a vida da mulher, em suas condições psicossociais, mas sim a manutenção da vida biológica do feto), da *moral* (judaico-cristã), do *patriotismo* e da *família* (heterossexual e binária). Há, desse modo, disputas não só sobre os sentidos de *mulher*, mas também sobre os sentidos de *vida*, *moral*, *família* e *patriotismo*, que, no entanto, apresentam-se no dizer por um efeito de fechamento interpretativo, isto é, como objetos de dizer inequívocos e evidentes.

Ao significar as mulheres como aquelas que *respeitam a língua*, produz-se, ainda, o sentido de que as "mulheres femininas" são normativas e conservadoras quanto às reivindicações de modificação no gênero das palavras. Defensoras, portanto, de uma suposta língua pura, o que reforça pautas reacionárias. As seguintes paráfrases mostram-se possíveis:

a) Eu respeito a língua, mas não respeito o não-binarismo.
b) A língua merece respeito, mas a demanda por uma língua não-binária não merece.
c) A língua é respeitável e o não-binarismo não é.

O dizer da parlamentar constrói, desse modo, tanto uma projeção sobre as mulheres, quanto uma projeção sobre a língua, que desqualifica o não-binarismo, o que indica que a língua não apenas reflete, mas também estrutura opressões sociais, mais especificamente, opressões de gênero.

[16] Fonte: BRANDALISE, C. Presidente do PSL Mulher: Bolsonaro é um doce, e feminista não diz obrigada. *Universa Uol*, 03 de junho de 2019.

[17] Fonte: CORTÊZ, N. Joice Hasselmann: a deputada de extrema direita que se compara a Bolsonaro e despreza o feminismo. *Marie Claire*, 07 de dezembro de 2018.

[18] Segundo Benveniste (2005), a categoria de pessoa *eu* apresenta, como características, a unicidade e a subjetividade, o que torna impossível a sua pluralização. Nesse sentido, "'nós' não é uma multiplicação de objetos idênticos mas uma *junção* entre o 'eu' e o 'não-eu', seja qual for o conteúdo desse 'não-eu'. Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: […] só há 'nós' a partir de 'eu' e esse 'eu' sujeita o elemento 'não-eu' pela sua qualidade transcendente" (BENVENISTE, 2005, p. 256, grifos do autor). O linguista aponta, ainda, que o *nós* pode ser exclusivo (*eu* + *eles*) ou inclusivo (*eu* + *vocês*), concluindo que o *nós* se caracteriza por uma globalidade indistinta, uma amplificação do *eu*: "não é um 'eu' quantificado ou multiplicado, é um 'eu' *dilatado* além da pessoa estrita, ao mesmo tempo acrescido e de contornos vagos" (BENVENISTE, 2005, p. 258, grifos do autor).

[19] Um questionamento possível a respeito da existência do *PSL Mulher* seria: por que um projeto político partidário antifeminista proporia uma frente exclusiva para mulheres? Em que falha da ideologia, em que brecha da demanda feminista se torna possível a instalação de uma pauta antifeminista dita "feminina"? Embora a análise específica da nomeação *PSL Mulher* não faça parte do escopo deste trabalho, tais questões são instigantes e, não passando desapercebidas, irrompem no processo de análise.

Valores como o conservadorismo, a tradição, o nacionalismo exacerbado e a devoção à pátria são característicos de regimes autoritários e estiveram fortemente presentes nas experiências totalitárias do fascismo e do nazismo que o século XX testemunhou. Segundo Trindade (1981), nos anos 30, no Brasil, tais valores autoritários eram lema da Ação Integralista Brasileira (AIB) que, inspirada no fascismo italiano e liderada por Plínio Salgado, político conservador brasileiro, foi a primeira organização de massa do país, incluídos aí setores da classe trabalhadora e as classes médias. Desse modo, o retorno desses valores no discurso de parlamentares de direita mostra que a tomada da palavra, na dispersão e na divisão do sujeito que fala, se dá a partir do interdiscurso, da memória discursiva, inscrevendo-se na filiação tanto dos sentidos produzidos pelo fascismo quanto a uma posição-sujeito conservadora de direita.

Os sentidos de *feminino/feminilidade* comparecem também na materialidade discursiva dos projetos de lei elaborados pelas congressistas, afetando, por sua vez, os sentidos construídos para *mulher* e determinando seus modos de ser e estar na sociedade, bem como instaurando divisões que se caracterizam pela dominância de um grupo e pela exclusão de outros. Vejamos abaixo a sequência (i), um recorte do Projeto de Lei n° 912/2019[20], proposto pela deputada estadual Janaína Paschoal e que legisla sobre o direito a acompanhante no pós-operatório de mastectomia:

> (i) Para além dos efeitos físicos, é patente e de conhecimento geral que as consequências emocionais causadas pela mastectomia são imensuráveis, em especial para as mulheres, que são as principais vítimas do câncer de mama. Com efeito, a mulher, em um primeiro momento, passa pelo choque e pela dor emocional de saber que está com câncer. Em um segundo momento, quando recebe parecer médico contrário a tratamentos menos invasivos, a mulher passa pela difícil decisão de proceder à retirada total da mama. Submetida à mastectomia, a mulher, na maior parte das vezes, é tomada por inúmeras alterações psíquicas, como diminuição da autoestima, alteração da autoimagem e comprometimento da sexualidade. Isso porque a mama representa, para a grande maioria das mulheres, um símbolo da feminilidade, de modo que sua retirada acarreta o medo de não mais ser aceita por seu parceiro. (PL 912/2019, de J. P.)

Um documento, formulado a partir de um aparelho (ideológico) de Estado[21], tal como compreendido por Althusser (1966), é sempre político[22], isto é, constituído pela contradição, de modo que o processo de produção de sentidos que o constitui ocorre ancorado em uma posição ideológica. Nessa mesma direção, Pêcheux (1988, p. 132, grifos do autor) afirma que "a instância ideológica existe sob a forma de *formações ideológicas* (referidas aos aparelhos ideológicos de Estado), que, ao mesmo tempo, possuem um caráter 'regional' e comportam posições de classe".

A sequência discursiva acima produz uma especificação para os sentidos de *mulher*, significando-a por um viés biológico e universalizante: as mulheres seriam apenas aquelas que têm mamas; estas, por sua vez, são definidas no dizer como *um símbolo da feminilidade*, responsáveis mesmo por sua *autoestima*. Ao produzir sentidos a partir do funcionamento de um imaginário em que a mulher se define biologicamente e por sua heterossexualidade ("medo de não mais ser aceita por seu parceiro"), produz-se, também,

[20] SÃO PAULO. *Projeto de Lei n° 912/2019, de 15 de agosto de 2019*. Garante o direito a acompanhante no pós-operatório aos pacientes submetidos à mastectomia, na rede pública ou privada de saúde do Estado. São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), 2019.

[21] O *Aparelho de Estado* (AE) é, para Althusser (1996), o próprio Estado enquanto "força de execução e intervenção repressoras, 'a serviço das classes dominantes', na luta de classes conduzida pela burguesia e seus aliados contra o proletariado" (p. 111, grifos do autor). O AE contém o governo, o exército, a polícia, os tribunais etc., e, por funcionar pela violência, é um aparelho repressivo – repressão esta que pode se dar tanto física quanto administrativamente. Já os *Aparelhos Ideológicos do Estado* (AIEs) se apresentam "sob a forma de instituições distintas e especializadas" (p. 114) – igrejas, escolas, partidos, jornais – e funcionam pela ideologia. Mais especificamente, é a ideologia da classe dominante, isto é, daquela que detém o poder estatal (o *Aparelho [Repressivo] do Estado*), que se realiza nos AIEs, assegurando, desse modo, "a reprodução das relações de produção, isto é, das relações capitalistas de exploração" e, portanto, a opressão das classes sociais dominadas (ALTHUSSER, 1996, p. 121). A partir de tal conceituação, Althusser (1996, p. 129) elabora a sua tese de que a ideologia tem uma existência material, uma vez que ela "existe sempre em um aparelho e em sua prática ou práticas."

[22] O *político*, em uma posição materialista sobre a linguagem, não está restrito às relações de governança pública; ele "diz respeito às práticas sociais em geral, nas quais a linguagem é fundamental" (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014, p. 44-45) e, por isso, é característico de todo dizer. Pensar o político na linguagem é tomá-lo como base e fundamento das próprias relações sociais. Desse modo, compreendo o político, conforme Orlandi (1998, p. 74), como a contradição constitutiva dos processos de produção de sentidos: "o político compreendido discursivamente significa que o sentido é sempre dividido, sendo que esta divisão tem uma direção que não é indiferente às injunções das relações de força que derivam da forma da sociedade na história".

um apagamento dos sujeitos transgêneros que podem vir a ser submetidos a tal procedimento cirúrgico, mas que não são contemplados na justificativa do projeto. Embora o artigo primeiro do PL n° 912/2019 se refira a *pacientes*[23], o alvo da lei são mulheres, significadas, em um discurso cisheteronormativo, a partir de uma posição-sujeito conservadora de direita, apenas por aspectos biológicos e pela orientação heterossexual.

Nessa direção, destaco o seguinte enunciado da sequência discursiva (2), acima: "Mulher não tem que ser maior do que homem. Ela tem que ser o que é. Se ela quer ser dona de casa, qual é o problema?". A defesa de uma suposta essência feminina se apresenta, por um efeito de totalidade, como uma evidência: ser aquilo que se é. Destaque para a exemplificação – ser *dona de casa* – que inscreve o discurso de mulheres parlamentares de direita na filiação dos sentidos do conservadorismo e da tradição, rememorando (e também comemorando) os valores da família cisheteronormativa e do patriarcado. Este movimento dos sentidos comparece no dizer produzindo um imaginário de feminilidade que se apresenta por um efeito de universalidade: toda mulher é (ou almeja ser) mãe e responsável por cuidar da casa e da família.

Tal funcionamento discursivo silencia aquilo que é flagrante na obra de Federici (2017): a discriminação contra mulheres na sociedade como uma consequência da acumulação primitiva do capital. A reflexão da autora aponta que a origem do papel da *dona de casa* está intrinsicamente relacionada ao processo de formação do capitalismo, no qual as mulheres foram invisibilizadas e socialmente relegadas ao serviço doméstico, isto é, à geração de trabalhadores e à regeneração da capacidade do trabalho – ter filhos e cuidar desses filhos para que se insiram, posteriormente, no mercado de trabalho. Nessa mesma direção, Davis (2016) analisa o surgimento da *dona de casa*, apontando-a como um símbolo das classes médias e da burguesia. Segundo ela, a ideologia do século XIX estabeleceu a dona de casa e a mãe como modelos de feminilidade para as mulheres brancas, o que levou à desigualdade de gênero no trabalho, alienando mulheres desse lugar social e tornando-o majoritariamente masculino.

A afirmação de que a mulher deve *ser o que é*, bem como a exemplificação do papel e do lugar social da mulher como *dona de casa* produzem, desse modo, a atualização de uma região tal da memória discursiva que inscreve o dizer das congressistas em uma rede de sentidos na qual a condição das mulheres significa a partir de sua alienação do mercado de trabalho e de sua desvalorização na sociedade.

As "mulheres feministas", por sua vez, significam, nas sequências discursivas (1) e (2), acima, como grosseiras, como aquelas a quem falta polidez. Sua atuação social é depreciada ao ser associada ao alegado fato de não elogiarem nem dizerem "obrigada". Nessa mesma direção, *feminismo* é significado como um movimento cuja pauta é *reducionista* e *vitimista* a respeito da condição das mulheres na sociedade, promovendo confrontos entre homens e mulheres, e manifestações em que as mulheres somente *mostram os peitos* nas ruas.

Os sentidos de *feministas/feminismo* se constroem como opostos aos sentidos de *femininas/feminino*. A predicação de *feministas* como *pró-aborto*, em (1), por exemplo, confirma essa oposição, reduzindo a pluralidade dos movimentos feministas e, assim, produzindo sobre o par *feministas/feminismo* um efeito de sentido de homogeneização. As "mulheres feministas" significam, desse modo, como contrárias aos valores defendidos pelas congressistas de direita, isto é, contrárias à (manutenção da) vida (biológica do feto), à família (cisheteronormativa) e ao patriotismo.

Está posto um litígio entre o que se constrói como da ordem do *feminino* e da ordem do *feminismo*: o dizer orienta para os sentidos de que há uma divisão entre essas duas ordens, que apresentam princípios e causas divergentes – apesar do intrigante lapso, cometido pela senadora Soraya Thronicke (recorte (1)), ao trocar a palavra *femininas* por *feministas*. Há, assim, um hiato entre o que

[23] "Artigo 1º - Fica assegurado, em todos os hospitais ou estabelecimentos de atendimento à saúde, da rede pública ou privada do Estado de São Paulo, **o direito a acompanhante aos pacientes submetidos a mastectomia**, durante todo o período de internação no pós-operatório." (SÃO PAULO. *Projeto de Lei n° 912/2019, de 15 de agosto de 2019*. Garante o direito a acompanhante no pós-operatório aos pacientes submetidos à mastectomia, na rede pública ou privada de saúde do Estado. São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), 2019, grifos meus).

se pretendia enunciar e as palavras proferidas pela congressista, frustrando o ato [24] e, ao mesmo tempo, apontando para a contradição como constitutiva do dizer. Há, segundo Courtine (2014), uma contradição motriz que afeta constitutivamente qualquer material de análise, uma vez que os enunciados são sempre divididos, sempre perseguidos por seu outro. Em outras palavras, as materialidades discursivas "se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra" (LAGAZZI, 2009, p. 69). Não há, desse modo, homogeneidade no discurso, mas sim uma sobredeterminação de alteridades e um funcionamento de não-saturação na interpretação.

O significante *feminista*, já estabelecido e sedimentado na memória discursiva, irrompe no fio do dizer daquele que se apresenta como seu outro e que tenta lhe fazer oposição. Aqui, o ritual da ideologia tropeça e deixa ver que a ideologia dominada afeta a ideologia dominante. O lapso cometido pela senadora indica que o dizer é afetado pela alteridade, por sentidos outros que o perseguem. Segundo Orlandi (2012, p. 79, grifos da autora), "o processo de produção de sentidos está necessariamente sujeito ao deslize, havendo sempre um 'outro' possível que o constitui" – e que resiste.

É, portanto, a divisão dos sentidos de *mulher* que constitui o dizer das parlamentares. Neste litígio, há uma dominância das "mulheres femininas", uma vez que as "mulheres feministas" não encontram representatividade nas pautas defendidas pelas congressistas de direita, que não incluem seus interesses. O feminismo, em sua heterogeneidade e multiplicidade de pautas, lutas e demandas, é, desse modo, negado no discurso de mulheres congressistas de direita. No entanto, não se trata de uma oposição estanque: há lugar também para nuances e deslocamentos. Vejamos o recorte (3):

> (3) As pessoas têm um conceito de feminismo que é distorcido. Fiz uma entrevista recentemente junto com a Joice *[Hasselmann]*, e a jornalista perguntou se éramos feministas. Eu disse sim e a Joice ficou brava. "Você não é, você não é", ela falava. Expliquei: "Joice, eu sou, porque feminismo não tem nada a ver com esse estereótipo de querer fazer aborto, de tirar a roupa numa manifestação". Houve uma captura do termo feminista. O que é ser feminista? É você entender que a mulher tem que ocupar os espaços que merece ocupar, que ela não tem que se submeter a uma situação de subalterna por ser mulher. Isso não significa que ela tenha que ser agressiva, que não possa casar e querer filhos, que não possa querer uma vida familiar. (J.P., 2019)[25]

As palavras *feminismo* e *feminista* igualmente concentram disputas de sentido. Se, no dizer das congressistas Soraya Thronicke e Joice Hasselmann, comparece a aversão a tais nomes para falarem tanto de si quanto da luta da/pelas mulheres na sociedade, Janaína Paschoal é a única que se identifica como "feminista". Nesse ponto, estabelece-se um litígio entre o que se apresenta, na sequência discursiva (3), como, por um lado, o *feminismo distorcido*, *estereotipado*, *capturado*, isto é, o feminismo rejeitado e condenado pelas congressistas por, supostamente, defender o aborto, a nudez, a agressividade; e, por outro lado, o feminismo reivindicado por Janaína Paschoal, caracterizado por mulheres merecedoras de sua posição social, novamente exemplificada pelo viés familiar, isto é, pela mulher que assume o papel de mãe e de esposa.

Destaco do recorte (3) um enunciado em particular que significa o que é ser *feminista*: "É você entender que a mulher tem que ocupar os espaços que *merece* ocupar" (grifo meu). Produz-se, no dizer, sentidos de responsabilização da própria mulher pelo lugar social por ela ocupado, o que, por sua vez, coloca a questão da condição das mulheres na sociedade como da ordem do individual. Ecoa aí o discurso da meritocracia, que se inscreve em uma rede de sentidos filiados ao neoliberalismo: para ocupar seu espaço na sociedade, é preciso que a mulher o mereça, e o merecimento vem do esforço individual.

Essa rede de sentidos, filiada à meritocracia e ao neoliberalismo, silencia o processo histórico e econômico que constituiu as desigualdades de gênero e a estrutura patriarcal da sociedade. Federici (2017) apresenta a estreita ligação entre a formação do capitalismo e a discriminação e invisibilização das mulheres na sociedade. Analisando a Europa pré-capitalista a partir de uma concepção marxista, a filósofa aponta que a acumulação primitiva de capital destruiu as relações coletivas entre mulheres e seus

[24] Segundo Zizek (2015, p. 74), "o inconsciente intervém quando alguma coisa 'manca' na ordem da causalidade que engloba nossas atividades cotidianas: um ato falho introduz uma hiância na conexão entre a intenção-de-significar e as palavras, um lapso frustra meu ato…".

[25] Fonte: CORTÊZ, N. Janaina Paschoal não descarta escrever um novo processo de impeachment. *Marie Claire*, 25 de março de 2019.

sistemas de conhecimento, que iam desde a produção de bens de consumo para a própria família e para a comunidade local ao domínio de métodos contraceptivos e abortivos, e que "haviam sido a base do poder das mulheres […], assim como a condição necessária para sua resistência na luta contra o feudalismo" (FEDERICI, 2017, p. 205). Como consequência direta dessa destruição, Federici aponta que, no final do século XVII, começa a surgir "um novo modelo de feminilidade: a mulher e esposa ideal — passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras" (FEDERICI, 2017, p. 205).

Nesse movimento, uma crítica contundente às normatividades que têm organizado a sociedade ao longo da história, bem como a demanda dos movimentos feministas por políticas públicas que enfrentem as desigualdades de gênero, na sua relação com classe e raça, significam como *vitimização*, sentido já presente no recorte (2) e também em (4), abaixo:

> (4) Acho importante a mulher ter protagonismo sobre o que faz. É muito comum ela se conformar com os bastidores. E acho que é culpa dela *[risos]*. Sou uma feminista rígida com a mulher. […] Não gosto de feminismo vitimista. "Ah, fizeram isso comigo porque eu sou mulher." Então, minha filha, vamos brigar! Porque é muito prático ficar protegida nos bastidores. É difícil estar no front. Você é acusada, toma pancada, é criticada. (J.P., 2019)[26]

Ao se identificar como uma *feminista rígida com a mulher*, diferenciando-se de um suposto *feminismo vitimista*, o dizer das parlamentares de direita, na/pela materialidade discursiva, produz, como efeito de sentido, a culpabilização da mulher por sua situação submissa, posto que se apresenta como uma escolha prática e segura da mulher a de *se conformar* e *ficar nos bastidores*, ou seja, de não brigar. Esta relação de sentido se produz em contradição ao feminismo reivindicado por Janaína Paschoal, no qual as mulheres não são agressivas (recorte (3)). *Feminista* significa a partir dessa tensão entre os sentidos de luta e agressividade, estabelecendo-se, assim, um litígio no dizer: a luta levaria, supostamente, ao protagonismo das mulheres, enquanto que a agressividade seria, por sua vez, uma característica do *feminismo distorcido*, *estereotipado*, *capturado*.

No discurso das parlamentares, as mulheres são significadas, portanto, como responsáveis, ou mesmo culpadas, pela escolha do papel social que assumem. Esse movimento dos sentidos silencia tanto as desigualdades de gênero como consequência da estrutura machista da sociedade e do modo como o sistema econômico capitalista se constituiu, quanto a legitimidade dos movimentos feministas e de suas ações e reivindicações por políticas públicas efetivas.

3 MULHERES NA(S) POLÍTICA(S)

Akotirene (2019), discutindo o desenvolvimento do conceito de interseccionalidade nas teorias feministas, argumenta pela necessidade de considerar as encruzilhadas de raça, gênero e classe na elaboração de políticas públicas, uma vez que as "[...] iniquidades de gênero nunca atingiram mulheres em intensidades e frequências análogas" (AKOTIRENE, 2019, p. 28). Neste ponto, a pesquisadora brasileira aponta que "gênero inscreve o corpo racializado" (AKOTIRENE, 2019, p. 28), assinalando a importância de "[...] pensar os aspectos raciais da discriminação de gênero, sem perder de vista os aspectos de gênero da discriminação racial" (AKOTIRENE, 2019, p. 55). Desse modo, para ela, é decisivo articular clivagens identitárias para assim superar as cisheteronormatividades e o patriarcado, bem como para combater a concepção da mulher universal, que tem orientado diversas (necro)políticas públicas no Brasil e no mundo: "O pensamento interseccional nos leva a reconhecer a possibilidade de sermos oprimidas e de corroborarmos com as violências. Nem toda mulher é branca, nem todo negro é homem, nem todas as mulheres são adultos heterossexuais [...]" (AKOTIRENE, 2019, p. 45).

A elaboração de leis e de políticas públicas específicas para mulheres, com suas diferentes demandas, necessidades e interesses, que se articulam tanto pelas encruzilhadas de raça e classe quanto pelas clivagens identitárias, bem como a questão da representatividade das mulheres por meio de sua participação em cargos da governança pública são, portanto, temas prementes e fundamentais tanto para o debate público quanto para a construção de uma sociedade equitativa.

[26] Fonte: CORTÊZ, N. Janaina Paschoal não descarta escrever um novo processo de impeachment. *Marie Claire*, 25 de março de 2019.

Questionadas a respeito desses temas nas entrevistas realizadas pelo portal *Uol Universa* e pela revista *Marie Claire*, as congressistas Janaína Paschoal, Joice Hasselmann e Soraya Thronicke se mostram reticentes e mesmo contrárias à ideia, pois afirmam querer propor projetos sobre outros temas. As congressistas dizem querer legislar *para todos*, para uma suposta coletividade homogênea, a *nação* – significada, nesse movimento, por um imaginário de unidade que silencia o fato de que a nação é sempre produto de uma construção discursiva e da discursividade, não existindo senão como efeito de sentido. Não há, desse modo, no dizer das congressistas, interesse em voltar o olhar para os grupos sociais que estejam nas intersecções, nomeados por elas de *segmentos* e *guetos*:

> (5) Não gosto dessa coisa de propor projeto segmentado. Fui eleita por brasileiros de São Paulo; meus projetos são de nação. (J.H., 2018)[27]

> (6) Eu não tenho projeto de lei para mulheres. Os projetos tem que ser de nação, não podem ser segmentados. A legislação é para todo mundo, não vou trabalhar para guetos. (J.H., 2019)[28]

> (7) […] por que uma candidata mulher não pode ser olhada como uma candidata, pura e simplesmente? Isso me irrita. Então não posso opinar em temas que não têm nada a ver com mulher? Por que tenho que ter propostas só para as mulheres? […] Por que que as pessoas me perguntam o que que vou fazer pelas mulheres? Você senta com um político ou com um estudioso e pergunta "o que você vai fazer pelos homens"? (J.P., 2019)[29]

Ao mesmo tempo, apesar do que é afirmado nas entrevistas, produz-se uma contradição no dizer: as mesmas congressistas tanto propõem programas que visam uma maior participação de mulheres em cargos públicos quanto elaboram projetos de lei cujo escopo contempla aspectos específicos da vida das mulheres na sociedade, como o Programa Mulher Senadora[30] (Projeto de Resolução do Senado n° 80, de 2019), de Soraya Thronicke; a medida protetiva para vítimas de violência doméstica (Projeto de Lei n° 11/2019)[31], proposta por Joice Hasselmann; o direito à acompanhante no pós-operatório da mastectomia (Projeto de Lei n° 912/2019), mencionado acima, o ensino de luta corporal nas escolas para alunas (Projeto de Lei n° 643/2019)[32], e a garantia de que a gestante possa optar pela cesárea (Projeto de Lei n° 435/2019)[33], elaborados por Janaína Paschoal.

Esse movimento faz ver as brechas no discurso da direita, isto é, as falhas no ritual da ideologia. Trata-se, segundo Pêcheux (1988), do impossível do assujeitamento pleno e perfeito, que não acontece, portanto, sem rachaduras na interpelação. Ao proporem projetos de lei e políticas públicas que visam mulheres – e, não esqueçamos, ao inaugurarem um grupo, dentro do partido, intitulado

[27] Fonte: BRANDALISE, C. "Feministas têm comportamento vexaminoso", diz Joice Hasselmann. *Universa Uol*, 01 de novembro de 2018.

[28] Fonte: CORTÊZ, N. Joice Hasselmann: a deputada de extrema direita que se compara a Bolsonaro e despreza o feminismo. *Marie Claire*, 07 de dezembro de 2018.

[29] Fonte: CORTÊZ, N. Janaina Paschoal não descarta escrever um novo processo de impeachment. *Marie Claire*, 25 de março de 2019.

[30] "Parágrafo único. O programa é destinado a proporcionar às mulheres conhecimento acerca da estrutura e do funcionamento do Poder Legislativo brasileiro, bem como a estimular relacionamento permanente da cidadã com o Senado Federal." (BRASIL. *Projeto de Resolução do Senado n° 80, de 2019.* Cria o Programa Mulher Senadora no âmbito do Senado Federal. Brasília, DF: Senado Federal, 2019.).

[31] "Art. 1° Esta lei dispõe sobre o direito da vítima de violência doméstica ter o seu pedido de medida protetiva concedido pela autoridade policial", sem precisar esperar pela concessão de um juiz. (BRASIL. *Projeto de Lei n° 11, de 08 de fevereiro de 2019.* Dispõe sobre o direito da vítima de violência doméstica ter o seu pedido de medida protetiva concedido pela autoridade policial. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2019.).

[32] "Artigo 1º – Com o fim de propiciar às mulheres condições para se defenderem de toda forma de violência, uma das aulas semanais de Educação Física será destinada ao ensino de alguma modalidade de luta corporal às alunas, tanto no Ensino Fundamental, como no Ensino Médio." (SÃO PAULO. *Projeto de Lei n° 643/2019, de 15 de maio de 2019.* Determina que uma das aulas semanais de Educação Física seja destinada ao ensino de alguma modalidade de luta corporal às alunas, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), 2019.).

[33] "Garante à gestante a possibilidade de optar pelo parto cesariano, a partir da trigésima nona semana de gestação, bem como a analgesia, mesmo quando escolhido o parto normal. Artigo 1º - A parturiente tem direito à cesariana eletiva, devendo ser respeitada em sua autonomia. § 1º - A cesariana eletiva só será realizada a partir de 39 (trinta e nove) semanas de gestação, após ter a parturiente sido conscientizada e informada acerca dos benefícios do parto normal e riscos de sucessivas cesarianas. § 2º - Na eventualidade de a opção da parturiente pela cesariana não ser observada, ficará o médico obrigado a registrar as razões em prontuário." (SÃO PAULO. *Projeto de Lei n° 435/2019, de 10 de abril de 2019.* Garante à gestante a possibilidade de optar pelo parto cesariano, a partir da trigésima nona semana de gestação, bem como a analgesia, mesmo quando escolhido o parto normal. São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), 2019.).

PSL Mulher –, as parlamentares estão respondendo, de algum modo, a pautas feministas, o que indica um processo de afetação da ideologia dominante pela ideologia dominada. No entanto, a saída proposta pelas congressistas para a problemática das opressões de gênero é sempre pela via do neoliberalismo:

> (8) Quero trabalhar com as mulheres porque foram sempre meio que relegadas nesse meio. Especialmente as que entraram por causa de um sobrenome e não porque queriam. Mas veja, ficamos à margem da política porque quisemos. Mulherada diz que política é um lugar muito sujo – e é realmente. A gente precisa entrar para limpar. (J.H., 2019)[34]

Meio que relegadas é a formulação que predica o significante *mulheres* na sua relação com a política. A locução adverbial *meio que* minimiza a intensidade da exclusão de mulheres dos cargos na governança pública, minorando a importância social do fato e desacreditando-o como uma realidade a ser enfrentada, como uma problemática desencadeada pela própria estrutura da sociedade. O que segue confirma: "ficamos à margem da política *porque quisemos*" (grifos meus). É o sujeito senhor de si, o indivíduo, que comparece no dizer: as mulheres são responsabilizadas por sua condição de banimento dos meios políticos, situação esta que significa como resultado de seu próprio querer, de uma suposta vontade individual.

Este modo de significar as mulheres se produz a partir de uma posição-sujeito tal que insiste em retornar no discurso: uma posição-sujeito neoliberal, que se apoia na meritocracia como resposta e solução para toda e qualquer desigualdade social, e conservadora de direita, que rememora e atualiza sentidos tais que significam as mulheres como confinadas aos serviços domésticos, sujeitas ao mesmo papel social, não importando o lugar em que estejam: "Mulherada diz que política é um lugar muito sujo – e é realmente. *A gente precisa entrar para limpar*" (recorte (8), grifos meus), o que poderia ser parafraseado por:

a) O papel das mulheres é limpar a sujeira.
b) As mulheres devem limpar a sujeira produzida pelos homens.
c) O papel das mulheres na política é fazer uma limpeza do lugar.

O discurso conservador e machista da direita significa as mulheres, portanto, como serviçais, como responsáveis por organizar o caos gerado pelos homens.

A sequência discursiva (9) apresenta as prioridades do grupo *PSL Mulher*, que atuará, em parceria com o Instituto de Inovação e Governança (Indigo), em um projeto de capacitação de mulheres para a política:

> (9) Vou trabalhar em parceria com o Indigo (Instituto de Inovação e Governança, criado pelo PSL) para capacitar mulheres para a política. Essa é a prioridade. Vamos organizar palestras de autoajuda nos 27 estados brasileiros e ensinar não só questões econômicas e políticas, mas também levantar a autoestima delas. Muitas não entram nesse meio porque acham que não conseguem. Queremos inspirá-las com nossos casos: 90% das mulheres do PSL estão no primeiro mandato. Queremos ter 40% de participação feminina no partido e ultrapassar a obrigatoriedade legal, que é de 30%. Haverá a luta na proteção da mulher, mas essa é uma bandeira óbvia. Quero trazer coisas diferentes. Violência doméstica, feminicídio, são pautas de todo dia. (S.T., 2019)[35]

É na enumeração dos objetivos deste projeto que o dizer produz sentidos para a palavra *mulher*: capacitá-las para a atuação política significa proporcionar *palestras de autoajuda* para elevar sua *autoestima* e *inspirá-las*. Produz-se, como efeito de sentido, que a participação minoritária de mulheres no Congresso Nacional é mera consequência de baixa autoestima e falta de inspiração e, desse modo, novamente, algo da ordem das responsabilidades individuais, o que produz um apagamento dos processos históricos que estabeleceram as desigualdades de gênero e a condição de opressão de mulheres pela sociedade sexista e patriarcal.

[34] Fonte: CORTÊZ, N. Joice Hasselmann: a deputada de extrema direita que se compara a Bolsonaro e despreza o feminismo. *Marie Claire*, 07 de dezembro de 2018.

[35] Fonte: BRANDALISE, C. Presidente do PSL Mulher: Bolsonaro é um doce, e feminista não diz obrigada. *Universa Uol*, 03 de junho de 2019.

Nesse movimento dos sentidos, o dizer se produz a partir de uma região tal do interdiscurso que, ao atualizar uma memória, retoma o discurso meritocrático e inscreve-o no nível da formulação, da atualidade, do fio do dizer, de modo a apresentá-lo como argumento para a baixa representatividade de mulheres na política. Os sentidos de *mulher* filiam-se, desse modo, ao discurso neoliberal que, ao significá-la enquanto sujeito universal, apaga as divisões constitutivas das/entre as mulheres na sociedade e suas diferentes pautas, demandas e urgências, produzindo um imaginário de homogeneização.

Akotirene (2019) expõe as necropolíticas engendradas pelo poder público que, ao significarem as mulheres como sujeitos universais, desconsideram as encruzilhadas interseccionais, tais como raça, classe e gênero. Segundo a pesquisadora, é fundamental considerar a interseccionalidade para a análise das condições estruturais que atravessam os sujeitos: "A interseccionalidade permite às feministas criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial da qual saem" (AKOTIRENE, 2019, p. 37-38).

Produz-se, ao mesmo tempo, no discurso de mulheres parlamentares de direita, um apagamento da urgência e da atualidade[36] da luta contra o feminicídio, mitigada em sua importância pelo operador "mas", que inverte a orientação do dizer no seguinte enunciado: "Haverá a luta na proteção da mulher, *mas* essa é uma bandeira óbvia" (recorte (9), grifo meu). A luta contra as violências de gênero, minorada no/pelo dizer, significa como uma *bandeira óbvia*, uma *pauta de todo dia*.

No lugar da luta contra o feminicídio, fica uma proposta de alegada inovação que é, contudo, indefinida: *quero trazer coisas diferentes*. Não há explicitação no dizer sobre o que seriam essas "coisas diferentes"; no entanto, sobre elas incide um efeito de evidência pela falta de especificidade: o efeito de que "todos sabem do que eu estou falando aqui". As propostas do *PSL Mulher* ficam diluídas na vaguidade e na indefinição, minimizando e desvalorizando, por conseguinte, a pauta da luta contra a violência de gênero.

4 DEFESA PESSOAL: A GRANDE SOLUÇÃO?

Mesmo minorando a gravidade da violência de gênero e da estrutura sexista da sociedade, comparece no dizer das congressistas de direita um modo específico para se solucionar este problema: a defesa pessoal.

> (10) Sei me defender de um estupro. Krav magá. Com um movimento apenas, derrubo qualquer homem de qualquer tamanho que tente encostar em mim. (J.H., 2019)[37]

Em uma situação de violência, no caso de estupro, a parlamentar alega saber fazer movimentos de Krav magá[38] que a defenderiam e derrubariam *qualquer homem de qualquer tamanho*. Produz-se, como efeito de sentido, que as mulheres só são estupradas porque não sabem se defender. Desse modo, a luta contra o machismo e suas violências significa como uma luta de responsabilidade das mulheres. Não se trata, portanto, de uma questão social, pública e coletiva: o discurso das parlamentares de direita significa as violências de gênero e o sexismo como desafios da ordem da individualidade, do privado, que devem ser enfrentados por cada uma das mulheres, com os recursos que cada uma tiver ao seu alcance.

O recurso mais incentivado pelas parlamentares é a defesa pessoal por meio de uma prática física, isto é, pela luta, pelo corpo a corpo – sentidos que se materializam nos documentos legais e que vão, desse modo, constituindo as (necro)políticas públicas, entre elas, o PL n° 643/2019, que determina o ensino de luta corporal às alunas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio:

[36] Segundo reportagem do G1 e da GloboNews de abril de 2019, os casos de feminicídio aumentaram 76% no 1º trimestre de 2019 em São Paulo, o que aponta para a necessidade, dentre outras ações, de debate consistente na sociedade sobre a violência doméstica e seus efeitos deletérios. Fonte: ACAYABA, C.; ARCOVERDE, L. Casos de feminicídio aumentam 76% no 1º trimestre de 2019 em SP; número de mulheres vítimas de homicídio cai. *G1 SP* e *GloboNews*, São Paulo, 29 de abril de 2019.

[37] Fonte: CORTÊZ, N. Joice Hasselmann: a deputada de extrema direita que se compara a Bolsonaro e despreza o feminismo. *Marie Claire*, 07 de dezembro de 2018.

[38] Prática de defesa pessoal desenvolvida em Israel nos anos 1940.

> (ii) Artigo 1º – Com o fim de propiciar às mulheres condições para se defenderem de toda forma de violência, uma das aulas semanais de Educação Física será destinada ao ensino de alguma modalidade de luta corporal às alunas, tanto no Ensino Fundamental, como no Ensino Médio. […] Jocelyn Hollander, pesquisadora norte-americana que há muito se dedica à temática, já asseverou em diversas oportunidades que o conhecimento de técnicas de defesa pessoal melhora a qualidade de vida das mulheres em várias searas. Além de elevar sua autoestima e confiança, aumenta suas habilidades para reconhecerem comportamentos ameaçadores e incrementa sua competência física, tudo contribuindo para que elas não só consigam resistir a ataques, mas também possam reduzir o princípio de agressões feitas a elas. Em outras palavras, mulheres que foram treinadas em técnicas de defesa pessoal são aptas a evitar a ocorrência de violências antes mesmo que elas sejam iniciadas (HOLLANDER, Jocelyn A. "The importance of self-defense training for sexual violence prevention". In: Feminism & Psychology, vol. 26, nº 02, 2016, pp. 210/211). […] para além das necessárias soluções de longo prazo, que procuram enfrentar os problemas estruturais da sociedade, é imperativo que haja a adoção de estratégias que possam ser prontamente implementadas e que tragam resultados imediatos no sentido de diminuir os índices de violência contra as mulheres – e, nesse ponto, a aquisição de conhecimentos de técnicas de defesa pessoal tem se revelado a medida mais efetiva (HOLLANDER, Jocelyn A. "The importance of self-defense training for sexual violence prevention". In: Feminism & Psychology, vol. 26, nº 02, 2016, p. 219). […] Não importa se JUDÔ, KARATE, KRAV MAGÁ, TAEKWONDO, JIU JITSU, KUNG FU, MUAY THAI, dentre tantas outras modalidades de luta e defesa pessoal, o que interessa é preparar mulheres para cuidarem de si, sem depender de ninguém, nem mesmo do Estado. […] Imperioso reconhecer, ainda, que este Projeto de Lei não guarda relação apenas com a temática Educação, mas também (e talvez principalmente) com a da Segurança Pública, pois seu objetivo é justamente prevenir a violência contra as mulheres. Este projeto é vanguardista, pois aborda a questão da violência contra a mulher, não a partir da mulher que precisa ser tutelada, mas sim pela perspectiva da mulher que deve ser preparada para não carecer ser tutelada. Se aprovado, no médio e longo prazo, as mulheres poderão efetivamente se defender e impedir que muitos dos crimes que hoje as assolam se concretizem. (PL 643/2019, de J. P.)[39]

A proposta do PL n° 643/2019 é propiciar às mulheres, significadas, na materialidade discursiva do documento, por um imaginário de universalidade, condições para, desde jovens, enfrentarem situações de violência. O modo apresentado para isso é a aprendizagem das modalidades de luta corporal: judô, karatê, kung fu, krav magá etc., o que indica que somente as violências físicas são levadas em conta pelo projeto de lei, silenciando a possibilidade de as mulheres sofrerem outras violências, como a psicológica, a moral e a patrimonial.

A sequência discursiva (ii), acima, significa as práticas de defesa pessoal como o meio de *melhorar a qualidade de vida das mulheres*, *elevar sua autoestima e confiança*, *incrementar sua capacidade física*, bem como um recurso que permite reconhecer uma agressão iminente, resistir a ataques e mesmo *evitar a ocorrência de violências*. Nesse sentido, a proposta das congressistas para a diminuição da violência de gênero é preparar as mulheres para sua auto-defesa, é incumbi-las da tarefa de sua própria segurança, inscrevendo o dizer em uma rede de sentidos tal que produz o enaltecimento da individualidade, de uma suposta autonomia do sujeito, ao mesmo tempo em que isenta o Estado da responsabilidade de tutelar cidadãs e cidadãos: *o que interessa é preparar mulheres para cuidarem de si, sem depender de ninguém, nem mesmo do Estado*.

Esta rede de sentidos que se inscreve no fio do dizer das congressistas de direita, materializando-se nas entrevistas e nos projetos de lei, está filiada a uma região do interdiscurso que atualiza e movimenta o discurso do neoliberalismo, exaltando a individualidade e, nesse viés, uma suposta liberdade individual de agir e um suposto mérito consequente dessa ação.

[39] Fonte: SÃO PAULO. *Projeto de Lei n° 643/2019, de 15 de maio de 2019*. Determina que uma das aulas semanais de Educação Física seja destinada ao ensino de alguma modalidade de luta corporal às alunas, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), 2019.

Toda a responsabilidade está no sujeito; o Estado e a sociedade estão isentos. Esse é o projeto de governo delineado pelo discurso de mulheres parlamentares de direita: Estado mínimo, que não intervém na proteção e no cuidado de seus cidadãos e cidadãs, e sujeito de direito responsável por si, senhor de si e da sua vontade, senhor do seu destino e das suas circunstâncias. Em resumo, o discurso de mulheres parlamentares de direita produz sentidos de enaltecimento da defesa pessoal, da vontade, da autonomia, enfim, do individualismo – sentidos estes que determinam o próprio modo de ser do sujeito do neoliberalismo e, especificamente, o modo de ser das mulheres na sociedade. Responsáveis por si, elas devem estar preparadas para tudo, pois não há quem as defenda nem quem as assista além delas mesmas. O Estado se retira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU: É POSSÍVEL VISLUMBRAR ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO?)

Minhas análises, ancoradas na Análise de Discurso de filiação materialista, em interface com o pensamento feminista anticapitalista, tiveram por objetivo dar visibilidade às divisões e ao embate entre os modos de dizer da e sobre mulheres no discurso de mulheres parlamentares de direita, pensando, para tanto, as relações de sentido produzidas a partir de uma posição-sujeito conservadora e neoliberal inscrita no interdiscurso, na memória do dizível. O movimento dos sentidos no dizer das congressistas significa as mulheres de modo dividido, o que se apresenta por um efeito de oposição entre *femininas* e *feministas*. Nessa relação de oposição, comparece, no dizer, a dominância da *feminilidade* e a negação do *feminismo*. É com o par *feminina*/*feminilidade* que se significam as congressistas de direita.

O dizer constrói a mulher feminina como aquela que valoriza a vida (biológica do feto), a moral (judaico-cristã), o patriotismo e a família (cisheteronormativa); que elogia e é grata aos homens; e que precisa de inspiração para conquistar seu espaço. Além disso, o discurso de mulheres parlamentares de direita significa as mulheres pelo funcionamento de um imaginário de universalidade: elas são definidas a partir de características biológicas (menstruação, gravidez, amamentação) e de uma orientação heterossexual.

Ao compreender as mulheres de modo universal, o discurso produz um apagamento das interseccionalidades, desconsiderando as relações entre gênero, raça e classe para se pensar e propor políticas e programas sociais. Nesse movimento, as mulheres significam a partir de uma rede de sentidos que se filia ao conservadorismo e rememora/comemora os valores do patriarcado, isto é, a concepção das mulheres como *donas de casa*, confinadas aos serviços domésticos, e excluídas do mercado de trabalho e dos cargos da governança pública.

A disputa entre *femininas* e *feministas* dissimula pautas conservadoras no significante *feminilidade* reivindicado pelas congressistas. Desse modo, sua identificação com as *femininas* e o rechaço às *feministas*, embora irrompendo em um ato falho, significam o feminino em função de tais pautas, patriarcais e machistas: lgbtifobia, língua binária, mulher-dona de casa, mulher-mãe etc.

A luta política das mulheres, por sua vez, é reduzida a uma questão de autoajuda, de pró-atividade, de inspiração, o que produz o sentido de que cada mulher, individualmente, é a única responsável pelo seu sucesso, pela sua representatividade social e mesmo pela sua segurança. O discurso neoliberal e meritocrático produz um apagamento do lugar de minoria ocupado pelas parlamentares de direita, isto é, de sua condição de mulher em uma sociedade machista. Por estarem em uma posição social privilegiada – brancas, heterossexuais, de classe média alta – estão protegidas pelas leis de gênero já existentes e, ao não sofrerem opressões de raça e classe, negam a gravidade, ou mesmo a própria existência, do machismo, da misoginia, das desigualdades e violências de gênero. O discurso opressor do neoliberalismo funciona, desse modo, como um escudo para a manutenção das assimetrias sociais.

Então que estratégias de enfrentamento ao discurso da normatividade poderiam ser vislumbradas?

Tanto Davis quanto Federici refletem sobre o sujeito mulher capitalista e os efeitos deletérios deste sistema econômico predatório nas relações de gênero, no que diz respeito à divisão dos papéis sociais e à participação de mulheres na esfera política; bem como sobre modos de questionar e desafiar as opressões femininas – o que não se mostra possível senão pela desarticulação do sistema capitalista monopolista, que sustenta e se beneficia do sexismo.

Davis (2016) nos faz ver ainda que os feminismos e as lutas por igualdade de gênero são indissociáveis da luta antirracista; Federici (2017), por sua vez, nos mostra a impossibilidade de um movimento feminista que não seja anticapitalista; e, a partir de Akotirene (2019), torna-se possível perceber que as necropolíticas engendradas pelos governos são consequência de se conceber as mulheres em um sentido universal, isto é, sem considerar as encruzilhadas interseccionais. Raça, classe e gênero são, portanto, incontornáveis: avaliar a condição das mulheres na sociedade para a elaboração de leis e de políticas públicas implica considerar tais intersecções e as nuances das opressões – a experiência social de gênero varia conforme a raça e a classe, o que não pode ser ignorado nas lutas dos movimentos feministas.

É a partir de uma posição-sujeito libertária democrática no interdiscurso que se torna possível instaurar "[...] demandas políticas por reconhecimento e práticas discursivas de resistência" (ZOPPI FONTANA, 2018, p. 66), isto é, a partir de uma posição que interrogue os sentidos de *mulher* produzidos pela normatividade, bem como a sua legitimidade na sociedade, produzindo, de um modo tal, deslocamentos, rupturas, sentidos outros. Para isso, são decisivas e fundamentais iniciativas contundentes que defendam a causa político-social das desigualdades de gênero e das violências contra mulheres; ações coletivas em prol da participação de mulheres nos espaços de poder; e também movimentos de resistência que questionem o dizer da normatividade, isto é, o dizer e a ação da governança pública, bem como seus projetos de lei e suas (necro)políticas.

Tal como Modesto (2016), entendo que a resistência se dá no trabalho de *falar sobre*: é na/pela linguagem que se produzem deslocamentos dos sentidos, que se abre espaço para a diferença, para o deslize, para o equívoco; não é, desse modo, produto da intenção do sujeito que, embora exista, não garante a efetivação da resistência. O gesto de resistência se dá, portanto, enquanto "[...] possibilidade de deslocamento construído no próprio seio da dominação [ideológica] e que, por isso, não pode se dar alhures" (MODESTO, 2019, p. 122).

A partir do meu lugar de linguista, inscrita em uma teoria materialista sobre o funcionamento da linguagem, compreendo que é na e pela linguagem que se torna possível a construção de lugares outros para as mulheres. É pelo movimento dos sentidos e pelo questionamento das afirmações produzidas pela normatividade que se torna possível produzir uma ruptura com sentidos estabilizados socialmente, possibilitando a construção de um outro olhar das/para as mulheres na sociedade, um olhar que considere as encruzilhadas interseccionais e a urgência de um projeto de sociedade no qual a luta antirracista, anticapitalista, anti-patriarcal e anti-cisheteronormativa sejam prioritárias.

REFERÊNCIAS

ACAYABA, C.; ARCOVERDE, L. Casos de feminicídio aumentam 76% no 1º trimestre de 2019 em SP; número de mulheres vítimas de homicídio cai. *G1 SP* e *GloboNews*, São Paulo, 29 de abril de 2019. Disponível em: https://glo.bo/2PC1ShG. Acesso em: 30 jul. 2019.

AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado (notas para uma investigação). *In*: ZIZEK, S. (org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 105-142.

BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. *In*: BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. 5a Edição. Campinas: Pontes Editores, 2005. p. 247-259.

BOLSONARO anuncia saída do PSL e criação de novo partido. *G1*, Caderno Política, 12 de novembro de 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/11/12/deputados-do-psl-dizem-que-bolsonaro-decidiu-deixar-partido-e-criar-nova-legenda.ghtml. Acesso em: 3 fev. 2021.

BRANDALISE, C. "Feministas têm comportamento vexaminoso", diz Joice Hasselmann. *Universa Uol*, 01 de novembro de 2018. Disponível em: https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/11/01/entrevista-joice-hasselmann-deputada-federal-mais-votada.htm. Acesso em: 24 set. 2020.

BRANDALISE, C. Presidente do PSL Mulher: Bolsonaro é um doce, e feminista não diz obrigada. *Universa Uol*, 03 de junho de 2019. Disponível em: https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/06/03/presidente-do-psl-mulher-bolsonaro-e-um-doce-e-feminista-nao-diz-obrigada.htm. Acesso em: 24 set. 2020.

BRASIL. *Projeto de Resolução do Senado n° 80, de 2019*. Cria o Programa Mulher Senadora no âmbito do Senado Federal. Brasília, DF: Senado Federal, 2019. Disponível em: https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=8002311&ts=1624916642892&disposition=inline. Acesso em: 13 jan. 2023.

BRASIL. *Projeto de Lei n° 11, de 08 de fevereiro de 2019.* Dispõe sobre o direito da vítima de violência doméstica ter o seu pedido de medida protetiva concedido pela autoridade policial. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2019. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1706802&filename=PL%2011/2019. Acesso em: 13 jan. 2023.

CORTÊZ, N. Joice Hasselmann: a deputada de extrema direita que se compara a Bolsonaro e despreza o feminismo. *Marie Claire*, 07 de dezembro de 2018. Disponível em: https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/12/joice-hasselmann-deputada-de-extrema-direita-que-se-compara-bolsonaro-e-despreza-o-feminismo.html. Acesso em: 24 set. 2020.

CORTÊZ, N. Janaina Paschoal não descarta escrever um novo processo de impeachment. *Marie Claire*, 25 de março de 2019. Disponível em: https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2019/03/janaina-paschoal-nao-descarta-escrever-um-novo-processo-de-impeachment-espero-que-nao-seja-preciso-mas-se-conversa-e-outra.html. Acesso em: 24 set. 2020.

COSTA, R. Reatar com presidente ou se livrar dos bolsonaristas? PSL vive dilema após fracasso eleitoral. *Gazeta do Povo*. Brasília, 23 de novembro de 2020. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/republica/psl-futuro-bolsonaristas-eleicoes/. Acesso em: 3 fev. 2021.

COURTINE, J-J. *Análise do discurso político*: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

COVAS e Boulos disputam 2º turno em São Paulo. *G1*, São Paulo, 15 de novembro de 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/11/15/covas-e-boulos-disputam-2o-turno-em-sao-paulo.ghtml. Acesso em: 3 fev. 2021.

DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

ELIAS DE OLIVEIRA, S. Sobre o funcionamento do político na linguagem. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*: Campinas, n. 34, p. 41-53, jan-jun, 2014.

ENTENDA o racha entre Jair Bolsonaro e o PSL. *G1*, Caderno Política, 18 de outubro de 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/10/18/entenda-o-racha-entre-jair-bolsonaro-e-o-psl.ghtml. Acesso em: 3 fev. 2021.

FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa*: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

GUIMARÃES, E. *Texto e argumentação*. Campinas: Pontes Editores, 1987.

JANAÍNA Paschoal é a deputada mais votada na história do país. *G1*, São Paulo, 07 de outubro de 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2018/noticia/2018/10/07/janaina-paschoal-e-a-deputada-mais-votada-da-historia-de-sp.ghtml. Acesso em: 10 set. 2020.

LAGAZZI, S. O recorte significante na memória. Apresentação no III SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, UFRGS, Porto Alegre, 2007. *In*: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L.; MITTMANN, S. (org.). *O discurso na contemporaneidade*: materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 67-78.

MODESTO, R. Uma outra cidade? A resistência possível e o efeito de resistência: uma proposta. *Fórum Linguístico*: Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 1083-1093, 2016.

MODESTO, R. Gritar, denunciar, resistir: "como mulher, como negra". *In*: ADORNO, G. *et al.* (org.). *O discurso nas fronteiras do social*: uma homenagem à Suzy Lagazzi. v. 2. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 111-134.

ORLANDI, E. P. Segmentar ou recortar?. *Linguística*: questões e controvérsias, Uberaba, n. 10, p. 9-26, 1984.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio:* no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

ORLANDI, E. P. *Interpretação*: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes Editores, 1996.

ORLANDI, E. P. Discurso e argumentação: um observatório do político. *Fórum linguístico*: Florianópolis, n. 1, jul.-dez., p. 73-81, 1998.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. 10.ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, E. P. A noção de materialidade. *Vídeos Labeurb*. Disponível em: www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/videos/videos.lab. Acesso em: dez. 2007.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso:* uma critica à afirmação do óbvio. Campinas: UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5a Edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 59-158.

PIRES, S. Eleita com mais de 1 milhão de votos há dois anos, Joice Hasselmann faz menos de 100 mil em 2020. *GZH*, Porto Alegre, 17 de novembro de 2020. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2020/11/eleita-com-mais-de-1-milhao-de-votos-ha-dois-anos-joice-hasselmann-faz-menos-de-100-mil-em-2020-ckhluq4a80000016gzk5uubb8.html. Acesso em: 3 fev. 2021.

SÃO PAULO. *Projeto de Lei n° 435/2019, de 10 de abril de 2019*. Garante à gestante a possibilidade de optar pelo parto cesariano, a partir da trigésima nona semana de gestação, bem como a analgesia, mesmo quando escolhido o parto normal. São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), 2019. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000262934. Acesso em: 9 out. 2020.

SÃO PAULO. *Projeto de Lei n° 643/2019, de 15 de maio de 2019*. Determina que uma das aulas semanais de Educação Física seja destinada ao ensino de alguma modalidade de luta corporal às alunas, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), 2019. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000268289. Acesso em: 9 out. 2020.

SÃO PAULO. *Projeto de Lei n° 912/2019, de 15 de agosto de 2019*. Garante o direito a acompanhante no pós-operatório aos pacientes submetidos à mastectomia, na rede pública ou privada de saúde do Estado. São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paula (ALESP), 2019. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000278001. Acesso em: 9 out. 2020.

SOUTO, L. "Estou chocada com o presidente", diz Janaina Paschoal sobre Bolsonaro. *Universa Uol*, 25 de julho de 2019. Disponível em: https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/07/25/janaina-sobre-eduardo-bolsonaro-embaixador-chocada-com-o-presidente.htm. Acesso em: 24 set. 2020.

TRINDADE, H. Integralismo: teoria e práxis política nos anos 30. *In*: FAUSTO, B. (org.). *O Brasil Republicano*: sociedade e política (1930-1964). Tomo III. Coleção História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo: DIFEL, 1981. p. 297-335.

VEJA os 20 candidatos a deputado federal mais votados em SP. *G1*, São Paulo, 08 de outubro de 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2018/noticia/2018/10/08/veja-os-20-candidatos-a-deputado-federal-mais-votados-em-sp.ghtml. Acesso em: 10 set. 2020.

ZIZEK, S. *O amor impiedoso* (ou: Sobre a crença). Trad. Lucas Mello Carvalho Ribeiro. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

ZOPPI FONTANA, M.G. Ponto de vista: o ponto cego das teorias a polifonia. *Estudos da Língua(gem)*: Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 249-283, 2015.

ZOPPI FONTANA, M.G. "Lugar de fala": enunciação, subjetivação, resistência. *Revista Conexão Letras*, *[S. l.]*, v. 12, n. 18, p. 63-71, 2018.

Recebido em 27/06/2021. Aceito em 02/09/2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.82430

FEMININE BUT NOT FEMINIST: DISPUTES OF MEANING IN RIGHT-WING FEMALE PARLAMENTARIANS DISCOURSE

FEMININAS MAS NÃO FEMINISTAS: SENTIDOS EM DISPUTA NO DISCURSO DE MULHERES PARLAMENTARES DE DIREITA

FEMENINA PERO NO FEMINISTA: SENTIDOS EN DISPUTA EN EL DISCURSO DE MUJERES PARLAMENTARIAS DE DERECHA

Renata Ortiz Brandão*
Universidade Estadual de Campinas

ABSTRACT: This article, developed in the light of the materialist discourse analysis, in interface with the anti-capitalist feminist theory, has as its object of analysis the discourse of three female parliamentarians who were part of the *Partido Social Liberal*: Janaína Paschoal, Joice Hasselmann, and Soraya Thronicke. My aim is to reflect on the ways of saying about women by women subject to capitalism, as well as to give visibility to the divisions and displacements in the meaning of the word *woman*. The analyses show the discourse of these congresswomen produces an effect of opposition between *feminine women* and *feminist women*. This effect is inscribed in affiliation of meaning produced from a conservative and neoliberal subject-position. From this position, the discourse signifies women by the functioning of an imaginary of universality, producing an obliteration of intersectionalities and disregarding the relations among gender, race, and class regarding public policies and social programs.
KEY WORDS: Woman. Materialist Discourse Analysis. Political division of meaning. Subject-position.

RESUMO: Este artigo, desenvolvido à luz da análise de discurso materialista, em interface com o pensamento feminista anticapitalista, tem como objeto de análise o discurso de três mulheres parlamentares que integravam o Partido Social Liberal (PSL): Janaína Paschoal, Joice Hasselmann e Soraya Thronicke. Meu intuito é produzir uma reflexão sobre os modos de dizer sobre as mulheres por mulheres sujeitas no/ao capitalismo, bem como dar visibilidade às divisões e deslocamentos nos sentidos da palavra *mulher*. As análises mostram que a tomada da palavra pelas congressistas produz um efeito de oposição entre *femininas* e *feministas* que se inscreve em uma rede de sentidos filiada a uma posição-sujeito conservadora e neoliberal. A partir desta posição, o discurso significa as mulheres pelo funcionamento de um imaginário de universalidade, produzindo um apagamento das interseccionalidades e desconsiderando as relações entre gênero, raça e classe em políticas públicas e programas sociais.

* Doctoral student in Linguistic and Masters Degree (2017) also in Linguistic by the Institute of Language Studies of the University of Campinas (UNICAMP). E-mail: renata.o.brandao@gmail.com.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Análise de Discurso Materialista. Divisão política dos sentidos. Posição-sujeito.

RESUMEN: Este artículo, desarrollado a la luz del análisis del discurso materialista, en interfaz con el pensamiento feminista anticapitalista, tiene como objeto de análisis el discurso de tres parlamentarias del *Partido Social Liberal* (PSL): Janaína Paschoal, Joice Hasselmann y Soraya Thronicke. Mi objetivo es reflexionar sobre las formas de decir sobre mujeres por mujeres sujetas al capitalismo, así como dar visibilidad a las divisiones y desplazamientos en los sentidos de la palabra *mujer*. Los análisis muestran que la toma de la palabra por parte de las congresistas produce un efecto de oposición entre *mujeres femininas* y *mujeres feministas* que se inscribe en una red de significados afiliados a una posición-sujeto conservadora y neoliberal. Desde esta posición, el discurso significa las mujeres por el funcionamiento de un imaginario de universalidad, produciendo un borrado de las interseccionalidades y desconsiderando las relaciones entre género, raza y clase en las políticas y programas sociales.
PALABRAS CLAVE: Mujer. Análisis del Discurso Materialista. División política de los sentidos. Posición sujeto.

1 INITIAL REMARKS

In the 2018 elections in Brazil, there was an expressive growth of the *Partido Social Liberal* (PSL), which represented the second-largest bench in the Chamber of Deputies. This indicated a greater acceptance of the party's political program[1] by a significant part of Brazilian society and also a greater involvement of the PSL and its congressmen and congresswomen in the drafting of laws and public policies from 2019 onwards. Such involvement fundamentally affects Brazilian society's tack and, therefore, demands from us, researchers, attentive and analytical studies.

For this article[2][3][4], I take as object of analysis the discourse of female parliamentarians who were part of the PSL, highlighting the statements of three of them: Janaína Paschoal (J.P.), Joice Hasselmann (J.H.) and Soraya Thronicke (S.T.). As materials of analysis, I selected both interviews that the congresswomen gave to *UOL Universa* website and to *Marie Claire* magazine, as well as bills developed and presented by them to the Chamber and/or to the Senate.

From the Discourse Analysis, in the line of reflection developed by Pêcheux in France and by Orlandi in Brazil, the discourse is understood not as "a transmission of information between *A* and *B*" but as "an 'effect of meaning' between *A* and *B*". *A* and *B* "designate specific places in the structure of a social formation" and they "are represented in the discursive processes in which they are brought into play" (PÊCHEUX, 2014, p. 81, author's italics, my translation). As it is an effect of meaning, the discourse is always in motion; it is "an ongoing process" and, thus, one of the practices that constitutes "the society in History" (ORLANDI, 2012, p. 71, my translation).

This means conceiving the relations of meaning from a perspective supported by the historical materialism, taking into account 1) the ideology[5] as constitutive of meaning and subjects, 2) the discourse's historicity, and 3) the political division of languages. Thus, according to Pêcheux (1988, p. 82, author's italics, my translation), "every discursive process is inscribed in an ideological relationship of social classes".

[1] The PSL, political party through which the former president Jair Bolsonaro was elected in 2018, aligned with conservatism and neoliberalism, presented, as its main guidelines, the defense of public security and support for the military and civil police; the protection of private property; the repeal of the Disarmament Statute; the defense of the Minimal State and of the free private initiative.

[2] This study was financed in part by the *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil* (CAPES) - Finance Code 001.

[3] This article is the result of a work presented for a qualification in the area of Discourse Analysis under the guidance of Professor Isadora Machado, from the Institute of Letters of the Federal University of Bahia (UFBA).

[4] I am especially grateful to Professor Débora Massmann (Federal University of Alagoas) and Professor Rogério Modesto (State University of Santa Cruz), for their thoughtful reading and contributions on this work.

[5] According to Althusser (1996, p. 131, my translation), "there is no practice, except by and in an ideology"; as well as "there is no ideology, except by the subject and for subjects".

My interest is to reflect on the ways of saying about women by women, subject to capitalism, and the effects of meaning produced in/by their discourse. Specifically, I am interested in sheding light on the discourse produced by right-wing women who occupy positions in public governance in Brazil. In 2018, Soraya Thronicke was elected senator for the state of *Mato Grosso do Sul* and leader of the *PSL Mulher* – a group whose agenda was allegedly aimed at women's interests in Brazilian society. Joice Hasselmann was elected federal deputy for the state of *São Paulo* – the second most voted candidate for this position, with more than 1 million votes[6]. Janaína Paschoal was elected state deputy of São Paulo, being the most voted candidate in the history of Brazil[7], with more than 2 million votes.

The motivation for this study has come, therefore, from the political situation after the 2018 elections in Brazil, which indicated, on the one hand, the growth of the PSL due to the expansion of the popularity of Jair Bolsonaro and his supporters; on the other hand, a more evident social inclination towards political values aligned with the right-wing spectrum, that is, towards neoliberalism and conservatism.

Despite the significant growth of the *Partido Social Liberal*, throughout the development of this article, in mid-October 2019 a crisis[8] was established within the PSL, related to the control of the party and its budget, resulting in a fracture between the President of the Republic and the party president, Luciano Bivar, which consequently led to Jair Bolsonaro's departure[9] from the PSL. As a result of this split, the PSL was weakened and suffered numerous defeats[10] in the 2020 municipal elections[11].

In this article, I am interested in understanding the movements in the meaning of the word *woman* in the discourse of right-wing female parliamentarians specifically produced in the 2018 post-election political situation. Through the analytical movement of contrast and opposition, the discursive materialities[12] are conceived by the primacy of non-homogeneity, which means that any enunciation takes place from a permanent dispute, that is, from the conflict among different ways of saying something and from the incessant dispute of meanings in History. Thus, my analyses, by sheding light on the divisions in the meaning of *woman*, will be based on "[...] putting what is said in relation to what is unsaid, what the subject says in one place with what is said in another place, what is said in one way with what is said in another way, trying to hear, in what the subject says, what they do not say but which also constitutes the meaning of their words" (ORLANDI, 2012, p. 59, my translation).

The theoretical anchorage of Discourse Analysis implies assuming that meanings are divided and present a socio-historically determined specification. It is always in a historical and social practice that enunciation happens, configuring disputes for "unequally distributed *ways and rights of saying*" (ZOPPI FONTANA, 2015, p. 273, author's italics, my translation), and also producing meanings inscribed in disparate relations of dominance.

---

[6] Source: VEJA os 20 candidatos a deputado federal mais votados em SP. *G1*, Sao Paulo, October 8th 2018.

[7] Source: JANAÍNA Paschoal é a deputada mais votada na história do país. *G1*, Sao Paulo, October 7th 2018.

[8] Source: ENTENDA o racha entre Jair Bolsonaro e o PSL. *G1*, Caderno Política, October 18th 2019.

[9] Source: BOLSONARO anuncia saída do PSL e criação de novo partido. *G1*, Caderno Política, November 12th 2019.

[10] Of the 731 mayor candidates launched by the PSL, only 90 were elected – none of them in the 100 largest cities in the country. Source: COSTA, R. Reatar com presidente ou se livrar dos bolsonaristas? PSL vive dilema após fracasso eleitoral. *Gazeta do Povo*, Brasilia, November 23rd 2020.

[11] Joice Hasselmann also lost her influence and political strength after the fracture of the PSL and the break with Bolsonaro's supporters. In the municipal elections of 2020, running for the mayor position of the city of *São Paulo*, Hasselmann obtained around 100 thousand votes, which represents only 1.84% of the valid votes. Sources: 1) PIRES, S. Eleita com mais de 1 milhão de votos há dois anos, Joice Hasselmann faz menos de 100 mil em 2020. *GZH*, Porto Alegre, November 17th 2020.; 2) COVAS e Boulos disputam 2º turno em São Paulo. *G1*, Sao Paulo, November 15th 2020.

[12] From the perspective of materialist discourse analysis, verbal language has its materiality. Language is organized by its *material form*, which Orlandi (2007) distinguishes from an empirical form and an abstract form. The abstract form is taken as an element of a system; the empirical form corresponds to the result of the process of signification. The material form is taken in the process of language's inscription in history, that is, it is a significant linguistic-historical form. Thus, if the materiality of ideology is the discourse and the materiality of discourse is the text, in which the material forms of language are integrated, I assume, with Orlandi (1996, p. 14, my translation), that "any change in the materiality of the text corresponds to different gestures of interpretation, different pieces of memory, different relationships with externality".

Relations of power, which determine the sayable and the silenced, that is, the possibilities of saying and not saying, establish meanings. From the analysis of the discursive materialities, I am interested in showing the divisions in the meanings of the word *woman* produced in/by the discourse of right-wing women who occupy positions in public governance, as well as the subject-position or subject-positions from what this discourse is produced, considering, for this, the formation, characteristics, and memory that this position or these positions cut out to produce meaning.

In the following sections, I examine, in the statements of the three female parliamentarians (J.H., J.P., and S.T.), the clash between the meanings of the nominations *feminine women* and *feminist women*, which produces an oppositional effect that signifies in relation to a subject-position aligned with conservatism and meritocracy (section 2). I also analyze the meanings of the word *woman* in laws and public policies elaborated by the three female parliamentarians. Based on a neoliberal and universalizing discourse, on one hand, they erase the divisions between women in society via the functioning of a homogenization imaginary about women's demands and urgencies (section 3). On the other hand, they silence violence and gender inequalities, presented in their statements as a private and individual issue and not as a collective and social problem (section 4). Finally, in the light of the debates held by Davis (2016), Federici (2017), and Akotirene (2019), I bring a review of the main reflections developed throughout the article, as well as a glimpse of possible ways of confronting the right-wing discourse and its deleterious social effects.

2 A CLASH BETWEEN *FEMININE WOMEN* AND *FEMINIST WOMEN*

In the discourse produced by right-wing female parliamentarians, there is a clash between what is presented as the order of femininity and as the order of the feminist movement, through an oppositional effect between the nominations *feminine women* and *feminist women*.

The discursive sequences below are excerpts from interviews given to *Uol Universa* news portal and to *Marie Claire* magazine by the congresswomen Soraya Thronicke[13], Joice Hasselmann[14,] and Janaína Paschoal[15]. According to Orlandi (1984, p. 14, my translation), an excerpt is "a discursive unit. By discursive unit we mean correlated language-and-situation fragments. Thus, an excerpt is a fragment of the discursive situation". Orlandi (1984) also points out that the selection of the excerpts varies according to the conditions of production, as well as the objective and scope of the analysis. It is not, therefore, a mere segmentation, but an analytical gesture so that the analysis of the excerpts that make up a text leads to the interpretation of that text (GUIMARÃES, 1987), which allows us to observe the movement of meanings in it and the discursive process to which it refers.

The word *woman* means, whether elliptically in excerpt (1), or presently in excerpt (2), by the effect of opposition between *feminine* and *feminism*/*feminist*, as well as by the marks of the first person of the plural, that is, the subject (*we*), the adjective pronoun (*our*) and the possessive pronoun (*ours*). Let's take a look at the discursive sequences below:

> (1) Our agenda is conservative. We defend values such as the protection of life, we are against abortion, against drugs, in favor of morality, patriotism, and family. Feminist women have a pro-abortion agenda and other positions, different from ours. Another thing is respect for language: I don't accept being called *presidenta*. I'm *presidente*. I also believe that we have to come together, men and women; and feminists never praise or thank a man. I always do that. That's why I say that our agendas are feminist... Sorry! Feminine. (S.T., 2019, my translation)[16]

[13] Source: BRANDALISE, C. Presidente do PSL Mulher: Bolsonaro é um doce, e feminista não diz obrigada. *Universa Uol*, June 3rd 2019.

[14] Sources: 1) BRANDALISE, C. "Feministas têm comportamento vexaminoso", diz Joice Hasselmann. *Universa Uol*, November 1st 2018.; 2) CORTÊZ, N. Joice Hasselmann: a deputada de extrema direita que se compara a Bolsonaro e despreza o feminismo. *Marie Claire*, December 7th 2018.

[15] Sources: 1) SOUTO, L. "Estou chocada com o presidente", diz Janaina Paschoal sobre Bolsonaro. *Universa Uol*, July 25th 2019.; 2) CORTÊZ, N. Janaina Paschoal não descarta escrever um novo processo de impeachment. *Marie Claire*, March 25th 2019.

[16] Source: BRANDALISE, C. Presidente do PSL Mulher: Bolsonaro é um doce, e feminista não diz obrigada. *Universa Uol*, June 3rd 2019.

> (2) Feminism has a reductionist agenda that reaches just a few women. I criticize the victimization defended by the feminism; I criticize this idea of a woman against a man, a man against a woman. That's lame. Compartmentalizing is lame. A woman does not have to be greater than a man. She has to be what she is. If she wants to be a housewife, what's the problem? And I think it's funny to take to the streets and show the breasts. It doesn't represent what the woman wants. If it represented, there would be a feminist woman elected with the highest vote in history and not a right-wing woman who respects the spaces of men and women. I want to lead a feminine movement in Brazil. (J.H., 2019, my translation)[17]

The comparison of (1) and (2) gives visibility to a division between the so-called feminine women and the so-called feminist women. In (1), this division is built by the functioning of the marks of the first person of plural, which produces an effect of opposition between *us* and *them*: the marks of 'we'[18] point to the president of *PSL Mulher*[19], to the group's participants and to those who are aligned with the group's values and projects, establishing, in this alignment, an opponent: the feminist women.

The divisions in the meaning of the word *woman* are produced not only by the marks of the first person of plural in (1), but also by the oppositional effect between *feminine* and *feminist* in (2). Both functionings point to different ways of saying about women in Brazilian society. The so-called "feminine women" in (1) are described as those whose values are conservative: against abortion and drugs, in favor of life (which is not the life of the woman in her psychosocial conditions, but the maintenance of the biological life of the fetus), of the (Judeo-Christian) morality, the patriotism, and the (heterosexual and binary) family. Thus, there are disputes not only about the meaning of *woman*, but also about the meanings of *life*, *morality*, *family*, and *patriotism*, which, however, present themselves by an effect of strict interpretation, that is, as unambiguous and evident objects.

By meaning women as those who *respect language*, the discourse of the congresswomen represents the so-called "feminine women" as normative and conservative regarding the demands for modification in words' gender. Therefore, as defenders of a supposedly pure language, which reinforces reactionary guidelines. The following paraphrases are possible:

a) I respect language, but I don't respect non-binarism.
b) Language deserves respect, but the demand for a non-binary language does not.
c) Language is respectable and non-binarism is not.

The statement of the parliamentarian establishes both a projection on women and a projection on language, which disqualifies the non-binarism and indicates that language not only reflects, but also structures social oppressions, and more specifically, gender oppressions.

Values such as conservatism, tradition, exacerbated nationalism, and devotion to the homeland are characteristics of authoritarian regimes and were strongly present in the totalitarian experiences of fascism and nazism witnessed by the 20th century. According to Trindade (1981), in the 1930s, in Brazil, such authoritarian values were the motto of the *Ação Integralista Brasileira* (AIB), which, inspired by Italian fascism and led by Plínio Salgado, a conservative Brazilian politician, was the first mass organization in the country, including sectors of the working class and the middle classes. Thus, the return of these values in the right-wing

[17] Source: CORTÊZ, N. Joice Hasselmann: a deputada de extrema direita que se compara a Bolsonaro e despreza o feminismo. *Marie Claire*, December 7th 2018.

[18] According to Benveniste (2005), the category of person *I/me* presents, as characteristics, uniqueness and subjectivity, which makes its pluralization impossible. In this sense, "'we' is not a multiplication of identical objects but a *junction* between the 'me' and the 'not-me', whatever the content of that 'not-me' may be. This joining forms a new totality and of a totally particular type in which the components are not equivalent: […] there is only 'we' from 'I' and this 'I' subjects the 'not-me' element by its transcendent quality" (BENVENISTE, 2005, p. 256, author's italics, my translation). The linguist also points out that 'we' can be exclusive (*I + them*) or inclusive (*I + you*), concluding that 'we' is characterized by an indistinct globality, an amplification of 'I': "it is not a quantified or multiplied 'I', it is an 'I' *expanded* beyond the strict person and, at the same time, increased and with vague outlines" (BENVENISTE, 2005, p. 258, author's italics, my translation).

[19] A possible question regarding the existence of the *PSL Mulher* would be: why would an anti-feminist political party propose an exclusive front for women? In what failure of ideology and in what gap in the feminist demand is it possible to install an anti-feminist agenda called "feminine"? Although the specific analysis of the *PSL Mulher* nomination is not part of the scope of this study, such questions are thought-provoking and, not going unnoticed, erupt in the analysis process.

congresswomen discourse shows the functioning of the interdiscourse, the discursive memory, affiliated with a fascist and a conservative right-wing subject-position.

The meanings of *feminine*/*femininity* also appear in the discursive materiality of the bills elaborated by the congresswomen, affecting how women are represented in society and, therefore, establishing their ways of social existence as well as divisions characterized by the dominance of one group and the exclusion of others. See below the sequence (i), an excerpt from Bill 912/2019[20], proposed by the state deputy Janaína Paschoal. This bill legislates about the right to a companion in the postoperative period of mastectomy:

> (i) In addition to the physical effects, it is clear and widely known that the emotional consequences caused by mastectomy are immeasurable, especially for women, who are the main victims of breast cancer. Indeed, the woman, at first, goes through the shock and emotional pain of knowing that she has cancer. In a second moment, when she receives a medical opinion against less invasive treatments, the woman goes through the difficult decision of proceeding with the total removal of the breast. Submitted to mastectomy, the woman, in most cases, is taken by numerous psychic changes, such as decreased self-esteem and impairment of sexuality. This is because the breast represents, for the vast majority of women, a symbol of femininity so its removal brings with it the fear of no longer being accepted by their partner. (PL 912/2019, by J. P., my translation)

A document, formulated from an (Ideological) State Apparatus[21], as understood by Althusser (1966), is always political[22], that is, constituted by contradictions. Therefore, the meaning production process that constitutes any state document occurs anchored in an ideological position. In this same direction, Pêcheux (1988, p. 132, author's italics, my translation) states that "the ideological instance exists under the form of *ideological formations* (referred here to as the Ideological State Apparatuses), which, at the same time, have a 'regional' character and comprise social class positions".

The discursive sequence above produces a biological and universalizing bias for the meaning of the word *woman*, which then represents only those who have breasts – allegedly *a symbol of femininity*, responsible for their self-esteem. By producing meaning from the functioning of an imaginary in which women are defined biologically, there is also an erasure of transgender subjects who may be submitted to such a surgical procedure but are not included in the bill's justification. Although the first article of Bill 912/2019 generally refers to *patients*[23], the target of this law is women, signified only by biological aspects, in a cisheteronormative discourse produced from a conservative right-wing subject-position.

In this sense, I highlight the following statement from the discursive sequence (2), above: "A woman does not have to be greater than a man. She has to be what she is. If she wants to be a housewife, what's the problem?". The defense of a supposed feminine essence is

[20] SÃO PAULO. *Projeto de Lei n° 912/2019, de 15 de agosto de 2019*. Garante o direito a acompanhante no pós-operatório aos pacientes submetidos à mastectomia, na rede pública ou privada de saúde do Estado. São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), 2019.

[21] The *State Apparatus* is, according to Althusser (1996), the State itself as "a force of repressive execution and intervention, 'at the service of the ruling classes', in the class struggle led by the bourgeoisie and its allies against the proletariat" (p. 111, author's italics, my translation). The *State Apparatus* contains the government, the army, the police, the courts, etc., and, because it works through violence, it is a repressive apparatus – repression that can take place both physically and administratively. The *Ideological State Apparatuses* are presented "in the form of distinct and specialized institutions" (p. 114) – churches, schools, political parties, newspapers – and function by ideology. More specifically, it is the ideology of the ruling class, the one which holds the state power (the *[Repressive] State Apparatus*), which takes place in the *Ideological State Apparatuse*, thus ensuring "the reproduction of production relations, that is, the capitalist relations of exploitation" and, therefore, the oppression of the dominated social classes (ALTHUSSER, 1996, p. 121, my translation). Based on this conceptualization, Althusser (1996, p. 129, my translation) elaborates his thesis that ideology has a material existence, since it "always exists in an apparatus and in its practice or practices."

[22] The *political*, in a materialist position about the language, is not restricted to public governance relations; it "refers to social practices in general, in which language is fundamental" (ELIAS DE OLIVEIRA, 2014, p. 44-45, my translation) and, therefore, it is characteristic of all saying. Thinking about the political in language is taking it as the basis and foundation of social relations themselves. In this way, I understand the political, according to Orlandi (1998, p. 74, my translation), as the constitutive contradiction of the processes of meaning production: "the political understood discursively implies that meaning is always divided, and this division has a direction that is not indifferent to the injunctions of power relations that derive from the organization of society in history".

[23] "Article 1 - It is guaranteed, in all hospitals or health care establishments, in the public or private network of the State of São Paulo, *the right to a companion for patients undergoing mastectomy*, during the entire period of hospitalization in the postoperative period" (SÃO PAULO. *Projeto de Lei n° 912/2019, de 15 de agosto de 2019*. Garante o direito a acompanhante no pós-operatório aos pacientes submetidos à mastectomia, na rede pública ou privada de saúde do Estado. São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), 2019, my emphasis and my translation).

presented as evidence: *to be what she is*. Emphasis on the example – to be a *housewife* – which affiliates the discourse of the right-wing female parliamentarians to conservatism and tradition, recalling (and also celebrating) the values of the cisheteronormative family and the patriarchy. Their discourse produces an imaginary of universal femininity as if every woman is (or aspires to be) a mother and responsible for taking care of the household.

Such discursive functioning silences what is flagrant in Federici's work (2017): the discrimination against women in society as a consequence of the primitive accumulation of capital. The author's reflection points out that the origin of the social role of the *housewife* is intrinsically related to capitalism' process of formation in which women were made invisible and socially relegated to domestic service, that is, to the generation of workers and to the of capacity of work regeneration – having children and taking care of these children so that they can later enter the labor market. In the same direction, Davis (2016) analyzes the *housewife* as a symbol of the middle classes and the bourgeoisie. According to her, the nineteenth-century ideology established the housewife and the mother as models of femininity for white women, which led to gender inequality at work, alienating women from the labor market and making it mostly male.

The statement that a woman *has to be what she is* as well as the example of the female social role as a housewife produce an update of a discursive memory that inscribes the discourse of the congresswomen in a semantic network in which the condition of women is presented as based on their alienation from the labor market and their devaluation in society.

"Feminist women", in turn, mean, in the discursive sequences (1) and (2) above, as rude and as those who lack politeness. Their social performance is depreciated by being associated with the alleged fact of not praising others or saying "thank you". In this direction, *feminism* means a movement whose agenda is *reductionist* and *victimistic* regarding the condition of women in society, promoting confrontations between men and women, and street demonstrations in which women only *show their breasts*.

The meaning of *feminist women* is constructed as opposed to the meaning of *feminine women*. The predication of *feminist women* as pro-abortion, in (1), for example, confirms this opposition, reducing the plurality of feminist movements and thus producing a homogenization effect over them. Thus, "feminist women" means contrary to the values defended by the right-wing congresswomen, that is, contrary to life – the biological life of the fetus –, to family – the cisheteronormative family – and to patriotism.

There is a dispute between what is presented as the order of *femininity* and the order of *feminism*, whose principles and causes are divergent – despite the intriguing lapse committed by Soraya Thronicke (excerpt (1)) when swapping the word *feminine* for *feminist*. There is, thus, a gap between what was the intended enunciation and the words uttered by the congresswoman, frustrating the act[24] and, at the same time, pointing to the constitutive contradiction of each and every discourse. There is, according to Courtine (2014), a driving contradiction that constitutively affects any analysis material, since statements are always divided, and always pursued by their other. In other words, discursive materialities "are related by contradiction, each one putting to work the incompleteness of the other" (LAGAZZI, 2009, p. 69, my translation). There is, therefore, no homogeneity in discourse, but an overdetermination of alterities and a functioning of non-saturation in the interpretation.

The word *feminist*, already established and grounded in discursive memory, breaks through the discoursive thread of those who are opposed to feminism. Here, the ritual of ideology stumbles and shows that the dominated ideology affects the dominant ideology. The lapse committed by senator Thronicke indicates that discourse is affected by otherness, by other meanings that pursue it. According to Orlandi (2012, p. 79, author's emphasis, my translation), "the process of meaning production is necessarily subject to slippage, thus there is always a possible 'other' that constitutes it" – and that resists.

It is, therefore, the division of meaning of the word *woman* that constitutes the discourse of the right-wing female parliamentarians. In this litigation, there is a dominance of "feminine women", since "feminist women" do not find representation in their agenda.

[24] According to Zizek (2015, p. 74, my translation), "the unconscious intervenes when something 'limps' in the order of causality that encompasses our daily activities: a faulty act introduces a gap in the connection between intention-to-mean and words, a lapse frustrates my act…".

Feminism, in its heterogeneity and multiplicity of agendas, struggles, and demands, is thus denied in the discourse of right-wing congresswomen. However, this is not a closed opposition: there is also room for nuances and displacements. Let's see the excerpt (3):

> (3) People have a concept of feminism that is distorted. Recently, I was interviewed with Joice [*Hasselmann*], and the journalist asked if we were feminists. I said yes and Joice got mad. "You're not, you're not," she said. I explained: "Joice, I am, because feminism has nothing to do with this stereotype of wanting to have an abortion, of taking your clothes off in a street demonstration." There has been a catch of the term feminist. What is it to be a feminist? It is to understand that a woman has to occupy the positions she deserves to occupy, that she does not have to submit herself to a subordinate situation for being a woman. That doesn't mean she has to be aggressive, that she can't get married and have children, that she can't have a life devoted to family. (J.P., 2019, my translation)[25]

The words *feminism* and *feminist* also concentrate disputes over meaning. If, in the statements of the congresswomen Soraya Thronicke and Joice Hasselmann, there is an aversion to such names to name themselves and to speak of the women'struggle in society, Janaína Paschoal is the only one who identifies herself as a "feminist woman". At this point, a dispute is established between what is presented, on the one hand, as the distorted, stereotyped, captured feminism, that is, the feminism rejected and condemned by the congresswomen for supposedly defending abortion, nudity, aggressiveness; and, on the other hand, the feminism claimed by Janaína Paschoal, characterized by women who deserve their social position, again exemplified by the family bias, that is, by a woman who assumes the role of mother and wife.

I highlight a particular statement from the excerpt (3) that presents what it means to be a *feminist woman*: "It is to understand that a woman has to occupy the positions she *deserves* to occupy" (my emphasis). Women are signified as individually responsible for the social position they occupy. Here echoes the discourse of meritocracy, which is inscribed in a network of meanings affiliated with neoliberalism: to occupy a position in society, women need to deserve it, and deserving comes from individual effort.

This semantic network, affiliated with meritocracy and neoliberalism, silences the historical and economic process that constituted gender inequalities and the patriarchal structure of society. Federici (2017) presents the close connection between the formation of capitalism and women's discrimination and invisibility in society. Analyzing pre-capitalist Europe from a Marxist conception, the philosopher explains that the primitive accumulation of capital destroyed the collective relations among women and their systems of knowledge, which ranged from the production of consumer goods for the family and for the local community to the domain of contraceptive and abortive methods, and which "had been the basis of women's power […], as well as the necessary condition for their resistance in the fight against feudalism" (FEDERICI, 2017, p. 205, my translation). As a direct consequence of this destruction, Federici points out that, in the late 17th century, "a new model of femininity began to emerge: the ideal woman and wife — passive, obedient, parsimonious, chaste, silent" (FEDERICI, 2017, p. 205, my translation).

In this movement, a severe criticism of the normativities that have organized society throughout history as well as the demand of feminist movements for public policies that address gender, race, and social class inequalities mean *victimization*, already present in the excerpt (2) and also in excerpt (4), below:

> (4) I think it's important for women to take a leading role in what they do. It's very common for them to settle backstage. And I think it's her fault [laughs]. I'm a feminist woman hard on women. […] I don't like the victimistic feminism. "Oh, they did this to me because I'm a woman." So, darling, let's fight! It's very practical to stay protected behind the scenes. It's hard to be at the front. You are accused, you are beaten up and you are criticized. (J.P., 2019, my translation)[26]

[25] Source: CORTÊZ, N. Janaina Paschoal não descarta escrever um novo processo de impeachment. *Marie Claire*, March 25th 2019.

[26] Source: CORTÊZ, N. Janaina Paschoal não descarta escrever um novo processo de impeachment. *Marie Claire*, March 25th 2019.

By identifying herself as *a feminist woman hard on women*, differentiating herself from a supposed *victimistic feminism*, the discourse of the right-wing congresswomen produces, as an effect of meaning, the blaming of women for their submissive social situation, once not fighting, *settling for backstage* and *staying protected behind the scenes* mean as a practical and safe choice made by women themselves. This meaning is produced in contradiction to the feminism claimed by Janaína Paschoal, in which women are not aggressive (excerpt (3)). *Feminist woman* means from this tension between the meanings of *fighting* and *aggressiveness*, establishing, thus, a dispute in the discourse: fighting would supposedly lead to the protagonism of women, while aggressiveness would be a characteristic of the *distorted*, *stereotyped*, and *captured feminism*.

In the discourse of the right-wing female parliamentarians, women are signified, therefore, as responsible, or even guilty, for the social role they assume. This movement of meaning silences gender inequalities as a consequence of the sexist social structure and of the capitalist economic system constitution, as well as the legitimacy of feminist movements and their actions and demands for effective public policies.

3 WOMEN IN POLITICS

Akotirene (2019) discusses the development of the concept of intersectionality in feminist theories and argues for the need to consider the crossroads of race, gender, and class when elaborating public policies, since "[…] gender inequities have never affected women in analogous intensities and frequencies" (AKOTIRENE, 2019, p. 28, my translation). The Brazilian researcher points out that "gender inscribes a racialized body" (AKOTIRENE, 2019, p. 28, my translation), highlighting the importance of "thinking the racial aspects of gender discrimination without losing sight of the gender aspects of racial discrimination" (AKOTIRENE, 2019, p. 55, my translation). In this way, according to Akotirene (2019), it is decisive to articulate identity cleavages in order to overcome the cisheteronormativities and the patriarchy, as well as to combat the concept of universal woman, which has guided several public (necro)policies in Brazil and in the world: "The concept of intersectionality leads us to recognize the possibility of being oppressed and supporting violence. Not all women are white, not all black people are men and not all women are heterosexual adults [...]". (AKOTIRENE, 2019, p. 45, my translation)

The elaboration of laws and public policies specifically aiming at women, with their different demands, needs, and interests, which are articulated by the crossroads of race and class and by identity cleavages, as well as the issue of women's representation in public governance positions are, therefore, urgent and fundamental themes both for public debate and for the construction of an equitable society.

Questioned about these themes in the interviews conducted by *Uol Universa* and *Marie Claire*, the congresswomen Janaína Paschoal, Joice Hasselmann, and Soraya Thronicke are reticent and even opposed to the idea. They claim to legislate for *everyone*, for a supposedly homogeneous collectivity, the *nation* – signified by an imaginary of unity that silences the fact that the nation is always the product of a discursive construction, existing only as an effect of meaning. There is, therefore, in their discourse, no interest in turning their eyes to the social groups that are in the intersections, named by them as *segments* and *ghettos*:

> (5) I don't like this thing about proposing segmented projects. I was elected by Brazilians from *São Paulo*; my projects are for the nation. (J.H., 2018, my translation)[27]
>
> (6) I don't have a bill only for women. Projects have to be nationwide; they cannot be segmented. Legislation is for everyone; I will not work for ghettos. (J.H., 2019, my translation)[28]
>
> (7) Why can't a female candidate be regarded purely and simply as a candidate? It annoys me. So can't I comment on topics that have nothing to do with women? Why do I need to have proposals only for women? […] Why do

[27] Source: BRANDALISE, C. "Feministas têm comportamento vexaminoso", diz Joice Hasselmann. *Universa Uol*, November 1st 2018.

[28] Source: CORTÊZ, N. Joice Hasselmann: a deputada de extrema direita que se compara a Bolsonaro e despreza o feminismo. *Marie Claire*, December 7th 2018.

> people ask me what I'm going to do for women? Do you sit down with a politician or a scholar and ask them "what are you going to do for men"? (J.P., 2019, my translation)[29]

Despite what is stated in the interviews, there is a contradiction: the same congresswomen propose programs that aim at greater participation of women in public governance positions, and they also prepare bills whose scope includes specific aspects of women's lives in society, such as the *Programa Mulher Senadora*[30], by Soraya Thronicke; the protective measure for victims of domestic violence (Bill 11/2019)[31], proposed by Joice Hasselmann; the right to a companion in the postoperative period of the mastectomy (Bill 912/2019), mentioned above, the teaching of wrestling for girls at schools (Bill 643/2019)[32], and the guarantee for the pregnant woman to opt for a cesarean section (Bill 435/2019)[33], formulated by Janaína Paschoal.

This movement highlights the ritual of ideology's flaws and gaps in the discourse of the right-wing congresswomen. According to Pêcheux (1988), full and perfect subjection is impossible and, therefore, does not happen without cracks in the process of interpellation. By proposing bills and public policies aimed at women – and, let us not forget, by inaugurating a group within the party entitled *PSL Mulher* –, the parliamentarians are responding, in some way, to feminist agendas, which indicates a process of affectation of the dominant ideology by the dominated ideology. However, the solution proposed by the congresswomen to the social issue of gender oppression is always via neoliberalism:

(8) I want to work with women because they've always been sort of left aside when it comes to politics; especially the ones who joined it because of a family tradition and not because they wanted to. But look, we're on the sidelines of politics because we wanted to. Women say that politics is a very dirty place – and it really is. We need to go in to clean it up. (J.H., 2019, my translation)[34]

Sort of left aside is the formulation that signifies women in their relationship with politics. The adverbial phrase *sort of* minimizes the intensity of the exclusion of women from positions in public governance, reducing the social importance of the fact and discrediting it as a reality to be confronted, as a problem triggered by the structure of society. What follows confirms: "we're on the sidelines of politics *because we wanted to*" (my italics). Women are held responsible for their condition of being banned from politics, a situation that means as a result of their individual will.

This way of meaning women is produced from a subject-position that insists on returning to the discourse: a neoliberal and reactionary subject-position, which is based on meritocracy as the answer and the solution to any social inequalities. This subject-position recalls and updates the representation of women as confined to domestic services and subject to the same social role, no

[29] Source: CORTÊZ, N. Janaina Paschoal não descarta escrever um novo processo de impeachment. *Marie Claire*, March 25th 2019.

[30] "Single paragraph. The program is designed to provide women with knowledge about the structure and functioning of the Brazilian Legislative Power, as well as to encourage a permanent relationship between the female citizens and the Federal Senate". (BRASIL. *Projeto de Resolução do Senado n° 80, de 2019*. Cria o Programa Mulher Senadora no âmbito do Senado Federal. Brasília, DF: Senado Federal, 2019, my translation.).

[31] "Article 1 – This law provides for the right of domestic violence victims to have their request for a protective measure granted by the police authority", without having to wait for a judge to be granted. (BRASIL. *Projeto de Lei n° 11, de 08 de fevereiro de 2019.* Dispõe sobre o direito da vítima de violência doméstica ter o seu pedido de medida protetiva concedido pela autoridade policial. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2019, my translation.).

[32] "Article 1 – In order to provide women with the conditions to defend themselves against any form of violence, one of the weekly Physical Education classes will be aimed at teaching some type of physical fight to female students in Elementary School and in High School". (SÃO PAULO. *Projeto de Lei n° 643/2019, de 15 de maio de 2019.* Determina que uma das aulas semanais de Educação Física seja destinada ao ensino de alguma modalidade de luta corporal às alunas, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), 2019, my translation.).

[33] "It guarantees the pregnant woman the possibility to opt for a cesarean delivery from the thirty-ninth week of pregnancy, as well as analgesia, even when natural birth is chosen. Article 1 – The parturient has the right to an elective cesarean, which must be respected in her autonomy. § 1 – Elective cesarean will only be performed after 39 (thirty-nine) weeks of gestation after the parturient has been made aware and informed about the benefits of normal delivery and the risks of successive cesarean sections. § 2 – In the event that the mother's option for a cesarean is not observed, the doctor will be obliged to record the reasons in the medical record". (SÃO PAULO. *Projeto de Lei n° 435/2019, de 10 de abril de 2019*. Garante à gestante a possibilidade de optar pelo parto cesariano, a partir da trigésima nona semana de gestação, bem como a analgesia, mesmo quando escolhido o parto normal. São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), 2019, my translation.).

[34] Source: CORTÊZ, N. Joice Hasselmann: a deputada de extrema direita que se compara a Bolsonaro e despreza o feminismo. *Marie Claire*, December 7th 2018.

matter where they are: "Women say that politics is a very dirty place – and it really is. *We need to go in to clean it up*" (excerpt (8), my italics). This statement could be paraphrased by:

a) Women's role is to clean up the dirt.
b) Women should clean up the dirt produced by men.
c) Women's role in politics is to clean up the place.

The conservative and sexist discourse of the right-wing congresswomen means *women*, therefore, as servants and responsible for organizing the chaos generated by men.

The discursive sequence (9) presents the priorities of *PSL Mulher*, which works in partnership with the *Instituto de Inovação e Governança* (Indigo) on a project to enable women for politics:

(9) I will work in partnership with Indigo (*Instituto de Inovação e Governança*, created by PSL) to enable women for politics. That's the priority. We will organize self-help lectures in 27 Brazilian states and not only teach economic and political issues, but also raise their self-esteem. Many women don't get into this sphere because they think they can't. We want to inspire them with our cases: 90% of the women in PSL are in their first mandate. We want to have 40% of female participation in the party and go beyond the legal requirement, which is 30%. There will be a fight to protect women, but this is an obvious motto. I want to bring different things. Domestic violence and femicide are commonplaces. (S.T., 2019, my translation)[35]

The project's objectives enumeration produce meanings for the word *woman*: enabling women for politics means providing *self-help lectures* to *raise their self-esteem* and to *inspire them*. The effect of meaning produced is that the minority participation of women in the National Congress is a mere consequence of low self-esteem and lack of inspiration and, thus, an individual responsibility, which produces an erasure of the historical processes that established gender inequalities in society.

In this semantic movement, the right-wing congresswomen's discourse is produced from an interdiscourse's region that, by updating a memory, resumes a meritocratic discourse and inscribes it at the level of formulation in order to present it as an argument for the low representation of women in politics. Therefore, the meaning of the word *woman* is linked to a neoliberal discourse, which erases the constitutive divisions among women in society and their different demands and urgencies, producing an imaginary of homogenization and of universality.

Akotirene (2019) exposes the necropolitics engendered by the public power that, by meaning women as universal subjects, disregard intersectional crossroads, such as race, class, and gender. According to the researcher, it is essential to consider intersectionality for the analysis of the structural conditions that permeate the subjects: "Intersectionality allows feminist movements political criticality in order to understand the fluidity of subordinate identities imposed on prejudices, gender, class, and race subordinations and on the structural oppressions of the colonial matrix from which they emerge". (AKOTIRENE, 2019, p. 37-38, my translation).

At the same time, in the discourse of right-wing female parliamentarians, there is an erasure of the urgency and the topicality[36] of the fight against femicide, mitigated in its importance by the operator "but", which reverses the orientation of the sentence: "There will be a fight to protect women, *but* this is an obvious motto" (excerpt (9), my italics). The fight against gender violence is undermined as an obvious motto, as a *commonplace*.

Instead of fighting against femicide, there is a proposal of alleged innovation that is, however, undefined: *I want to bring different things*. There is no explicit statement about what these "different things" would be; however, there is an effect of evidence due to the

[35] Source: BRANDALISE, C. Presidente do PSL Mulher: Bolsonaro é um doce, e feminista não diz obrigada. *Universa Uol*, June 3rd 2019.

[36] According to a *G1* report from April 2019, cases of femicide increased by 76% in the 1st quarter of 2019 in *São Paulo*, which points to the need, among other actions, for a consistent debate in society about domestic violence and its harmful effects. Source: ACAYABA, C.; ARCOVERDE, L. Casos de feminicídio aumentam 76% no 1º trimestre de 2019 em SP; número de mulheres vítimas de homicídio cai. *G1 SP* e *GloboNews*, Sao Paulo, April 29th 2019.

lack of specificity on them: the effect that "everyone knows what I'm talking about here". *PSL Mulher*'s proposals are diluted in vagueness and indefiniteness, thus minimizing and devaluing the agenda for the fight against gender violence.

4 SELF-DEFENSE: THE GREAT SOLUTION?

Even though devaluing the seriousness of gender violence and of the sexist social structure, a specific way to solve this problem appears in the right-wing congresswomen's discourse: self-defense.

(10) I know how to defend myself from rape. Krav Maga. With just one move, I take down any man of any size who tries to touch me. (J.H., 2019, my translation)[37]

In a sexual violence situation, the parliamentarian claims to know how to make Krav maga[38] moves that would defend her and overthrow *any man of any size*. The effect of meaning produced here is that women are only raped because they do not know how to defend themselves. Therefore, the fight against machismo and its violence is presented as women's responsibility, and not a social, public, and collective issue. The discourse of right-wing female parliamentarians means gender violence and sexism as individual and private challenges.

The right-wing female parliamentarians' most encouraging resource is self-defense by a physical practice, that is, by fighting – which appears in legal documents and so constitutes public (necro)policies. Bill 643/2019 determines the teaching of wrestling to Elementary and High School students:

(ii) Article 1 – In order to provide women with conditions to defend themselves against any form of violence, one of the weekly Physical Education classes will be aimed at teaching girls some form of physical fight, both in Elementary School and in High School. […] Jocelyn Hollander, an American researcher who has been dedicated to the subject for a long time, has already asserted on several occasions that knowledge of self-defense techniques improves the quality of life of women in various fields. In addition to increasing their self-esteem and confidence, it increases their abilities to recognize threatening behavior and increases their physical competence, which helps them not only to be able to resist attacks but also to reduce the onset of aggression against them. In other words, women who have been trained in self-defense techniques are able to prevent violence from occurring even before it starts (HOLLANDER, Jocelyn A. "The importance of self-defense training for sexual violence prevention." In: Feminism & Psychology, vol. 26, n. 02, 2016, p. 210/211). […] In addition to the necessary long-term solutions, which seek to face the structural problems of society, it is imperative to adopt strategies that can be promptly implemented and that bring immediate results in terms of reducing the rates of violence against women – and, at this point, the acquisition of knowledge of self-defense techniques has proved to be the most effective measure (HOLLANDER, Jocelyn A. "The importance of self-defense training for sexual violence prevention." In Feminism & Psychology, vol. 26, n. 02, 2016, p. 219). […] It doesn't matter if JUDO, KARATE, KRAV MAGA, TAEKWONDO, JIU JITSU, KUNG FU, MUAY THAI, among many other modalities of fight and self-defense, what matters is to prepare women to take care of themselves, without depending on anyone, not even on the State. […] It is also imperative to recognize that this Bill is not only related to the Education theme but also (and perhaps mainly) to Public Security, as its objective is precisely to prevent violence against women. This project is avant-garde, as it addresses the issue of violence against women not from the perspective of the woman who needs to be tutored, but from the perspective of the woman who must be prepared not to need a tutorial. If approved, in the medium and long term, women will be able to effectively defend themselves and prevent many crimes from happening. (PL 643/2019, by J. P., my translation)[39]

[37] Source: CORTÊZ, N. Joice Hasselmann: a deputada de extrema direita que se compara a Bolsonaro e despreza o feminismo. *Marie Claire*, December 7th 2018.

[38] Self-defense practice developed in Israel in the 1940s.

[39] Source: SÃO PAULO. *Projeto de Lei n° 643/2019, de 15 de maio de 2019*. Determina que uma das aulas semanais de Educação Física seja destinada ao ensino de alguma modalidade de luta corporal às alunas, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), 2019.

The proposal of Bill 643/2019 is to provide young girls with conditions to face situations of violence. The way presented for this is by learning modalities of corporal fight –judo, karate, kung fu, krav maga –, which indicates that only physical violence is taken into account by this bill, silencing the possibility of women suffering other types of violence, such as psychological, moral and patrimonial.

The discursive sequence (ii), above, means self-defense practices as a way of *improving women's quality of life*, *raising their self-esteem and confidence*, *increasing their physical capacity*, as well as a resource that allows them to recognize imminent aggression, to resist to attacks and even *to avoid the occurrence of violence*. The proposal of the congresswomen to reduce gender violence is to prepare women for their self-defense; it is to entrust them with the task of their own security. The discourse is thus inscribed in a semantic network that produces the exaltation of individuality and of a supposed subject's autonomy while exempting the State from the responsibility of protecting citizens: *what matters is to prepare women to take care of themselves, without depending on anyone, not even on the State*.

This semantic network inscribed in the thread of the right-wing congresswomen's discourse is affiliated with an interdiscourse region that updates the discourse of neoliberalism, exalting individuality, that is, supposed individual freedom to act and a supposed consequent merit of that action.

All responsibility rests with the subject; the State and society are exempt. This is the government project outlined by the discourse of right-wing female parliamentarians: a minimal state which does not intervene in the protection and care of citizens; and, in turn, citizens responsible for themselves, masters of their destiny and circumstances. In short, the discourse of right-wing congresswomen produces an exaltation of self-defense, autonomy, and individualism, which determines a neoliberal way of life and, in such a manner, women's position in society. Responsible for themselves, they must be prepared for everything, as there is no one to defend them or watch them but themselves. The State withdraws.

5 FINAL REMARKS (OR: IS IT POSSIBLE TO GLIMPSE RESISTANCE STRATEGIES?)

Developed in the light of the materialist discourse analysis in an interface with the anticapitalist feminist theories, this article aimed at giving visibility to the divisions in the meaning of the word *woman* and to the clash between the ways of saying about women in the discourse of right-wing female parliamentarians, produced from a conservative and neoliberal subject-position.

The semantic movements in the discourse of the congresswomen present an opposition effect between *feminine women* and *feminist women* in which there is a dominance of femininity and the denial of feminism. A feminine woman means one who values the (biological) life, the (Judeo-Christian) morality, the patriotism, and the (heterosexual and binary) family; as one who praises and is grateful to men; and one who needs the inspiration to conquer a greater social position. In addition, the discourse of the right-wing female parliamentarians means women by the functioning of an imaginary of universality: they are defined by biological characteristics (menstruation, pregnancy, breastfeeding) and by a heterosexual orientation.

The imaginary of a universal woman erases the social intersections, disregarding relations between gender, race, and class in the proposal of public policies. Therefore, the word *woman* means from a semantic network affiliated with conservatism and with the values of patriarchy, that is, the conception of women as housewives and mothers, confined to domestic services and excluded from the labor market and from positions in public governance.

In the right-wing congresswomen's discourse, women's political struggle is reduced to a matter of self-help, proactivity, and inspiration, which means that every woman, individually, is the only one responsible for their success, their social representativeness, and even their safety. The neoliberal and meritocratic discourse produces an erasement of the minority position occupied by the right-wing female parliamentarians, that is, of their condition as women in a macho society. Because they occupy a privileged social position – white, heterosexual, high middle class –, they do not suffer from race and class oppressions; and because

existing gender laws protect them, the female parliamentarians deny the gravity and even the existence of machismo, misogyny, and gender violence. The oppressive discourse of neoliberalism works, therefore, as a shield for the maintenance of social asymmetries.

Then what resistance strategies to the normativity's discourse could be glimpsed?

Both Davis and Federici ponder women and gender relations in capitalism and the deleterious effects of this predatory economic system regarding the division of social roles and women's participation in the political sphere. Davis and Federici also propose ways of questioning and challenging women's oppressions by the disarticulation of monopoly capitalism, which sustains and benefits from sexism.

Davis (2016) shows that feminist movements and gender equality struggles are inseparable from an antiracist fight. Federici (2017), in turn, shows the impossibility of a feminist movement that is not anti-capitalist. Akotirene (2019) explains that the necropolitics engendered by governments is a consequence of conceiving women by an imaginary of universality, that is, without considering intersectional crossroads. Race, class, and gender are, therefore, inescapable: evaluating the condition of women in society for the elaboration of public laws and policies implies considering such intersections and also the nuances of the oppressions – the social experience of gender varies according to race and class, which cannot be ignored by the feminist movements.

By means of a democratic libertarian subject-position in the interdiscourse that interrogates the meanings of *woman* produced by normativity, it becomes possible to introduce "political demands for recognition and discursive resistance practices" (ZOPPI FONTANA, 2018, p. 66, my translation). Therefore, it is fundamental and urgent in any society: 1) assertive initiatives that defend the political-social cause of gender inequalities and violence against women, 2) collective actions considering women's participation in positions of power, 3) and also resistance movements that question normativity's discourse, that is, statements and actions of public governance, as well as their bills and necropolicies.

As Modesto (2016), I understand that resistance takes place in the process of *talking about*: it is by language that meanings are displaced, which then opens space for difference and misunderstanding. Resistance is not, therefore, a product of the subject's intention, which although exists doesn't guarantee its effectiveness. The gesture of resistance arises as a "shifting possibility within the [ideological] domination and, therefore, cannot happen elsewhere" (MODESTO, 2019, p. 122, my translation).

From a position inscribed in a materialist theory about the functioning of language, I understand that by means of semantic movements and displacements it becomes possible to produce other meanings for women in society. The questioning of the statements produced by normativity produces a rupture with socially stabilized meanings, thus enabling other possibilities and perspectives that consider the intersectional crossroads and the urgency of a project of society in which the anti-racist, anti-capitalist, and anti-patriarchal struggles are a priority.

REFERENCES

ACAYABA, C.; ARCOVERDE, L. Casos de feminicídio aumentam 76% no 1º trimestre de 2019 em SP; número de mulheres vítimas de homicídio cai. *G1 SP* e *GloboNews*, São Paulo, 29 de abril de 2019. Available at: https://glo.bo/2PC1ShG. Access on: July 30th 2019.

AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado (notas para uma investigação). *In*: ZIZEK, S. (org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 105-142.

BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. *In*: BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. 5th Edition. Campinas: Pontes Editores, 2005. p. 247-259.

BOLSONARO anuncia saída do PSL e criação de novo partido. *G1*, Caderno Política, 12 de novembro de 2019. Available at: https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/11/12/deputados-do-psl-dizem-que-bolsonaro-decidiu-deixar-partido-e-criar-nova-legenda.ghtml. Access on: February 3rd 2021.

BRANDALISE, C. "Feministas têm comportamento vexaminoso", diz Joice Hasselmann. *Universa Uol*, 01 de novembro de 2018. Available at: https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/11/01/entrevista-joice-hasselmann-deputada-federal-mais-votada.htm. Access on: September 24th 2020.

BRANDALISE, C. Presidente do PSL Mulher: Bolsonaro é um doce, e feminista não diz obrigada. *Universa Uol*, 03 de junho de 2019. Available at: https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/06/03/presidente-do-psl-mulher-bolsonaro-e-um-doce-e-feminista-nao-diz-obrigada.htm. Access on: September 24th 2020.

BRASIL. *Projeto de Resolução do Senado n° 80, de 2019*. Cria o Programa Mulher Senadora no âmbito do Senado Federal. Brasília, DF: Senado Federal, 2019. Available at: https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=8002311&ts=1624916642892&disposition=inline. Access on: January 13th 2023.

BRASIL. *Projeto de Lei n° 11, de 08 de fevereiro de 2019.* Dispõe sobre o direito da vítima de violência doméstica ter o seu pedido de medida protetiva concedido pela autoridade policial. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2019. Available at: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1706802&filename=PL%2011/2019. Access on: January 13th 2023.

CORTÊZ, N. Joice Hasselmann: a deputada de extrema direita que se compara a Bolsonaro e despreza o feminismo. *Marie Claire*, 07 de dezembro de 2018. Available at: https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/12/joice-hasselmann-deputada-de-extrema-direita-que-se-compara-bolsonaro-e-despreza-o-feminismo.html. Access on: September 24th 2020.

CORTÊZ, N. Janaina Paschoal não descarta escrever um novo processo de impeachment. *Marie Claire*, 25 de março de 2019. Available at: https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2019/03/janaina-paschoal-nao-descarta-escrever-um-novo-processo-de-impeachment-espero-que-nao-seja-preciso-mas-se-conversa-e-outra.html. Access on: September 24th 2020.

COSTA, R. Reatar com presidente ou se livrar dos bolsonaristas? PSL vive dilema após fracasso eleitoral. *Gazeta do Povo*. Brasília, 23 de novembro de 2020. Available at: https://www.gazetadopovo.com.br/republica/psl-futuro-bolsonaristas-eleicoes/. Access on: February 3rd 2021.

COURTINE, J-J. *Análise do discurso político*: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

COVAS e Boulos disputam 2º turno em São Paulo. *G1*, São Paulo, 15 de novembro de 2020. Available at: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/11/15/covas-e-boulos-disputam-2o-turno-em-sao-paulo.ghtml. Access on: February 3rd 2021.

DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe*. Translated by Heci Regina Candiani. 1st Edition. São Paulo: Boitempo, 2016.

ELIAS DE OLIVEIRA, S. Sobre o funcionamento do político na linguagem. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*: Campinas, n. 34, p. 41-53, jan-jun, 2014.

ENTENDA o racha entre Jair Bolsonaro e o PSL. *G1*, Caderno Política, 18 de outubro de 2019. Available at: https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/10/18/entenda-o-racha-entre-jair-bolsonaro-e-o-psl.ghtml. Access on: February 3rd 2021.

FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa*: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

GUIMARÃES, E. *Texto e argumentação*. Campinas: Pontes Editores, 1987.

JANAÍNA Paschoal é a deputada mais votada na história do país. *G1*, São Paulo, 07 de outubro de 2018. Available at: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2018/noticia/2018/10/07/janaina-paschoal-e-a-deputada-mais-votada-da-historia-de-sp.ghtml. Access on: September 10th 2020.

LAGAZZI, S. O recorte significante na memória. Apresentação no III SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, UFRGS, Porto Alegre, 2007. *In*: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L.; MITTMANN, S. (org.). *O discurso na contemporaneidade*: materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 67-78.

MODESTO, R. Uma outra cidade? A resistência possível e o efeito de resistência: uma proposta. *Fórum Linguístico*: Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 1083-1093, 2016.

MODESTO, R. Gritar, denunciar, resistir: "como mulher, como negra". *In*: ADORNO, G. *et al.* (org.). *O discurso nas fronteiras do social*: uma homenagem à Suzy Lagazzi. v. 2. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 111-134.

ORLANDI, E. P. Segmentar ou recortar?. *Linguística*: questões e controvérsias, Uberaba, n. 10, p. 9-26, 1984.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio:* no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

ORLANDI, E. P. *Interpretação*: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Pontes Editores, 1996.

ORLANDI, E. P. Discurso e argumentação: um observatório do político. *Fórum linguístico*: Florianópolis, n. 1, jul.-dez., p. 73-81, 1998.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. 10.ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, E. P. *A noção de materialidade. Vídeos Labeurb*. Disponível em: www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/videos/videos.lab. Acesso em: dez. 2007.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso:* uma critica e afirmação do obvio. Campinas: UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5a Edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 59-158.

PIRES, S. Eleita com mais de 1 milhão de votos há dois anos, Joice Hasselmann faz menos de 100 mil em 2020. *GZH*, Porto Alegre, 17 de novembro de 2020. Available at: https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2020/11/eleita-com-mais-de-1-milhao-de-votos-ha-dois-anos-joice-hasselmann-faz-menos-de-100-mil-em-2020-ckhluq4a80000016gzk5uubb8.html. Access on: February 3rd 2021.

SÃO PAULO. *Projeto de Lei n° 435/2019, de 10 de abril de 2019*. Garante à gestante a possibilidade de optar pelo parto cesariano, a partir da trigésima nona semana de gestação, bem como a analgesia, mesmo quando escolhido o parto normal. São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), 2019. Available at: https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000262934. Access on: October 9th 2020.

SÃO PAULO. *Projeto de Lei n° 643/2019, de 15 de maio de 2019*. Determina que uma das aulas semanais de Educação Física seja destinada ao ensino de alguma modalidade de luta corporal às alunas, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. São

Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), 2019. Available at: https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000268289. Access on: October 9th 2020.

SÃO PAULO. *Projeto de Lei nº 912/2019, de 15 de agosto de 2019*. Garante o direito a acompanhante no pós-operatório aos pacientes submetidos à mastectomia, na rede pública ou privada de saúde do Estado. São Paulo: Assembléia Legislativa do Estado de São Paula (ALESP), 2019. Available at: https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000278001. Access on: October 9th 2020.

SOUTO, L. "Estou chocada com o presidente", diz Janaina Paschoal sobre Bolsonaro. *Universa Uol*, 25 de julho de 2019. Available at: https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/07/25/janaina-sobre-eduardo-bolsonaro-embaixador-chocada-com-o-presidente.htm. Access on: September 24th 2020.

TRINDADE, H. Integralismo: teoria e práxis política nos anos 30. *In*: FAUSTO, B. (org.). *O Brasil Republicano*: sociedade e política (1930-1964). Tomo III. Coleção História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo: DIFEL, 1981. p. 297-335.

VEJA os 20 candidatos a deputado federal mais votados em SP. *G1*, São Paulo, 08 de outubro de 2018. Available at: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2018/noticia/2018/10/08/veja-os-20-candidatos-a-deputado-federal-mais-votados-em-sp.ghtml. Access on: September 10th 2020.

ZIZEK, S. *O amor impiedoso* (ou: Sobre a crença). Trad. Lucas Mello Carvalho Ribeiro. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

ZOPPI FONTANA, M.G. Ponto de vista: o ponto cego das teorias a polifonia. *Estudos da Língua(gem)*: Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 249-283, 2015.

ZOPPI FONTANA, M.G. "Lugar de fala": enunciação, subjetivação, resistência. *Revista Conexão Letras, [S. l.]*, v. 12, n. 18, p. 63-71, 2018.

Received on June 27, 2021. Approved on September 2, 2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e84382

"ELE É A VERDADEIRA JUVENTUDE" – REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO TEMA "JUVENTUDE" NA EXORTAÇÃO *CHRISTUS VIVIT* DO PAPA FRANCISCO

"ÉL ES LA VERDADERA JUVENTUD" – REPRESENTACIONES DISCURSIVAS DEL TEMA "JUVENTUD" EN LA EXHORTACIÓN *CHRISTUS VIVIT* DEL PAPA FRANCISCO

"HE IS THE TRUE YOUTHFULNESS" – DISCURSIVE REPRESENTATIONS OF THE THEME "YOUTH" IN THE POPE FRANCIS' *CHRISTUS VIVIT* EXHORTATION

José Rubens Pereira[*]
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Maria Eliete de Queiroz[**]
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

[*] Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: rubens.pereira.017@ufrn.edu.br.

[**] Professora adjunta IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF). Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: elietequeiroz@uern.br.

RESUMO: Neste trabalho, analisamos representações discursivas do tema "juventude" na exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*. Para tanto, filiamo-nos, teoricamente, à Análise Textual dos Discursos postulada por Adam (2010, 2011, 2019), especialmente apoiados no nível 6, que trata da noção de representação discursiva. Na análise das representações discursivas do tema "juventude", utilizamos as categorias semânticas classificadas de referenciação, predicação, modificação, conexão e localização espaço-temporal, com base em Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010) e Queiroz (2013). Os resultados mostram a construção de uma representação de juventude enquanto período natural da progressão da vida humana, permitindo a realização de outras representações, tais como: sinceridade, subserviência, simplicidade e humildade, audácia e generosidade. Por fim, também constatamos a esquematização das representações de juventude enquanto capacidade de acatar opiniões divergentes, Jesus como a própria e verdadeira juventude, e juventude como ponte que dá acesso a uma reforma institucional pretendida pelo Papa Francisco.
PALAVRAS-CHAVE: Discurso religioso. Papa Francisco. Representação discursiva. Juventude.

RESUMEN: En este trabajo, analizamos las representaciones discursivas del tema "juventud" en la exhortación apostólica postsinodal *Christus Vivit*. Por tanto, teóricamente nos sumamos al Análisis Textual de Discursos postulado por Adam (2010, 2011 y 2019), apoyado especialmente en el nivel 6, que trata de la noción de representación discursiva. En el análisis de las representaciones discursivas del tema "juventud", se utilizaron las categorías semánticas clasificadas en referencial, predicación, modificación, conexión y localización espacio-temporal, con base en Rodrigues, Passeggi y Silva Neto (2010) y Queiroz (2013). Los resultados muestran la construcción de una representación de la juventud como un período natural en la progresión de la vida humana, permitiendo la realización de otras representaciones, tales como: sinceridad, sumisión, sencillez y humildad, audacia y generosidad. Finalmente, también notamos la esquematización de las representaciones de juventud como la capacidad de aceptar opiniones divergentes, Jesús como la verdadera juventud, y juventud como puente que da acceso a una reforma institucional propuesta por el Papa Francisco.
PALVRAS CLAVE: Discurso religioso. Papa Francisco. Representación discursiva. Juventud.

ABSTRACT: In this research, we analyzed discursive representations of the theme "youth" in the post-synodal apostolic exhortation *Christus Vivit*. For that purpose, we are theoretically affiliated in the Textual Analysis of Discourses postulated by Jean-Michel Adam (2010, 2011, 2019), especially supported by the level 6, which deal with the notion of discursive representation. In the discursive representations' analysis of the theme "youth", we used the semantic categories designated as referenciation, predication, aspectualization, connection and spatial-temporal location of Rodrigues, Passeggi and Silva Neto (2010) and Queiroz (2013). The results show the construction of youth as a natural period of human life's progression, which grants the realization of other representations, such as: sincerity, subservience, simplicity and humility, audacity and generosity. Finally, we also noted the schematization of youth representations as the ability to accept contradictory opinions, Jesus as the real youth Itself, and youth as a bridge that gives access to an institutional reform intended by Pope Francis.
KEYWORDS: Religious discourse. Pope Francis. Discursive representation. Youth.

1 INTRODUÇÃO

Considerando a importância do papel dos dirigentes das religiões como arautos de um dos conjuntos de crenças que moldam comportamentos e o pensamento humano, analisamos um texto redigido por um dos homens que alcançou o cargo de poder mais elevado da Igreja Católica Apostólica Romana: Mário Jorge Bergoglio, o Papa Francisco.

O nosso *corpus* é constituído de uma exortação apostólica pós-sinodal, intitulada *Christus Vivit* (doravante Eaps-*CV*), publicada após a reunião do Sínodo dos Bispos[2] de 2018, dedicada à deliberação da fé, do discernimento e da juventude. Esse texto, na versão oficial em formato .pdf disponível no *site* do Vaticano, tem 74 páginas. Para análise, visando atender ao recorte metodológico e considerando o volume de páginas do documento, destacamos os fragmentos em que a palavra "juventude" estava presente e em

[2] "O Sínodo dos Bispos é uma assembleia de bispos os quais [...] se reúnem em tempos determinados [...] para prestar ajuda com seu conselho ao Pontífice Romano na salvaguarda e incremento da fé e dos costumes, na observância e na consolidação da disciplina eclesiástica e também para estudar os problemas relativos à atividade da Igreja no mundo." (PERGUNTAS FREQUENTES SOBRE O SÍNODO DOS BISPOS, 2018).

destaque, um total de 82 ocorrências. Esse número se encontra distribuído em quatro partes do plano de texto da exortação (sumário, introdução, desenvolvimento – capítulos e subtópicos – e conclusão), dentre as quais escolhemos os capítulos I, II e III do desenvolvimento, haja vista que são nesses primeiros capítulos onde se concentram o uso da palavra "juventude" (44 vezes). Desse montante, selecionamos um total de dez fragmentos para análise de representações discursivas.

A exortação apostólica pós-sinodal é um gênero do domínio religioso católico, origina-se em um contexto típico da Igreja Apostólica Romana para se pensar a respeito de discursos que circulam em sociedade e que repercutem diretamente em seus princípios e valores. A divulgação desse documento sucede a uma conjuntura dialógica processada em ocasião de um Sínodo. Durante esse período, vários textos foram escritos e divulgados, alçados sob o mesmo viés ideológico-discursivo. Assim, a Eaps-*CV* encerrou o espaço-temporal dedicado, sobretudo, à discussão acerca dos jovens, da fé e do discernimento vocacional.

Diante do exposto, intentamos compreender quais sentidos são construídos em torno do tema "juventude", sabendo que os posicionamentos do Papa Francisco, para parte da Igreja, configuram-se como polêmicos, devido à conduta relativamente progressista que o caracteriza. Nesse sentido, objetivamos analisar os elementos linguístico-textuais e discursivos que formam representações desse tema. Como princípio basilar para a análise do texto, adotamos o nível 6 (N6) do esquema 4 de Adam (2011), aqui retratado como Figura 2, correspondente ao aspecto semântico, em torno da noção de representação discursiva (Rd), categoria da Análise Textual dos Discursos (ATD).

Justificamos a escolha do texto da esfera religiosa, uma vez que pretendemos contribuir com os estudos da teoria descritiva-analítica de Adam, a julgar pela excepcionalidade de projetos investigativos sobre a análise de discursos religiosos.

Recorremos à busca das palavras "representação discursiva", "discurso religioso" e "Análise Textual dos Discursos", em repositórios *online* de instituições de ensino superior, e encontramos apenas três dissertações de mestrado, duas vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* de Pau dos Ferros, e uma dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); além disso, duas monografias, também da UERN, *Campus* de Pau dos Ferros. Citamos, respectivamente: Lopes (2017), que analisa representações discursivas construídas por Papa Francisco na homilia proferida na santa missa pela evangelização dos povos, em Quito, no Equador; Pinto (2019), que examina as funções discursivas de expressões nominais referenciais na exortação apostólica *Gaudete et Exultate* de Papa Francisco; Silva (2021), que trabalha com os textos bíblicos sinóticos de Mateus e de Lucas, buscando identificar os diferentes pontos de vista e, consequentemente, a projeção de Rd sobre os acontecimentos por eles narrados; Bessa (2019), que traz o conceito de responsabilidade enunciativa para se estudar os posicionamentos do locutor-enunciador no discurso religioso; e, por fim, Sousa (2019), que estabelece relação entre argumentação e responsabilidade enunciativa em parte das institutas da religião cristã de João Calvino. Por esse motivo, o domínio do discurso religioso, para a ATD, é deveras profícuo para exploração.

Por fim, este trabalho se encontra dividido em cinco seções. Inicialmente, na seção 1, procedemos com a contextualização e justificativa deste artigo. Posteriormente, na seção 2, descrevemos o panorama de investigação e apresentamos as categorias semânticas de análise. Na seção 3, detalhamos o surgimento e os pressupostos teóricos da ATD, acentuando o N6, referente à noção de representação discursiva. Na seção 4, dedicamo-nos à análise das Rd do tema "juventude" e, para finalizar, na seção 5, reunimos os resultados discutidos ao longo do texto.

A seguir, reservamos um espaço à exposição dos aspectos metodológicos, no qual detalhamos os desdobramentos relativos à análise da Eaps-*CV*.

2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Do ponto de vista dos procedimentos utilizados para a coleta de dados, esta pesquisa é de caráter documental. Consoante Gil (2002), a pesquisa documental lança mão de textos ricos em informação e que podem não ter passado pelo crivo analítico de um

pesquisador, o que Calado e Ferreira (2005) chamam de fontes de dados brutos. Daí surge o papel essencial do pesquisador, posto que ele deve fazer recortes, interpretar e comparar o material para torná-lo utilizável (LAKATOS; MARCONI, 2003). André (1995) nos diz, dessa forma, que o pesquisador se torna um instrumento da pesquisa, tendo em vista a indissociabilidade entre a objetividade da pesquisa e a subjetividade do sujeito envolvido nesse processo.

No que se refere ao *corpus* de investigação, constitui-se de um (01) documento coletado dos arquivos do *site* oficial do Vaticano. Debruçamo-nos sobre o texto a partir de uma abordagem qualitativa, que não se limita aos dados quantitativos como cerne investigativo, sobretudo, "[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores [...]" (MINAYO, 2013, p. 70). A abordagem qualitativa engloba técnicas de descrição e de interpretação, visando compreender "[...] os componentes de um sistema complexo de significados." (NEVES, 1996, p. 1).

A fim de alcançarmos os objetivos propostos, sabendo que a ATD, por estabelecer uma relação entre descrição textual e interpretação discursiva, apresenta um regime de complementaridade analítica entre cotexto e contexto, atribuímos a este trabalho um caráter descritivo e interpretativista, por entendermos que, ao mesmo tempo em que estamos lendo ou descrevendo, estamos interpretando e significando (MORAES; GALIAZZI, 2016).

Como procedimentos de análise, utilizamos o que Moraes e Galiazzi (2016) denominam de ciclo de análise textual discursiva, constituída por três etapas principais, são elas: unitarização, categorização e comunicação.

A unitarização, conforme os autores, é o processo de fragmentação do texto, no qual o pesquisador divide-o em partes analisáveis, correspondentes aos seus propósitos pré-estabelecidos.

O segundo momento é o da categorização. Para Moraes e Galiazzi (2016, p. 34). categorizar, implica "[...] construir relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as, reunindo esses elementos unitários na formação de conjuntos que congregam elementos próximos, resultando daí sistemas de categorias". Nesse sentido, a categorização das unidades de base advém da ATD, pela qual temos as categorias semântico-analíticas classificadas de referenciação, modificação, predicação, conexão e localização espaço-temporal.

Com isso, surge o terceiro momento, em que "[...] a intensa impregnação nos materiais da análise desencadeada nos dois focos anteriores possibilita a emergência de uma compreensão renovada do todo." (MORAES; GALIZZI, 2016, p. 34). As etapas anteriores de estudo do texto nos propiciam decifrar e comunicar com mais clareza e profundidade os sentidos impregnados nas Rd inerentes ao tema "juventude", destaque da exortação *Christus Vivit* do Papa Francisco.

No que diz respeito ao método de análise, seguimos o método misto, conhecido como aquele que intersecciona o método dedutivo e o indutivo. O método dedutivo é o raciocínio básico que objetiva explicar o conteúdo das premissas (PRODANOV; FREITAS, 2013), enquanto que o método indutivo tem a intenção de chegar a conclusões "[...] cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam." (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 86). A junção desses dois modos de interpretação dos dados significa dizer que partimos de um arcabouço teórico dado, a ATD, provido de categorias e subcategorias definidas e orientadas para a análise das unidades recortadas da estrutura macrotextual. Não obstante, é indiscutível que a leitura do *corpus* nos possibilita a expansão desses procedimentos categóricos e de novos modos de organização e análises emergentes.

No próximo item, demonstramos as categorias que nos orientaram na reconstrução e interpretação das Rd do tema "juventude".

2.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA

A referenciação são os objetos do discurso (coisas, objetos, sujeitos de ações, processos), funcionando não apenas como mecanismos linguísticos de nomeação, mas como parte da atividade discursiva que constrói os pré-construídos dos sujeitos discursivos no processo interacional.

Como segunda categoria analítica trazemos a predicação, que "[...] remete tanto à operação de seleção dos predicados, isto é, à designação dos processos [...] (ações, estados, mudanças de estado etc.), como ao estabelecimento da relação predicativa no enunciado" (RODRIGUES; PASSEGGI; SILVA NETO, 2010, p. 175). Gramaticalmente, denominamos de predicados verbais ou nominais, ou seja, as ações e os processos desempenhados pelos referentes.

Por conseguinte, a categoria da modificação, segundo Queiroz (2013), é considerada como os recursos linguístico-textuais empregados pelo locutor para caracterizar ou descrever os elementos referenciais do texto, bem como as ações verbais dos sujeitos da predicação. Sinteticamente, a categoria da modificação é uma operação textual "[...] que modifica tanto o referente como o predicado através de adjetivos, expressões adjetivais, verbos que indicam ações habituais ou funcionais equivalentes a propriedades ou atributos." (LOPES, 2017, p. 61).

Já a conexão cuida do estabelecimento de relações entre as unidades básicas formativas de enunciados, que culminam em sua estruturação e, ligados entre si, constituem as partes de um todo textual. Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, p. 176) dizem que a categoria da conexão "[...] envolve dois processos: a assimilação analógica, que pode ser desenvolvida por meio das metáforas e de outras figuras de linguagem, e os elementos de conexão que ligam os enunciados entre si". Isto é, a conexão se desmembra em dois outros processos: as relações de contiguidade, com os conectores linguísticos que, de acordo com Adam (2011, p. 179) "[...] entram numa classe de expressões [...] que reagrupa além de certas conjunções de coordenação [...], certas conjunções e locuções conjuntivas de subordinação [...] e grupos nominais ou proposicionais [...]", e de analogia, por meio de metáforas e das figuras de linguagem, além da comparação.

Por fim, os localizadores espaço-temporais que, para Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, p. 176), respondem as perguntas "quando?" e "onde?", indicando "[...] as circunstâncias espaço temporais nas quais se desenvolvem os processos e os participantes". Sob uma perspectiva gramatical, podemos intuir os localizadores espaço-temporais como sendo a classe dos advérbios.

No tópico 3, desenvolvido abaixo, discutimos sobre a teoria da ATD.

3 ANÁLISE TEXTUAL DOS DISCURSOS

Dedicamos esta seção à teoria da ATD, na qual dissertamos acerca do N6 de Adam (2011, aplicado na análise da Eaps-*CV* escrita pelo Papa Francisco.

3.1 TEXTO E DISCURSO: UMA ANÁLISE CO(N)TEXTUAL DE SENTIDOS

O lugar onde se materializa a comunicação é a produção de textos (KOCH, 2015); são nas relações interpessoais que nos constituímos como seres ideológicos e discursivos, dotados de capacidades cognitivas, expressas através de textos orais, escritos ou imagéticos. Conquanto, dizemos que o texto é a matriz da comunicação e, através desse recurso que dispomos, nossa natureza subjetiva, ideológica e social se manifesta inquestionavelmente.

Adam (2011), com o propósito de tornar a ATD um novo proponente analítico dentro do âmbito das pesquisas sobre texto, ao refletir acerca da correlação axiomática entre texto e discurso, consagra a ATD como uma teoria do conjunto (texto e discurso ou cotexto e contexto), inaugurando um tipo de análise co(n)textual de sentidos. Assim, primeiramente, ele distingue e separa a Linguística Textual (LT) das práticas discursivas, afirmando que a primeira se caracteriza como um componente ou subdomínio da segunda. Por isso que, embora a ATD tenha suas raízes fincadas na LT, ela estaria mais para uma análise discursiva do que textual (QUEIROZ, 2013).

Contudo, é preciso ressaltar que Adam (2011) inova em sua perspectiva teórico-metodológica, pois a ATD não se baseia estritamente em uma análise discursiva advinda da análise do discurso (AD) de origem francesa e não interpela o texto sob os princípios das gramáticas textuais. Distanciar-se desses domínios teóricos é uma condição necessária para os entusiastas da ATD, já

que o gerenciamento teórico-metodológico do texto-discurso executado pela teoria de Adam (2011) se dá através de uma nova roupagem conceitual e categórica, empregado em textos concretos e reais. O quadro teórico que ele propõe, portanto, está mais para uma "[...] análise de discurso tal como é delineada por Maingueneau." (ADAM, 2011, p. 43).

Nesse sentido, Adam (2011, p. 25) reitera a necessidade de uma nova teoria para se estudar a complexidade nata do objeto texto: "O texto é, certamente, um objeto empírico tão complexo que sua descrição poderia justificar o recurso de diferentes teorias, mas é de uma teoria desse objeto e de suas relações com o domínio mais vasto do discurso em geral que temos necessidade, para dar aos empréstimos eventuais de conceitos das diferentes ciências da linguagem, um novo quadro e uma indispensável coerência".

É por esse motivo que o autor sugere articular texto e discurso em um novo arcabouço teórico-metodológico, resultado da união de conceitos de outros campos da linguística, a fim de contemplar o processo de multi-formação textual. Nessa perspectiva, o estudioso da ATD deve intercalar análises equitativas dos encadeamentos textuais e dos fenômenos discursivos, sem permitir que uma se sobressaia em detrimento da outra (BERNARDINO, 2015).

Com base nessa vinculação entre texto e o domínio mais vasto das práticas discursivas, Adam (2010) discute que todo texto deve ser visto a partir de dois campos: o campo das forças centrífugas e o campo das forças centrípetas que acontecem na produção textual. Para exemplificar esse curso, trazemos o esquema 1, na imagem abaixo.

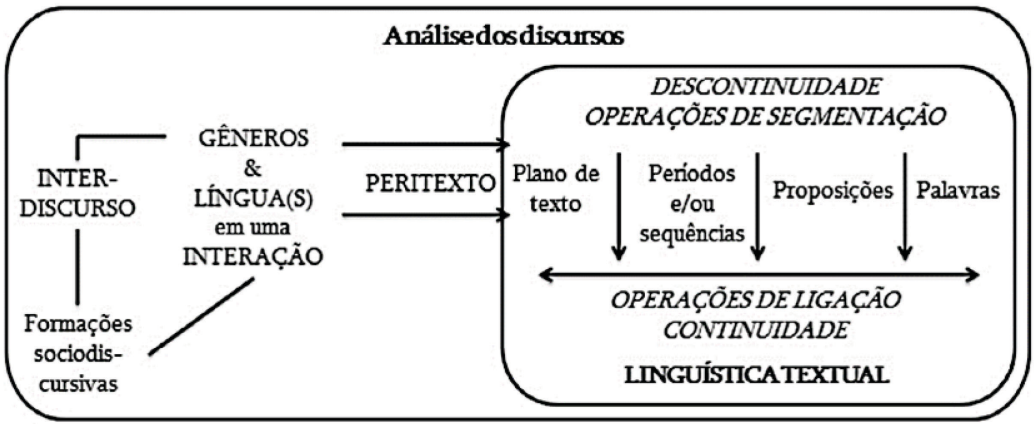


Figura 1: Nova localização da LT

Fonte: Adam (2011, p. 43)

No esquema acima, Adam (2011) deixa claro onde está situada a LT, entendida como um subdomínio das práticas discursivas. Do lado esquerdo vemos a realização da primeira força modular do texto (força centrípeta), relacionada aos fatores externos "[...] que vão da intertextualidade às condições materiais e sócio-históricas de produção, passando pela identidade do orador encenada na enunciação e nas escolhas relativas do gênero." (ADAM, 2010, p. 97). Temos, por conseguinte, as formações discursivas conduzidas pela manifestação da interdiscursividade, atuando por intermédio de gêneros, responsáveis por efetivar a intersecção entre texto e discurso. Já no canto direito, falamos das forças centrífugas, que "[...] permite[m] ao texto ganhar unidade de sentido, a partir da composição de suas partes internas e lineares, que constroem a sua macroestrutura constituída pelos elementos linguístico-gramaticais que sinalizam a produção de sentido do texto". (QUEIROZ, 2013, p. 23).

Retomando a ideia central da ATD, Adam (2011) trabalha com as práticas comunicativas concatenando dados intralinguísticos e extralinguísticos. Quer dizer, ele unifica o que entendemos por cotexto e contexto, e alcunha o termo co(n)texto, com o (n) entre parênteses, marcando a indissociabilidade essencial desses conceitos para a ATD. Dessa forma, os recursos linguísticos de que a língua dispõe, pelos quais fazemo-nos compreensíveis quando falamos, não devem ser dissociados do seu componente discurso (ou vice-versa), fruto dos contextos das relações interpessoais, ideológicas e cognitivas experienciadas pelos sujeitos.

Reforçando a ideia de cotexto conectado ao contexto, Adam (2011, p. 53) escreve: "[...] co(n)texto para dizer que a interpretação de enunciados isolados se apoia tanto na (re)construção de enunciados à esquerda e/ou à direta (contexto) como na contextualização, que consiste em imaginar uma situação de enunciação que torne possível o enunciado considerado".

A ideia de contexto, para o fundador da ATD, não diz respeito, necessariamente, aos dados exteriores à comunicação, uma vez que é impossível acessá-los diretamente. A sua definição rechaça a perspectiva histórica atribuída ao conceito pela AD francesa e apoia-se na certeza de que concretizamos uma ação cognitiva durante o processamento de um discurso. Por esse motivo, o contexto é acessado "[...] somente via *(re)construções* (imagens) permitidas devido aos conhecimentos enciclopédicos dos sujeitos, seus pré-construídos culturais e os lugares comuns argumentativos." (BERNARDINO, 2015, p. 41, grifos da autora).

Esse é o ponto central de sua obra, resumida em um esquema no qual explicita didaticamente a conexão texto-discurso e os níveis/planos de análise textual e discursiva. Vejamos:

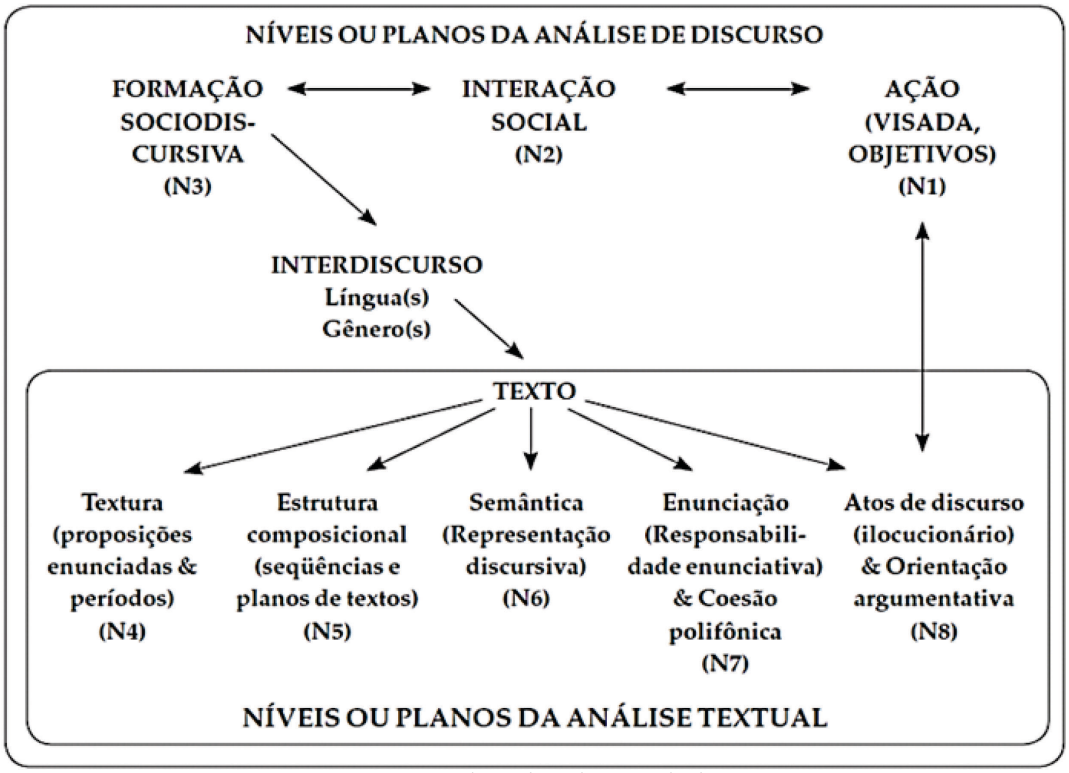


Figura 2: Níveis ou planos de análise textual e discursiva

Fonte: Adam (2011, p. 61)

Adam (2011) separa as categorias analíticas que estão para o discurso e aquelas voltadas à materialidade textual. No que concerne aos níveis do discurso, ele elucida que todo discurso é uma ação social interessada, melhor dizendo, todo discurso toma forma no seio da sociedade (N2) e visa à efetivação de certas intenções (N1), não estando isento de formações sociodicursivas ideologizadas (N3). Por isso, é inegável a permanência de uma interdiscursividade, natural dos discursos, a qual referencia e repercute outros dizeres previamente consolidados em sociedade.

A dinamicidade empreendida por esses fatores do texto e do discurso converge para formação de um gênero discursivo específico. Logo, os elementos linguístico-textuais atuam na construção e organização de um conjunto de proposições (N4) e sequências que culminam na execução de um plano de texto (N5), ao mesmo tempo que elementos discursivos constroem semanticamente imagens dos envolvidos em uma conjuntura comunicacional (N6), extrapolando, assim, os limites da textualidade, transformando-o em uma prática discursiva através de outras vozes despertadas (N7) que o orienta argumentativamente (N8). Em nosso trabalho, por questões metodológicas, focalizamos exclusivamente o nível 6 (N6).

A seguir, tratamos do N6 do esquema de Adam (2011), referente à noção de representação discursiva.

3.2 NÍVEL SEMÂNTICO DO TEXTO: A NOÇÃO DE REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA

Tendo em vista que a ATD estuda o que seria o produto da enunciação, Adam (2011) reflete sobre o que determinaria essa unidade enunciativa e chega à conclusão de que a frase não tem as condições necessárias para ser mantida como unidade mínima de análise textual, em virtude de sua instabilidade sintática. A frase, para Adam (2011, p. 104), é apenas uma estrutura sintática do tipo gráfica, "[...] cujos limites são assinalados por uma maiúscula e um ponto [...]". Dessa maneira, o sentido que carrega o conceito de frase se entrelaça, sobretudo, à sua forma e não ao seu conteúdo, o que, para ATD, é um campo limitado. Portanto, ele defende que a unidade mínima de análise de texto, produto de um ato enunciativo, é o que denominamos de proposição-enunciado.

Segundo o autor, uma proposição-enunciado carrega tanto uma estrutura sintática quanto uma unidade de sentido, o que se é esperado do produto da enunciação. A proposição-enunciado contém uma forma que a delimita, sem necessariamente estar presa a aspectos gráficos condicionantes, como a frase, e essa estrutura pressupõe a ligação entre um sintagma nominal a um sintagma verbal, o que gera, consequentemente, um sentido próprio e legítimo de ser designado como resultado da enunciação. A isso chamamos de ato de referência, pelo qual temos um objeto de mundo sendo referenciado e construído discursivamente.

Toda proposição-enunciado está corporificada no seio de três dimensões colaborativas e originárias: (i) a dimensão enunciativa, (ii) a dimensão referencial e (iii) a dimensão argumentativa. Adam (2011), objetivando o entendimento dessa condição de ligação, nos apresenta um esquema, examinemos:

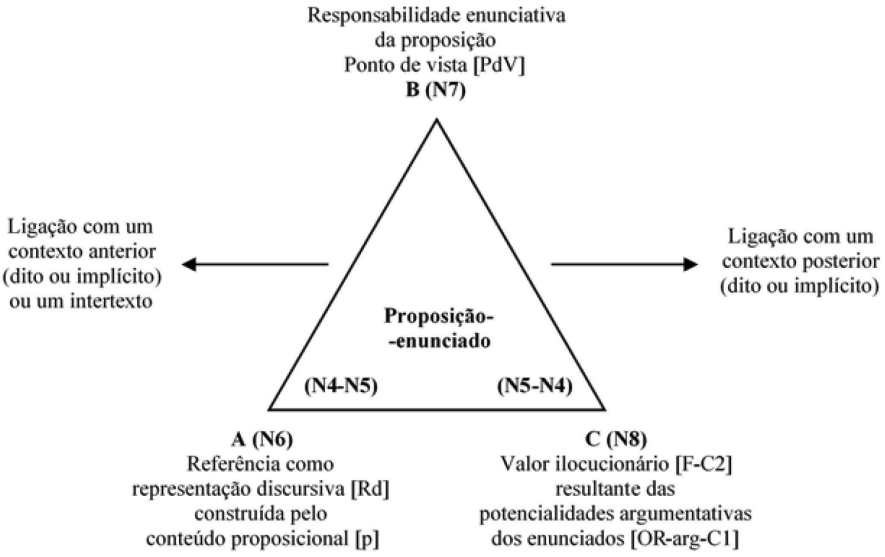


Figura 3: As dimensões da proposição-enunciado
Fonte: Adam (2011, p. 111)

Tomemos como ponto de partida para descrição e compreensão do esquema acima o seu centro, onde se localiza a proposição-enunciado, a qual encontra-se conectada aos cotextos anteriores e posteriores a si, ditos ou implícitos, que entendemos como as proposições-enunciado que antecedem e procedem a sua posição no texto, sendo intertextualizadas ou evocadas pela proposição-enunciado referente.

Em cada vértice do triângulo, Adam (2011) atribui uma dimensão da proposição-enunciado: o lado [A] representa o ato referencial realizado por intermédio da representação discursiva (Rd) do conteúdo proposicional; no ponto [B] está localizada a dimensão da Responsabilidade enunciativa (RE) e/ou Ponto de vista (PdV) (N7), associada à construção de uma Rd a partir de vozes evocadas ou PdV evidentes; e no canto [C] temos o valor ilocucionário (C2) apreendido na orientação argumentativa (OR-arg) (N8) dos PdV

assumidos ou não, nos enunciados organicamente polifônicos. Percebemos que é incontestável o diálogo estabelecido entre os esquemas 2 e 5 de Adam (2011), ondem se vê: o vértice A = N6, os lados B e C = N7 e N8, respectivamente, e os níveis 4 e 5, como as partes elementares da proposição-enunciado, se encontram posicionados na base do triângulo.

A propósito disso, Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, p. 174) asseguram: "Toda proposição, na condição de "microuniverso semântico", constitui uma representação discursiva mínima. A dimensão referencial da proposição apresenta uma certa "imagem" do(s) referente(s) discursivo(s), posto que cada expressão utilizada categoriza ou perspectiva o referente de uma certa maneira".

Adam (2011) atesta que a Rd é um objeto do discurso comunicável, construído e reconstruído em atos referenciais: inicialmente, por um sujeito na condição de locutor, que convida um segundo a reinterpretar o microuniverso semântico revelado em seu dizer. Dessa maneira, produzir um texto é saber que o produzimos para algo ou alguém; a sua realização acontece quando os sentidos que o constitui são compreendidos dentro de uma situação ideal de comunicação.

A semântica que emerge com a sua efetivação sugere, no mínimo, a presença de três fatores indispensáveis: um locutor ou enunciador, um alocutário ou coenunciador e um tema ou assunto. O locutor é o enunciador do discurso, agindo sobre aquele com quem dialoga (o alocutário/coenunciador), e o tema/assunto é o conteúdo tratado na comunicação. Ninguém que está envolvido em uma situação dialógica concreta apresenta postura passiva, em algum momento haverá mudança de papéis: o locutor se tornará alocutário e o alocutário passará a ser locutor, e assim por diante.

Afirmamos que falar sobre texto é predizer a existência desses três componentes pois sabemos que "[...] a sua produção se dá em um contexto real de uso da linguagem, no processo de troca, compreensão, interpretação e de compartilhamento de uma ação linguageira" (QUEIROZ, 2013, p. 49). É nessa premissa que Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010), a partir de Adam (2011), trazem à noção de Rd, ratificando que "[...] todo texto constrói, com maior ou menor explicitação, uma representação discursiva do seu enunciador, do seu ouvinte ou leitor e dos temas ou assuntos tratados" (RODRIGUES; PASSEGGI; SILVA NETO, 2010, p. 173).

Adam (2011), para a construção teórica do postulado da Rd como nível analítico do texto, se inspira no modelo da Lógica Natural (LN) do pesquisador Jean-Blaise Grize. Um dos preceitos chave da LN é o princípio de esquematização, atividade discursiva praticada pelos agentes da comunicação, em virtude da ação que desejam exercer sobre o outro. Logo, como efeito da esquematização, temos o que se revela ser esquemas ou conjunto de imagens.

Proclamamos que a essência contida no desenvolvimento da Rd em um texto é a construção e reconstrução de imagens que caracterizam os fatores de uma interlocução. No seguimento da enunciação, o locutor, situado historicamente, desenha uma representação de si mesmo, do outro com quem enuncia e das temáticas que permeiam o diálogo, a partir de sua própria visão de mundo, consequência de seus valores, crenças e ideologias.

A concepção de uma Rd, dessa forma, não é vazia de sentido, o locutor "[...] projeta na natureza enunciativa elementos de referência à sua posição no mundo; ao seu ponto de vista; ao conteúdo que se propõe a transmitir; aos seus interesses [...]" (LOPES, 2017, p. 49). Assim, as Rd, evidenciadas por um sujeito em seu discurso, demonstram marcas de si, impregnadas em suas escolhas linguísticas. Por isso que, de acordo com Lopes (2017), é preciso diferenciar o "sujeito no mundo" que representa e é representado nos discursos, posto que as Rd revelam a projeção "[...] de aspectos mais salientes que pretendemos destacar em detrimento de outros que queremos ocultar." (LOPES, 2017, p. 53).

Para se analisar a Rd que aflui de atos de referência operados no discurso e pelo discurso, é preciso irmos de encontro as operações macrotextuais defendidas por Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010) e Queiroz (2013), já que Adam (2011) não delimita procedimentos metodológicos pertinentes à realização dessa tarefa. Esses teóricos tomam emprestado as categorias que Adam (2011) desenvolve para analisar o período descritivo, posto que, de acordo com Queiroz (2013, p. 56), são "[...] operações [que] podem ser utilizadas para a análise de qualquer tipo de sequência.", e, outrossim, os operadores lógico-discursivos de Grize, e os reaplicam nos estudos sobre a Rd.

Na seção 4 desenvolvida adiante, trazemos as análises quanto às Rd do tema "juventude".

4 REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO TEMA "JUVENTUDE" EM ANÁLISE

Na Eaps-*CV*, o sentido atribuído ao referente "juventude" demonstra uma variante conceitual trespassada por definições reconhecidas globalmente, como período em que passa a progressão da vida humana e conjunto de pessoas jovens que, conforme o Sínodo de 2018, possuem entre 16-29 anos. Além disso, verificamos que juventude também é reconhecida enquanto materialização de características viscerais de um Deus Cristão, presentes em profetas bíblicos, e juventude como ponte que dá acesso a uma reforma institucional pretendida por Francisco.

Pensando no poder intervencionista da Igreja, seja pragmaticamente ou ideologicamente, é lícito indagarmos: o que explica o fato de a juventude, dentre tantas outras questões sociais de maior impacto, como, por exemplo, os embates armados no Oriente Médio que, por consequência, tragam a vida de milhares de pessoas ou forçam multidões a se lançarem ao mar, na esperança de conseguirem abrigo em um local seguro, ascender ao posto de temática indispensável a essa organização religiosa? Não exclusivamente, as razões que a transpuseram para a centralidade dos debates realizados pela Igreja, notadamente no Sínodo de 2018, são indiretamente expostas por Francisco na Eaps-*CV*.

No parágrafo 40, há uma preocupação de atestar que muitos jovens têm se afastado da Igreja por julgarem que ela não agrega significância às suas vidas. Essa atitude não é infundada, de acordo com o Papa, ela se justifica pelos "[...] escândalos sexuais e económicos [cometidos pela Igreja]; a falta de preparação dos ministros ordenados, [...]; pouco cuidado [...] na apresentação da Palavra de Deus; o papel passivo atribuído aos jovens [...]; a dificuldade da Igreja dar razão das suas posições doutrinais e éticas perante a sociedade atual." (CV, n. 40). Em outra ocasião, Francisco afirma que os jovens herdarão o porvir (CV, n. 174). Logo, se são eles o futuro da sociedade, é fácil intuirmos que uma organização conservada inflexivelmente e que não granjeia métodos receptivos dos modos de vivência dessa nova geração, possivelmente, estará fadada ao fracasso.

Essa Rd é construída no encadeamento discursivo de referentes com suas predicações e seus modificadores, ilustrada no Excerto 1.

EXCERTO 1

> "Uma **Igreja** na **defensiva**, que **perde** a **humildade**, que **deixa de escutar**, que **não permite ser questionada**, **perde** a **juventude** e **transforma-se** num **museu**." (CV, n. 41)

Destaca-se, nesse recorte, a indissociabilidade entre os referentes "Igreja", "juventude" e "museu" para a construção semântica da discursividade desse enunciado. O ato enunciativo aqui prestado denota a certeza de uma Igreja que pode privar-se de sua juventude e tornar-se um museu, se se manter arrogante e inflexível. Entendemos por juventude, nesse sentido, a capacidade de se mostrar humilde e de acolher opiniões divergentes.

A contiguidade textual que dá sentido à representação em tela se desdobra em um processo de ação e reação: o feito realizado pelos referentes "Igreja" e "defensiva", enfatiza um sujeito apreensivo, causando reações demostradas pelo verbo da predicação "perde". Primeiro, pela categoria da referenciação, constatamos que os referentes "humildade" e "juventude" modificam o referente "Igreja", conferindo-lhes qualidades faltosas em sua postura. Segundo, as locuções verbais "deixar de escutar" e "permite ser", essa última, colocada posteriormente ao adverbio de negação "não" e previamente ao modificador "questionada", também são outras consequências reveladas de sua conduta. Desse modo, por estar apreensiva, a Igreja perde sua humildade e se fecha consigo mesma, deixando de escutar os anseios da sociedade, desapossando-se, assim, de sua juventude.

O verbo da predicação "transformar" prevê o efeito desse ato de inflexão, que seria a sua transformação em um museu, conectando causa, "Uma Igreja na defensiva [...]", e consequência, "[...] perde a juventude e transforma-se num museu.". Muito embora museus sejam espaços frequentados e valorizados culturalmente, por reunir dados ou objetos históricos de uma sociedade, nessa situação,

o referente detém uma carga negativa de sentido. Em outras palavras, metaforicamente, a "Igreja museu" passaria a ser apenas um espaço onde se preservaria a memória dos costumes de um povo, em oposição a uma organização religiosa presente e atuante.

Dessa maneira, vemos que as constatações do Papa surgem de um mesmo núcleo: a ideia de uma Igreja retraída, frente a uma geração com senso crítico e sensibilidade aguçada. Observemos:



Figura 4: Núcleo comum às teses defendidas pelo Papa
Fonte: elaboração própria

Uma "Igreja na defensiva", perde a sua humildade, deixa de escutar as lamentações dos seus seguidores, não permite ser questionada, perde a sua juventude e vira um museu. O esquema argumentativo presente nesse fragmento sinaliza fortemente o programa de governo do atual Papa, que almeja mudanças nas práticas evangelizadoras e dogmáticas da Igreja.

De outro modo, juventude, para ele, também é uma comunidade de gente com pouca idade, traduzida no aperfeiçoamento de qualidades intrínsecas à personagens bíblicas, tais como: a) juventude é ser sincero tal qual Gideão (CV, n. 7); b) juventude é ter a subserviência de Samuel (CV, n. 8); c) juventude é ser simples e humilde como Davi (CV, n. 9); d) juventude é ser tão audacioso quanto Salomão (CV, n. 10); e e) juventude é generosidade, a exemplo de Rute (CV, n. 10).

Verifiquemos como cada representação se mostra identificável por intermédio dos excertos 02 (A), 03 (B), 04 (C), 05 (D) e 06 (E) à frente.

EXCERTO 2 (A)

"Em Gedeão, reconhecemos a **sinceridade** dos **jovens**, que **não costumam dulcificar** a realidade. Quando lhe foi dito que o Senhor estava com ele, retorquiu: 'Se o Senhor está conosco, então porque é que nos aconteceu tudo isto?' (Jz. 6, 13). Mas Deus não se aborreceu com esta censura e redobrou a aposta nele: 'Vai com toda a tua força, e salva Israel' (Jz. 6, 14)." (CV, n. 7)

Juventude, no excerto acima, é recategorizada em "jovens" e personificada na figura de Gedeão. Através da ligação referencial entre "sinceridade" e "jovens", sendo o primeiro um modificador do segundo, juventude é perspectivada como pessoas que se comportam de modo sincero. A sinceridade dos jovens, consoante Francisco, deve-se à maneira que lidam com a realidade. O que se revela no advérbio de negação "não" que, atrelado ao predicado verbal "costumam dulcificar", clarifica esse sentido, mostrando a constância ou a naturalidade da condição de ser jovem, parecido com Gedeão, que nega romantizar a vida ou, nesse caso, aceitar as orientações da Igreja ou de Deus sem refutá-las.

Assimilamos que Francisco relata uma juventude inquisitiva, ou seja, que questiona a fé e os ensinamentos cristãos. No entanto, o modificador (inquisitiva), que o aplicamos intuitivamente ao referente "juventude", não se configura como determinante para o afastamento de Deus de quem assim se comporta. Muito pelo contrário, assim como Ele acreditou com Gedeão, também acreditará

em quem desconfia de suas instruções. Dessa forma, o Papa tenta defender em toda a exortação um Deus que, acima de tudo, é amor, respeito e liberdade, independentemente da postura do sujeito (CV, n. 115-116).

Com esse argumento, ele pretende preservar a imagem de um Deus que, teoricamente, dá liberdade e voz aos seus seguidores, quando, na verdade, a posição ocupada por Ele não propicia um espaço dialógico e democrático, os fiéis da Igreja e de Deus sempre serão subservientes. E ser servil é uma característica pela qual prova-se a expressão dos poderes sacros, vejamos:

EXCERTO 3 (B)

> "Samuel **era** um adolescente inseguro, mas o Senhor comunicava com ele. Graças ao conselho dum adulto, **abriu** o seu coração para escutar a chamada de Deus: 'Fala, Senhor; o teu servo escuta' (1 Sm. 3, 9-10). **Por isso**, **foi** um grande profeta que interveio em momentos importantes da sua pátria. (CV, n. 8)

Focalizamos, no excerto acima, os verbos das predicações "era", "abriu" e "foi". Ainda que as expressões verbais das predicações sejam processos conjugados no passado, percebemos uma linearidade temporal (passado, presente e futuro) oculta na concretização da representação de juventude subserviente. Samuel, nas palavras de Francisco, era um indivíduo jovem e inseguro, não obstante, sempre se manteve ligado a uma figura divina. Esse relacionamento, de certa forma, intermediado pelas instruções de um adulto, o fez agir conforme sua crença em supostos direcionamentos divinos, tornando-o, segundo a Bíblia, o primeiro profeta de Israel, exemplo de fidelidade e de obediência. Em outros moldes, temos:

Samuel —era→ jovem inseguro

Samuel —abriu→ o coração ao chamado de Deus

Samuel —foi→ grande profeta, fiel e obediente

O Papa tenciona convencer-nos de que Samuel era inseguro, contudo, na medida em que abre o coração e escuta conselhos de um adulto revela seu estado de servidão a Deus e, posteriormente, se torna não só um profeta, mas um reconhecido chefe político e militar da época. Essa temporalidade, que marca o período da juventude, é representada, por Francisco, como estágio preparatório para a epifania de Deus, isto é, manifestação encarnada dos mistérios sagrados.

Salientamos, outrossim, a importância do sentido desempenhado pela conjunção "por isso" para a representação de juventude subserviente. A semântica que liga os enunciados antecessores ao "por isso", indica os resultados de um comportamento servil que, no excerto em análise, se mostraram no cargo exitoso apossado por Samuel. Essa é uma das teses legitimadas por Francisco, que ser fiel a Deus nada traz de negativo, mas, sobretudo, conquistas e prosperidade, mesmo que surjam dificuldades em algum momento da vida.

A título de exemplificação, em um outro momento da Eaps-*CV*, no parágrafo 294, Francisco aconselha-nos a repensar acerca de nossos sonhos e objetivos, visto que nem sempre temos a certeza de sua legitimidade, somente Deus pode confirmá-la. Dessa maneira, renunciar ao que Francisco denomina de "desejos superficiais" (CV, n. 294) e escolher o que mais agrada ao Senhor, por intermédio do acompanhamento da Igreja, é o mais indicado e seguro, como fez Samuel.

No excerto 04 (C), por meio da conexão, entendemos que o uso da metáfora em "a glória da juventude está mais no coração", em paralelo aos modificadores – "mais velhos" e "mais experientes" – do referente "filhos", constrói a representação de juventude como simplicidade e humildade. Observemos:

EXCERTO 4 (C)

> "[...] O profeta Samuel andava à procura do futuro **rei de Israel**, e um homem apresentou-lhe, como candidatos, os seus **filhos mais velhos** e **mais experientes**. Mas o profeta disse que o escolhido era David, o rapaz que cuidava das ovelhas (cf. 1 Sm. 16, 6-13), porque 'o homem vê as aparências, mas o Senhor olha o coração' (16, 7). **A glória da juventude está mais no coração** do que na força física ou na impressão que provoca nos outros. (CV, n. 9)

Nesse excerto, Papa Francisco constrói uma narrativa em torno do referente "rei de Israel", com carga semântica relevante à costura argumentativa do enunciado, para reafirmar a ideia de um Deus que tem a juventude como escolhida para os seus planos indecifráveis. No fragmento, ela se transfigura na pessoa de Davi, que demonstrava ter outras qualidades, em detrimento de experiência ou maturidade e, mesmo assim, foi o escolhido para reinar Israel.

O advérbio de intensidade "mais", referente aos modificadores "velhos" e "experientes", denotam o sentido de comparação e competitividade entre os filhos de um homem que eram oferecidos aos serviços de Deus. Entretanto, esses intensificadores de uma aparência supostamente idônea ao cargo pretendido também fortalecem traços opostos, como a humildade de Davi, um simples jovem pastor de ovelhas. Isto posto, compreendemos que Francisco vem defender a simplicidade e a humildade como aspectos valorizados por Deus.

Analisamos, anteriormente, nas palavras do Sumo Pontífice, um dos motivos que ele afirma ser a causa da inassiduidade do jovem na igreja, a saber: o papel passivo que lhes é concedido. A argumentação estratégica aqui executada conecta-se àquela explicação, na tentativa preocupada de provar que Deus não considera a imaturidade de um indivíduo ao escolhê-lo para os seus planos, mas a "glória de seu coração", isto é, a sua humildade e simplicidade. É por isso que ele faz essa analogia, *jovens bíblicos* e *jovens modernos*, visando persuadir o interlocutor a acreditar que a Igreja, o fio condutor da ligação homem e divindade, recebe-o e reputa significância à sua participação assídua nas atividades institucionais.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, analisemos a Rd do excerto a seguir:

EXCERTO 5 (D)

> "Salomão, **quando teve de suceder a seu pai, sentiu-se perdido** e disse a Deus: 'Eu não passo de um jovem inexperiente que não sabe ainda como governar' (1 Re. 3, 7). No entanto, a **audácia** da juventude impeliu-o a pedir a Deus a sabedoria e entregou-se à sua missão. (CV, n. 10)

Dos excertos 2 ao 5, nos quais interpretamos a construção sintática e semântica das Rd inerentes às letras A, B, C e D, observamos juventude representada pelos desafios que essa etapa da vida enfrenta. No caso em tela, juventude é recategorizada no contratempo que Salomão teve de encarar em sua juventude, quando se viu forçado a assumir o trono de seu pai. Sendo assim, entendemos por juventude o tempo pelo qual o ser humano amadurece, que requer audácia para ser vivido, bem como experienciado por Salomão.

A audácia de Salomão, nesse sentido, foi pedir sabedoria a Deus. No entanto, por que pedir algo a Deus significa ser ousado?

Considerando o contexto atual descrito por Francisco na Eaps-*CV*, ser ousado, como ele argumenta, é "ir contracorrente" (CV, n. 17, 176 e 264). Nadar contracorrente, considerando os números paragráficos citados, significa se rebelar contra o sistema de valores imposto pela sociedade. Desse modo, podemos dizer que, com essa figura de linguagem, subentende-se o conselho de um Papa que instiga os jovens a quebrarem os estigmas do corpo e da aparência reforçados pela mídia (CV, n. 79), a não supervalorizarem suas sexualidades (CV, n. 81) ou realizarem procedimentos de modificação do DNA ou do corpo, além de não se deixarem influenciar por incentivos sociais "[...] para explorar a si mesmos, buscando emoções fortes e reconhecimento." (CV, n. 82). Cumpre destacar que Francisco não fala em sexualidades, no plural, ele apenas exterioriza sua apreensão no que diz respeito à sexualidade e os seus efeitos no desenvolvimento identitário individual.

No excerto adiante, temos a Rd de juventude enquanto generosidade.

EXCERTO 6 (E)

> "A jovem Rute foi um exemplo de **generosidade** ao ficar na companhia da sua sogra, **que** acabara viúva e só (cf. Rt. 1, 1-18) [...]" (CV, n. 11)

A representação de juventude generosa se efetiva, sobretudo, na semanticidade gerada pelo elemento de conexão "que", esclarecendo o porquê de a jovem Rute ser exemplo de generosidade. Ainda que não haja um laço sanguíneo com a mãe de seu marido, ao firmar o matrimônio com o filho daquela mulher, ela passa a ser sua família. Após o falecimento de seu marido e de seu sogro, ela tinha a liberdade para se desprender dessa relação parental e procurar um novo *affair* ou viver sua juventude, livre de qualquer amarra. Conquanto, optou pela preservação de suas raízes.

Essa Rd manifesta um desejo tão explorado por Francisco na Eaps-*CV*: a manutenção e a permanência de um vínculo entre gerações passada e presente, que ele denomina de raízes, a fim de que seja preservada a cultura de seus antepassados, em função de um futuro onde não se cometa os mesmos erros. À essa tese, ele dedicou o capítulo VI, no qual constrói uma série de argumentos que a conferem sustentação.

Nessa perspectiva, a advertência do Papa para uma não-ruptura entre gerações mostra-se nesse excerto quase que imperceptivelmente. E o referente "um exemplo" atesta a sua intenção por trás dos discursos bíblicos citados.

Papa Francisco, por ser sacerdote e chefe da religião do catolicismo, traz referências bíblicas em seu texto, do antigo ao novo testamento, para exemplificar o comportamento probo de um cristão ou da própria Igreja. Essa argumentação reforça o teor autoritário do discurso, materializado pelas citações bíblicas, que desvela a mensagem incontestável e absoluta de seu dizer, fundamentado na palavra divina. Quando Francisco demonstra que Samuel, Davi e Salomão se submeteram ao chamado divino, para quem adora o mesmo Deus, é inconcebível uma atitude contrária. A palavra sagrada não dá margem para acordos democráticos, o detentor do turno de fala, Deus, profere verdades altivas e imutáveis, intercambiadas pelos líderes ou representantes de uma religião.

No parágrafo 19, Francisco reconhece que nem todo jovem porta tais características. Seu desenvolvimento só é possível por intermédio de um relacionamento de amizade com Jesus, pois Ele é a própria juventude (CV, n.1). Vejamos:

EXCERTO 7

> "Com efeito, é possível **transcorrer** a própria **juventude** distraído, **planando** à superfície da vida, **dormindo**, incapaz de cultivar relações profundas e entrar no coração da vida; deste modo, porém, prepara-se **um futuro pobre, sem substância**. **Ou**, **pelo contrário**, pode-se gastar a juventude cultivando **coisas nobres e grandes** e, assim, preparar um futuro cheio de **vida e riqueza interior**." (CV, n. 19)

Juventude, nesse recorte, é representada como um período natural da espécie humana. A conjunção alternativa, pela relação "ou", nos faz entender que, de acordo com Francisco, podemos viver essa etapa de preparação para a fase adulta de duas formas: superficialmente ou profundamente. A categoria da conexão nos permite interpretar que o conectivo de adversidade "pelo contrário" interliga o primeiro enunciado ao segundo, delatando a relação de oposição semântica entre as duas possíveis juventudes.

O vínculo semântico firmado entre os enunciados expressa mais do que a sintaxe indica. Uma vez que esse documento é essencialmente de cunho religioso, o contraste, sustentado por esse conector, não demostra, equitativamente, duas realidades legítimas. Entendemos que essas realidades ou juventudes de que fala Francisco se diferenciam pelo nível de intimidade com Deus:

uma, emancipada de Cristo, está sujeita à devassidão e à libertinagem (CV, n. 12), enquanto que outra, disposta a ser orientada pela fé em uma deidade, anda por um bom caminho e terá o futuro assegurado.

À primeira juventude, desfavoravelmente retratada pela predicação "um futuro pobre, sem substância", remetemos o verbo da predicação "transcorrer", que se completa sintaticamente pelos verbos "planando" e "dormindo", ambos no gerúndio, marcando a percepção de movimento ou passagem, plana e irrefletida, por um tempo que, para ele, requer a manutenção de relações e de intensidade espiritual, na expectativa de um futuro certeiro. Em contrapartida, a primeira é sobreposta pela segunda, imaginada como fase em que se pratica "coisas nobres e grandes", e que, consequentemente, garante um "futuro cheio de vida e riqueza interior". A nosso ver, os verbos das predicações "gastar", "cultivando" e "preparar", que concedem ao referente "juventude" um caráter temporal, organizam a linearidade de sentido em defesa da tese de que só é viável jovens que operam ações "nobres e grandes", quando condicionados à união com Cristo.

Nesse percurso de construção das Rd analisadas, o tema Juventude não é entendido, tão somente, como a) sinceridade, b) subserviência, c) simplicidade e humildade, d) audácia e e) generosidade. Os sentidos que essas Rd veiculam estão situados dentro de uma Rd maior que regula o valor discursivo que efetivam, e só ganham forma quando atrelados à ideia de juventude enquanto etapa natural do processo de envelhecimento humano. Isso se explica devido à função argumentativa que elas exercem. Representar juventude, especificamente com esses referentes, é uma estratégia argumentativa para sustentar um ponto de vista acerca da real juventude que espera ser experienciada pelos cristãos.

Conjecturamos, em virtude disso, que existe uma cadeia semântica circunstancial que divide as Rd A, B, C, D e E entre aquelas que são referentes próprios de uma juventude comum (audácia e sinceridade), e aquelas desveladas de um relacionamento com Deus. Quanto mais próximo a Deus, mais propício ao aperfeiçoamento de subserviência, de simplicidade, de humildade e de generosidade, pelas quais se é provável realizar "coisas nobres e grandes" e "preparar um futuro cheio de vida e riqueza interior." (CV, n. 19).

O teor de exclusividade e imprescindibilidade atrelado à figura de Cristo é inteligível em todo o texto: Ele, Jesus Cristo, é a própria juventude, somente Ele é capaz de dar vida, acabar com a tristeza, os rancores, os medos, as dúvidas ou os fracassos (CV, n. 2). O Excerto 08, a seguir, ratifica essa análise:

EXCERTO 8

"**CRISTO** VIVE: é Ele a **nossa esperança** e a **mais bela juventude** deste mundo! Tudo o que toca torna-se jovem, fica novo, enche-se de vida. (CV, n. 1)

Nesse recorte, o referente "Cristo" sofre um processo de retematização que o categoriza, primeiramente, em "esperança", através do pronome possessivo "nossa", e, logo depois, em "juventude", qualificada pela conexão entre o advérbio de intensidade "mais" e o modificador "bela". Na relação predicativa entre o verbo "é" e o referente "Ele", o papel desempenhado pela predicação do verbo de ligação "ser" intensifica a crença em um Cristo que está vivo pois, segundo a religião católica, Ele não é apenas uma recordação do passado, Ele vive e é um exemplo a ser seguido; a sua inegável existência é o que dar esperança para este mundo. Mas não só isso, Ele é a própria e verdadeira juventude, capaz de conferir renovação e vida a quem reclama.

A ideia de um Deus vivo e não uma memória é o princípio central defendido na Eaps-*CV*, como consta no próprio título da exortação, *Christus Vivit* (Cristo vive). Francisco tenta mostrar a vitalidade de Cristo para encorajar o jovem a ir em sua procura, pois Ele é "O caminho, a verdade e a vida" (Jo. 14: 6). E a Igreja, portanto, é o lugar onde podemos encontrá-lo. Interpretamos, por essa razão, que o apelo pela proximidade entre Igreja e juventude evidencia uma necessidade da instituição religiosa que Francisco gerencia e não uma carência do jovem moderno. Essa verdade é perceptível em vários momentos, e aqui trazemos dois excertos demonstrativos:

EXCERTO 9

São precisamente os jovens que a **podem ajudar** a permanecer jovem, **não cair na corrupção**, **não parar**, **não se orgulhar**, **não se transformar numa seita**, **ser mais pobre e testemunhal**, **estar perto dos últimos e descartados**, **lutar pela justiça**, **deixar-se interpelar com humildade**. Os jovens **podem** conferir à Igreja a beleza da juventude [...]" (CV, n. 37)

EXCERTO 10

"Assim, **este momento sombrio**, com a **ajuda** preciosa dos jovens, pode verdadeiramente ser uma oportunidade para uma reforma de alcance histórico, para se abrir a **um novo Pentecostes** e começar um período de purificação e mudança que dê à Igreja uma renovada juventude. (CV, n. 102)

Pela locução verbal "podem ajudar", que demarca a probabilidade de uma transformação da Igreja através da participação efetiva da juventude nas práticas religiosas, e do referente "ajuda", nos excertos 9 e 10, respectivamente, comprovamos a real urgência de uma Igreja que precisa da juventude para se renovar. E Francisco cria um plano de ação para suprir essa instância, pensando na contemplação das exigências tanto da Igreja quanto da juventude.

Sua proposta está na mudança das pastorais, com a criação de uma Pastoral Juvenil Popular (PJP), com "estilo, tempos, ritmo e metodologia diferentes" (CV, n. 230), pela qual as juventudes poderão ser acolhidas "[...] com as suas dúvidas, traumas, problemas e a sua busca de identidade, com os seus erros, suas histórias, suas experiências do pecado e todas as suas dificuldades." (CV, n. 234). O motor central dessa ação seria a criação de "líderes realmente 'populares' [...] que têm a capacidade de integrar a todos, incluindo na marcha juvenil os mais pobres, frágeis, limitados e feridos." (CV, n. 231).

O localizador temporal "este momento", significado pelo modificador "sombrio", no Excerto 10, é o tempo atual em que se encontra a Igreja. Pela Eaps-*CV*, compreendemos que "este momento sombrio" relata sobre uma sociedade que progressivamente tem se distanciado da Igreja, pelos diversos motivos já retratados anteriormente. E a inquietação de Francisco se resume no temor de a Igreja não encontrar soluções para esse desafio, se se recusar a aceitar as mudanças sociais ocasionadas pelas tecnologias, globalização e desenvolvimento humano. Ele escreve essa exortação pois enxerga na juventude uma via para lidar com as dificuldades desse "momento sombrio".

Isso posto, as Rd dos recortes 9 e 10 desenham a imagem de uma juventude como ponte que dá acesso à reforma e à renovação institucional pretendida.

Avaliemos as significações que emanam dessa Rd:

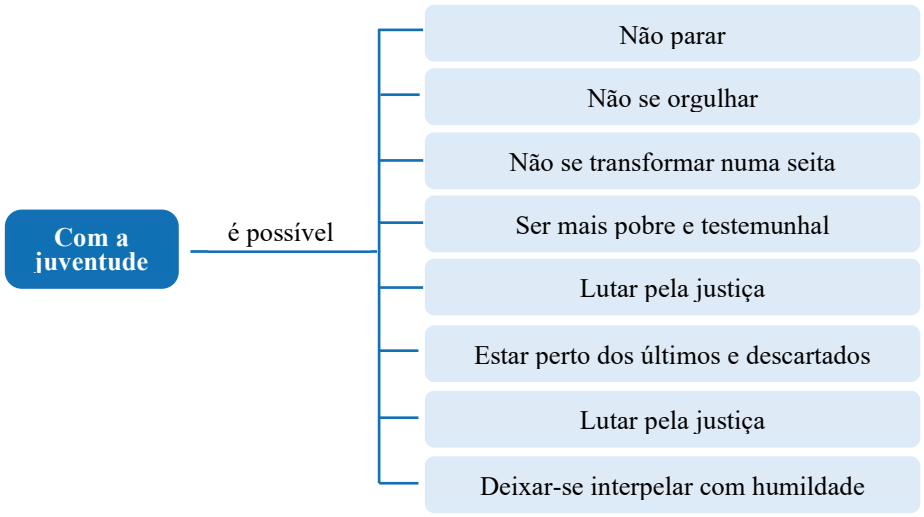


Figura 5: Sentidos que emanam da Rd renovação

Fonte: elaboração própria

No Excerto 09, o verbo da predicação "podem", que atribui ao referente "jovens" uma capacidade interventiva, significa dizer que a sua inserção na Igreja oportunizará uma renovação, descrita por Francisco como "reforma de alcance histórico". Sendo assim, o advérbio de negação "não" e os verbos das predicações "lutar", "deixar", "estar" e "interpelar-se" mostram o fruto dessa cooperação. Com a juventude, será possível à Igreja não parar, ou seja, estagnar-se no tempo; não se orgulhar; não se transformar numa seita; ser pobre e testemunhal, isto é, dar prova do apoio prestado aos mais pobres; estar perto dos discriminados socialmente; será viável a luta por justiça e permitirá ser questionada. À vista disso, na percepção de Francisco, essas práticas estão escassas na Igreja e é com a juventude que ela se abrirá "a um novo Pentecostes" (CV, n. 37).

Por fim, resumidamente, analisamos e interpretamos cada representação através das seguintes categorias:

REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS	CATEGORIAS SEMÂNTICAS DE ANÁLISE
Capacidade de acolher opiniões divergentes	Referenciação, predicação e modificação
Sinceridade	Referenciação, predicação e modificação
Subserviência	Predicação, localização temporal e conexão
Simplicidade e humildade	Conexão, modificação e referenciação
Audácia	Conexão
Generosidade	Conexão e referenciação
Período natural da vida humana	Conexão, predicação e referenciação
Jesus é a verdadeira juventude	Referenciação, conexão e modificação
Ponte que dá acesso à uma reforma institucional	Predicação, localização espacial, modificação e referenciação

Quadro 1: Representações discursivas do tema "juventude"

Fonte: elaboração própria

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apoiados nos postulados teórico-metodológicos da ATD, analisamos um (01) texto da esfera religiosa, focalizando o nível da representação discursiva em Adam (2011). Na aplicação desse enfoque analítico, escolhemos como *corpus* a exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*, pela qual Papa Francisco aborda questões relacionadas à fé e ao discernimento vocacional dos jovens modernos. Como norte desta investigação, objetivamos analisar as representações discursivas construídas pelo Papa Francisco acerca do tema "juventude".

Inerente à perspectiva semântica do texto, marcada pelas Rd do tema "juventude", a partir do Quadro 1, concluímos que Papa Francisco representa juventude como: (i) capacidade de acolher opiniões divergentes; (ii) sinceridade; (iii) subserviência; (iv) simplicidade e humildade; (v) audácia; (vi) generosidade; (vii) período natural da vida humana; (viii) Jesus é a verdadeira juventude; e (ix) ponte que dá acesso à uma reforma institucional.

Entendemos que a representação (vii), ao lado das representações de número (viii) e (ix) ocupa um papel relevante e de maior destaque na Eaps-*CV*, uma vez que a Rd (vii) funciona como uma espécie de representação de maior destaque por condicionar as representações (ii), (iii), (iv), (v), (vi) a um valor argumentativo. Os sentidos dessas Rd tomam forma quando relacionados à ideia de juventude enquanto período natural da vida humana (vii). Assim, representar juventude com esses referentes é uma estratégia argumentativa para sustentar seu ponto de vista acerca da real juventude que espera ser vivida pelos cristãos, em comunhão com Deus.

Concernente à Rd (viii), ela ganha relevância em razão da exclusividade e da imprescindibilidade atreladas à figura de Cristo: Ele, Jesus Cristo, é a própria juventude, capaz de dar vida, acabar com a tristeza, os rancores, os medos, as dúvidas ou os fracassos. E, por fim, a Rd (ix), por ser posta como a estratégia para lidar com as dificuldades que a Igreja tem enfrentado. Dessa maneira, tornando a juventude uma ponte que dá acesso a uma reforma institucional.

Sem a pretensão de querermos findar as possibilidades de investigação com esse *corpus* ou outros *corpora* relativos ao campo do discurso religioso, esperamos ter ampliado a visão crítica do leitor quanto aos discursos propagados em documentos papais ou em quaisquer outros textos de líderes religiosos. Por último, acreditamos ter contribuído com a ATD, sendo este artigo mais um trabalho investigativo sobre o discurso religioso, que aos poucos tem ganhado espaço dentro do escopo de pesquisas realizadas por entusiastas do campo teórico desenvolvido por Adam (2011).

REFERÊNCIAS

ADAM, J-M. "Viva o Québec livre": análise textual de um discurso do general De Gaulle. *In*: ADAM, J-M; HEIDMANN, U.; MAINGUENEAU, D. *Análises textuais e discursivas*: metodologia e aplicações. São Paulo: Cortez, 2010. p. 95-126.

ADAM, J-M. *A Linguística Textual*: introdução à análise textual dos discursos. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues *et al.* São Paulo: Cortez, 2011.

ADAM, J-M. *Textos, tipos e protótipos*. Trad. Mônica Magalhães *et al*. São Paulo: Contexto, 2019.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

BERNARDINO, R. A. dos S. *A responsabilidade enunciativa em artigos científicos de pesquisadores iniciantes e contribuições para o ensino da produção textual na graduação.* 2015. 286 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

CALADO, C.; FERREIRA, C. *Análise de documentos:* método de recolha e análise de dados. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2005.

FRANCISO. *Exortação apostólica pós-sinodal Christus Vivit*: para os jovens e para todo o povo de Deus. Trad.: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). São Paulo: PAULUS, 2019.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Altas, 2002.

KOCH, I. V. *Introdução à linguística textual*: trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Metodologia do trabalho científico*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOPES, F. L. *Representações discursivas na homilia do Papa Francisco proferida na santa missa pela evangelização dos povos.* 2017. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2017.

MINAYO, M. C. de S. (org.). *Pesquisa social:* teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *In*: MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. (org.). *Análise textual discursiva*. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2016. p. 33-68.

NEVES, J. dos S. B. Pesquisa qualitativa – características, usos e possiblidades. *Cadernos de pesquisa em administração*, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. *Metodologia do trabalho científico*: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. *E-book*.

PERGUNTAS frequentes sobre o Sínodo dos Bispos. [S. l.], 2018. Disponível em: http://secretariat.synod.va/content/synod2018/pt/perguntas-frequentes.html. Acesso em: 21 fev. 2021.

QUEIROZ, M. E. de. *Representações discursivas no discurso político. "Não me fiz sigla e legenda por acaso": o discurso de renúncia do senador Antônio Carlos Magalhães*. 2013. 188 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

RODRIGUES, M. das G. S.; SILVA NETO, J. G.; PASSEGGI, L. (org.). "Voltarei. O povo me absolverá...": a construção de um discurso político de renúncia. *In*: ADAM, J.-M.; HEIDEMANN, U.; MAIGUENEAU, D. *Análises textuais e discursivas*: metodologias e aplicações. São Paulo: Cortez, 2010. p. 150-195.

Recebido em 18/12/2021. Aceito em 03/01/2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e84359

O PSEUDONIMATO COMO PRÁTICA DEMOCRÁTICA PARA A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE EXTIMIDADE COM CONTEÚDO A FAVOR DA VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19

EL PSEUDONIMATO COMO PRÁCTICA DEMOCRÁTICA PARA LA CONSTRUCCIÓN DEL DISCURSO DE EXTIMIDAD CON CONTENIDO A FAVOR DE LA VACUNACIÓN CONTRA LA COVID-19

PSEUDONIMITY AS A DEMOCRATIC PRACTICE FOR THE CONSTRUCTION OF THE EXTIMACY DISCOURSE IN FAVOR OF THE VACCINATION AGAINST COVID-19

Dieila dos Santos Nunes*
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Maria Eduarda Giering**
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo identificar de que modo o fenômeno tecnodiscursivo pseudonimato se materializa no perfil do Twitter "Haddad Debochado" para a construção do discurso de extimidade de incentivo à vacinação contra a Covid-19. Para isso, ancora-se nos pressupostos da Análise do Discurso Digital, de Marie-Anne Paveau (2013, 2015, 2016, 2017, 2021), que descreve o pseudonimato e apresenta a noção de extimidade no discurso nativo da web. Analisamos qualitativamente o perfil e um tuíte de cada semana do mês de junho de 2021, entre os que tiveram maior representatividade em relação à prática do pseudonimato para a criação de tuítes êxtimos. Os resultados mostram que o pseudônimo "Haddad Debochado" desvela um "eu" incentivador da

* Mestra e Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Pesquisadora com bolsa Capes do Grupo de Pesquisa Comunicação da Ciência e Estudos Linguístico-Discursivos (CCELD). E-mail: dieiladossantos@gmail.com.

** Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professora titular do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação da Ciência e Estudos Linguístico-Discursivos (CCELD). E-mail: eduardajg@gmail.com.

vacinação e contrário às ideias do governo de Jair Bolsonaro. Concluímos que o pseudonimato é uma estratégia democrática e constitutiva do discurso de extimidade.
PALAVRAS-CHAVE: Pseudonimato. Extimidade. Análise do Discurso Digital. Twitter.

RESUMEN: Esta investigación tiene como objetivo identificar cómo se materializa el fenómeno tecno-discursivo del pseudonimato en el perfil de Twitter "Haddad Debochado" para la construcción del discurso de extimidad para el incentivo de la vacunación contra la Covid-19. Para ello, se basa en los supuestos del Análisis del Discurso Digital, de Marie-Anne Paveau (2013, 2015, 2016, 2017, 2021), que describe el pseudonimato y presenta la noción de extimidad en el discurso nativo de la web. Analizamos cualitativamente el perfil y un "twitte" cada semana, en junio de 2021, entre los que fueron más representativos en relación a la práctica del pseudonimato para la creación de twittes extimos. Los resultados muestran que el pseudónimo "Haddad Debochado" revela una "yo" que incentiva la vacunación y es contrario a las ideas del gobierno de Jair Bolsonaro. Concluimos que el pseudonimato es una estrategia democrática y constitutiva del discurso de la extimidad.
PALABRAS CLAVE: Pseudonimato. Extimidad. Análisis del Discurso Digital. Twitter.

ABSTRACT: This research seeks to identify in which way the technodiscursive pseudonymity phenomenon materializes itself in the Twitter profile "Haddad Debochado" for the construction of the extimacy discourse encouraging the vaccination against Covid-19. For this to be possible, our research is based in the assumptions of the Digital Discourse Analysis, by Marie-Anne Paveau (2013, 2015, 2016, 2017, 2021), that describes pseudonymity and presents the notion of extimacy in the native discourse of the web. We qualitatively analyzed the profile and one tweet of each week of June 2021, among those that were most representative according to the practice of pseudonymity for the creation of extimal tweets. The results show that the pseudonym "Haddad Debochado" reveals an "I" that encourages vaccination and is contrary to the ideas of the government of Jair Bolsonaro. We conclude that pseudonymity is a democratic and constitutive strategy of the extimacy discourse.
KEYWORDS: Pseudonymity. Extimacy. Digital Discourse Analysis. Twitter.

1 INTRODUÇÃO

A web 2.0, conhecida como a web participativa, permite uma interação profícua entre os internautas e oportuniza espaços singulares de escrita. As redes sociais configuram-se como ecossistemas[1] digitais privilegiados para essa comunicação e apresentam características intrínsecas de escrita e de leitura a partir das suas possibilidades e limitações.

Por conseguinte, a exposição de conteúdos êxtimos, isto é, em que os usuários exteriorizam sua intimidade para validação da imagem de si, foi tomando grande proporção devido às principais finalidades das redes sociais digitais: a sociabilidade e a interatividade. Logo, o dualismo vida pública *versus* vida privada modificou-se, já que não é mais possível delimitar as fronteiras entre o discurso off-line e o on-line. Na tentativa de manterem-se no "anonimato"[2] para o descortinamento da imagem de si em discursos de extimidade, muitos internautas criam um pseudônimo na web – essa experiência tem se fortalecido muito, principalmente no Twitter. Ao encontro disso está o fenômeno do pseudonimato como uma maneira de ocultar o nome oficial, a fim de garantir a proteção da identidade de registro civil.

Desse modo, buscamos identificar e analisar de que modo o fenômeno tecnodiscursivo pseudonimato se materializa no perfil do Twitter "Haddad Debochado" na construção do discurso de extimidade para fins de promoção da vacinação contra a Covid-19. Em linhas específicas, pretendemos realizar uma contextualização histórico-política que originou o perfil do Twitter "Haddad Debochado"; identificar os traços gráficos, morfológicos, enunciativos e semânticos do pseudônimo digital "Haddad Debochado", bem como marcas linguageiras mobilizadas pelo discurso de extimidade (pronomes pessoais, possessivos, desinências verbais de

[1] Paveau (2013) acredita que as produções verbais estão inseridas em um ecossistema. Os gêneros de discurso digitais, por exemplo, são elaborados no interior do ecossistema da Internet, apresentando características próprias.

[2] "O anonimato descrito aqui é, para Paveau (2021, p. 295), "[...] uma noção geral que corresponde à possibilidade de esconder sua identidade oficial, e não de utilizar serviços sem identificação".

primeira e segunda pessoa); e, por fim, realizar considerações sobre o fenômeno do pseudonimato no perfil "Haddad Debochado" como prática democrática para a exteriorização de si no Twitter.

Optamos por analisar esse fenômeno no Twitter, pois é a rede social digital onde ocorrem discussões importantes da contemporaneidade e em uma velocidade imediata. Além do mais, devido ao contexto histórico de pandemia da Covid-19 e de negligência do governo de Bolsonaro na compra de vacinas, selecionamos como critério os tuítes êxtimos de "Haddad Debochado" que evidenciam a defesa pela vacinação e a oposição ao negacionismo fomentado pelos integrantes do Governo Federal.

Diante desse cenário, a descrição e análise dos fenômenos aflorados no digital necessitam de um dispositivo teórico-metodológico que se proponha a analisar produções nativas digitais, elaboradas nas ferramentas oferecidas pela internet. Ao encontro disso, trazemos os conceitos da Teoria do Discurso Digital, de Marie-Anne Paveau (2013, 2015, 2016, 2017, 2021), que expõe as características da análise do discurso digital, descreve e categoriza o pseudonimato na internet, assim como apresenta a noção de extimidade no discurso nativo da web.

Para tanto, este artigo está organizado em seis seções. A primeira e atual apresenta a introdução; a segunda descreve as principais características da Teoria do Discurso Digital; a terceira seção dedica-se a tecer sobre o pseudonimato no discurso de extimidade no Twitter; já a quarta e quinta seções apresentam o instrumento metodológico desta investigação e a análise dos observáveis contemplados nos objetivos; por fim, a sexta e última seção traz considerações acerca dos achados nas análises.

2 ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL

Estudos existentes até o momento sobre os discursos nativos[3] da internet demonstram grande esforço para dar conta da sua dimensão técnica, em virtude de existir uma programação informática estruturadora dos espaços digitais. À vista disso, Marie-Anne Paveau (2021), precursora da Teoria do Discurso Digital, propõe uma concepção ecológica para os estudos linguístico-discursivos, na qual atribui ao interno e ao externo, ao linguageiro e ao não linguageiro o mesmo grau de importância. Essa perspectiva epistemológica ancora-se na noção de simetria[4] e parte de uma concepção compósita da língua e do discurso. O "extralinguístico", segundo Paveau (2021), deve ser entendido como ecossistema, partindo do princípio de que o discurso é desenvolvido na tecnologia. Assim, o trabalho de análise não é mais unicamente com o discurso, mas com todos os elementos do ambiente – "[...] linguageiros e tecnológicos de natureza informática" (PAVEAU, 2021, p. 58); da mesma forma, o agente enunciativo não é mais a fonte de produção verbal, mas é parte desse ecossistema e está em posição de igualdade com os demais elementos. Não existe, portanto, espaço para a ideia de extralinguístico, pois todas as unidades estão imbricadas e são colocadas como objeto de análise, e não apenas a matéria linguageira.

Desse modo, seguindo a visão pós-dualista da linguagem de que os "[...] enunciados produzidos nos ambientes conectados em meio a uma tecnologia discursiva têm uma natureza compósita: eles não são mais somente linguageiros, mas miscigenados pela tecnologia" (PAVEAU, 2015, p. 3 – tradução nossa), podemos afirmar que as produções linguageiras não são mais elaboradas por meio de ferramentas tecnológicas, mas são coconstruídas nos e pelos ecossistemas digitais.

A análise do discurso digital, segundo Paveau (2021, p. 57), "[...] cria dispositivos metodológicos e teóricos que podem dar conta do funcionamento específico dos discursos nativos da internet". Estes têm características linguísticas das quais a análise tradicional do discurso não dá conta metodologicamente de considerar e, por essa razão, obrigam-nos a repensar o instrumento teórico-metodológico. A linguista (PAVEAU, 2021) apresenta seis traços dos discursos digitais nativos:

[3] Paveau (2021, p. 57) denomina de discursos nativos "[...] as produções elaboradas on-line, nos espaços de escrita e com as ferramentas propostas pela internet, e não aquelas transpostas para o espaço digital conectado após a digitalização de espaços escriturais e editoriais pré-digitais".

[4] O termo "simétrico", proposto por Bruno Latour (2012), advoga o mesmo *status* e atenção para os atores humanos e não humanos e define uma abordagem pós-dualista dos fenômenos linguageiros.

- Composição: são constituídos pela união do linguageiro com o tecnológico de natureza informática, de forma manifesta pelo uso de marcas de composição (como a hashtag e o pseudônimo no Twitter) e de forma não manifesta (todos os discursos digitais nativos, isto é, toda produção linguageira que depende de programas informáticos).

- Deslinearização: ao contrário de teorias pré-digitais, os discursos digitais nativos não são concebidos necessariamente em um "[...] eixo sintagmático específico do fio do discurso" (PAVEAU, 2021, p. 58); eles podem ser deslinearizados pelos links hipertextuais, que permitem ao escrileitor[5] sair do texto-fonte para outro discurso, em uma nova janela do navegador, e depois retornar ao texto de origem.

- Ampliação: mostram uma enunciação ampliada por comentários e compartilhamentos nas redes sociais digitais, bem como por ferramentas de escrita colaborativa com a identificação dos enunciadores.

- Relacionalidade: estão intrinsicamente relacionados com outros discursos devido ao efeito de rede da web; com os aparelhos tecnológicos, pois os enunciados são coproduzidos com a máquina; e com os escritores e escrileitores, pela subjetividade das interfaces de escrita e de leitura.

- Investigabilidade: inscrevem-se em um espaço de ferramentas de busca e de redocumentação; são, à vista disso, localizáveis e investigáveis para menções e utilizações devido aos metadados que são interiores.

- Imprevisibilidade: são em parte produzidos por programas e algoritmos, tornando-se imprevisíveis para os enunciadores humanos tanto nas formas quanto nos conteúdos.

As peculiaridades listadas acima são consideradas basilares na análise do discurso digital e demonstram claramente a abordagem ecológica e integrativa do discurso, que transforma a episteme dominante nas ciências da linguagem e exige do pesquisador usuário, consoante Paveau (2016, p. 14 – tradução nossa), olhar para "novos observáveis" e

> [...] pensar o lugar e os efeitos do digital nas teorias da linguagem (PAVEAU, 2012), e equipar-se de uma teoria que possa compreender sua dimensão técnica: é isso que propõe a análise do discurso digital (agora ADD), pedindo uma análise de ordem ecológica, isto é, a partir dos próprios ecossistemas digitais e tomando como objeto de investigação não mais os segmentos linguageiros extraídos de seus ambientes (abordagem logocentrada), mas ambientes digitais como um todo. (PAVEAU, 2013b)

Não é mais possível realizar, portanto, a análise dos discursos digitais nativos sem considerar os elementos técnicos e linguageiros que perpassam e caracterizam os diferentes ecossistemas digitais. Dessa maneira, diferentes fenômenos tecnodiscursivos passíveis de análise nos ambientes digitais, como o discurso êxtimo na rede social digital (doravante RSD) Twitter por meio da prática do pseudonimato, precisam ancorar-se dentro de um dispositivo metodológico que possa dar conta dos observáveis no contexto on-line.

3 PRÁTICAS (SOCIO)TECNODISCURSIVAS NO TWITTER

O *Twitter*, proveniente da Web 2.0 ou web participativa, é uma rede social digital de abrangência internacional, que permite aos seus usuários se comunicarem em seus idiomas.

Cada RSD – menina dos olhos da Web 2.0 (SANTAELLA, 2013) – é criada com finalidades específicas, distinguindo-se nas funções e no público a ser atingido, e, apesar dessa heterogeneidade, todas têm como principal objetivo a interatividade. O Twitter, nesse sentido, é uma plataforma aberta que testemunha, conforme Paveau (2021), uma configuração social da tecnologia. Ele permite

[5] A textualização na web é entendida por Paveau (2021) como uma operação constituída por um gesto técnico e material (escrileitura = fusão de duas atividades de leitura e de escrita implicada pelo dispositivo técnico com base no uso de hiperlink), com mão e máquina, clicando, rolando, arrastando.

inúmeras práticas tecnodiscursivas: criar perfis sociais e conectar-se com outros perfis, tuitar e retuitar, curtir, comentar, tuitar ao vivo.

O Twitter, quando surgiu em 2006, tinha uma única forma de tuíte, mas agora, após mais de quinze anos, oferece evolutivamente possibilidades escriturais, dado que algumas surgem e outras desaparecem regularmente, segundo Paveau (2021). O tuíte pode ser gerado no seu molde simples, sem ilustrações e compartilhamentos, ou com imagens, capturas de tela, vídeos, hashtags, gifs e até mesmo URL[6], materializada conforme a formatação do ecossistema compartilhado por uma janela e não contabilizada nos caracteres permitidos.

Além da forma mais básica e comum – tuitar uma mensagem, esse ecossistema tecnodiscursivo possibilita ao usuário a resposta ao tuíte de outro usuário, sendo ela iniciada pela marcação do pseudônimo do interlocutor sem contabilizar no número de caracteres. A enunciação editorial[7] do Twitter possibilita somente aos seguidores do tuiteiro e aos destinatários da resposta a leitura do tuíte na linha do tempo. Também, o retuíte é uma ação tecnodiscursiva tão utilizada quanto o tuíte, pois autoriza o usuário a compartilhar um tuíte marcado pela sigla RT (retuíte) com ou sem comentário acrescido. Como essa RSD delimita o espaço de 280 caracteres para cada tuíte, seus usuários encontraram uma alternativa para contornar esse limite por meio da *thread* (fio), que viabiliza escrever mensagens longas a partir da função "resposta".

Um tuíte simples, segundo a autora (PAVEAU, 2021, p. 370, grifos da autora), é composto por:

> [...] foto de perfil do usuário; nome do usuário; pseudônimo do usuário; data do tuíte, relativa ou absoluta; texto do tuíte inscrito na janela específica [...]; lista de operações possíveis indicadas por ícones abaixo do texto (antigamente acompanhadas de palavras-consignas): responder, retuitar, curtir, atividades dos tuítes; botão de seta para baixo com as funções de copiar o link do tuíte, incorporar tuíte, mascarar, bloquear, sinalizar tuíte, não curto esse tuíte, adicionar em outro momento (se não houver momento na conta do usuário) e acrescentar o momento sem título, acrescentar a um outro momento (se existir um outro momento ou um momento sem título); portanto, o link do tuíte em sai constitui um elemento definidor; se for o caso, se o tuíte estiver em uma língua diferente da plataforma consultada, a menção "originalmente em [língua]", que abre com um clique uma tradução automática.

Esses elementos clicáveis favorecem diferentes comportamentos, ações e reações dos usuários, como a escolha de um pseudônimo para, a partir de diferentes motivações, velar sua identidade oficial e criar um discurso de extimidade para validação de si.

3.1 O DISCURSO DE EXTIMIDADE

A noção de vida privada, entendida inicialmente como um direito de proteção contra o descortinamento de si, alterou seu sentindo na era pós-digital, na qual informações íntimas são publicadas e compartilhadas rapidamente na Web 2.0. É coerente, desse modo, entender que, nos ecossistemas digitais, não há mais limite entre o público e o privado, pois esses estão numa estreita e indissociável relação. De acordo com Maingueneau (2015, p. 175 – grifo do autor), aquilo que "[...] excede qualquer distinção simples entre público e privado: a 'extimidade' subverte as fronteiras entre o público e o privado".

Em concordância com Paveau (2021), a extimidade na internet é uma prática de exteriorização da intimidade dos usuários de uma rede social digital, a fim de validar a imagem de si e adquirir reconhecimento por parte do outro. Essa expressão, ao contrário do que a descrição morfológica indica, é definida como a exterioridade da intimidade, logo, sinônimo de íntimo.

[6] *Uniform Resource Locator*, traduzido como "localizador uniforme de recursos", é o link presente no navegador referente a um endereço de rede específico.

[7] Conforme Jeanneret e Souchier (2005), a enunciação editorial é o que faz o texto existir aos olhos do leitor; é a elaboração de formatos tecnicamente prescritos pelas interfaces de programação, que concedem ao texto sua estrutura.

A prática do êxtimo apoia-se na exposição da intimidade nas redes sociais, no desejo de validação e reconhecimento pelo outro e na apropriação e reforço do seu eu. Nesse sentido, a análise do discurso digital dispõe de parâmetros que permitem a observação e análise dos discursos do êxtimo nos planos linguístico, pela identificação dos marcadores linguageiros; tecnolinguístico, por meio de marcas compósitas que miscigenam tecnológico e linguageiro; e tecnogenérico, pelos gêneros de discurso nativos digitais (PAVEAU, 2021).

Para a construção do discurso de extimidade, há formas tecnodiscursivas que materializam o processo de exteriorização de si. A primeira delas é a escolha do nome pelo internauta, conforme seu desejo de validação e construção do seu *ethos* nas RSDs. As possibilidades são variadas, como: nome social completo (nome e sobrenome); parte do nome social (primeiro nome e sobrenome modificado ou o inverso); pseudônimos lúdicos ou ilustrativos (PAVEAU, 2021); e pseudônimos de pessoas públicas ou personagens conhecidos. A segunda maneira é pela definição e publicação de um avatar no espaço destinado à foto do usuário, seja por uma representação icônica fixa (imagem jpg./png.) ou móvel (gif). Outra forma de constituição do discurso de extimidade, consoante Paveau (2021), é pelo tagueamento ou hashtagueamento, ou seja, pela produção de enunciados com a presença de hashtags e tags, uma vez que são capazes de determinar posições subjetivas, levantar bandeiras e engajar temas.

Outrossim, as marcas dêiticas, tais como pronomes pessoais e possessivos, desinências verbais de primeira e segunda pessoas, são mobilizadas pelo discurso de extimidade com o intuito de assegurar a exteriorização dos conteúdos. Desse modo, o sistema da dêixis opera na construção de um discurso, no qual o locutor busca expor a imagem de si para fins de aprovação e reconhecimento. Paveau (2021) elucida que a validação do discurso de extimidade ocorre por meio de tecnossignos – como as curtidas. Eles permitem identificar gestos sociotécnicos que validam em número (quantificação realizada pelos algoritmos e visível aos usuários) e, como afirma a autora, "[...] constituem um benefício social e psicológico" (PAVEAU, p. 221). Da mesma forma, a validação e a valorização podem ocorrer em conteúdo (respostas de seus destinatários ou de seu público ou compartilhamento do discurso íntimo de si).

Diante disso, o Twitter é um espaço privilegiado para desvelar um "eu" exteriorizado pelo locutor, pois é um ecossistema dotado de interatividade e amplo em funções tecnodiscursivas, devido ao seu estatuto tecnológico, social e democrático. Nesse cenário, consideramos a identidade digital elementar para garantir a validação social de si no contexto digital; e o uso do pseudônimo, constitutivo da cultura do pseudonimato e da democratização, é uma possibilidade de assegurar a socialização de conteúdos êxtimos.

3.2 O PSEUDONIMATO COMO FENÔMENO TECNODISCURSIVO

O pseudonimato é uma prática muito comum na cultura digital e provém da escolha de um pseudônimo nas redes sociais. Essa atividade é motivada por distintas razões e serve para inúmeros fins, mas manifesta o mesmo desejo: proteger a identidade oficial de um indivíduo. Entretanto, o pseudonimato no ambiente digital ocorre na Web de Superfície[8] somente como método de ocultação do nome, já que, segundo Paveau (2021, p. 295), "toda conexão requer uma identificação" e pode ser rastreada por um identificador, como pelo endereço de IP. Tratamos neste artigo, por conseguinte, do pseudonimato presente na Web de Superfície – espaço das redes sociais, nas quais os internautas podem ocultar a identidade oficial.

Paveau (2021) descreve traços específicos que constituem o pseudônimo, advindos de diferentes níveis de análise linguística. São eles os traços gráficos e morfológicos e os traços enunciativos e semânticos.

A restrição técnica da homografia nos traços gráficos e morfológicos desmistifica a concepção paradoxal de anonimato, pois números, *underlines* e símbolos nos pseudônimos são únicos e irrepetíveis, configurando-os, como sustenta Paveau (2021), menos anônimos que os nomes comuns de registro civil. O pseudônimo distancia-se dos padrões dos nomes próprios e comuns e concebe-se como "um lexema inédito" (PAVEAU, 2021, p. 296), a partir de combinações singulares e definidoras.

[8] Conforme Bergman (2001), a Web de Superfície é a acessível e visível aos internautas, ou seja, é a web que todos veem e usam.

Essas características gráficas, morfológicas e sintáticas fazem parte de uma "[...] memória tecnodiscursiva da criação de pseudônimos na internet" (PAVEAU, 2021, p. 297) e filiam-se em diferentes períodos da internet, desde a web 1.0, com os fóruns de sistema unidirecional, até a web 2.0, conhecida como web social ou participativa. Seguindo essa inscrição histórica da grafia on-line, Paveau (2021) apresenta a tipologia morfográfica dos pseudônimos digitais, dividida em seis tipos.

O primeiro tipo é com variantes do modelo do Registro Civil. Podem ser criados pseudônimos com a) nome; b) sobrenome ou apelido célebre, tal qual ou modificado; c) nome e sobrenome com modificações tipográficas, lúdicas etc.; d) nome, sobrenome + apelido, num jogo de palavras; e) nome, sobrenome + forma de tratamento; e f) nome e abreviação do sobrenome ou nome abreviado e sobrenome. O segundo tipo de pseudônimo é definido pela escolha de nomes comuns com sentido lexical (substantivos e adjetivos), tais como palavras existentes, neografias e palavras construídas sob o princípio da fonetização. Outra possibilidade é pelas pseudopalavras, ou seja, palavras que têm uma formação morfológica conforme as regras da língua e poderiam existir. Elas podem ser geradas automaticamente (sem sentido lexical registrado), ou oriundas de construções com palavra-valise, assim como podem ser construídas com um sinal semântico. O quarto tipo apresentado por Paveau (2021) é um pseudônimo compósito de caracteres alfabéticos e não alfabéticos, que variam numa formação de caracteres alfabéticos e números, caracteres alfabéticos e sinais tipográficos, caracteres alfabéticos e caracteres ASCII ou símbolos, caracteres e símbolos isolados, iniciais e esqueletos consonânticos, além de utilizações alfabéticas de caracteres não alfabéticos. Há também a alternativa de criar pseudônimos com grupos, frases e segmentos longos; esse tipo pode se alternar em grupos nominais e frases. Por fim, o sexto e último tipo surge por compósitos interlinguísticos.

Os internautas têm, diante dessas possibilidades, uma liberdade muito grande de escolha de sua identidade digital, fato que não acontece em nomes e sobrenomes oficiais registrados civilmente. A definição de um pseudônimo passa, então, por um conjunto de regras presentes na cultura digital, como mostram alguns guias de orientações dessa prática. Embora existam geradores automáticos de codinomes por anagramas, a maioria carrega traços de forte identificação com o internauta, é o caso dos que explicitam informações de preferências, gostos e opiniões do usuário – ex. Neymar27. Também, eles têm a peculiaridade de serem facilmente memorizáveis e buscam facilitar o (re)conhecimento (PAVEAU, 2021).

Além das especificidades grafomorfológicas apresentadas, os traços enunciativos e semânticos estão muito presentes nessa prática, como o exemplo dado acima, o qual mostra um traço semântico-enunciativo. Essa autonomeação realizada por parte do usuário revela uma experiência da vida privada e uma definição de si como sujeito social, pois, conforme Paveau (2021, p. 301), "[...] o pseudônimo é o lugar de uma rica elaboração semântica de si on-line". Portanto, é plausível pensar que o pseudônimo na cultura digital deixa de ter um caráter fictício ou inautêntico, em virtude de ser um nome mais verdadeiro e revelador de si do que o nome oficial civil.

No plano enunciativo, esses traços permitem conjecturar que há uma assinatura enunciativa realizada por um sujeito falante, este inserido em interações verdadeiras. Ele pode, então, exteriorizar seus "eus" em diferentes ecossistemas e assumir identidades e papéis múltiplos na construção de si. Ao encontro disso, Paveau (2021, p. 304) afirma: "[...] meu pseudônimo sou eu e um outro eu ao mesmo tempo; é o eu que digo e vejo, tanto quanto aquele que os outros veem e dizem"; é um outro nome verdadeiro, ou melhor, um heterônimo.

Apesar de existir um metadiscurso desvalorizador do pseudônimo, com o uso do argumento de que essa prática infringe as normais sociais e legais da identidade, entendemos que a nossa identidade está ligada a diferentes contextos e não se define somente pelo nome oficial. Inclusive, o pseudonimato protege os indivíduos de expor a vida privada, e, como assevera Maître Eolas (2010), qualquer democracia que faz jus ao nome não apenas tolera o anonimato, mas protege-o, para garantir a liberdade dos sujeitos de sair de si mesmo sem justificar a sua identidade oficial.

4 METODOLOGIA

Como já dito neste escrito, as ferramentas metodológicas na análise do discurso digital constituem-se pelo conjunto de observáveis, situados na RSD Twitter e selecionados por nós, enquanto pesquisadoras e usuárias desse ecossistema, a partir da identificação do fenômeno tecnodiscursivo pseudonimato na construção do discurso de extimidade, em tuítes a favor da vacinação contra a Covid-19 realizados pelo perfil "Haddad Debochado". Escolhemos esse perfil para análise, pois, dentre os que se utilizam do pseudonimato para publicação de conteúdos êxtimos, é o que tem maior número de seguidores e um importante engajamento no Twitter, além de grande alcance nas demais redes sociais, como Facebook e Instagram, nas quais geralmente publica capturas de tela dos seus tuítes.

Desse modo, esta análise terá como base a Teoria do Discurso Digital (2021) e adotará uma perspectiva ecológica e pós-dualista, levando em consideração os elementos linguageiros e não linguageiros numa relação compósita. Abandonamos, aqui, o dualismo objetividade *versus* subjetividade, pois o corpus foi selecionado pelas pesquisadoras, as quais exercem o papel de analistas e, ao mesmo tempo, de internautas e usuárias que têm experiência prática no Twitter. Isso porque cada usuário tem uma tela específica e enxerga conteúdos altamente contextualizados pela relacionalidade da web, tanto pelos formatos de navegação quanto pelos cálculos algorítmicos. Assim, nosso corpus é composto de dados específicos e subjetivos.

Em se tratando de um corpus relacional, inscrito numa relação com outros discursos, consoante Paveau (2021), cabe ao pesquisador definir a quantidade de enunciados a serem analisados, devido à inumerabilidade dos dados e à ampliação constante por meio de curtidas, comentários, retuítes. Logo, como critérios de seleção do corpus, optamos por selecionar todos os tuítes (77) sobre a vacinação contra a Covid-19, publicados no mês de junho de 2021, no perfil "Haddad Debochado". Desses, analisaremos qualitativamente os quatro tuítes – um de cada semana do mês – entre os que tiveram maior representatividade em relação à prática do pseudonimato para a criação de tuítes êxtimos sobre a vacina da Covid-19, além do plano de apresentação do perfil.

As capturas de tela aconteceram nos dias 23 e 24 de junho e 1° de julho, por um *smartphone* Android e diretamente do aplicativo instalado no dispositivo; portanto, as marcas e gestos tecnodiscursivos presentes nas capturas refletem essas datas específicas, dado que "[...] todos os observáveis são instáveis, nenhum deles pode ser dotado de uma forma fixa" (PAVEAU, 2021, p. 136).

Ressaltamos que, embora tenhamos nos deparado com inúmeros fenômenos tecnodiscursivos dentro desse ecossistema, que manifestam as características dos discursos digitais nativos (composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade), voltaremos o nosso olhar para os observáveis correspondentes aos objetivos desta pesquisa.

Para fins de organização, seguiremos a seguinte ordem de análise: a) contextualização histórico-política que originou o perfil do Twitter "Haddad Debochado"; b) identificação dos traços gráficos, morfológicos, enunciativos e semânticos do pseudônimo digital "Haddad Debochado"; c) identificação de marcas linguageiras mobilizadas pelo discurso de extimidade (pronomes pessoais, possessivos, desinências verbais de primeira e segunda pessoa); d) considerações sobre o fenômeno do pseudonimato no perfil "Haddad Debochado" como prática democrática para a exteriorização de si no Twitter.

5 O PSEUDONIMATO NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE EXTIMIDADE: BREVE ANÁLISE

O perfil "Haddad Debochado" foi criado em outubro de 2018 nas RSDs Twitter, Facebook e Instagram, em meio ao contexto de eleição eleitoral no Brasil. Esse período foi marcado por polêmicas, fake news e forte polarização política. De um lado, estava o ex-candidato de extrema direita e atual presidente Jair Messias Bolsonaro, filiado na época no Partido Social Liberal (PSL) e atualmente sem partido, que tinha como slogan de campanha "Brasil acima de Tudo, Deus acima de Todos". De outro, o ex-candidato à presidência Fernando Haddad, representante da esquerda e filiado no Partido dos Trabalhadores (PT), com o slogan "O povo feliz de novo".

Fernando Haddad nasceu em 25 de janeiro de 1963 em São Paulo e tem um amplo currículo acadêmico e político. Segundo o texto informado na Plataforma Lattes, Fernando Haddad

> Possui graduação em Direito pela Universidade de São Paulo (1985), mestrado em Economia pela Universidade de São Paulo (1990) e doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1996). É Professor Doutor do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e Professor do Insper. Foi Subsecretário de Finanças do município de São Paulo (2001-2003), Assessor Especial do Ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão (2003 -2004), Secretário Executivo do Ministério da Educação (2004 -2005) e Ministro da Educação (2005-2012). Foi Prefeito da cidade de São Paulo (2013-2016).

Haddad tornou-se uma figura política consagrada no Brasil, devido à sua trajetória em defesa da Educação. Após o resultado da votação eleitoral em outubro de 2018, em alusão ao Hino Nacional Brasileiro, disse: "Verás que um professor não foge à luta". Nesse mesmo mês, o perfil humorístico "Haddad Debochado" foi criado deixando explícito em sua biografia que não se trata de Fernando Haddad, ex-candidato à presidência; dois meses depois, já contava com 22 mil seguidores no Twitter. A frase fixada na época é a mesma de atualmente: "Um deboche em meio ao caos político é sempre bem-vindo".



Figura 1: Perfil "Haddad Debochado" na RSD Twitter

Fonte: @haddaddebochado, Twitter (2021)

Nesta captura, primeiramente, conseguimos identificar alguns rastros de uma das pesquisadoras por meio de ícones dispostos na parte superior da tela, como o tipo de conexão utilizada (rede wi-fi), o percentual de bateria do dispositivo utilizado, o sinal da rede telefônica, o horário da captura de tela, os ícones de notificação de outras RSDs, assim como a evidência de que segue o perfil analisado pela afordância[9] técnica na cor azul (tema padrão desse ecossistema) "Seguindo".

O perfil "Haddad Debochado", após três anos de existência, teve um aumento de 189 mil seguidores, de 22 mil em dezembro de 2018 para 211 mil em junho de 2021; isso equivale a quase 900%, comprovando o crescimento e a representatividade desse perfil no Twitter, que segue apenas 1.432 usuários. Alguns dos seus seguidores são, conforme o nome de identificação no Twitter: Lula (ex-presidente do Brasil), Fernando Haddad e Guilherme Boulos, dois ex-candidatos da esquerda à presidência em 2018. Na apresentação do perfil, há a inserção do local onde reside o usuário, que exterioriza parte de sua vida privada; o mês e ano de criação da conta nessa RSD, indicando o contexto histórico-político que o motivou para tal ação; bem como uma marca de deslinearização, por meio de link hipertextual que direciona o usuário, ao exercer o gesto tecnodiscursivo, para o perfil "Haddad Debochado" no Instagram.

[9] As afordâncias técnicas são recursos clicáveis presentes nos universos discursivos digitais, que possibilitam um gesto tecnodiscursivo, como clicar em "seguir".

Nesse sentido, podemos visualizar espaços de escrita preestabelecidos pela enunciação editorial do Twitter, de modo que o usuário desse ecossistema crie texto e realize gestos tecnodiscursivos a partir das formas e estruturas dispostas.

Atentamo-nos, então, para a imagem de capa com cores do Movimento LGBTQIA+, em virtude de junho, mês de coleta do corpus, ser comemorado mundialmente como o Mês do Orgulho LGBTQIA+. Além das cores que compõem um símbolo visual representativo em defesa de uma pauta social de identidade de gênero, há o bordão "O Brasil tá lascado", dito pelo ex-participante LGBTQIA+ de um programa de reality show no Brasil, conhecido como Gil do Vigor. Esses observáveis evidenciam uma representação de si como alguém defensor de uma pauta importante à sociedade e que acompanhou esse reality show brasileiro.

Ao lado, no canto superior direito da imagem, encontramos um tecnossigno (três pontos na vertical), que permite ao usuário realizar os seguintes gestos tecnodiscursivos, nesta ordem: compartilhar, desativar retuítes, visualizar tópicos, adicionar/remover das listas, ver listas, listas em que estão, ver momentos, silenciar, bloquear e denunciar.

O avatar escolhido pelo usuário é uma representação icônica fixa de Fernando Haddad, com a faixa da presidência nas cores da bandeira do Brasil, a mão perto do queixo indicando uma pose para a foto e com os óculos escuros *Thug Life*[10], presente nos memes mais populares para transmitir a ideia de alguém digno de louvor. Essa imagem constitui um marcador de extimidade (PAVEAU, 2021), pois exterioriza a intimidade desse usuário quando publica a fotografia de uma figura pública para representá-lo no campo das ideias e de um posicionamento político.

O pseudônimo "Haddad Debochado", em seus traços gráficos e morfológicos, caracteriza-se pelo tipo "variantes do modelo do Registro Civil" (PAVEAU, 2021), na composição de sobrenome célebre + modificação lúdica, porque encontramos o sobrenome do ex-candidato à presidente Fernando Haddad e o adjetivo "Debochado" – léxico utilizado como parte do pseudônimo de diversos perfis relacionados a políticos da esquerda brasileira, criados entre 2018 e 2019, tais como Dino Debochado, Freixo Debochado, Lula Debochado etc.

A autonomeação realizada pelo detentor desse perfil traz um traço semântico-enunciativo forte, pois não se configura em uma escolha aleatória do pseudônimo, mas claramente definidora de si como sujeito social e político. O pseudônimo "Haddad Debochado" dá indícios da experiência social de escolha do candidato à presidente nas eleições de 2018 e mostra como essa prática pode assegurar, segundo Paveau (2021, p. 295), "[...] duas funções importantes da sociabilidade em contexto digital: a identidade e a identificação".

Como podemos perceber, pela prática do pseudonimato, a extimidade do usuário detentor do perfil "Haddad Debochado" é exteriorizada já ao entrarmos na página. Temos um sujeito que busca expor uma imagem de si como defensor de pautas importantes e com um posicionamento político marcado; ao descortiná-la nesse ecossistema, ele deseja validação por parte do outro e seu reconhecimento (PAVEAU, 2021). Da mesma forma, a construção do discurso de extimidade pelo fenômeno do pseudonimato é estendida nos tuítes publicados pelo pseudônimo "Haddad Debochado".

Seguindo a mesma linha de raciocínio externalizada por "Haddad Debochado", seus tuítes tratam de diversos temas da realidade político-social brasileira. Devido ao contexto de pandemia de Covid-19, a maioria dos tuítes são publicados para tomar posição, enquanto sujeito social e cidadão brasileiro, sobre a negligência do atual governo no enfrentamento da doença.

Na primeira semana de junho, dia 04, às 7h52min, "Haddad Debochado" publica no dispositivo iPhone o tuíte da Figura 2.

[10] Expressão do inglês, que significa alguém perspicaz e mestre naquilo que faz.



Figura 2: Tuíte da primeira semana.
Fonte: @haddaddebochado, Twitter (2021)

A Figura 2 foi selecionada por tratar, além da vacina, de outras pautas já visivelmente defendidas por "Haddad Debochado" na escolha do pseudônimo, do avatar, da frase apresentada na biografia e da capa.

O tuíte em si, como podemos ver, está em formato simples, constituído de, conforme Paveau (2021), foto do perfil do usuário, pseudônimo do usuário, data do tuíte, texto escrito na janela específica e com limite de 280 caracteres, lista de operações possíveis indicadas por tecnossignos abaixo do texto, barra azul lateral que rola e desliza para os comentários, também barra inferior para a pesquisadora, enquanto usuária, interagir em "Tuíte sua resposta" com a opção de inserção de elemento icônico.

No plano da enunciação editorial, encontramos a validação do discurso êxtimo abaixo do texto do tuíte, por meio de tecnossignos aflorados na superfície do Twitter, como as 993 curtidas, os 136 retuítes; e, no plano do fio do discurso, o texto encontra-se prolongado por 11 tuítes com comentários.

Em "Meu delírio comunista de hoje", o locutor mobiliza o sistema da dêixis, pelo pronome possessivo "meu", para fazer alusão ao enunciado "delírios comunistas da extrema esquerda", dito inicialmente no dia 2 de junho pela atriz brasileira Juliana Paes, na RSD Instagram, para defender uma terceira via na conjuntura política atual. Essa expressão, como marca de uma memória, circulou nas RSDs e passou por um processo de ressignificação semântico-axiológica, por meio da qual se obteve uma resposta com inversão semântica (PAVEAU; COSTA; BARONAS, 2021); "delírio comunista", proferido em primeiro momento como algo ruim, ganha força no Twitter por usuários que contra-argumentam a fala da atriz, por meio da defesa de pautas humanitárias, sociais e de saúde pública usando a expressão "delírio comunista".

"Haddad Debochado" faz, então, uma lista de desejos a partir da expressão "delírio comunista", como o impeachment do atual presidente, definido como "genocida", a fim de responsabilizá-lo pela negligência do seu governo no enfrentamento da pandemia; pede também vacina e moradia para todos, fim do encarceramento em massa, fortalecimento no Sistema Único de Saúde (SUS), escola pública de qualidade e valorização dos pesquisadores brasileiros.

Por meio desse tuíte, notamos o discurso de extimidade desvelado por pautas defendidas não só por um sujeito que tem uma posição política de esquerda, mas por um cidadão que está vivenciando a pandemia de Covid-19 e acompanhando os problemas atuais do Brasil. Essa crítica realizada ao governo de Jair Bolsonaro exterioriza um "eu" que busca validação e reconhecimento de si pelo seu discurso de oposição.

Na segunda semana de junho, dia 14, às 9h12min, foi publicado o tuíte, conforme a Figura 3.

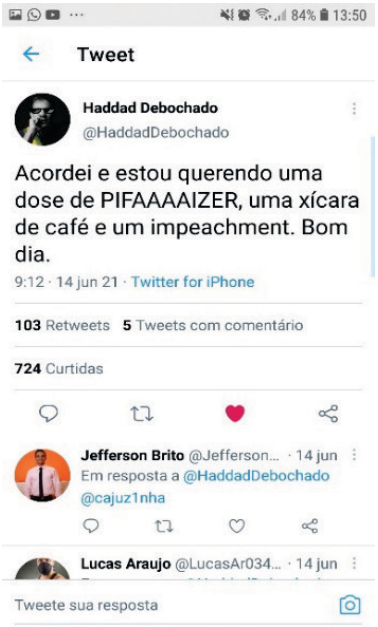


Figura 3: Tuíte da segunda semana.

Fonte: @haddaddebochado, Twitter (2021)

Essa publicação também segue o formato de tuíte simples, com as características descritas anteriormente e publicado no dispositivo iPhone. Ele conta com 724 curtidas, 103 retuítes e 5 tuítes com comentários, que validam, consoante (PAVEAU, 2021), o discurso de extimidade exposto.

Assim como no tuíte da primeira semana, esse também é marcado por um elemento dêitico que assegura a exterioridade do conteúdo. A desinência verbal de primeira pessoa do singular presente no verbo "acordei" e na locução verbal "estou querendo" sinalizam a construção de si realizada pelo sujeito, a partir de desejos demonstrados já pela manhã. O primeiro deles é a realização da vacina, quando escreve "dose da PIFAAAAIZER", com o nome da vacina Pfizer em caixa alta, dando ênfase à fonetização da palavra, para fazer referência a um vídeo-meme, publicado em 9 de junho no perfil do Instagram "essemenino", no qual o seu detentor faz uma crítica ao governo Bolsonaro por não responder aos e-mails de oferta da vacina Pfizer ainda em 2019.

No segundo desejo, "uma xícara de café", há uma busca pela exteriorização da imagem de si como alguém real e que gosta de café; além disso, ao inserir "uma xícara de café" após "dose da PIFAAAAIZER" e antes de "impeachment", o sujeito expõe sua visão êxtima de conquistar, nesse entrelaçamento de desejos, as três coisas na mesma dimensão de facilidade. A saudação "Bom dia.", dessa maneira, sinaliza a tentativa de marcar o fim da lista de desejos e evidencia a apropriação da imagem de si como alguém acessível e que busca interagir com os outros usuários.

A terceira semana também é marcada por inúmeros tuítes sobre a vacinação contra a Covid-19. O tuíte (Figura 4) publicado no dia 16 de junho, às 15h18min, traz o discurso citado para refutá-lo.

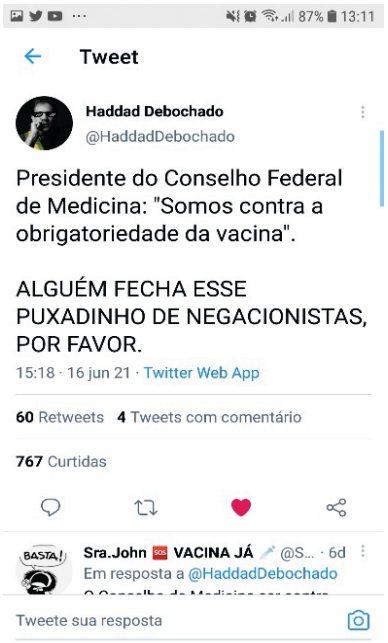


Figura 4: Tuíte da terceira semana.

Fonte: @haddaddebochado, Twitter (2021)

O tuíte da Figura 4 configura-se no formato simples e com texto dentro do limite de caracteres. No entanto, em termos de publicação, o que o diferencia dos demais analisados é o dispositivo utilizado: computador, com acesso ao ecossistema pela Web, conforme vemos pelo segmento discursivo clicável e relacional. Encontramos, até a data da captura de tela, 767 curtidas, 60 retuítes e 4 comentários, revelando gestos tecnodiscursivos de validação e reconhecimento (PAVEAU, 2021) do conteúdo publicado.

Nele, a construção da extimidade se dá ao trazer a voz do Presidente do Conselho Federal de Medicina, a partir de um trecho de sua fala do dia 15 de junho, durante entrevista na Rádio Jovem Pan. O fato de o texto iniciar pelo cargo do indivíduo citado já demonstra a exteriorização de uma imagem de si, a qual refuta logo abaixo o discurso citado "Somos contra a obrigatoriedade da vacina", oriundo de um médico e autoridade máxima no Conselho Federal de Medicina.

O uso do pronome indefinido "alguém" e a locução adverbial "por favor", no discurso êxtimo de contestação apresentado em caixa alta, implicam um endereçamento ao outro, com o desejo em forma de pedido para "fechar o puxadinho de negacionistas". Ao utilizar essa expressão qualificadora, "Haddad Debochado" externaliza a imagem de si como sujeito defensor da obrigatoriedade da vacina e a favor da Ciência.

No mesmo padrão de conteúdos êxtimos publicados, na quarta e última semana, dia 23 de junho, às 8h13min, no dispositivo iPhone, "Haddad Debochado" publica em seu Twitter (Figura 5).

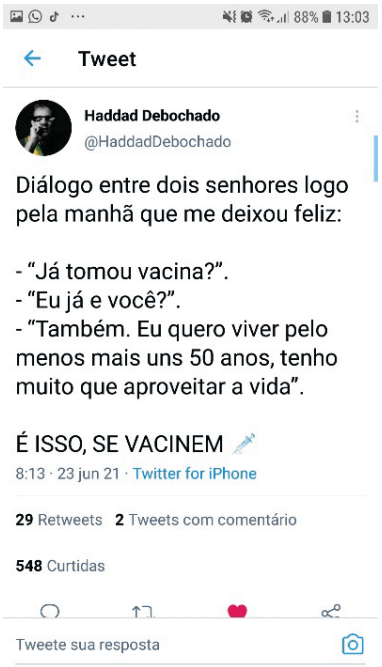


Figura 5: Tuíte da quarta semana.
Fonte: @haddaddebochado, Twitter (2021)

O tuíte da Figura 5 apresenta-se em sua configuração simples, com o acréscimo do emoji de uma seringa, que deslineariza o enunciado de maneira visual. Publicado em dispositivo iPhone, dentro do limite de 280 caracteres, mostra marcas de validação e reconhecimento (PAVEAU, 2021) pelos observáveis gestos tecnodiscursivos (548 curtidas e 29 retuítes) e prolongamento do fio do discurso (2 tuítes de comentário).

A extimidade é exteriorizada nesse tuíte em um movimento de diálogo reportado. Antes disso, um "eu" é desvelado no uso da expressão "me deixou feliz", demonstrando satisfação e aprovação com o diálogo transcrito. O teor do discurso citado, como podemos notar, é de uma conversa entre dois senhores, que se vacinaram contra a Covid-19 sob o argumento de querer viver por muitos anos. No fim do texto, "é isso, se vacinem" acrescido do emoji da seringa ratifica a aprovação inicial do diálogo reportado nesse ecossistema tecnodiscursivo.

Portanto, o discurso alheio, encontrado em toda a extensão do texto, é assumido e tomado para si no conteúdo êxtimo a favor da vacinação. O sujeito falante, nos fragmentos de sua intimidade, revela seu contentamento pelo fato de os dois senhores olharem para a vacina como um benefício social e acreditarem nela como método de prevenção da Covid-19. Ressaltamos que o discurso de extimidade analisado é pronunciado em um momento de negação da vacina por uma parte dos brasileiros, proveniente de uma crise de confiança na ciência fomentada, principalmente, pelo Governo Federal. Assim, o sujeito busca construir uma imagem, nessa publicação, de incentivador da vacinação e de oposição ao governo de Jair Bolsonaro.

6 CONCLUSÃO

O propósito deste artigo foi olhar de que modo o fenômeno tecnodiscursivo pseudonimato se materializa no perfil do Twitter "Haddad Debochado" para a construção do discurso de extimidade com o intuito de promover a vacinação contra a Covid-19. Para isso, buscamos apresentar a contextualização histórico-política que deu origem ao perfil "Haddad Debochado"; identificar os traços gráficos, morfológicos, enunciativos e semânticos do pseudônimo digital "Haddad Debochado"; e analisar as marcas linguageiras mobilizadas pelo discurso de extimidade.

Nesse sentido, com base na análise ecológica e pós-dualista realizada, levando em consideração os elementos linguageiros e não linguageiros numa relação compósita, verificamos que o perfil investigado se apropriou do pseudônimo "Haddad Debochado", no

mês de eleição eleitoral e em um contexto de alta polarização política no país, como uma necessidade democrática de tomar posição em relação aos acontecimentos.

Essa tomada de posição, mantida até hoje em "Haddad Debochado", é assegurada pelo fenômeno pseudonimato, já que o sujeito falante pode se desdobrar em vários "eus", em diferentes ecossistemas digitais, a fim de interagir e socializar-se sem receio de expor suas opiniões e defender pautas que lhe convém. Nesse caso, o pseudonimato é, portanto, um artifício constitutivo da extimidade.

A exteriorização de fragmentos da intimidade acontece diariamente nas redes sociais digitais. O perfil "Haddad Debochado", presente no Twitter, utiliza-se da estratégia do anonimato da Web de superfície para fazer oposição ao governo atual, de Jair Messias Bolsonaro, e, principalmente, para assumir bandeiras humanitárias, científicas e sociais. Esse descortinamento de si, nos tuítes analisados, revela a busca pela validação e pelo reconhecimento (PAVEAU, 2021) de seguidores do perfil e usuários desse ecossistema.

Encontramos, desse modo, em "Haddad Debochado", um sujeito falante em interações autênticas e reais. Essa identidade escolhida não é ficcional, pois ela permite uma identificação mais profunda da extimidade do que se o nome oficial de registro civil fosse mantido nas informações de perfil.

O pseudonimato, além de ser uma necessidade democrática, é uma estratégia de resistência ao "caos político", como diz na biografia do perfil investigado. Diante do teor dos tuítes analisados, para além da oposição e do protesto às ideias negacionistas e à negligência do governo Bolsonaro na compra de vacinas contra a Covid-19, "Haddad Debochado" cumpre um importante papel social de influenciador digital em tempos de crise política, econômica, social e de saúde pública.

REFERÊNCIAS

BERGMAN, M. K. White paper: the deep web: surfacing hidden value. *Journal of Eletronic Publishing*, v. 7, n. 1, ago. 2001. Disponível em: https://quod.lib.umich.edu/j/jep/ 3336451.0007.104?view=text;rgn=main. Acesso em: 10 jul. 2021.

DEBOCHADO, Haddad. *Perfil Haddad Debochado.* Ribeirão Preto, SP, 23 jun. 2021. Twitter: @haddaddebochado. Disponível em: https://twitter.com/HaddadDebochado. Acesso em: 23 jun. 2021.

DEBOCHADO, Haddad. *Meu delírio comunista de hoje é o impeachment do genocida [...].* Ribeirão Preto, SP, 4 jun. 2021. Twitter: @haddaddebochado. Disponível em https://twitter.com/haddaddebochado/status/1400767335569498114. Acesso em: 23 jun. 2021.

DEBOCHADO, Haddad. *Acordei e estou querendo uma dose de PIFAAAAIZER, uma xícara de café e um impeachment. Bom dia.* Ribeirão Preto, SP, 14 jun. 2021. Twitter: @haddaddebochado. Disponível em https://twitter.com/haddaddebochado/status/1404411392036327425. Acesso em: 23 jun. 2021.

DEBOCHADO, Haddad. *Presidente do Conselho Federal de Medicina: "Somos contra a obrigatoriedade das vacinas". [...].* Ribeirão Preto, SP, 16 jun. 2021. Twitter: @haddaddebochado. Disponível em: https://twitter.com/haddaddebochado/status/1350029459995430912. Acesso em: 23 jun. 2021.

DEBOCHADO, Haddad. *Diálogo entre dois senhores logo pela manhã que me deixou feliz: [...].* Ribeirão Preto, SP, 23 jun. 2021. Twitter: @haddaddebochado. Disponível em: https://twitter.com/haddaddebochado/status/1407658117438001152. Acesso em: 23 jun. 2021.

ESSE MENINO. *Pfizer.* 1 vídeo (3min26s). 9 jun. 2021. Instagram: @essemenino. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CP58ByuHWar/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 30 jul. 2021.

HADDAD, F. *Currículo Lattes.* [Brasília], 9 jun. 2019. Disponível em: https://shortest.link/CurriculoFernandoHaddad. Acesso em: 13 jul. 2021.

JEANNERET, Y., SOUCHIER, E. L'énonciation éditoriale dans les écrits d'écran. *Communication et langages,* n. 145, 2005, p. 3-15.

LATOUR, B. *Reagregando o social*: uma introdução à teoria do ator-rede. São Paulo: Edusc, 2012.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAÎTRE EOLAS. Haut les masques. *Journal d'um avocat* [blog]. Disponível em: http://www.maitre-eolas.fr/post/2010/05/24/Haut-les-masques. Acesso em: 12 jul. 2021.

PAES, Juliana. *Carta a uma colega***.** 1 vídeo (5min19s). 2 jun. 2021. Instagram: @julianapaes. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CPow9x5FKlq/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 28 jun. 2021.

PAVEAU, M-A. *Análise do discurso digital***:** dicionário das formas e das práticas. Orgs. COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. Campinas, SP: Pontes Editora, 2021.

PAVEAU, M-A. Des discours et des liens. Hypertextualité, technodiscursivité, écrilecture. *Semen:* Revue de Sémio-linguistique des textes et discours. n. 42, ago. 2017. Disponível em: http://journals.openedition.org/semen/10609 Acesso em: 7 jun. 2021.

PAVEAU, M-A. A escrita digital. Standardização, deslinearização, aumentação. *Fragmentum*. Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, n. 48, jul./dez. 2016. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/issue/view/1084. Acesso em: 2 jun. 2021.

PAVEAU, M-A. L'intégrité des corpus natifs en ligne: une écologie postdualiste pour la théorie du discours. *Les cahiers de praxématique*, Corpus Sensibles, Montpellier, p. 65-90, 2015.

PAVEAU, M-A. Genre de discours et technologie. *Pratiques,* n. 157-158, p. 7-30, jun, 2013. Disponível em: https://journals.openedition.org/pratiques/3533 Acesso em: 01 jun. 2021.

PAVEAU, M-A; COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. *Ressignificação em contexto digital.* São Carlos: EdUFSCar, 2021.

SANTAELLA, L. *Comunicação ubíqua:* repercussões na cultura e na educação. São Paulos: Paulus, 2013.

Recebido em 13/10/2021. Aceito em15/01/2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e84359

PSEUDONYMITY AS A DEMOCRATIC PRACTICE FOR THE CONSTRUCTION OF THE EXTIMACY DISCOURSE IN FAVOR OF THE VACCINATION AGAINST COVID-19

O PSEUDONIMATO COMO PRÁTICA DEMOCRÁTICA PARA A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE EXTIMIDADE COM CONTEÚDO A FAVOR DA VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19

EL PSEUDONIMATO COMO PRÁCTICA DEMOCRÁTICA PARA LA CONSTRUCCIÓN DEL DISCURSO DE EXTIMIDAD CON CONTENIDO A FAVOR DE LA VACUNACIÓN CONTRA LA COVID-19

Dieila dos Santos Nunes*
Maria Eduarda Giering**
University of Vale do Rio dos Sinos

ABSTRACT: This research seeks to identify in which way the technodiscursive pseudonymity phenomenon materializes itself in the Twitter profile "Haddad Debochado" for the construction of the extimacy discourse encouraging the vaccination against Covid-19. For this to be possible, our research is based in the assumptions of the Digital Discourse Analysis, by Marie-Anne Paveau (2013, 2015, 2016, 2017, 2021), that describes pseudonymity and presents the notion of extimacy in the native discourse of the web. We qualitatively analyzed the profile and one tweet of each week of June 2021, among those that were most representative according to the practice of pseudonymity for the creation of extimal tweets. The results show that the pseudonym "Haddad Debochado" reveals an "I" that encourages vaccination and is contrary to the ideas of the government of Jair Bolsonaro. We conclude that pseudonymity is a democratic and constitutive strategy of the extimacy discourse.
KEYWORDS: Pseudonymity. Extimacy. Digital Discourse Analysis. Twitter.

* Master and PhD student in Applied Linguistics by University of Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. Member of the research group Comunicação da Ciência e Estudos Linguístico-Discursivos (CCELD). E-mail: dieiladossantos@gmail.com.

** PhD in Linguistics and Arts by Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) and full professor in the Course of Arts and in the Program of Post-Graduation in Applied Linguistics of Unisinos. Coordinator of the research group Comunicação da Ciência e Estudos Linguístico-Discursivos (CCELD). E-mail: eduardajg@gmail.com.

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo identificar de que modo o fenômeno tecnodiscursivo pseudonimato se materializa no perfil do Twitter "Haddad Debochado" para a construção do discurso de extimidade de incentivo à vacinação contra a Covid-19. Para isso, ancora-se nos pressupostos da Análise do Discurso Digital, de Marie-Anne Paveau (2013, 2015, 2016, 2017, 2021), que descreve o pseudonimato e apresenta a noção de extimidade no discurso nativo da web. Analisamos qualitativamente o perfil e um tuíte de cada semana do mês de junho de 2021, entre os que tiveram maior representatividade em relação à prática do pseudonimato para a criação de tuítes êxtimos. Os resultados mostram que o pseudônimo "Haddad Debochado" desvela um "eu" incentivador da vacinação e contrário às ideias do governo de Jair Bolsonaro. Concluímos que o pseudonimato é uma estratégia democrática e constitutiva do discurso de extimidade.
PALAVRAS-CHAVE: Pseudonimato. Extimidade. Análise do Discurso Digital. Twitter.

RESUMEN: Esta investigación tiene como objetivo identificar cómo se materializa el fenómeno tecno-discursivo del pseudonimato en el perfil de Twitter "Haddad Debochado" para la construcción del discurso de extimidad para el incentivo de la vacunación contra la Covid-19. Para ello, se basa en los supuestos del Análisis del Discurso Digital, de Marie-Anne Paveau (2013, 2015, 2016, 2017, 2021), que describe el pseudonimato y presenta la noción de extimidad en el discurso nativo de la web. Analizamos cualitativamente el perfil y un "twitte" cada semana, en junio de 2021, entre los que fueron más representativos en relación a la práctica del pseudonimato para la creación de twittes extimos. Los resultados muestran que el pseudónimo "Haddad Debochado" revela una "yo" que incentiva la vacunación y es contrario a las ideas del gobierno de Jair Bolsonaro. Concluimos que el pseudonimato es una estrategia democrática y constitutiva del discurso de la extimidad.
PALABRAS CLAVE: Pseudonimato. Extimidad. Análisis del Discurso Digital. Twitter.

1 INTRODUCTION

Web 2.0, also known as participative web, allows a fruitful interaction among its users and provides unique writing environments. Social media are privileged digital ecosystems[1] for communication and present intrinsic reading and writing characteristics considering their possibilities and restrictions.

Consequently, the exposition of extimate content, namely that one in which users externalize their intimacy in order to validate their self-image, has been taking a large proportion due to the main purposes of social media: sociability and interactivity. Thus, the dualism public life *versus* private life has been modified, once it is not possible anymore to set boundaries between the off-line and the on-line discourses. Trying to keep themselves "anonymous"[2] for uncovering the self-image in extimacy discourses, many users create a pseudonym in web - this experience has been strengthened in a large scale especially on Twitter. The pseudonymity phenomenon as a way of hiding official name, intending to guarantee the protection of the civil register identity, meets the previous observation.

In this sense, we seek to identity and analyze how the technodiscursive phenomenon of psedonymity is materialized on the Twitter profile "Haddad Debochado" for the construction of the extimacy discourse encouraging the vaccination against Covid-19. In specific terms, we intend to: build a historic-politic background that gave origin to the Twitter profile "Haddad Debochado"; identify the graphic, morphologic, enunciative and semantic features of the digital pseudonym "Haddad Debochado", as well as linguistic marks mobilized by the extimacy discourse (personal pronouns, possessives, verbal endings for first and second person); and, finally, to make considerations about the phenomenon of pseudonymity on the Twitter profile "Haddad Debochado" as a democratic practice for the self-externalization on Twitter.

[1] Paveau (2013) believes that the verbal texts are inserted in an ecosystem. The digital discourse genres, for example, are elaborated inside the Internet ecosystem, presenting their own characteristics.

[2] The anonymity described here is, according to Paveau (2021, p. 295), "[…] a general notion that corresponds to the possibility of hiding one's official identity, and not of using services without identification."

We chose to analyze this phenomenon on Twitter because it is the digital social media where important contemporaneous discussions occur with immediate speed. Moreover, due to the historic context of Covid-19 pandemic and to Bolsonaro's government negligence on the acquisition of vaccines, we selected the extimate tweets by "Haddad Debochado" that emphasize the defense for vaccination and the opposition to the denialism fostered by members of Federal Government.

Given this scenario, the description and analysis of the phenomena raised in the digital context need a theoretical-methodological device modeled to analyze digital-native productions, created with the tools offered by Internet. For this purpose, we bring concepts from Digital Discourse Theory, by Marie-Anne Paveau (2013, 2015, 2016, 2017, 2021), that exposes the characteristics of the digital discourse analysis, describes and categorizes the pseudonymity on Internet, as well as presents the notion of extimacy in the web native discourse.

This paper is organized into six sections. This first one presents the introduction; the second one describes the main characteristics of Digital Discourse Theory; the third section is dedicated to the pseudonymity in the extimacy discourse on Twitter; the fourth and fifth sections present the methodological frame of this investigation and the analysis of the observables pointed in the objectives; finally, the sixth and last section brings some remarks on the analysis findings.

2 DIGITAL DISCOURSE ANALYSIS

Researches about internet-native discourses[3] have so far demonstrated a great effort in order to deal with their technical dimension, once there is a computer programming that structure digital environments. Considering this, Marie-Anne Paveau (2021), pioneer on Digital Discourse Theory, proposes an ecological conception for linguistic-discursive studies, in which she attaches the same level of importance both to the internal and the external, the linguistic and the non-linguistic. This epistemological perspective is based on the notion of symmetry[4] and comes from a composite conception of language and discourse. The "extralinguistic", according to Paveau (2021), must be understood as an ecosystem, starting from the principle that discourse is developed in/with/by means of technology. Therefore, the analysis does not concern only discourse anymore, but all the environment elements - "linguistic and technological from computational nature" (PAVEAU, 2021, p. 58); in the same way, the enunciative agency is no longer the source of verbal production, but instead participates in that ecosystem and assumes an equality position in relation with the other elements. Thus, there isn't room for the "extralinguistic" idea, once all the unities are interwoven and are considered analysis objects, and not only the linguistic material.

In this sense, following a post-dualist view of language in which the "[…] statements produced in on-line environments by means of a discursive technology have a composite nature: they are no longer only linguistic, but blended with technology" (PAVEAU, 2015, p. 3 - our translation), we can assume that linguistic productions are no longer elaborated by means of technological tools, but co-constructed in and by digital ecosystems.

The digital discourse analysis, according to Paveau (2021, p. 57), "[…] creates methodological and theoretical devices that might deal with the specific functioning of internet-native discourses". Those discourses have linguistic characteristics which are not methodologically considered by the traditional discourse analysis and, for this reason, compel us to rethink theoretical-methodological instruments. The linguist (PAVEAU, 2021) presents six features of digital-native discourses:

- Composition: they are constituted by the connection between the linguistic and the technological from computational nature, both in a manifest way by the use of composition marks (such as the hashtag and the pseudonym on Twitter) and in a non-manifest way (all the digital-native discourses, namely all the linguistic production that depends on computer programs).

[3] Paveau (2021, p. 57) calls as native discourses "[…] productions elaborated on-line, in the writing spaces and with the tools offered by Internet, and not those ones transferred to the on-line digital context after the digitalization from pre-digital writing and editorial contexts."

[4] The word "symmetric", proposed by Bruno Latour (2021), advocates the same status and attention to human and non-human actors and defines a post-dualist approach for linguistic phenomena.

- Non-linear reading: in contrast to pre-digital theories, digital-native discourses are not necessarily conceived in a "[…] specific syntagmatic axis of the discourse thread" (p. 58); they can be made non-linear by hypertextual links, that allow the readwriter[5] to leave the source-text and go into another discourse, in a new browser window, and, later, to return to the source-text.

- Amplification: they show an enunciation amplified by comments and sharing on digital social media, as well as by collaborative writing tools with enunciators' identification.

- Relationality: they are intrinsically related to: other discourses due to web network effect; technological devices, once the utterances are co-produced with the machine; writers and readwriters, by the subjectivity of writing and reading interfaces.

- Searchability: they are inscribed in a place of search and re-documentation tools; they are, therefore, locatable and searchable for mentions and uses due to the internal metadata.

- Unpredictability: they are partly produced by programs and algorithms, becoming unpredictable for human enunciations both in form and in content.

The peculiarities listed above are considered fundamental in digital discourse analysis and clearly show an ecological and integrative approach to discourse, that transforms the dominant episteme in language sciences and requires from the user-researcher, according to Paveau (2016, p. 14 - our translation), to look at "new observables" and

> [...] to think about the place and the effects of the digital in language theories (PAVEAU, 2021), and to be supplied with a theory that be able to understand its technical dimension: this is what digital discourse analysis (from now on DDA) proposes, asking for an ecological analysis, i.e., starting from the digital ecosystems themselves and taking as research object not linguistic segments extracted from their environments anymore, but digital environments as a whole. (PAVEAU, 2013b)

Therefore, it is not possible anymore to carry out digital-native discourse analyses without considering technical and linguistic elements that characterize different digital ecosystems. In this sense, different technodiscursive phenomena susceptible to be analyzed in digital environments, such as the extimate discourse on the digital social media (from now on DSM) Twitter by means of the pseudonymity practice, need to be based on a methodological device that is able to deal with observables in an on-line context.

3 (SOCIO)TECHNODISCURSIVE PRACTICES ON TWITER

Twitter, stemming from Web 2.0 or participative web, is a digital social media with international coverage, which allows its users to communicate using their own languages.

Each DSM - the apple of Web 2.0 eyes (SANTAELLA, 2013) - is created with specific purposes, differing from each other in their functions and target public, and, despite of this heterogeneity, all of them have interactivity as their main goal. In this sense, Twitter is an open platform that testifies, according to Paveau (2021), a social configuration of technology. It makes possible a range of technodiscursive practices: creating social profiles and connecting to other profiles, tweeting and retweeting, liking, commenting, live tweeting.

When came up in 2006, Twitter had one single way of tweet, but now, more than fifteen years later, it evolutionarily offers writing possibilities, once some of them regularly arise and other disappear, according to Paveau (2021). The tweet may be originated in its

[5] Textualization in web is understood by Paveau (2021) as an operation constituted by a technical and material gesture (readwriting = combination of two activities of reading and writing implied by the technical device based on the use of hyperlink), with both hand and machine, clicking, scrolling, dragging.

simple model, without illustration and sharing, or with images, screenshots, videos, hashtags, gifs and even an URL[6], materialized according to the ecosystem layout shared by a window and not counting on the allowed characters.

Besides of the most basic and common format - tweeting a message -, this technodiscursive ecosystem gives to the user the possibility of answering other user's tweet, being this answer started by marking the interlocutor's pseudonym without counting the number of characters. Twitter editorial enunciation[7] allows the reading of the tweet in the timeline only to the tweet author and to the answer addressees. The retweet is also a much used technodiscursive action, once it authorizes the user to share a tweet marked by the abbreviation RT (retweet) with or without adding a comment. As this DSM delimits the space of 280 characters per tweet, its users have found an alternative to outline this constraint using the thread, which enables the writing of long messages by means of the option "answer".

A simple tweet, according to the author (PAVEAU, 2021, p. 370, author's emphasis), is composed of:

> […] user's profile picture; username; user's pseudonym; tweet date, relative or absolute; tweet text inscribed in the specific window […]; list of possible actions indicated by icons positioned below the text (formerly followed by consigned-words): answer, retweet, like, tweets activities; button of down arrow with the functions of copying the tweet link, incorporating tweet, masking, blocking, signaling tweet, "I don't like this tweet", "adding in another moment" (if there isn't a moment in the user's account) and "adding the moment without title", adding to another moment (if there is a moment or a moment without title); therefore, the tweet link constitutes per se a determinant element; if this is the case, if the tweet is in a language that is different from the one of the consulted platform, there is the mention "originally in [language]", which opens an automatic translation by a click.

These clickable elements foster different behaviors, actions and reactions from the users, such as the choice for a pseudonym to, due to different reasons, obscure their official identities and create an extimacy discourse for self-validation.

3.1 THE EXTIMACY DISCOURSE

The notion of private life, initially understood as a right for protection against the self-unveiling, changed its meaning in the post-digital era, in which intimate information is made public and quickly shared in Web 2.0. In this sense, it is coherent to understand that there are no more limits between the public and the private inside digital ecosystems, because they are in a close and inextricable relation. According to Maingueneau (2015, p. 175 – author's emphasis), that thing which "[…] exceeds any simple distinction between public and private: the 'extimacy' subverts the boundaries between the public and the private".

In accordance with Paveau (2021), extimacy on internet is a practice of users' intimacy externalization in a digital social media, in order to validate self-image and acquire appreciation from other users. This expression, unlike morphological description indicates, is defined as the intimacy exteriority, therefore the synonym of intimate.

The practice of extimate is based on the exposition of intimacy on social media, on the desire of validation and appreciation from other users and on self-appropriation and self-enhancement. In this sense, the digital discourse analysis has parameters that allow the observation and analysis of the extimate discourses: in the linguistic level, by the identification of linguistic markers; in the technolinguistic level, by means of composite marks that blend technological and linguistic; and in the technogeneric level, through digital-native discourse genres (PAVEAU, 2021).

For the construction of extimacy discourse, there are technodiscursive elements that materialize the process of self-exteriorization. The first one is the user's choice for a name, according to his/her desire of validation and construction of his/her *ethos* on DSM. There are several possibilities, such as: complete social name (first name and last name); part of the social name (first name and

[6] *Uniform Resource Locator*" is the link that appears in the browser and refers to a specific web address.

[7] According to Jeanneret and Souchier (2005), editorial enunciation is what makes the text to exist for the reader's eyes; it is the elaboration of formats technically prescribed by programming interfaces, which gives structure to the text.

modified last name, or the opposite); ludic or illustrative pseudonyms (PAVEAU, 2021); and pseudonyms of public personalities or famous characters. The second way is through the definition and publication of an avatar placed in the space reserved to the user's photo, both in a fixed iconic representation (jpg./png. image) or in a moving one (gif). Another way of constitution of extimacy discourse, in accordance with Paveau (2021), consists of tagging or hashtagging, namely by the production of utterances followed by hashtags and tags, once they are capable of determining subjective positions, raising flags and engaging topics.

Likewise, the deictic marks, such as personal pronouns and possessives, verbal endings of first and second person, are mobilized by extimacy discourse with the aim of ensuring the exteriorization of content. In this sense, the deixis system works on the construction of a discourse, in which the speaker seeks to expose a self-image in order to get approval and appreciation. Paveau (2021) clarifies that the validation of extimacy discourse occurs by means of technosigns - such as the likes. They enable the identification of sociotechnical gestures that validate by number (quantification made by algorithms and visible by users) and, as the author claims, "[…] constitute a social and psychological benefit" (PAVEAU, p. 221). In the same way, validation and valuation may occur by content (addressees' or public's answers or sharing of the self-intimate discourse).

Based on that, Twitter is a privileged room for exhibiting a "self" exteriorized by the speaker, because it is an ecosystem full of interactivity and technodiscursive functions, due to its technological, social and democratic status. In this scenario, we consider digital identity as something essential for ensuring social validation of oneself in the digital context; and the pseudonym use, constitutive of a culture of pseudonymity and democratization, is a possibility of assuring the socialization of extimate content.

3.2 PSEUDONYMITY AS A TECHNODISCURSIVE PHENOMENON

Pseudonymity is a very common practice in digital culture and stems from the choice for a pseudonym on social media. This activity is motivated by different reasons and serves to several purposes but expresses the same desire: protecting one's official identity. However, pseudonymity in digital environments occurs on Surface Web[8] only as a method of name occultation, once, according to Paveau (2021, p. 295), "[…] every connection requires an identification" and may be traced by an identifier, such as IP address. Therefore, in this paper we deal with pseudonymity present on Surface Web - social media space, in which users can hide official identity.

Paveau (2021) describes specific features that constitute pseudonym, stemming from different levels of linguistic analysis. These features are graphic and morphologic as well as enunciative and semantic.

The technical constraint of homography in graphic and morphologic features demystifies the paradoxical conception of anonymity, because numbers, underlines and symbols in pseudonyms are unique and unrepeatable, making them less anonymous than the common names of civil register, as Paveau (2021) claims. Pseudonym gets away from patterns of proper and common names and is conceived as "an unprecedented lexeme" (PAVEAU, 2021, p. 296), composed of singular and defining combinations.

These graphic, morphologic and syntactic characteristics are part of a "technodiscursive memory of creation of pseudonyms on internet" (PAVEAU, 2021, p. 297) and are related to different periods of internet, since web 1.0, with the forums of one-way system, until web 2.0, known as social or participative web. Following this historical inscription of on-line spelling, Paveau (2021) presents a morphographic typology of digital pseudonyms, divided into six types.

The first type consists of variants of the Civil Register model. Pseudonyms can be created with a) name; b) last name or famous nickname, original or modified; c) name and last name with typographic, ludic, … modifications; d) name, last name + nickname, in a wordplay; e) name, last name + form of treatment; and f) name and last name abbreviation or abbreviated name and last name. The second type of pseudonym is defined by the choice for common names with lexical meaning (nouns and adjectives), such as existent words, neographies and words made under a phonetization principle. Another possibility is pseudowords, namely words that have a morphologic formation according to language rules and could exist. They can be automatically generated (without lexical

[8] According to Bergman (2001), Surface Web is the one that is accessible and visible to users, i. e., it is the web that everyone can see and use.

meaning registered), or deriving from constructions with portmanteau word, as well as constructed with a semantic signal. The fourth type presented by Paveau (2021) is a pseudonym composed of alphabetic and non-alphabetic characters, which vary in a formation of alphabetic characters and numbers, alphabetic characters and typographic signals, alphabetic characters and ASCII characters or symbols, characters and isolated symbols, initial letters and consonantic frames, besides of alphabetic uses of non-alphabetic characters. There is also the alternative of creating pseudonyms with groups, sentences and long segments; this type can alternate between nominal groups and sentences. Finally, the sixth and last type emerges of interlinguistic composites.

Internet users have, in front of those possibilities, a large freedom of choice in relation with their digital identity, what does not occur with names and last names officially and civically registered. The definition of a pseudonym involves, therefore, a set of rules present in digital culture, as showed by some guidelines for this practice. Although there are automatic generators of aliases by anagrams, the majority presents features of strong identification with the user; this is the case of those ones that expose information about user's preferences, likes and opinions - ex. Neymar27. They also have the peculiarity of being memorable and seek to facilitate acknowledgement (PAVEAU, 2021).

Besides of the graphic-morphologic specificities presented, the enunciative and semantic features are very present in this practice, as in the example above, which shows a semantic-enunciative feature. This self-naming process made by the user reveals an experience of private life and a self-definition as a social person, because, in accordance with Paveau (2021, p. 301), "pseudonym is the place of an on-line rich semantic elaboration of oneself." Therefore, it is reasonable to think that pseudonym in a digital culture quits a fictitious or inauthentic character, due to the fact that it is a most true and self-revealing name than the civil official one.

In the enunciative level, these features enable us to think about the existence of an enunciative signature made by a speaker, being this one inserted in real interactions. Thus, he/she can exteriorize his/her "selves" in different ecosystems and assume multiple identities and roles on self-construction. Meeting this, Paveau (2021, p. 304) asserts: "[…] my pseudonym is me and another me at the same time; it is what I say and see, as well as what other people say and see"; it is another true name, or rather a heteronym.

Although there is a metadiscourse that devalues the pseudonym, arguing that this practice violates social and legal rules about identity, we understand that our identity is related to different contexts and it is not defined only by an official name. Moreover, pseudonymity protects individuals from exposing their private lives e, as Maître Eolas (2010) asserts, any democracy that deserves this name not only tolerates anonymity, but protects it, in order to guarantee people's freedom to leave themselves without justifying their official identity.

4 METHODOLOGY

As we have already postulated, the methodological tools in digital discourse analysis scope are constituted by a set of observables, presented on the DSM Twitter and selected by us, being researchers and Twitter users, through the identification of the technodiscursive phenomenon of pseudonymity in the construction of extimacy discourse, in tweets that defend vaccination against Covid-19 tweeted by "Haddad Debochado's" profile. We chose this profile for analysis because, among the ones which use pseudonymity in the publication of extimate content, it is the one which have the highest number of followers and an expressive engagement on Twitter, besides of a great reach on other social media, such as Facebook and Instagram, in which the profile usually shares screenshots of its tweets.

In this sense, the analysis carried out in this paper is based on Digital Discourse Theory (2021) and adopts an ecological and post-dualist perspective, considering both linguistic and non-linguistic elements in a composite relation. We dismiss the dualism objectivity *versus* subjectivity, once the corpus was selected by the researchers, who, besides of being analysts, are also internet users with practical experience on Twitter. We say that because each user has a specific screen and visualizes content highly contextualized by web's relationality, both by browsing formats and by algorithmic calculations. Thus, our corpus is composed of specific and subjective data.

Dealing with a relational corpus, inscribed in a relation with other discourses, according to Paveau (2021), the researcher has the role of defining the amount of productions to be analyzed, due to data inumberability and to the continuous amplification through likes, comments, retweets. Therefore, as corpus selection criteria, we chose for selecting all the tweets (77) about vaccination against Covid-19, published in June 2021, on the profile "Haddad Debochado". Among these, we qualitatively analyze four tweets - one of each week - which had greater representativeness in relation to psedonymity practice for the creation of extimate tweets about Covid-19 vaccine, besides of the profile presentation plan.

The screenshots were taken on June 23rd and 24th and on July 1st, by an Android smartphone and directly from the application installed in the device; therefore, the technodiscursive marks and gestures present in the screenshots reflect those specific dates, once "[…] all observables are unstable, none of them can be provided with a fix form" (PAVEAU, 2021, p. 136).

We emphasize that, although we have found several technodiscursive phenomena inside that ecosystem, which manifest characteristics of digital-native discourses (composition, non-linear reading, amplification, relationality, searchability and unpredictability), we turn our glance to observables that correspond to the aims of this research.

In order to better organize this paper, we follow this analysis order: a) historical-political contextualization of the origin of "Haddad Debochado" in Twitter; b) identification of graphic, morphologic, enunciative and semantic features of the digital pseudonym "Haddad Debochado"; c) identification of linguistic marks mobilized by the extimacy discourse (personal pronouns, possessives, verbal endings for first and second person); d) consideration on the phenomenon of pseudonymity in the profile "Haddad Debochado" as a democratic practice for self-exteriorization on Twitter.

5 PSEUDONYMITY IN THE CONSTRUCTION OF EXTIMACY DISCOURSE: A BRIEF ANALYSIS

The profile "Haddad Debochado" was created in October 2018 on the DSM Twitter, Facebook and Instagram, during the electoral period in Brazil. That period was characterized by polemics, fake news and a strong political polarization. On one side, there was the extreme right ex-candidate and actual president Jair Messias Bolsonaro, then member of Liberal Social Party (Brazilian abbreviation: PSL) and actually without a party, who had the slogan "Brazil above everything, God above everyone". On the other side, the ex-candidate to the president chair Fernando Haddad, representing the left wing and member of Workers Party (Brazilian abbreviation: PT), with the slogan "The people happy again".

Fernando Haddad was born on January 25th, 1963, in São Paulo and has a wide academic and political curriculum. According to the text informed in Lattes Platform (Brazilian repository of academic professors and researchers' curricula), Fernando Haddad

> […] is graduated in Law by São Paulo University (1985), master in Economics by São Paulo University (1990) and PhD in Philosophy by São Paulo University (1996). He is PhD professor of the Political Science Department of the Faculty of Philosophy, Arts and Human Sciences of São Paulo University and professor of Insper. He was Sub-Secretary of Finances of the City of São Paulo (2001-2003), Special Adviser of the Planning, Budget and Management Minister (2003-2004), Executive Secretary of the Education Ministry (2004-2005) and Education Minister (2005-2012). He was the Mayor of the City of São Paulo (2013-2016).

Haddad became a political personality acknowledged in Brazil, due to his trajectory defending the Education area. After the result from the elections in October 2018, paraphrasing the Brazilian National Anthem, he said: "You will see that a teacher does not run away from a battle". In that same month, the humoristic profile "Haddad Debochado" was created, making clear in its biography that "Haddad Debochado" is not Fernando Haddad, ex-candidate to presidency; two months later, the profile was already counting on 22 thousand followers on Twitter. The fixed sentence at that time remains the same until now: "A mockery in face to political chaos is always welcome".



Figure 1: Profile "Haddad Debochado" on DSM Twitter

Source: @haddaddebochado, Twitter (2021)

In this screenshot, firstly, we can identify some tracks of one of the researchers through some icons at the top part of the screen, such as the type of connection used (Wi-Fi), the battery level of the device used, the telephone signal, the exact time of the screenshot, notification icons of other DSMs, as well as the technical affordance in blue (standard theme of this ecosystem) "Following", which evidences that the researcher follows the profile analyzed.

The profile "Haddad Debochado", after three years of existence, had an increasing of 189 thousand followers, from 22 thousand in December 2018 to 211 thousand in June 2021; this amount represents almost 900%, evidencing the growth and representativeness of this profile on Twitter, which follows only 1432 users. Some of its followers are, according to their identification names on Twitter: Lula (Brazil ex-president), Fernando Haddad and Guilherme Boulos, the last two were candidates from left wing to the presidency in 2018. In the profile's presentation, there is information about the place where the creator-user lives, which exteriorizes part of his/her private life; the month and year when the account was created on Twitter, indicating the historical-political context that led the creator-user to do so; as well as a non-linear reading mark, through a hypertextual link that drives users, by making the technoenunciative gesture (clicking), to the profile "Haddad Debochado" on Instagram.

In this sense, it is possible to visualize writing spaces pre-defined by Twitter editorial enunciation, which drives the user of this ecosystem to create text and to make technodiscursive gestures based on the forms and structures offered.

We drive our attention, thus, to the cover image with colors from LGBTQIA+ Movement, once in June, month when the corpus was selected, it is worldly celebrated the Month of LGBTQIA+ Pride. Besides of the colors that represent a visual symbol in defense of a social agenda about gender identity, there is the stick "O Brasil tá lascado" (in English, something like "Brazil is splintered"), said by an LGBTQIA+ ex-participant of a Brazilian reality show, known as Gil do Vigor. These observables indicate a self-representation as someone who defends an important social agenda and who have watched that Brazilian reality show.

At the right top part of the image, we find a technosign (three dots in vertical position), which allows the user to make the following technodiscursive gestures, in this order: sharing, deactivating retweets, viewing topics, adding/removing from lists, viewing lists, lists you are in, viewing moments, muting, blocking and reporting.

The avatar chosen by the user is a fixed iconic representation of Fernando Haddad, wearing the president strip with the color of the Brazilian flag, positioning his hand near his chin (like he is posing for the photo) and wearing *Thug Life* sunglasses (those glasses are present in the most popular memes in order to transmit the idea of someone who deserves being praised). This image constitutes an extimacy marker (PAVEAU, 2021), because it exteriorizes the user's intimacy, once he/she publishes the photo of a public personality for representing him/herself both in an ideological and in a political positioning field.

The pseudonym "Haddad Debochado", in its graphic and morphologic features, is characterized by the type "variants of the Civil Register model" (PAVEAU, 2021), with the composition of famous last name + ludic modification, once we notice the last name of the ex-candidate to presidency Fernando Haddad and the adjective "Debochado" (in English, it means someone who mocks at someone or something) – word used as part of the pseudonym of several profiles related to Brazilian left wing politicians, created between 2018 and 2019, such as Dino Debochado, Freixo Debochado, Lula Debochado etc.

The self-naming process made by the profile owner reveals a strong semantic-enunciative feature, because it is not configured by a random choice for a pseudonym, but by a choice that defines him/herself as a social and political person. The pseudonym "Haddad Debochado" gives clues for the social experience of choosing a candidate for the president chair in 2018 elections and shows how this practice can ensure, according to Paveau (2021, p. 295), "[…] two important functions of sociability in digital contexts: identity and identification".

As we can notice, through the practice of pseudonymity, the extimacy of the profile "Haddad Debochado" owner is already exteriorized when we enter the page. We have a person who seeks to expose a self-image as a defender of important agenda and with a revealed political positioning; when uncovering this image on this ecosystem, he seeks to be validated and appreciated by other users (PAVEAU, 2021). In the same way, the construction of extimacy discourse through the pseudonymity phenomenon is extended by the tweets published under the pseudonym "Haddad Debochado".

Following the same reasoning externalized by "Haddad Debochado", his tweets deal with several topics from the Brazilian political-social reality. Due to Covid-19 pandemic context, most of the tweets are published to take a position, as a social person and a Brazilian citizen, about the actual government negligence on combating the disease.

In the first week of June, on the 4th, at 7:57 a.m., "Haddad Debochado" published through an iPhone device the tweet reproduced in Figure 2.



Figure 2: First week tweet
Source: @haddaddebochado, Twitter (2021)

Figure 2 was selected because, besides of the vaccine, it deals with other agenda already clearly defended by "Haddad Debochado" through his choice for the pseudonym, the avatar, the biography sentence and the cover.

As we can see, the tweet is in a simple format, constituted by, according to Paveau (2021), user's profile photo, user's pseudonym, tweet date, text written in the specific space and observing the constraint of 280 characters, list of possible actions indicated by technosigns below the text, lateral blue bar that scrolls and swipes for the comments, as well as bottom bar for the researcher, as user, to interact in "Tweet your answer", with the option of inserting an iconic element.

At the editorial enunciation plan, we find the validation of extimate discourse below the tweet, by means of technosigns that emerge from Twitter surface, such as the 993 likes, the 136 retweets; and, at the discourse thread plan, the text is extended by 11 tweets with comments.

In "Meu delírio comunista de hoje" ("My today's communist delirium"), the speaker mobilizes the deixis by using the possessive adjective "my", for alluding to the statement "extreme left wing's communist deliriums", originally made on June 2nd by the Brazilian actress Juliana Paes, on the DSM Instagram, when defending a third way for the actual political scenario. This expression, as a memory mark, circled on DSMs and went through a semantic-axiological redefinition process, whose consequence was an answer with semantic inversion (PAVEAU; COSTA; BARONAS, 2021); "communist delirium", originally delivered as something bad, gains strength on Twitter by users who argue against the actress, defending humanitarian, social and public health agenda by using the expression "communist delirium".

"Haddad Debochado" made, therefore, a wish list from the expression "communist delirium", whishing the impeachment of the actual president, defined as "genocidal", in order to blame him for his government negligence on the pandemic combat; "Haddad Debochado" also claims vaccine and home for everyone, the end of massive imprisonment, strengthening of the Unified Health System (Brazilian abbreviation: SUS), good public schools and valuation for Brazilian researchers.

Through this tweet, we notice the extimacy discourse uncovered by agenda supported not only by a politically left-positioned person, but by a citizen who is living the pandemic and feeling the actual social problems in Brazil. That criticism to Jair Bolsonaro's government exteriorizes a self who seeks for validation and appreciation for his resistance discourse.

In June second week, on the 14th, at 9:12 a.m., the following tweet was published, according to Figure 3.



Figure 3: Second week tweet

Source: @haddaddebochado, Twitter (2021)

This tweet also has a simple format, with the features previously described, and was also published through an iPhone device. It counts on 724 likes, 103 retweets and 5 tweets with comments, which validate, according to Paveau (2021), the extimacy discourse exposed.

Similarly to the first week tweet, this one is also marked by a deitic element that ensures the exteriority of content. The verbal ending of singular first person in the verb "acord**ei**" (in English, "I woke") and in the verbal phrase "est**ou** querendo" (in English, "I want") indicate the self-construction made by the user, by exposing his wishes already in the morning. The first wish is about vaccination, when he writes "dose da PIFAAAAIZER" (in English, "a PFAAAIZER shot"), with Pfizer's vaccine name in caps lock, emphasizing the word sounding, in order to make reference to a video-meme, published on June 9th by the Instragram profile "essemenino", in which the owner criticizes Bolsonaro's government for not answering the e-mail with vaccine offer from Pfizer still in 2020.

In his second wish, "uma xícara de café" (in English, "a cup of coffee"), there is a search for exteriorizing his self-image as someone real and who likes coffee; moreover, inserting "uma xícara de café" after "dose da PIFAAAAIZER" and before "impeachment", he exposes his extimate view of achieving, in this wishes interlacing, the three things at the same easiness degree. The greeting "Bom dia." (in English, "Good morning.") highlights the attempt of signaling the wish list end and indicates self-image appropriation as someone accessible and who seeks to interact with other users.

The third week also counted on several tweets about vaccination against Covid-19. The tweet (Figure 4) published on June 16th, at 3:18 p.m., quotes a discourse just to refute it.

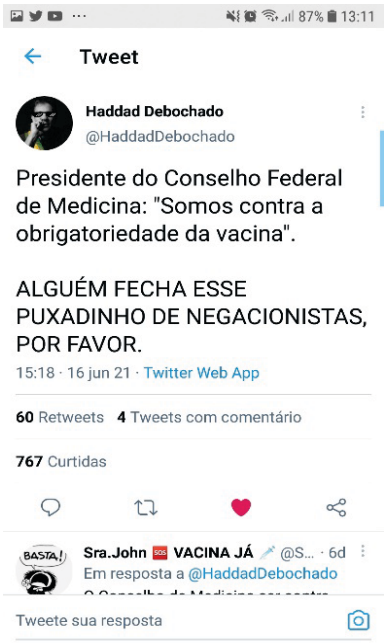


Figure 4: Third week tweet

Source: @haddaddebochado, Twitter (2021)

The tweet in Figure 4 has simple format and a text that observes the characters constraint. However, in publication terms, it differs from the other tweets analyzed about the device used: it is a PC, with access to the ecosystem through Web, as we can see through the clickable and relational discursive segment. We have found, until the screenshot date, 767 likes, 60 retweets and 4 comments, revealing technodiscursive gestures of validation and appreciation (PAVEAU, 2021) of the content published.

In this tweet, extimacy construction occurs when it quotes a speech of the President of the Federal Council of Medicine, made on June 15th during an interview for the Brazilian radio station Jovem Pan. The fact that the text begins with the credentials of the quoted person already shows the exteriorization of a self-image, which next refutes the quoted discourse "Somos contra a obrigatoriedade da vacina" (in English, "we are against the vaccine obligation"), said by a doctor who is the highest authority of the Federal Council of Medicine.

The use of the indefinite pronoun "alguém" (in English, "someone") and of the adverbial phrase "por favor" (in English, "please"), in the extimate discourse of refutation presented in caps lock, implies addressing the other users, with a wish revealed by the request for "fechar o puxadinho de negacionistas" (in English, "closing the revisionist outbuilding"). Using the qualifier expression, "Haddad Debochado" externalizes his self-image as someone who defends Science and vaccine obligation.

Following the same pattern of publishing extimate content, in the fourth and final week, on June 23rd, at 8:13 a.m., in an iPhone device, "Haddad Debochado" published on Twitter (Figure 5).

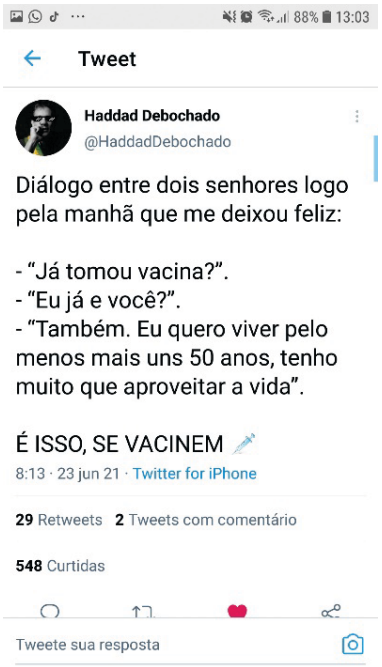


Figure 5: Fourth week tweet
Source: @haddaddebochado, Twitter (2021)

The tweet in Figure 5 presents a simple configuration, with the adding of a syringe emoji, which makes the statement non-linear in a visual way. Published in an iPhone device, observing the 280 characters constraint, it shows some validation and appreciation marks (PAVEAU, 2021) through the observable technodiscursive gestures (548 likes and 29 retweets) and the extension of the discourse thread (2 comment tweets).

Extimacy is exteriorized in this tweet in a movement of reported dialog. Before that, a "self" is uncovered by the use of the expression "me deixou feliz" (in English, "[it] has made me happy"), showing satisfaction and approval with the transcribed dialog. The content of the quoted discourse, as we can notice, is a conversation between two old men, who have been vaccinated against Covid-19 under the argument of desiring to live for many years. At the end of the text, "é isso, se vacinem" (in English, "that's it, get vaccinated") followed by the syringe emoji ratifies the initial approval of the dialog reported on the technodiscursive ecosystem.

Therefore, the third-party discourse, found in all the text extension, is assumed and taken for himself in the extimate content pro-vaccination. The speaker, in the fragments of his intimacy, reveals his delight for the way that the two old men look at vaccine as a social benefit and trust it as a method for Covid-19 prevention. We emphasize that the extimacy discourse analyzed is made in a moment of vaccine denial by a part of the Brazilian population, stemming from a crisis of confidence in science mainly encouraged by the Federal Government. Thus, in that publication, the Twitter user seeks to build an image of himself as a vaccination encourager and as an opponent to Jair Bolsonaro's government.

6 CONCLUSION

The aim of this paper was to investigate how the technodiscursive phenomenon of pseudonymity is materialized on the Twitter profile "Haddad Debochado" for the construction of an extimacy discourse with the aim of encouraging vaccination against Covid-19. For this purpose, we sought to present the historical-political context that originated the profile "Haddad Debochado"; to identify the graphic, morphologic, enunciative and semantic features of the digital pseudonym "Haddad Debochado"; and to analyze linguistic marks mobilized by the extimacy discourse.

In this sense, based on the ecological and post-dualist analysis carried out, considering the linguistic and non-linguistic elements in a composite relation, we verified that the investigated profile took the pseudonym "Haddad Debochado", in the month when the

elections occurred and in a context of high political polarization in Brazil, as a democratic necessity of taking position in relation to some events.

Such positioning, still adopted nowadays in "Haddad Debochado", is ensured by the phenomenon of pseudonymity, once the speaker may be divided into several "selves", on different digital ecosystems, in order to interact and socialize without fear of exposing his opinions and defending the agenda pertinent to him. In this case, the pseudonym is, therefore, an artifice that constitutes extimacy.

The exteriorization of intimacy fragments daily occurs on digital social media. The profile "Haddad Debochado", on Twitter, uses the Web strategy of anonymity in order to resist to the actual government (Jair Messias Bolsonaro's one), and, mainly, to assume humanitarian, scientific and social flags. This self-uncovering, in the tweets analyzed, reveals the search for validation and appreciation from the profile followers and from the ecosystem users.

Thus, we found in "Haddad Debochado" a speaker involved in authentic and realistic interactions. The identity chosen is not fictional, because it allows a deeper identification of extimacy than the maintenance of the official name from the civil register could do.

Pseudonymity, besides of being a democratic necessity, is a strategy of resistance to "political chaos", as the biography of the profile investigated says. Considering the content of the tweets analyzed, going beyond the resistance and the protest to revisionist ideas and to Bolsonaro's government negligence in the acquisition of vaccines against Covid-19, "Haddad Debochado" plays an important social role of digital influencer in a context of political, economic and public health crisis.

REFERENCES

BERGMAN, M. K. White paper: the deep web: surfacing hidden value. *Journal of Eletronic Publishing*, v. 7, n. 1, ago. 2001. Disponível em: https://quod.lib.umich.edu/j/jep/ 3336451.0007.104?view=text;rgn=main. Acesso em: 10 jul. 2021.

DEBOCHADO, Haddad. *Perfil Haddad Debochado.* Ribeirão Preto, SP, 23 jun. 2021. Twitter: @haddaddebochado. Disponível em: https://twitter.com/HaddadDebochado. Acesso em: 23 jun. 2021.

DEBOCHADO, Haddad. *Meu delírio comunista de hoje é o impeachment do genocida [...].* Ribeirão Preto, SP, 4 jun. 2021. Twitter: @haddaddebochado. Disponível em https://twitter.com/haddaddebochado/status/1400767335569498114. Acesso em: 23 jun. 2021.

DEBOCHADO, Haddad. *Acordei e estou querendo uma dose de PIFAAAAIZER, uma xícara de café e um impeachment. Bom dia.* Ribeirão Preto, SP, 14 jun. 2021. Twitter: @haddaddebochado. Disponível em https://twitter.com/haddaddebochado/status/1404411392036327425. Acesso em: 23 jun. 2021.

DEBOCHADO, Haddad. *Presidente do Conselho Federal de Medicina: "Somos contra a obrigatoriedade das vacinas". [...].* Ribeirão Preto, SP, 16 jun. 2021. Twitter: @haddaddebochado. Disponível em: https://twitter.com/haddaddebochado/status/1350029459995430912. Acesso em: 23 jun. 2021.

DEBOCHADO, Haddad. *Diálogo entre dois senhores logo pela manhã que me deixou feliz: [...].* Ribeirão Preto, SP, 23 jun. 2021. Twitter: @haddaddebochado. Disponível em: https://twitter.com/haddaddebochado/status/1407658117438001152. Acesso em: 23 jun. 2021.

ESSE MENINO. *Pfizer*. 1 vídeo (3min26s). 9 jun. 2021. Instagram: @essemenino. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CP58ByuHWar/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 30 jul. 2021.

HADDAD, Fernando. *Currículo Lattes.* [Brasília], 9 jun. 2019. Disponível em: https://shortest.link/CurriculoFernandoHaddad. Acesso em: 13 jul. 2021.

JEANNERET, Y., SOUCHIER, E. L'énonciation éditoriale dans les écrits d'écran. *Communication et langages,* n. 145, 2005, p. 3-15.

LATOUR, B. *Reagregando o social:* uma introdução à teoria do Ator-Rede. São Paulo: Edusc, 2012.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e Análise do discurso.* São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAÎTRE EOLAS. Haut les masques. *Journal d'um avocat* [blog]. Disponível em: http://www.maitre-eolas.fr/post/2010/05/24/Haut-les-masques. Acesso em: 12 jul. 2021.

PAES, Juliana. *Carta a uma colega.* 1 vídeo (5min19s). 2 jun. 2021. Instagram: @julianapaes. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CPow9x5FKlq/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 28 jun. 2021.

PAVEAU, M-A. *Análise do Discurso Digital***:** dicionário das formas e das práticas. Orgs. COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. Campinas, SP: Pontes Editora, 2021.

PAVEAU, M-A. Des discours et des liens. Hypertextualité, technodiscursivité, écrilecture. *Semen:* Revue de Sémio-linguistique des textes et discours. n. 42, ago. 2017. Disponível em: http://journals.openedition.org/semen/10609. Acesso em: 7 jun. 2021.

PAVEAU, M-A. A escrita digital. Standardização, deslinearização, aumentação. *Fragmentum.* Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, n. 48, jul./dez. 2016. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/issue/view/1084. Acesso em: 2 jun. 2021.

PAVEAU, M-A. L'intégrité des corpus natifs en ligne: une écologie postdualiste pour la théorie du discours. *Les cahiers de praxématique.* Corpus Sensibles, Montpellier, p. 65-90, 2015.

PAVEAU, M-A. *Genre de discours et technologie.* Pratiques, n. 157-158, juin, 2013, p. 7-30. Disponível em: https://journals.openedition.org/pratiques/3533. Acesso em: 1 jun. 2021.

PAVEAU, M-A; COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. *Ressignificação em contexto digital.* São Carlos: EdUFSCar, 2021.

SANTAELLA, L. *Comunicação ubíqua:* repercussões na cultura e na educação. São Paulos: Paulus, 2013.

Received on October 13, 2021. Approved on December January 15, 2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e83687

PRÁTICAS EDUCATIVAS DIALÓGICAS COM ANÁLISE MULTISSEMIÓTICA DE CANÇÕES DE DENÚNCIA

PRÁCTICAS EDUCATIVAS DIALÓGICAS CON ANÁLISIS MULTISEMIÓTICO DE CANCIONES DE DENUNCIA

DIALOGICAL EDUCATIONAL PRACTICES WITH MULTISEMIOTIC ANALYSIS OF DENUNCIATION SONGS

Marcos Antonio Rocha Baltar*
Universidade Federal de Santa Catarina

Roberto Baron**
Universidade Federal de Santa Catarina

Camila Farias Fraga***
Instituto Federal de Santa Catarina

* Professor do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS (2003). Pós-doutorado na Univ. de Genebra (2006). Pós-doutorado na ESPE de Versailles - Universidade de Cergy Pontoise, França (2015). E-mail: marcosarbaltar@gmail.com.

** Doutor em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Ciências da Linguagem na Unisul. Especialista em Educação de Jovens e Adultos no Instituto Federal Catarinense (IFC) de Camboriú / SC. E-mail: rorobato@gmail.com.

*** Doutoranda em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pedagoga na Coordenadoria Pedagógica do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Campus Florianópolis. E-mail: milaffraga@gmail.com.

RESUMO: Neste artigo, seguindo a pedagogia crítica, fundamentados em abordagens enunciativista e interacionista dos estudos da linguagem, consideramos a canção um gênero discursivo multissemiótico. As canções de denúncia, com enunciados completos, complexos, conforme Círculo Bakhtin, saturadas de ideologias, memórias sociais, podem mobilizar interações discursivas multissemióticas, intergenéricas, multiculturais, cronotópicas nas práticas educacionais dialógicas de ensino-aprendizagem de línguas. Na metodologia de negociação consensual, professores e alunos escolhem canções como objetos de conhecimento, participam da escuta, leitura, análise e produção de textos. O tetragrama de análise multissemiótica da canção, elaborado pelo Grupo de Estudos da Canção, rege a análise. Resultados parciais com essas práticas educativas indicam que, além de fortalecer os estudantes para o uso consciente das linguagens, é possível orientar pessoas para a autonomia social, com pensamento crítico, para aprender a ler o mundo como um mundo historicamente constituído, com esperança, tolerância, para promover ética e sensibilidade estética nas aulas de língua portuguesa.
PALAVRAS-CHAVE: Práticas educacionais dialógicas. Ensino-aprendizagem de línguas. Canção de denúncia. Tetragrama de análise multissemiótica.

RESUMEN: En este artículo, siguiendo la pedagogía crítica, basada en enfoques enunciativistas, interaccionistas de los estudios del lenguaje, consideramos la canción como un género discursivo multisemiótico. Canciones de denuncia, con enunciados completos y complejos (Círculo de Bakhtin), saturados de ideologías, memorias sociales, pueden movilizar interacciones discursivas multisemióticas, intergenéricas, multiculturales, cronotópicas en prácticas pedagógicas dialógicas de enseñanza y aprendizaje de lenguas. En la metodología de negociación consensuada, docentes y alumnos eligen canciones como objetos de conocimiento, participan en la escucha, lectura, análisis y producción de textos. El tetragrama de análisis multisemiótico de la canción, gobierna el análisis. Resultados parciales indican que además de fortalecer en los estudiantes el uso consciente de los idiomas, posiblemente desarrolla la autonomía social, pensamiento crítico, para aprender a leer el mundo como un mundo históricamente constituido, con esperanza, tolerancia, para promover la ética y la sensibilidad estética en las clases de lengua portuguesa
PALABRAS CLAVE: Prácticas pedagógicas dialógicas. Enseñanza y el aprendizaje de lenguas. Canción de denuncia. Tetragrama de análisis multisemiótico.

ABSTRACT: In this article, following the critical pedagogy, based on enunciativist and interactionist approaches to language studies, we consider song as a multisemiotic discursive genre. Songs of denunciation, with complete, complex utterances, according to the Bakhtin Circle, saturated with ideologies, social memories, can mobilize multisemiotic, intergeneric, multicultural, chronotopic discursive interactions in dialogical educational practices of language teaching and learning. In the consensual negotiation methodology, teachers and students choose songs as objects of knowledge, participate in listening, reading, analyzing and producing texts. The song's multisemiotic analysis tetragram, prepared by the Song Study Group, governs the analysis. Partial results with these educational practices indicate that, in addition to strengthening students for the conscious use of languages, it is possible to guide people towards social autonomy, with critical thinking, to learn to read the world as a historically constituted world, with hope, tolerance, to promote ethics and aesthetic sensitivity in Portuguese language classes.
KEYWORDS: Dialogical educational practices. Language teaching and learning. Denunciation song. Tetragram of multisemiotic analysis.

1 INTRODUÇÃO

O debate sobre a centralidade do texto nas práticas educacionais desenvolvidas nas aulas de língua portuguesa no Brasil, no início do século XXI, é um ponto comum entre pesquisadores e professores que trabalham a partir de uma perspectiva linguística formal e aplicada. Entretanto, quando o ensino e aprendizagem da língua portuguesa é considerado como uma prática social e dialógica, o texto como estrutura linguística torna-se insuficiente para analisar os significados, os discursos e os contextos situacionais das interações sociais. Nesse sentido, considerando o texto como interação discursiva, o enfoque para o trabalho com língua em sala de aula passa a ser as práticas de leitura e de escuta, de análise linguística e de produção (GERALDI, 2011 [1984]). No que diz respeito à análise, o Grupo de Estudos da Canção (GECAN), do Núcleo de Linguística Aplicada (NELA), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), procura tratar o texto em sua dimensão multissemiótica, levando em consideração os componentes verbal e musical (BALTAR *et al.*, 2019).

A fim de orientar o ensino e aprendizagem de linguagens, voltado à democratização das atividades humanas, para que os indivíduos, como atores sociais, possam desenvolver seu espírito crítico e ser protagonistas de sua própria história, baseamos nossa pesquisa nos fundamentos epistemológicos, teóricos e metodológicos do círculo de Bakhtin, notadamente nos conceitos de enunciado e de interação desenvolvidos por Bakhtin (2011 [1979]), Volóchinov (2017 [1929]); na pedagogia dialógica crítica de Paulo Freire (1987 [1968]), (2015 [1992]), (1999 [1996]); no debate sobre a "indústria cultural" em Adorno e Horkheimer (1969 [1947]); na dimensão tática e no conceito de "bricolagem" de Certeau (2020 [1994]); e no conceito de hegemonia de Gramsci (1999), aglutinados na proposta de análise da canção como gênero multissemiótico de Baltar *et al* (2019).

Dentro dessa abordagem, o ***Tetragrama de Análise Multissemiótica da Canção*** é a principal contribuição do GECAN. A proposta é ir além da visão estritamente linguística do texto para enriquecer a análise com outros componentes, tais como os musicais, sócio situacionais e autorais. Com o componente musical, é *possível analisar as interações* discursivas multissemióticas nas canções. A análise vai além do ritmo e da melodia e pode, também, dizer respeito às cadências harmônicas utilizadas pelos compositores para se expressarem na música tonal. Com o componente sócio situacional, torna-se possível analisar as interações intergenéricas, os entrelaçamentos multiculturais e cronotópicos da canção, que se manifestam em diferentes esferas da atividade humana.

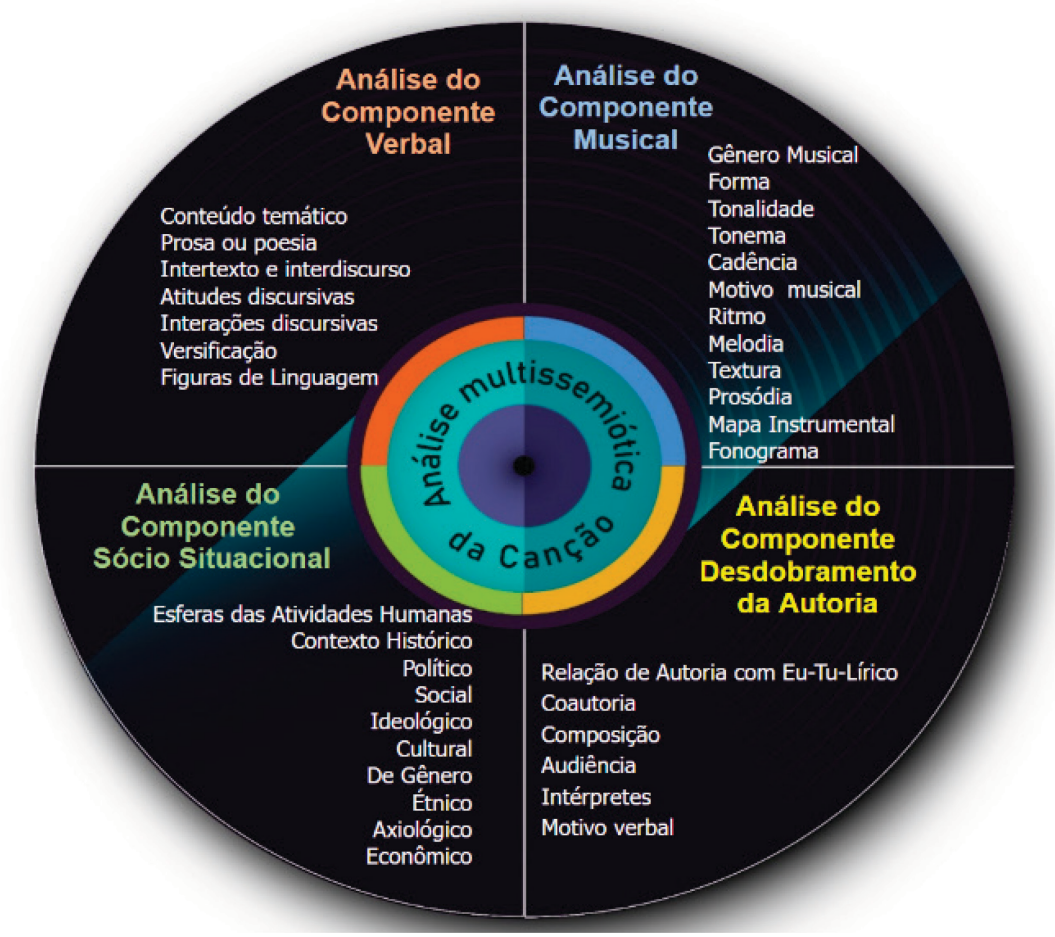


Figura 1: Tetragrama de Análise Multissemiótica da Canção

Fonte: GECAN/NELA/UFSC (2021)

Neste artigo, visando enriquecer o debate sobre a canção como gênero do discurso e artefato cultural e levando em consideração sua importância como ferramenta para o processo de ensino-aprendizagem de uma língua natural, a partir da perspectiva dialógica, crítica, enunciativista e interacionista, apresentamos uma prática educativa dialógica para o trabalho com a canção na escola, na universidade ou em qualquer outro contexto educacional, que pode ser acrescentada às diferentes propostas metodológicas para o ensino-aprendizagem de línguas, especialmente para a língua portuguesa. Práticas educativas dialógicas com canções de denúncia como objeto de conhecimento são projetadas para oferecer, tanto aos educadores quanto aos estudantes, uma possibilidade real de

voz[1], contribuindo para minimizar a opressão e o silêncio sobre a cultura, o gênero, a etnia, a religião, as condições sociais e econômicas de cada participante na aula de língua portuguesa, parafraseando Krenak[2] (2020, p. 27), para poder cantar sempre mais uma canção "[...] para adiar o fim do mundo".

Propomos uma prática educacional que pode desenvolver o uso consciente das linguagens, uma formação crítica, na perspectiva freiriana, para a tomada de decisões democráticas, a partir das escolhas consensuais de uma canção local e global e de um tema gerador de reflexão, contemporâneo e socialmente relevante para a comunidade em que vivem e convivem os estudantes. O exemplo de análise que será apresentado neste artigo é pensado para ser desenvolvido com uma turma de Ensino Médio.

Partimos da premissa de que, após uma negociação consensual entre estudantes e professores, foram escolhidas as músicas "Um Índio" de Caetano Veloso, como exemplo de uma canção de denúncia global, e "Sepé Tiaraju" de Marcos Baltar, como exemplo de uma canção de denúncia local. O tema a ser discutido, através de ambas as canções, é o ataque e a tentativa de extermínio dos povos nativos brasileiros, também chamados de povos originários do Brasil, e em literatura mais conservadora, de indígenas e de índios, cuja realidade é cada vez mais impactada pelos avanços de uma cultura hegemonicamente neoliberal e neocolonial, neofascista, imposta por uma minoria branca que sustenta o atual governo desde o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff em 2016, além de dominar de forma contínua, com exceção de breves intervalos, como de 1961 a 1963 e de 2003 a 2016, a política brasileira ao longo da história do país, desde a primeira invasão registrada oficialmente em 1.500.

Para efeito de sistematização, a seguir, no tópico 2, apresentaremos nossa visão sobre ensino de línguas, ancorada nas perspectivas dialógica, enunciativista, interacionista e na pedagogia crítica. No tópico 3, defendemos a validade do trabalho com canções de denúncia em uma prática educativa dialógica, por intermédio da escolha consensual das canções a serem trabalhadas em sala como objetos de conhecimento, um exercício de democracia nas aulas de língua portuguesa, bem como damos relevo ao ato de escuta sistematizado das canções escolhidas pela turma. Na sequência, no tópico 4, apresentamos um exemplo de análise multissemiótica das canções "Um Índio" de Caetano Veloso, uma canção global, e "Sepé Tiaraju" de Marcos Baltar, uma canção local. Na atividade comparativa entre duas canções analisamos os componentes verbais, musicais, sócio situacionais e de desdobramento de autoria. Em seguida, concluímos, reforçando a possibilidade de ampliar os processos de ensino-aprendizagem de línguas com as canções de denúncia como objetos de conhecimento, trazendo para as aulas de língua portuguesa as interações discursivas multissemióticas, intergenéricas, multiculturais e cronotópicas através do Tetragrama de Análise Multissemiótica da Canção.

2 ENSINO DE LÍNGUAS: FUNDAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

As práticas de linguagem com o gênero canção, no ensino e aprendizagem de línguas, têm o potencial de desenvolver a competência multissemiótica dos estudantes. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em 2018, destaca o aspecto multissemiótico de textos de diferentes esferas da atividade humana a serem trabalhados em classe ao longo da educação básica. De acordo com este documento "normativo", o ensino da língua portuguesa no Ensino Médio tem como objetivo

> [...] *aprofundar a análise sobre as linguagens e seus funcionamentos*, intensificando a perspectiva analítica e crítica da leitura, escuta e produção de textos verbais e multissemióticos, e *alargar as referências estéticas, éticas e políticas* que cercam a produção e recepção de discursos, ampliando as possibilidades de fruição, de construção e produção de conhecimentos, de compreensão crítica e intervenção na realidade e de participação social dos jovens, nos âmbitos da cidadania, do trabalho e dos estudos. (BRASIL, 2018, p. 498, grifos no original)

Canções de denúncia são entendidas aqui como um gênero discursivo multissemiótico, contemplando conteúdo temático, estilo de linguagem e construção composicional (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 261); e, quando adotadas como recurso para a prática educativa

[1] Voz compreendida no sentido freiriano de poder dizer a sua palavra, de criar e recriar, de transformar o mundo, como um direito humano (FREIRE, 1987 [1968]).

[2] Citação parafraseada. Texto original no livro: *Ideias para adiar o fim do mundo* de Ailton Krenak (2020, p.27). "E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim."

com a língua, permitem aos estudantes e aos professores explorar a língua e as linguagens em sua expressão verbal, musical, sócio situacional e de autoria, incluindo seus aspectos ideológicos e formais. Baltar *et al* explica que: "No domínio da linguística de perspectiva interacionista do círculo de Bakhtin, Volóchinov (1997) e Bakhtin (1997), Schnewly e Dolz (2004) a canção pode ser definida como um mega-instrumento a serviço da interação humana, um gênero do discurso multissemiótico com unidade temática, unidade composicional e estilo" (BALTAR *et al.*, 2019, p. 17-18).

Se canções de denúncia estão a serviço da interação humana, constituídas historicamente, podem ser uma oportunidade de transpor ou de romper os muros sociais de várias esferas da atividade humana, como a da educação escolar, aumentando a visibilidade e a audibilidade das vozes das pessoas na conjuntura política, econômica e social contemporânea, com versões históricas de resistência e luta pelos direitos humanos e pela educação libertadora, pela democracia. Freire; Macedo (2011 [1990], p. 91) perguntavam: "Por que a maioria das pessoas está atualmente silenciada? Por que eles têm que abafar seu próprio discurso? Quando são chamados a ler, por que só lêem o discurso dominante?".

A sociedade brasileira passou por um controle linguístico colonizador que nos impôs a língua portuguesa como única língua para nos expressarmos, sem levar em conta os povos e as culturas que nos constituem. Freire descreveu sua convivência com a diversidade cultural e linguística, como um exilado, nos livros *Pedagogia do Oprimido* (1987 [1968]), *Pedagogia da Esperança* (2015 [1992]) e *Pedagogia da Autonomia* (1999 [1996]). Volóchinov, em 1930, apresentou-nos essa questão como um dos componentes das lutas de classe em que a língua, seu ensino-aprendizagem, é um instrumento de segregação, de controle e de manutenção de um estilo padronizado de uso de certas palavras e não de outras (2019, p. 316-317, 320-321). Em 1947, Adorno e Horkheimer criticaram a indústria cultural por causarem efeitos danosos à identidade das pessoas. Baron e Baltar ressaltam que

> A música mecanizada, a música comercial, os cânticos religiosos, as esculturas e imagens sacras, os hinos militares, a música erudita, as pinturas canonizadas, algumas das suas correntes, são os exemplos mais cruéis de uma face opressora da arte a serviço das atividades econômicas, ideológicas e religiosas, que sem ninguém perceber, podem promover a desconstrução da identidade e da cultura das pessoas, impondo padrões de consumo, de comportamento, de conhecimentos e de arte por meio da educação. O ensino da arte e da literatura, valorizando só os cânones, é prática reificadora, comum e natural nas escolas. (BARON; BALTAR, 2019, p. 167)

Canções de denúncia podem pôr em relevo as ideologias de uma sociedade, de um povo, de uma nação, pois são historicamente constituídas dentro da luta de classes. Na atual situação política e econômica do Brasil, ouvimos canções que contribuem para manter o *status quo* de dominação, do imperialismo americano e colonialismo europeu, que mantém a opressão de populações subalternas, entre as quais estão os povos originários; canções que defendem a supremacia "branca e heterossexual" sobre outras raças, etnicidades, sexualidades, condições econômicas, sociais e de gênero que representam as pessoas que formam, vivem e convivem na sociedade brasileira e fazem parte do público que está nas escolas para, "autoritariamente", receber apenas os "ensinamentos" da língua portuguesa. Paulo Freire explica que

> Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos –, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. [...] Não seriam poucos os exemplos que poderiam ser citados, de planos, de natureza política ou simplesmente docente, que falharam porque os seus realizadores partiram de uma visão pessoal da realidade. Porque não levaram em conta, num mínimo instante, os homens em situação a quem se dirigia seu programa, a não ser com puras incidências de sua ação. (FREIRE, 1987[1968], p. 117-118)

Canções de denúncia podem ser um instrumento importante para a compreensão do multiculturalismo, pois essas pessoas, com suas diferentes origens, etnias, raças e gêneros, encontram-se nas salas de aula. Certeau (2020 [1994], p. 43) aponta que não são apenas as minorias que são silenciadas:

> A figura atual de uma marginalidade não é mais a de pequenos grupos, mas uma marginalidade de massa; atividade cultural dos não produtores de cultura, uma atividade não assinada, não legível, mas simbolizada, e que é a única possível a todos aqueles que, no entanto, pagam, comprando-os, os produtos-espetáculos onde se soletra uma economia produtivista. Ela se universaliza. Essa marginalidade se tornou maioria silenciosa.

E essas pessoas, em sua vida diária, no lugar de vida e convivência, podem, de alguma forma, preservar vários valores culturais e conhecimentos relacionados às suas origens, inclusive através das canções do seu cotidiano, e a escola seria o último (e até mesmo o único) lugar onde esses valores culturais poderiam se tornar visíveis e audíveis. A BNCC (BRASIL, 2018), embora sugira o trabalho com textos multissemióticos, nesse ponto, deixa de avançar, quando mantém o *status quo* e pressiona pela padronização cultural e linguística[3], e quando impõe os mesmos textos de cânones para uma sociedade estudantil multicultural. De forma velada a BNCC impede assim a arte do fazer criativo. Restaria aos estudantes, como Certeau (2020, p. 40) sugere aos usuários, "[...] que à maneira dos povos originários, os usuários "*façam uma bricolagem*" com e na economia cultural dominante, usando inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei, segundo seus interesses próprios e suas próprias regras."

A seguir, apresentamos uma breve descrição de prática educativa dialógica, com o exercício da negociação consensual e da democracia, no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa brasileira, com a escolha de canções local e global e do tema gerador que orienta o debate entre estudantes e professores.

3 CANÇÕES DE DENÚNCIA EM PRÁTICAS EDUCATIVAS DIALÓGICAS

Práticas educativas dialógicas com canções de denúncia como objetos de ensino e aprendizagem do português brasileiro, tanto como língua materna ou como língua estrangeira, representam uma oportunidade para exercitar, diariamente, em sala de aula, a valorização do multiculturalismo, da democracia, da coexistência racial, étnica, de gênero e sexualidade com solidariedade, tolerância e esperança.

Com o exercício diário dessas práticas orientando o ensino e a aprendizagem de línguas, é possível construir inteligibilidades para desconstruir as relações de poder opressivas, dominantes, colonizadoras e "padronizadoras" que prevalecem na sociedade ocidental contemporânea.

As aulas seguem uma sequência inicial sugerida aqui, mas que o professor poderá alterar conforme sua leitura do contexto imediato escolar. As atividades podem ser individuais ou em grupos, e a avaliação do processo de ensino-aprendizagem dos estudantes poderá acontecer durante as aulas e/ou com a avaliação de uma atividade criativa final, com critérios negociados no planejamento das aulas. A sequência inicial da proposta poderia:

a) Iniciar com o planejamento do trabalho de acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, de preferência se fosse um Plano Político Pedagógico Dialógico (PPPD) (PADILHA, (2017) [2001]), com o Plano anual de atividades da área de Língua Portuguesa, LP, e do professor de LP, levando-se em consideração o documento de área vigente no seu estado, município. Esse planejamento pode ser feito com colegas da mesma área ou de áreas diferentes de conhecimento, numa perspectiva transdisciplinar. Além disso, é importante levar em consideração os recursos materiais da escola e o tempo necessário, medido em aulas/encontros, para a realização do trabalho com a canção de denúncia nas aulas de LP.

b) Primeiro encontro – apresentar aos estudantes a dinâmica da prática educativa dialógica, com debate sobre os conceitos básicos sobre canção e canção de denúncia, sobre análise, para, se necessário, efetuar eventual reorganização do planejamento.

c) Segundo encontro – definir critérios para a realização da escolha das canções locais e globais; definir público que vai votar e o sistema de votação, campanha de cada estudante para defender as canções de sua preferência.

[3] Sugerimos a leitura do livro *Uma leitura crítica da Base Nacional Comum Curricular*: compreensões subjacentes, organizado por Terezinha da Conceição Costa-Hübes & Márcia Adriana Dias Kraemer (2019).

d) Terceiro encontro – escutar as canções de denúncia, uma local e outra global, de cada estudante que fará apresentação argumentativa na defesa das canções que escolheu.

e) Quarto encontro – apurar, escutar as canções eleitas e definir a ou as expressões ou palavras geradoras.

f) Quinto encontro – escutar as canções com debate e análise, fundamentando-se nos componentes do *Tetragrama de Análise Multissemiótica de Canção*, de acordo com o planejamento reorganizado.

A metodologia, brevemente apresentada e aqui descrita, pode partir de uma aula na qual os professores apresentam aos estudantes um processo de conscientização sobre o que são canções de denúncia, como elas podem ser compreendidas, como ocorrem as interações discursivas, intergenéricas, multissemióticas, cronotópicas e multiculturais.

Após essa preparação inicial, os professores organizam a ação de escolher canções e palavras ou expressões-tema, com valores para promover o processo de ensino-aprendizagem de línguas, com seus estudantes. De início, podem pedir para que cada estudante traga para a aula seguinte uma gravação ou *link* com acesso a uma canção local e outro para uma global, com acesso à letra, se possível cifrada, e a gravação sonora ou em vídeo da canção, de preferência no fonograma da versão original.

Na aula seguinte, o primeiro passo é que todos escutem a música que cada colega escolheu. A atividade de escuta, por vezes, não é colocada como uma ação central nas práticas educativas. Em nossa proposta, esse momento de escuta de canções é imprescindível, pois permite uma escuta ativa das canções, observando-se os recursos linguísticos e musicais, identificando-se as estratégias discursivas e os efeitos de sentido produzidos.

O ato de escutar extrapola, vai além do ato de apenas ouvir as canções locais e globais que os estudantes trazem para a aula e eleger as canções a serem trabalhadas em aula. A negociação é também um processo de escuta da voz de cada estudante. Para Paulo Freire,

> Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gosto do outro, às diferenças do outro. Isso não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto-anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. [...] Precisamente porque escuta, sua fala discordante, em sendo afirmativa, porque escuta, jamais é autoritária. (FREIRE, 1999 [1996], p. 135)

Nesta prática educativa dialógica que estamos propondo, a escuta das canções que cada estudante escolheu é prioritária e poderá trazer uma oportunidade de educação para a escuta, para a responsividade e alteridade. A escuta só é possível quando estudamos e aprendemos. Depois de conhecer melhor os componentes de análise multissemiótica da canção propostos no tetragrama, é possível dizer que, de fato, estamos aprendendo a escutar uma canção. Com este poder e conhecimento multissemiótico, conseguimos entender melhor os significados e os sentidos que a canção mobiliza e como isso pode afetar as pessoas, pois as canções, historicamente constituídas, escritas, compostas e interpretadas, encerram uma relação dialógica entre muitos "eus" e muitos "outros" (FREIRE, 1999 [1996]). E, novamente aqui, inicialmente na nossa proposição, e depois nas relações entre professores e estudantes nas escolas, acontecem as escutas que viabilizam os diálogos entre os artistas das canções escolhidas por cada estudante, o dizer e a escuta na relação entre professores e estudantes, durante o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa.

Então, continuando a descrição de como pensamos as práticas educativas dialógicas com canções de denúncia, agora com a sensibilidade da escuta dialógica, ainda antes de começarem a escutar as canções que cada estudante escolheu, professores e estudantes negociam entre si os métodos de seleção das canções, uma local e uma global, entre as que serão apresentadas.

É fundamental que haja uma exposição inicial, rápida, de cada estudante defendendo a eleição de suas canções, mas com uma argumentação baseada nos conceitos expostos na lição inicial. O método de escolha final, que depende do planejamento do tempo de aula disponível e da quantidade de estudantes que fazem parte da sala de aula, pode ser por aclamação, eleição ou pela formação de grupos para decidir sobre canções e valores.

É importante manter o mesmo número de canções desde o início do processo, por exemplo, uma local e uma global, ou duas locais e duas globais. Caberia aos professores, com a ajuda de estudantes, motivar e criar as condições para que cada estudante possa se expressar e participar de todo o processo, apresentando suas canções, argumentando sobre elas durante um período de tempo previamente negociado.

Numa dinâmica mais complexa, integradora, de escolha das canções, os temas a serem abordados, por exemplo, também poderiam ser solicitados ao público de toda a escola ou ao público externo à escola, como pais e pessoas da comunidade, através de consulta, enquete, incluindo a possibilidade de interação com a comunidade. Essa dinâmica dependerá do modo como a escola costuma interagir com a comunidade, através de canais próprios e/ou de redes sociais, por exemplo.

Os elementos disponíveis para a avaliação de cada estudante e do processo de ensino- aprendizagem da língua portuguesa, que essa prática educativa dialógica torna possível, são: o resultado do processo de seleção das canções; o procedimento de análise das canções, com base nos diferentes componentes do *Tetragrama de Análise Multissemiótica da Canção*; as conclusões sobre os temas abordados; as competências e as habilidades linguísticas e discursivas previstas para o ensino e a aprendizagem provenientes da análise das canções, incluindo propostas concretas para situações "problematizadas" e que, necessariamente, devem ser inerentes à comunidade escolar, com possibilidades reais de intervenção, ou sugestões relevantes para a tomada de decisão nas esferas adequadas.

A duração de tal prática educacional dialógica, seguindo esses e outros procedimentos, conforme a realidade escolar possa exigir, corresponderá ao tempo dos fonogramas das canções a escutar, da evolução da consciência crítica dos estudantes sobre o tema selecionado para debate e discussão problematizadora e abordado pelas canções eleitas, assim como o aperfeiçoamento de suas habilidades para analisar as canções a partir da perspectiva multissemiótica.

A seguir, apresentamos um exemplo de análise multissemiótica de uma canção local e outra global, após uma negociação consensual em uma escola pública em Florianópolis, SC.

4 ANÁLISE DAS CANÇÕES "UM ÍNDIO" E "SEPÉ TIARAJU"

Após um consenso entre professores e estudantes, as canções de denúncia escolhidas foram "Um Índio" de Caetano Veloso, uma canção global, e "Sepé Tiaraju" de Marcos Baltar, uma canção local.

Levando em consideração o processo de escuta das canções de denúncia como um procedimento que estimula a compreensão holística do gênero canção, colocando em relevo o seu todo multissemiótico, sugerimos, como primeira atividade da prática educativa dialógica, a escuta das duas canções de denúncia.

O tema gerador da prática, definido junto com a escolha das canções de denúncia, diz respeito ao histórico ataque contra os povos originários brasileiros. Com estas decisões, o professor coordena as atividades de análise de canções de denúncia com base no "*Tetragrama da Análise Multissemiótica das Canções*", proposto pelo GECAN.

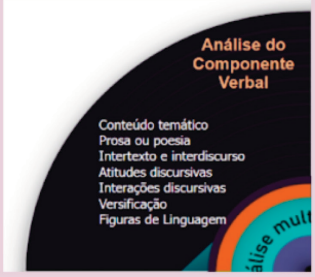
O tetragrama é composto por quatro componentes principais: *componente verbal; componente musical; componente sócio situacional e componente desdobramento de autoria,* os quais abarcam diferentes categorias analíticas. Essas categorias são provenientes de diferentes áreas de conhecimento, baseadas em correntes teóricas diversas, tais como a teoria musical, a linguística aplicada, a linguística textual, o interacionismo sócio discursivo, o círculo de Bakhtin, a literatura, a sociologia, a antropologia, a história etc. Segue a descrição de cada componente associado às respectivas categorias analíticas.

- **Análise do componente verbal**: conteúdo temático; motivo verbal; prosa ou poesia; intertexto e interdiscurso; atitudes discursivas (BALTAR, 2007); interações discursivas; versificação; figuras de linguagem; etc.

● **Análise do componente musical**: gênero musical; forma; tonalidade; tonema; cadência; motivo musical; ritmo; melodia; textura; prosódia; mapa Instrumental; fonograma etc.
● **Análise do componente sócio situacional**: esferas das atividades humanas; cronotopo; contexto histórico, político, social, ideológico, cultural, de gênero, étnico, axiológico, econômico etc.
● **Análise do componente desdobramento de autoria**: relação de autoria com Eu-Tu-Lírico; coautoria; composição; audiência; intérpretes; motivo verbal etc.

Os quatro componentes apresentados no *Tetragrama de Análise Multissemiótica da Canção*, que não é um instrumento analítico fechado, podem ser aprimorados, inclusive com a inclusão de novas ou reformulação das categorias de análise nele apresentadas. Como já mencionamos nesse texto, o início do trabalho com uma canção é sempre feito pela sua escuta. Sugerimos que a primeira escuta seja de fruição para que a audiência perceba, de modo impressionista, os efeitos de sentido provocados pela canção. Antes de iniciar a análise, o professor pode explicar que a canção está sendo entendida como um gênero do discurso para a interação sociodiscursiva em uma determinada esfera da atividade humana, que também figura como um artefato da indústria cultural que circula e é acessado em diferentes mídias da sociedade contemporânea, e que está sendo trabalhado na esfera escolar com objetivos de ensino-aprendizagem de linguagens, buscando qualificar sua escuta. A partir de uma segunda escuta, o professor e os estudantes podem dirigir sua atenção para um componente específico de análise. Em nosso entendimento, não é necessário seguir sempre a mesma ordem prescritiva de análise. Nós projetamos o tetragrama imaginando um LP girando na vitrola e uma agulha analítica percorrendo o sulco do vinil, captando as nuanças do gênero canção nas diferentes categorias dos quatro componentes. A seguir, apresentamos nossa análise comparativa de duas canções de denúncia que escolhemos para exemplificar nossa proposta.

O ***componente verbal*** da análise multissemiótica da canção já é conhecido no ensino de línguas, especialmente nas aulas de línguas estrangeiras – mas entendemos que há espaço para expandir a forma como ele é trabalhado. A exploração dos aspectos verbais da canção permite a expansão do léxico, o reconhecimento e a apropriação do conteúdo temático, a expansão do repertório linguístico, o contato com variações linguísticas e com figuras de linguagem, o desenvolvimento das habilidades de leitura e de compreensão auditiva, de compreensão textual e discursiva, e uma compreensão das atitudes discursivas prevalecentes no projeto de dizer do compositor. Na figura 2 temos uma tabela que apresenta um perfil comparativo da análise do componente verbal das duas canções.



Categorias de análise	Canções	
	UM ÍNDIO	SEPÉ TIARAJU
TEMA Intertextualidade e Interdiscursividade	Estória fantástica. Predição futurista da chegada de um mítico salvador indígena (impassível, calmo e infalível, com os Filhos de Gandhi da Bahia em seu centro).	Crônica histórica realista. A resistência do herói indígena dos Sete Povos do Missões, que morreu em batalha durante a Guerra Guarani, no Brasil colonial. A história é baseada no sentimento de luta para defender sua origem, sua língua, sua terra e sua cultura. Inspirado na história de "Sepé Tiaraju - Romance dos Sete Povos das Missões" (1750 - 1975 - 2015) - Alcy Cheuiche e Leonid Streliaev. A canção denuncia a realidade contemporânea enfrentada pelos povos nativos e de origem no Brasil.
FORMA	Poesia - uso de palavras proparoxítonas como físico, líquido, Atlântico, Pacífico, explícito.	Prosa dialógica - "Quando você se lembra do índio" - "Tudo o que você lê nos livros"
ATITUDE DISCURSIVA	Explicativa e argumentativa	Narração argumentativa
TEMPO VERBAL	Futuro	Presente e passado
REFRÃO	Usado para reforçar a ideia do retorno do índio no final dos tempos	Utilizado para continuar a história que está sendo contada

Figura 2: Análise do componente verbal
Fonte: Autores (2021)

Nas canções analisadas, no que diz respeito ao tema, em "Um Índio", há uma história fantástica e futurista que prevê a chegada de um ser mítico salvador. Em "Sepé Tiaraju", há uma crônica histórico-realista que honra a resistência do herói dos Sete Povos das

Missões (Guaraníticas-Jesuíticas), que morreu em combate durante a guerra Guaranítica do século XVIII, despertando o sentimento de luta para defender sua terra e cultura. Ambas as canções representam uma denúncia da realidade contemporânea enfrentada pelos povos originários brasileiros. Em termos de forma, a canção de Caetano Veloso está organizada como um poema, fazendo uso de recursos sonoros estilísticos específicos da LP como as proparoxítonas (físicos, líquidos, atlânticos, pacíficos, explícitos); Marcos Baltar utiliza-se de uma prosa dialogal "Quando você lembra do índio / Tudo o que se lê nos livros". Quanto ao tempo verbal, em "Um Índio", predomina o tempo futuro, e, em "Sepé Tiaraju", o tempo presente e o passado. Com relação à atitude discursiva, destacamos a exposição, a explicação e a argumentação na canção de Caetano Veloso, e o relato e a argumentação na canção de Baltar.

A análise proposta do ***componente musical*** destaca a importância desse aspecto no projeto de dizer dos compositores, para compreender melhor a totalidade de uma canção. A música é fundamentalmente o resultado da combinação de signos sonoros – frequências – amalgamados pela harmonia, melodia e o ritmo, estimulando a audiência a

> [...] perceber os acordes do campo harmônico da tonalidade da canção; identificar suas cadências e buscar reconhecê-las na música; perceber na audição as síncopes e a diversidade rítmica das canções; compreender os movimentos ascendentes e descendentes da melodia; perceber seu motivo melódico etc. Enfim, interagir com os(as) compositores(as), sentir a sensação estética sonora da canção pela emoção e despertar canais de inteligibilidade de modo mais holístico, sobre sua forma e conteúdo. (BALTAR et al, 2019, p. 22-23)

A análise do som, do componente musical de uma canção requer conhecimentos que os professores de língua portuguesa do Brasil nem sempre tiveram nos cursos de formação. Por isso, consideramos a possibilidade de estabelecer parcerias com outros professores, estudantes ou pessoas do entorno da escola (comunidade local) que tenham conhecimento musical. Ambas as canções estão no tom de E (mi maior) e estão estruturadas na forma AB. Em termos de sonoridade, a canção "Um Índio" , além da voz é arranjada em violão, baixo e bateria, percussão, teclado e orquestra de cordas, e "Sepé Tiaraju", voz e violão elétrico com sintetizador. A duração do fonograma da primeira canção é de 2 '55", e a da segunda é de 4' 04".

Categorias de análise	Canções	
	UM ÍNDIO	SEPÉ TIARAJU
Álbum	Álbum: Bicho, faixa 5, LP Selo Philips - Universal Music Ltda	Álbum: Luzes Acesas, faixa 7, Composição de 2016/2017
Ano	1977 (remixado em 2018)	2017
Tempo do fonograma	2'55"	4'04"
Forma - Estrutura	AB	AB
Tonalidade	E Maior	E Maior
Cadência A	A - I - IV - V	A - I (9) - IV (9) - I (9) - IV (9) - VI - I (9) - VI- V (sus) (VI = C - empréstimo tonal)
Cadência B	B - VI - II - IV - V (II = F#7 - F#7 (secundária dominante)	B - I - bII - I - bII - I - bII - I - bI - I
Textura	Guitarra, Teclado, Orquestra de Cordas	Guitarra elétrica com sintetizador

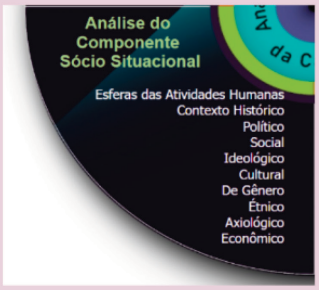


Figura 3: Análise do componente musical
Fonte: Autores (2021)

A análise do ***componente sócio situacional*** da canção destaca tanto a dimensão social e cultural do tempo e do lugar em que foi produzida quanto os contextos em que o público ou a audiência se engajou e lutou pelos temas que geraram e mobilizaram as

canções. Quarenta anos separam a produção das duas canções. Caetano Veloso lançou "Um Índio" em 1977, no álbum "Bicho", e Marcos Baltar lançou "Sepé Tiaraju" em 2017, no álbum "Luzes Acesas".

No caso das canções que estamos analisando, cujo tema é o ataque aos povos originários brasileiros, enfatizamos que é urgente que este tema seja abordado em sala de aula. A canção "Um Índio" é caracterizada como (+ -) global, porque é produzida por um artista famoso, reconhecido e amplamente distribuído pela indústria cultural. Composta em 1977, ela se situa no período histórico do início do fim da ditadura no Brasil (1964-1985), um período de intensa repressão à cultura dos povos originários. A partir de 2018, com o aumento da violência contra os mesmos e outros povos originários, o álbum Bicho foi "remixado".



Categorias de análise	Canções	
	UM ÍNDIO	SEPÉ TIARAJU
Esferas da Atividade Humana. Contexto Histórico e Cronotópico.	(+ -) Global - Composição de 1977 que marca o início do fim da ditadura no Brasil (1964-1985); - Remixada em 2018 com o aumento da violência contra os povos nativos ou indígenas; - Conecta figuras históricas de povos nativos ou originários e do mundo ocidental, uns com os outros; - Romantiza o índio com valores e poderes ocidentais como um retorno triunfante de um herói salvador no final; Espaços de circulação - indústria cultural.	(+ -) Local - Composição de 2017 aludindo ao massacre do povo Guarani (1750), na atual região de Missões, RS, Brasil, em reação ao Tratado de Madri entre Portugal e Espanha; - Composta no contexto da Impeachment da Presidente Dilma Rousseff (2016), um ataque à soberania nacional; - Aumento e retomada dos ataques às reservas indígenas (2017 - 2021); - O ataque do governo federal eleito em 2018, no Brasil, à saúde, educação, universidades públicas e direitos humanos; Espaços de circulação - festivais locais.

Figura 4: Análise do componente sócio situacional

Fonte: Autores (2021)

Essa canção liga figuras históricas locais dos povos originários com figuras e personalidades históricas globais, romantizando, de alguma forma, os povos originários com valores e poderes ocidentais, como um retorno triunfante de um herói salvador: Virá! (Ele virá!) / Impávido que nem Muhammed Ali / Virá, que eu vi / Apaixonadamente como Peri / Virá, que eu vi / Tranquilo e infalível como Bruce Lee / Virá, que eu vi / O axé do afoxé Filhos de Gandhi / Virá!.

"Sepé Tiaraju", por sua vez, é caracterizada como uma canção (+ -) local, pois está circunscrita à esfera da atividade humana na qual foi produzida, a festivais de música locais. Seu compositor não é conhecido na indústria cultural brasileira. Composta no início dos anos 2000 e gravada em 2017, ela alude ao massacre do povo Guarani (1750), na atual região de Missões, no estado do Rio Grande do Sul (Brasil), em decorrência do Tratado de Madri, firmado entre Portugal e Espanha. A canção foi lançada no álbum *Luzes Acesas*, produzido no contexto do *impeachment* (golpe político) da presidente Dilma Rousseff (2016), visto como um ataque à democracia nacional. Após este episódio, houve um aumento e a retomada dos ataques às reservas indígenas, autorizados pelo governo federal em favor dos grandes proprietários de terras que querem utilizar as terras amazônicas para aumentar a área de criação de gado e da plantação de soja. Depois do período do governo "golpista" do vice Temer, o atual governo, que tomou posse em janeiro de 2019, governa pela ordem do neoliberalismo, promovendo o desmantelamento da saúde, da educação, das universidades públicas e dos direitos humanos. Marcos Baltar descreve e denuncia a realidade dos povos originários brasileiros: "Hoje, os índios são caricaturados na TV e queimados em Brasília / Uns vendem artesanato para alimentar a família / Uns escondem terras jazidas sob leis ambientais / Uns negociam direto com as multinacionais".

Na análise do ***componente desdobramento de autoria***, destacamos que ambas as canções têm um público engajado, apesar do escopo diferenciado, como colocado anteriormente, quanto ao relacionamento local e global. A figura 5 apresenta uma análise contrastiva do componente desdobramento de autoria das duas canções.

Categorias de análise	Canções	
	UM ÍNDIO	SEPÉ TIARAJU
AUTOR	CAETANO Emanuel Viana Teles VELOSO - Músico, poeta, produtor, arranjador e escritor brasileiro. Suas composições e performances atravessam continentes há mais de cinco décadas.	MARCOS Antonio Rocha BALTAR escritor, poeta, músico, compositor, intérprete e professor universitário nascido nas terras das missões no RS e atualmente vivendo em Florianópolis, SC.
EU LÍRICO	Ele anuncia o que vai acontecer Ele anuncia um salvador Relaciona os heróis do mundo contra-hegemônicos com os heróis dos povos nativos e indígenas do Brasil.	Ele relata o que aconteceu na forma de um diálogo, e narra a atual condição do índio nas cidades Ele dialoga com o mítico Tiaraju e com seus interlocutores.
INTÉRPRETE – Desdobramento de autoria	Caetano, Milton Nascimento, Maria Bethânia, Elba Ramalho, etc.	Marcos Baltar Voz de apoio - Marissol Mwaba
AUDIÊNCIA	Audiência nacional e internacional (público engajado)	Audiência local, Florianópolis, SC (público engajado)



Figura 5: Análise do componente desdobramento da autoria

Fonte: Autores (2021)

Quanto aos compositores, Caetano Emanuel Viana Teles Veloso é um músico brasileiro, poeta, produtor, arranjador e escritor. Suas composições e *performances* atravessam continentes há mais de cinco décadas. Ele nasceu em Santo Amaro, na Bahia, e, atualmente, vive no Rio de Janeiro. Marcos Antonio Rocha Baltar, por sua vez, é escritor, compositor, intérprete e professor universitário. Ele nasceu em Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, e, atualmente, vive em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Na canção de denúncia "Um Índio", a letra aponta o que vai acontecer no hemisfério sul "após o extermínio da última nação indígena", anunciando a chegada de um salvador indígena, comparando-o a alguns heróis do mundo ocidental. Em "Sepé Tiaraju", a letra relata eventos históricos em forma de diálogo, destacando a situação das pessoas pertencentes aos povos originários, fora das suas origens, na convivência com outras culturas, nas cidades contemporâneas, por exemplo. O autor dialoga com o mítico Tiaraju e com seus interlocutores: "Tiaraju, o teu braço escreveu o tempo / Tua coragem cortou o vento / Fez teu povo reagir / Tiaraju, com teu canto missioneiro / Faz o povo brasileiro essa terra merecer".

Finalmente, com a análise da canção de denúncia a partir do tetragrama, reiteramos a importância de considerar a relação entre os quatro componentes, evitando-se, assim, a redução do gênero canção, o que não está de acordo com a perspectiva multissemiótica e multicultural do ensino e aprendizagem de línguas que valorizamos em nossa proposta.

Vale mencionar, também, que as escolhas das categorias analisadas aqui refletem nossa visão, levando em conta nossas experiências acadêmicas, pedagógicas, musicais, pessoais e políticas. Todavia, entendemos que muitas outras leituras podem ser feitas. É importante lembrar que as canções analisadas neste trabalho são apenas uma amostra do extenso repertório brasileiro sobre o tema relacionado aos povos originários brasileiros.

5 CONCLUSÃO

Com a análise das canções de denúncia "Um Índio" e "Sepé Tiaraju", a partir dos componentes do *Tetragrama de Análise Multissemiótica da Canção*, foi possível mostrar a riqueza das canções "Um Índio" e "Sepé Tiaraju", como ferramentas para o ensino e aprendizagem de línguas e idiomas, especialmente o português, tratado neste artigo, tanto como língua materna quanto como

uma língua estrangeira, por intermédio de práticas educativas dialógicas freirianas, adotadas por nosso grupo de estudo de canções GECAN/UFSC. Nessa perspectiva, consideramos que a escolha consensual do tema, de uma canção local e de uma canção global de denúncia e do procedimento analítico semiótico múltiplo previsto no tetragrama, com os componentes verbal, musical, sócio situacional e desdobramento de autoria, pode contribuir para a formação de pessoas com autonomia social, com espírito crítico, para a leitura de mundos historicamente constituídos, preparadas para o exercício da democracia.

A análise equilibrada dos componentes verbais, dos elementos linguísticos (como figuras de linguagem, atitudes discursivas etc.) e de elementos musicais (como melodia, ritmo, cadência etc.), juntamente com o contexto sócio situacional da produção das obras e do desdobramento de autoria, permite que estudantes e professores entrem no campo da arte e da cultura, através da compreensão multissemiótica do gênero. Ademais, o contraste entre a canção de denúncia local e global pode promover o desenvolvimento de uma percepção ética e estética dos artefatos da indústria da cultura, o que pode explicar o conceito de hegemonia cultural proposto em Gramsci, em seus *Cadernos do Cárcere*. A atenção dada também aos aspectos rítmicos, melódicos e harmônicos da canção, quando essa é tomada como objeto de ensino, pode favorecer uma aprendizagem sensível da língua portuguesa e pode permitir, a professores e alunos, uma compreensão mais sólida sobre a relação entre diferentes linguagens, isto é, entres os signos verbal e musical.

Ouvir canções e cantar são dois atos diários, especialmente para estudantes do Ensino Médio que, muitas vezes, têm um grande repertório musical. Após uma prática educativa dialógica nas condições aqui propostas, eles passam também a *escutar* as canções de forma mais qualificada, ampliando sua primeira percepção impressionista de audição para uma escuta analítica mais consciente. Essa escuta analítica mais consciente pode ajudar estudantes e, também, professores a compreenderem os meandros dos processos da hegemonia cultural, pois, segundo o que nos propõe Gramsci (1999), para chegarem à sua hegemonia, as classes subalternas precisam passar pelos processos de *identificação, cisão e superação*.

Assim, cada vez que os professores valorizam as experiências pessoais de seus estudantes e eles são "escutados" nas aulas de língua portuguesa – e o trabalho com a análise de canções pode possibilitar isso –, estamos nos aproximando de uma prática educacional libertadora e integradora, no sentido freiriano, entendendo o homem integrado em seu contexto "[...] resultante não só de estar nele, mas com ele, e não de mera adaptação, acomodação ou ajuste, já que [...] sua integração o enraíza" (FREIRE, 2014 [1965], p. 58-59).

Em suma, nesse artigo, foi apresentada uma proposição de prática educativa dialógica de ensino-aprendizagem de línguas em que, após um consenso entre professores e estudantes, as canções de denúncia escolhidas foram "Um Índio" de Caetano Veloso, uma canção global, e "Sepé Tiaraju" de Marcos Baltar, uma canção local, como objetos de conhecimento. Com a análise destas canções, consideradas como gêneros do discurso multissemióticos, através do *Tetragrama de Análise Multissemiótica das Canções*, foi possível aproximar os processos de ensino-aprendizagem da língua portuguesa com as experiências de vida de professores e estudantes, na medida que prevaleçam as relações democráticas, dialógicas, interacionistas, estimuladas por uma pedagogia crítica e libertadora.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Fragmentos Filosóficos. 1947. (Dialektik der Aufklärung – Philosophische Fragmente). Versão traduzida do alemão para o português. Frankfurt, 1969. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/fil_dialetica_esclarec.pdf. Acesso em: 28 ago. 2021.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo: Paulo Bezerra. 1. ed. 1992. 6. ed. 2011. Moscou, 1979. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BALTAR, M. *et al*. *Oficina da canção*: do maxixe ao samba-canção. Curitiba: Appris, 2019.

BALTAR, M. O conceito de tipos de discurso e sua relação com outros conceitos do ISD. *In*: GUIMARÃES, A. M. de M. *et al* (org.). *O Interacionismo Sociodiscursivo. Questões epistemológicas e metodológicas*. Mercado de Letras. Campinas, SP: 2007. p. 145-160.

BALTAR, M. *Sepé Tiaraju*. Áudio disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ajvqwKULI9U. Letra cifrada disponível em: https://www.cifraclub.com.br/marcos-baltar/sepe-tiaraju-2/. Acesso em: 08 jun. 2021.

BARON, R.; BALTAR, M. A literatura, as canções e a humanização das práticas sociais no ensino da língua escrita. *Revista Cerrados*, v. 28, n. 51, 2019. p. 149-173. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/26883. Acesso em: 16 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. 1994. Tradução: Ephraim Ferreira Alvez. 22 ed. 5. reimpressão. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2020.

COSTA-HÜBES, T. da C.; KRAEMER, M. A. D. (org.). *Uma leitura crítica da Base Nacional Comum curricular*: compreensões subjacentes. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019.

FREIRE, P. *A pedagogia da esperança*: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. Coleção de leitura. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P.; MACEDO, D. *Alfabetização:* leitura do mundo, leitura da palavra. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2011.

GERALDI, J. W. (org.). *O texto na sala de aula*. 1984. São Paulo: Ática, 2011.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

KRENAK, A. 2019. *Ideias para adiar o fim do mundo.* 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PADILHA, P. R. *Planejamento dialógico*: como construir o projeto político pedagógico da escola. IPF 2001. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

VELOSO, C. *Um índio*. Áudio disponível em: https://youtu.be/-n1ZRbRKHOo. Letra disponível em: http://mappesonore.altervista.org/dettagli/dettaglio_brano.php?musicistabrano=17603 Acesso em: 02 dez 2021.

VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia.* Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 1929. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em 02/09/2021. Aceito em 04/12/2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e83687

DIALOGICAL EDUCATIONAL PRACTICES WITH MULTISEMIOTIC ANALYSIS OF DENUNCIATION SONGS

PRÁTICAS EDUCATIVAS DIALÓGICAS COM ANÁLISE MULTISSEMIÓTICA DE CANÇÕES DE DENÚNCIA

PRÁCTICAS EDUCATIVAS DIALÓGICAS CON ANÁLISIS MULTISEMIÓTICA DE CANCIONES DE DENUNCIA

Marcos Antonio Rocha Baltar*
Universidade Federal de Santa Catarina

Roberto Baron**
Universidade Federal de Santa Catarina

Camila Farias Fraga***
Instituto Federal de Santa Catarina

ABSTRACT: This article, following the critical pedagogy, based on enunciative and interactionist approaches to language studies, considers song as a multisemiotic discursive genre. Denunciation songs, with complete, complex utterances, according to Bakhtin Circle, saturated with ideologies, social memories, can mobilize multisemiotic, intergeneric, multicultural, chronotopic discursive interactions in dialogical educational practices of language teaching and learning. In the negotiation methodology, teachers and students choose songs as objects of knowledge, participate in listening, reading, analyzing and producing texts. The tetragram of

* Professor at the Postgraduate Program in Linguistics at Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). PhD in Languages at Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS (2003). Holds a post-doctoral degree at the Univ. of Geneva (2006). Holds a postdoctoral degree at ESPE de Versailles - University of Cergy Pontoise, France (2015). E-mail: marcosarbaltar@gmail.com.

** PhD in Linguistics at UFSC. Master in Language Sciences at Unisul. Specialist in Youth and Adult Education at Instituto Federal Catarinense (IFC) - Campus Camboriú. E-mail: rorobato@gmail.com.

*** PhD student in Linguistics at UFSC. Master in Linguistics at UFSC. Pedagogue at Pedagogical Coordination of Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) - Campus Florianópolis. E-mail: milaffraga@gmail.com.

multisemiotic analysis of song, prepared by the Grupo de Estudos da Canção (GECAN), governs the analysis. Partial results with these educational practices indicate that, in addition to strengthening students for the conscious use of languages, it is possible to guide people towards social autonomy, with critical thinking, to learn to read the world as a historically constituted world, with hope, tolerance, to promote ethics and aesthetic sensitivity in Portuguese language classes.
KEYWORDS: Dialogical educational practices. Language teaching and learning. Denunciation song. Tetragram of multisemiotic analysis.

RESUMO: Neste artigo, seguindo a pedagogia crítica, fundamentados em abordagens enunciativista e interacionista dos estudos da linguagem, consideramos a canção um gênero discursivo multissemiótico. As canções de denúncia, com enunciados completos, complexos, conforme Círculo Bakhtin, saturadas de ideologias, memórias sociais, podem mobilizar interações discursivas multissemióticas, intergenéricas, multiculturais, cronotópicas nas práticas educacionais dialógicas de ensino-aprendizagem de línguas. Na metodologia de negociação consensual, professores e alunos escolhem canções como objetos de conhecimento, participam da escuta, leitura, análise e produção de textos. O tetragrama de análise multissemiótica da canção, elaborado pelo Grupo de Estudos da Canção, rege a análise. Resultados parciais com essas práticas educativas indicam que, além de fortalecer os estudantes para o uso consciente das linguagens, é possível orientar pessoas para a autonomia social, com pensamento crítico, para aprender a ler o mundo como um mundo historicamente constituído, com esperança, tolerância, para promover ética e sensibilidade estética nas aulas de língua portuguesa.
PALAVRAS-CHAVE: Práticas educacionais dialógicas. Ensino-aprendizagem de línguas. Canção de denúncia. Tetragrama de análise multissemiótica.

RESUMEN: En este artículo, siguiendo la pedagogía crítica, basada en enfoques enunciative, interaccionistas de los estudios del lenguaje, consideramos la canción como un género discursivo multisemiótico. Canciones de denuncia, con enunciados completos y complejos (Círculo de Bakhtin), saturados de ideologías, memorias sociales, pueden movilizar interacciones discursivas multisemióticas, intergenéricas, multiculturales, cronotópicas en prácticas pedagógicas dialógicas de enseñanza y aprendizaje de lenguas. En la metodología de negociación consensuada, docentes y alumnos eligen canciones como objetos de conocimiento, participan en la escucha, lectura, análisis y producción de textos. El tetragrama de análisis multisemiótica de la canción, gobierna el análisis. Resultados parciales indican que además de fortalecer en los estudiantes el uso consciente de los idiomas, posiblemente desarrolla la autonomía social, pensamiento crítico, para aprender a leer el mundo como un mundo históricamente constituido, con esperanza, tolerancia, para promover la ética y la sensibilidad estética en las clases de lengua portuguesa.
PALABRAS CLAVE: Prácticas pedagógicas dialógicas. Enseñanza y el aprendizaje de lenguas. Canción de denuncia. Tetragrama de análisis multisemiótica.

1 INTRODUCTION

The debate about the centrality of the text in the educational practices developed in Portuguese language classes in Brazil, at the beginning of the 21st century, is a common point among researchers and teachers who work from a formal and applied linguistic perspective. However, when the teaching and learning of the Portuguese language is considered as a social and dialogical practice, the text as a linguistic structure becomes insufficient to analyze the meanings, the discourses and the situational contexts of social interactions. In this sense, considering the text as discursive interaction, the focus for the work with language in the classroom becomes the practices of reading and listening, linguistic analysis and production (GERALDI, 2011 [1984]). With regard to analysis, the Grupo de Estudos da Canção (GECAN) [Study Group of Song], of the Núcleo de Linguística Aplicada (NELA) [Applied Linguistics Center], of the Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) [Federal University of Santa Catarina], seeks to treat the text in its multisemiotic dimension, taking into account the verbal and musical components (BALTAR *et al.*, 2019).

In order to guide the teaching and learning of languages oriented to the democratization of human activities — so that individuals, as social actors, can develop their critical spirit and be protagonists of their own history —, we base our research on the epistemological, theoretical, and methodological foundations of Bakhtin's circle. Notably, on the concepts of utterance and interaction developed by Bakhtin (2011 [1979]) and Volóchinov (2017 [1929]); on the critical dialogical pedagogy of Paulo Freire

(1987 [1968]), (2015 [1992]), (1999 [1996]); in the "culture industry" debate in Adorno and Horkheimer (1969 [1947]); in Certeau's (2020 [1994]) tactical dimension and concept of "bricolage"; and in Gramsci's (1999) concept of hegemony. All this agglutinated in Baltar et al's (2019) proposed analysis of the song as a multisemiotic genre.

Within this approach, the *Tetragram of Multisemiotic Analysis of Song* is GECAN's main contribution. The proposal is to go beyond the strictly linguistic view of the text to enrich the analysis with other components, such as musical, socio-situational and authorial. With the musical component, it is possible to analyze the multisemiotic discursive interactions in songs. The analysis goes beyond rhythm and melody and may also concern the harmonic cadences used by composers to express themselves in tonal music. With the socio-situational component, it becomes possible to analyze the intergeneric interactions, the multicultural and chronotopic interweavings of the song, which manifest themselves in different spheres of human activity.

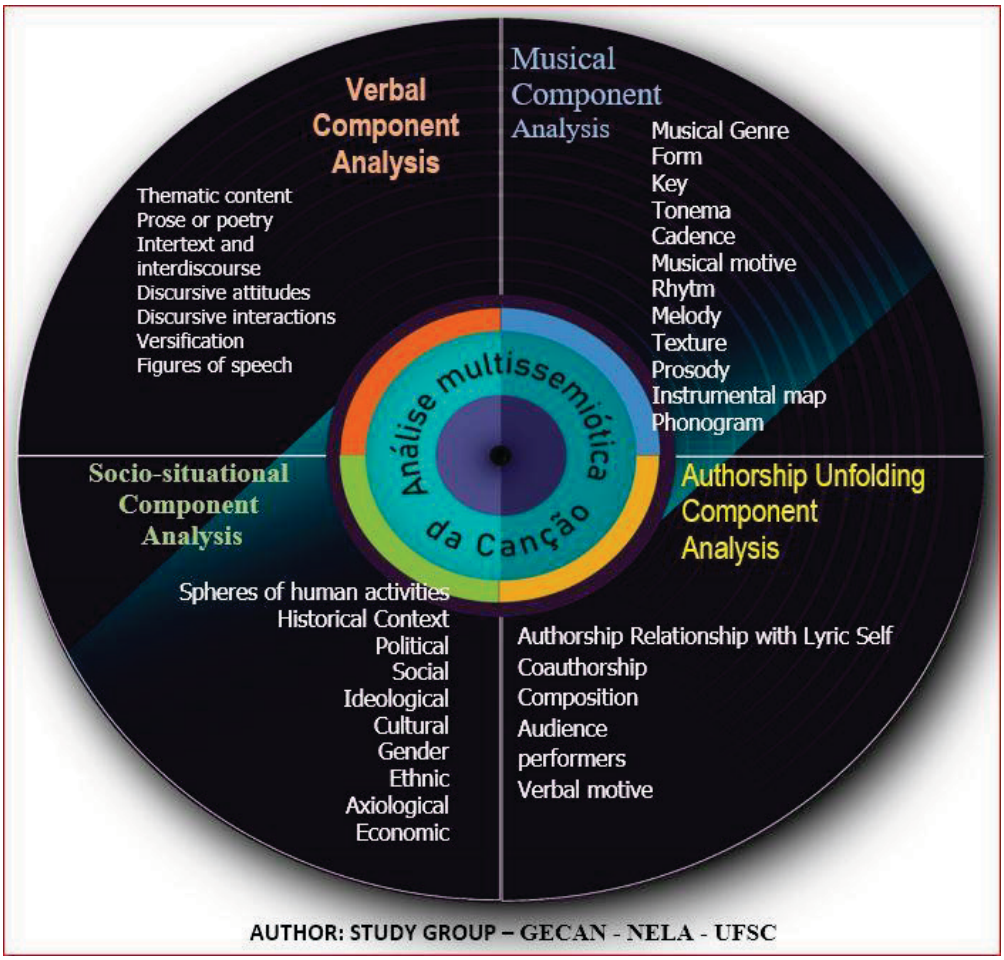


Figure 1: Tetragram of Multisemiotic Analysis of Song

Source: GECAN/NELA/UFSC (2021)

In this article, aiming to enrich the debate about the song as a genre of discourse and cultural artifact, and taking into account its importance as a tool for the teaching-learning process of a natural language — from the dialogical, critical, enunciative and interactionist perspective — we present a dialogical educational practice for working with the song at school, at university or in any other educational context, which can be added to the different methodological proposals for language teaching-learning, especially for the Portuguese language. Dialogical educational practices with denunciation songs as an object of knowledge are designed to offer, both to educators and students, a real possibility of voice[1], contributing to minimize oppression and silence about culture,

[1]Voice understood in the Freirian sense of being able to say your word, to create and recreate, to transform the world, as a human right (FREIRE, 1987 [1968].

gender, ethnicity, religion, and social and economic conditions of each participant in the Portuguese language class; paraphrasing Krenak[2][3] (2020, p. 27): to be able to sing always one more song "[...] to postpone the end of the world."[4]

We propose an educational practice that can develop the conscious use of languages: a critical formation, in the Freirian perspective, for democratic decision making, based on the consensual choices of a local and global song and a reflection-generating theme, contemporary and socially relevant to the community where the students live and live together. The example of analysis that will be presented in this article is designed to be developed with a high school class.

We started from the premise that, after a consensual negotiation between students and teachers, the chosen songs were "Um Índio", by Caetano Veloso, as an example of a song of global denunciation, and "Sepé Tiaraju", by Marcos Baltar, as an example of a song of local denunciation. The theme to be discussed, through both songs, is the attack and attempt to exterminate the native Brazilian peoples, also called original peoples of Brazil and, in more conservative literature, indigenous peoples, whose reality is increasingly impacted by the advances of a hegemonically neoliberal, neocolonial, and neo-fascist culture imposed by a white minority that sustains the current government since the impeachment of President Dilma Rousseff in 2016 and continuously dominates — with the exception of brief intervals, such as from 1961 to 1963 and from 2003 to 2016 — Brazilian politics throughout the country's history, since the first officially registered invasion in the year 1500.

2 LANGUAGE TEACHING: THEORETICAL AND METHODOLOGICAL FOUNDATION

Language practices with the song genre in language teaching and learning have the potential to develop students' multisemiotic competence. The Base Nacional Comum Curricular (BNCC) [National Curricular Common Base], approved in 2018, highlights the multisemiotic aspect of texts from different spheres of human activity to be worked on in class throughout basic education. According to this "normative" document, the teaching of Portuguese language in high school aims to

> [...] *deepen the analysis of languages and their functions*, intensifying the analytical and critical perspective of reading, listening and production of verbal and multisemiotic texts, and broaden the aesthetic, ethical and political references that surround the production and reception of discourses, expanding the possibilities of enjoyment, construction and production of knowledge, critical understanding and intervention in reality and social participation of young people in the areas of citizenship, work and studies. (BRASIL, 2018, p. 498, italics in the original).[5]

Denunciation songs are understood here as a multi-semiotic discursive genre, contemplating thematic content, language style and compositional construction (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 261); and, when adopted as a resource for educational practice with language, they allow students and teachers to explore langue and languages in their verbal, musical, socio-situational and authorial expression, including their ideological and formal aspects. *Baltar et al.* (2019, p. 17-18) explain that: "In the realm of interactionist perspective linguistics of Bakhtin's circle, Volóchinov (1997) and Bakhtin (1997); and Schnewly and Dolz (2004), the song can be

[2] From here on, all quotations will be freely translated, with their original correspondents in the footnotes.

[3] Paraphrased quote. Original text, from the book *Ideias para adiar o fim do mundo* [Ideas to postpone the end of the world], by Ailton Krenak (2020, p.27): "E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim." [And my point about postponing the end of the world is exactly that we can always tell one more story. If we can do that, we are postponing the end].

[4] "[...] para adiar o fim do mundo."

[5] [...] *aprofundar a análise sobre as linguagens e seus funcionamentos*, intensificando a perspectiva analítica e crítica da leitura, escuta e produção de textos verbais e multissemióticos, e alargar as referências estéticas, éticas e políticas que cercam a produção e recepção de discursos, ampliando as possibilidades de fruição, de construção e produção de conhecimentos, de compreensão crítica e intervenção na realidade e de participação social dos jovens, nos âmbitos da cidadania, do trabalho e dos estudos.

defined as a mega-instrument in the service of human interaction, a multi-semiotic discourse genre with thematic unity, compositional unity, and style".[6]

If denunciation songs are at the service of human interaction, historically constituted, they can be an opportunity to transpose or break the social walls of various spheres of human activity, such as school education, increasing the visibility and audibility of people's voices in the contemporary political, economic and social conjuncture, with historical versions of resistance and struggle for human rights and liberating education, for democracy. Freire; Macedo (2011 [1990], p. 91) asked, "Why are most people currently silenced? Why do they have to stifle their own discourse? When they are called to read, why do they only read the dominant discourse?".[7]

Brazilian society has undergone a colonizing linguistic control that imposed Portuguese as the only language to express ourselves, without taking into account the peoples and cultures that constitute us. Freire described his coexistence with cultural and linguistic diversity as an exiled in his books Pedagogia do Oprimido (1987 [1968]) [Pedagogy of the Oppressed], Pedagogia da Esperança (2015 [1992]) [Pedagogy of Hope], and Pedagogia da Autonomia (1999 [1996]) [Pedagogy of Autonomy]. Volóchinov, in 1930, presented this issue to us as one of the components of class struggles in which language, its teaching-learning, is an instrument of segregation, control, and maintenance of a standardized style of using certain words and not others (2019, pp. 316-317, 320-321). In 1947, Adorno and Horkheimer criticized the culture industry for causing harmful effects on people's identity. Baron; Baltar (2019, p. 167) explain how

> Mechanized music, commercial music, religious chants, sacred sculptures and images, military hymns, erudite music, canonized paintings, some of its currents, are the most cruel examples of an oppressive face of art at the service of economic, ideological and religious activities that, without anyone noticing, can promote the deconstruction of people's identity and culture, imposing standards of consumption, behavior, knowledge and art through education. The teaching of art and literature, valuing only the canons, is a reifying practice, common and natural in schools.8

Denunciation songs can highlight the ideologies of a society, a people, and a nation, because they are historically constituted within the class struggle. In the current political and economic situation in Brazil, we hear songs that contribute to maintain the *status quo* of domination by American imperialism and European colonialism, which maintains the oppression of subaltern populations, among which are the native peoples. These are songs that defend "white and heterosexual" supremacy over other races, ethnicities, sexualities, economic, social and gender conditions, which represent the people who form, live and coexist in Brazilian society and are part of the audience that is in schools to, "authoritatively", receive only the "teachings" of the Portuguese language. Paulo Freire (1987[1968], p. 117-118) explains that

> For the dialogic and problematizing educator-educated, the programmatic content of education is not a donation or an imposition — a set of information to be deposited in the students — but the organized, systematized and added return to the people of those elements that they handed over to them in an unstructured way. [...] There would be no shortage of examples that could be cited of plans, of a political nature or simply teaching, that failed because their creators started from a personal vision of reality. Because they did not take into account, in the least, the people in the situation to whom their program was addressed, except with pure incidences of their action.9

[6] No domínio da linguística de perspectiva interacionista do círculo de Bakhtin, Volóchinov (1997) e Bakhtin (1997), Schnewly e Dolz (2004) a canção pode ser definida como um mega-instrumento a serviço da interação humana, um gênero do discurso multissemiótico com unidade temática, unidade composicional e estilo.

[7] Por que a maioria das pessoas está atualmente silenciada? Por que eles têm que abafar seu próprio discurso? Quando são chamados a ler, por que só lêem o discurso dominante?

[8] A música mecanizada, a música comercial, os cânticos religiosos, as esculturas e imagens sacras, os hinos militares, a música erudita, as pinturas canonizadas, algumas das suas correntes, são os exemplos mais cruéis de uma face opressora da arte a serviço das atividades econômicas, ideológicas e religiosas que, sem ninguém perceber, podem promover a desconstrução da identidade e da cultura das pessoas, impondo padrões de consumo, de comportamento, de conhecimentos e de arte por meio da educação. O ensino da arte e da literatura, valorizando só os cânones, é prática reificadora, comum e natural nas escolas.

[9] Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos –, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma

Denunciation songs can be an important tool for understanding multiculturalism, as it is people with different backgrounds, ethnicities, races, and genders who are in classrooms. Certeau (2020 [1994], p. 43) points out that it is not only minorities who are silenced:

> The current figure of a marginality is no longer that of small groups, but a mass marginality; the cultural activity of the non-producers of culture, an unsigned activity, not legible, but symbolized, and that is the only one possible to all those who, nevertheless, pay, by buying them, the products-performances where a productivist economy is spelled out. It becomes universal. This marginality has become the silent majority.10

And these people, in their daily lives, in the place of living and coexistence, can somehow preserve various cultural values and knowledge related to their origins, including through the songs of their daily lives, and the school would be the last (and even the only) place where these cultural values could become visible and audible. The BNCC (BRASIL, 2018), although it suggests working with multisemiotic texts, at this point, fails to advance, when it maintains the *status quo* and pressures for cultural and linguistic standardization[11], and when it imposes the same canon texts for a multicultural student society. In a veiled way, the BNCC thus impedes the art of creative making. It would be left to students, as Certeau (2020, p. 40) suggests to *users*, "[...] that in the manner of the original peoples, users '*do a bricolag*" with and in the dominant cultural economy, using countless and infinitesimal metamorphoses of the law, according to their own interests and their own rules."[12]

Next, we present a brief description of dialogical educational practice, with the exercise of consensual negotiation and democracy, in the teaching-learning process of the Brazilian Portuguese language, with the choice of local and global songs and the generating theme that guides the debate between students and teachers.

3 DENUNCIATION SONGS IN DIALOGIC EDUCATIONAL PRACTICES

Dialogical educational practices with denunciation songs as objects for teaching and learning Brazilian Portuguese, either as a mother tongue or as a foreign language, represent an opportunity to exercise, on a daily basis, in the classroom, the appreciation of multiculturalism, democracy, racial, ethnic, gender, and sexual coexistence, with solidarity, tolerance, and hope.

Through the daily exercise of these practices guiding language teaching and learning, it is possible to build intelligibilities to deconstruct the oppressive, dominant, colonizing, and "standardizing" power relations that prevail in contemporary Western society.

The classes follow an initial sequence suggested here, but the teacher may change them according to their reading of the immediate school context. The activities can be individual or in groups, and the evaluation of the students' teaching-learning process can happen during the classes and/or with the evaluation of a final creative activity, with criteria negotiated in the class planning. The initial sequence of the proposal could:

---

desestruturada. [...] Não seriam poucos os exemplos que poderiam ser citados, de planos, de natureza política ou simplesmente docente, que falharam porque os seus realizadores partiram de uma visão pessoal da realidade. Porque não levaram em conta, num mínimo instante, os homens em situação a quem se dirigia seu programa, a não ser com puras incidências de sua ação.

[10] A figura atual de uma marginalidade não é mais a de pequenos grupos, mas uma marginalidade de massa; atividade cultural dos não produtores de cultura, uma atividade não assinada, não legível, mas simbolizada, e que é a única possível a todos aqueles que, no entanto, pagam, comprando-os, os produtos-espetáculos onde se soletra uma economia produtivista. Ela se universaliza. Essa marginalidade se tornou maioria silenciosa.

[11] We suggest reading the book *Uma leitura crítica da Base Nacional Comum Curricular*: compreensões subjacentes, organized by Terezinha da Conceição Costa-Hübes & Márcia Adriana Dias Kraemer (2019).

[12] [...] que à maneira dos povos originários, os usuários "façam uma bricolagem" com e na economia cultural dominante, usando inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei, segundo seus interesses próprios e suas próprias regras.

a) Start planning the work according to the school's Political Pedagogical Project (PPP), preferably a Dialogical Political Pedagogical Plan (PPPD) (PADILHA, (2017) [2001]), with the annual plan of activities of the Portuguese Language (PL) area, and the PL teacher, taking into account the area document in effect in their state or municipality. This planning can be done with colleagues from the same area or from different areas of knowledge, from a transdisciplinary perspective. In addition, it is important to take into consideration the material resources of the school and the time needed, measured in classes/meetings, to carry out the work with the denunciation song in the PL classes.

b) For the first meeting, present to the students the dynamics of the dialogical educational practice, with a debate about the basic concepts of song and song of denunciation and about analysis, in order to, if necessary, make an eventual reorganization of the planning.

c) For the second meeting, define criteria for conducting the choice of local and global songs; define public who will vote and the voting system and campaign of each student to defend the songs of their preference.

d) For the third meeting, listen to the denunciation songs, one local and one global, from each student who will make an argumentative presentation in defense of the songs they have chosen.

e) For the fourth meeting, refine, listen to the chosen songs, and define the generating expression(s) or words.

f) For the fifth meeting, listen to the songs with discussion and analysis, based on the components of the Tetragram of Multisemiotic Analysis of Song, according to the reorganized planning.

The methodology, briefly presented and described here, can start from a class in which teachers introduce students to a process of awareness about what denunciation songs are, how they can be understood, and how discursive, intergeneric, multisemiotic, chronotopic, and multicultural interactions occur.

After this initial preparation, the teachers, with their students, organize the action of choosing songs and theme words or expressions, with values to promote the language teaching-learning process.

After this initial preparation, the teachers organize the action of choosing songs and theme words or expressions with values to promote the language teaching-learning process with their students. At first, they can ask each student to bring to the next class a recording or a link to a local song and a recording or a link to a global song, with access to the lyrics, if possible with chords, and the sound or video recording of the song, preferably in the phonogram of the original version.

In the next class, the first step is for everyone to listen to the music that each classmate has chosen. The listening activity is sometimes not placed as a central action in educational practices. In our proposal, this moment of hearing songs is essential, since it allows for an active listening to the songs, observing the linguistic and musical resources, identifying the discursive strategies and the effects of meaning produced.

The act of listening goes beyond the act of just hearing the local and global songs that students bring to class and electing the songs to be worked on in class. Negotiation is also a process of listening to the voice of each student. For Paulo Freire (1999 [1996], p. 135),

> Listening is obviously something that goes beyond the hearing possibilities of each individual. Listening, in the sense discussed here, means the permanent availability on the part of the listening subject to be open to the speech of the other, to the taste of the other, to the differences of the other. This does not mean, of course, that listening demands from the one who really listens his reduction to the other who speaks. This would not be listening, but self-effacement. True listening does not in any way diminish in me the capacity to exercise the right to disagree, to oppose, to position myself. [...] Precisely because you listen, your discordant speech, being affirmative, because you listen, is never authoritarian.13

[13] Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gosto do outro, às diferenças do outro. Isso não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto-anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. [...] Precisamente porque escuta, sua fala discordante, em sendo afirmativa, porque escuta, jamais é autoritária.

In this dialogical educational practice that we are proposing, listening to the songs that each student has chosen is a priority and may bring an opportunity for education for listening, for responsiveness and otherness. Listening is only possible when we study and learn. After learning more about the components of multisemiotic analysis of the song proposed in the tetragram, it is possible to say that we are indeed learning how to listen to a song. With this power and multisemiotic knowledge, we are able to better understand the meanings and senses that the song mobilizes and how this can affect people, because songs, historically constituted, written, composed and interpreted, enclose a dialogic relationship between many selves and many others (FREIRE, 1999 [1996]). And, again here, initially in our proposition and, later, in the relationships between teachers and students in schools, it happens the listening that enables the dialogues between the artists of the songs chosen by each student, the saying and the listening in the relationship between teachers and students during the Portuguese language teaching-learning process.

So, continuing the description of how we think about dialogical educational practices with denunciation songs: now, with the sensibility of dialogical listening, even before they start listening to the songs that each student has chosen, teachers and students negotiate among themselves the methods of selecting the songs, one local and one global, among those that will be presented.

It is essential that there is an initial, quick presentation by each student defending the election of their song, but with an argumentation based on the concepts exposed in the initial lesson. The final choice method, which depends on the available lesson time and the number of students in the class, can be by acclamation, election, or by forming groups to decide on songs and values.

It is important to keep the same number of songs from the beginning of the process, for example, one local and one global, or two local and two global. It would be up to the teachers, with the help of students, to motivate and create the conditions for each student to be able to express themselves and participate in the whole process, presenting their songs, arguing about them during a previously negotiated period of time.

In a more complex, integralizing dynamic for the choice of songs, the themes to be addressed, for example, could also be requested from the entire school public or from the public outside the school, such as parents and people from the community, through consultation, poll, including the possibility of interaction with the community. This dynamic will depend on how the school interacts with the community, through its own channels and/or social networks, for instance.

The elements available for the evaluation of each student and of the Portuguese language teaching-learning process that this dialogical educational practice makes possible are: the result of the song selection process; the song analysis procedure, based on the different components of the Tetragram of Multisemiotic Analysis of Song; the conclusions about the themes addressed; and the linguistic and discursive competences and skills expected for teaching and learning coming from the analysis of the songs, including concrete proposals for "problematized" situations and that, necessarily, should be inherent to the school community, with real possibilities for intervention or relevant suggestions for decision making in the appropriate spheres.

The duration of such dialogical educational practice, following these and other procedures, as the school reality may require, will correspond to the time of the phonograms of the songs to be listened to, of the evolution of the students' critical consciousness about the theme addressed by the elected songs selected for problematizing debate and discussion, as well as of the improvement of their abilities to analyze the songs from the multisemiotic perspective.

In the following, we present an example of a multisemiotic analysis of a local and a global song, after a consensual negotiation in a public school in Florianopolis, SC.

4 ANALYSIS OF THE SONGS "UM ÍNDIO" AND "SEPÉ TIARAJU"

After a consensus between teachers and students, the denunciation songs chosen were "Um Índio" by Caetano Veloso, a global song, and "Sepé Tiaraju" by Marcos Baltar, a local song.

Taking into consideration the process of listening to the denunciation songs as a procedure that stimulates the holistic understanding of the song genre, highlighting its multi-semiotic whole, we suggest, as the first activity of the dialogical educational practice, listening to two denunciation songs.

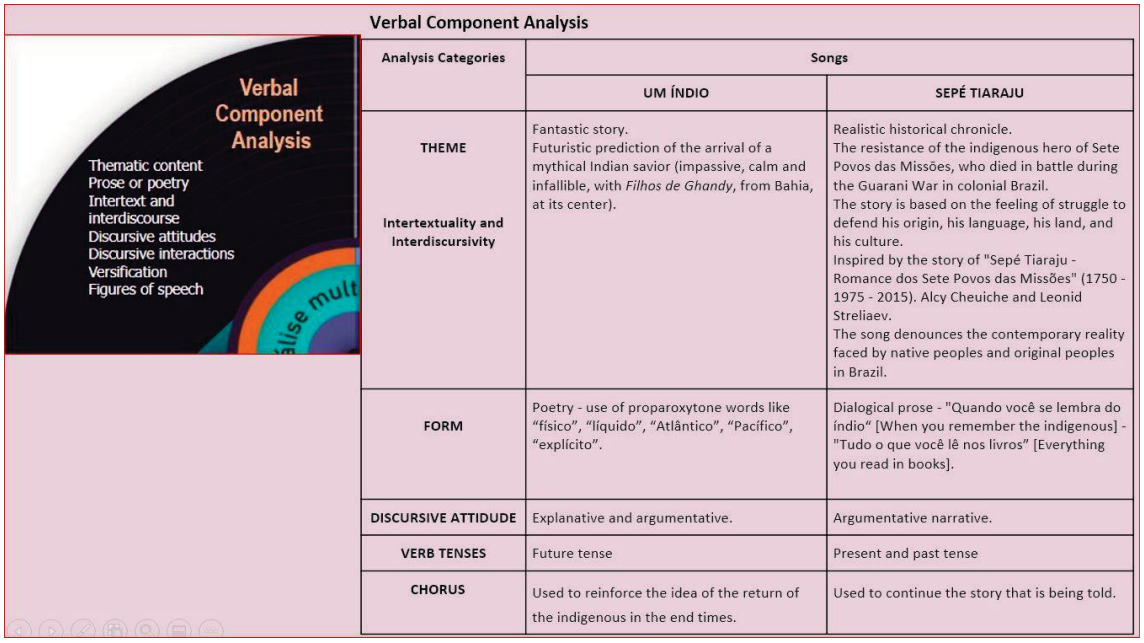
The generating theme of the practice, defined together with the choice of the denunciation songs, concerns the historical attack against the native Brazilian people. With these decisions, the teacher coordinates the activities of denunciation song analysis based on the Tetragram of Multisemiotic Analysis of Song, proposed by GECAN.

The tetragram is composed of four main components: *verbal component*, *musical component*, *socio-situational component*, and *authorship unfolding component*, which encompass several analytical categories. These categories come from different areas of knowledge, based on diverse theoretical currents, such as music theory, applied linguistics, textual linguistics, socio-discursive interactionism, Bakhtin's circle, literature, sociology, anthropology, history, etc. Below is a description of each component associated with its respective analytical categories.

- **Verbal component analysis**: thematic content; verbal motive; prose or poetry; intertext and interdiscourse; discursive attitudes (BALTAR, 2007); discursive interactions; versification; figures of speech; etc.
- **Musical component analysis**: musical genre; form; tonality; toneme; cadence; musical motive; rhythm; melody; texture; prosody; Instrumental map; phonogram; etc.
- **Socio-situational component analysis**: spheres of human activities; chronotope; historical, political, social, ideological, cultural, gender, ethnic, axiological, and economic context; etc.
- **Authorship unfolding component analysis**: authorship relationship with the Lyric Self; co-authorship; composition; audience; performers; verbal motive; etc.

The four components presented in the Multisemiotic Analysis Tetragram of Song, which is not a closed analytical instrument, can be improved, even with the reformulation or inclusion of new categories of analysis presented in it. As we have already mentioned in this text, the beginning of the work with a song is always done by listening to it. We suggest that the first listening should be a listening of fruition so that the audience can perceive, in an impressionistic way, the effects of meaning provoked by the song. Before starting the analysis, the teacher can explain that the song is being understood as a genre of discourse for socio-discursive interaction in a particular sphere of human activity, which also appears as an artifact of the cultural industry that circulates and is accessed in different media of contemporary society, and that is being worked in the school sphere with language teaching-learning objectives, seeking to qualify your listening. From a second listening, the teacher and the students can direct their attention to a specific component of analysis. In our understanding, it is not necessary to always follow the same prescriptive order of analysis. We design the tetragram by imagining an LP spinning on the record player and an analytical needle running across the groove of the vinyl, picking up the nuances of the song genre in the different categories of the four components. Below, we present our comparative analysis of two denunciation songs that we chose to exemplify our proposal.

The ***verbal component*** of the multisemiotic analysis of the song is already known in language teaching, especially in foreign language classes — but we understand that there is room for expanding the way it is worked. The exploration of the verbal aspects of the song allows the expansion of the lexicon, the recognition and appropriation of the thematic content, the expansion of the linguistic repertoire, the contact with linguistic variations and figures of speech, the development of reading and listening skills, of textual and discursive comprehension, and an understanding of the prevailing discursive attitudes in the composer's project of saying. In figure 2 we have a table presenting a comparative profile of the analysis of the verbal component of the two songs.



Verbal Component Analysis

Analysis Categories	Songs	
	UM ÍNDIO	SEPÉ TIARAJU
THEME Intertextuality and Interdiscursivity	Fantastic story. Futuristic prediction of the arrival of a mythical Indian savior (impassive, calm and infallible, with *Filhos de Ghandy*, from Bahia, at its center).	Realistic historical chronicle. The resistance of the indigenous hero of Sete Povos das Missões, who died in battle during the Guarani War in colonial Brazil. The story is based on the feeling of struggle to defend his origin, his language, his land, and his culture. Inspired by the story of "Sepé Tiaraju - Romance dos Sete Povos das Missões" (1750 - 1975 - 2015). Alcy Cheuiche and Leonid Streliaev. The song denounces the contemporary reality faced by native peoples and original peoples in Brazil.
FORM	Poetry - use of proparoxytone words like "físico", "líquido", "Atlântico", "Pacífico", "explícito".	Dialogical prose - "Quando você se lembra do índio" [When you remember the indigenous] - "Tudo o que você lê nos livros" [Everything you read in books].
DISCURSIVE ATTIDUDE	Explanative and argumentative.	Argumentative narrative.
VERB TENSES	Future tense	Present and past tense
CHORUS	Used to reinforce the idea of the return of the indigenous in the end times.	Used to continue the story that is being told.

Figure 2: Verbal component analysis

Source: Authors (2021)

About the analyzed songs, regarding the theme: in "Um Índio", there is a fantastic and futuristic story that predicts the arrival of a mythical savior being. In "Sepé Tiaraju", there is a historical-realistic chronicle that honors the resistance of the hero of the Sete Povos das Missões, who died in combat during the 18th century Guaranitic war, awakening the feeling of struggle to defend his land and culture. Both songs represent a denunciation of the contemporary reality faced by Brazilian native peoples. In terms of form, Caetano Veloso's song is organized as a poem, making use of Portuguese language specific stylistic sound resources such as the proparoxytones (*físicos*, *líquidos*, *atlânticos*, *pacíficos*, *explícitos*); Marcos Baltar uses a dialogical prose "When you remember the Indigenous/ Everything you read in books"[14]. Concerning the verbal tense: in "Um Índio", the future tense predominates and in "Sepé Tiaraju", the present and past tense. Regarding the discursive attitude, we highlight the exposition, explanation and argumentation in Caetano Veloso's song, and the report and argumentation in Baltar's song.

The proposed analysis of the ***musical component*** highlights the importance of this aspect in the composers' project of saying, to better understand the totality of a song. Music is fundamentally the result of the combination of sound signs — frequencies — amalgamated by harmony, melody and rhythm, stimulating the audience to

> [...] to perceive the chords of the harmonic field of the song tonality; identify its cadences and try to recognize them in the music; perceive, in audition, the syncopations and the rhythmic diversity of the songs; understand the ascending and descending movements of the melody; perceive its melodic motive; etc. Finally, interact with the composers, feel the aesthetic sound sensation of the song through emotion and awaken intelligibility channels in a more holistic way, on its form and content. (BALTAR et al., 2019, p. 22-23)

The analysis of the sound, the musical component of a song, requires knowledge that Brazilian Portuguese language teachers did not always have in their training courses, so we considered the possibility of establishing partnerships with other teachers, students or people from around the school (local community) who have musical knowledge. Both songs are in the key of E (E major) and are structured in the AB form. In terms of sound, the song "Um Índio", besides the voice, is arranged in acoustic guitar, bass and drums, percussion, keyboard and string orchestra; and "Sepé Tiaraju", voice and electric guitar with synthesizer. The phonogram duration for the first song is 2'55", and for the second is 4'04".

[14] "Quando você lembra do índio/ Tudo o que se lê nos livros"

Musical Component Analysis

Analysis categories	Songs	
	UM ÍNDIO	SEPÉ TIARAJU
Album	Album: Bicho, track 5, LP Selo Philips - Universal Music Ltda	Album: Luzes Acesas, track 7, Music composition 2016/2017
Year	1977 (remixed in 2018)	2017
Phonogram time	2'55"	4'04"
Form – Structure	AB	AB
Key	E Major	E Major
Cadence A	A - I - IV - V	A - I (9) - IV (9) - I (9) - IV (9) - VI - I (9) - VI- V (sus) (VI = C – borrowed chord)
Cadence B	B - VI - II - IV - V (II = F#7 - F#7 (secondary dominant)	B - I - bII - I - bII - I - bII - I - bI - I
Texture	Guitar, Keyboard, String Orchestra	Electric guitar with synthesizer



Figure 3: Musical component analysis

Source: Authors (2021)

The analysis of the ***socio situational component*** of the song highlights the social and cultural dimension of the time and place in which it was produced. It also highlights the contexts in which the public or audience engaged and struggled over the issues that generated and mobilized the songs. Forty years separate the production of the two songs. Caetano Veloso released "Um Índio" in 1977, on the album "Bicho", and Marcos Baltar released "Sepé Tiaraju" in 2017, on the album "Luzes Acesas".

In the case of the songs we are analyzing, whose themes are the attack on Brazilian native peoples, we emphasize that it is urgent that this theme be dealt with in the classroom. The song "Um Índio" is characterized as (+ -) global, because it is produced by a famous artist, recognized and widely distributed by the cultural industry. Composed in 1977, it is set in the historical period of the beginning of the end of the dictatorship in Brazil (1964-1985), a period of intense repression against the culture of native peoples. In 2018, due to the new increase in violence against native peoples, the album "Bicho" was remixed.

Socio-situational Component Analysis

Analysis categories	Songs	
	UM ÍNDIO	SEPÉ TIARAJU
Spheres of human activities. Historical and Chronotopical Context.	(+ -) Global - 1977 composition that marks the beginning of the end of the dictatorship in Brazil (1964-1985); - Remixed in 2018 with the increase in violence against native or indigenous peoples; - Connects historical figures from native or indigenous peoples with figures from the Western world; - Romanticizes the indigenous person based on Western values and powers, as a triumphant return of a heroic savior at the end. Circulation Spaces - Cultural Industries	(+ -) Local - 2017 composition alluding to the massacre of the Guarani people (1750), in the current region of Missões, RS, Brazil, in reaction to the Madrid Treaty between Portugal and Spain; - Composed in the context of the Impeachment of President Dilma Rousseff (2016), an attack on national sovereignty; - Increased and resumption of attacks on indigenous reserves (2017 - 2021); - The attack by the federal government, elected in 2018, on health, education, public universities, and human rights. Circulation spaces - local festivals.

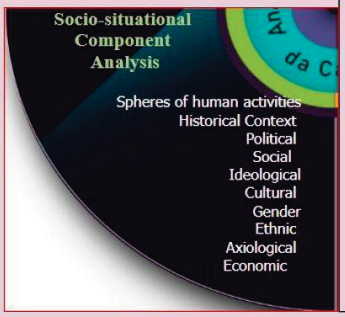


Figure 4: Socio-situational component analysis

Source: Authors (2021)

This song links local historical figures of the indigenous peoples with global historical figures and personalities, somehow romanticizing the indigenous peoples by giving them Western values and powers, like a triumphant return of a savior hero: "He'll come! (He will come!)/ Impassive like Muhammed Ali/ He will come, that I saw/ Passionately like Peri/ He will come, that I saw/ Calm and infallible like Bruce Lee/ He will come, that I saw/ The axé of the afoxé *Filhos de Gandhy*/ He will come!"[15]

"Sepé Tiaraju", on the other hand, is characterized as a (+ -) local song, because it is circumscribed to the sphere of human activity in which it was produced and to local music festivals. Its composer is not known in the Brazilian cultural industry. Composed in the early 2000s and recorded in 2017, it alludes to the massacre of the Guarani people (1750), in the current region of Missões, in the state of Rio Grande do Sul (Brazil), as a result of the Treaty of Madrid, signed between Portugal and Spain. The song was released on the album "Luzes Acesas", produced in the context of the impeachment (political coup) of President Dilma Rousseff (2016), seen as an attack on national democracy. After this episode, there was an increase and resumption of attacks on indigenous reserves, authorized by the federal government in favor of large landowners who want to use Amazonian lands to increase the area for cattle ranching and soybean planting. After the period of the coup government of Dilma's vice president, Michel Temer, the current government, which took office in January 2019, governs by the order of neoliberalism, promoting the dismantling of health, education, public universities, and human rights. Marcos Baltar describes and denounces the reality of the Brazilian native peoples: "Today, the indigenous people are caricatured on TV and burned in Brasilia/ Some sell handicrafts to feed their families/ Some hide land mined under environmental laws/ Some negotiate directly with multinationals."[16].

In the ***authorship unfolding component*** analysis, we highlight that both songs have an engaged audience, despite the different scope, as placed earlier, regarding the local and global relationship. Figure 5 presents a contrastive analysis of the authorship unfolding component of the two songs.

Authorship Unfolding Component Analysis

Analysis categories	Songs	
	UM ÍNDIO	SEPÉ TIARAJU
AUTHOR	CAETANO Emanuel Viana Teles VELOSO - Brazilian musician, poet, music producer, arranger, and writer. His compositions and performances have crossed continents for over five decades.	MARCOS Antonio Rocha BALTAR – writer, poet, musician, composer, performer, and university professor, born in the lands of Mission, RS, currently living in Florianópolis, SC.
LYRIC SELF	Announces what will happen Announces a savior Links the heroes of the counter-hegemonic world with the heroes of the native and indigenous peoples of Brazil.	Tells what happened in the form of a dialogue, and narrates the current condition of the indigenous people in the cities Dialogues with the mythical Tiaraju and with his interlocutors.
PERFORMER – Authorship Unfolding	Caetano, Milton Nascimento, Maria Betânia, Elba Ramalho, etc.	Marcos Baltar Support voice - Marissol Mwaba
AUDIENCE	National and international audience (engaged public)	Local audience, Florianópolis, SC (engaged public)



Figure 5: Authorship unfolding component analysis
Source: Authors (2021)

As for composers, Caetano Emanuel Viana Teles Veloso is a Brazilian musician, poet, producer, arranger, and writer. His compositions and performances have crossed continents for more than five decades. He was born in Santo Amaro, Bahia, and currently lives in Rio de Janeiro. Marcos Antonio Rocha Baltar, in turn, is a writer, composer, performer, and university professor. He was born in Santo Ângelo, in Rio Grande do Sul, and currently lives in Florianópolis, Santa Catarina, Brazil.

[15] Virá! (Ele virá!)/Impávido que nem Muhammed Ali/ Virá, que eu vi/ Apaixonadamente como Peri/ Virá, que eu vi/ Tranquilo e infalível como Bruce Lee/ Virá, que eu vi/ O axé do afoxé Filhos de Gandhy/ Virá!

[16] Hoje, os índios são caricaturados na TV e queimados em Brasília/ Uns vendem artesanato para alimentar a família/ Uns escondem terras jazidas sob leis ambientais/ Uns negociam direto com as multinacionais.

In the denunciation song "Um Índio", the lyrics point out what will happen in the southern hemisphere "after the extermination of the last Indigenous nation"[17], announcing the arrival of an Indigenous savior, comparing him to some heroes of the western world. In "Sepé Tiaraju", the lyrics relate historical events in dialogue form, highlighting the situation of the people belonging to the original peoples, outside their origins, in the coexistence with other cultures, in contemporary cities, for example. The author dialogues with the mythical Tiaraju and with his interlocutors: "Tiaraju, your arm wrote the time/ Your courage cut the wind/ Made your people react/ Tiaraju, with your mission song/ Make the Brazilian people deserve this land".[18]

Finally, with the analysis of the denunciation song based on the tetragram, we reiterate the importance of considering the relationship between the four components, thus avoiding the reduction of the song genre, which is not in accordance with the multisemiotic and multicultural perspective of language teaching and learning that we value in our proposal.

It is also worth mentioning that the choices of categories analyzed here reflect our vision, taking into account our academic, pedagogical, musical, personal and political experiences. However, we understand that many other readings can be made. It is important to remember that the songs analyzed in this paper are only a sample of the extensive Brazilian repertoire on the theme related to Brazilian native peoples.

5 CONCLUSION

With the analysis of the denunciation songs "Um Índio" and "Sepé Tiaraju", based on the components of the Tetragram of Multisemiotic Analysis of Song, it was possible to show the richness of such songs as tools for teaching and learning languages — especially Portuguese, treated in this article both as a mother tongue and a foreign language —, through dialogical Freirian educational practices adopted by our study group of song, GECAN. In this perspective, we consider that the consensual choice of the theme, of a local song and a global song of denunciation, and of the multiple semiotic analytical procedure foreseen in the tetragram — with verbal, musical, socio-situational and authorial components — can contribute to the formation of people with social autonomy, with critical spirit, with power to read historically constituted worlds, and prepared for the exercise of democracy.

The balanced analysis of verbal components, linguistic elements (such as figures of speech, discursive attitudes, etc.) and musical elements (such as melody, rhythm, cadence, etc.), along with the socio-situational context of the production of the works and the unfolding of authorship, allows students and teachers to enter the field of art and culture through the multisemiotic understanding of the genre. Furthermore, the contrast between the local and global denunciation song can promote the development of an ethical and aesthetic perception of the artifacts of the culture industry, which can explain the concept of cultural hegemony proposed by Gramsci in his *Prison Notebooks*. The attention given to the rhythmic, melodic and harmonic aspects of the song, when it is taken as a teaching object, may favor a sensitive learning of the Portuguese language and may allow teachers and students a more solid understanding of the relationship between different languages: the verbal and musical signs.

Listening to songs and singing are two daily acts, especially for high school students, who usually have a large musical repertoire. After a dialogical educational practice under the conditions proposed here, they also start listening to songs in a more qualified way, expanding their first impressionistic listening perception to a more conscious analytical listening. This more conscious analytical listening can help students and teachers to understand the intricacies of the processes of cultural hegemony, because, according to what Gramsci (1999) proposes, to reach their hegemony, the subaltern classes need to go through the processes of identification, split, and overcoming.

Thus, every time teachers value their students' personal experiences and they are listened to in Portuguese language classes — and the work with song analysis can make this possible —, we are approaching a liberating and integrative educational practice, in the

[17] "após o extermínio da última nação indígena".

[18] "Tiaraju, o teu braço escreveu o tempo/ Tua coragem cortou o vento/ Fez teu povo reagir/ Tiaraju, com teu canto missioneiro/ Faz o povo brasileiro essa terra merecer".

Freirean sense, understanding the human being integrated in his context "[...] resulting not only from being in it, but with it, and not from mere adaptation, accommodation, or adjustment, since [...] its integration roots him" (FREIRE, 2014 [1965], p. 58-59).[19]

To summarize, in this article, a proposition of dialogical educational practice of language teaching-learning was presented in which, after a consensus between teachers and students, the songs chosen were "Um Índio" by Caetano Veloso (a global song) and "Sepé Tiaraju" by Marcos Baltar (a local song), as objects of knowledge. With the analysis of these songs, considered as genres of multisemiotic discourse, through the Tetragram of Multisemiotic Analysis of Song, it was possible to bring the Portuguese language teaching-learning processes closer to the life experiences of teachers and students, having prevailed the democratic, dialogic and interactionist relations, stimulated by a critical and libertarian pedagogy.

REFERENCES

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Fragmentos Filosóficos. 1947. (Dialektik der Aufklärung – Philosophische Fragmente). Versão traduzida do alemão para o português. Frankfurt, 1969. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/fil_dialetica_esclarec.pdf. Acesso em: 28 ago. 2021.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo: Paulo Bezerra. 1. ed. 1992. 6. ed. 2011. Moscou, 1979. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BALTAR, M. *et al*. *Oficina da canção*: do maxixe ao samba-canção. Curitiba: Appris, 2019.

BALTAR, M. O conceito de tipos de discurso e sua relação com outros conceitos do ISD. *In*: GUIMARÃES, A. M. de M. *et al* (org.). *O Interacionismo Sociodiscursivo. Questões epistemológicas e metodológicas*. Mercado de Letras. Campinas, SP: 2007. p. 145-160.

BALTAR, M. *Sepé Tiaraju*. Áudio disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ajvqwKULI9U. Letra cifrada disponível em: https://www.cifraclub.com.br/marcos-baltar/sepe-tiaraju-2/. Acesso em: 08 jun. 2021.

BARON, R.; BALTAR, M. A literatura, as canções e a humanização das práticas sociais no ensino da língua escrita. *Revista Cerrados*, v. 28, n. 51, 2019. p. 149-173. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/26883. Acesso em: 16 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. 1994. Tradução: Ephraim Ferreira Alvez. 22 ed. 5. reimpressão. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2020.

COSTA-HÜBES, T. da C.; KRAEMER, M. A. D. (org.). *Uma leitura crítica da Base Nacional Comum curricular:* compreensões subjacentes. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019.

FREIRE, P. *A pedagogia da esperança*: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. Coleção de leitura. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

[19] "[...] resultante não só de estar nele, mas com ele, e não de mera adaptação, acomodação ou ajuste, já que [...] sua integração o enraíza".

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P.; MACEDO, D. *Alfabetização:* leitura do mundo, leitura da palavra. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2011.

GERALDI, J. W. (org.). *O texto na sala de aula*. 1984. São Paulo: Ática, 2011.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

KRENAK, A. 2019. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PADILHA, P. R. *Planejamento dialógico*: como construir o projeto político pedagógico da escola. IPF 2001. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

VELOSO, C. *Um índio*. Áudio disponível em: https://youtu.be/-n1ZRbRKHOo. Letra disponível em: http://mappesonore.altervista.org/dettagli/dettaglio_brano.php?musicistabrano=17603 Acesso em: 02 dez 2021.

VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia.* Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 1929. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Received on September 2, 2021. Approved on December 4, 2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e81072

PROXÊMICA LINGUÍSTICO -DISCURSIVA: UM MECANISMO DE MODALIZAÇÃO INTERSUBJETIVA[1]

PROXÉMICA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA: UN MECANISMO DE MODALIZACIÓN INTERSUBJETIVA

LINGUISTIC-DISCURSIVE PROXEMICS: A MECHANISM OF INTERSUBJECTIVE MODALIZATION

Rodrigo Albuquerque*
Aline Muniz**
Universidade de Brasília

RESUMO: A partir das contribuições conceituais de proxêmica e de proxêmica verbal, almejamos construir o conceito de proxêmica linguístico-discursiva. Para tanto, utilizaremos três textos empíricos, com a finalidade de dar visibilidade a esse mecanismo em três campos teóricos distintos: as teorias de (im)polidez e de face; a noção de gêneros discursivos; e a indexicalidade comum às pistas contextualizadoras, à referenciação e à dêixis social/discursiva. Em suma, constatamos que a proxêmica linguístico-discursiva, presente nos três campos teóricos, se relaciona ao estabelecimento de interações mais/menos (as)simétricas.
PALAVRAS-CHAVE: Proxêmica linguístico-discursiva. Modalização intersubjetiva. (Im)polidez. Gêneros Discursivos. Indexicalidade.

RESUMEN: A partir de los aportes conceptuales de proxémica y proxémica verbal, pretendemos construir el concepto de proxémica lingüístico-discursiva. Por tanto, utilizaremos tres textos empíricos, con el propósito de dar visibilidad a este mecanismo en tres campos teóricos distintos: las teorías de la (des)cortesía y de face; la noción de géneros discursivos; y la indexicalidad común a las pistas de contextualización, la referenciación y la deixis social / discursiva. En definitiva, encontramos que la proxémica

[1] Em uma primeira versão, este artigo foi denominado *Proxêmica linguístico-discursiva nas interações face a face*. Contudo, diante de outros caminhos que o manuscrito tomou, foi necessário adequar o título.

* Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília e docente na mesma instituição. E-mail: rodrigo.albuquerque.unb@gmail.com. ORCID: http://orcid.org/0000-0002-5279-4311.

** Mestra em Linguística pela Universidade de Brasília e graduada em Letras – Português do Brasil como Segunda Língua pela mesma instituição. E-mail: aline.munizaraujo@gmail.com. ORCID: http://orcid.org/0000-0002-6718-1817.

lingüístico-discursiva, presente en los tres campos teóricos, está relacionada con el establecimiento de interacciones más / menos (as) simétricas.
PALABRAS CLAVE: Proxémica lingüístico-discursiva. Modalidad intersubjetiva. (Des)cortesía. Géneros Discursivos. Indexicalidad.

ABSTRACT: Based on the conceptual contributions of proxemics and verbal proxemics, we aim to construct the concept of linguistic-discursive proxemics. Therefore, we will use three empirical texts, with the purpose of giving visibility to this mechanism in three distinct theoretical fields: the theories of (im)politeness and face; the notion of discourse genres; and the indexicality common to contextualization cues, referencing and social/discursive deixis. In short, we found that the linguistic-discursive proxemics, present in the three theoretical fields, is related to the establishment of more/less (as)symmetric interactions.
KEYWORDS: Linguistic-discursive proxemics. Intersubjective modality. (Im)politeness. Discourse Genres. Indexicality.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em um artigo divisor de águas para a Sociolinguística Interacional, Goffman (1964) dá relevo à situação negligenciada por algumas correntes de estudos da linguagem: as condutas sociais acompanham a fala. Inegavelmente, quando falamos, agimos, como bem destaca Austin (1975 [1962]). Logo, essa fala, de caráter acional, não se dissocia de outras manifestações linguageiras, as quais convocam os/as interagentes para a construção conjunta de sentidos. O termo *conjunta* pressupõe, ao mesmo tempo, que tais sujeitos constroem mutuamente os sentidos, e que estes congregam múltiplas semioses.

Esse processo de construção de sentidos, inerente à interação[2], engloba, entre outros recursos semióticos, mecanismos de linguagem que podem promover aproximação e distanciamento dos/as interagentes nos planos (não)verbais. Nesse sentido, a distância interlocutiva se estabelece por meio de modalizações (não)verbais, com vistas a promover maior/menor aproximação ou distanciamento, a depender dos propósitos interacionais dos sujeitos. Pressupomos que esse mecanismo regulador, denominado por nós de proxêmica linguístico-discursiva, esteja presente em diversas manifestações linguageiras. Esse mecanismo aciona sentidos distintos que dizem respeito, por exemplo, a (im)polidez, (in)formalidade, (não)envolvimento conversacional, violência física/simbólica/(não)verbal, ironia/sarcasmo, afetividade/indiferença, apatia/empatia, (as)simetria dos/as interlocutores/as etc.

Frequentemente confundida pelo senso comum com mitigação/atenuação, a modalização assume um caráter hiperonímico no plano da significação (ALBUQUERQUE, 2015). Inspirados em Koch (1998), consideramos que a modalização sinaliza o modo como aquilo que se enuncia é, de fato, enunciado, de forma que tais usos, consoante Turnbull e Saxton (1997), possam abrir espaço para o julgamento dos/as interlocutores/as. No âmbito da proxêmica linguístico-discursiva, a modalização se associa tanto às aproximações e aos distanciamentos marcados nos planos (não)verbais quanto aos efeitos e às avaliações de tais ações (não)verbais.

Diante desses pressupostos, almejamos construir o conceito de proxêmica linguístico-discursiva, a partir das contribuições conceituais de proxêmica (HALL, 1965 [1959], 1963, 1986 [1966], 1968) e de proxêmica verbal (CARREIRA, 1997, 2008, 2014, 2015, 2017b). Por meio de três textos empíricos, daremos visibilidade a esse mecanismo em três campos teóricos distintos: as teorias de (im)polidez e a noção de face; a noção de gêneros discursivos; e a indexicalidade comum às pistas contextualizadoras, à referenciação e à dêixis social/discursiva. Inscritos na Sociolinguística Interacional, na Pragmática e na Linguística Textual, acreditamos que os pressupostos teóricos em interface e o nosso objetivo possam contribuir para dar relevo a um mecanismo bastante presente nas interações cotidianas, com a finalidade de atribuirmos ainda mais sentido às práticas sócio/interculturais das quais participamos.

[2] Para nós, oralidade e escrita, de modo contínuo, acionam sujeitos sociocognitivos/interacionais, rompendo, assim como nos inspira Marcuschi (2008), com a dicotomia de que o caráter interacional só está presente em encontros face a face. Sob esse prisma, somos partidários de que quaisquer textos – oriundos de meio gráfico/sonoro, inscritos em concepção oral/escrita, produzidos on-line/off-line – convocam interagentes, carreiam sentidos negociáveis e, portanto, assumem propriedades interacionais.

2 A PROXÊMICA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA: UMA PROPOSTA

Nesta seção, propomos uma integração conceitual entre proxêmica (HALL, 1965 [1959], 1963, 1986 [1966], 1968) e proxêmica verbal (CARREIRA, 1997, 2008, 2014, 2015, 2017b), admitindo, sob a ótica sociointeracional, que semioses verbais e não verbais atuam conjuntamente e, em especial, evocam uma dimensão discursiva, (re)construída em instâncias intersubjetivas. Assumimos, paralelamente, que a integração proposta – *proxêmica linguístico-discursiva* – visa dar relevo à regulação proxêmica intersubjetiva e discursiva presente em algumas proposições teóricas, a serem exploradas na próxima seção.

A proxêmica, termo cunhado por Hall (1963), diz respeito à percepção dos sujeitos quanto ao uso do espaço. Originalmente, o conceito não se associou diretamente a humanos, mas a um complexo comportamento de atividades relativas à territorialidade animal (HALL, 1968). Observou-se que certos comportamentos animais, tais como os estímulos sensoriais e as hierarquizações, são semelhantes ao modo como o homem experiencia o espaço físico (na organização e no controle desse espaço). Rector e Trinta (1986) destacam que a territorialidade se relaciona com a agressão, que, na visão dos etólogos, consiste em um ingrediente necessário à vida, motivando os animais a estabelecerem o distanciamento adequado. Proxêmica, portanto, congrega invasão e defesa (KNAPP, 1972; KNAPP; HALL, 1992).

Transpondo-o para as relações humanas, o termo aplica-se "[a]o significado social do espaço" (RECTOR; TRINTA, 1986, p. 60), relacionando-se, segundo assegura Hall (1963), à estruturação cotidiana e inconsciente do microespaço pelos/as interagentes, a partir de marcações posturais, de orientação espacial, de manifestações cinésicas, de contato físico, de direcionamento de olhar, de sensação térmica, de percepção olfativa e de volume de voz. Essas regulações "dão tom à comunicação, acentuam-na e, às vezes, substituem o mundo falado", de forma que "[...] o fluxo e a mudança de distância entre as pessoas à medida que elas interagem [sejam] parte integrante do processo de comunicação" (HALL, 1965 [1959], p. 160).

Afiliado a uma perspectiva marcadamente cultural, Hall (1986 [1966]) investiga a inter-relação dos sujeitos com o espaço físico; em especial, o modo como tais sujeitos, influenciados por convenções culturais, negociam as distâncias e as aproximações, em conformidade com suas demandas sociointeracionais. Tal associação indica que o conceito não se atrela somente à relação sujeito-ambiente, visto que a territorialidade intervém nas esferas pessoais e sociais, na construção das imagens dos/as interagentes, nas relações hierárquicas entre tais interagentes e nas convenções instituídas sócio/interculturalmente. Hall (1986 [1966]) admite não ser possível agirmos ou interagirmos dissociados de nossa cultura. Esta, nesse sentido, enquadra e perspectiva as experiências sensoriais nas diferentes interações.

As distâncias são percebidas, segundo Hall (1986 [1966]), em três níveis, a saber: infracultural (aspectos biológicos), pré-cultural (aspectos fisiológicos) e microcultural (aspectos sócio/interculturais). Em linhas gerais, Hall (1986 [1966]), mesmo focalizando o caráter cultural das distâncias, propõe a seguinte notação proxêmica: íntima (0 a 40cm), pessoal (45cm a 1,25m), social (1,25 a 3,6m) e pública (acima de 3,6m). Muito além de uma referência numérica, cremos que Hall (1986 [1966]), sem qualquer pretensão universalista, traz possibilidades de distintas organizações interpessoais a partir de gêneros discursivos em que os/as interagentes se inscrevem.

Ao cunhar o termo *proxêmica verbal*, Carreira (1997) concebe, a partir da noção de proxêmica (HALL, 1965 [1959], 1963, 1986 [1966], 1968) e do modelo trimorfo de Pottier (aproximação, contato e afastamento), que a regulação da distância interlocutiva pode ocorrer no plano verbal, por meio de formas de tratamento (ou, de modo mais global, por meio de um leque de possibilidades de autodesignação e de heterodesignação), de formas de interlocução e de formas de polidez (CARREIRA, 1997, 2014, 2015). Para tanto, o espaço interlocutivo regula-se por meio de três variáveis: (i) eixos horizontal e vertical (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992); (ii) atos de elocução, de alocução e de delocução (CHARAUDEAU, 2008); e (iii) polidez linguística (BROWN; LEVINSON, 1987).

Mesmo assumindo ser complexa a transposição de relações espaciais (proxêmica) para domínios não espaciais (proxêmica verbal), Carreira (1997) julga pertinente extrapolar o conceito antropológico, enquadrando metaforicamente o espaço no âmbito da distância/proximidade social, emocional e cognitiva. A autora considera que a relação entre proximidade e distanciamento na dimensão verbal afeta as interlocuções. Acrescenta, ainda, que o estudo da arquitetura espacial, pela antropologia, é tão legítimo

quanto o estudo relativo ao uso de recursos linguísticos de dada língua na regulação da distância/proximidade (inter)locutiva (CARREIRA, 2017b).

O modelo trimorfo de Pottier, em associação ao legado de Hall (1965 [1959], 1963, 1986 [1966], 1968), consiste em uma representação imagética dos movimentos de aproximação, contato e afastamento. A partir da noção de proxêmica e da adaptação do modelo trimorfo, Carreira (1997, 2008, 2014, 2015, 2017b) sugere que, entre um conjunto de possibilidades linguístico-discursivas, o espaço interlocutivo pode demarcar interações simétricas (aproximação interlocutiva) e assimétricas (afastamento interlocutivo). Assim, a noção territorial, inerente às duas contribuições, promove uma regulação do espaço interlocutivo por meio das três variáveis por nós mencionadas no início desta seção.

A primeira variável (eixos horizontal e vertical) diz respeito à relação que os sujeitos assumem em dada interação. O eixo horizontal se estabelece em interações simétricas, em que a distância e a proximidade são negociadas pelo desejo dos/as atores/atrizes sociais em uma relação mais familiar ou mais distante; ao passo que o eixo vertical se estabelece em interações assimétricas, em que os planos hierárquicos são responsáveis pelas configurações proxêmicas (CARREIRA, 1997). Tais eixos, assim como mencionaremos na terceira variável, se associam com distância social, poder relativo e grau de imposição cultural (BROWN; LEVINSON, 1987).

A segunda variável (atos de elocução, de alocução e de delocução), igualmente presente nas relações de poder (especialmente em interações assimétricas), contempla a projeção do sujeito nas interações, que mantém relações consigo mesmo (ato elocutivo), com seu/sua interlocutor/a (ato alocutivo) e/ou com terceiros/as (ato delocutivo). A noção de territorialidade se estabelece a partir do papel social do/a outro/a, das distâncias sociais esperadas no contato com esse/a ator/atriz social, e das ações sociais culturalmente convencionalizadas a si, ao par e ao/à terceiro/a. Os atos de decidir, pedir e relatar outro discurso são representativos, respectivamente, de atos elocutivos (ponto de vista sobre o mundo), alocutivos (relação de influência) e delocutivos (apagamento do ponto de vista), conforme exemplifica Charaudeau (2008).

A terceira variável (polidez linguística), por sua vez, leva em consideração a congruência entre as ações de linguagem e seu/sua enunciador/a em interações mais ou menos horizontais/verticais, o que comprova, em nossa leitura, que as motivações para as configurações proxêmicas são resultado da confluência das três variáveis. A noção de *face* (GOFFMAN, 1967), que consiste na imagem social reivindicada no momento da interação entre locutor/a e seus/suas interlocutores/as, associa-se, inegavelmente, ao debate em torno da polidez – tratada, em especial, por Brown e Levinson (1987), ao pressupor que os/as interagentes têm necessidades relativas à valorização de suas faces positivas (ações que, por meio de estratégias de polidez positiva, valorizam o/a interagente) e à preservação de suas faces negativas (ações que, por meio de estratégias de polidez negativa, preservam o território do/a interagente).

Avaliamos, concernentemente à terceira variável, que a notória relação territorial presente na noção de proxêmica, no modelo trimorfo, no eixo horizontal-vertical e nas ações dos/as atores/atrizes sociais traz, invariavelmente, desdobramentos para as demandas relativas à face negativa e, em retomada às duas variáveis anteriores, para as instâncias intersubjetivas – os/as atores/atrizes sociais presentes na interação –, uma vez que aproximações e distanciamentos podem ocorrer em atendimento à distância social, ao poder relativo e ao grau de imposição cultural (BROWN; LEVINSON, 1987). No entanto, a face positiva, indissociável da face negativa, também pode sofrer repercussões, pois ações que visam à aprovação social podem, em alguma medida, afetar a territorialidade – o elogio, por exemplo, pode tanto reforçar a face positiva (valorização) quanto ameaçar a face negativa (infração territorial). Ressaltamos, ainda, a inter-relação da terceira variável com as formas de designação de si e do/a outro/a (CARREIRA, 1997, 2014, 2017a), visto que tais formas, combinadas com outros recursos modalizadores, constroem e regulam as interações e a imagem social dos/as interagentes (CARREIRA, 2017a), seja no quesito territorialidade (face negativa), seja no quesito aprovação social/valorização (face positiva).

Nas contribuições de Carreira (1997, 2014, 2015), é perceptível a proximidade entre (im)polidez e proxêmica verbal, o que, em nossa visão, ocorre pelas necessidades da face negativa e pela recomendação de estratégias de polidez negativa, com vistas a regular a distância interlocutiva. No entanto, a (im)polidez, por um lado, parece abarcar a proxêmica verbal, ao prever, por exemplo, necessidades da face negativa e um conjunto de outras estratégias (de indiretividade e de polidez positiva); por outro lado, parece

ser abarcada por ela, ao se constituir como um dos campos teóricos que se valem desse mecanismo. As formas de tratamento/autodesignação/heterodesignação, as formas de interlocução e as formas de polidez podem ser enquadradas como "[...] um conjunto de meios linguísticos particularmente adequados para a regulação da distância interlocutiva" (CARREIRA, 1997, p. 18).

A proposta de Carreira (2014, p. 32), em síntese, consiste em "[...] propor um modelo semântico-pragmático para o estudo da cortesia[3] na *perspetiva* da proxêmica verbal em português", a fim de desvelar os recursos linguísticos e as manifestações discursivas "[...] reguladoras da relação interpessoal e, de modo mais amplo, da relação social" (CARREIRA, 2014, p. 32), a partir do entendimento de que "[...] os recursos linguísticos e as realizações discursivas poderão ser situados na arquitetura trimórfica da proxêmica, com suas múltiplas variantes" (CARREIRA, 2014, p. 35).

De modo geral, as projeções teóricas de Carreira (1997, 2014, 2017b), instanciadas no domínio semântico-pragmático, incluem as manifestações verbais no estabelecimento das distâncias e na configuração do espaço interlocutivo, vinculadas às três formas linguísticas já mencionadas por nós: formas de tratamento, formas de interlocução e formas de polidez (CARREIRA, 1997, 2014, 2015). Em leitura dos trabalhos da autora, constatamos que (i) as contribuições dela avançam para instâncias interacionais e discursivas, o que transcenderia o domínio assumido; (ii) as três formas linguísticas (para nós, linguístico-discursivas) são o foco de suas investigações, o que significa constatar que o construto não é restritivo a tais formas, mas se aplicou ao objeto de estudo da autora; e (iii) a relação entre as três formas não é de sobreposição, e sim de composição conceitual, dado que a proxêmica verbal não é equivalente à noção de (im)polidez, mas um mecanismo que, entre outras possibilidades, regula interações mais ou menos (im)polidas, por meio de modalizações realizadas no plano pragmático-discursivo.

Em suma, a tônica do trabalho de Carreira (1997, 2008, 2014, 2015, 2017a), marcada, inclusive, no título de sua primeira obra (CARREIRA, 1997), incide na modalização linguística em situação de interlocução, considerando que os/as interlocutores/as, ao utilizarem meios verbais de modalização para regular a distância/proximidade interlocutiva, se valem de recursos proxêmicos no âmbito verbal. O espaço interlocutivo ao qual Carreira (1997, 2008, 2014, 2015, 2017b) faz referência congrega pontos de vista linguísticos e discursivos, ao conjugar tanto um sistema de virtualidades que prevê expressões prontas para se designar (e designar terceiros/as) quanto realizações linguísticas negociadas (e modalizadas) contextualmente pelas perspectivas do/a enunciador/a e do/a intérprete. Todo esse debate colabora para a nossa proposição, que se instancia no domínio linguístico-discursivo.

Destacamos, a seguir, uma contribuição bastante relevante para o desfecho das considerações atinentes à proxêmica verbal: as projeções do construto para uma perspectiva cultural (CARREIRA, 2015). Embora a autora, em 1997, já tivesse chamado a atenção para a necessidade de se "desenvolver uma exploração intersemiótica e intercultural do campo" (CARREIRA, 2015, p. 7), ela busca, em 2015, "[...] um caminho para a complexidade semiótica da expressão enunciativa e interlocutiva da gradação da abordagem e da distância, em contextos culturais" (CARREIRA, 2015, p. 2). Igualmente, Carreira (2015) considera a proxêmica verbal sob quatro pontos de vista: antropológico (pela noção intercultural de proximidade/distância); semiótico (pela congregação de semioses verbais e não verbais no estabelecimento de proximidade/distância); semântico-conceptual (pela negociação de sentidos inerentes à proximidade/distância dos/as interagentes: conceptualização, semiotização e enunciação do/a locutor/a, e identificação, compreensão e reações do/a interlocutor/a); e cultural (pela congregação dos três anteriores, sob uma ótica cultural). Em síntese, "[...] a proxêmica verbal, portanto, constrói a arquitetura do espaço interlocutivo, graças a uma semiotização verbal e para-verbal contextualizada tanto linguística quanto culturalmente" (CARREIRA, 2015, p. 8).

Diante de tantos avanços de Carreira (1997, 2008, 2014, 2015, 2017a, 2017b), chegamos à conclusão de que nossa proposta se centraliza muito mais na proposição de um outro termo – a *proxêmica linguístico-discursiva* –, que parece abarcar melhor os postos e os pressupostos conceituais. A autora já abre um caminho mais instanciado em domínios linguístico-discursivos, ao conceber que seu modelo semântico se centraliza "na construção de sentidos, tanto do ponto de vista enunciativo quanto interpretativo e interativo" (CARREIRA, 2015, p. 8). Ademais, como a autora se deteve, com notória dedicação, ao estudo das designações de si e do/a outro/a, em um âmbito semântico-pragmático, avaliamos que as contribuições da teoria avançam para outras perspectivas:

[3] Mantivemos o termo utilizado pela autora (2014).

congregam semioses verbais e não verbais, em instâncias (mais) pragmáticas (do que semânticas), sociointeracionais, sociodiscursivas e sociocognitivas. Tais avanços nos motiva a frisar não só o domínio linguístico (micro), mas também o social/discursivo (macro) manifestado em uma dimensão interacional (meso).

Essas instâncias, por sua vez, convocam-nos a pensar na proxêmica linguístico-discursiva como mecanismo que regula as distâncias estabelecidas/construídas pelos/as interagentes tanto nas dimensões materiais (cotexto) quanto nas dimensões subjetivas (contexto), o que engloba, por conseguinte, instâncias verbais e não verbais. A seguir, ilustramos uma interação de mãe e filha que, embora não seja um dado empírico, representa uma situação culturalmente possível entre brasileiros/as.

Filha:	((caminhando em direção à porta de casa))
Mãe:	posso saber para onde a senhora vai?

Em uma análise que transcende os domínios semânticos, poderíamos inferir, apenas pelo diálogo transcrito, que o enunciado da mãe não denota respeito à autoridade da filha, haja vista que a relação entre ambas, no que tange ao plano hierárquico, colabora para que a mãe seja tratada por senhora. É comum, na cultura brasileira, que a associação desse termo a uma pessoa mais jovem (em geral, filho/a) evidencie uma ironia, que se constrói, portanto, pelo contexto em questão, a partir da integração do conteúdo verbal com os recursos extraverbais (entonação) e não verbais que configuram uma censura ao desejo da filha. Essa composição indica, em um domínio linguístico-discursivo, que a interação em si não revela um distanciamento: ao ser chamada de senhora, a mãe lança mão da ironia para sinalizar que a filha não tem autonomia para decidir aonde vai.

Na seção seguinte, reuniremos temas diversos que, em alguma medida, contemplem esse mecanismo regulatório de distâncias no âmbito linguístico-discursivo. É claro que tais debates teóricos, com exceção da teoria da polidez, não fazem menção a esse mecanismo, o que nos instiga a fazer esta proposição: a proxêmica linguístico-discursiva funciona como mecanismo que rege as experiências interlocutivas. Acrescentamos, por fim, que, dado o caráter, muitas vezes, interdisciplinar desses temas, não nos atreveremos a situá-los em um domínio teórico único.

3 MECANISMOS PROXÊMICOS NO ÂMBITO LINGUÍSTICO-DISCURSIVO

O termo por nós alcunhado – *a proxêmica linguístico-discursiva* – poderia nascer de duas transposições semiótico-discursivas: a primeira delas (da proxêmica à proxêmica verbal) com o deslocamento (metafórico) de relações espaciais para domínios não espaciais (CARREIRA, 1997, 2008, 2014, 2015, 2017b); e a segunda (da proxêmica verbal à proxêmica linguístico-discursiva) com a migração do domínio semântico-pragmático para os domínios sociointeracional, sociodiscursivo e sociocognitivo. No entanto, o termo *transposição*, "ato ou efeito de por em lugar diverso" (FERREIRA, 2008), inspira uma mudança paradigmática não pretendida por nós, embora haja, sem dúvida, certo deslocamento. Assim, concebemos se tratar de uma reconfiguração conceitual, decorrente da composição de conceitos convergentes, haja vista nosso interesse (i) em uma relação espacial, que, inegavelmente, abarca motivações sócio/interculturais; (ii) em um domínio não espacial instanciado no cotexto (no plano da significação materializada ou inferível no texto); e (iii) em um domínio intersubjetivo e discursivo acionado pelo contexto emergente da interação (o que engloba os conhecimentos de mundo dos/as usuários/as).

Diante dessa composição conceitual, encontramos em distintos temas, inscritos em domínios teóricos que conjugam linguagem e sociedade, mecanismos linguístico-discursivos que promovem, a partir do distanciamento e da proximidade intersubjetivos, efeitos diversos, que abarcam o desejo de tais atores/atrizes sociais em serem mais/menos polidos/as, mais/menos formais, mais/menos assimétricos/as, mais/menos sarcásticos/as, entre outras possibilidades. Por pressupormos que a proxêmica linguístico-discursiva constitui um mecanismo presente na atividade linguageira, agrupamos, nesta seção, temáticas afins que originaram três campos teóricos (integrados): (i) (im)polidez, como já constatou Carreira (1997, 2014, 2015), e *face*; (ii) gêneros discursivos; e (iii) pistas contextualizadoras (acionadas por *frames* e por *footings*), referenciação, e dêixis social e discursiva.

Antes de adentramos em tais campos, cabe trazer dois esclarecimentos. O primeiro deles é que não almejamos dar tratamento teórico aos temas mencionados, tampouco verticalizar o debate teórico em si, mas focalizar os mecanismos linguístico-discursivos presentes em tais construtos e ilustrá-los em textos empíricos. Nesse sentido, tais textos cumprem o papel de demonstrar/ilustrar o mecanismo proxêmico. O segundo esclarecimento, fortemente relacionado ao primeiro, consiste em destacar que, por procedermos com uma análise exclusivamente qualitativa, não almejamos trazer quaisquer generalizações ou relações determinísticas do tipo "e-mail formal sempre promoverá aumento da distância interlocutiva", mas, conforme anunciamos em nosso objetivo (na seção introdutória), desejamos dar visibilidade a esse mecanismo nos três campos teóricos tratados a seguir, como uma possibilidade de configuração proxêmica.

Por fim, frisamos que o longo caminho teórico trilhado na seção anterior visou possibilitar nesta seção a aplicação do construto em três campos teóricos já consolidados nos estudos da linguagem. Os campos teóricos seguintes foram abordados por meio de uma brevíssima revisão de literatura para, a partir dessa ação, visionarmos os mecanismos proxêmicos, que é o nosso objetivo de pesquisa. A escolha dos textos empíricos, realizada no Google Imagens, se deu a partir das palavras-chave "impolidez e tirinha", "e-mail formal" e "charge e termo pejorativo", dado o nosso interesse por textos curtos (tirinha, e-mail e charge) e por ações sociais (impolidez, registro formal e termo pejorativo) que, provavelmente, evocariam redução/aumento da distância interlocutiva.

3.1 (IM)POLIDEZ E VIOLAÇÃO/PRESERVAÇÃO DA FACE

A polidez porta, em resgate à etimologia da palavra, "[...] a função de arredondar os ângulos e 'polir' as engrenagens da máquina conversacional, a fim de preservar seus usuários de graves lesões" (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006 [1996], p. 101). Foi a partir da década de 1970, com os estudos de Lakoff (1973), de Leech (1983) e de Brown e Levinson (1987), que o debate ganhou centralidade no meio acadêmico, "[...] despertando interesse em examinar sistematicamente como mantemos boas relações e evitamos conflitos interpessoais por meio do uso de diferentes formas e estratégias linguísticas" (CULPEPER *et al*., 2017, p. 2).
Assim como já mencionamos, o conceito de face relaciona-se fortemente com a teoria de (im)polidez. Goffman (1967) associa a face tanto à neutralização de incidentes quanto ao desejo dos/as interagentes em conquistarem uma aprovação mútua de suas faces, o que significa que o construto, segundo referimos em Albuquerque e Muniz (2020), não abarca um domínio subjetivo, mas intersubjetivo. A necessidade de gerenciar as faces (respeitando ou violando suas necessidades) é o que motiva os/as interagentes a lançarem mão de estratégias de (im)polidez. Valendo-se explicitamente do legado de Goffman (1967), Brown e Levinson (1987) propõem que os atos ameaçadores à face podem ser reparados por meio de superestratégias de polidez positiva (valorização) e de superestratégias de polidez negativa (preservação territorial), em atendimento às necessidades relativas às faces positiva (ser apreciado/a, aprovado/a) e negativa (ser livre de imposições). Além dessas duas superestratégias, os autores contemplam, ainda, mais três superestratégias, relacionadas ao desejo de ameaçar a face diretamente (sem reparos), de ameaçá-la indiretamente ou de simplesmente não ameaçá-la.

Embora a teoria da polidez tenha ganhado notoriedade com a publicação de Brown e Levinson (1987), os seus antecessores, Lakoff (1973) e Leech (1983), trazem contribuições bastante pertinentes para a literatura. A noção de face, mesmo não sendo mencionada por Lakoff (1973) e por Leech (1983), é, de alguma forma, contemplada em seus escritos, dado ser inegável a relação entre os dois construtos. Ao propor as estratégias de não ser impositivo, de oferecer opções e de fazer com que o/a outro/a se sinta bem, Lakoff (1973) se alinha às necessidades das faces negativa (duas primeiras estratégias) e positiva (última estratégia). Leech (1983), por sua vez, descreve seis máximas de polidez (máximas do tato, da generosidade, da aprovação, da modéstia, do acordo e da simpatia). A partir de tais máximas, Leech (1983) recomenda tanto a minimização de custos e a maximização de benefícios para o/a outro/a quanto a maximização de custos e a minimização de benefícios para si, contemplando necessidades das faces negativa (minimização de custos ao/à outro/a) e positiva (maximização de benefícios ao/à outro/a).

Lakoff (1973), Leech (1983) e Brown e Levinson (1987), situados na primeira onda dos estudos de polidez, privilegiaram a análise dos enunciados (micro), com mínima projeção para a enunciação (macro), assim como as perspectivas ética (foco no pesquisador) e universalista do construto (BLITVICH; SIFIANOU, 2019). Uma abordagem discursiva surge, na segunda onda dos estudos de polidez, com as contribuições de Eelen (2001), Mills (2003) e Locher e Watts (2005), por meio das quais se valorizaram a análise de dados empíricos, a conjugação dos níveis micro e macro (com predominância para o nível macro) e a visão êmica do construto (foco

nos/as colaboradores/as do estudo) (BLITVICH; SIFIANOU, 2019). Surge, então, a terceira onda que, ao estabelecer o nível meso de análise – o texto –, se situa entre as abordagens mais clássicas (primeira onda) e mais discursivas (segunda onda) (HAUGH; CULPEPER, 2018), que, em nossa visão, privilegia estudos situados sócio/interculturalmente e inscritos genericamente (em dado gênero discursivo). Ao reconhecermos que a polidez, apesar de ser um fenômeno universal, se manifesta distintamente entre as culturas (KERBRAT-ORECCHIONI, 2004), estamos conjugando os domínios micro, macro e meso, sobretudo pelas inegáveis contribuições de uma teoria universalista (primeira onda) projetada para instâncias discursivas e culturais (segunda onda) e, mais ainda, para interagentes inscritos/as em dada cultura e em dado gênero discursivo (terceira onda). Como nos situamos no nível meso, vamos avaliar os mecanismos proxêmicos que subjazem a (im)polidez no texto seguinte:



Imagem 1: A (im)polidez na tirinha

Fonte: Souza (2012)

No primeiro quadrinho, a senhora mantém distanciamento do rapaz, com olhar e corpo projetados para frente. O rapaz, diferentemente dela, oscila entre ações de maior/menor distanciamento. Ele, ao mesmo tempo, se aproxima, ao adverti-la, ao tocar suas costas e ao projetar seu corpo para frente, e, minimamente, se distancia, com o uso verbal de *minha senhora*, que, consoante Neves (2011), é comum em vocativos que indicam tratamento cerimonioso. Talvez esse conjunto de ações tenha ocorrido inicialmente pelo desejo do jovem de advertir (dado o seu incômodo) e de não ser impolido, respeitando as necessidades da face da senhora que, por ser mais velha e por ser desconhecida, concorreriam com um menor grau de imposição. No segundo quadrinho, a senhora, pelo incômodo de ser interpelada, mantém-se de costas, em claro sinal de impolidez, mas, provavelmente pela diferença de idade, reduz tal distância com uma resposta impolida, em que faz uso pejorativo do diminutivo (*rapazinho*). O rapaz, por sua vez, motivado pela agressividade da resposta da interlocutora, lança mão da ironia no terceiro quadrinho, aproximando-se sem qualquer mitigador da senhora, que esboça reação de espanto.

Consideramos, para efeitos de análise, que a (im)polidez é construída pela convergência entre as expressões linguísticas e o contexto (CULPEPER, 2011), mas que seu julgamento não decorre das expressões em si. Em outras palavras, "não há sentença inerentemente polida ou impolida", e sim condições sob as quais essas expressões são utilizadas (FRASER; NOLEN, 1981, p. 96). Em incursão bastante aproximada com o debate de proxêmica verbal, valendo-se, portanto, da ideia de espaço metaforicamente transposto dos domínios não verbais (CARREIRA, 1997, 2008, 2014, 2015, 2017b), Culpeper (1996) assume que a invasão de território tanto literal (uma aproximação excessiva) quanto metafórica (um pedido ou uma pergunta muito íntima) são estratégias de impolidez negativa, consoante nossa análise.

3.2 GÊNEROS DISCURSIVOS

A noção de gêneros do discurso nasce entre 1952 e 1953, de um manuscrito inacabado de Bakhtin, denominado *O problema dos gêneros do discurso* (FARACO, 2009). Desde aquela época, tem sido comum o atual uso inflacionado e epidêmico (FARACO, 2009) do termo tanto nos fóruns acadêmicos quanto no campo pedagógico. Bakhtin (2010 [1992]) conceitua gêneros como "tipos relativamente estáveis de enunciados" decorrentes das inúmeras atividades humanas. A partir desse conceito, o construto bakhtiniano, cuja tônica deveria "incidir sobre o termo relativamente" (FIORIN, 2016, p. 71), contempla o plano composicional, o conteúdo temático e o estilo (a seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais). As noções de proxêmica linguístico-discursiva e de gêneros discursivos convergem, então, para a enunciação, que, aos moldes bakhtinianos, é a unidade real de

comunicação verbal, o que colabora para pensarmos que os gêneros, de algum modo, possibilitam aos sujeitos inscritos neles diversas ações linguageiras, incluindo a negociação proxêmica.

Albuquerque e Araújo (2021) assumem que a manifestação estilística e a relativa estabilidade, como propriedades dinâmicas do construto bakhtiniano, abrem espaço para pensarmos na diversidade da constituição do gênero, considerando, para tanto, que as atividades do sujeito enunciador se ajustam a demandas sócio/interculturais. Ou seja, a singularidade "estará necessariamente em diálogo com o coletivo" (BRAIT, 2012, p. 98), o que significa que o estilo se manifesta nas instâncias intersubjetivas (e não individuais). Ao se inserirem em dada prática sociocultural, inscrita em dado gênero, os sujeitos devem "[...] adaptar o modelo do gênero a seus valores particulares, adotando um estilo próprio, ou mesmo contribuindo para a constante transformação dos modelos" (KOCH, 2015, p. 65). Por congregar o que é cognitivamente previsível (plano composicional e conteúdo temático – propriedades estáticas) e o que é cognitivamente possível (estilo – propriedade dinâmica) (ALBUQUERQUE, 2017), pressupomos que os gêneros discursivos, de igual modo, convocam os/as interlocutores/as para se ajustarem aos espaços interlocutivos previstos e, mais ainda, para negociarem os espaços interlocutivos possíveis.

Ainda no âmbito do legado bakhtiniano, ressaltamos que a heterogeneidade dos gêneros presentes socialmente colabora para a reflexão relativa às aproximações e aos distanciamentos dos/as interagentes. Nesse sentido, os gêneros primários e secundários, concebidos, respectivamente, por Bakhtin (2010 [1992]), como simples e complexos, se situam em distintas esferas: enquanto os primários englobam gêneros pertencentes à comunicação mais imediata, os secundários se associam a um "[...] convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado" (BAKHTIN, 2010 [1992], p. 263). Em nossa ótica, a distinção também se estabelece pelos mecanismos proxêmicos, ao considerarmos que os gêneros primários, por integrarem práticas socioculturais mais cotidianas, podem ser congruentes com manifestações proxêmicas mais íntimas, como no caso de uma conversa entre amigos/as, em que o distanciamento tenderia a ser menor. Sob esse prisma, os gêneros secundários, por abarcarem práticas socioculturais menos cotidianas, podem, contrariamente, trazer manifestações proxêmicas mais distanciadoras, como no caso de um artigo acadêmico, em que a proximidade tenderia a ser menor.

Além do caráter sócio-histórico e dialógico (BAKHTIN, 2010 [1992]), interessa-nos, igualmente, considerar outras dimensões consonantes com o postulado bakhtiniano. Em uma dimensão sociocultural e sociocognitiva, situamos que os gêneros, em especial suas propriedades dinâmicas, funcionam como forma cultural e cognitiva de ação social (MILLER, 1984) "corporificadas de modo particular na linguagem" (MARCUSCHI, 2010, p. 19). Em suma, os gêneros, como artefatos culturais (MILLER, 1984, 1994) emergentes de processos sociais (BAZERMAN, 2014 [2004]), possibilitam a seus/suas atores/atrizes sociais sinalizar modos típicos de agir, o que inclui, em atendimento às demandas genéricas, a sinalização de maior/menor distanciamento interpessoal. Em uma dimensão sociointeracionista, pressupomos, em alinhamento com a noção de estilo bakhtiniano, que os/as interagentes lançam mão de "formas específicas de semiotização" (BRONCKART, 2007 [1999]), mobilizando tais formas para estabelecerem a regulação da distância interlocutiva, a depender de suas metas enunciativas e de seu alinhamento com as previsões e as possibilidades genéricas. Vejamos, então, como esse conjunto de pressupostos teóricos se manifesta no texto seguinte:

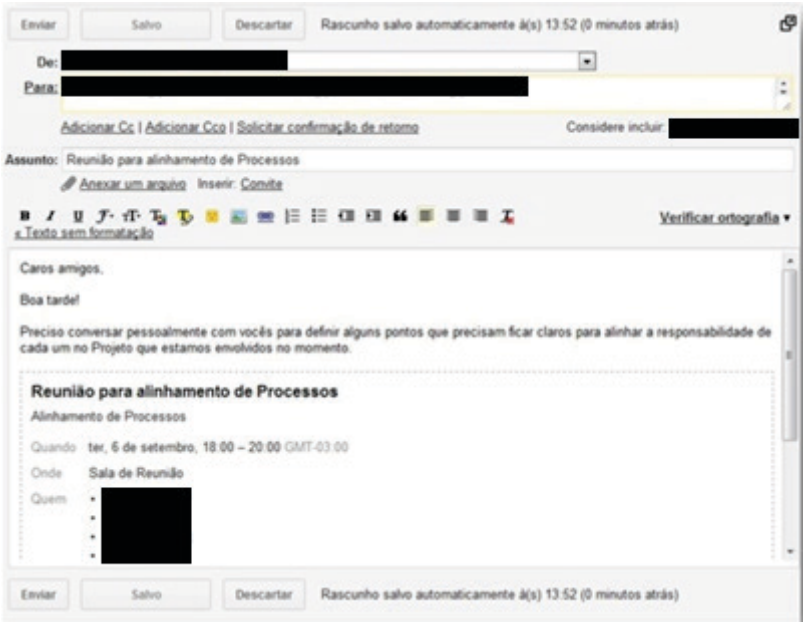


Imagem 2: o e-mail como gênero discursivo

Fonte: Rocha (2011)

Há uma polêmica, ainda presente na academia, relativa ao e-mail: um gênero ou um suporte de gênero? Na verdade, ele pode ser um suporte do tipo correio eletrônico, como o programa *Outlook*, e, ao mesmo tempo, um gênero correlato das cartas pessoais (MARCUSCHI, 2008). O entendimento de Paiva (2005, p. 77-78), com o qual concordamos, é de que o meio de transmissão de mensagens eletrônicas gerou "[...] um gênero eletrônico escrito com características típicas de memorando, bilhete, carta, conversa face a face e telefônica, cuja representação adquire ora a forma de monólogo ora de diálogo". Dado o hibridismo presente no gênero, a partir do notório *continuum* entre a fala e a escrita (MARCUSCHI, 2008), que varia de um memorando a uma conversa, avaliamos que o gênero prevê (e possibilita) um vasto gradiente proxêmico, em conformidade com a relação que os/as interagentes mantêm entre si, concorrente com demandas interlocutivas: maior/menor (as)simetria entre os sujeitos.

Não nos referimos a relações estereotipadas, fixas e formulaicas, do tipo empregado/a x empregador/a, professor/a x aluno/a, colega de trabalho x colega de trabalho, mas a relação, de fato, entre os sujeitos, sem deixar de lado seus papéis sociais. Ora, não podemos imaginar, por exemplo, que todo/a funcionário/a de dada empresa marca uma distância (ou uma proximidade) interlocutiva com seu/sua chefe de forma igual. Imaginamos, ainda, que um/a funcionário/a que tem uma convivência mais próxima com o/a chefe fora do ambiente de trabalho pode, mesmo em um e-mail formal, projetar algumas aproximações. Há, ainda, chefes que optam por um estilo mais informal (e por uma consequente aproximação de seus/suas funcionários/as), o que convocaria uma redução da distância intersubjetiva.

No campo do trabalho, há um tabu de que as comunicações eletrônicas devem ser estritamente formais, sem que haja, na maioria das vezes, uma explicação mais discursiva. Podemos ver essa avaliação, por exemplo, em Gold (2005, p. 100), ao afirmar que, no e-mail, "mantém-se a formalidade exigida pela situação". Longe de criticar esses manuais de escrita, assumimos que a Linguística Textual possa abrir diálogos com tais materiais, destinados a instrumentalizar a escrita de textos nessa modalidade (redação nas empresas). Em e-mails, acreditamos ser possível notar, com clareza, que a distância interlocutiva se associa aos/às interagentes convocados/as pelo texto e às escolhas estilísticas do/a autor/a. Embora o texto sob análise seja uma comunicação empresarial, o vocativo *Caros amigos* busca certa redução da distância interlocutiva, talvez com o intuito de promover uma interação mais afetiva e, com isso, buscar maior adesão da equipe ao que é solicitado.

Na sequência, o cumprimento (*boa tarde*) e o corpo do texto trazem, em boa parte, maior distanciamento, mitigado com alguns usos que indicam maior proximidade, como a primeira pessoa do plural, que envolve o autor do e-mail nas ações a serem executadas no projeto, e a forma de tratamento *vocês*. As pessoas do discurso (as designações do/a outro/a) marcam as responsabilidades sobre as ações: a primeira pessoa do singular e a segunda pessoa do plural marcam maior distanciamento (o/a chefe precisa e os/as

funcionários/as, interlocutores/as do/a chefe, assumem as responsabilidades); ao passo que a primeira pessoa do plural, maior proximidade (o/a chefe, ao se incluir, mostra-se corresponsável pelo projeto, já que está envolvido/a também).

Assim, o texto analisado não parece excessivamente distante (formal), como podem apregoar alguns manuais dedicados à instrumentalização da escrita do gênero, mesmo sendo um gênero secundário (BAKHTIN, 2010 [1992]). Desse modo, o estilo do/a autor/a, que oscila entre o formal/distante e o informal/próximo, é coerente com as práticas socioculturais do gênero, assim como, por essa razão, com os prováveis e os possíveis espaços interlocutivos. A alternância estilística (do formal ao informal), como modo típico de agir e de mobilizar ferramentas de semiotização, pode promover maior adesão ao pedido realizado.

3.3 INDEXICALIDADE: LÉXICO, TEXTO, DISCURSO E INTERAÇÃO

Com interesse no caráter indexical que rege as interações, aventamos, nesta subseção, um debate integrado entre (i) pistas contextualizadoras (GUMPERZ, 1982, 2001; ADENDORFF, 1996; STREECK, 2010), *frames* (BATESON, 1987 [1972]; GOFFMAN, 1986 [1974]; TANNEN; WALLAT, 1987) e *footing* (GOFFMAN, 2002 [1979]); (ii) referenciação (MONDADA; DUBOIS, 1995; MARCUSCHI, 2007; KOCH; ELIAS, 2008, 2012); e (iii) dêixis social e discursiva (LEVINSON, 2007 [1983]; ARCHER *et al*., 2012). Tais domínios teóricos conjugam, ao mesmo tempo, um caráter inferencial a ser negociado pelos/as interagentes em dado enquadre, e uma construção instanciada no cotexto e no contexto. Em comum, destacamos perpassar em todos os campos teóricos uma indexicalidade intersubjetiva, contextualmente situada e focalizada nas ações dos sujeitos em atividade interacional, cuja projeção se dá, igualmente, para as distâncias interlocutivas.

Compondo um construto teórico dedicado à inferência conversacional e ao estabelecimento de pistas contextualizadoras na interação face a face, Gumperz (1982) faz referência a um sistema multinivelar de sentidos, entre os quais destacamos a regulação proxêmica, que inspira a negociação entre os sinais enunciados e as interpretações resultantes da enunciação. No curso dessa atividade, as pistas são desveladas a partir de nossas expectativas conversacionais, decorrentes de experiências interativas anteriores, que alinham "[...] qual é a atividade que está ocorrendo, como o conteúdo semântico deve ser entendido e *como* cada oração se relaciona ao que a precede ou sucede" (GUMPERZ, 1982, p. 131). Avança Gumperz (1982) ao considerar que o peso interpretativo das pistas enunciadas é muito maior que o significado linguístico, o que nos faz pensar que a interação se constitua como território de negociação linguageira, o que se estende para o âmbito da proxêmica linguístico-discursiva.

As pistas, nesse sentido, afetam a interpretação, tornam evidente o papel que a indexicalidade desempenha na conversa (GUMPERZ, 2001), delineiam o contexto, fornecem informações sobre as ações dos/as interagentes (ADENDORFF, 1996) e conferem sentido à relação social destes/as (STREECK, 2010). Ao reconhecerem a relação dialética entre língua(gem) e sociedade, os estudos sociointeracionais assumem a tarefa de analisar os usos e as repercussões dos enunciados em contextos específicos (conjunto de ações que cercam um evento e evocam a interpretação). A interação é guiada pelas convenções socioculturais; ela não é desordenada, visto que as regras culturais organizam as ações de seus/suas participantes.

As pistas, ainda, fornecem enquadres contextuais e possibilitam alinhamentos entre os sujeitos em interação, a fim de que, conjuntamente, negociem os sentidos partilhados. Para tanto, traremos, na sequência, uma breve síntese dos conceitos de *frames* e de *footing*, considerando a sintonia entre ambos os conceitos com a noção de pistas contextualizadoras. Em analogia a uma moldura de um quadro e a um conjunto matemático, Bateson (1987 [1972]) refere que *frames* são enquadres psicológicos que, explícita ou implicitamente, delimitam mensagens (ou ações significativas), isto é, incluem certas ações significativas e, por conseguinte, excluem outras. Sob a ótica de Goffman (1986 [1974]) e de Tannen e Wallat (1987), a noção transcende um conhecimento linguístico-conceptual, na medida em que se relaciona "[...] ao enquadramento social dos falantes na interação e aos regimes e práticas sociais que a qualificam" (MORATO, 2010, p. 94).

Os *frames* são, portanto, ativados, (re)atualizados e negociados no curso da interação: os/as interagentes vão se enquadrando por instâncias cotextuais e contextuais, as quais conduzem os/as participantes a alcançarem suas intencionalidades. Na ausência de ativação de sentidos para determinado enunciado (não entendido) ou na ativação de sentidos não pretendidos pelo/a interagente (mal-entendido), tem-se o desalinhamento de *frames*.

Goffman (1986 [1974]), por sua vez, convoca-nos a pensar que os *frames*, como esquemas de interpretação, podem ser (i) naturais e vinculados a ocorrências *puramente físicas*/determinadas (sem orientação, sem animação), como é o caso de uma informação relacionada à meteorologia em um relatório; ou (ii) sociais, relacionados ao conhecimento prévio de eventos, à agência, à volitividade e à intencionalidade, cuja descrição se alinha a *ações guiadas*. A noção de *footing*, ancorada à noção social de *frames*, contempla o alinhamento dos/as participantes nos eventos e a negociação intersubjetiva de sentidos. Goffman (2002 [1979], p. 113) refere-se "[a]o alinhamento, ou porte, ou posicionamento, ou postura, ou projeção pessoal do participante", prevendo que tais sujeitos podem, a depender de seus propósitos na interação em curso, mudar de *footing*. Parece ser central ao debate de Goffman (1986 [1974], 2002 [1979]) que os sentidos, acionados por pistas que promovem dados *frames* (enquadres) a partir de determinados *footings* (alinhamentos), são construídos nos encontros interacionais.

Tannen e Wallat (1987) fazem referência aos conceitos de *enquadres interativos*, destacando ambas as contribuições de Goffman (1986 [1974], 2002 [1979]) – *frames* e *footing* –, e de *esquema de conhecimentos*. Na visão das autoras, esse esquema se relaciona "[...] às expectativas dos participantes acerca de pessoas, objetos, eventos e cenários no mundo, fazendo distinção, portanto, entre o sentido desse termo e os alinhamentos que são negociados em uma interação específica" (TANNEN; WALLAT, 1987, p. 207). Ao investigarem o estabelecimento de *frames* em uma consulta pediátrica, Tannen e Wallat (1987) constatam que o uso de distintos registros pela médica para interagir com a criança (maternalês), com a mãe desta (convencional) e com os/as residentes (relato) era resultante das particularidades das três plateias (três encontros sociais distintos). Os três alinhamentos e, consequentemente, os três registros usados proporcionavam, de igual modo, três enquadres. Isto é, cada *frame* convocava um *footing* e um registro distintos.

Embora Tannen e Wallat (1987) tenham, inegavelmente, contribuído para o construto, concordamos com Morato (2010) que a cisão entre os enquadres interativos (noção interacional) e os esquemas de conhecimento (noção semântica/conceptual) não é apropriada, haja vista a sua integração em um *continuum* dialético, sob o argumento de que não há, integralmente, cognição fora da linguagem, tampouco linguagem fora da interação (MORATO, 1996).

As pistas contextualizadoras, construídas a partir do alinhamento dos/as interagentes e do enquadre destes/as na interação, se relacionam, em virtude de seu caráter inferencial, com a referenciação, que, como processo dinâmico e subjetivo, diz respeito à "construção e reconstrução dos objetos-do-discurso" (KOCH; ELIAS, 2008, p. 123). A alusão a objetos-do-discurso (e não a objetos-do-mundo), à qual nos afiliamos, se fundamenta, sob uma ótica sociocognitiva e sociointeracional, na inexistência de uma relação especular língua/signo/referência, considerando, para tanto, que a língua, por ser "um sistema de indeterminações sintático-semânticas" (MARCUSCHI, 2007, p. 70), "não é um retrato, e sim um trato do mundo" (MARCUSCHI, 2007, p. 108). A atividade de referenciação constitui um dos reguladores das distâncias interlocutivas, pois as escolhas lexicais são motivadas pelo grau de distância/familiaridade, pelas ideologias, pelas relações hierárquicas assumidas pelos sujeitos, pelo contexto e pelas convenções sócio/interculturais. É na interação que (re)construímos cooperativamente com o/a nosso/a interlocutor/a os objetos-do-discurso (as representações da realidade, as designações do/a outro/a e de nós mesmos, as avaliações dos movimentos proxêmicos), os quais passam pelos filtros cultural, ideológico, social e individual.

A referenciação é, portanto, uma categoria pela qual os sujeitos, a partir de suas experiências intersubjetivas, tomam o mundo no curso da interação. Essa ativação de objetos-do-discurso, entre outras ações, orienta os/as interagentes não só têmporo-espacialmente, mas social e discursivamente. Nesse sentido, a noção de dêixis, associada ao contexto da enunciação (LEVINSON, 2007 [1983]), abarca tanto "as identidades sociais e/ou a relação entre falantes, interagentes e outros" quanto "partes de um texto ou de um discurso que ocorreram antes ou ocorrem após o enunciado do interagente" (ARCHER *et al.*, 2012, p. 27), que se associam, respectivamente, à dêixis social e à dêixis discursiva. Ao exemplificarem a dêixis social com o enunciado *Prazer em conhecê-lo, professor Ajimer*, Archer *et al.* (2012) esclarecem que as referências possíveis ao professor dependem de quem seja o/a interlocutor/a e do grau de (in)formalidade pretendido, optando por focalizar (ou não) o *status* ocupacional. A dêixis discursiva, consoante Archer *et al.* (2012), engloba referências endofóricas (anafóricas e catafóricas) e exofóricas, o que nos inspira a situar a dêixis, respectivamente, nas instâncias do cotexto e do contexto. Na análise do texto seguinte, contemplaremos a discussão das temáticas até aqui empreendida.



Imagem 3: A charge na indexicalização da interação

Fonte: Formolo Júnior (2015).

A charge em questão aborda uma crítica não só ao uso de celulares em sala de aula, mas, paralelamente, ao desinteresse dos/as estudantes na aprendizagem. As pistas que convergem para essa análise se dão nos planos verbal (enunciado do aluno) e não verbal (expressão facial e posicionamento corporal do aluno, e direcionamento do olhar da aluna). A professora, por sua vez, reage com expressão facial de decepção, sinalizando o desconforto diante das ações do estudante e da estudante. Além dessa configuração (de desinteresse e de decepção), notamos pistas que sinalizam uma ambivalência no campo proxêmico: há algumas semioses de distanciamento (mobiliário escolar, direcionamento do olhar da estudante, postura corporal projetada para trás do estudante e professora em um tablado) e outras de proximidade (alinhamento dos olhares da professora e do aprendiz e enunciado do estudante).

Destacamos que o referente *tia*, diferentemente de outros usos do termo no português brasileiro (como o uso em interlocuções afetivas, como é o caso da designação de professores/as por crianças), constrói um sentido pejorativo/depreciativo relativo à idade da professora. Tal uso marca uma dêixis social e discursiva que, associada ao uso de imperativo não mitigado (*Fala mais baixo*), deprecia/violenta a imagem da professora.

Complementarmente, fizemos uma breve pesquisa em um grupo de WhatsApp, a fim de consultarmos as impressões de duas pessoas sobre o uso linguístico-discursivo no texto em questão, especialmente o uso do chamamento *tia*. Ambas, brasileiras, adultas (30 e 39 anos) e não linguistas (uma historiadora e outra antropóloga), revelaram que a expressão era comumente utilizada por jovens para se referirem, de modo depreciativo, a pessoas mais velhas. Em comum, as duas concordaram que o uso se associava às ações de desafiar, debochar, provocar, desautorizar, romper hierarquias pressupostas na relação, despessoalizar (o uso de um termo genérico para suprimir a identidade da professora) e destituir a pessoa de seu lugar de fala. Tanto o uso apreciativo quanto o uso depreciativo de *tia* marcam uma reduzida distância interlocutiva, haja vista que convocam uma relação marcada por maior intimidade, com a ressalva de que o uso no texto analisado deflagra uma proximidade ameaçadora/violenta.

A charge, em consonância com as demandas do próprio gênero (promover crítica em torno de dado tema), convoca um *frame* e um *footing* que transgridem o prototípico funcionamento da sala de aula (professor/a ministrando aulas e alunos/as envolvidos/as em atividades pedagógicas). O distinto enquadre (*frame*) e a distinta projeção (*footing*) dos/as interlocutores/as na interação representada traz repercussões, de igual modo, para as distâncias interlocutivas. O texto em questão dá relevo à incongruente proximidade do estudante em relação à professora, revelando postura altamente desafiadora e violenta, em dissonância do que se espera em interações que envolvem alunos/as e professores/as.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proxêmica linguístico-discursiva surge como um convite para refletirmos sobre a amalgamação entre indexicalidade e sentidos socialmente construídos em semioses (não)verbais. Assumimos que a distância interlocutiva é mais do que textualmente marcada; ela é ideologicamente inferível, o que situa o construto em um âmbito do particular para o coletivo (do sujeito para os encontros sociais). É somente pelo conjunto das ações linguageiras (verbais e não verbais), que convocam determinados contextos, enquadres e alinhamentos, que conseguimos estabelecer as relações de sentido (aproximações/distanciamentos) em jogo na interação. As indexações na linguagem, portanto, não são fixas, tampouco estabelecidas *a priori*, mas são convocadas pela relação dos/as interagentes/as, inscritos/as em dado gênero, em dada formação ideológica, em dada (as)simetria com o/a outro/a, e, antes de tudo, motivados/as por dada intencionalidade (das mais afetivas às mais violentas). Por esse conjunto de fatores, ratificamos que os textos empíricos tiveram um caráter exclusivo de ilustrar mecanismos proxêmicos possíveis, não havendo, assim, qualquer intenção de propor generalizações.

O termo por nós proposto associa-se, em alusão às três temáticas apresentadas, ao estabelecimento de interações (as)simétricas, motivadas pelo desejo de (i) romper ou respeitar a (in)formalidade da interlocução em curso; (ii) dirigir ações (im)polidas ao/à outro/a, em consonância ou em dissonância com as expectativas deste/a; e (iii) violentar linguística, simbólica e discursivamente o/a outro/a, em relações simétricas ou assimétricas. Esperamos, de algum modo, que este texto motive outras pesquisas a desvelarem, tanto na ampliação desses domínios teóricos quanto na descoberta de outros domínios, mecanismos linguístico-discursivos de aproximação/distanciamento, com vistas a dar visibilidade ao que pode estar culturalmente ocultado.

REFERÊNCIAS

ADENDORFF, R. D. The functions of code switching among high school teachers and students in KwaZulu and implications for teacher education. *In*: BAILEY, K. M.; NUNAN, D. (ed.). *Voices From the Language Classroom*: Qualitative research in second language education. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 388-406.

ALBUQUERQUE, R. *Um estudo de polidez no contexto de L2*: estratégias de modalização de atos impositivos por falantes de espanhol. 2015. 372 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ALBUQUERQUE, R. A noção de gêneros textuais no ensino de português brasileiro como língua adicional (PBLA): por uma prática centrada na cena genérica. *In*: SILVA, F. C. O.; VILARINHO, M. M. O. (org.). *O que a distância revela*: Diálogos em Português Brasileiro como Língua Adicional. Brasília: UAB, 2017. p. 169-192.

ALBUQUERQUE, R.; MUNIZ, A. A enunciação de pedidos como estratégia de (im)polidez no contexto de ensino de português brasileiro como língua adicional. *Soletras*, n. 39, p. 165-191, 2020.

ALBUQUERQUE, R.; ARAÚJO, P. H. S. A aquisição da competência metagenérica na escrita de uma carta de leitor: um estudo de caso no contexto de ensino de português brasileiro como língua adicional. *Veredas*, v. 25, n. 2, p. 344-373, 2021.

ARCHER, D.; AIJMER, K.; WICHMANN, A. *Pragmatics*: an advanced resource book for students. London: Routledge, 2012.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1975 [1962].

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. Introdução e tradução Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010 [1992].

BATESON, G. A Theory of Play and Fantasy. *In*: BATESON, G. *Steps to an ecology of mind*: collected essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution, and Epistemology. Northvale, New Jersey/London: Jason Aronson Inc, 1987 [1972]. p. 183-198.

BAZERMAN, C. Speech Acts, Genres, and Activity Systems: How Texts Organize Activity and People. *In*: WARDLE, E.; DOWNS, D. (ed.). *Writing about writing*: A College Reader. Boston/New York: Bedford/St. Martin's, 2014 [2004]. p. 365-394.

BLITVICH, P. G-C.; SIFIANOU, M. Im/politeness and discursive pragmatics. *Journal of Pragmatics*, v. 145, p. 91-101, 2019. Disponível em: http://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378216618306301. Acesso em: 30 ago. 2020.

BRAIT, B. Estilo. *In*: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin*: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 79-102.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos*: Por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2007 [1999].

BROWN, P; LEVINSON, S. *Politeness*: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CARREIRA, M. H. *Modalisation linguistique en situation d'interlocution*: proxémique verbale et modalités en portugais. Louvain-Paris: Peters, 1997.

CARREIRA, M. H. A. Deixis e proxémica verbal: Percursos enunciativos e processos discursivos. *In*: OLIVEIRA, F.; DUARTE, I. M. (org.). *O Fascínio da Linguagem*. Actas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca. Porto: Faculdade de Letras, 2008. p. 45-53.

CARREIRA, M. H. A. Cortesia e proxémica: abordagem semântico-pragmática *In*: SEARA, I. R. (coord.). *Cortesia*: Olhares e (re)invenções. Portugal: Chiado, 2014. p. 27-46.

CARREIRA, M. H. Un modele semantique pour l'etude de la proxemique verbale dans le cadre de la semiotique des cultures. *Acta semiótica et linguística*, Université Paris 8, v. 20, n. 1, p. 1-8, 2015.

CARREIRA, M. H. A. Formas de tratamento de português como designação do outro e de si: perspectivas de investigação e transposição didáctica. *Cadernos de PLE 1*, 2017a. Disponível em: http://varialing.web.ua.pt/wp-content/uploads/2017/03/Helena-Carreira_PLE1.pdf. Acesso em: 30 ago. 2020.

CARREIRA, M. H. A. Contribution à l'etude de la proxémique verbale em Portugais: distance, proximité, enonciation et interlocution. *Studia Universitatis Babes-Bolyai – Philologia*, v. 62, n. 4, p. 9-16, 2017b.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso*: modos de organização. Tradução Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

CULPEPER, J. Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics*, v. 25, n. 3, p. 349-367, 1996. Disponível em: http://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0378216695000143. Acesso em: 30 ago. 2020.

CULPEPER, J. *Impoliteness*: Using Language to Cause Offence. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDÁR, D. Z. *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. London: Palgrave Macmillan, 2017.

EELEN, G. *A Critique of Politeness Theories*. Manchester: St. Jerome, 2001.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FERREIRA, A. B. H. *Aurélio*: o dicionário da língua Portuguesa. Curitiba: Positivo, 2008.

FORMOLO JÚNIOR, M. J. *Aquele Mário Desenhos*. 2015. Disponível em: http://www.jornaldebeltrao.com.br/noticia/232707/uso-descontrolado-de-celulares-dificulta-o-aprendizado-na-escola. Acesso em: 15 out. 2018.

FRASER, B.; NOLEN, W. The association of deference with linguistic form. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 27, p. 93-109, 1981. Disponível em: http://www.degruyter.com/view/journals/ijsl/1981/27/article-p93.xml. Acesso em: 30 ago. 2020.

GOFFMAN, E. The Neglected Situation. *American Anthropologist*, v. 66, n. 6 (pt. 2), p. 133-136, 1964.

GOFFMAN, E. *Interaction Ritual*: essays on face-to-face behavior. UK: Penguin University Books, 1967.

GOFFMAN, E. *Frame Analysis*: An Essay on the Organization of Experience. Boston: Northeastern University Press, 1986 [1974].

GOFFMAN, E. *Footing*. Tradução Beatriz Fontana. *In*: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.). *Sociolinguística Interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002 [1979]. p. 107-148.

GOLD, M. *Redação empresarial*: escrevendo com sucesso na era da globalização. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

GUMPERZ, J. J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

GUMPERZ, J. J. Interactional Sociolinguistics: A Personal Perspective. *In*: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. (ed.). *The Handbook of Discourse Analysis*. USA: Blackwell Publishers, 2001. p. 215-228.

HAUGH, M.; CULPEPER, J. Integrative pragmatics and (im)politeness theory. *In*: ILIE, C.; NORRICK, N. R. (ed.). *Pragmatics and its Interfaces*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 213-239.

HALL, E. T. *The Silent Language*. New York: A Premier Book, 1965 [1959].
HALL, E. T. A System for the Notation of Proxemic Behavior. *American Anthropologist,* v. 65, n. 5, p. 1003-1026, 1963.

HALL, E. T. *A dimensão oculta*. Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'água, 1986 [1966].

HALL, E. T. *et al*. Proxemics [and Comments and Replies]. *Chicago Journals*, v. 9, n. 2-3, p. 83-108, 1968.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les interactions verbales*. Tome 2. Paris: Armand Colin, 1992.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da Conversação*. Tradução Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006 [1996].

KERBRAT-ORECCHIONI, C. ¿Es universal la cortesía? *In*: BRAVO, D.; BRIZ, A. (ed.). *Pragmática Sociocultural*: estudios sobre el discurso de cortesía en español. España: Ariel Linguística, 2004. p. 39-53.

KNAPP, M. L. *Nonverbal Communication in Human Interaction*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.

KNAPP, M. L.; HALL, J. A. *Nonverbal Communication in Human Interaction*. 3. ed. USA: Harcourt Brace Jovanovich, 1992.

KOCH, I. V. *A inter-ação pela linguagem*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender*: os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever*: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LAKOFF, R. T. The logic of politeness; or, minding your p's and q's. *In*: CORUM, C. *et al.* (ed.). *Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago: 1973. p. 292-305.

LEECH, G. *Principles of Pragmatics*. London: Longman, 1983.

LEVINSON, S. C. *Pragmática*. Tradução Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1983].

LOCHER, M.; WATTS, R. Politeness theory and relational work. *J. Politeness Res.*, v. 1, p. 9-33, 2005. Disponível em: http://www.degruyter.com/view/journals/jplr/1/1/article-p9.xml. Acesso em: 30 ago. 2020.

MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (org.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010. p. 19-38.

MILLER, C. R. Genre as social action. *Quartely Journal of Speech*, v. 70, n. 2, p. 151-67, 1984. Disponível em: http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00335638409383686. Acesso em: 30 ago. 2020.

MILLER, C. R. Rethorical Community: The Cultural Basis of Genre. *In*: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (ed.). *Genre and the New Rethoric*. London: Taylor & Francis, 1994. p. 67-78.

MILLS, S. *Gender and Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. *Tranel*., v. 23, p. 273-302, 1995.

MORATO, E. M. *Linguagem e Cognição* - As reflexões de L.S. Vygotsky sobre a ação reguladora da Linguagem. São Paulo: Plexus, 1996.

MORATO, E. M. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de letras da UFF*, n. 41, p. 93-113, 2010. Disponível em: http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/41/artigo4.pdf. Acesso em: 30 ago. 2020.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

PAIVA, V. L. M. O. E-mail: um novo gênero textual. *In*: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção do sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 68-90.

RECTOR, M.; TRINTA, A. R. *Comunicação não-verbal*: a gestualidade brasileira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

ROCHA, S. P. *Integrar o G-mail com a Google Agenda*. 2011. Disponível em: http://setesys.com.br/blog/integrar-gmail-agenda/. Acesso em: 15 out. 2018.

SOUZA, F. C. *Turma do Quiabo 17* – Alfabetização. 2012. Disponível em: http://www.vardomirices.com.br/2012/07/alfabetizacao.html. Acesso em: 15 out. 2018.

STREECK, J. Ecologies of gesture. *In*: STREECK, J. (ed.). *New Adventures in Language and Interaction*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 223-242.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Interative Frames and Knowledge Schemas in Interaction: Examples from a Medical Examination/Interview. *Social Psychology Quarterly*, v. 50, n. 2, p. 205-2016, June 1987.

TURNBULL, W.; SAXTON, K. L. Modal expressions as facework in refusals to comply with requests: I think I should say 'no' right now. *Journal of Pragmatics*, v. 27, n. 2, p. 145-81, 1997. Disponível em: http://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378216696000343. Acesso em: 30 ago. 2020.

Recebido em 30/04/2021. Aceito em 09/03/2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e81072

LINGUISTIC-DISCURSIVE PROXEMICS: A MECHANISM OF INTERSUBJECTIVE MODALIZATION[1]

PROXÊMICA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA: UM MECANISMO DE MODALIZAÇÃO INTERSUBJETIVA

PROXÉMICA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA: UN MECANISMO DE MODALIZACIÓN INTERSUBJETIVA

Rodrigo Albuquerque*
Aline Muniz**
University of Brasília

ABSTRACT: Based on the conceptual contributions of proxemics and verbal proxemics, we aim to construct the concept of linguistic-discursive proxemics. Therefore, we will use three empirical texts, with the purpose of giving visibility to this mechanism in three distinct theoretical fields: the theories of (im)politeness and face; the notion of discourse genres; and the indexicality common to contextualization cues, referencing and social/discursive deixis. In short, we found that the linguistic-discursive proxemics, present in the three theoretical fields, is related to the establishment of more/less (as)symmetric interactions.
KEYWORDS: Linguistic-discursive proxemics. Intersubjective modality. (Im)politeness. Discourse genres. Indexicality.

RESUMO: A partir das contribuições conceituais de proxêmica e de proxêmica verbal, almejamos construir o conceito de proxêmica linguístico-discursiva. Para tanto, utilizaremos três textos empíricos, com a finalidade de dar visibilidade a esse mecanismo em três campos teóricos distintos: as teorias de (im)polidez e de face; a noção de gêneros discursivos; e a indexicalidade

[1] In a first version, this article was called Linguistic-Discursive Proxemics in Face-to-Face Interactions. However, it was necessary to adjust the title, due to other paths that the manuscript took.

* PhD in Linguistics from the University of Brasília and professor at the same institution. E-mail: rodrigo.albuquerque.unb@gmail.com. ORCID: http://orcid.org/0000-0002-5279-4311.

** Master in Linguistics from the University of Brasília and graduated in Letters – Brazilian Portuguese as a Second Language at the same institution. E-mail: aline.munizaraujo@gmail.com. ORCID: http://orcid.org/0000-0002-6718-1817.

comum às pistas contextualizadoras, à referenciação e à dêixis social/discursiva. Em suma, constatamos que a proxêmica linguístico-discursiva, presente nos três campos teóricos, se relaciona ao estabelecimento de interações mais/menos (as)simétricas.
PALAVRAS-CHAVE: Proxêmica linguístico-discursiva. Modalização intersubjetiva. (Im)polidez. Gêneros Discursivos. Indexicalidade.

RESUMEN: A partir de los aportes conceptuales de proxémica y proxémica verbal, pretendemos construir el concepto de proxémica lingüístico-discursiva. Por tanto, utilizaremos tres textos empíricos, con el propósito de dar visibilidad a este mecanismo en tres campos teóricos distintos: las teorías de la (des)cortesía y de face; la noción de géneros discursivos; y la indexicalidad común a las pistas de contextualización, la referenciación y la deixis social / discursiva. En definitiva, encontramos que la proxémica lingüístico-discursiva, presente en los tres campos teóricos, está relacionada con el establecimiento de interacciones más / menos (as) simétricas.
PALABRAS CLAVE: Proxémica lingüístico-discursiva. Modalidad intersubjetiva. (Des)cortesía. Géneros Discursivos. Indexicalidad.

1 INITIAL REMARKS

In a *watershed* article for Interactional Sociolinguistics, Goffman (1964) highlights the neglected situation by some currents of language studies: social behaviors accompany speech. Undeniably, when we speak, we act, as Austin (1975 [1962]) points out. Therefore, this (actional) speech is not dissociated from other language manifestations, which summon interactants for the joint construction of meanings. The term *joint* presupposes at the same time that such subjects mutually construct meanings, and that these meanings bring together multiple semioses.

This process of construction of meanings, inherent to interaction[2], encompasses, among other semiotic resources, language mechanisms that can promote interactants' approximation and distance in (non)verbal planes. In this sense, the interlocutory distance is established through (non)verbal modalizations, with a view to promoting greater/lesser approximation or distance, depending on the subjects' interactional purposes. We assume that this regulatory mechanism, called by us linguistic-discursive proxemics, is present in several language manifestations. This mechanism trigger different meanings that concern, for example, (im)politeness, (in)formality, conversational (non)involvement, physical/symbolic/(non)verbal violence, irony/sarcasm, affectivity/indifference, apathy/empathy, interlocutors' (as)symmetry *etc*.

Often confused by common sense with mitigation/attenuation, modalization assumes a hyperonymic character in terms of meaning (ALBUQUERQUE, 2015). Inspired by Koch (1998), we consider that modalization signals the way in which what is enunciated is, in fact, enunciated, so that such uses, according to Turnbull and Saxton (1997), can make way for the interlocutors' judgment. In the scope of linguistic-discursive proxemics, modalization is associated with the approximations and distances marked in the (non)verbal planes, as well as with the effects and the evaluations of such (non)verbal actions.

Given these assumptions, we aim to construct the concept of linguistic-discursive proxemics, from the conceptual contributions of proxemics (HALL, 1965 [1959], 1963, 1986 [1966], 1968) and verbal proxemics (CARREIRA, 1997, 2008, 2014, 2015, 2017b). Through three empirical texts, we will give visibility to this mechanism in three different theoretical fields: (im)politeness theories and notion of face; notion of discourse genres; and indexicality common to contextualization cues, referencing and social/discursive deixis. Inscribed in Interactional Sociolinguistics, Pragmatics and Textual Linguistics, we believe that the theoretical assumptions at the interface and our objective can contribute to highlighting a mechanism that is very present in everyday interactions, with the aim of attributing more meaning to the socio/intercultural practices of which we participate.

[2] For us, speech and writing, in a continuous way, trigger sociocognitive/interactional subjects, breaking with the dichotomy that the interactional character is only present in face-to-face encounters, as Marcuschi (2008) inspires us. In this light, we support that any texts – originating from graphic/sound media, inscribed in oral/written conception, produced online/off-line – summon interactants, carry negotiable meanings and, therefore, assume interactional properties.

2 LINGUISTIC-DISCURSIVE PROXEMICS: A PROPOSAL

In this section, we propose a conceptual integration between proxemics (HALL, 1965 [1959], 1963, 1986 [1966], 1968) and verbal proxemics (CARREIRA, 1997, 2008, 2014, 2015, 2017b). From a socio-interactional perspective, we admit that verbal and non-verbal semioses work together, and, in particular, they evoke a discursive dimension, which is (re)constructed in intersubjective instances. At the same time, we assume that the proposed integration – *linguistic-discursive proxemics* – aims to highlight the intersubjective and discursive proxemic regulation present in some theoretical propositions, to be explored in the next section.

Proxemics, a term coined by Hall (1963), concerns the subjects' perception regarding the use of space. Originally, the concept was not directly associated with humans, but with a complex behavior of activities related to animal territoriality (HALL, 1968). It was observed that certain animal behaviors, such as sensory stimuli and hierarchies, are similar to the way humans experience physical space (in the organization and control of this space). Rector and Trinta (1986) emphasize that territoriality is related to aggression, which, in the view of ethologists, is a necessary ingredient for life, which motivates animals to establish adequate distance. Therefore, proxemics combines invasion and defense (KNAPP, 1972; KNAPP; HALL, 1992).

Transposing to human relationships, the term applies "[to] the social meaning of space" (RECTOR; TRINTA, 1986, p. 60). According to Hall (1963), the term is related to the daily and unconscious structuring of microspace by interactants, based on postural markings, spatial orientation, kinesic manifestations, physical contact, gaze direction, thermal sensation, olfactory perception and voice volume. These regulations "give a tone to communication, accent it, and at times even override the spoken word", so that "the flow and shift of distance between people as they interact [are] part and parcel of the communication process". (HALL, 1965 [1959], p. 160).

Affiliated with a markedly cultural perspective, Hall (1986 [1966]) investigates the relation between subjects and physical space; in particular, the way in which such subjects negotiate distances and approximations, in accordance with their socio-interactional demands and influenced by cultural conventions. Such association indicates that the concept is not linked only to the subject-environment relationship, since territoriality intervenes in the personal and social spheres, in the construction of the interactants' images, in the hierarchical relationships between these interactants and in the socio/interculturally instituted conventions. Hall (1986 [1966]) admits that it is not possible for us to act or interact dissociated from our culture. Culture, in this sense, frames and perspectives sensory experiences in different interactions.

According to Hall (1986 [1966]), distances are perceived at three levels: infracultural (biological aspects), pre-cultural (physiological aspects) and microcultural (social/intercultural aspects). Even focusing on the cultural character of distances, Hall (1986 [1966]) proposes the following proxemic notation: intimate (0 to 18 inches), personal (18 inches to 4 feet), social (4 to 12 feet) and public (from 12 feet). Far beyond a numerical reference and without any universalist pretension, we believe that Hall (1986 [1966]) brings possibilities of different interpersonal organizations, from discourse genres in which the interactants are inscribed.

Based on the notion of proxemics (HALL, 1965 [1959], 1963, 1986 [1966], 1968) and on the Pottier's trimorphic model (approximation, contact and distancing), Carreira (1997) coined the term *verbal proxemics*. The author (1997) conceives that the regulation of interlocutory distance can occur at the verbal level, through forms of address (or, more generally, through a range of possibilities of self-designation and hetero-designation), forms of interlocution and forms of politeness (CARREIRA, 1997, 2014, 2015). Therefore, the interlocutory space is regulated through three variables: (i) horizontal and vertical axes (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992); (ii) acts of elocution, allocution and delocution (CHARAUDEAU, 2008); and (iii) linguistic politeness (BROWN; LEVINSON, 1987).

Even assuming that the transposition of spatial relationships (proxemics) to non-spatial domains (verbal proxemics) is complex, Carreira (1997) considers that extrapolating the anthropological concept, metaphorically framing space within the scope of social, emotional and cognitive distance/proximity, is pertinent. The author (1997) considers that the relationship between proximity and distance in the verbal dimension affects interlocutions. She also adds that the study of spatial architecture, by anthropology, is as

legitimate as the study of linguistic resources in a given language in the regulation of (inter)locutive distance/proximity (CARREIRA, 2017b).

In association with Hall's legacy (1965 [1959], 1963, 1986 [1966], 1968), the Pottier's trimorph model consists of an image representation of the movements of approximation, contact and distancing. Based on the notion of proxemics and the adaptation of the trimorph model, Carreira (1997, 2008, 2014, 2015, 2017b) suggests that the interlocutory space can demarcate symmetrical interactions (interlocutory approach) and asymmetrical interactions (interlocutory removal), among a set of other linguistic-discursive possibilities. Inherent in both contributions, the territorial notion promotes a regulation of the interlocutory space through the three variables mentioned by us at the beginning of this section.

The first variable (horizontal and vertical axes) concerns the relationship that the subjects assume in a given interaction. The horizontal axis is established in symmetrical interactions, in which distance and proximity are negotiated by the social actors/actresses' desire in a more familiar or more distant relationship; while the vertical axis is established in asymmetric interactions, in which the hierarchical planes are responsible for the proxemic configurations (CARREIRA, 1997). As we will mention in the third variable, such axes are associated with the social distance, the relative power and the absolute ranking of impositions in the particular culture (BROWN; LEVINSON, 1987).

Equally present in power relations (especially in asymmetric interactions), the second variable (elocution, allocution and delocution acts) contemplates the projection of the subject in the interactions, which maintains relations with himself/herself (elocutionary act), with his/her interlocutor (allocutionary act) and/or with third parties (delocutionary act). The notion of territoriality is established from the social role of the other, from the social distances expected in the contact with this social actor/actress, and from the social actions culturally conventionalized to oneself, to the interactor and to the third party. The acts of deciding, asking and reporting another discourse are representative, respectively, of elocutive acts (point of view on the world), allocutive (relation of influence) and delocutive (deleting the point of view), as exemplified by Charaudeau (2008).

The third variable (linguistic politeness[3]) takes into account the congruence between language actions and their enunciator in more or less horizontal/vertical interactions. In our reading, the motivations for proxemics configurations are the result of the confluence of the three variables. The notion of face (GOFFMAN, 1967), which consists of the social image claimed in the interaction between the speaker and his/her interlocutors, is undeniably associated with politeness – treated, in particular, by Brown and Levinson (1987). It is assumed that the interactants have needs related to the valorization of their positive face (actions that value the interactant, through positive politeness strategies) and the preservation of their negative face (actions that preserve the territory of the interactor, through negative politeness strategies).

Concerning the third variable, we assess that the notorious territorial relationship present in the notion of proxemics, in the trimorph model, in the horizontal-vertical axis and in the social actors/actresses' actions invariably brings consequences for the demands related to the negative face. Returning to the two previous variables, there are also developments for the intersubjective instances – the social actors/actresses present in the interaction –, since approximations and distances can occur in response to the social distance, the relative power and the absolute ranking of impositions in the particular culture. (BROWN; LEVINSON, 1987). However, the positive face, inseparable from the negative face, can also suffer repercussions, as actions aimed at social approval can, to some extent, affect territoriality – praise, for example, can either reinforce positive face (appreciation) and threatening the negative face (territorial infringement). We also emphasize the relation between the third variable and the forms of designation of oneself and of the other (CARREIRA, 1997, 2014, 2017a), since such forms, combined with other modalizing resources, build and regulate the interactions and the interactors' social image (CARREIRA, 2017a), whether in terms of territoriality (negative face), or in terms of social approval/appreciation (positive face).

In the Carreira's contributions (1997, 2014, 2015), the proximity between (im)politeness and verbal proxemics is noticeable. In our view, this convergence occurs due to the needs of the negative face and the recommendation of negative politeness strategies, with

[3] We will discuss this topic in more detail in the next section.

a view to regulating the interlocutory distance. However, (im)politeness, on the one hand, seems to encompass verbal proxemics, by predicting, for example, the needs of the negative face and a set of other strategies (indirectivity and positive politeness); and, on the other hand, (im)politeness seems to be encompassed by verbal proxemics, as (im)politeness constitutes one of the theoretical fields that make use of this mechanism. The forms of treatment/self-designation/hetero-designation, forms of interlocution and forms of politeness can be framed as "a set of linguistic means particularly suited to the regulation of interlocutory distance" (CARREIRA, 1997, p. 18).

In short, the author's proposal consists of "proposing a semantic-pragmatic model for the study of courtesy[4] from the perspective of verbal proxemics in Portuguese", in order to reveal the linguistic resources and the discursive manifestations "that regulate the interpersonal relationship and the social relationship" (CARREIRA, 2014, p. 32). The author understands that "linguistic resources and discursive realizations can be situated in the trimorphic architecture of proxemics, with its multiple variants" (CARREIRA, 2014, p. 35).

In general, Carreira's theoretical projections (1997, 2014, 2017b), instantiated in the semantic-pragmatic domain, include verbal manifestations in the establishment of distances and in the configuration of the interlocutory space, linked to the three linguistic forms already mentioned by us: forms of treatment, forms of interlocution and forms of politeness (CARREIRA, 1997, 2014, 2015). In reading the author's works (1997, 2008, 2014, 2015, 2017a, 2017b), we found that (i) her contributions advance to interactional and discursive instances, which would transcend the assumed domain; (ii) the three linguistic forms (for us, linguistic-discursive) are the focus of her investigations, which means verifying that the construct is not restrictive to such forms, but applied to the author's object of study; and (iii) the three forms do not overlap, but are related in a conceptual composition, given that verbal proxemics is not equivalent to the notion of (im)politeness, but a mechanism that can regulate more or less (im)polite interactions, through modalizations carried out in the pragmatic-discursive plane.

In short, the emphasis on Carreira's work (1997, 2008, 2014, 2015, 2017a), marked even in the title of her first work (CARREIRA, 1997), focuses on the linguistic modalization in a situation of interlocution. When using verbal means of modalization to regulate the interlocutive distance/proximity, it is considered that the interlocutors use proxemic resources in the verbal scope. The interlocutive space to which Carreira (1997, 2008, 2014, 2015, 2017b) refers brings together linguistic and discursive points of view, by combining a system of virtualities that provides expressions ready to designate (and designate third parties) and linguistics realizations negotiated (and modalized) contextually by the enunciator's and the interpreter's perspectives. All this debate contributes to our proposition, which is based on the linguistic-discursive domain.

Next, we highlight a very relevant contribution to the outcome of the considerations related to verbal proxemics: the projections (of the construct) for a cultural perspective (CARREIRA, 2015). Although the author, in 1997, had already called attention to the need to "develop an intersemiotic and intercultural exploration of the field" (CARREIRA, 2015, p. 7), she seeks, in 2015, "a path to semiotic complexity of the enunciative and interlocutory expression in the gradation of approach and distance in cultural contexts" (CARREIRA, 2015, p. 2). Likewise, Carreira (2015) considers verbal proxemics from four points of view: anthropological (by the intercultural notion of proximity/distance); semiotic (by the congregation of verbal and non-verbal semiosis in the establishment of proximity/distance); semantic-conceptual (by the negotiation of meanings inherent to the interactants' proximity/distance: speaker's conceptualization, semiotization and enunciation, and interlocutor's identification, understanding and reactions); and cultural (by the combination of the previous three, from a cultural perspective). In summary, "verbal proxemics, therefore, builds the architecture of the interlocutory space, due to a verbal and para-verbal semiotization linguistically and culturally contextualized" (CARREIRA, 2015, p. 8).

Faced with so many advances by Carreira (1997, 2008, 2014, 2015, 2017a, 2017b), we conclude that our proposal is centered on the proposition of another term – *linguistic-discursive proxemics* –, which seems to better encompass the conceptual positions and assumptions. The author (2015, p. 8) already opens a path more instantiated in linguistic-discursive domains, by conceiving that her semantic model is centered "in the construction of meanings, from an enunciative, interpretive and interactive point of view".

[4] We kept the term used by the author (2014).

As the author focused, with notorious dedication, on the study of the designations of the self and the other, in a semantic-pragmatic scope, we evaluate that the contributions of the theory advance to other perspectives: they bring together verbal and non-verbal semiosis, in (more) pragmatic (than semantic), sociointeractional, sociodiscursive and sociocognitive instances. Such advances motivate us to emphasize not only the linguistic domain (micro), but also the social/discursive domain (macro) manifested in an interactional dimension (meso).

These instances invite us to think about linguistic-discursive proxemics as a mechanism that regulates the distances established/constructed by the interactors both in the material dimensions (cotext) and in the subjective dimensions (context), which encompasses verbal and non-verbal domains. Next, we illustrate a mother-daughter interaction that represents a culturally possible situation between Brazilians, although it is not an empirical data.

Daughter:	((walking towards the door))
Mother:	may I know where are you[5] going?

In an analysis that transcends the semantic domains, we could infer that the mother's utterance does not denote respect for the daughter's authority, given that the relationship between them, with regard to the hierarchical plane, is favorable to the mother be treated by madam. In Brazilian culture, it is common the association of this term to a younger person (generally, child) to show an irony, which is constructed by the context in question, from the integration of the verbal content with extraverbal (intonation) and non-verbal resources that configure a censorship of the daughter's desire. In a linguistic-discursive domain, this composition indicates that the interaction itself does not reveal a detachment: when called *madam*, the mother uses irony to signal that her daughter does not have the autonomy to decide where she goes.

In the following section, we will bring together several themes which can contemplate this regulatory mechanism of distances in the linguistic-discursive scope. Such theoretical debates, with the exception of the politeness theory, do not mention this mechanism, which encourages us to make this proposition: linguistic-discursive proxemics works as a mechanism that governs interlocutory experiences. Finally, we add that we do not dare to place these themes in a single theoretical domain, given the interdisciplinary nature of such themes.

3 PROXEMIC MECHANISMS IN THE LINGUISTIC-DISCURSIVE SCOPE

The term *linguistic-discursive proxemics* could be born from two semiotic-discursive transpositions: the first of them (from proxemics to verbal proxemics) with the (metaphorical) displacement of spatial relationships to non-spatial domains (CARREIRA, 1997, 2008, 2014, 2015, 2017b); and the second (from verbal proxemics to linguistic-discursive proxemics) with the migration from the semantic-pragmatic domain to the sociointeractional, sociodiscursive and sociocognitive domains. However, the term *transposition*, "the act or effect of putting in a different place" (FERREIRA, 2008), inspires a paradigm shift not intended by us, although there is undoubtedly a certain displacement. Thus, we conceive it to be a conceptual reconfiguration, resulting from the composition of convergent concepts, given our interest (i) in a spatial relationship, which undeniably encompasses socio/intercultural motivations; (ii) in a non-spatial domain instantiated in the cotext (in terms of materialized or inferred meaning in the text); and (iii) in an intersubjective and discursive domain triggered by the emerging context of interaction (which encompasses the users' knowledge of the world).

In view of this conceptual composition, we find in different themes, inscribed in theoretical domains that combine language and society, linguistic-discursive mechanisms that promote different effects, which encompass the desire of such social actors/actresses in be more/less polite, more/less formal, more/less asymmetrical, more/less sarcastic, among other possibilities, from the intersubjective distance and proximity. As we assume that linguistic-discursive proxemics is a mechanism present in language

[5] In this context, *you* would be equivalent to *madam*. In Brazilian Portuguese, this usage would be ironic, since the daughter would not be literally called a madam by her mother.

activity, we grouped, in this section, related themes that gave rise to three (integrated) theoretical fields: (i) (im)politeness, as already noted by Carreira (1997, 2014, 2015), and face; (ii) discourse genres; and (iii) contextualization cues (triggered by frames and footings), referencing, and social and discursive deixis

Before delving into these fields, two clarifications should be made. The first is that we do not aim to give a theoretical treatment to the mentioned themes, nor to verticalize the theoretical debate itself, but to focus on the linguistic-discursive mechanisms present in such constructs and to illustrate them in empirical texts. In this sense, such texts fulfill the role of demonstrating/illustrating the proxemic mechanism. Strongly related to the first, the second clarification consists of highlighting that, as we proceed with an exclusively qualitative analysis, we do not aim to bring any generalizations or deterministic relationships such as "formal e-mail will always promote an increase in interlocutory distance", but we want to give visibility to this mechanism in the three theoretical fields discussed below, as a possibility of proxemic configuration, as we announced in our objective (in the introductory section).

Finally, we emphasize that the long theoretical path taken in the previous section aimed to enable in this section the application of the construct in three theoretical fields already consolidated in language studies. The following theoretical fields were approached through a very brief literature review to envision the proxemic mechanisms, which is our research objective. Carried out in Google Images, the choice of empirical texts was based on the keywords "impolidez e comic strip", "formal e-mail", and "charge and pejorative term", given our interest in short texts (strip, e-mail and cartoon) and social actions (impoliteness, formal registration and pejorative term) that would probably evoke a reduction/increase in the interlocutory distance.

3.1 (IM)POLITENESS AND VIOLATION/PRESERVATION OF THE FACE

Politeness carries, in rescuing the etymology of the word, "the function of rounding the angles and 'polishing' the gears of the conversational machine, in order to preserve its users from serious injuries" (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006 [1996], p. 101). It was from the 1970s, with the Lakoff's (1973), Leech's (1983), and Brown and Levinson's (1987) studies, that the debate gained centrality in the academic environment, "awakening interest in systematically examining how we maintain good relationships and we avoid interpersonal conflicts through the use of different linguistic forms and strategies" (CULPEPER *et al*., 2017, p. 2).

As we mentioned, the concept of face is strongly related to the (im)politeness theory. Goffman (1967) associates the face both with the neutralization of incidents and with the interactors' desire to gain mutual approval from their faces, which means that the construct, as mentioned in Albuquerque and Muniz (2020), does not encompass a subjective domain, but an intersubjective domain. The need to manage faces (respecting or violating their needs) is what motivates the interactors to use (im)politeness strategies. Explicitly drawing on the Goffman's legacy (1967), Brown and Levinson (1987) propose that face threatening acts can be repaired through positive politeness super-strategies (valorization) and negative politeness super-strategies (territorial preservation), in response to the positive (being liked, approved) and negative (being free of impositions) needs of faces. In addition to these two super-strategies, the authors (1987) also contemplate three more super-strategies, related to the desire: to do the face threatening act on record without redressive action; to do the face threatening act off record; or simply to do not do the face threatening act.

Although the politeness theory gained notoriety with Brown and Levinson's (1987) publication, Lakoff (1973) and Leech (1983), their predecessors, bring very relevant contributions to the literature. The notion of face, even not being mentioned by Lakoff (1973) and by Leech (1983), is, somehow, contemplated in their writings, since the relationship between the two constructs is undeniable. By proposing the politeness rules (don't impose, give options and make a feel good – be friendly), Lakoff (1973) aligns herself with the needs of the negative face (the first two strategies) and the positive face (the last strategy). Leech (1983) describes six politeness maxims (The Tact, The Generosity, The Approbation, The Modesty, The Agreement and The Sympathy Maxims). From such maxims, Leech (1983) recommends both minimizing costs and maximizing benefits to the other, as well as maximization of costs and minimization of benefits for the locutor, contemplating the needs of the negative face (minimization of costs to the other) and the positive face (maximization of benefits to the other).

Lakoff (1973), Leech (1983), and Brown and Levinson (1987), located in the first wave of politeness studies, privileged the analysis of utterance (micro), with minimal projection to enunciation (macro), as well as the perspectives ethics (focus on the researcher) and universalist of the construct (BLITVICH; SIFIANOU, 2019). In the second wave of politeness studies, a discursive approach emerges with the Eelen's (2001), Mills's (2003), and Locher and Watts' (2005) contributions, through which the analysis of empirical data, the conjugation of micro and macro levels (predominantly for the macro level) and the emic view of the construct (focus on study collaborators) (BLITVICH; SIFIANOU, 2019) were valued. Then, the third wave arises which, by establishing the meso level of analysis – the text –, is situated between the more classical (first wave) and more discursive (second wave) approaches (HAUGH; CULPEPER, 2018), which, in our view, privileges studies situated socio/interculturally and generically inscribed (in a given discursive genre). By recognizing that politeness, despite being a universal phenomenon, manifests itself differently across cultures (KERBRAT-ORECCHIONI, 2004), we are conjugating the micro, macro and meso domains, especially due to the undeniable contributions of a universalist theory (first wave) designed for discursive and cultural instances (second wave) and, even more, for interactants enrolled in a given culture and discursive genre (third wave). As we are situated at the meso level, we will assess the proxemic mechanisms that underlie (im)politeness in the following text[6].



Image 1: The (im)politeness in the comic strip

Source: Souza (2012)

In the first part, the lady keeps her distance from the boy, with her eyes and body projected forward. The boy, unlike her, oscillates between actions of greater/lesser distance. At the same time, he approaches her, warning her, touching her back and projecting her body forward, and, minimally, distances himself, with the verbal use of *Madam*, which is common in vocatives that indicate ceremonial treatment, according to Neves (2011). Perhaps, this set of actions was initially due to the young man's desire to warn (given his discomfort) and not to be impolite, respecting the needs of the lady's face, which, being older and unknown, would compete with a lower degree of imposition. In the second part, the lady, due to the discomfort of being addressed, keeps her back, in a clear sign of impoliteness, but, probably due to the age difference, reduces this distance with an impolite response, in which she makes a pejorative use of the diminutive (*little boy*). The boy, motivated by the aggressive response of the interlocutor, uses irony in the third part, approaching without any mitigating factor the lady, who sketches a reaction of astonishment.

For the purposes of analysis, we consider that (im)politeness is constructed by the convergence between linguistic expressions and the context (CULPEPER, 2011), but that its judgment does not derive from the expressions themselves. In other words, "no sentence is inherently polite or impolite", but the conditions under which these expressions are used (FRASER; NOLEN, 1981, p. 96). In a very close incursion into the verbal proxemics debate, using the idea of space metaphorically transposed from non-verbal domains (CARREIRA, 1997, 2008, 2014, 2015, 2017b), Culpeper (1996) assumes that the invasion of both literal (an excessive approximation) and metaphorical (a request or a very intimate question) are negative impoliteness strategies, according to our analysis.

[6] Text translation: Okra Class. Fast cashier: Maximum 10 volumes. **1.** Madam, this cashier is for up to ten volumes. **2.** I can read very well, little boy! **3.** Excellent! So just learn to count and you can come to the market without the help of an adult. Now, excuse me from the queue.

3.2 DISCOURSE GENRES

The notion of discourse genres comes from an unfinished manuscript by Bakhtin, called *The problem of discourse genres*, between 1952 and 1953 (FARACO, 2009). Since that time, the current inflated and epidemic use of the term has been common (FARACO, 2009) both in academic forums and in the pedagogical field. Bakhtin (2010 [1992]) conceptualizes genres as "relatively stable types of utterances" arising from numerous human activities. Based on this concept, the Bakhtinian construct, whose tonic should "focus on the term relatively" (FIORIN, 2016, p. 71), contemplates the compositional plan, thematic content and style (the selection of lexical, phraseological and grammatical resources). The notions of linguistic-discursive proxemics and discourse genres converge to enunciation, which, in Bakhtinian words, is the real unit of verbal communication, which contributes to our thinking that genres, in some way, enable different language actions to subjects inscribed in such genres, including proxemic negotiation.

Albuquerque and Araújo (2021) assume that stylistic manifestation and relative stability, as dynamic properties of the Bakhtinian construct, make way to think about the diversity of the constitution of the genre, considering that the activities of the subject's enunciating adjust to socio/intercultural demands. In other words, singularity "will necessarily be in dialogue with the collective" (BRAIT, 2012, p. 98), which means that style is manifested in intersubjective (and not individual) instances. When entering a given sociocultural practice, inscribed in a given genre, subjects must "adapt the model of the genre to their particular values, adopting their own style, or even contributing to the constant transformation of the models" (KOCH, 2015, p. 65). By bringing together what is cognitively predictable (compositional plan and thematic content – static properties) and what is cognitively possible (style – dynamic property) (ALBUQUERQUE, 2017), we assume that discourse genres summon interlocutors to adjust to the anticipated interlocutive spaces and, even more, negotiate possible interlocutive spaces.

Still within the scope of the Bakhtinian legacy, we emphasize that the heterogeneity of the socially present genres contributes to the reflection on the interactants' approximations and distances. In this sense, the primary and secondary genres, conceived, respectively, by Bakhtin (2010 [1992]), as simple and complex, are located in different spheres. While the primary ones encompass genres belonging to the most immediate communication; the secondary ones are associated with a "more complex and relatively highly developed and organized cultural coexistence" (BAKHTIN, 2010 [1992], p. 263). In our view, the distinction is also established by the proxemics mechanisms, when we consider that the primary genres, by integrating more everyday sociocultural practices, can be congruent with a more intimate proxemics, as in the case of a conversation between friends, in which distance would tend to be smaller. In this light, secondary genres, as they encompass less everyday sociocultural practices, can bring a more distancing proxemics, as in the case of an academic article, in which proximity would tend to be smaller.

In addition to the socio-historical and dialogic character (BAKHTIN, 2010 [1992]), we are also interested in considering other dimensions in line with the Bakhtinian postulate. In a sociocultural and sociocognitive dimension, we situate that genres, especially their dynamic properties, function as a cultural and cognitive form of social action (MILLER, 1984) "embodied in a particular way in language" (MARCUSCHI, 2010, p. 19). In short, genres, as cultural artifacts (MILLER, 1984, 1994) emerging from social processes (BAZERMAN, 2014 [2004]), enable their social actors/actresses to signal typical ways of acting, which includes the signaling of greater/lesser interpersonal distance, in response to generic demands. In a sociointeractional dimension, we assume, in line with the notion of Bakhtinian style, that the interactants make use of "specific forms of semiotization" (BRONCKART, 2007 [1999]), mobilizing such forms to establish the regulation of the interlocutory distance, depending on their enunciative goals, and on their alignment with forecasts and generic possibilities. Let's see how this set of theoretical assumptions is manifested in the following text[7].

[7] Text translation: **Subject**: Meeting for process alignment. **E-mail body message**: Dear friends. Good afternoon! I need to talk to you personally to define some points that need to be clear to align the responsibility of each one in the Project we are currently involved in. **Meeting data**: Meeting to align processes. Process alignment. When: Tuesday, September 6 – 18:00 – 20:00. Where: Meeting Room. Who. **Buttons**: send, save, discard. Draft automatically saved at 13:52 (0 minutes ago).

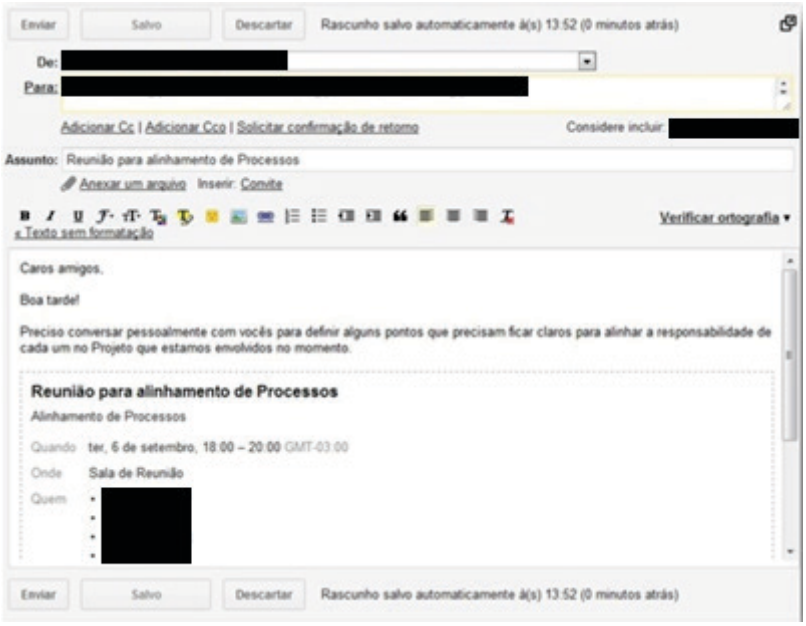


Image 2: Email as a discursive genre

Source: Rocha (2011)

There is a controversy, still present in the academy, related to e-mail: a genre or a genre support? In fact, it can be an electronic mail type support, like the *Outlook* program and at the same time a related genre of personal letters (MARCUSCHI, 2008). We agree with Paiva (2005, p. 77-78), when considering that the means of transmission of electronic messages generated "an electronic written genre with typical characteristics of memo, note, letter, face-to-face conversation and telephone conversation, whose representation acquires sometimes the form of a monologue, sometimes [the form of] a dialogue". Given the hybridity present in the genre, based on the notorious *continuum* between speech and writing (MARCUSCHI, 2008), which ranges from a memo to a conversation, we assess that the genre predicts (and enables) a vast proxemic gradient, in accordance with the relationship that the interactors maintain with each other, concurrent with interlocutory demands: greater/lesser (as)symmetry between the subjects.

We are not referring to stereotyped, fixed and formulaic relationships, such as employee x employer, teacher x student, co-worker x co-worker, but the relationship between subjects, without neglecting their social roles. We cannot imagine, for example, that every employee of a given company marks an equal distance (or proximity) with his/her boss. We also imagine that an employee who has a closer relationship with the boss outside the work environment can project some approximations, even in a formal email. There are bosses who opt for a more informal style (and for a consequent approximation of their employees), which would summon a reduction of the intersubjective distance.

In the field of work, there is a taboo that electronic communications must be strictly formal, without, in most cases, a more discursive explanation. We can see this assessment, for example, in Gold (2005, p. 100), when she states that, in the e-mail, "the formality required by the situation is maintained". Far from criticizing these writing manuals, we assume that Textual Linguistics can open dialogues with such materials, aimed at instrumentalizing the writing of texts in this modality (writing in companies). In e-mails, we believe it is possible to clearly notice that the interlocutory distance is associated with the interactants summoned by the text and with the author's stylistic choices. Although the text under analysis is a business communication, the vocative *Dear friends* seeks a certain reduction in the interlocutive distance, perhaps with the aim of promoting a more affective interaction and seeking greater adhesion of the team to what is requested.

Subsequently, the greeting (*good afternoon*) and the body of the text bring, for the most part, greater distance, mitigated with some uses that indicate greater proximity, such as the first person plural, which involves the author of the e-mail in the actions to be performed in the project, and the form of address *you*[8]. The persons of speech (the designations of the other) mark the

[8] It is common that, in Brazilian Portuguese, the pronoun *you*, as opposed to *sir* and *madam*, marks informal interlocutory relationships.

responsibilities for the actions: the first person singular and the second person plural mark greater distance (the boss needs and the employees, interlocutors of the boss, assume the responsibilities); while the first person plural marks greater proximity (the boss, when including himself/herself, shows himself/herself to be co-responsible for the project, since he/she is also involved).

Thus, the analyzed text does not seem excessively distant (formal), as can be claimed by some manuals dedicated to the instrumentalization of writing in the genre, even though it is a secondary genre (BAKHTIN, 2010 [1992]). In this way, the author's style, which oscillates between the formal/distance and the informal/proximity, is coherent with the sociocultural practices of the genre, as well as with the probable and possible spaces interlocutors. The stylistic alternation (from formal to informal), as a typical way of acting and mobilizing semiotization tools, can promote greater adherence to the request made.

3.3 INDEXICALITY: LEXICON, TEXT, DISCOURSE AND INTERACTION

With an interest in the indexical character that governs interactions, we propose, in this section, an integrated debate between (i) contextualization cues (GUMPERZ, 1982, 2001; ADENDORFF, 1996; STREECK, 2010), frames (BATESON, 1987 [1972]; GOFFMAN , 1986 [1974]; TANNEN; WALLAT, 1987) and footing (GOFFMAN, 2002 [1979]); (ii) referencing (MONDADA; DUBOIS, 1995; MARCUSCHI, 2007; KOCH; ELIAS, 2008, 2012); and (iii) social and discursive deixis (LEVINSON, 2007 [1983]; ARCHER *et al*., 2012). Such theoretical domains combine at the same time an inferential character to be negotiated by the interactants in a given frame, and a construction instantiated in the co-text and in the context. In common, we emphasize that an intersubjective indexicality which permeates all theoretical fields is contextually situated and focused on the subjects' actions in interactional activity, whose projection is also given to the interlocutive distances.

Composing a theoretical construct dedicated to conversational inference and the establishment of contextualization cues in face-to-face interaction, Gumperz (1982) refers to a multilevel system of meanings, among which we highlight proxemic regulation, which inspires negotiation between the enunciated signals and the resulting interpretations of the enunciation. In the course of this activity, the cues are unveiled from our conversational expectations, arising from previous interactive experiences, which align "what the activity is, how semantic content is to be understood and *how* each sentence relates to what precedes or follows" (GUMPERZ, 1982, p. 131). Gumperz (1982) advances when considering that the interpretative weight of the enunciated cues is much greater than the linguistic meaning, which makes us think that the interaction is constituted as a territory of language negotiation, which extends to the scope of linguistic-discursive proxemics.

In this sense, the cues affect the interpretation, make evident the role that indexicality plays in the conversation (GUMPERZ, 2001), delineate the context, provide information about the interactors' actions (ADENDORFF, 1996) and give meaning to their social relationship (STREECK, 2010). By recognizing the dialectical relationship between language and society, sociointeractional studies assume the task of analyzing the uses and repercussions of utterances in specific contexts (set of actions that surround an event and evoke interpretation). Interaction is guided by sociocultural conventions; it is not disordered, since cultural rules organize the actions of its participants.

The cues also provide contextual frameworks and enable alignments between the interacting subjects, so that they jointly negotiate shared meanings. For that, we will bring a brief synthesis of the concepts of frames and footing, considering the harmony between both concepts with the notion of contextualization cues. In analogy to a frame of a painting and a mathematical set, Bateson (1987 [1972]) refers that (psychological) frames, explicitly or implicitly, delimit messages (or significant actions), that is, they include certain significant actions and exclude others. From the Goffman's (1986 [1974]) and Tannen and Wallat's (1987) perspectives, the notion transcends a linguistic-conceptual knowledge, insofar as it relates "to the speakers' social framing in the interaction and to the social regimes and practices that qualify [the interaction]" (MORATO, 2010, p. 94).

Therefore, frames are activated, (re)updated and negotiated in the course of the interaction: the interactants are framed by cotextual and contextual instances, which lead the participants to achieve their intentions. In the absence of activation of meanings for a given utterance (non-understanding) or in the activation of meanings not intended by the interactor (misunderstanding), there is misalignment of frames.

Goffman (1986 [1974]) invites us to think that frames, as interpretation schemes, can be (i) natural and linked to *purely physical*/determined occurrences (without orientation, without animation), as is the case of information related to meteorology in a report; or (ii) social, related to prior knowledge of events, agency, volitivity and intentionality, whose description is aligned with *guided actions*. The notion of footing, anchored to the social notion of frames, contemplates the participants' alignment in the events and the intersubjective negotiation of meanings. Goffman (2002 [1979], p. 113) refers to "[t]he alignment, or bearing, or positioning, or posture, or personal projection of the participant", predicting that such subjects may change footing, depending on their purposes in the ongoing interaction. It seems to be central to Goffman's (1986 [1974], 2002 [1979]) debate that senses, triggered by cues that promote given frames (framing) from certain footings (alignments), are constructed in interactional encounters.

Tannen and Wallat (1987) refer to the concepts of *interactive framing*, highlighting both Goffman's (1986 [1974], 2002 [1979]) contributions – frames and footing – and *knowledge schema*. In the authors' view (1987, p. 207), this scheme is related to "participants' expectations about people, objects, events and settings in the world, as distinguished from alignments being negotiated in a particular interaction". When investigating the establishment of frames in a pediatric consultation, Tannen and Wallat (1987) found that the use of different records by the doctor to interact with the child (maternal language), with the child's mother (conventional) and with the residents (report) resulted from the particularities of the three audiences (three distinct social encounters). The three alignments and consequently the three registers used also provided three frames. That is, each frame summoned a different footing and registration.

Although Tannen and Wallat (1987) have undeniably contributed to the construct, we agree with Morato (2010) that the split between interactive frames (interactional notion) and knowledge schemes (semantic/conceptual notion) is not appropriate. We conceive its integration in a dialectical continuum, under the argument that there is no cognition entirely outside language, nor language outside interaction (MORATO, 1996).

Constructed from the interactants' alignment and their framing in the interaction, contextualization cues, by virtue of their inferential character, are related to the referencing, which, as a dynamic and subjective process, concerns the "construction and reconstruction of objects-of-discourse" (KOCH; ELIAS, 2008, p. 123). The allusion to objects-of-the-discourse (and not to objects-of-the-world), to which we are affiliated, is based, from a sociocognitive and sociointeractional perspective, on the inexistence of a specular relationship between language/sign/reference, considering that language, as it is "a system of syntactic-semantic indeterminations" (MARCUSCHI, 2007, p. 70), "it is not a portrait, but a deal of the world" (MARCUSCHI, 2007, p. 108). The referencing activity is one of the regulators of interlocutory distances, as lexical choices are motivated by the degree of distance/familiarity, by ideologies, by the hierarchical relationships assumed by the subjects, by the context and by socio/intercultural conventions. It is in the interaction that we (re)construct, cooperatively with our interlocutor, the objects-of-discourse (the representations of reality, the designations of the other and ourselves, the evaluations of proxemic movements), which pass through cultural, ideological, social and individual filters.

Therefore, referencing is a category through which subjects, from their intersubjective experiences, take the world in the course of interaction. This activation of objects-of-discourse, among other actions, guides the interactors not only temporally and spatially, but socially and discursively. In this sense, the notion of deixis, associated with the context of enunciation (LEVINSON, 2007 [1983]), encompasses both "social identities of and/or relationships between speakers, addressees and others" and "parts of a text or a discourse which occurred prior to or occur following the speaker's current utterance" (ARCHER *et al*., 2012, p. 27), which are associated, respectively, with social deixis and discursive deixis. When exemplifying the social deixis with the statement *Nice to meet you, professor Ajimer*, Archer *et al.* (2012) clarify that the possible references to the teacher depend on who the interlocutor is and on the desired degree of (in)formality, choosing to focus (or not) on occupational status. According to Archer *et al.* (2012), the discursive deixis encompass endophoric (anaphoric and cataphoric) and exophoric references, which inspires us to place deixis, respectively, in the co-text and context instances. In the analysis of the following text[9], we will contemplate the discussion of the themes undertaken so far.

[9] Text Translation: Hey, Auntie! Speak down, I'm on the phone!



Image 3: The charge in the indexicalization of the interaction
Source: Formolo Júnior (2015)

The cartoon addresses a criticism not only of the use of cell phones in the classroom, but also of students' lack of interest in learning. The cues that converge to this analysis are given in the verbal (boy's utterance) and non-verbal (boy's facial expression and body positioning, and girl's gaze direction) levels. The teacher reacts with a disappointed facial expression, signaling her discomfort with the student's actions. In addition to this configuration (of disinterest and disappointment), we note cues that signal an ambivalence in the proxemic field: there are some semiosis of distancing (school furniture, directing the girl's gaze, boy's body posture projected backwards and teacher on a platform) and others of proximity (alignment of the gaze between the teacher and the boy, and the boy's statement).

We emphasize that the referent *Auntie* [*Tia*][10], unlike other uses of the term in Brazilian Portuguese, constructs a pejorative/derogatory sense related to the teacher's age. Such use marks a social and discursive deixis that, associated with the use of unmitigated imperative (*Speak down*), depreciates/violates the teacher's image.

In addition, we did a brief survey in a WhatsApp group, in order to consult the impressions of two people about the linguistic-discursive use in the text in question, especially the use of *Auntie* [*Tia*]. Both Brazilian adults (30 and 39 years old) and non-linguists (one historian and the other anthropologist) revealed that the expression was commonly used by young people to refer, in a derogatory way, to older people. In common, the two collaborators agreed that the use was associated with the actions of defying, mocking, provoking, disavowing, breaking the presupposed hierarchies in the relationship, depersonalizing (the use of a generic term to suppress the teacher's identity) and depriving the person of their place of speech. Both the appreciative and the derogatory use of *Auntie* [*Tia*] mark a reduced interlocutory distance, given that they convoke a relationship marked by greater intimacy, with the exception that the use in the analyzed text triggers a threatening/violent proximity.

In line with the demands of the genre itself (promoting criticism around a given theme), the cartoon summons a frame and footing that transgress the prototypical functioning of the classroom (teacher teaching classes and students involved in pedagogical activities). The distinct interlocutors' framing (frame) and projection (footing) in the represented interaction also have repercussions for the interlocutive distances. The text in question highlights the incongruous student's proximity in relation to the teacher, revealing a highly defiant and violent posture, in dissonance of what is expected in interactions involving students and teachers.

4 FINAL REMARKS

Linguistic-discursive proxemics emerges as an invitation to reflect about the amalgamation between indexicality and socially constructed meanings in (non)verbal semiosis. We assume that the interlocutory distance is more than textually marked; it is

[10] In addition to referring to a family member, the term *Auntie*, in Brazilian Portuguese, can be used for children's teachers and friends' mothers (affective use) and to imply that the interlocutor is old/outdated (derogatory use).

ideologically inferable, which places the construct in a sphere from the particular to the collective (from the subject to social encounters). It is only through the set of language actions (verbal and non-verbal), which summon certain contexts, frames and alignments, that we are able to establish the relationships of meaning (approaches/distances) in the interaction. Therefore, indexations in language are not fixed, nor established a priori, but are summoned by the interactants' relationship, enrolled in a given genre, in a given ideological formation, in a given (as)symmetry with the other, and are motivated by a given intentionality (from the most affective to the most violent). Due to this set of factors, we confirm that the empirical texts had an exclusive character of illustrating possible proxemic mechanisms, with no intention of proposing generalizations.

Alluding to the three themes presented, we associate the term with the establishment of (a)symmetric interactions, motivated by the desire to (i) break with or respect the (in)formality of the ongoing interlocution; (ii) direct (im)polite actions to the other, in line with or in dissonance with his/her expectations; and (iii) violent linguistically, symbolically and discursively the other, in symmetrical or asymmetrical relationships. In some way, we hope that this text motivates other researches to unveil, in the expansion of these theoretical domains and in the discovery of other domains, linguistic-discursive mechanisms of approximation/distancing, in order to give visibility to what may be culturally hidden.

REFERENCES

ADENDORFF, R. D. The functions of code switching among high school teachers and students in KwaZulu and implications for teacher education. *In*: BAILEY, K. M.; NUNAN, D. (ed.). *Voices From the Language Classroom*: Qualitative research in second language education. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 388-406.

ALBUQUERQUE, R. *Um estudo de polidez no contexto de L2*: estratégias de modalização de atos impositivos por falantes de espanhol. 2015. 372 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ALBUQUERQUE, R. A noção de gêneros textuais no ensino de português brasileiro como língua adicional (PBLA): por uma prática centrada na cena genérica. *In*: SILVA, F. C. O.; VILARINHO, M. M. O. (org.). *O que a distância revela*: Diálogos em Português Brasileiro como Língua Adicional. Brasília: UAB, 2017. p. 169-192.

ALBUQUERQUE, R.; MUNIZ, A. A enunciação de pedidos como estratégia de (im)polidez no contexto de ensino de português brasileiro como língua adicional. *Soletras*, n. 39, p. 165-191, 2020.

ALBUQUERQUE, R.; ARAÚJO, P. H. S. A aquisição da competência metagenérica na escrita de uma carta de leitor: um estudo de caso no contexto de ensino de português brasileiro como língua adicional. *Veredas*, v. 25, n. 2, p. 344-373, 2021.

ARCHER, D.; AIJMER, K.; WICHMANN, A. *Pragmatics*: an advanced resource book for students. London: Routledge, 2012.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1975 [1962].

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. Introdução e tradução Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010 [1992].

BATESON, G. A Theory of Play and Fantasy. *In*: BATESON, G. *Steps to an ecology of mind*: collected essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution, and Epistemology. Northvale, New Jersey/London: Jason Aronson Inc, 1987 [1972]. p. 183-198.

BAZERMAN, C. Speech Acts, Genres, and Activity Systems: How Texts Organize Activity and People. *In*: WARDLE, E.; DOWNS, D. (ed.). *Writing about writing*: A College Reader. Boston/New York: Bedford/St. Martin's, 2014 [2004]. p. 365-394.

BLITVICH, P. G-C.; SIFIANOU, M. Im/politeness and discursive pragmatics. *Journal of Pragmatics*, v. 145, p. 91-101, 2019. Disponível em: http://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378216618306301. Acesso em: 30 ago. 2020.

BRAIT, B. Estilo. *In*: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin*: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 79-102.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos*: Por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2007 [1999].

BROWN, P; LEVINSON, S. *Politeness*: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CARREIRA, M. H. *Modalisation linguistique en situation d'interlocution*: proxémique verbale et modalités en portugais. Louvain-Paris: Peters, 1997.

CARREIRA, M. H. A. Deixis e proxémica verbal: Percursos enunciativos e processos discursivos. *In*: OLIVEIRA, F.; DUARTE, I. M. (org.). *O Fascínio da Linguagem*. Actas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca. Porto: Faculdade de Letras, 2008. p. 45-53.

CARREIRA, M. H. A. Cortesia e proxémica: abordagem semântico-pragmática *In*: SEARA, I. R. (coord.). *Cortesia*: Olhares e (re)invenções. Portugal: Chiado, 2014. p. 27-46.

CARREIRA, M. H. Un modele semantique pour l'etude de la proxemique verbale dans le cadre de la semiotique des cultures. *Acta semiótica et linguística*, Université Paris 8, v. 20, n. 1, p. 1-8, 2015.

CARREIRA, M. H. A. Formas de tratamento de português como designação do outro e de si: perspectivas de investigação e transposição didáctica. *Cadernos de PLE 1*, 2017a. Disponível em: http://varialing.web.ua.pt/wp-content/uploads/2017/03/Helena-Carreira_PLE1.pdf. Acesso em: 30 ago. 2020.

CARREIRA, M. H. A. Contribution à l'etude de la proxémique verbale em Portugais: distance, proximité, enonciation et interlocution. *Studia Universitatis Babes-Bolyai – Philologia*, v. 62, n. 4, p. 9-16, 2017b.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso*: modos de organização. Tradução Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

CULPEPER, J. Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics*, v. 25, n. 3, p. 349-367, 1996. Disponível em: http://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0378216695000143. Acesso em: 30 ago. 2020.

CULPEPER, J. *Impoliteness*: Using Language to Cause Offence. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDÁR, D. Z. *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. London: Palgrave Macmillan, 2017.

EELEN, G. *A Critique of Politeness Theories*. Manchester: St. Jerome, 2001.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FERREIRA, A. B. H. *Aurélio*: o dicionário da língua Portuguesa. Curitiba: Positivo, 2008.

FORMOLO JÚNIOR, M. J. *Aquele Mário Desenhos*. 2015. Disponível em: http://www.jornaldebeltrao.com.br/noticia/232707/uso-descontrolado-de-celulares-dificulta-o-aprendizado-na-escola. Acesso em: 15 out. 2018.

FRASER, B.; NOLEN, W. The association of deference with linguistic form. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 27, p. 93-109, 1981. Disponível em: http://www.degruyter.com/view/journals/ijsl/1981/27/article-p93.xml. Acesso em: 30 ago. 2020.

GOFFMAN, E. The Neglected Situation. *American Anthropologist*, v. 66, n. 6 (pt. 2), p. 133-136, 1964.

GOFFMAN, E. *Interaction Ritual*: essays on face-to-face behavior. UK: Penguin University Books, 1967.

GOFFMAN, E. *Frame Analysis*: An Essay on the Organization of Experience. Boston: Northeastern University Press, 1986 [1974].

GOFFMAN, E. *Footing*. Tradução Beatriz Fontana. *In*: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.). *Sociolinguística Interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002 [1979]. p. 107-148.

GOLD, M. *Redação empresarial*: escrevendo com sucesso na era da globalização. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

GUMPERZ, J. J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

GUMPERZ, J. J. Interactional Sociolinguistics: A Personal Perspective. *In*: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. (ed.). *The Handbook of Discourse Analysis*. USA: Blackwell Publishers, 2001. p. 215-228.

HAUGH, M.; CULPEPER, J. Integrative pragmatics and (im)politeness theory. *In*: ILIE, C.; NORRICK, N. R. (ed.). *Pragmatics and its Interfaces*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 213-239.

HALL, E. T. *The Silent Language*. New York: A Premier Book, 1965 [1959].

HALL, E. T. A System for the Notation of Proxemic Behavior. *American Anthropologist,* v. 65, n. 5, p. 1003-1026, 1963.

HALL, E. T. *A dimensão oculta*. Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'água, 1986 [1966].

HALL, E. T. *et al*. Proxemics [and Comments and Replies]. *Chicago Journals*, v. 9, n. 2-3, p. 83-108, 1968.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les interactions verbales*. Tome 2. Paris: Armand Colin, 1992.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da Conversação*. Tradução Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006 [1996].

KERBRAT-ORECCHIONI, C. ¿Es universal la cortesía? *In*: BRAVO, D.; BRIZ, A. (ed.). *Pragmática Sociocultural*: estudios sobre el discurso de cortesía en español. España: Ariel Linguística, 2004. p. 39-53.

KNAPP, M. L. *Nonverbal Communication in Human Interaction*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.

KNAPP, M. L.; HALL, J. A. *Nonverbal Communication in Human Interaction*. 3. ed. USA: Harcourt Brace Jovanovich, 1992.

KOCH, I. V. *A inter-ação pela linguagem*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender*: os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever*: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LAKOFF, R. T. The logic of politeness; or, minding your p's and q's. *In*: CORUM, C. *et al.* (ed.). *Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society.* Chicago: 1973. p. 292-305.

LEECH, G. *Principles of Pragmatics*. London: Longman, 1983.

LEVINSON, S. C. *Pragmática*. Tradução Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1983].

LOCHER, M.; WATTS, R. Politeness theory and relational work. *J. Politeness Res.*, v. 1, p. 9-33, 2005. Disponível em: http://www.degruyter.com/view/journals/jplr/1/1/article-p9.xml. Acesso em: 30 ago. 2020.

MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (org.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010. p. 19-38.

MILLER, C. R. Genre as social action. *Quartely Journal of Speech*, v. 70, n. 2, p. 151-67, 1984. Disponível em: http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00335638409383686. Acesso em: 30 ago. 2020.

MILLER, C. R. Rethorical Community: The Cultural Basis of Genre. *In*: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (ed.). *Genre and the New Rethoric*. London: Taylor & Francis, 1994. p. 67-78.

MILLS, S. *Gender and Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. *Tranel.*, v. 23, p. 273-302, 1995.

MORATO, E. M. *Linguagem e Cognição* - As reflexões de L.S. Vygotsky sobre a ação reguladora da Linguagem. São Paulo: Plexus, 1996.

MORATO, E. M. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de letras da UFF*, n. 41, p. 93-113, 2010. Disponível em: http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/41/artigo4.pdf. Acesso em: 30 ago. 2020.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

PAIVA, V. L. M. O. E-mail: um novo gênero textual. *In*: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção do sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 68-90.

RECTOR, M.; TRINTA, A. R. *Comunicação não-verbal*: a gestualidade brasileira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

ROCHA, S. P. *Integrar o G-mail com a Google Agenda*. 2011. Disponível em: http://setesys.com.br/blog/integrar-gmail-agenda/. Acesso em: 15 out. 2018.

SOUZA, F. C. *Turma do Quiabo 17* – Alfabetização. 2012. Disponível em: http://www.vardomirices.com.br/2012/07/alfabetizacao.html. Acesso em: 15 out. 2018.

STREECK, J. Ecologies of gesture. *In*: STREECK, J. (ed.). *New Adventures in Language and Interaction*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 223-242.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Interative Frames and Knowledge Schemas in Interaction: Examples from a Medical Examination/Interview. *Social Psychology Quarterly*, v. 50, n. 2, p. 205-2016, June 1987.

TURNBULL, W.; SAXTON, K. L. Modal expressions as facework in refusals to comply with requests: I think I should say 'no' right now. *Journal of Pragmatics*, v. 27, n. 2, p. 145-81, 1997. Disponível em: http://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378216696000343. Acesso em: 30 ago. 2020.

Received on 04 April, 2021. Approved on 09 March, 2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e77699

SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA E RELAÇÕES DE SENTIDO: O VALOR ARGUMENTATIVO DA EXPRESSÃO "CIDADÃO DE BEM"

SEMÁNTICA ARGUMENTATIVA Y RELACIONES DE SENTIDO: EL VALOR ARGUMENTATIVO DE LA EXPRESIÓN "CIDADÃO DE BEM"

ARGUMENTATIVE SEMANTICS AND MEANING RELATIONS: THE ARGUMENTATIVE VALUE OF THE EXPRESSION "CIDADÃO DE BEM"

João Ricardo Fagundes dos Santos*
Ernani Cesar de Freitas**
Universidade de Passo Fundo

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar o funcionamento discursivo da expressão "cidadão de bem" em dois enunciados diferentes, com base na semântica argumentativa. A busca do sentido e do valor argumentativo dessa expressão será feita com base nas considerações teóricas da Teoria da Argumentação na Língua, especialmente da terceira fase, a Teoria dos Blocos Semânticos, de Carel e Ducrot (2005). Para isso, o estudo analisa dois enunciados com a expressão "cidadão de bem", um retirado de uma tirinha do personagem Armandinho e o outro de uma declaração do deputado Rogério Peninha Mendonça. Propõe-se um percurso metodológico para evidenciar os encadeamentos argumentativos e construir os blocos. Com base nos resultados encontrados, observa-se que o valor argumentativo encontrado em cada uso da expressão "cidadão de bem" possibilita diferentes construções de sentido e possibilidades argumentativas preexistentes na própria língua.
PALAVRAS-CHAVE: Semântica Argumentativa. Valor argumentativo. Blocos Semânticos. Cidadão de bem.

* Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (Passo Fundo/Brasil), com modalidade acadêmica na Universidade do Porto (Porto/Portugal). Professor de Língua Portuguesa e Supervisor de Ensino na rede privada de Passo Fundo/Brasil. E-mail: joaoricardo.ped@gmail.com.

** Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil), com pós-doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (São Paulo/Brasil). Professor na Universidade de Passo Fundo (Passo Fundo/Brasil). E-mail: ecesar@upf.br.

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo analizar el funcionamiento discursivo de la expresión “cidadão de bem” en dos enunciados diferentes, basados en la semántica argumentativa. La búsqueda del significado y el valor argumentativo de esta expresión se basará en las consideraciones teóricas de la Teoría de la Argumentación en el Lenguaje, especialmente en la tercera fase, la Teoría de los Bloques Semánticos, de Carel y Ducrot (2005). Para ello, el estudio analiza dos declaraciones con la expresión “cidadão de bem”, una extraída de una tira cómica del personaje Armandinho y la otra de una declaración del diputado Rogério Peninha Mendonça. Se propone un camino metodológico para resaltar las cadenas argumentativas y construir los bloques. Con base en los resultados encontrados, se observa que el valor argumentativo encontrado en cada uso de la expresión “cidadão de bem” permite diferentes construcciones de significado y posibilidades argumentativas preexistentes en el propio lenguaje..
PALABRAS CLAVE: Semántica argumentativa. Valor argumentativo. Bloques semánticos. Cidadão de bem.

ABSTRACT: This article aims to analyze the discursive functioning of the expression "cidadão de bem" in two different utterances, based on argumentative semantics. The search for the meaning and the argumentative value of this expression will be made on the basis of the theoretical considerations of the Language Argumentation Theory, especially the third phase, the theoretical model of semantic blocks, from Carel and Ducrot (2005). For this, the study analyzes two utterances with the expression "cidadão de bem", from a Armandinho comic strip and from a statement by deputy Rogério Peninha Mendonça. A methodological course is proposed to highlight the argumentative threads and to construct the semantic blocks. Based on the results found, it is observed that the argumentative value found in each use of the expression “cidadão de bem” allows different constructions of meaning and pre-existing argumentative possibilities in the language.
KEYWORDS: Argumentative semantics. Argumentative value. Semantic blocks. Cidadão de bem.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema a compreensão dos valores argumentativos da expressão “cidadão de bem”, presente nos dois enunciados aqui analisados, levando em conta os conceitos da Semântica Argumentativa de Ducrot. No complexo contexto social brasileiro, em meio a crises políticas e de valores sociais, a expressão “cidadão de bem” é utilizada em diferentes enunciados e produz efeitos de sentido diversos em cada situação de uso. Para analisar os múltiplos sentidos dessa entidade linguística, apropriamo-nos dos fundamentos da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), proposta por Ducrot (1988), especialmente dos princípios recentes da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), apresentada por Carel e Ducrot (2005).

As contribuições da TAL e TBS na busca do sentido construído pelo linguístico embasam a reflexão sobre a questão norteadora deste trabalho, que parte do fato de a expressão “cidadão de bem” possuir diferentes valores argumentativos, conforme sua relação com as outras entidades linguísticas do enunciado. Dessa forma, salientamos a importância de estudos nessa vertente teórico-metodológica, promovendo a discussão sobre a argumentação na língua, a própria linguagem verbal apontando os sentidos dos enunciados, a possibilidade da língua por si só mostrar a unidade semântica do texto, com base na semântica argumentativa.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar a utilização da expressão “cidadão de bem” em dois enunciados diferentes, buscando a compreensão dos sentidos argumentativos gerados em cada um deles. Essa análise será realizada a partir das estratégias metodológicas da TAL e TBS, por meio da argumentação externa e interna, e da construção dos blocos semânticos. Serão analisados dois enunciados, um retirado de uma tirinha do personagem Armandinho, e o outro de uma declaração do deputado Rogério Peninha Mendonça.

Inicialmente, serão explicitados conceitos e princípios teóricos para fundamentar a análise. Essa sistematização teórica trará alguns conceitos da semântica argumentativa das três fases da TAL, com ênfase aos estudos atuais da TBS, de Carel e Ducrot (2005), que será base para a análise. Em seguida, realiza-se a análise dos enunciados e, por fim, são apresentadas as conclusões sobre as possibilidades argumentativas e de sentido derivadas da própria língua e sua importância na organização semântica do discurso.

2 PRINCÍPIOS DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

A Teoria da Argumentação da Língua (TAL), desenvolvida por Oswald Ducrot, na área de estudos da Semântica Argumentativa, tem como seu alicerce a teoria de Saussure. A TAL traz as noções saussurianas de signo, língua, fala e valor para buscar os fundamentos de uma teoria semântica. Ducrot busca o valor argumentativo das palavras nas próprias palavras, ou seja, na língua. Daí vem sua tese: "[...] a argumentação está na língua" (DUCROT, 1989, p. 16), pois seus estudos mostram que a direção argumentativa do discurso é oriunda do próprio valor dos signos linguísticos.

A TAL foi criada em 1983, na École des Hautes Études en Sciences de Paris, na França, por Oswald Ducrot, em conjunto com Jean-Claude Anscombre. Os estudos dessa vertente ressaltavam que a argumentação não depende do externo da língua, do contexto. A teoria ressalta que o sentido linguístico está no discurso, noção que não leva em consideração o extralinguístico. Ducrot até apresenta a possibilidade de recorrer ao contextual, mas o enunciado será sempre o ponto de partida para a busca do sentido fora da língua. O autor afirma que "o sentido se constrói por empréstimo do contexto, mas essa construção 'pragmática' do sentido é dirigida pelo valor propriamente linguístico das palavras que se devem interpretar." (DUCROT, 2005, p.11). Sendo assim, é a estrutura linguística que guia o que será levado em conta, do contexto, na compreensão dos enunciados.

2.1 AS TRÊS FASES DA TEORIA

Partindo dessa ideia, de que para buscar o sentido dos enunciados é preciso compreender a significação no material linguístico, nas relações e no valor das unidades da língua, a teoria de Ducrot analisa o discurso pelos encadeamentos argumentativos. A argumentação é colocada como fator constituinte do sentido. Porém, a ideia de argumentação na teoria passou por diferentes fases e algumas reelaborações. A TAL possui três momentos distintos, propostos por Ducrot e colaboradores.

Na chamada forma *Standard* da TAL, a teoria de Ducrot (1988), com uma noção argumentativa da língua, apresenta um locutor que expõe seu ponto de vista sobre o mundo, indo muito além da representação da realidade (aspecto objetivo). Ducrot une a atitude do locutor diante à realidade (subjetivo) e a relação locutor-alocutário (intersubjetivo) para definir o que era o fundamental da descrição semântica, o valor argumentativo. Dessa forma, o valor argumentativo é a orientação que um termo segue no discurso para a construção do sentido.

Nesse início da teoria, Ducrot define alguns termos fundamentais na teoria, como enunciado e frase, sentido e significação, discurso e texto. Freitas (2007, p. 25) esclarece a definição desses termos, ressaltando que a frase é material linguístico, a entidade abstrata e teórica, construída pelo linguista, que não pode ser observada. Já o enunciado são as múltiplas manifestações ou realizações da frase, em um lugar determinado no espaço e tempo, podendo ser observado, pois é a realização linguística. O valor semântico da frase é a significação, e por sua vez, o valor semântico do enunciado é o sentido. Ducrot (1989, p. 18) afirma que "A significação de certas frases contém instruções que determinam a intenção argumentativa a ser atribuída a seus enunciados: a frase indica como se pode, e como não se pode argumentar a partir de seus enunciados.", evidenciando que o sentido do enunciado é obtido a partir da significação da frase.

Apresentada a frase e o enunciado, e suas relações do nível elementar, podemos entender a definição de texto e discurso, no nível complexo. Enquanto texto é uma sequência de frases interligadas, o discurso é a unidade constituída pelo encadeamento de enunciados. Sendo assim, o discurso é a concretização do texto, com enunciados apoiados uns nos outros, intimamente conectados. A busca do sentido desses enunciados, no discurso, se dá na análise do valor argumentativo. Nessa fase, o valor está nas conclusões às quais se pode chegar a partir do argumento, ligado à continuação discursiva de enunciados. Na fase *standard*, a argumentação é entendida na relação entre dois segmentos, o enunciado-argumentativo (A) e enunciado-conclusão (C).

Na evolução da teoria, percebe-se que um enunciado-argumentativo pode levar a diversas conclusões. Essa discussão abre uma segunda fase da TAL, com a forma *standard* ampliada, apresentando as noções de *topos* e de polifonia. A teoria discute agora a possibilidade de duas frases com o mesmo operador argumentativo apresentarem conclusões diferentes ou com operadores diferentes levando à mesma conclusão. A possibilidade de extrair conclusões diferentes é um princípio convocado pela própria

frase: o *topos* ou *topoi* (no plural). Ducrot (1988, p.102) apresenta os *topoi* como princípios comuns, coletivos, graduais, crenças e lugares comuns com a função de orientar os enunciados em direção à conclusão. Ducrot (1988, p. 94) traz como exemplo (mantém-se a numeração original nos exemplos):

(19) Ha trabajado un poco, va a tener éxito. (Trabalhou um pouco, vai ter êxito.)
(20) Ha trabajado poco, va a fracasar. (Trabalhou pouco, vai fracassar.)
(21) Ha trabajado poco, va a tener éxito. (Trabalhou pouco, vai ter êxito.)

Na crença de que o trabalho leva ao êxito, (19) e (20) são possíveis, mas se acreditarmos que o trabalho leva ao fracasso, o enunciado (21) é possível. Tudo depende do *topos*, da ideia que o locutor tem de trabalho, pois ele é o intermediário entre o argumento e a conclusão. Aliada a essa noção de *topos*/*topoi*, temos a Teoria da Polifonia, que traz os diferentes pontos de vista presentes no enunciado. Ducrot (1988, p. 66) mostra o enunciador como quem "[...] não é o responsável pelo enunciado e nem o produtor real dele, é o responsável pelos pontos de vista apresentados no enunciado".

Essa segunda fase da TAL faz parecer que o centro da argumentação é o ponto de vista, o *topoi*. Como isso contraria o princípio estruturalista de estudar a língua por ela mesma, a partir de 1992, Ducrot e Carel renunciam a ideia do *topoi* e desenvolvem a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), dando início à terceira e atual fase da TAL, utilizada neste artigo. Na TBS, a noção de encadeamento argumentativo é fundamental. Carel e Ducrot (2005, p. 13-14, tradução nossa[2]) explicam que: "[...] o sentido de uma entidade linguística não está constituído por coisas, fatos, propriedades, crenças psicológicas, nem ideias. Está constituído por certos discursos que essa entidade linguística evoca. Esses discursos serão caracterizados com o nome de encadeamentos argumentativos".

Assim, encadeamentos argumentativos são sequências de dois segmentos unidos por um conector. Se nas teorias anteriores, havia um argumento unido a uma conclusão por meio de um *topos*, agora, a TBS aponta para uma interdependência semântica entre argumento e conclusão, já que cada um dos segmentos encadeados só possui sentido na relação com o outro (CAREL; DUCROT, 2005). Nessa nova visão da teoria, Carel (2001) explica que a argumentação se dá no encadeamento do primeiro com o segundo segmento, não mais na passagem de argumento para conclusão, pois, como ela afirma: "Minha noção de argumentação supõe uma dependência de dois segmentos. Não há, para mim, num encadeamento argumentativo, qualquer progresso informativo. É um único ponto de vista que é desenvolvido, ou sob um ângulo normativo, ou sob um ângulo transgressivo" (CAREL, 2001, p.7).

Dessa forma, a TBS prevê dois tipos de encadeamentos argumentativos: os encadeamentos normativos, com conectores do tipo "portanto (donc ou DC)" e os encadeamentos transgressivos, com conectores do tipo "no entanto/ mesmo assim (pourtant ou PT)". Como a própria classificação já mostra, o normativo representa a regra e o transgressivo desobedece-a. Essa proposta desconsidera o *topos*/*topoi*, inserindo as categorias de bloco semântico, aspecto normativo e transgressivo e argumentação interna e externa, as quais serão apresentadas a seguir e utilizadas para a análise neste artigo.

2.2 TBS E SUAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Na Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), o sentido está nos encadeamentos argumentativos, formados por um segmento A e um segmento B, unidos por um conector. Os segmentos encadeados possuem sentido somente em relação com o outro, apresentando uma interdependência semântica. Na teoria, existem somente dois conectores: o donc (portanto), abreviado DC[3], na sequência normativa; e pourtant (no entanto/mesmo assim), abreviado PT, na sequência transgressiva.

[2] El sentido de una entidad lingüística no está constituido por cosas, hechos, propiedades, creencias psicológicas, ni ideas. Está constituido por ciertos discursos que esa entidad lingüística evoca. Esos discursos serán caracterizados con el nombre de encadeniamentos argumentativos. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 13-14).

[3] Optamos, neste trabalho, por usar as siglas na língua original, em francês, DC e PT, assim como faz Carrel (2009). Essa informação é válida logo de início para não causar o conflito entre os dois falsos cognatos de francês e português: "portanto" equivale a "DC - donc" [conectivos normativos], enquanto "pourtant" equivale a "PT - no entanto" [conectivos transgressivos].

Embora tenhamos somente a presença de dois conectores, oito encadeamentos são possíveis entre A e B, na alternância dos segmentos e na utilização na negação. Todas essas possibilidades formam então dois quadrados argumentativos, dois blocos. Assim, numa interdependência semântica entre os segmentos, são produzidos os encadeamentos argumentativos, resultando em oito sentidos capazes de expressar um enunciado, denominados de *aspectos argumentativos*. Segundo Carel e Ducrot (2005, p. 22-24), os aspectos, que configuram o primeiro bloco semântico, apresentam-se como: A DC B / A PT neg-B / neg-A PT B / neg-A DC neg-B. Já os aspectos que configuram o segundo bloco seguem a seguinte definição: A DC neg-B / A PT B / neg-A DC B / neg-A PT neg-B.

A relação que existe entre os enunciados, nesses quadrados, parte de uma base semântica profunda, da interdependência semântica, por isso, a cada quatro encadeamentos é formado um bloco semântico. Os outros quatro formam um bloco semântico que é o contrário do primeiro. Na TBS, é desses blocos que se origina o sentido do enunciado. Barbisan e Graeff (2016, p. 92) refletem sobre esses encadeamentos e afirmam que

> [...] o sentido é construído por um conjunto de relações entre palavras da língua. O sentido de uma palavra depende da continuação que lhe é dada. As relações argumentativas formais, apresentadas pelo jogo de conectores e da negação, representam relações discursivas, que descrevem, consequentemente, a língua pela língua. Não se trata de inferências, nem de raciocínios lógicos, nem de deduções. Os sentidos se constroem pelas relações semânticas entre palavras da língua, não pela exterioridade.

A nova fase da TAL, apresentada por Carel e Ducrot (2005), com os blocos semânticos, retoma a tese inicial da teoria, de que a argumentação está na língua, sem precisar de elementos externos para encontrar o sentido dos enunciados, trazendo os conceitos de argumentação externa (AE) e argumentação interna (AI).

Conforme Carel e Ducrot (2005), a AE refere-se aos encadeamentos argumentativos que podem anteceder (AE à esquerda) ou seguir (AE à direita) a entidade linguística. Para facilitar o entendimento, utilizamos o exemplo dos autores com a palavra *prudente*. Podemos fazer a AE à esquerda: responsável DC prudente/ neg-responsável PT prudente. Também a AE à direita, com a palavra prudente: prudente DC confiança/ prudente PT neg-confiança. Já a AI refere-se aos encadeamentos que parafraseiam a entidade linguística. São os encadeamentos que fazem parte da significação linguística da entidade, sem conter essa no encadeamento. No mesmo exemplo, na palavra *prudente*, quando parafraseamos e apresentamos a significação linguística dessa entidade, ser prudente resulta em uma AI de perigo DC precaução.

A partir da Argumentação Interna e Externa, produzimos os blocos semânticos de um enunciado e visualizamos a forma de argumentação do discurso. Ducrot (2001, p. 4) expõe a aplicabilidade dos conceitos da TAL, quando diz que "[...] descrever uma palavra semanticamente é indicar seus aspectos constituintes de maneira estrutural suas AI e AE: é preciso então, fazer aparecer os encadeamentos argumentativos que a língua lhes relaciona, ou ainda seu potencial argumentativo".

É com base nessa concepção de análise e dos conceitos da TBS aqui apresentados, que analisaremos a seguir dois enunciados que utilizam a expressão *cidadão de bem*, para compreender o valor argumentativo dessa expressão nesses enunciados. Dedicamos a próxima seção à apresentação dos procedimentos metodológicos e da análise dos encadeamentos argumentativos resultantes dos enunciados analisados.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE

Este estudo contempla a análise de dois enunciados: uma tirinha do Armandinho e uma declaração feita pelo deputado Rogério Peninha Mendonça (PMDB-SC). O caminho teórico-metodológico escolhido para embasar a análise é da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). Cada um dos enunciados será dividido em segmentos, que formarão os encadeamentos argumentativos, por meio da identificação da argumentação externa (AE) e interna (AI), orientados pelo uso dos conectores propostos pela teoria, portanto (DC) e mesmo assim (PT), para a construção dos blocos semânticos. Como já ressaltado, optamos aqui em usar as siglas

na língua original, em francês, *DC* e *PT,* e não utilizar siglas de palavras equivalentes em língua portuguesa. Para facilitar, nas primeiras ocorrências ou em momentos oportunos, colocaremos a tradução dos conectores entre parênteses.

Antes de analisar os enunciados aqui citados como *corpora*, faremos uma breve análise dos aspectos argumentativos da expressão "cidadão de bem", foco deste trabalho. Para depois, relacioná-la com as demais entidades linguísticas dos dois enunciados aqui analisados, com o objetivo de demonstrar a diferença do valor argumentativo da expressão em cada um dos discursos. A seguir, apresentamos as análises.

3.1 ENTIDADE LINGUÍSTICA "CIDADÃO DE BEM" E SUAS POSSIBILIDADES

Percebemos, nos *corpora* deste trabalho, a interação argumentativa em torno da expressão "cidadão de bem". Para analisar seu valor argumentativo em cada um dos enunciados analisados a seguir, inicialmente explicitaremos alguns possíveis aspectos argumentativos que resultam dessa expressão.

No valor da entidade linguística, na Argumentação Interna (AI), parafraseamos cidadão de bem como indivíduo que exerce cidadania com honestidade e bondade, sendo assim, a AI de cidadão de bem é o aspecto *bondoso e honesto DC (portanto) pessoa decente*.

Isso abre inúmeras possibilidades de Argumentação Externa (AE) à direita[4], como *cidadão de bem DC (portanto) praticar direitos e deveres* ou *cidadão de bem PT (mesmo assim) não praticar direitos e deveres*. Pode-se atrelar *também cidadão de bem DC (portanto) interagir com bondade e honestidade em sociedade* ou *cidadão de bem PT (mesmo assim) não interagir com bondade e honestidade em sociedade*. A partir dessa argumentação, geramos os dois blocos semânticos para expressão cidadão de bem:

(1) A DC B: ser um cidadão de bem DC exercer cidadania com bondade e honestidade
(2) A PT neg-B: ser um cidadão de bem PT não exercer cidadania com bondade e honestidade
(3) neg-A PT B: não ser um cidadão de bem PT exercer cidadania com bondade e honestidade
(4) neg-A DC neg-B: não ser um cidadão de bem DC não exercer cidadania com bondade honestidade

Esses segmentos ainda podem gerar outro quadrado, totalizando oito possibilidades de aspectos argumentativos:

(5) A DC neg-B = ser um cidadão de bem DC não exercer cidadania com bondade e honestidade
(6) A PT B = ser um cidadão de bem PT exercer cidadania com bondade e honestidade
(7) neg-A DC B = não ser um cidadão de bem DC exercer cidadania com bondade e honestidade
(8) neg-A PT neg-B = não ser um cidadão de bem PT não exercer cidadania com bondade e honestidade

Retornaremos a estes quadrados semânticos para analisar quais desses aspectos argumentativos se confirmam em cada ocorrência da expressão "cidadão de bem". Aqui, com a expressão isolada, não podemos registrar nenhum desses encadeamentos como um valor argumentativo, pois como afirmam os autores, "A determinação das significações linguísticas só é, portanto, possível pela consideração sistemática do discurso: é no discurso que estão situados os encadeamentos argumentativos que a língua reúne nas suas significações." (CAREL; DUCROT, 2008, p. 18). O sentido só é possível no discurso, ou seja, na realização dessa expressão em algum enunciado. Por isso, partimos agora para a análise de duas ocorrências dessa expressão, em dois enunciados diferentes. Esses dois enunciados foram escolhidos como *corpus* de análise devido a sua grande difusão nas mídias sociais e canais de comunicação.

[4] Segundo Barbisan (2002, p. 143), "A argumentação externa (AE) à direita contém um aspecto *X con Y* e também seu aspecto converso: *X con' neg-Y*. Se o conector for *donc*, o con' será *pourtant*, e vice-versa.".

3.2 RELAÇÕES DE SENTIDO NA DECLARAÇÃO DO DEPUTADO PENINHA

O Deputado Federal Rogério Peninha Mendonça (PMDB-SC), em entrevista para o jornalista Marcelo Moura, da revista Época, no dia 24 de abril de 2015, respondeu perguntas e fez declarações sobre um projeto para anular o Estatuto do Desarmamento e facilitar o acesso às armas. Uma das suas declarações serviu de base para uma nova reportagem, de Marcelo Moura, Vinicius Gorczeski e Harumi Visconti, na coluna Choque de Realidade, do dia 13 de maio de 2015[5]. Nessa declaração, assunto de duas reportagens na revista, o deputado Peninha dizia: *A arma na mão do cidadão de bem não mata ninguém.* Usaremos esse enunciado, como corpus de análise, baseados na Teoria dos Blocos Semânticos, para discutir sobre o sentido do discurso e o valor argumentativo da expressão "cidadão de bem", nessa ocorrência.

Iniciamos analisando o sujeito sintático do enunciado "a arma na mão do cidadão de bem", relacionando as expressões "arma na mão" e "cidadão de bem". Em uma Argumentação Interna, poderíamos parafrasear "arma na mão" para o aspecto *armado DC ameaçador*, já que armas são usadas para defesa e ataque, em situações de perigo, sendo a arma usada para ameaçar o inimigo. Já a AI de "cidadão de bem", o aspecto já apresentado é *bondoso e honesto DC (portanto) pessoa decente*, uma pessoa boa e decente, pois além de ser alguém que exerce cidadania, possui bondade e honestidade. Assim, podemos gerar os primeiros quatro encadeamentos, normativos e transgressivos, do início desse enunciado, com os segmentos A = ameaçador e B = boa pessoa: *(1) ameaçador DC boa pessoa; (2) ameaçador PT não boa pessoa; (3) não ameaçador PT boa pessoa; (4) não ameaçador DC não boa pessoa.* Ainda, temos a possibilidade de formar mais quatro encadeamentos, gerando um novo quadrado: *(5) ameaçador DC não boa pessoa; (6) ameaçador PT boa pessoa; (7) não ameaçador DC boa pessoa; (8) não ameaçador PT não boa pessoa.*

Analisando o enunciado completo agora, temos o acréscimo de "não mata ninguém". Na AI do enunciado completo usamos de paráfrase o aspecto argumentativo *armado PT inofensivo*, já que pressupõe-se que se tem a oportunidade de matar, pois está armado, mas não o faz. Assim, com todos os aspectos aqui analisados, formamos o bloco semântico que diz respeito ao enunciado completo, "Arma na mão do cidadão de bem não mata ninguém", apresentado na figura 1:

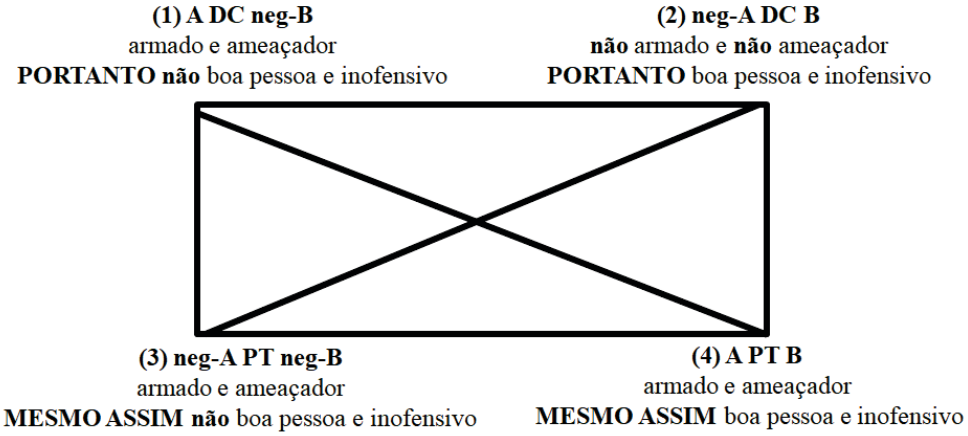


Figura 1: Bloco Semântico do enunciado "Arma na mão do cidadão de bem não mata ninguém"
Fonte: elaborada pelos autores

Percebemos no enunciado que prevalece o encadeamento transgressivo (4), que é o ponto de vista assumido pelo enunciador. Lembrando que esse ponto de vista é um dos possíveis, como diz Ducrot (1988, p. 19), "[...] todo enunciado apresenta um certo número de pontos de vista relativos às situações de que se fala". O ponto de vista escolhido aqui não tem a ver com a pessoa, no mundo real, que a escolheu. Mas é aquele em que as escolhas linguísticas do enunciador, da sua perspectiva abstrata, tornam possível. Na análise, percebemos que o encadeamento global do bloco semântico é *o cidadão de bem está armado e é ameaçador PT é uma boa pessoa e inofensivo.*

[5] Texto do site da Revista Época (MOURA; GORCZESKI; VISCONTI, 2015).

Relacionado aos blocos semânticos da expressão "cidadão de bem", analisados anteriormente, notamos que nesse enunciado a expressão confirma o aspecto argumentativo (1) *ser um cidadão de bem DC exercer cidadania com bondade*. Assim, pensando no sentido global, esse enunciado argumenta que cidadão de bem armado é inofensivo, pois irá exercer sua cidadania com bondade. Já no enunciado analisado a seguir, percebemos outro ponto de vista, defendido e argumentado de maneira diferente. Vejamos a próxima análise.

3.3 RELAÇÕES DE SENTIDO NA TIRINHA DO ARMANDINHO

A página @tirasarmandinho, no Facebook, compartilha tirinhas do personagem Armandinho conversando com seus pais e amigos sobre diferentes assuntos. Uma tirinha de grande repercussão é a do dia 06 de maio de 2015, que possui mais de 16 mil reações e 9 mil compartilhamentos na rede social. Apresentamos a tirinha.



Figura 2: Tirinha do Armandinho
Fonte: Facebook – Armandinho[6]

Percebemos que o personagem fala com seu pai: *Eles sempre falam alto, com raiva... com vontade de punir quem é diferente... Eu tenho medo do "cidadão de bem"!* Esse enunciado é tomado como *corpus* a partir dos fundamentos teóricos da TBS, com o objetivo de esclarecer o sentido do discurso da tirinha, a fim de demonstrar que esse sentido parte da interdependência semântica entre as palavras para argumentar e defender seu ponto de vista.

Para chegarmos ao valor argumentativo da expressão *cidadão de bem*, precisamos analisar os encadeamentos argumentativos que a tirinha resulta. No primeiro quadrinho, Armandinho diz *Eles sempre falam alto, com raiva...* No segundo quadrinho, o personagem diz *...com vontade de punir quem é diferente...* Percebemos, a partir do uso das reticências, no final da primeira fala e no início da segunda, que uma é continuação da outra. Vale ressaltar que o pronome "eles" refere-se aos cidadãos de bem, citados no último quadrinho. Para organizar o bloco semântico, inicialmente propomos uma análise das palavras plenas desse trecho: "falar alto", "raiva", "punir o diferente". Ducrot (2002) propõe uma classificação semântica do léxico, apresentando as palavras plenas como aquelas que podemos atribuir uma argumentação interna e uma argumentação externa.

Iniciamos com a AE, analisando a possibilidade A donc B: *falar alto DC (portanto) ser grosseiro; com raiva DC ser agressivo; punir o diferente DC ser intolerante*. Há também a possibilidade A pourtant neg-B: *falar alto PT (mesmo assim) não ser grosseiro; com raiva PT não ser agressivo; punir o diferente PT não ser intolerante*.

A hipótese levantada é de que o enunciador escolhe o aspecto normativo, nesse primeiro bloco, gerando a AI, em paráfrase, *cidadão de bem PT violento*. A confirmação vem com a fala do personagem no último quadrinho: *Eu tenho medo do "cidadão de bem"!* Devido à palavra plena "medo", o último quadrinho permite identificar qual o ponto de vista assumido pelo enunciador nos quadrinhos anteriores. A palavra "medo", sendo plena, permite uma complexa discussão sobre sua AE e AI, tanto que Carel (2009) propôs uma análise específica sobre essa palavra. A autora nega a ideia que a AI de "medo" seria *perigoso DC sentimento penoso*, pois, muitas vezes, temos medo de coisas que não são necessariamente perigosas. Após uma longa análise, Carel (2009, p. 30, grifo

[6] Tirinha disponível na página oficial do Armandinho, no Facebook (ARMANDINHO, 2015).

nosso) propõe a seguinte reflexão: "[...] *pensar numa situação anunciadora de um mal DC sentimento penoso* está relacionado com a 'argumentação interna' de *medo*.".

Essa proposta de Carel (2009), que descreve o valor da entidade linguística "medo", apresenta o que Armandinho pensa sobre o *cidadão de bem*. Segundo a AI da palavra, só se tem medo daquilo que você pensa que fará mal. Se Armandinho afirma ter medo do cidadão de bem, ele pensa que o cidadão de bem lhe fará mal. Pode parecer contraditório, mas essa informação corrobora com os primeiros quadrinhos, onde Armandinho vê o cidadão de bem como alguém violento. O interessante é que, conforme a AI de "medo", aquilo que é temido não é necessariamente perigoso, mas anuncia ser perigoso. Falar alto, com raiva e com vontade de punir quem é diferente não faz do *cidadão de bem* alguém perigoso. Faz dele alguém que anuncia o mal, que se mostra violento e perigoso.

Com essas conclusões, agrupando as AE e a AI, elaboramos os segmentos A = cidadão de bem anuncia o mal e mostra-se violento e B = cidadão de bem causa medo. Com esses segmentos, podemos construir o quadrado argumentativo, com quatro aspectos diferentes, formando um bloco semântico, apresentado na Figura 3:

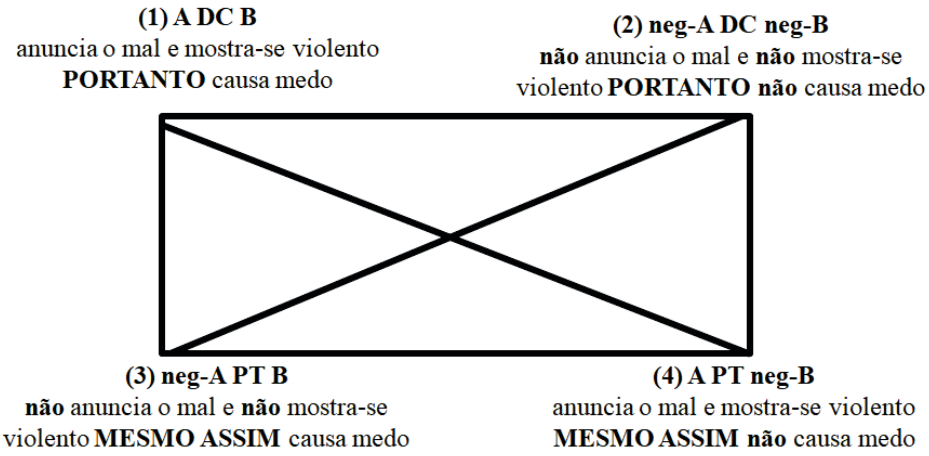


Figura 3: Bloco Semântico – originado da tirinha

Fonte: elaborado pelos autores

Percebemos o posicionamento assumido na tirinha evidenciado em (1), no aspecto normativo, afirmando que *cidadão de bem anuncia o mal e mostra-se violento DC causa medo*. Porém, mesmo esse aspecto sendo comprovado, ainda fica a dúvida: como é possível um cidadão de bem, anunciar o mal? Para resolver essa questão, trazemos novamente a tese defendida na TBS, que diz que existe um conjunto de possibilidades argumentativas preexistentes na própria língua. Essas possibilidades são normativas e transgressivas, obedecem a regra e também a quebram.

O ponto de vista escolhido e argumentado nesse enunciado já era previsto pela língua. Um dos aspectos argumentativos da expressão "cidadão de bem" é (2) A PT neg-B: *ser um cidadão de bem PT (mesmo assim) não exercer cidadania com bondade*. Nessa ocorrência, na tirinha do Armandinho, o discurso dá um novo sentido à expressão "cidadão de bem", totalmente diferente daquele expresso na declaração do deputado, analisado anteriormente. Isso porque "somente o discurso é doador de sentido" (CAREL; DUCROT, 2005, p.165), ou seja, em cada realização de frases ou textos, estamos gerando novos sentidos, já previstos na língua. Afinal, podemos analisar a língua pela língua, porque a argumentação está na língua.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo objetivou analisar a utilização da expressão "cidadão de bem" em dois enunciados diferentes, buscando os sentidos argumentativos gerados em cada um deles. Pela Semântica Argumentativa, a interpretação dos enunciados proporciona a compreensão dos valores argumentativos e a produção de efeitos de sentido diversos em cada situação de uso.

A análise da expressão "cidadão de bem", em dois enunciados diferentes, reflete sobre a tese de que o sentido não preexiste ao discurso, já que só nele se constitui. Dessa forma, a mesma entidade linguística, em ocorrências diferentes, produz sentidos diferentes. Na declaração do deputado, temos a expressão com o valor argumentativo de ser um cidadão de bem, portanto exercer cidadania com bondade. Já na tirinha, temos um valor argumentativo diferente, o sentido produzido é ser um cidadão de bem e, mesmo assim, não exercer cidadania com bondade.

Mesmo com sentidos tão opostos, os dois encadeamentos que mostram o valor argumentativo de "cidadão de bem" eram possíveis na significação da expressão. O sentido encontrado em cada enunciado está vinculado ao conjunto de possibilidades argumentativas preexistentes na própria língua. Com base na análise, observa-se que a expressão "cidadão de bem" possibilita diferentes construções de sentido, conforme suas relações argumentativas.

Não pretendemos afirmar uma análise final do objeto de estudo aqui analisado. As reflexões aqui sugeridas poderão ser aprimoradas por meio de novas análises, que possibilitarão novos resultados. A teoria da argumentação na língua, com os blocos semânticos, é uma eficiente ferramenta metodológica para busca de sentido no discurso. A análise dos encadeamentos argumentativos oferece importantes contribuições para o quadro interpretativo do discurso, ajudando a perceber que o sentido está inscrito no sistema linguístico e realizado no discurso. Esse sentido, valor argumentativo dado à expressão, só acontece quando as frases viram enunciados, quando os textos viram discursos.

REFERÊNCIAS

ARMANDINHO. *Tirinha Cidadão de Bem*. 06 mai. 2015. Facebook: @tirasarmandinho. Disponível em: https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/np.1430918865018601.100005065987619/970032129708760/?type=1&theater. Acesso em: 05 mar. 2019.

BARBISAN, L. B. A construção da argumentação no texto. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 135-147, set. 2002.

BARBISAN, L. B.; GRAEF, T. F. O olhar enunciativo da semântica argumentativa sobre a carta de Vargas. *Conexão Letras*, v. 11, p. 89-98, 2016.

CAREL, M. O que é argumentar? *Desenredo*, Passo Fundo, UPF, v.1, n. 2, p.77- 84, jul./dez. 2001.

CAREL, M. Análise argumentativa do léxico: o exemplo da palavra 'medo'. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 26-35, jan./mar. 2009.

CAREL, M.; DUCROT, O. *La semántica argumentativa*. Una introducción a la teoría de los Bloques Semánticos: Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

CAREL, M.; DUCROT, O. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 7-18, jan./mar. 2008.

DUCROT, O. *Polifonía y argumentación*. Conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad Del Valle, 1988.

DUCROT, O. Argumentação e 'topoi' argumentativos. *In:* GUIMARÃES, E. (org.). *História e Sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, p. 13-38, 1989.

DUCROT, O. Critères argumentatifs et analyse lexicale. *Langages*, Larousse, n. 142, p. 22-43, 2001.

DUCROT, O. Os internalizadores. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.37, n.3, p.7-26, set. 2002.

DUCROT, O. A pragmática e o estudo semântico da língua. *Letras de Hoje*, v.40, n.1, p.9-21, março, 2005.

FREITAS, E. C. de. *Semântica argumentativa*: a construção do sentido no discurso. Novo Hamburgo: Feevale, 2007.

MOURA, M.; GORCZESKI, V.; VISCONTI, H. *Facilitar o acesso a armas de fogo é recuar na busca da paz.* Revista Época, São Paulo, 13 mai. 2015, Coluna Choque de Realidade. Disponível em: https://epoca.globo.com/ideias/choque-de-realidade/noticia/2015/05/facilitar-o-acesso-armas-de-fogo-e-recuar-na-busca-da-paz.html. Acesso em: 05 de março de 2019.

Recebido em 15/10/2020. Aceito em 14/10/2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e83551

O ENSINO DE LIBRAS COMO L2 EM CURITIBA: UM MAPEAMENTO PRELIMINAR

ENSEÑAR LIBRAS COMO L2 EN CURITIBA: UN MAPEO PRELIMINAR

TEACHING BRAZILIAN SIGN LANGUAGE AS L2 IN CURITIBA: A PRELIMINARY MAPPING

Najara Dalla Barba*
Lídia da Silva**
Universidade Federal do Paraná

RESUMO: Este artigo reporta um mapeamento que teve o objetivo de identificar quais são e como se caracterizam os espaços de ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como segunda língua (L2) encontrados em Curitiba (Brasil) no período de 2005 a 2020. A partir da metodologia documental, a pesquisa mapeou esse ensino em contextos gerais e acadêmicos. Os resultados apontam para o fato de que os espaços são do tipo órgão público, terceiro setor, instituição religiosa, empresa, professor particular, faculdades e universidades (públicas e privadas). Quanto à caracterização, os resultados indicam que os espaços formais, apesar de terem o ensino pago e pautado na obrigatoriedade, oferecem pouca carga horária e, majoritariamente, o nível básico de Libras. Com base no mapeamento, conclui-se que os espaços estão em fase de desenvolvimento.
PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Libras. L2. Espaços de ensino.

ABSTRACT: Este artículo reporta un mapeo que tiene el objetivo de identificar qué áreas y cómo caracterizamos los espacios ensino de Libras como segunda lengua (L2) encontrados en Curitiba en el período de 2005 a 2020. Basado en metodología documental, mapeo o investigación ensino de Pounds en gerais y contextos académicos. Los resultados señalan que los espacios son del tipo organismo público, tercero, institución religiosa, empresa y docente privado, colegios y universidades, públicos y privados. En cuanto a la caracterización, los resultados indican que los espacios que se forman, a pesar del pago de terem o ensino y programados en la obligación, ofrecen una tarifa horaria baja y, principalmente, el nivel básico de Libras. Con el mapeo, concluyo que los espacios están en fase de desarrollo.
PALABRAS CLAVE: Enseñando Libras. L2. Espacios de enseñanza.

* Historiadora e intérprete de Libras, acadêmica do curso de licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), membro do grupo de pesquisa GEPELS-DGP/CNPq. E-mail: najaradalla@gmail.com.

** Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professora do curso de licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e vice-líder do grupo de pesquisa GEPELS-DGP/CNPq. E-mail: lidiaufpr@gmail.com.

ABSTRACT: This article presents a mapping that aimed to identify teaching spaces of Brazilian Sign Language (Libras) as a second language (L2) found in Curitiba (Brazil) from 2005 to 2020, as well as their characteristics. Using documentary methodology, the research mapped Libras teaching in general and academic contexts. Results show that those spaces include public agencies, third sector, religious institutions, companies, private teachers, colleges, and universities (public and private). Moreover, despite having paid and mandatory education, formal spaces offer little course workload, and usually only basic level. Based on the research, it is concluded that spaces are under development.
KEYWORDS: Libras Teaching. L2. Teaching spaces.

1 INTRODUÇÃO

No mapeamento a seguir, interessa-nos olhar para os espaços de ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como segunda língua (L2), ou seja, aqueles que despertam a aprendizagem consciente e formal sobre a língua, em oposição àquele "[...] processo automático que se desenvolve no nível do subconsciente, por força da necessidade de comunicação", chamado comumente de aquisição (KRASHEN, 1985 *apud* CALLEGARI, 2006, p. 88). Especificamente, nosso foco é o ensino de Libras como L2 para ouvintes, excluindo-se, portanto, o processo de aprendizagem de Libras como L2 por surdos ou como L1 por ouvintes.

O nosso interesse por esses aprendizes que são falantes de português como L1 e que estão na busca pela aprendizagem de língua adicional sinalizada se justifica devido ao fato de que, desde 2005, por meio do Decreto nº 5.626 — que regulamentou a Lei nº 10.436/2002 —, políticas públicas e privadas têm incentivado a difusão da Libras em território nacional (BRASIL, 2005). Porém, além do aprendiz, é necessário um olhar mais atento ao perfil do docente, ao tipo da instituição que oferta o ensino da Libras, bem como à sua caracterização pedagógica (ALBRES, 2012). Ou seja, um mapeamento faz-se necessário, uma vez que a compreensão da realidade local mostra uma visão ampla que pode levar, inclusive, à sua inserção em fase histórica da Libras como L2 no cenário nacional. Adiciona-se a essa justificativa o fato de que a publicação do Decreto nº 5.626/2005 e o aumento exponencial de pessoas ouvintes aprendendo Libras não foram acompanhados por nenhum mapeamento publicado. A partir dessa problemática, definimos a pergunta de investigação que norteou este estudo: quais são e como se caracterizam os espaços de ensino da Libras como L2 em Curitiba?

Para encontrar a resposta, definimos como ponto de partida o ano do Decreto mencionado e como ponto de corte o ano de 2020, que, apesar de atípico devido à pandemia da Covid-19 (que, por vezes, pode ter afetado os espaços de ensino da Libras), marca quinze anos do documento legal. Como contorno geográfico de uma região, optamos por Curitiba[1], cidade onde residimos e atuamos na comunidade surda.

Tendo o objetivo de identificar quais são e como se caracterizam os espaços de ensino da Libras como L2 em Curitiba, definimos que a busca seria por meio de consulta eletrônica, e como objetivos específicos nos propusemos a: 1) catalogar os espaços de ensino da Libras como L2 encontrados em Curitiba, por meio de consulta eletrônica, no período de 2005 a 2020 e 2) caracterizar os aspectos pedagógicos dos espaços de ensino da Libras como L2 encontrados em Curitiba, por meio de consulta eletrônica, no período de 2005 a 2020.

Inaugurar um mapeamento sobre os espaços de ensino da Libras como L2 em Curitiba pode contribuir com o delineamento do seu perfil institucional e pedagógico, de modo que se possa perceber os seus vieses históricos e políticos. Dessa forma, na primeira seção deste texto, apresentamos o embasamento teórico da pesquisa e, na segunda, expomos a sua metodologia. Na sequência, apresentamos os dados e os analisamos. Já na última seção do texto, trazemos as considerações finais.

[1] Curitiba é a capital do Paraná, um dos três estados que compõem a região Sul do Brasil. A sua população estimada é de 1.948.626 pessoas, sendo aproximadamente 17 mil pessoas surdas, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020).

2 O ENSINO DE LIBRAS COMO L2 PARA OUVINTES

Não é possível falar em ensino de línguas de sinais como L2 para ouvintes sem mencionar aspectos históricos que circundam a educação dos surdos, uma vez que, nesse contexto, "[...] a demanda, o interesse, as políticas linguísticas e o valor/prestígio que a sociedade atribui a essa língua" (GESSER, 2010, p. 91) foram se alterando. Para tanto, olhamos brevemente para esse movimento histórico a fim de percebermos as mudanças de posicionamento dos ouvintes em relação ao aprendizado da língua de sinais.

No contexto mundial, as línguas de sinais não receberam adequado interesse por parte dos ouvintes até o século XVIII. Em 1760, o religioso francês Charles Michel de l'Épée (ouvinte) criou a primeira escola pública para surdos do mundo e "treinou inúmeros professores para surdos" (STROBEL, 2009, p. 22), os quais passaram a trabalhar nas 21 escolas fundadas por toda a Europa. No século seguinte, Estados Unidos e Brasil convidaram professores de língua de sinais francesa para fundarem novas escolas para surdos e, nesse cenário, formar professores nesses países, sendo que "[...] quase todos os professores de surdos já eram usuários fluentes em língua de sinais" (STROBEL, 2009, p. 24).

Particularmente, Groce (1985) conta que, do século XVII aos primeiros anos do século XX, a população inteira de Martha's Vineyard, nos Estados Unidos, falava em língua de sinais, portanto, surdos e ouvintes compartilhavam toda a experiência de vida diária por meio desse idioma. Nesse cenário, a adaptação sociolinguística ocorreu naturalmente, dadas as questões de ordem genética e a grande incidência de nascimento de surdos; por isso, nenhum programa ou política linguística foi necessário para o incentivo ao uso e à disseminação da língua de sinais na época.

Atualmente, "[...] a ASL [língua americana de sinais] tornou-se uma das línguas mais ensinadas na América do Norte e, atualmente, ela é aceita em muitas universidades para atender aos requisitos de língua estrangeira/segunda língua nos cursos de pós-graduação" (TAUB *et al.*, 2008, p. 275). Presente em todos os níveis de escolarização, a ASL tornou-se uma das línguas estrangeiras mais procuradas para aprendizagem, representando o terceiro idioma mais ensinado, depois do inglês (ACKERMAN; WOLSEY; CLARK, 2018). Esse fato pode ser explicado, segundo Rosen (2006), pela presença de intérpretes de língua de sinais em vários espaços; o próprio uso da língua estimulou sua aceitação nos Estados Unidos, bem como a conduziu ao *status* de língua estrangeira.

Em contexto brasileiro, o interesse pela aprendizagem e pelo uso da língua de sinais por ouvintes pode ser organizado em fases. Inicialmente, destaca-se o *silenciamento*: após o ano de 1500, durante duzentos anos os jesuítas ficaram responsáveis pela educação dos indígenas, com o objetivo de recrutar fiéis à fé católica (RIBEIRO, 1993). Nesse contexto, nada a respeito dos surdos e da sua língua é mencionado em documentos históricos. Após a expulsão da Ordem dos Jesuítas, o ensino formal passou, então, a ser de responsabilidade dos "governos das províncias, de tutores particulares e padres das paróquias" (SCHWARTZMAN, 2005, p. 11) de Portugal e, nesse ínterim, poucos tinham acesso a qualquer tipo de instrução, já que "[...] a educação superior na colônia era exclusivamente para os filhos dos aristocratas que quisessem ingressar na classe sacerdotal; os demais estudariam na Europa" (RIBEIRO, 1993, p. 15).

Mesmo depois de muitos anos da chegada da Família Real ao Brasil, em 1857, e com a ampliação da educação popular, o "[...] ensino primário foi esquecido e a população em geral continuou iletrada e sem acesso aos grandes centros do saber" (RIBEIRO, 1993, p. 17). Com isso, nenhum olhar foi dirigido aos surdos e à sua língua até o início do século XIX; consequentemente, não existiram políticas de incentivo à aprendizagem por ouvintes nessa fase.

Com a inauguração da primeira escola para surdos no Rio de Janeiro (1857), deu-se início a uma *introdução* da língua de sinais no Brasil. O Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES) começou a educação formal para surdos, e isso despontou o uso do idioma também por ouvintes. Nesse contexto, os professores ouvintes que ministravam aulas no INES precisaram aprender a língua de sinais que era a junção "[...] da língua de sinais francesa com os sistemas já usados pelos surdos de várias regiões do Brasil" (STROBEL, 2009, p. 23).

Em 1880, por ocasião do Congresso de Milão, esse despertar da língua de sinais foi extinto do INES e do mundo, visto que foi deliberado que a educação de surdos deveria priorizar o método oral em detrimento do uso de línguas sinalizadas. Apesar da história registrar que as línguas de sinais e a Libras permaneceram vivas nos corredores e nos pátios das escolas onde sua circulação era proibida, pode-se considerar uma fase de *declínio* dessa língua para ouvintes, uma vez que os professores estavam imbuídos da missão de "desenvolver competência linguística oral" (CAPOVILLA, 2000, p. 102) das crianças surdas.

Com o tempo, o método oral mostrou-se insuficiente ao ensino de surdos, e isso possibilitou a ascensão de uma nova corrente metodológica: a comunicação total. Consideramos que o reaparecimento do uso da Libras por ouvintes se deu no mesmo período em que surgiu a abordagem da comunicação total na educação de surdos. Essa abordagem "[...] propunha fazer uso de todo e qualquer meio de comunicação (quer palavras e símbolos, quer sinais naturais e artificiais) para permitir a criança surda adquirir linguagem" (CAPOVILLA, 2000, p. 104), portanto, foi um cenário propício para o *crescimento* da Libras entre os professores ouvintes.

Entretanto, assim como ocorreu com o método oral, a comunicação total demonstrou não ser suficiente para o ensino das crianças surdas e, consequentemente, para o seu desenvolvimento linguístico. Foi então que a Libras ganhou a centralidade nas pesquisas e nos espaços educativos, de modo que os surdos puderam utilizá-la como um meio confortável para a expressão de suas ideias e emoções.

Sobre as pesquisas, Capovilla (2000) destaca que, desde a publicação seminal de Stokoe (1960) a respeito da estrutura linguística da língua americana de sinais, ocorreu uma explosão de estudos sobre as línguas de sinais pelo mundo. E o impacto dessas pesquisas foi o surgimento, em 1970, da filosofia do bilinguismo, que busca levar o surdo a desenvolver habilidades em Libras – considerada sua primeira língua – e na escrita em língua portuguesa (no caso do Brasil) – considerada sua L2.

Consideramos que o bilinguismo na educação de surdos favoreceu o surgimento da fase de *desenvolvimento* da Libras entre os ouvintes, pois, por meio dessa filosofia, houve aumento da demanda de ensino dessa língua para que os professores ouvintes conseguissem dar aulas para as crianças surdas. Para tanto, em 1993, a Secretaria de Educação Especial (MEC-SEESP), junto à Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), ofereceu um curso para os então instrutores que atuavam informalmente em várias regiões do país. Trata-se do projeto "Metodologia do ensino de LIBRAS para ouvintes", coordenado pela professora Tanya Amara Felipe, autora do livro *Libras em Contexto: Curso Básico* (2007), fornecido aos cursistas durante o treinamento. Por conta desse fomento à formação docente, a capacitação de ouvintes em relação à Libras foi bastante elevada na época.

A fase seguinte, avaliamos, foi a da *maturidade*, quando a Libras ocupou espaço nas políticas linguísticas, e diversas ações começaram a ser impulsionadas por órgãos públicos. Nesse contexto, destaca-se a publicação do Decreto nº 5.626/2005, que, além de regulamentar a Lei nº 10.436/2002 (que reconheceu a Libras como língua da comunidade surda), trouxe várias determinações, entre elas a obrigatoriedade do ensino da Libras nos cursos de Licenciatura e Fonoaudiologia (BRASIL, 2005).

O fato de o Decreto estabelecer a presença do ensino de Libras nos cursos de Licenciatura fez com que houvesse "[...] um consistente processo de transformação social, política, cultural e acadêmica", pois os acadêmicos desenvolveram um novo olhar ao sujeito surdo e à Libras, de modo que passaram a "[...] privilegiar o aspecto socioantropológico da língua e do sujeito" (SILVA, L., 2020, p. 7). Além disso, essa implantação apontou, de modo positivo, a reviravolta discursiva entre os estudantes ouvintes. A insuficiência da carga horária e a distribuição de percentual para aulas práticas e teóricas, bem como os problemas com formação dos docentes, estão entre os pontos negativos observados nessa implantação (SILVA, L., 2020).

Apesar dessas considerações negativas a respeito da implantação da disciplina obrigatória nas licenciaturas, a importância do Decreto nº 5.626/2005 é indiscutível para o reconhecimento da Libras, já que a partir dele a busca e a oferta de ensino dessa língua para ouvintes se ampliaram — e isso, sabemos, atinge diretamente as pessoas surdas, que podem ter seu universo interativo ampliado. Bressan (2013, p. 17) explica: "[...] a Libras como segunda língua por pessoas ouvintes possibilita a inserção da pessoa

surda em contextos sociais diversos, tais como: na área educacional, no contexto de trabalho, favorecendo aprendizagens significativas e, consequentemente, a construção de conhecimentos por pessoas surdas e ouvintes".

A autora aponta que a franca expansão da Libras em território nacional se deu não só em ambientes acadêmicos, como preconizava o Decreto nº 5.626/2005, mas também em locais como igrejas e empresas, por conta da ocupação de surdos em diferentes espaços sociais. Esse interesse dos ouvintes pela Libras é de extremo valor para a comunidade surda, pois, quanto mais pessoas usam uma língua, mais relevância ela passa a ter socialmente. O oposto também é verdadeiro: o preconceito linguístico se dá pela rejeição às variedades linguísticas de menor prestígio (BAGNO, 1999). Para a comunidade surda, que carrega a marca de exclusão e preconceito de uma língua que sofreu desapreço por décadas, essa procura por parte dos ouvintes contribui para o constante resgate do valor linguístico da Libras.

Esses locais sociais, além da sua função primária, assumiram a responsabilidade de ensino da língua e, portanto, tornaram-se espaços educativos. A função primária – das igrejas e empresas, por exemplo –, de acordo com Fonseca (2013, p. 48), é cumprida em um "ambiente construído (a edificação)" que se "[...] transforma em um lugar, em um ambiente funcional, por meio das características físicas necessárias para a realização dessa função". Todavia, o espaço de ensino se constitui não em razão da edificação, mas da possibilidade de aprendizagem, uma vez que essa, conforme ressalta Gadotti (2000), pode ocorrer em qualquer tempo e em qualquer lugar.

Apesar de não contarem com o espaço físico para o desenvolvimento do processo pedagógico (como aquele das faculdades e das escolas de idiomas, por exemplo), esses diversos espaços de ensino assumiram o compromisso de ensino da Libras e tornaram-se, portanto, espaços culturais de circulação da língua, contribuindo também para o fortalecimento da relação entre a Libras e os ouvintes.

Em contexto local, os efeitos do Decreto nº 5.626/2005 também são percebidos – e isso será demonstrado mais claramente na apresentação dos dados desta pesquisa – , entretanto é essencial destacar que em 2008 aconteceu a primeira oferta do curso de graduação em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na cidade de Curitiba. Isso porque a Universidade Federal do Paraná (UFPR) era polo do ensino a distância oferecido pela UFSC. A presença desse polo na universidade colocou a língua em circulação, o que culminou, em 2010, no primeiro concurso para a área de Libras na UFPR e, em 2015, na abertura do curso de graduação em Letras Libras (presencial) pela instituição.

Tendo por base essa rápida contextualização histórica, na próxima seção analisaremos o cenário de ensino de Libras como L2 em Curitiba. Antes disso, porém, apresentamos a metodologia da pesquisa.

2 METODOLOGIA

Uma pesquisa documental é aquela que busca "toda espécie de informações" (FACHIN, 2005, p. 146) que estão difusas, classificando-as e utilizando-as como evidência. Os documentos podem ser atuais ou antigos e podem ser usados para contextualização histórica, cultural, social e econômica de um lugar ou grupo de pessoas, em determinado momento. Além disso, o documento pode ser escrito ou não escrito (como filmes, vídeos, *slides*, fotografias), e ambas as formas são "[...] fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo com o interesse do pesquisador" (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 5). No caso deste estudo, trabalhamos com documentação eletrônica, ou seja, acessamos materiais que foram encontrados *online*.

2.1 A coleta e o tratamento dos dados

A coleta da documentação eletrônica se deu no *website* Google e foi organizada em duas etapas, a saber: i) busca por informações sobre ensino da Libras em contextos gerais; e ii) busca por informações sobre ensino da Libras em contextos acadêmicos.

Na primeira etapa foram pesquisadas, no filtro "todas", as palavras-chave escritas com e sem aspas, com extensão e abreviatura do nome da língua e com acréscimo do respectivo ano (de 2005 até 2020): Curso Libras Curitiba; Oficina Libras Curitiba; Formação Libras Curitiba; Surdos Libras Curitiba.

Cada palavra-chave foi buscada 64 vezes, dadas as variações da escrita do nome da língua, do uso das aspas e do acréscimo dos anos. Exatamente pelo grande volume de resultados, nessa fase preliminar excluímos todo tipo de documentos de oferta de cursos *online* de Libras e apostilas para o estudo da língua, uma vez que esses produtos não se alinham ao objetivo do presente trabalho. Entretanto, como consideramos a oferta de aulas particulares, acessamos também o *website* Google com as palavras-chaves "Libras Curitiba professor particular 2020" e "Libras Curitiba aula particular 2020" e, posteriormente, visitamos o site superprof.com.br, que contém os cadastros dos profissionais listados.

Na segunda etapa da coleta de dados, o foco foi para os espaços que ofertaram cursos de licenciatura e pós-graduação em Libras em Curitiba; como as buscas anteriores (da primeira fase) retornaram um número elevado de resultados, decidimos pesquisar apenas o ano de 2020. Portanto, realizamos o seguinte percurso: 1) busca no *website* Google por "Licenciaturas Curitiba 2020" e "Pós Graduação Libras Curitiba 2020", sendo que para os dois casos usamos o filtro "todas" e as palavras-chaves foram escritas com aspas e abreviatura do nome da língua; 2) tabulação dos resultados encontrados, incluindo ensino a distância (com polo em Curitiba), semipresencial ou presencial; e 3) consulta à página de cada curso de licenciatura de cada instituição de pós-graduação para confirmação dos resultados.

Em seguida, o catálogo de espaços de ensino de Libras como L2 encontrados em Curitiba por meio de consulta eletrônica no período que corresponde a 2005-2020 foi organizado por ano e nível de ensino com especificação, sempre que possível, de natureza jurídica e financeira, público-alvo e carga horária. Procuramos também demonstrar a organização pedagógica dos espaços.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos o catálogo e a caracterização dos espaços de ensino de Libras como L2 na cidade de Curitiba no período que corresponde a 2005-2020. Iniciamos com a amostragem do contexto geral e, depois, passamos ao contexto acadêmico.

3.1 DO CATÁLOGO DOS ESPAÇOS EM CONTEXTOS GERAIS

A organização do catálogo por ano mostra que de 2005 a 2008 não houve oferta de ensino de Libras em Curitiba, assim como em 2010, 2014 e 2017. Já 2019 e 2020 foram os anos que acumularam mais espaços (Quadro 1).

2008	2009
Órgão público	Órgão público
2011	**2012**
Órgão público	Órgão público
2013	**2015**
Órgão público	Terceiro setor
2016	**2018**
Instituição religiosa	Órgão público
2019	**2020**
Órgão público Terceiro setor Instituição religiosa Empresa	Órgão público Terceiro setor Instituição religiosa Empresa Professores particulares

Quadro 1: Catálogo por ano

Fonte: Elaborado pelas autoras

Com o exposto, notamos que o órgão público figura com predominância nesse catálogo (total de 8 espaços com atuação em 8 dos 10 anos de oferta), e esse grupo abriga espaços como Tribunal Regional do Trabalho[2] (TRT), Prefeitura Municipal de Curitiba (PMC), Secretaria da Educação e do Esporte (SEED) e Ministério Público do Paraná (MPR). Em tais órgãos, à época, havia o oferecimento de formação em serviço. Os servidores desses respectivos locais, em horário de trabalho ou não, receberam gratuitamente cursos de nível básico (com carga horária média total de 37 horas), de modo a se prepararem para atender o seu público surdo. Os objetivos são claros, como o Excerto 1 evidencia:

Excerto 1: Objetivo do curso

OBJETIVO DO CURSO DO TRT
Cumprir a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que torna oficial a Língua Brasileira de Sinais e ampliar cada vez mais o contingente de servidores que se comunicam, ainda que de maneira básica, no idioma Libras.

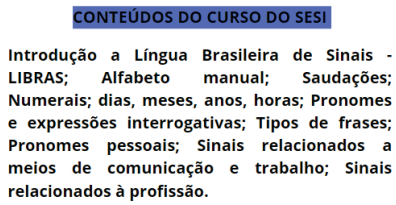
Fonte: TRT9 (Adaptado)

A partir da oficialização da Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002), muitas pessoas passaram a acreditar, de forma errônea, que a Libras seria a segunda língua oficial do Brasil. Contudo, isso não procede, uma vez que o documento a reconhece como meio de comunicação e expressão da comunidade surda – ou seja, ela é cooficial.

O terceiro setor compreende organizações de iniciativa privada sem fins lucrativos, como o Serviço Social da Indústria (SESI), a escola superior de advocacia da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e o Programa do Voluntariado Paranaense (Provopar), para os quais também houve oferta de ensino com fins específicos: atendimento ao público-alvo da instituição. Nesses espaços, assim como nos órgãos públicos, os cursos muitas vezes foram de um único nível (sem continuidade) e insuficientes para proporcionar a comunicação efetiva por meio de uma língua espaço-visual, "[...] tendo em vista que o aprendizado de uma nova língua demanda tempo, prática e dedicação, sendo que a continuidade dos estudos é fundamental para a fluência no idioma" (SOARES; PEREIRA, 2015, p. 60). A respeito da natureza financeira do terceiro setor, destacamos que o SESI e a OAB cobraram pelos cursos oferecidos. Os conteúdos trabalhados nesses cursos básicos, em geral, são como os apresentados no Excerto 2:

[2] Por uma questão de espaço, todas as referências aos dados, como citação de página, *link* e data de acesso, estão disponibilizadas no Apêndice I.

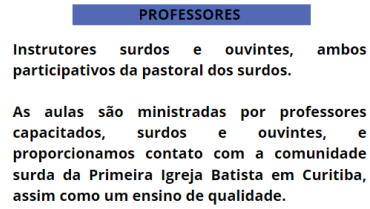
Excerto 2: Conteúdos do curso



Fonte: SESI/PR (Adaptado)

As instituições religiosas apresentadas no catálogo são compostas por diferentes denominações cristãs, dentre as quais: Instituto Alameda, Pastoral do Surdo e Primeira Igreja Batista de Curitiba (PIB). Nesses espaços, a pessoa que frequenta uma comunidade religiosa e sente necessidade de melhor contribuir para a divulgação dos temas religiosos à comunidade surda pode realizar o curso de Libras nos níveis básico e intermediário; e isso, sabemos, vem de longa data, pois "[...] é precisamente nesse ponto que os agentes religiosos, como mediadores, possuem proeminência" (SILVA, C., 2011, p. 35). Apesar de esses espaços serem organizações sem fins lucrativos, encontramos dois deles (Pastoral do Surdo e Instituto Alameda) que fazem menção à "mensalidade". O Excerto 3 apresenta a caracterização pedagógica em espaços religiosos em Curitiba:

Excerto 3: Professores dos espaços religiosos

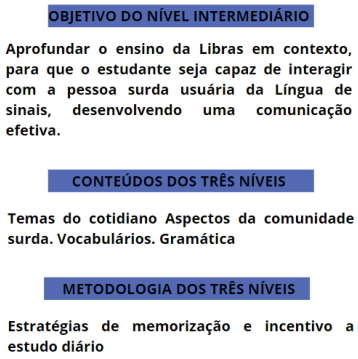


Fonte: Arquidiocese de Curitiba; Primeira Igreja Batista (Adaptado)

Quanto às empresas, primeiramente esclarecemos que as entendemos como espaços de pessoa jurídica e de direito privado, que não integram a administração pública direta ou indireta. Neste estudo, são representadas por centros de línguas ou de formação profissional, como Centro de Ensino de Português e Libras (Cepol), Librandus, Instituto de Libras e Inovação In Company. As escolas de idiomas que ensinam Libras como L2 para ouvintes em Curitiba atendem ao público que está disposto a pagar pelo aprendizado da língua e cobram, em média, uma mensalidade de 137 reais, além do custo com o material didático.

Esses espaços contam com professores ouvintes e surdos, que têm formação em Letras Libras. O Cepol, o Librandus, o Instituto de Libras e o Inovação In Company destacam-se por oferecerem também o ensino de nível intermediário, com carga horária de aproximadamente 60 horas. As empresas Cepol e Inovação In Company disponibilizam também o nível avançado. Nas páginas dessas empresas, há poucas informações pedagógicas; porém, apenas a título de ilustração, destacamos o trecho presente no Excerto 4:

Excerto 4: Caracterização pedagógica das empresas



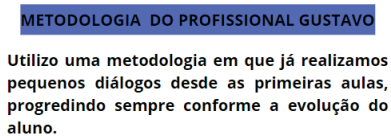
Fonte: Librandus; Cepol; Inovação In Company (Adaptado)

Desse catálogo, destacamos, ainda, que dois importantes espaços de ensino de Libras como L2 em Curitiba — que, sabe-se, são instituições de representatividade da comunidade surda dessa região — estão ausentes nos resultados. Trata-se da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis) e do Colégio Estadual para Surdos Alcindo Fanaya Júnior. Suas ausências, muito provavelmente por razões de limitação das buscas, implicam a compreensão de que há pouca divulgação de seus cursos de Libras em meio eletrônico, mais especificamente no Google.

É preciso mencionar que nossas buscas também mostraram a existência de espaços informais para o ensino de Libras como L2, tais como as residências dos alunos/professores ou outros locais públicos, pois referem-se a pessoas físicas lecionando. Dos dez profissionais cadastrados, oito são ouvintes, mas esse fato se torna irrelevante para o ensino, caso eles sejam "[...] capaz[es] de representar a língua de sinais e a cultura surda da maneira mais completa possível para fornecer uma experiência cultural rica e autêntica com uma experiência de aprendizagem linguística incorporada" (ACKERMAN; WOLSEY; CLARK, 2018, p. 2050, tradução nossa).

Esses profissionais ministram aulas de níveis básico, intermediário, avançado e de conversação, atuam de forma *online* ou presencial e ofertam ensino com valor médio de 35 reais por hora. Além disso, 70% dos professores têm formação superior em Letras Libras, e os objetivos de seus cursos vão desde "favorecer a comunicação entre surdos e ouvintes, quando aplicada ao ambiente de trabalho" até "qualificar os profissionais para uma comunicação rápida e clara" e "aprender a interpretar e traduzir em Libras/Português". Quanto à metodologia, o Excerto 5 apresenta a proposição de um dos profissionais:

Excerto 5: Metodologia



Fonte: Superprof (Adaptado)

A respeito dos respectivos níveis de ensino de Libras como L2 na cidade de Curitiba, o Quadro 2 reúne o catálogo:



Quadro 2: Catálogo por nível de ensino

Fonte: Elaborado pelas autoras

No que se refere aos níveis de ensino de Libras, cabe mencionar que no Brasil ainda não há um quadro de referência para a língua e que, por isso mesmo, pode haver bastante variação quanto às habilidades linguísticas e comunicativas que os aprendizes apresentam nas várias etapas do ensino. De forma pioneira, a UFSC desenvolve um projeto de tradução dos níveis de proficiência utilizados no Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas e propõe algumas adaptações para Libras nos mesmos moldes que o projeto

Pro-Sign o fez para as línguas de sinais europeias (SOUSA *et al.*, 2020). A consumação desse projeto é de extrema relevância para a definição de referência para o ensino e a avaliação da Libras como L2.

Em Curitiba, os níveis indicados no catálogo do Quadro 2 são oferecidos em uma média de 68 horas de carga horária no básico, 80 horas no intermediário e 92 horas no avançado. Com base nas amostras do nível básico, é importante destacar que o objetivo é atender a uma necessidade comunicativa imediata (excetuando-se o caso de aulas com professor particular). Porém, em virtude da carga horária tão baixa, pensamos que não atinge o objetivo proposto, haja vista o alto grau de dificuldade de aprendizagem de uma língua visual espacial por ouvintes (SILVA, L., 2021).

De todos os espaços mencionados nesse catálogo, apenas o que foi ofertado pelo Tribunal Regional Eleitoral (TRE), que se caracteriza por ser formação em serviço, chamou o curso de "Introdução a Libras". Os demais consideram que 37 horas equivalem ao nível básico. Tendo em vista a carga horária demonstrada, bem como o objetivo, notamos que os cursos básicos se caracterizam como uma sensibilização em torno da língua, da surdez e da pessoa surda, e não como ensino da língua propriamente dita.

Conclusivamente a essa parte podemos considerar que o Quadro 1, apesar de representar as ofertas de ensino de Libras em período pós-Decreto, parece demonstrar, em alguma medida, as fases históricas do ouvinte em relação a essa L2. Os anos de 2005, 2006 e 2007 podem ser considerados o silenciamento, enquanto 2008 compreende a introdução, e os anos de 2010, 2014 e 2017 caracterizam-se pelo declínio. Ao que parece, apenas em 2019 o catálogo começa a crescer de fato e, dada a incipiência do processo, não se pode afirmar que alcançou a maturidade. Afinal, conforme o Quadro 2 indica, o ensino é predominantemente de nível básico, com poucas ofertas de nível intermediário e raras de nível avançado, sendo inclusive a carga horária pouco exaustiva.

Esses quadros apontam, ainda, para uma interessante reflexão a respeito da "capacitação básica em Libras" para servidores e funcionários públicos presente no Decreto nº 5.626/2005. Já que o documento não preconiza o que se compreende por "capacitação básica em Libras", pode-se considerar que está havendo cumprimento da legislação por parte dos órgãos públicos e do terceiro setor. É bem verdade que a exposição do conteúdo contrastado com a carga horária dos cursos deflagra uma discrepância notória.

A maioria dos conteúdos é considerada teórica e marcada pela vastidão de informações, portanto demandará tempo de leitura dos aprendizes, e não o uso propriamente dito da língua. Outros conteúdos são de cunho linguístico e podem ser abordados com base em diferentes perspectivas teóricas, além do vocabulário indicado a sinalizantes de níveis mais avançados, já que são altamente complexos aos aprendizes de L2. Ainda que haja uma boa metodologia e material didático, pensamos que esses conteúdos demandam uma carga horária mais significativa.

Essa dissonância é verificada, inclusive, na terminologia usada em relação à pessoa-alvo e à língua do curso. Há órgão público referindo-se à pessoa surda como deficiente auditiva e à Libras como linguagem. Parece-nos estranho que uma instituição que oferta ensino da Libras divulgue terminologias não usuais na corrente socioantropológica que levou à consideração da pessoa surda e sua língua com marcação da diferença linguística e cultural. Para nós, esses usos tornam contestáveis a validade técnica e a política do curso oferecido.

Além disso, acreditamos que a abertura que o Decreto nº 5.626/2005 confere em relação à formação do docente de Libras é uma das razões pelas quais as empresas têm atuado no ensino da Libras como L2 e as especializações têm aumentado em Curitiba.

Uma vez que o ouvinte vislumbra uma oportunidade de inserção profissional, parece que cresce a procura por espaços que o ensinem de maneira rápida (60 horas) e "garantida". Esse tipo de asserção é presente também nos cursos oferecidos pelas instituições religiosas, já que, apesar de haver um objetivo específico para o aprendizado da Libras, a oportunidade profissionalizante não é descartada. De todo modo, a oferta do terceiro setor e a do órgão público (motivadas pelo Decreto) são mais acirradas do que as de instituições religiosas, empresas e professor particular, o que nos leva a pensar que a procura voluntária ainda é pequena em Curitiba.

Esgotados os resultados e a discussão desta parte, na subseção seguinte apresentaremos os dados encontrados para o contexto acadêmico.

3.2 CATÁLOGO DOS ESPAÇOS ACADÊMICOS

Desde 2006, com exceção dos anos 2009 e 2011, faculdades e universidades públicas e privadas de Curitiba vêm oferecendo o ensino de Libras como L2 aos seus recursos humanos e, pela via da extensão, atendendo também a comunidade externa. Os espaços acadêmicos do catálogo de cada ano são os apresentados no Quadro 3:

2006 - 2007 - 2008	2010
UFPR	UFPR
2012	**2013**
FESP	UFPR PUC
2014	**2015**
UFPR IFPR FAE	UFPR IFPR Uninter
2016 - 2017	**2018**
UFPR IFPR	UFPR FESP
2019	**2020**
UFPR FESP Unilivre	UFPR IFPR FESP

Quadro 3: Catálogo dos espaços acadêmicos (por ano)

Fonte: Elaborado pelas autoras

A pioneira UFPR ofertou o curso por diferentes unidades: Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE), Coordenação de Estudos e Pesquisas Inovadoras na Graduação (CEPIGRAD) e Núcleo de Ensino de Libras (NEL). Nos três primeiros anos, o curso foi interno, mas, a partir de 2010, já atendeu à comunidade externa. A Faculdade de Educação Superior do Paraná (FESP) esteve presente nesse catálogo sempre com oferta de cursos à comunidade geral e de forma gratuita. O Instituto Federal do Paraná (IFPR) inaugurou a oferta em 2014 com atendimento ao público interno e, a partir de 2016, passou a atender também ao público externo. A iniciativa da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), do Centro Universitário Educacional Bom Jesus (FAE) e do Centro Universitário Internacional (UNINTER) também foram para atendimento ao público geral.

Como mencionado anteriormente, sabemos que esses níveis precisam ser mais bem refinados no Brasil. De todo modo, todas as universidades (6) oferecem o curso de nível básico, mas apenas a UFPR oferece os níveis intermediário e avançado.

Dentre os espaços acadêmicos que oferecem cursos de extensão de Libras, apenas o NEL da UFPR apresenta suas especificações pedagógicas (Figura 1):

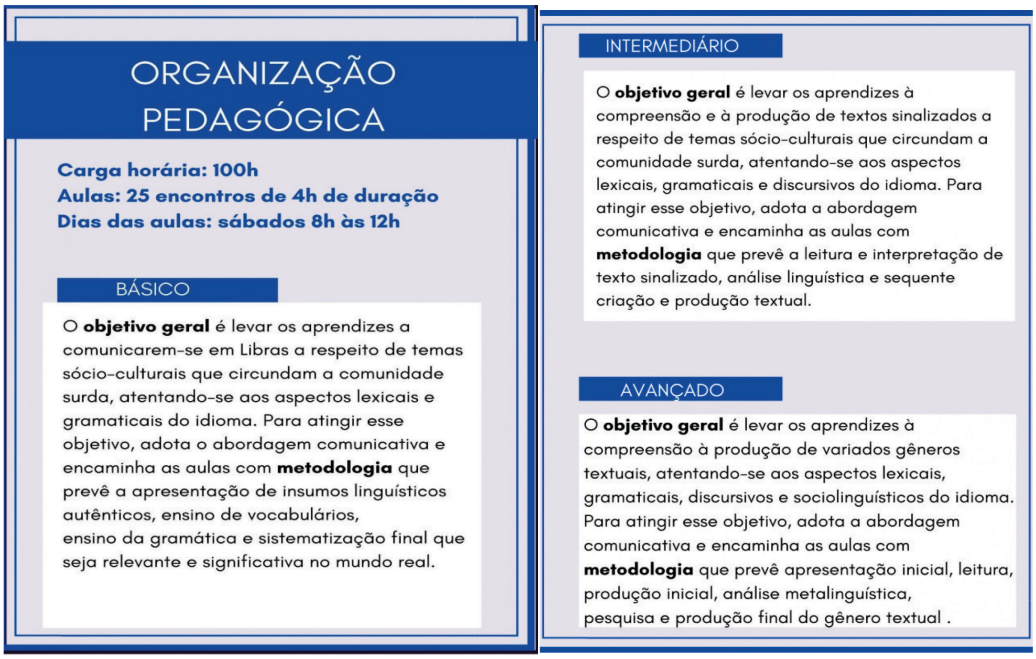


Figura 1: Da organização pedagógica do curso de extensão NEL da UFPR

Fonte: UFPR

No que tange à presença da disciplina de Libras nas licenciaturas oferecidas em Curitiba em 2020, destacam-se as seguintes instituições públicas e privadas (Quadro 4):

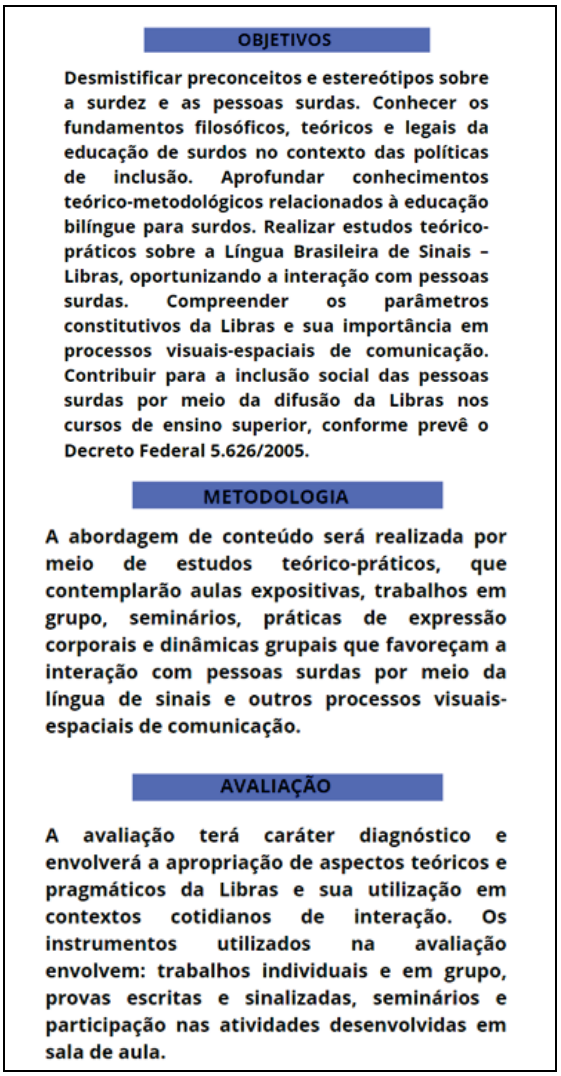
ESPAÇO ACADÊMICO PÚBLICO
Unespar
UFPR
UTFPR
IFPR
ESPAÇO ACADÊMICO PRIVADO
PUC
UTP
Faculdade Espírita
Unina
Uniandrade
Uninter
Unibrasil
Positivo
Unicesumar
Itecne
Unicuritiba
FAE
Santa Cruz

Quadro 4: Catálogo dos espaços que ofereceram Libras para as licenciaturas como disciplina obrigatória (2020)

Fonte: Elaborado pelas autoras

Sobre a disciplina de Libras como L2, vale a menção de que as grades curriculares das instituições consultadas no período apresentaram a mesma ementa para os diferentes cursos de licenciatura. Dentre os nomes mencionados no Quadro 4, conforme distinção no site institucional, 4 são faculdades e 13 são universidades, e a oferta da disciplina ocorre com 50 horas de carga horária (em média) nas modalidades a distância, presencial e semipresencial.

Resumidamente, a caracterização pedagógica desses espaços segue a mesma linha exposta no site da UFPR (Quadro 5):



OBJETIVOS

Desmistificar preconceitos e estereótipos sobre a surdez e as pessoas surdas. Conhecer os fundamentos filosóficos, teóricos e legais da educação de surdos no contexto das políticas de inclusão. Aprofundar conhecimentos teórico-metodológicos relacionados à educação bilíngue para surdos. Realizar estudos teórico-práticos sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, oportunizando a interação com pessoas surdas. Compreender os parâmetros constitutivos da Libras e sua importância em processos visuais-espaciais de comunicação. Contribuir para a inclusão social das pessoas surdas por meio da difusão da Libras nos cursos de ensino superior, conforme prevê o Decreto Federal 5.626/2005.

METODOLOGIA

A abordagem de conteúdo será realizada por meio de estudos teórico-práticos, que contemplarão aulas expositivas, trabalhos em grupo, seminários, práticas de expressão corporais e dinâmicas grupais que favoreçam a interação com pessoas surdas por meio da língua de sinais e outros processos visuais-espaciais de comunicação.

AVALIAÇÃO

A avaliação terá caráter diagnóstico e envolverá a apropriação de aspectos teóricos e pragmáticos da Libras e sua utilização em contextos cotidianos de interação. Os instrumentos utilizados na avaliação envolvem: trabalhos individuais e em grupo, provas escritas e sinalizadas, seminários e participação nas atividades desenvolvidas em sala de aula.

Quadro 5: Caracterização da disciplina de Libras da UFPR

Fonte: UFPR (Adaptado)

No que diz respeito aos conteúdos, encontramos a proposta da UFPR, da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Na primeira, a ementa propõe "a compreensão histórica das comunidades surdas e de sua produção cultural. Bilinguismo e educação de surdos: diretrizes legais e político-pedagógicas. Aspectos linguísticos da língua de sinais brasileira: teoria e prática". Apesar de mais concisa, na UTP o ementário é parecido: "a Língua Brasileira de Sinais, o indivíduo surdo e o contexto social. Conceitos básicos para a prática comunicacional em LIBRAS". Já a UTFPR detalha melhor os conteúdos abordados na disciplina (Excerto 6):

Excerto 6: Conteúdos da disciplina de Libras

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

Abordagem clínico terapêutico e sócio antropológico em relação aos sujeitos surdos e a Língua de Sinais. História da Educação dos surdos. Cultura surda em seus diferentes artefatos culturais. A Língua Brasileira de Sinais: aspectos legais, conceituais, gramaticais, vocabulário básico e práticas de conversação na Libras. Estudo gramatical da Língua Brasileira de Sinais: aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. Classificadores e relações semânticas. Práticas discursivas na Libras explorando tipos de narrativas, o processo anafórico na Libras e formas de comunicação em contextos inclusivos. Vocabulário da Libras referente a situações e conhecimentos em consonância com a cultura surda.

Fonte: UTFPR (Adaptado)

Quanto à oferta de ensino de Libras como L2 em nível de pós-graduação em Curitiba no ano de 2020, destacam-se as instituições privadas listadas no Quadro 6:

ESPAÇO ACADÊMICO PRIVADO
Uniandrade
Clarentiano
Unidombosco
Faculdade Bagozzi
uniasselvi
Unicentro
Unintese
Unopar
Cruzeiro do Sul
IPE
Unina

Quadro 6: Catálogo dos espaços que ofereceram pós-graduação em Libras (2020)

Fonte: Elaborado pelas autoras

O ensino de Libras como L2 oferecido no espaço da pós-graduação aparece com distintos rótulos – Libras; Libras: educação bilíngue para surdos; e Libras e educação especial na área da surdez – e divide-se entre os que se propõem a formar professores bilíngues e intérpretes.

Nesses cursos, há em média 410 horas de ensino de Libras, entretanto apenas 2 das instituições mencionadas no Quadro 6 oferecem o ensino presencial. Em sua maioria, os espaços disponibilizam apenas aulas teóricas, sem contato com a língua ou com falantes fluentes da Libras. Empiricamente, observamos que os pós-graduandos terminam o curso sem conseguirem se comunicar em Libras, mas que, apesar disso, mantêm a intenção de trabalhar na área. Esse desejo é fomentado pelo próprio curso, que apresenta os seguintes objetivos (Excerto 7):

Excerto 7: Objetivos da pós-graduação em Libras

OBJETIVOS

Capacitar para a tradução e interpretação de Libras/Português e Português/Libras e à utilização de recursos de comunicação e expressão, seja de forma consecutiva como simultânea, parâmetros já de seu domínio, como configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação, expressão facial e expressão corporal mais a fraseologia, serão levados a um nível maior, com o estudo dos aspectos linguísticos aplicados ao ensino de Libras, surdez e letramento bilíngue, políticas públicas voltadas à educação especial e da educação inclusiva, e a respectiva legislação, no Brasil.

Fonte: Cruzeiro do Sul (Adaptado)

Tais objetivos são alcançados, segundo esses espaços, a partir do oferecimento dos seguintes conteúdos programáticos (Excerto 8):

Excerto 8: Conteúdos da pós-graduação em Libras

CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

Metodologia do Trabalho Científico; Deficiência Auditiva e Libras; Língua Brasileira de Sinais; Intérprete de Língua de Sinais Brasileira na Sala de Aula; Escrita de Língua de Sinais Brasileira; Didática e Educação de Surdos; Práticas de Ensino em Deficiência Auditiva; Práticas Sociais de Leitura e de Escrita em Libras; A Relação Família, Escola e Deficiência Auditiva; Trabalho de Conclusão de Curso - Artigo Científico.

Fonte: Uniasselvi (Adaptado)

Quanto ao exposto em relação aos espaços do contexto acadêmico, as fases históricas também são verificadas (conforme Quadro 3). O ano de 2005 representa o silenciamento; 2006, a introdução à relação do ouvinte com Libras como L2; 2009 marca o declínio do interesse e da oferta; 2013 ascende o crescimento que permanece até 2020, sem grande demonstração de maturidade. Entretanto, é importante mencionar o relevante papel das universidades públicas, como a UFPR e o IFPR, no ensino da Libras na cidade de Curitiba. Esses espaços têm atendido, além dos alunos de licenciaturas, servidores e comunidade externa e, ao que parece, têm o feito de maneira promissora e eficiente, já que apresentam claramente sua organização pedagógica (conforme mostra a Figura 1).

Essa realidade não se distancia da apresentada nos Estados Unidos. O levantamento realizado por Ackerman, Wolsey e Clark (2018) a respeito dos locais onde as línguas de sinais são formalmente ensinadas em algumas regiões do mundo revelou que os espaços universitários são os mais frequentes. Além disso, a predominância do nível básico e do estudo motivado pela obrigatoriedade legal se assemelham com o que encontramos no mapeamento da nossa cidade.

Com isso, conseguimos perceber, de um lado, a força da legislação em relação à implementação da disciplina de Libras, uma vez que os alunos de graduação são obrigados a cursá-la e, de outro, as iniciativas pessoais de busca pela língua em nível de pós-graduação, nem que para tanto seja necessário arcar com o custo, pois não existe especialização gratuita no cenário curitibano.

Aliás, considerando-se os espaços de órgãos públicos, terceiro setor, instituições religiosas, empresa e faculdades, nos seus mais diversos tipos de ensino e já levando em conta as variações individuais, podemos afirmar que o ensino disponível se caracteriza pela carência de gratuidade.

Por fim, trazendo resposta mais explícita à nossa pergunta de investigação — quais são e como se caracterizam os espaços de ensino de Libras como L2 em Curitiba —, podemos afirmar que:

- os espaços de ensino de Libras como L2 em Curitiba são aqueles inseridos em contextos gerais e acadêmicos e variam em sua natureza jurídica. Para os primeiros, encontram-se órgão público, terceiro setor, instituição religiosa, empresa e professor particular. Para os segundos, encontram-se faculdades e universidades, públicas e privadas, que atuam na capacitação do pessoal interno, na extensão universitária (para atender à comunidade geral), na oferta da disciplina obrigatória e em cursos de especialização.
- os espaços de ensino de Libras como L2 em Curitiba se caracterizam por serem formais, pautados na obrigatoriedade legal, organizados com pouca carga horária, ministrados por professores surdos e ouvintes para um nível básico, visando atender à comunicação imediata para contextos específicos. Sua organização pedagógica (objetivo, conteúdo, metodologia e avaliação) pode não colaborar para a efetiva comunicação com surdos, mesmo que a intenção do aprendiz seja a atuação profissional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo identificar quais são e como se caracterizam os espaços de ensino de Libras como L2 em Curitiba. Para responder a esse objetivo, realizamos uma busca por meio de consulta eletrônica correspondente aos anos de 2005 a 2020.

Olhamos para a literatura pertinente à educação de surdos para compreender como a relação entre o ouvinte e a Libras como L2 se configurou ao longo dos anos e, principalmente, após a promulgação do Decreto nº 5.626/2005. Nessa busca, notamos que a comunidade surda percorreu um árduo caminho visando ao reconhecimento, à valorização e à aceitação da sua língua em diferentes espaços sociais. Porém, poucos foram os ouvintes que se engajaram nessa causa. O pequeno conjunto de interessados no idioma foi quem deu forma às fases nomeadas de silenciamento, introdução, declínio, crescimento, desenvolvimento e maturação.

Essa última fase, inclusive, motivada pela promulgação do Decreto nº 5.626/2005, levou ao aumento de espaços que ofertam a Libras como L2 na cidade de Curitiba. Todavia, por meio dos dados, podemos notar que o posicionamento em relação a essa língua se manteve tal qual o que já havia em fases anteriores à da maturidade. Portanto, se o objetivo da legislação era incluir a pessoa surda plenamente em diversos espaços sociais, planejamentos e políticas linguísticas, deveriam ter seguido o documento legal.

O mapeamento apresentado por meio dos catálogos dos espaços aponta para um número relativamente significativo de locais oferecendo o ensino de Libras como L2 em Curitiba. Entretanto, a caracterização denuncia – implicitamente – o motivo do ensino e o da aprendizagem. Em nossa realidade local, a maioria dos ouvintes tem acesso a essa língua por obrigatoriedade legal, seja em cursos de formação em seu ambiente de trabalho, seja na disciplina dos cursos de licenciatura. A procura voluntária, de uma minoria de ouvintes, ocorre no caso de cursos de pós-graduação, de instituições religiosas ou de empresas, cujo ensino parece ser bastante deficitário em termo de carga horária e conteúdo programático.

Essa conclusão se dá, entre outras razões, em decorrência da percepção de que há um afunilamento em relação aos níveis de ensino de Libras como L2. Isso significa que o contingente não tão numeroso do básico diminui no intermediário e se torna mínimo no avançado, o que parece demonstrar que há permanência de uma habilidade comunicativa rasa. E a questão que fica é se podemos atribuir esse fenômeno à percepção utilitarista que alguns ouvintes têm em relação à língua que estão aprendendo.

Este trabalho dá indícios, por meio da apresentação da organização pedagógica dos espaços, que alguns deles favorecem a aprendizagem da Libras; um deles é o NEL da UFPR, que oferta ensino de 100 horas para cada nível, o que consideramos adequado. Acreditamos que este estudo abre portas para futuras investigações, quer seja no nível geográfico ou no contexto do espaço de ensino, e análises apresentadas podem trazer impactos positivos tanto no âmbito pessoal quanto institucional no que se refere a oferta e procura de cursos.

Se o panorama encontrado por esta pesquisa em Curitiba for o mesmo em âmbito nacional, pode-se concluir estar-se diante de uma situação que demanda mudanças. O uso da Libras pelo ouvinte precisa ser pautado no propósito de "ser" de modo que possamos nos tornar agentes de inclusão, de comunicação efetiva e de interação significativa com surdos, pois só assim poderemos experimentar uma sociedade justa e igualitária para todos.

REFERÊNCIAS

ACKERMAN, J. M.; WOLSEY, J.-L. A.; CLARK, D. M. Locations of L2/Ln sign language pedagogy. *Creative Education*, v. 9, p. 2037-2058, 2018. Disponível em: https://www.scirp.org/pdf/ce_2018102516203786.pdf. Acesso em: 18 maio 2021.

ALBRES, N. de A. Saberes docentes: a problemática da formação de professores de língua de sinais. *In*: ALBRES, N. de A. (org.). *Libras em estudo:* ensino-aprendizagem. São Paulo: Feneis, 2012. p. 15-35. Disponível em: https://libras.ufsc.br/wp-content/uploads/2019/09/2012-04-ALBRES_LIBRAS_ens_apr.pdf. Acesso em: 18 maio 2021.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999. Disponível em: https://professorjailton.com.br/novo/biblioteca/preconceito_linguistico_marcos_bagno.pdf. Acesso em: 18 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Ministério da Educação, [2002]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 23 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Ministério da Educação, [2005]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 18 maio 2021.

BRESSAN, M. R. *O ensino de LIBRAS em um contexto de escola técnica*: o que pensam as pessoas ouvintes. 2013. Dissertação (Mestrado em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/312316. Acesso em: 18 maio 2021.

CALLEGARI, M. O. V. Reflexões sobre o modelo de aquisição de segundas línguas de Stephen Krashen: uma ponte entre a teoria e a prática em sala de aula. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 45, n. 1, p. 87-101, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tla/a/mBD6J5GrBkkGFCvJjCyynHz/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 18 maio 2021.

CAPOVILLA, C. F. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 6, n. 1, 2000. Disponível em: https://www.abpee.net/revista-6.php. Acesso em: 18 maio 2021.

FACHIN, O. *Fundamentos de metodologia*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

FELIPE, T. A. *Libras em contexto*: curso básico, livro do estudante. 8. ed. Rio de Janeiro: WalPrint, 2007.

FONSECA, D. A. C. da. *O espaço escolar e sua contribuição para o ensino de língua estrangeira moderna*: um estudo de caso. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2013. Disponível em: http://bdtd.unoeste.br:8080/jspui/bitstream/tede/896/1/DISSERTACAO%20DE%20MESTRADO_DANIELA%20COELHO.pdf . Acesso em: 23 ago. 2021.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. *São Paulo em Perspectiva*, v. 14, n. 2, p. 3-11, 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf. Acesso em: 18 maio 2021.

GESSER, A. *Metodologia de ensino em libras como L2.* Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: http://libras.ufsc.br/old/public/colecaoletraslibras/eixoformacaopedagogica. Acesso em: 18 maio 2021.

GROCE, N. E. *Everyone here spoke sign language:* hereditary deafness on Martha's Vineyard. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

RIBEIRO, P. R. M. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. *Paidéia*, n. 4, p. 15-30, 1993. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/29513/S0103-863X1993000100003.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 18 maio 2021.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. Revista *Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 1, n. 1, p. 12-15, 2009.
Disponível em: https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351. Acesso em: 18 maio 2021.

SCHWARTZMAN, S. Os desafios da educação no Brasil. *In*: BROCK, C.; SCHWARTZMAN, S. (ed.). *Os desafios da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 9-51. Disponível em: http://www.schwartzman.org.br/simon/desafios/1desafios.pdf. Acesso em: 23 ago. 2021.

SIGN languages and the Common European Framework of Reference for Languages. Pro-Sign. Disponível em: https://www.ecml.at/ECML-Programme/Programme2012-2015/ProSign/PRO-Sign-referencelevels/tabid/1844/Default.aspx.

SILVA, C. A. de A. *Entre a deficiência e a cultura*: análise etnográfica de atividades missionárias com surdos. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-13102010-144632/en.php. Acesso em: 23 ago. 2021.

SILVA, L. da. Aquisição de segunda língua: o estado da arte da libras. *Alfa*, São Paulo, v. 64, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1981-5794-e11861. Acesso em: 18 maio 2021.

SILVA, L. da. A cognição e os princípios teóricos e metodológicos ao ensino de libras para ouvintes: orientações a professores iniciantes. *Revista Linguagem em Foco*, v. 12, n. 3, p. 197-218, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.46230/2674-8266-12-2630. Acesso em: 1 maio 2021.

SOARES, M. H. A.; PEREIRA, J. A. Aprendendo libras: uma segunda língua, uma nova cultura. *Caminho Aberto*, v. 1, ano 2, n. 2, p. 57-61, 2015. Disponível em: http://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/caminhoaberto/article/view/1658/pdf. Acesso em: 18 maio 2021.

SOUSA, A. N. de *et al.* Quadro de referência da libras como L2. *Fórum Linguístico*, v. 17, n. 4, p. 5488-5504, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/77339/45485. Acesso em: 23 ago. 2021.

STROBEL, K. *História da educação de surdos.* Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifica/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em: 18 maio 2021.

TAUB, S. *et al.* Gesticulação e aquisição da ASL como segunda língua. *In:* QUADROS, R. M. de; VASCONCELLOS, M. L. B. de (org.). *Questões teóricas das pesquisas em língua de sinais.* Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 275-285.

Recebido em 27/08/2021. Aceito em 03/01/2022.

APÊNDICE A – CATÁLAGO DOS ESPAÇOS DE ENSINO DE LIBRAS EM CURITIBA

Acessos realizados em 29 mar. 22	Disponíveis em
Cepol	https://www.cepolcentrodeensino.com.br/
Escola Superior de Advocacia	http://esa.sites.oabpr.org.br/comissao-de-acessibilidade-e-esa-promovem-curso-basico-de-libras-curitiba.html
FAE	https://fae.edu/noticias-e-eventos/noticia/82796524/curso+de+libras.htm
FESP	http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/02/inscricoes-para-curso-gratuito-de-libras-em-curitiba-vao-ate-sabado.html https://www.fesppr.edu.br/noticias/libras-basico-modulo-ii/ https://www.fesppr.edu.br/noticias/libras-modulo-i/ https://www.fesppr.edu.br/cursos/libras-i/
Inovação In Company	https://www.inovacaoincompany.com.br/
Instituto Alameda	https://www.fabianailustra.com/2016/02/curso-de-libras-curitiba-instituto.htm
Instituto de Libras	http://www.findglocal.com/BR/Curitiba/158595554534373/Instituto-De-Libras
Instituto Federal do Paraná - IFPR	https://curitiba.ifpr.edu.br/menu-academico/libras/ https://curitiba.ifpr.edu.br/2015/04/22/curso-de-libras-basico-ifpr-campus-curitiba/ https://reitoria.ifpr.edu.br/campus-curitiba-oferece-cursos-basico-e-intermediario-gratuitos-de-libras/ https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2013/06/Curso-agosto-2017.pdf https://curitiba.ifpr.edu.br/2020/01/31/napne-campus-curitiba-promove-curso-de-libras/
Ministério Público do Paraná	https://escolasuperior.mppr.mp.br/modules/noticias/article.php?storyid=132&tit=Curso-de-LIBRAS-Lingua-Brasileira-de-Sinais
Pastoral do Surdo	http://arquidiocesedecuritiba.org.br/2019/07/19/pastoral-surdo-convida-para-curso-de-libras-para-iniciantes/
Prefeitura de Curitiba	https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/curso-de-libras-capacita-servidores-para-atendimento-a-populacao/46041 https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/comunidade-pode-aprender-libras-em-curso-gratuito-da-prefeitura/49551
Primeira Igreja Batista de Curitiba	https://pibcuritiba.org.br/especiais/comunicar/
Professores Particulares	https://www.superprof.com.br/aulas/lingua-de-sinais/curitiba/
Provopar	http://www.provoparestadual.org.br/2020/03/3123/Provopar-inicia-atividades-do-Curso-de-Libras-para-2020.html http://www.provoparestadual.org.br/2019/09/3081/Provopar-lanca-curso-de-libras-Som-do-Silencio.html
PUC - PR	http://www.sinepepr.org.br/sinepe_on_line/2013/setembro/03_09_13_leia_mais_associadas2.pdf

Secretaria de Estado de Educação	http://www.educacao.pr.gov.br/Noticia/CEEBJA-Paulo-Freire-oferta-curso-gratuito-de-Libras-para-comunidade-escolar
SESI	https://www.sesipr.org.br/para-empresas/solucoes-em-educacao/cat/libras-lingua-brasileira-de-sinais-1-27103-254874.shtml
Tribunal Regional Eleitoral	https://www.tre-pr.jus.br/imprensa/noticias-tre-pr/2020/Janeiro/tre-pr-promove-novos-cursos-de-libras-para-servidores
Tribunal Regional do Trabalho	http://www.trt9.jus.br/portal/pagina.xhtml?secao=40&pagina=historico%20cursos
Unilivre	https://www.sympla.com.br/oficina-de-libras__545275
Uninter	https://www.uninter.com/noticias/uninter-lanca-curso-de-libras-basico
Universidade Federal do Paraná	https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/napne-promove-segundo-curso-de-sinais/ https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/napne-oferece-curso-de-libras-em-julho/ https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/napne-e-cas-oferecem-curso-de-libras/ https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/ufpr-oferta-curso-de-libras/ http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2013/09/ufpr-recebe-inscricoes-para-cursos-de-libras-ate-o-dia-30-de-setembro.html http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2014/08/ufpr-abre-inscricoes-para-curso-gratuito-de-lingua-brasileira-de-sinais.html http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2015/03/ufpr-recebe-inscricoes-para-curso-basico-gratuito-de-libras.html http://www.letraslibras.ufpr.br/nel/curso-de-libras/ http://www.letraslibras.ufpr.br/nel/wp-content/uploads/sites/4/2017/02/Edital-Curso-de-Libras-familia-de-surdos.pdf - acesso em 29/03/22 .- http://www.letraslibras.ufpr.br/nel/curso-de-libras/

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.84585

ASPECTOS PROSÓDICOS DA *CHILD-DIRECTED SIGNING* NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

ASPECTOS PROSÓDICOS DE LA *CHILD-DIRECTED SIGNING* EN LA LENGUAJE DE SEÑAS BRASILEÑO – LIBRAS

PROSODIC ASPECTS OF *CHILD-DIRECTED SIGNING* IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE – LIBRAS

Marcelo Meira Alves*
Maria de Fátima de Almeida Baia**
Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira***
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

RESUMO: Esta pesquisa se compõe de uma análise da *Child-directed signing* (CDSig.) na língua brasileira de sinais (Libras), a partir de um mapeamento dos aspectos prosódicos. Para entender o fenômeno da fala dirigida à criança, baseamo-nos nos estudos de línguas orais dentro dos quais se observam alterações de fala nos diferentes níveis linguísticos (ELLIOT, 1982; FERNALD *et al.*, 1989; KUHL, 1997; CAVALCANTI, 1999; BAIA; PACHECO; FERREIRA; 2019). Ademais, no que diz respeito aos aspectos prosódicos na CDSing., apoiamo-nos nos estudos de Holzrichter e Meier (2000) e Fuks (2019), com base em outras línguas de sinais, revelando modificações fonéticas na sinalização. O *corpus* desta pesquisa se constituiu a partir de um experimento de nomeação de palavras realizado por 5 pais usuários da Libras. Os resultados indicam alterações fonéticas no sinal, tais como modificação dos movimentos de braços e mãos, alteração de configuração da mão, reconfiguração das expressões não manuais, além da iconicidade.
PALAVRAS-CHAVE: *Child-Directed Signing*; Libras; Prosódia.

RESUMEN: Esta investigación comprende un análisis de la *Child-Directed Signing* (CDSig.) en la lenguaje de señas brasileño (Libras), basado en un mapeo de aspectos prosódicos. Para comprender el fenómeno del habla dirigida al niño, nos basamos en

* Doutorando e Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Professor Substituto do Atendimento Educacional Especializado do Instituto Federal da Bahia (IFBA). E-mail: marcelofilo13@gmail.com.

** Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP); Professora Adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma universidade. E-mail: mariadefatimabaia@uesb.edu.br.

**** Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Professora Titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma universidade. E-mail: adriana.lessa.de.oliveira@gmail.com.

estudios de lenguas orales dentro de las cuales se observan alteraciones del habla en diferentes niveles lingüísticos (ELLIOT, 1982; FERNALD *et al.*, 1989; KUHL, 1997; CAVALCANTI, 1999; BAIA, PACHECO, FERREIRA; 2019). Además, con respecto a los aspectos prosódicos en CDSing., nos apoyamos en estudios de Holzrichter, Meier (2000) y Fuks (2019) basados en otras lenguas de señas, que revelan cambios fonéticos en la señalización. El *corpus* de esta investigación se constituyó a partir de un experimento de denominación de palabras realizado por 5 padres que usan Libras. Y los resultados indican alteraciones fonéticas en la seña, como modificación de los movimientos de brazos y manos, alteración de la configuración de las manos, reconfiguración de expresiones no manuales, además de iconicidad.
PALABRAS-CLAVE: Child-Directed Signing; Libras; Prosódia.

ABSTRACT: This research consists of an analysis of Child-directed signing (CDSig.) in the Brazilian sign language (Libras), based on a mapping of prosodic aspects. In order to understand the phenomenon of CDSig., we based our work on the study of oral languages which observe speech alterations at different linguistic levels (ELLIOT, 1982; FERNALD *et al.*, 1989; KUHL, 1997; CAVALCANTI, 1999; BAIA, PACHECO, FERREIRA; 2019). In addition, regarding the prosodic aspects in CDSig., our findings support the studies o Holzrichter, Meier (2000) and Fuks (2019) on other sign languages, revealing phonetic changes in signaling. The *corpus* of this research was constituted from a word naming experiment carried out by 5 parents who use Libras. The results indicated the occurrence of changes in the phonetic aspects of the sign, such as modification of arm and hand movements, alteration of hand configuration, reconfiguration of non-manual expressions as well as iconicity.
KEYWORDS: *Child-Directed Signing*; Libras; Prosody.

1 INTRODUÇÃO

Um fenômeno muito recorrente que se tem investigado, na área de aquisição de linguagem, é a fala direcionada aos bebês, que, em sua maioria, apresenta características singulares, isto é, os cuidadores imprimem modificações na fala no momento de interação. A literatura (ELLIOT, 1982; FERREIRA, 1990; FERNALD *et al.*, 1989; KUHL, 1997; CAVALCANTI, 1999) tem apontado que essas modificações apresentam diferentes características, variando nos níveis sintáticos, discursivos, lexicais e prosódicos.

Além disso, estudos mais recentes (BAIA; PACHECO; FERREIRA, 2019) têm evidenciado que a *Child-Directed Speech* (CDS)[1] tem exercido um papel importante no formato fonológico da fala infantil, isto é, tem demonstrado uma relação com os primeiros padrões utilizados pela criança na sua expansão lexical.

Nesse sentido, a proposta deste trabalho é investigar se na Língua Brasileira de Sinais – Libras – também ocorre modificações na sinalização dos cuidadores na interação com bebês adquirindo uma língua sinalizada. Para entender esse fenômeno, baseamo-nos em estudos de línguas orais, acima citados, bem como em estudos sobre línguas sinalizadas como a língua israelense de sinais, discutida por Fuks (2019).

2 A *CHILD-DIRECTED SPEECH* E A SUA RELAÇÃO COM OS ASPECTOS LINGUÍSTICOS

As pesquisas em torno da aquisição de linguagem, sobretudo no que diz respeito aos aspectos fonológicos (prosódicos), vêm demonstrando que o contato do bebê com o fluxo de emissão sonora não ocorre somente após o nascimento, mas já acontece desde o útero da mãe (JUSCZYK, 1997). Além disso, os bebês, antes mesmo de produzirem as suas primeiras vocalizações, já são capazes de perceber os padrões acentuais da língua na qual estão imersos (GERKEN, 2008; SANTOS, 2008). No que se refere aos fetos com algum comprometimento auditivo, eles podem não escutar os sons no útero, mas levanta-se a hipótese de que são capazes de sentir as vibrações propagadas pelo som.

[1] O termo *Child-Directed Speech*, usado para se referir à fala dirigida à criança, pode ser encontrado na literatura com diversas nomenclaturas, como, por exemplo, "maternalês", "baby talk", "manhês", "paternalês", "fala tatibitati" etc.

Deste modo, a criança ouvinte, desde muito cedo, já entra em contato com as produções sonoras da língua, por meio de um contato linguístico estimulador, isto é, o *input*. Este, por sua vez, funciona como uma espécie de gatilho para que a criança perceba intuitiva e claramente o que é possível na sua língua. Dentro da perspectiva inatista, Chomsky (1998) lembra que uma exposição adequada é suficiente para que uma criança adquira a sua língua com toda a complexidade linguística, considerando-se, claro, a existência de uma faculdade da linguagem que lhe é inata.

Algumas particularidades são encontradas na fala dirigida a essas crianças, isto é, os seus cuidadores adaptam o seu jeito de falar para um modo mais infantilizado, fazendo uso de palavras como: "papá" (comida), "naná" (dormir) etc. Baia, Pacheco e Ferreira (2019) explicam, conforme Bruner (1991), que essa linguagem específica utilizada pelos pais para interagir com as crianças se torna adequada ao nível linguístico delas, demonstrando, por sua vez, uma empatia ao desenvolvimento linguístico dos bebês. As autoras ainda reiteram que "[...] mesmo com todas as suas simplificações, a CDS funciona como um *input*, possibilitando ao infante aprender a língua" (BAIA; PACHECO; FERREIRA, 2019, p. 4081), e ao mesmo tempo facilita o desenvolvimento linguístico da criança, por meio de um estoque de itens da fala direcionada, conforme destaca Ferguson (1964).

Estudiosos (SCARPA, 2001; CAVALCANTE, 2007; BULLIO *et al.,* 2014) explicam que o processo de interação da criança com os seus cuidadores se inicia por meio de uma ação simbólica, na qual seus gestos e vocalizações são vistos como ações dotadas de significados. Nesse sentido, o adulto interpreta os gestos e vocalizações da criança e, posteriormente, responde às suas produções, atribuindo-lhe um sentido (BAIA; PACHECO; FERREIRA, 2019). Portanto, a contribuição do adulto no processo inicial de interação com a criança, além de simplesmente vocal, também é linguística, visto que atribui intenções à 'fala' do bebê (Cf. SCARPA, 2001), e apresenta, por meio de sua interação, as possibilidades fonológicas/prosódicas da sua língua.

Mesmo assumindo um papel importante no processo de aquisição dos padrões linguísticos pela criança, a CDS está atrelada a questões culturais, e por ser cultural não seria universal, pois, segundo Kuhl (2004), em culturas como a Kaluli na Nova Guiné, os adultos não utilizam a CDS.

Todavia, Baia, Pacheco e Ferreira (2019) esclarecem que a CDS pode manifestar certa regularidade em sua ocorrência, mesmo considerando o fato de estar relacionada a línguas e culturas distintas. Do mesmo modo, Ferguson (1964), após analisar as manifestações da CDS em seis línguas distintas[2], aponta que grandes semelhanças foram detectadas entre elas, tais como: I. fenômenos entoacionais e paralinguísticos; II. construções e modificações de palavras a partir da forma alvo; e III. itens lexicais peculiares. Também foi percebido, em todos os seis idiomas, a ocorrência de reduplicação[3] tanto em partes como em palavras inteiras, além de afixo diminutivo ou hipocorístico (formas abreviadas). Na hipocorização, conforme Baia (2010), os nomes diferem de pessoa para pessoa, no entanto os processos é que parecem ser os mesmos, tais como reduplicação e apagamento.

Além disso, estudos têm demonstrado que as categorias da CDS têm influenciado na aquisição de estrutura fonológica usada por crianças. Baia, Pacheco e Ferreira (2019) destacam que do mesmo modo que os adultos adaptam a sua fala para se aproximar da "fala" infantil, os bebês[4], em algumas produções, reproduzem padrões do adulto. Portanto, "[...] a CDS e os padrões na fala da criança parecem apresentar uma troca mútua de características do *input*, como as adaptações presentes, por exemplo, nos *templates* manifestados", (BAIA; PACHECO; FERREIRA, 2019, p. 4093).

Em síntese, a CDS apresenta determinadas características que, conforme os estudiosos (ELLIOT, 1982; FERREIRA, 1990; CASTARÈDE, 1991; FERNALD *et al.*, 1989; KUHL, 1997; CAVALCANTI, 1999; BAIA; PACHECO; FERREIRA, 2019), podem sofrer variações em vários componentes linguísticos, ou seja, no fonológico, no (morfo)sintático e no semântico. A seguir, apresentamos um quadro com os aspectos linguísticos da CDS, com base em investigações feitas pelos autores acima citados.

[2] árabe, marathi, comanche, gilyak, inglês e espanhol.

[3] Sobre a reduplicação, Baia, Pacheco e Ferreira (2019) lembram que esse fenômeno, a depender da língua, pode se tratar de um processo fonológico ou morfológico.
[4] Informante da pesquisa de Baia, Pacheco e Ferreira (2019).

Fonológico	Entoação exagerada: *pitch* agudo, ritmo lento, contorno entoacional exagerado e pausa longa. Reduplicação fonológicas. Simplificação de estruturas silábicas do alvo.
Sintático e discursivo	Sentenças curtas e independentes, pequeno número de formas e modificadores verbais, paradas durante o enunciado, repetições.
Semântico	Uso de diminutivos. Referentes concretos.
Morfológico	Simplificação morfológica, reduplicação, multifuncionalidade.
Pragmático	Predominância de ato ilocutório diretivo e perguntas.

Quadro 1: Aspectos linguísticos da CDS
Fonte: Adaptado de Baia, Pacheco e Ferreira (2019, p. 4083)

2.1 PROPRIEDADES DA *CHILD-DIRECTED SIGNING*

No processo de aquisição de uma língua sinalizada, as informações linguísticas são apresentadas visualmente por meio dos sinais, expressões faciais e movimentos sutis do corpo do sinalizante. Nessas primeiras interações, em que há o contato face a face, os bebês que estão adquirindo a língua de sinais passam a ganhar mais experiências com a troca de turnos, além de outras habilidades discursivas (LIEBERMAN; HATRAK; MAYBERRY, 2014). Nesse sentido, eles desenvolvem uma capacidade de engajamento no que diz respeito à atenção conjunta com pessoas e objetos envolvendo processamentos cognitivos, como as habilidades de percepção, memória, categorização e processamento de informações (LIEBERMAN; HATRAK; MAYBERRY, 2014).

Kyle (2001) e Lieberman e Hatrak e Mayberry (2014) explicam que esse foco compartilhado entre pessoas e objetos, isto é, a atenção conjunta, acontece quando o bebê passa a ter contato visual com o objeto e o seu interlocutor, de modo a vincular a entrada linguística por meio de um contexto não linguístico, ou seja, o objeto. Além disso, de modo específico, no processo de interação as mães surdas usam com maior frequência o toque, esperam mais tempo até estabelecer o contato visual para, em seguida, nomear objetos e direcionar a atenção da criança. Segundo Kyle (2001), a mães surdas parecem treinar a atenção dos bebês ainda no primeiro ano de vida, favorecendo o seu desenvolvimento linguístico.

Ademais, assim como nas línguas orais, os cuidadores que fazem uso de uma língua sinalizada, no momento de interação com os bebês, fazem modificações fonéticas na sinalização, tais como: deslocamento, repetições, alongamento e ampliação dos sinais (HOLZRICHTER; MEIER, 2000; FUKS, 2019), bem como a intensificação de forma icônicas para facilitar o mapeamento da forma-sentido por seus bebês nos primeiros estágios de aquisição, conforme apresenta o estudo de Fuks (2019).

Nesse sentido, por se tratar de uma língua sinalizada que faz uso das mãos, do espaço e da visão para ser realizada e compreendida, será utilizado o termo *Child-Directed Signing (CDSig.),* já mencionado pela literatura (HOLZRICHTER; MEIER, 2000), para se referir às modificações específicas no momento de interação dos cuidadores com os seus bebês.

Fuks (2019) apresenta, a partir de seus dados[5], dois tipos de características encontradas na CDSig., quais sejam: I. modificações fonéticas na sinalização, tais como deslocamento e ampliação + repetição, corroborando os estudos de Holzrichter e Meier (2000); e II. modificações exageradamente icônicas. Quanto às modificações fonéticas na sinalização, conforme Fuks (2019), essas foram empregadas com mais frequência no período inicial de um sinal, cujo objetivo consistia em aumentar a visibilidade da produção sinalizada e, ao mesmo tempo, atrair a atenção dos bebês para as interações comunicativas.

[5] A autora obteve os seus dados a partir de um estudo longitudinal, no qual acompanhou a aquisição bilingue de dois bebês ouvintes adquirindo a modalidade sinalizada e oral da língua israelense.

Já no que diz respeito à segunda característica encontrada na sinalização dirigida, a autora apresenta o uso excessivo da iconicidade, isto é, uma espécie de pantomimas, como, por exemplo, ações corporais, faciais e vocalizações miméticas não obrigatórias em sinais icônicos. Conforme Fuks (2019), essas ações icônicas foram empregadas com mais frequência durante o processo de execução do sinal.

A partir dos dados levantados, Fuks (2019), tomando por base estudos de Perniss *et al*. (2017), explica que a iconicidade pode desempenhar um papel importante no processo de aquisição de idiomas sinalizados. Conforme a autora, pais surdos têm utilizado, constantemente, ações icônicas para impulsionar o aprendizado precoce do vocabulário sinalizado por seus filhos. Além disso, essa base icônica pode servir como degrau para que as crianças estabeleçam ligações com a forma alvo.

3 ASPECTOS PROSÓDICOS DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Na área da fonética e fonologia das línguas de sinais, de um modo geral, os estudos são bastante recentes e várias são as pesquisas que buscam compreender e descrever a organização dessas línguas, seja enquanto sistema ou no cenário de aquisição.

Brentari (1998), analisando as características prosódicas da ASL (língua americana de sinais), argumenta que ela está marcada por distinções fundamentais entre características inerentes (segmentais) e prosódicas (suprassegmental). Nas primeiras, as propriedades dos sinais não se alteram no momento da sinalização (ex.: ponto de articulação), enquanto nas segundas são observadas as propriedades dinâmicas do sinal, podendo, por exemplo, haver mudanças em sua execução (ex.: movimento). Nesse sentido, as produções prosódicas podem ser notadas a partir da alteração da forma padrão (*default*) em que um determinado parâmetro é executado, acontecendo de duas maneiras singulares: distalização, isto é, a forma reduzida do sinal e realizada pela articulação distal (punho e dedos), e proximalização, que consiste na ampliação do sinal que envolve a articulação proximal (cotovelo e ombro).

Estudos (WILBUR; MARTÍNEZ, 2002) têm apontado, com base na ASL, que a estrutura prosódica pode ser melhor entendida a partir da cinemática dos movimentos, isto é, do deslocamento, da duração, da velocidade e da aceleração. Esses correlatos físicos, por sua vez, trazem melhores informações sobre a entonação, o acento e o ritmo das línguas de sinais.

Ademais, na Libras, Goes (2019) detectou que as Expressões Não Manuais (ENMs) desempenham funções prosódicas específicas. A autora apresenta, a partir de seus dados, que as ENMs como as de tronco; cabeça; expressões faciais superiores, tais como as da testa, sobrancelha e olhos; e expressões faciais inferiores, isto é, as da boca, bochecha e lábios, são muito recorrentes na marcação prosódica da língua.

Do mesmo modo, a partir da delimitação dos constituintes prosódicos, 'Frase Fonológica' e 'Frase Entoacional', Souza (2020) constatou que as ENMs desempenham funções prosódicas, além das sintáticas[6]. Isto é, na Libras, a delimitação de fronteira da 'Frase Fonológica', por exemplo, acontece por meio de alterações manuais e, em sua ausência, as ENMs delimitam esse constituinte, tais como movimento de sobrancelhas, mudança na posição da boca, semicerramento e piscar dos olhos. Já a demarcação de fronteira do constituinte 'Frase Entoacional' acontece por meio do levantamento de sobrancelhas, mudanças na posição de cabeça e corpo, semicerramento e piscar de olhos, e reconfiguração das expressões faciais de um modo geral. Nesse sentido, foi possível detectar que a delimitação dos constituintes prosódicos, isto é, aqueles maiores que a sílaba, acontece por meio dos elementos suprassegmentais que se revelam nas ENMs e manuais.

[6] Algumas ENMs têm funções sintáticas em línguas de sinais, como a marcação de orações relativas, concordância e foco, topicalização e tipos frasais (Cf. BRITO; LANGEVIN 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004 *apud* SOUZA, 2020).

4 METODOLOGIA E HIPÓTESES

Com o intuito de investigar se na Libras também ocorre o fenômeno da CDSig., a presente pesquisa se consistiu de um estudo experimental que contou com a colaboração de 5 pais[7] usuários da Libras, sendo eles: 2 mães surdas, 2 pais surdos e 1 mãe ouvinte bilingue (português-Libras). Para a apresentação dos informantes na descrição dos dados, adotamos a seguinte identificação: indicação da condição do informante como pai ou mãe, surdo ou ouvinte, mais o acréscimo da inicial do nome (ex.: pai surdo-M).

O experimento se apoiou num inventário de 51 palavras consideradas como as mais usuais no momento de interação dos pais com os seus bebês, conforme propõem Ferguson (1964), Stoel-Gammon (1976), Clark (2005) e Baia (2010). Por se tratar de pais surdos, e considerando as especificidades inerentes à surdez, as palavras foram digitadas em PB, em um programa computacional, e associadas à sua respectiva imagem a fim de que os colaboradores não tivessem dúvidas quanto ao significado. No caso do surgimento de alguma dúvida, contaram ainda com o auxílio de um intérprete de Libras.

No primeiro momento, foi pedido aos pais que, ao verem a palavra e sua respectiva imagem, sinalizassem em Libras como eles a realizam ou realizavam no momento de interação com os seus filhos quando ainda bebês. A sessão experimental foi gravada com uma câmera de celular com resolução de 13 megapixels.

Em um segundo momento, a produção sinalizada (226 sinais ao total) foi analisada, verificando-se se houve alguma modificação prosódica, icônica, ou qualquer outra característica distinta da forma padrão de como o sinal é articulado em Libras. Para isso, usamos um software reprodutor de mídia. Os dados foram separados em dois grupos: o primeiro contendo sinais sem qualquer tipo de modificação; o segundo com sinais que sofreram alterações no momento da sinalização; posteriormente, os resultados foram discutidos.

Considerando o fato de que, embora o fenômeno da CDS não seja universal, ele é muito recorrente nas línguas orais, apresentando modificações nos níveis sintáticos, discursivos, lexicais e prosódicos, conforme vimos nas seções anteriores; ademais, considerando o fato de que a Libras é uma língua natural humana que está organizada sob os mesmos níveis linguísticos das línguas orais, levantamos a hipótese de que esta pode apresentar características específicas de um CDSig, ou seja, pode apresentar modificações em um ou mais aspectos linguísticos na interação entre adultos e crianças.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A CDSig., na Libras, envolve aspectos singulares, conforme já detectados em outras línguas sinalizadas, isto é, há a ocorrência de alterações fonéticas e icônicas, ambas presentes na sinalização produzida pelos pais no momento de interação com seus filhos. A Tabela 1 a seguir apresenta os dados deste estudo de forma sistemática, demonstrando uma produção robusta de sinais com modificações em sua forma padrão. Dos 226 sinais produzidos, 96 apresentaram algum tipo de modificação, o que corresponde a 42% dos dados. Vejamos:

[7] Número de registro de aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) : CAAE: 37732620.4.0000.0055.

Tabela 1: Categorização da CDSig.

Categoria da CDSig.	Total nas sessões experimentais	Valores brutos	Exemplos
Modificação do movimento de braços e mãos	7%	9	Ampliação, intensificação e deslocamento de movimentos.
Modificação da mão	1%	1	Modificação da configuração de mão.
Expressões faciais	40%	53	Levantar e abaixar sobrancelhas, fechar, arregalar ou semicerrar olhos, inflar bochechas e fazer articulação labial incluindo língua para fora.
Movimento corporal	19%	25	Inclinar (frontal, posterior, lateral) ou balançar cabeça/tronco e levantar ombros.
Iconicidade	34%	44	Uso de Classificadores[8] (CLs) e Ações Construídas[9] (ACs) (ex. movimentos corporais de forma a representar iconicamente um personagem humano ou animal, ou para representar a localização, o posicionamento e a movimentação de algum objeto ou entidade, além do uso de expressões faciais exageradas.).

Fonte: Elaboração dos autores

Ao longo das sessões experimentais, a produção dos pais é caracterizada de forma acentuada com aspectos específicos de uma CDsig., os quais dividimos em dois grupos: 1) alterações fonéticas – ampliação, intensificação e deslocamento do movimento, reconfiguração das expressões faciais, mudança de configuração da mão e movimento de corpo/cabeça; e 2) alterações icônicas – uso de CLs e ACs. Para melhor compreensão desse fenômeno na Libras, observemos os dados a seguir.

5.1 AMPLIAÇÃO, DESLOCAMENTO E INTENSIFICAÇÃO DE MOVIMENTO

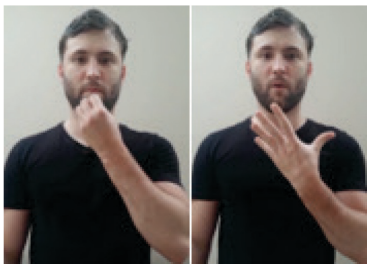
Como vimos da Seção 3 deste artigo, a entonação, o acento e o ritmo das línguas de sinais se estabelecem a partir da cinemática dos movimentos, isto é, do deslocamento, da duração, da velocidade e da aceleração, tendo suas variáveis estabelecidas da seguinte forma: 1) deslocamento – distância entre um ponto e outro; 2) duração/velocidade – deslocamento em uma unidade de tempo; e 3) aceleração – alterações na velocidade por unidade de tempo (WILBUR; MARTÍNEZ, 2002). Os dados deste estudo apontam que, na sinalização dos informantes, houve alterações na forma *default* do sinal, ou seja, modificações fonéticas, tais como ampliação, deslocamento e intensificação de movimento. No que se refere à ampliação, esta envolve a duração do movimento, ou seja, há um

[8] Os classificadores na Libras funcionam como morfemas categorizadores, que se anexam a uma raiz √ ENTIDADE, com um significado bastante geral, e transmitem seus traços semânticos influenciando na composicionalidade do significado da raiz (Cf. RODERO-TAKAHIRA, 2015).

[9] Conforme McCleary e Viotti (2011, p. 9), as ACs são movimentos corporais do sinalizador, ou seja, "[...] parte do corpo do sinalizador se movimenta de maneira a representar iconicamente o corpo de um personagem humano ou animal, ou para representar a localização, o posicionamento e a movimentação de algum objeto ou entidade".

alongamento no espaço de sinalização (Imagem 2); já o deslocamento é caracterizado pela duração e velocidade do movimento entre a distância de um ponto e outro (Imagem 4); e a intensificação, por sua vez, compreende a aceleração, ou seja, a alteração na velocidade (Imagem 6). Vejamos os dados:

Imagem 1: Produção regular do sinal 'BOM' ( )[10]



A.1 A. 2

Fonte: Elaboração dos autores

Imagem 2: Produção do sinal 'BOM' com modificação fonética – Ampliação

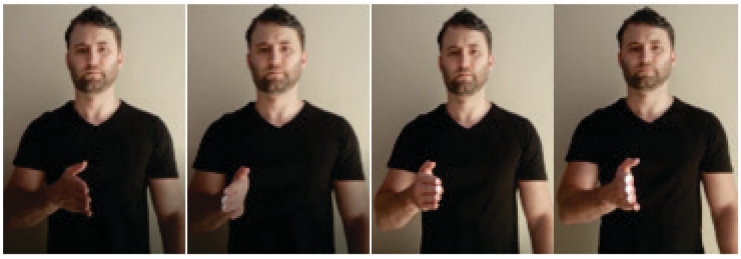


B.1 B. 2

Fonte: Elaboração dos autores

Na Imagem 2, podemos perceber que a mãe surda-A articula o sinal 'BOM' com alguma especificidades, ou seja, diferentemente da forma padrão como o sinal é produzido (Imagem 1). A sua produção é marcada por modificações fonéticas de três tipos: a primeira consiste na ampliação do movimento do braço, isto é, o movimento é ampliado para a direita e, consequentemente, se estende no espaço na sinalização, conforme podemos observar no recorte B.2; a segunda característica está marcada por expressões faciais mais intensas, como, por exemplo, o levantar de sobrancelhas e a articulação labial mais forte; e a terceira modificação consiste na inclinação de cabeça para trás, evento não comum na produção do sinal. Tais aspectos, como podemos observar, buscam intensificar a produção do sinal por meio das modificações fonéticas.

Imagem 3: Produção regular do sinal 'PEIXE' ( )



C.1 C.2 C.3 C.4

Fonte: Elaboração dos autores

Imagem 4: Produção do sinal 'PEIXE' com modificação fonética – Deslocamento

[10] O SEL (Sistema de Escrita de Libras) foi produzido por Lessa-de-Oliveira (2012), com o intuito de tornar acessível a forma articulada dos dados em Libras. Utilizamos para a transcrição a versão atualizada em Lessa-de-Oliveira (2020). Para informações sobre a escrita SEL, consultar o Blog Escrita SEL.



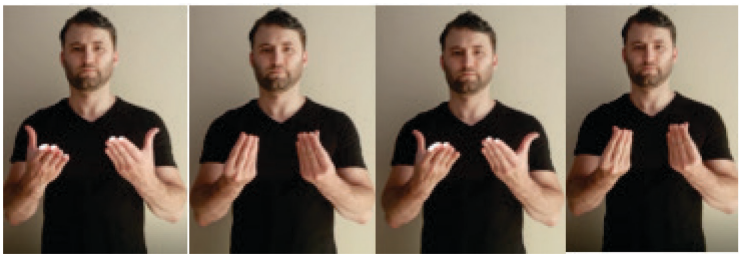
D.1 D.2 D.3 D.4

D.5 D.6 D.7 D.8

Fonte: Elaboração dos autores

Na Imagem 4, apresentamos uma segunda modificação fonética quanto ao movimento, isto é, o deslocamento. O deslocamento é uma grandeza que pode ser calculada com base na diferença entre a posição final e a inicial, levando em consideração a velocidade e a duração por unidade de tempo. Apesar de não nos atermos a cálculos físicos para diferenciarmos a duração e a velocidade entre a produção regular (Imagem 3) e a realizada com modificação fonética (Imagem 4)[11], notamos uma diferença na duração das suas produções, quais sejam: 00:00.91 para a produção regular do sinal e 00:01.70 para a produção com alteração fonética. Além disso, notamos outras características prosódicas na realização do sinal, quais sejam: posicionamento de cabeça mais para frente, a partir do recorte D.2, produção da expressão facial com o levantamento das sobrancelhas e articulação labial, bem como alteração de movimento, ou seja, enquanto a produção usual é feita no espaço neutro à frente do corpo, a produção do pai surdo-M se inicia à frente do ombro direito, fazendo uma ampliação do movimento (semicircular) em direção ao ombro esquerdo.

Imagem 5: Produção regular do sinal 'MUITO' ()



E.1 E.2 E.3 E.4

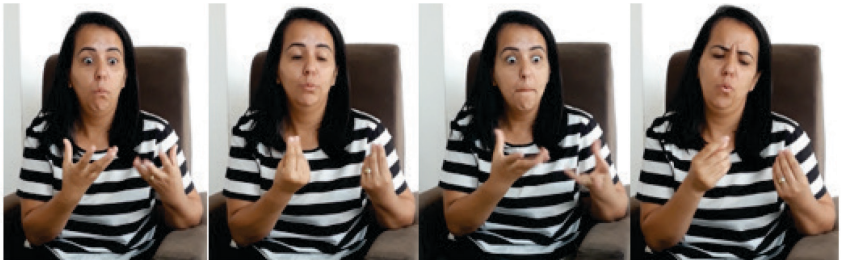
Fonte: Elaboração dos autores

[11] O que será feito posteriormente.

Imagem 6: Produção do sinal 'MUITO' com modificação fonética – Intensificação



F.1 F.2 F.3 F.4



F.5 F.6 F.7 F.8

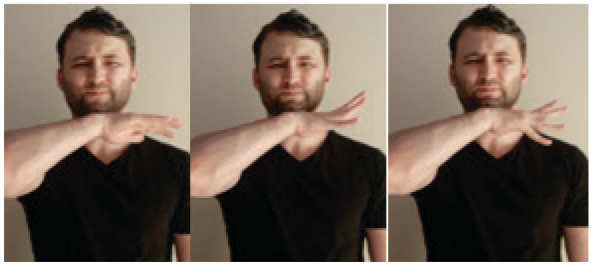
Fonte: Elaboração dos autores

Na produção do sinal 'MUITO', realizado pela mãe bilingue-R, podemos observar uma outra característica presente na articulação do sinal: há uma intensificação do movimento de dedos. Apesar das imagens estáticas não serem capazes de representar a alteração da velocidade dos dedos, podemos perceber esse aspecto em comparação com a produção regular do sinal (Imagem 5), ou seja, nos recortes F.1, F.3, F.5 e F.7 há uma maior abertura dos dedos. Além disso, há uma intensificação da expressão facial, uma vez que, na produção regular do sinal, a expressão facial é neutra. Como podemos observar, a informante faz uso extensivo da expressão, caracterizado pelo levantar intenso de sobrancelhas, arregalar e fechar de olhos, além da articulação labial bem demarcada.

5.2 EXPRESSÕES FACIAIS

No que diz respeito às expressões faciais, os dados deste estudo apontam para uma maior ocorrência desse parâmetro como ferramenta prosódica, ou seja, 40% dos sinais tiveram a realização de expressões faciais não pertencentes à articulação usual do sinal ou maior intensificação das expressões já inerentes ao sinal. As características encontradas foram: levantar e/ou abaixar as sobrancelhas, fechar ou arregalar os olhos, inflar as bochechas e fazer articulação labial incluindo língua para fora. Vejamos:

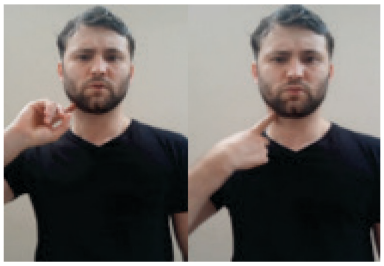
Imagem 7(a): Produção regular do sinal 'RUIM' ()



G.1 G.2 G.3

Fonte: Elaboração dos autores

(b): Produção regular do sinal 'SUJO' ()



H.1 H.2

Fonte: Elaboração dos autores

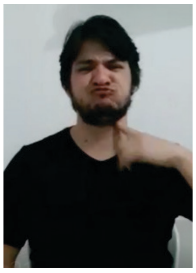
Imagem 8(a): Produção do sinal 'RUIM' com modificação fonética – Intensificação da expressão facial



I.1

Fonte: Elaboração dos autores

(b): Produção do sinal 'SUJO' com modificação fonética – Intensificação da expressão facial

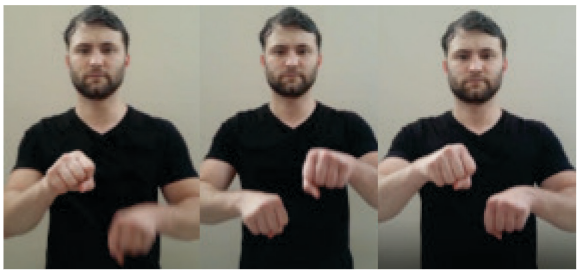


J.1

Fonte: Elaboração dos autores

Na Imagem 8, observamos a intensificação dos sinais 'RUIM – (a.)' e 'SUJO – (b.)' por meio das expressões faciais. É importante notar que as expressões faciais já são pertencentes à produção regular dos sinais, isto é, expressões de sobrancelhas e articulação labial, conforme a Imagem 7. No entanto, a intensificação dos sinais na produção na Imagem 8 (a-b) pode ser identificada a partir do exagero com que as expressões são feitas: a mãe bilingue-R, na articulação do sinal 'RUIM', fecha os olhos, coloca a língua para fora, além de abaixar as sobrancelhas de maneira bem intensa. Já em (b), o pai surdo-M infla as bochechas, característica não pertencente ao sinal, além de articulação de sobrancelhas e lábios bem exagerada.

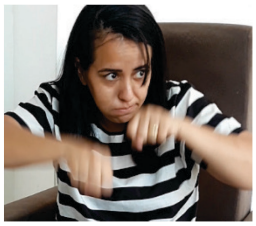
Imagem 9: Produção regular do sinal 'BICICLETA' ( )



K.1 K.2 K.3

Fonte: Elaboração dos autores

Imagem 10: Produção do sinal 'BICICLETA' com modificação fonética – Inflar bochecha



L.1

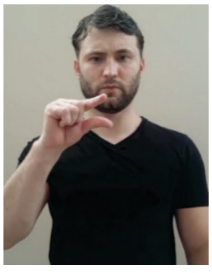
Fonte: Elaboração dos autores

Como podemos observar, a produção regular do sinal 'BICLICLETA', na Imagem 9, não requer nenhum tipo de expressão facial e/ou corporal, mantendo-se neutra. Diferentemente, na Imagem 10, a mãe bilingue-R faz uso tanto de expressões faciais quanto corporais, isto é, sobrancelhas arqueadas, bochechas infladas (com maior ênfase para a bochecha direita), olhar direcionado para um ponto específico, inclinação lateral de cabeça para a direita, além de ombros levantados.

5.3 MOVIMENTO CORPORAL

Além da reconfiguração das expressões faciais, da ampliação e da intensificação dos movimentos realizados pelos braços e dedos, como visto anteriormente, os estudos de Goes (2017) e Souza (2020) detectaram que as expressões corporais, isto é, a mudança de posição de corpo e de cabeça (projetada para frente, projetada para trás e levantamento) também desempenham funções prosódicas específicas na Libras. Tais características também foram encontradas em nossos dados, vejamos:

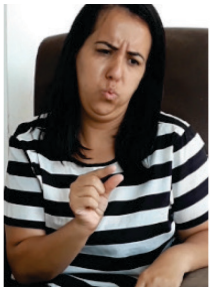
Imagem 11: Produção regular do sinal 'POUCO' ( )



M.1

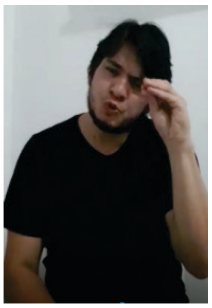
Fonte: Elaboração dos autores

Imagem 12(a): Produção do sinal 'POUCO' com modificação fonética – Inclinação lateral de cabeça



N.1
Fonte: Elaboração dos autores

(b): Produção do sinal 'POUCO' com modificação fonética – Mudança de configuração de mão

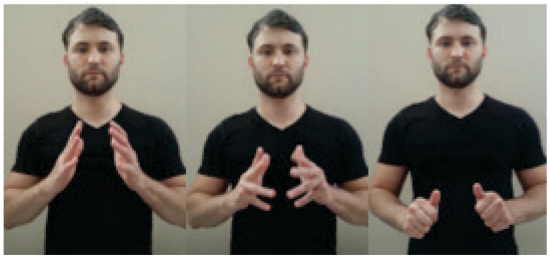


O.1
Fonte: Elaboração dos autores

Em nossos dados, também detectamos a projeção lateral de cabeça como uma pista prosódica, visto que há um movimento não pertencente ao sinal. Além disso, ao mesmo tempo, esse movimento é realizado com o objetivo de enfatizar a produção, como podemos observar na Imagem 12 (a-b). Além da inclinação lateral de cabeça, conseguimos facilmente identificar uma mudança da configuração da mão em forma de 'pinça' () (Imagem 11), usada comumente na produção do sinal para configuração de mão em forma de 'pera' () (Imagem 12.b). Aqui, podemos chamar a atenção para o fato de que, na fala dirigida à criança em línguas sinalizadas, assim como nas línguas orais, há adaptações no modo de falar, isto é, faz-se uma produção mais infantilizada, com simplificações, com o propósito de tornar a linguagem mais acessível ao nível linguístico da criança. Ademais, percebemos que, tanto na Imagem12.a quanto em 12.b, os informantes intensificam as expressões faciais, representadas pela articulação labial intensa em bico e sobrancelhas abaixadas.

Os informantes também realizaram determinados sinais com a projeção da cabeça para trás, conforme podemos observar na produção do pai surdo-M (Imagem 14).

Imagem 13: Produção regular do sinal 'LIMPO' ()



P.1 P.2 P.3
Fonte: Elaboração dos autores

Imagem 14: Produção do sinal 'LIMPO' com modificação fonética – Inclinação posterior da cabeça



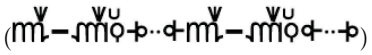
Q.1 Q.2 Q.3

Fonte: Elaboração dos autores

Comparando as duas produções, da Imagem 13 (produção regular do sinal) e da Imagem 14, podemos notar uma dessemelhança na articulação do sinal 'LIMPO'. Aqui podemos perceber uma produção que se ampara na iconicidade, ou seja, a representação de passar a mão no pescoço e sentir cheiro agradável. Essa ação traz aspectos prosódicos que podem ser percebidos por três características distintas, quais sejam: a primeira, como já apontamos, consiste na inclinação da cabeça para trás; a segunda está presente na expressão facial, ou seja, no arqueamento de sobrancelhas, semicerramento dos olhos e modificação labial (canto de boca); e a terceira, na ampliação do movimento do braço direito.

Outro aspecto prosódico detectado nos dados foi a mudança de posição de corpo, conforme a imagem a seguir.

Imagem 15: Produção regular do sinal 'SUMIR E APARECER'

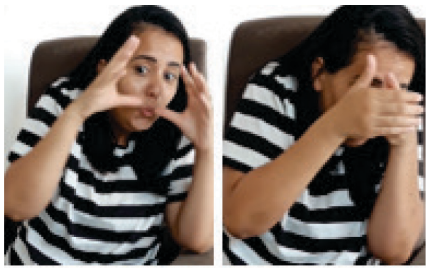
()



R.1 R.2

Fonte: Elaboração dos autores

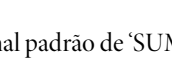
Imagem 16: Produção do sinal 'SUMIR E APARECER' (brincadeira) com modificação fonética – Mudança de posição corporal



S.1 S.2

Fonte: Elaboração dos autores

Comparando-se as duas imagens (Imagens 15 e 16), percebemos uma mudança de posição corporal (inclinação lateral) realizada pela mãe bilingue-R; além disso, notamos o encolhimento de ombros, ambos caracterizados como modificadores fonéticos que alteram a forma usual do sinal (Imagem 15.). Outras pistas prosódicas também são produzidas por ambos os informantes, tais como sobrancelhas levantadas, olhos arregalados, abertura de boca e encolhimento de lábios. É importante salientar que aqui não estamos

tratando do sinal padrão de 'SUMIR' () e 'APARECER' (), ou seja, aquele comumente utilizado em contextos conversacionais, mas da brincadeira popularmente motivada pelos cuidadores no momento de interação com os bebês.

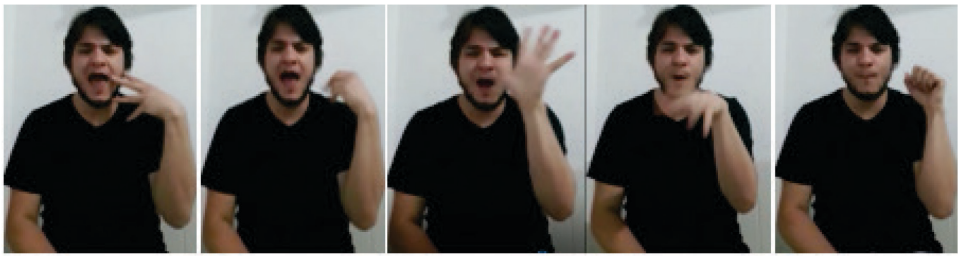
5.4 ICONICIDADE

Outro aspecto muito produtivo encontrado em nossos dados foram as modificações icônicas. No que diz respeito a iconicidade, Felipe (2006, p. 7) explica que os sinais icônicos são "[...] recursos que permitem uma economia, já que expressões faciais e corporais podem complementar os itens lexicais estabelecendo contextos discursivos uma vez que essas se estruturam a partir das convenções da língua".

Oliveira-Sampaio (2020), do mesmo modo, analisando a iconicidade a partir de aspectos da sinalização em Libras, 'Ações Construídas - ACs' e 'Classificadores - CLs', explica que esta característica está presente, de modo geral, na construção do discurso das línguas sinalizadas. Além disso, o seu estudo ressalta que o grau de dependência da iconicidade em relação às ACs e CLs varia de alto a baixo. Conforme a autora, as ACs são altamente dependentes da iconicidade, equiparadas à mímica/pantomima, que é completamente dependente. Por sua vez, os CLs dependem em menor grau da iconicidade, por conta da sua natureza linguística estrutural e convencional.

Corroborando os estudos de Oliveira-Sampaio (2020), encontramos em nossos dados a presença da iconicidade tanto nas ACs quanto nos CLs, ambos presentes na CDSig. Vejamos:

Imagem 17: Produção do sinal 'GATO' – Iconicidade (Ação Construída)

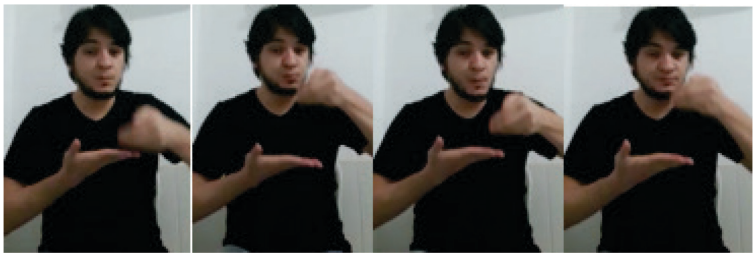


T.1 T.2 T.3 T.4 T.5

Fonte: Elaboração dos autores

Como podemos observar na Imagem 17, o pai surdo-M, ao realizar o sinal de 'GATO' ilustrado nos recortes T.1 e T.2, também faz uma representação icônica incorporando a ação, isto é, assume o papel de um personagem. Nesse sentido, temos aqui um exemplo de ACs compostas por meio de ações corpóreas indicadas pelo uso da mão e do braço direito, representando a garra do animal, bem como pelas expressões faciais, especificamente pela expressão do olhar e pela articulação labial representando um miado, ambas presentes desde o recorte T.1.

Imagem 18: Produção do sinal 'COMER' – Iconicidade (Classificador)



U.1 U.2 U.3 U.4

Fonte: Elaboração dos autores

Na Imagem 18, assumimos essa produção como um CL, visto que, conforme Felipe (2002, p. 7), os "[...] classificadores possuem certas configurações de mãos que funcionam como morfemas, marcando certas características de um objeto nas línguas de sinais". Dessa forma, na Imagem 18 podemos observar que a mão esquerda do informante, representada pela configuração de mão em forma de 'ele-espalmado' (), demarca o objeto prato, enquanto a CM da mão direita – 'concha encolhida' () – compõe o objeto colher. Além disso, o CL apresenta um certo grau de iconicidade, isto é, a representação de dar a papinha na boca da criança. No entanto, comparando essa produção com a Imagem 17, em que temos uma AC, podemos facilmente notar que as ACs têm um alto nível de iconicidade, enquanto os CLs apresentam grau menor, conforme defende Oliveira-Sampaio (2020). Ainda segundo a autora, os CLs podem ser caracterizados como sinais estruturais, uma vez que é possível descrever o segmento mão, fato que não é possível nas ACs.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pudemos perceber que a CDS é um fenômeno recorrente nas línguas naturais humanas, isto é, os falantes, em específico os cuidadores, fazem modificações no modo como a fala é dirigida à criança. Com este estudo, foi possível comprovar que em línguas sinalizadas, como a Libras, também há uma CDSig. Os dados apontam modificações nos aspectos fonéticos do sinal, como, por exemplo, modificação dos movimentos de braços e mãos, alteração de configuração da mão, reconfiguração das expressões não manuais como as faciais e corporais, além da iconicidade. Os resultados também apontaram uma semelhança com a CDSig. encontrada em outras línguas sinalizadas, como, por exemplo, a língua israelense de sinais, que apresenta modificações fonéticas do tipo deslocamento e ampliação, além de modificações icônicas.

Desta forma, ainda que o nosso estudo tenha apontado uma CDSig. marcada por características prosódicas, não significa dizer que não há modificações específicas em outros níveis linguísticos. Para detectar essa existência, caberá um estudo naturalístico de interação dos cuidadores com os bebês, podendo inclusive investigar se a CDSig. influenciaria no formato prosódico inicial do bebê sinalizante.

REFERÊNCIAS

BAIA, M. F. A. *O modelo prosódico inicial do português brasileiro:* uma questão de metodologia? 2008. 169f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

BAIA, M. F. A.; PACHECO, V.; FERREIRA, G. D. P. O papel da child-directed speech no desenvolvimento fonológico: a emergência de templates. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 1 6, n. 4, p. 4076-4097, out./dez. 2019.

BRENTARI, D. *A prosodic model of sign language.* Cambridge: MIT, 1998.

BULLIO, P. C.; HILÁRIO, R. N.; BUENO, R. G.; DEL RÉ, A. Bilinguismo e referência. *In*: DEL RÉ, A.; PAULA, L.; MENDONÇA, M. C. (org.). *Explorando o discurso da criança*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 125-144.

CAVALCANTE, M. C. B. *Da voz à língua:* a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

CAVALCANTE, M. C. B. Manhês: produção e percepção na aquisição da linguagem. *In*: AGUIAR, M. A.; MADEIRO, F. (org.*). Em-tom-ação:* a prosódia em perspectiva. Recife: Editora Universitária UFPE, 2007. p. 170-199.

CHOMSKY, N. *Linguagem e mente:* pensamento atuais sobre antigos problemas. Tradução Lúcia Lobato. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CLARK, E. V. *First Language Acquisition*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2005.

ELLIOT, A. J. *A linguagem da criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

FELIPE, T. Sistema de flexão verbal na libras: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. *In*: CONGRESSO NACIONAL DO INES, 2002, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro, 2002. p. 37-58.

FERNALD, A. *et al.* A cross-language study of prosodic modifications in mother's and father' speech to preverbal infants. *Journal of Child Language*, v. 16, n. 3, p. 477-501, 1989.

FERGUSON, C. A. Baby talk in six languages. *American Anthropologist*, v. 66, n. 6, pt. 2, p. 103-114, 1964.

FERREIRA, S. M. O. *A interação mãe-bebê*: os primeiros passos. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1990.

FUKS, O. Multimodal motherese in Israeli sign language (ISL). *Kaye College*, Israel, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336120201_Multimodal_motherese_in_Israeli_sign_language_ISL. Acesso em: 19 jan. 2021.

GERKEN, L. *Language Development*. San Diego: Plural Publishing, 2008.

GOES, A. K. S. *Marcadores Prosódicos da Libras:* o papel das expressões corporais. 2019. 65f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

HOLZRICHTER, A.; MEIER, R. P. Child-directed signing in American Sign Language. *In*: CHAMBERLAIN, C.; MORFORD, J. P.; MAYBERRY, R. I. *Language Acquisition by Eye*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. 2000. p. 25-40.

JUSCZYK, P. W. *The discovery of spoken language.* Cambridge: MIT Press, 1997.

KUHL, P. K. Cross-language analysis of phonetic units in language addressed to infans. *Science*, v. 277, p. 684-686, 1997.

KUHL, P. K. Early language acquisition: cracking the speech code. *Neuroscience*, v. 5, p. 831-843, 2004.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. *Revel*, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 17 fev. 2021.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. *Escrita SEL* – Sistema de Escrita para Língua de Sinais (Blog). Disponível em: http://sel-libras.blogspot.com/. Acesso em: 30 mar. 2021.

LIEBERMAN, A. M.; HATRAK, M.; MAYBERRY, R. Learning to Look for Language: Development of Joint Attention in Young Deaf Children. *Language Learning and Development*, v. 10, n. 1, p. 19-35, jan. 2014.

KYLE, J. Deaf children learning to sign. *Rev. Online da Bibl. Prof. Joel Martins*, Campinas, v. 2, n. 3, p. 27-37, jun. 2001.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Língua e gesto em línguas sinalizadas. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 1, p. 289-304, 2011. Disponível em: https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/ARTIGO-212.pdf. Acesso em: 26 fev. 2021.

OLIVEIRA-SAMPAIO, T. S. *A natureza gramatical da libras adquirida por surdos e ouvintes:* sinal, classificador, ação construída e gesto. 2020. 174f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020.

RODERO-TAKAHIRA, A. *Compostos na língua de sinais brasileira*. 2015. 161 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, R. Adquirindo a fonologia de uma língua: produção, percepção e representação fonológica. *Alfa*, São Paulo, n. 52, p. 465-481, 2008.

SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à linguística*: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. p. 203-232.

SOUZA, D. T. *A constituência prosódica da Língua Brasileira de Sinais (Libras):* as expressões não manuais. 2020. 179f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

STOEL–GAMMON, C. Baby talk in Brazilian Portuguese. *Revista Brasileira de Linguística*, v. 3, n. 1, p. 22-26, 1976.

WILBUR, R. B.; MARTÍNEZ, A. M. Physical correlates of prosodic structure in American Sign Language. *Chicago Linguistic Society*, v. 38, p. 693-704, 2002.

Recebido em 28/10/2021. Aceito em 16/03/2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e72748

ANÁLISE DA VARIAÇÃO DE F0 NOS GRUPOS TONAIS DE ÂNCORAS DA REDE GLOBO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA COM ÂNCORAS DA REDE RECORD E DO SBT

ANÁLISIS DE LA VARIACIÓN F0 EN LOS GRUPOS TONAL DE LA REDE GLOBO: UN ANÁLISIS COMPARATIVO CON PRESENTADORES LA REDE RECORD Y EL SBT

ANALYSIS OF F0 VARIATION IN TONAL ANCHOR GROUPS OF THE REDE GLOBO: A COMPARATIVE ANALYSIS WITH ANCHORS OF THE REDE RECORD AND SBT

Maria Imaculada Pereira Azeredo*
Vera Pacheco**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo verificar a variação da curva melódica dos âncoras do Jornal Nacional a partir da comparação com a fala de âncoras do SBT Brasil e Jornal da Record. Para isso, selecionamos vídeos dos telejornais, extraímos os áudios e, de oitiva, selecionamos os Grupos Tonais (GTs) de cada âncora. No Praat, analisamos a frequência fundamental relativa de cada GT extraída no início, no meio e no final do GT. Após extrair a F_0 relativa, aplicamos o teste Anova de Kruskal-Wallis a fim de verificar se os âncoras possuem curvas de F_0 específicas. Os resultados preliminares nos apontam que os âncoras do Jornal Nacional quase sempre iniciam sua fala subindo a F_0 no início do GT e descendo ao final. Em contrapartida, não há um padrão na fala dos jornalistas do Jornal SBT Brasil e Jornal da Record.
PALAVRAS-CHAVE: Padrão prosódico. Telejornalismo. Âncoras. Jornal Nacional.

RESUMEN: El presente estudio tiene como objetivo verificar la variación de la curva melódica de los presentadores de lo Jornal Nacional a partir de la comparación con el discurso de los presentadores de SBT Brasil y Jornal da Record. Para esto, seleccionamos

* Graduada em Comunicação Social, Jornalismo, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e Mestre em Linguística pela mesma universidade. E-mail: azeredomary@gmail.com.

** Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora Plena da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: vera.pacheco@gmail.com.

videos de los noticieros, extrajimos los audios y, luego de escucharlos, seleccionamos los Grupos Tonales (GTs) de cada presentador. En Praat, analizamos la frecuencia fundamental relativa de cada GT extraído al principio, en el medio y al final del GT. Después de extraer el F_0 relativo, aplicamos la prueba de Kruskal-Wallis Anova para verificar si los periodistas tienen curvas F_0 específicas. Los resultados preliminares muestran que los presentadores de Jornal Nacional casi siempre comienzan su discurso subiendo a F0 al comienzo del GT y bajando al final. Por otro lado, no hay patrón en el discurso de los periodistas de Jornal SBT Brasil y Jornal da Record.
PALABRAS CLAVE: Patrón prosódico. Periodismo televiviso. Presentadores. Jornal Nacional.

ABSTRACT: The present study aims to verify the variation of the melodic curve of the anchors of *Jornal Nacional* from a comparison with the speech of anchors of *SBT Brasil* and *Jornal da Record*. For this, we selected videos from the news, extracted the audios and, at the same time, we selected the Tonal Groups (GTs) of each anchor. In Praat, we analyze the relative fundamental frequency of each GT extracted at the beginning, in the middle and at the end of the GT. After extracting the relative F0, we applied the Kruskal-Wallis Anova test in order to verify whether the anchors had specific F0 curves. The preliminary results show that the anchors of Jornal Nacional almost always start their speech by going up to F0 at the beginning of the GT and going down at the end. On the other hand, there is no pattern in the speech of journalists from Jornal SBT Brasil and Jornal da Record.
KEYWORDS: Prosodic pattern. Telejournalism. Anchors. Jornal Nacional.

1 INTRODUÇÃO

Quando pensamos na qualidade de um telejornal, o mais comum é pensarmos na qualidade técnica de imagem e de som, além da produção textual. No entanto, há uma característica que contribui para a nossa atenção, compreensão e aceitação do fato e que não é comum de ser observada por nós: a fala do telejornalista.

A fala no telejornalismo é de uma importância ímpar. É ela que, associada à qualidade técnica e de produção, vai garantir uma boa aceitação, ou não, de uma reportagem, bem como possibilitar o reconhecimento de uma emissora. Azeredo, Pacheco e Oliveira (2017, p. 497) afirmam que "[...] a forma como os jornalistas falam, as ênfases dadas em determinados pontos, colaboram para frisar uma determinada informação e esta informação é a que fica marcada nas pessoas".

Reiniger (2004), ex-diretora do canal Globo News, num relato sobre a história da fonoaudiologia no telejornalismo, explica que, no início da década de 1970, a Globo sentiu necessidade de mudar o modo de se falar na televisão, então passou a investir em profissionais que trabalhassem com a voz de seus jornalistas com o intuito de assegurar uma maior qualidade vocal e, em certa medida, construir um "padrão vocal" que contribuiria com a construção do "Padrão Globo de Qualidade", que, de acordo com Mattos (2010), começou a ser implantado em 1970.

Ao fazermos uma retrospectiva da história do telejornalismo brasileiro, relembraremos que a narração feita pelos apresentadores dos telejornais, inspirada no rádio e no jornal impresso, utilizava um tom de voz impostado e duro (REINIGER, 2004). Percebendo a necessidade de mudar o jeito de fazer telejornalismo, a Rede Globo investiu em fonoaudiólogos para ajudar seus repórteres e apresentadores a "naturalizar" a fala e sair do modo engessado que se tinha antes, além de "suavizar" os sotaques regionais para que estes não sobressaíssem às notícias (REINIGER, 2004) e não interferissem na compreensão de quem escuta (BONORA, 2004).

Assim, com o propósito de se fazer reconhecer e obter a confiança do público, a Rede Globo, ao longo dos anos, institucionalizou "[...] elevados padrões éticos artísticos, estéticos, jornalísticos e técnicos, em tudo que o que ela exibir" (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2009, p. 9). Todo esse cuidado (tanto no sentido técnico, de aparelhagem, tecnologia, quanto no sentido visual, figurino, maquiagem, modo de se portar diante da câmera, modo de falar...) construiu e tornou a Globo a emissora aberta mais vista pelos brasileiros de acordo com as pesquisas realizadas pela empresa Meta Pesquisa de Opinião, em 2010.

Diante do exposto, levantamos a seguinte questão: existem semelhanças na variação da curva de F_0 na fala dos âncoras da Rede Globo que os diferencie dos âncoras de outras emissoras? Nossa hipótese é a de que os âncoras da Rede Globo possuem variação na curva de F_0 semelhante, enquanto os âncoras de outras emissoras não possuem um padrão entre eles.

Com essa hipótese e observando a natureza deste trabalho, pretendemos fazer um recorte e verificar a variação da curva de F_0 da fala dos âncoras do Jornal Nacional (em canal aberto), a partir da comparação com a curva de F_0 da fala de âncoras de telejornais de outras emissoras, a saber, SBT e Rede Record, que concorrem pelo segundo lugar da audiência no canal aberto de televisão, de acordo com as pesquisas do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope).

Nas próximas seções, descreveremos mais detalhadamente sobre como é a fala dos telejornalistas e como ela é um importante instrumento tanto na apresentação de uma notícia quanto na interpretação de quem a assiste.

2 A FALA DOS TELEJORNALISTAS

Ao apresentar um telejornal, o telejornalista pode fazer de sua própria fala uma aliada para uma boa apresentação da matéria. Se observamos a história do telejornalismo, podemos notar mudanças na forma de o telejornalista noticiar uma matéria tendo em vista a maior aproximação com o telespectador. No primeiro momento do jornalismo na televisão, no início da década de 1950, a narração era pautada pela leitura em voz alta e as pausas eram feitas seguindo os sinais de pontuação, mas, desde aquele primeiro momento, o jornalista já buscava ganhar a atenção do telespectador a fim de convencê-lo de que a notícia era verdadeira, importante e digna de sua atenção. Esse maior profissionalismo era representado através da narração num tom sério de leitura, com alto grau de formalidade. No entanto, essa formalidade na leitura dificultava a retenção das informações na memória dos telespectadores (COTES, 2008).

Com o passar do tempo, com a "modernização" e popularização dos *mass media*, os jornalistas foram gradualmente abandonando o estilo formal e começaram a utilizar um tom mais coloquial. As frases passaram a ser mais curtas e as palavras mais simples. Cotes (2008) explica que essa informalidade no falar e a nova forma de escrita representou uma grande mudança no telejornalismo.

Minchillo e Cabral (1989 *apud* COTES, 2008, p. 53) explicam que "[...] o papel da narração não é apenas informar sobre os acontecimentos, mas mostrá-los de modo a prender nosso interesse". Compreendendo essa máxima, o jornalista deixou de puramente ler a notícia e passou a interpretar, estilizar e emular uma conversa com quem está em casa.

Essa nova forma de "falar" na televisão foi repensada com o intuito de facilitar a compreensão de quem está assistindo ao programa. Como Paternostro (1999) explica, não dá pra rebobinar a cena para ouvir de novo o que foi dito. Então é preciso que o telejornalista seja claro e objetivo ao narrar a notícia. Para tanto, é preciso escolher bem as palavras que utilizará no texto, bem como, decidir como será a narração da notícia: quais informações devem ser destacadas e quais podem ser atenuadas, em que momento poderá pausar para respirar, quando utilizar uma pausa como um método para criar expectativa, quando e qual informação enfatizar, qual o melhor ritmo para se narrar etc.

Cunha (1990, p. 52) explica que "[...] o comunicador, ao proferir sílabas ou palavras, dependendo da pronúncia mais ou menos enfatizada, faz com que a mensagem chegue perfeita ao telespectador". Da mesma forma, o autor (1990, p. 52) discute que o mal uso da ênfase "[...] desvaloriza uma mensagem e até possibilita o seu mal entendimento, formulando outro sentido ou até mesmo modificando-o". Ainda de acordo com Cunha (1990), em uma conversa informal, emitimos cerca de 150 a 185 palavras por minuto, sendo esse o número ideal para os telejornalistas. Menos que isso, demonstra uma "[...] característica lenta para a emissão de um noticiário" (CUNHA, 1990, p. 53).

Compreendendo a importância do texto e, mais que isso, a importância da fala, os diretores de telejornalismo da Rede Globo ainda na década de 1970 recomendavam que os editores lessem o texto ao mesmo tempo que o redigiam para que eles sentissem o "[...] ritmo e a sonoridade da frase. Era preciso saber se soava bem na boca do locutor e se seria agradável ao ouvido do telespectador."

(MEMÓRIA GLOBO, 2004). Começou, então, uma "nova era" no telejornalismo: o texto escrito para ser falado e não mais simplesmente lido.

2.1 FALA LIDA E ESCRITA FALADA NOS TELEJORNAIS

A fala do jornalista é o meio de aproximação com o telespectador e, como vimos no tópico anterior, ela deve buscar ser o mais natural possível. Para alcançar essa naturalidade, o telejornalismo conjuga, obrigatoriamente fala e escrita, duas categorias diferentes da língua (COTES, 2008), como complemento uma da outra, com o propósito de passar uma mensagem. O jornalista usa da escrita para organizar toda informação que quer transmitir e utiliza a fala para narrar a notícia escrita.

Reis (2000) defende que o telejornalista converte o texto escrito em oral para que haja a ilusão de diálogo, além de utilizar todos os parâmetros prosódicos, de acordo com sua interpretação pessoal, e a ênfase para chamar a atenção dos ouvintes para uma determinada palavra ou expressão. Já para Constantini (2012, p. 2), o estilo de fala do telejornalista[1] "[...] combina traços de leitura oral e fala espontânea, pois normalmente o telejornalista [...] conta com o apoio visual da leitura, mas busca uma produção com características de fala espontânea".

De um lado temos a mudança do texto escrito para um texto falado e, de outro, temos a combinação entre esses dois textos. Apesar de suas diferenças, as duas ideias concordam que o jornalista utiliza a leitura e a converte em fala tentando ao máximo soar como diálogo.

Nesse sentido, o que tem acontecido nos telejornais brasileiros ao longo dos anos é a transformação da escrita e leitura pura e simples das informações em diálogos com os telespectadores. O jornalista, hoje, tem a possiblidade de comentar, opinar, brincar com os colegas de bancada e conversar com quem assiste como se estivesse na sala de sua casa. Essa transformação está cada vez mais visível dentro dos telejornais e, dentre os canais abertos, a Rede Globo de Televisão tem investido cada vez mais nesse processo de "naturalização" da apresentação.

Bastos e Gonzales (1988 *apud* COTES, 2008, p. 36) defendem que "[...] um texto de televisão não é para ser lido. É para ser ouvido e por isso, precisa ser agradável aos ouvidos". Os autores complementam que "[...] o texto de TV tem um estilo: seu conteúdo tem que ser escrito para ser falado".

Então, quando escrevemos para um telejornal, precisamos lembrar que aquilo que está sendo escrito será dito e por isso, é importante "[...] pensar em voz alta antes de escrever" (YORKE, 1998, p. 62). Assim, "[...] quanto menos natural soar, maior a probabilidade de estar errado." (YORKE, 1998, p. 62).

Os editores dos telejornais da Rede Globo, desde o início da produção do Jornal Nacional, preocuparam-se com essa questão de escrita e fala de modo que Armando Nogueira[2] (diretor geral de telejornalismo) e Alice-Maria[3] (chefe de redação), sistematizaram algumas normas básicas de redação num pequeno manual para os jornalistas. "Eram seis páginas mimeografadas, que traziam algumas regras sobre como escrever para televisão. O texto ali era considerado um elemento fundamental para a compreensão dos fatos, desempenhando papel que não era secundário" (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 46).

Um dos conselhos que Armando e Alice-Maria davam aos repórteres e editores era para que eles "balbuciassem" o texto que iam escrevendo para "sentir" o ritmo e a sonoridade das frases (MEMÓRIA GLOBO, 2004): "Era preciso saber se soava bem na boca do locutor e se seria agradável ao ouvido do telespectador. Se não fluísse bem para a respiração do editor, imaginem para o apresentador.

[1] É necessário que se compreenda que, ao tratamos de telejornalistas, estamos sempre nos referindo aos jornalistas brasileiros. Nesta pesquisa não fizemos nenhum tipo de levantamento ou análise de como é a fala de jornalistas estrangeiros. Não podemos afirmar que exista uma "cartilha" universal sobre o estilo de fala de telejornalistas e que todos sigam o mesmo modelo. Acreditamos que esse estilo de fala esteja relacionado à cultura de cada país.

[2] Diretor geral nos anos de 1966, 1973-82, 1983-90.

[3] Diretora de Teles nos anos de 1973-82 e diretora executiva nos anos de 1983-90.

Naturalmente essas diretrizes resultavam em períodos mais curtos, no texto distribuído em maior número de frases". (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 47).

Ao escrever para um telejornal, o repórter precisa lembrar que seu texto será lido por várias pessoas que desempenham diversas funções, então sua escrita precisa ser clara para todos. Com o propósito de "normatizar" e facilitar a compreensão da matéria para todos os técnicos que participam da redação do programa, os jornalistas escrevem seu texto num *script*, que é uma lauda "[...] com espaços próprios para todas as informações necessárias que serão usadas na exibição dos programas: marcações técnicas e texto jornalístico." (PATERNOSTRO, 1999, p. 117). É ainda pelo *script* que o jornalista e o editor sabem quantos minutos, aproximadamente, a matéria terá. Paternostro (1999, p. 118) explica que "[...] na leitura padrão, cada linha corresponde a 'um segundo e meio'. Assim, um texto de 10 linhas terá, no ar, pouco menos de 20 segundos".

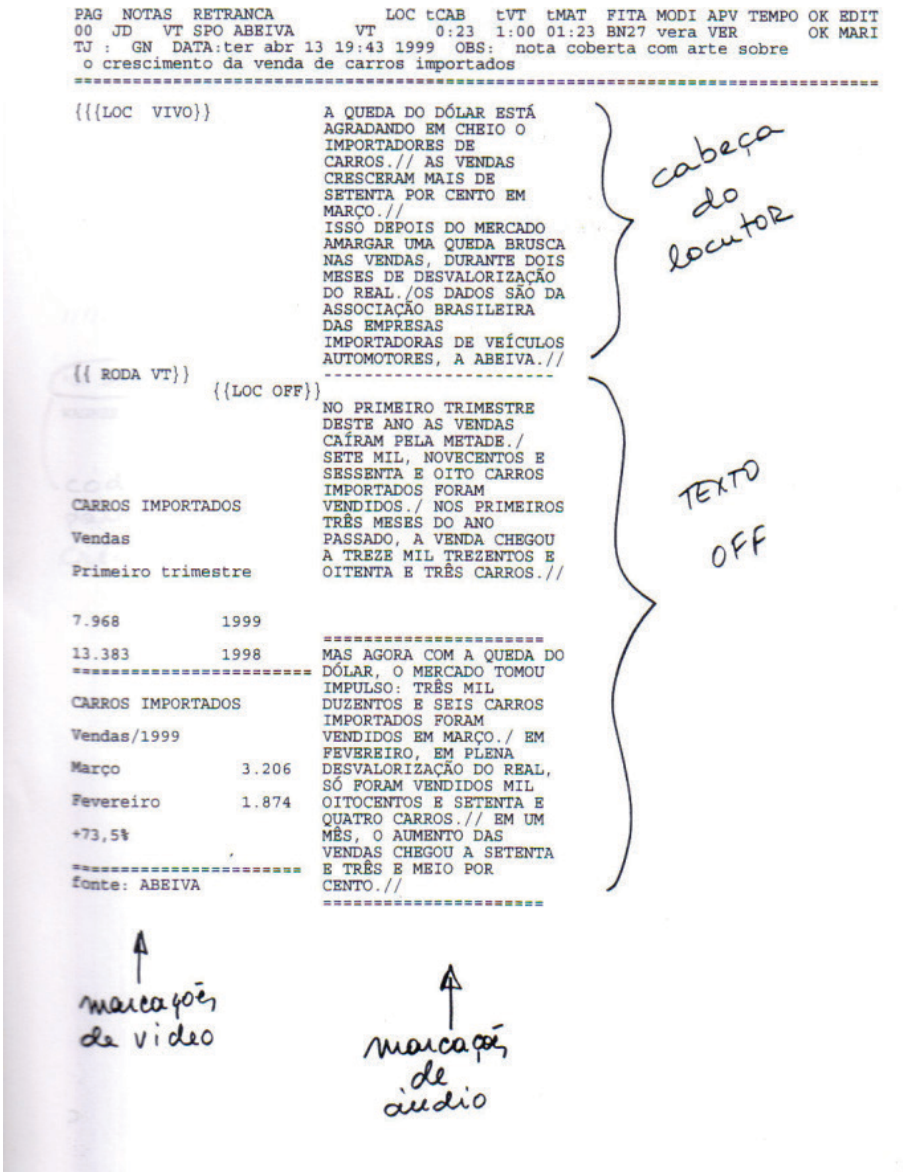


Figura 1: Modelo de lauda de texto para telejornalismo

Fonte: Paternostro (1999, p. 120)

Outro autor importante na área de comunicação, Peucer (2004), explica em sua tese que a fala de um jornalista precisa ser clara e concisa. Para o autor, os jornalistas devem "[...] mostrar os fatos claramente e torná-los compreensíveis da maneira mais diáfana, com palavras não obscuras e fora de uso, nem tampouco com palavras próprias dos mercados e dos botecos, de tal modo que a maioria as entenda e que os eruditos as respeitem" (PEUCER, 2004, p. 25).

Para os diretores e editores do Jornal Nacional essa máxima sempre foi levada a sério. Tanto que o texto do Jornal Nacional, "[...] apesar de manter um certo grau de formalidade, sempre buscou um tom coloquial e o fácil entendimento, se afastando da pomposidade que até então caracterizava o telejornalismo" (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 46).

Com o início do Jornal Nacional, a escrita para um telejornal começou a ser repensada e, com isso, iniciou-se a criação de um "padrão de qualidade". As frases longas e adjetivadas deram espaço às frases mais curtas, simples, sem muito uso de adjetivos, plurais (para evitar os chiados) e de informações supérfluas, "[...] já que o excesso de detalhes fazia com que o telespectador se esquecesse dos dados essenciais contidos no coração da matéria" (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 47). Os sotaques também começaram a ser suavizados para que não comprometessem a compreensão da notícia por parte do telespectador que, naquele momento, já era nacional.

Como vimos, a fala tem uma relevância ímpar para o telejornalismo. Ao longo dos anos, o modo de escrever para o telejornalismo foi se modificando para atender às necessidades da fala dialogada, deixando de lado a leitura oral. Em união a essas mudanças, a prosódia da fala dos jornalistas também mudou. Na próxima seção, veremos como a prosódia contribui para a compreensão de quem assiste a uma reportagem, bem como, pode influenciar na aceitação do fato pelo público.

3 PROSÓDIA E TELEJORNALISMO

Falar em telejornalismo é falar necessariamente em prosódia. Uma matéria noticiada sem variação prosódica dificilmente atrairá a atenção do telespectador. Diante disso, precisamos compreender a concepção desse termo.

Dentre as várias descrições do conceito de prosódia, Cagliari em comunicação pessoal à Pacheco (2006) explica que a prosódia é, num sentido mais tradicional, "[...] o estudo da tonicidade ou acento, da entonação/tom e das moras em línguas como o latim" (PACHECO, 2006, p. 44-45). Contudo, o autor completa que, nas diferentes abordagens linguísticas, o termo assumiu outros significados e passou a ser utilizado de modo mais ou menos abrangente.

De acordo com Nooteboom (1997), a palavra prosódia, na fonética, geralmente era utilizada para se referir às propriedades da fala – como tom de voz, duração dos segmentos e das sílabas e a flutuação da intensidade – que vão além da pronúncia segmentar de fonemas derivados da fala. O autor (1997) defende ainda que, além do nível articulatório e acústico, as propriedades de fala atingem o nível perceptual, conduzindo a padrões percebidos de prominências relativas de sílabas, codificados em aspectos melódicos e rítmicos percebidos da fala (NOOTEBOOM, 1997).

Pacheco (2006, p. 47) completa que "[...] pelo ponto de vista do significado, a prosódia se refere aos fenômenos ligados aos fatos sintáticos, à definição sócio-pragmática, e às características discursivas e para-linguísticas" (PACHECO, 2006, p. 47).

Então, em concordância para com os estudos dos autores supracitados, entendemos que a prosódia está intimamente ligada à comunicação. É a partir dos elementos prosódicos que conseguimos decodificar e compreender a fala do outro, além de perceber outras nuances, como as emoções e as atitudes. Cagliari (2002, p. 43) explica que "[...] os elementos prosódicos servem para ponderar os valores semânticos dos enunciados, sendo uma das formas de que dispõe o falante para dizer ao seu interlocutor como ele deve proceder diante do que ouve".

Dado que a prosódia é fato importante na comunicação, é de se esperar que, naturalmente, no telejornalismo, a prosódia tenha um papel fundamental. É a partir da utilização da variação de altura, volume, pausa, velocidade de fala que o jornalista dá sentido à notícia, enfatiza a informação relevante, prende a atenção do telespectador e o persuade a crer no que está sendo dito/mostrado.

Então, mais do que simplesmente escolher quais palavras utilizar para compor seu texto, o jornalista também decide que tom vai empregar naquela notícia em especial. Se é uma notícia sobre política, ele observa o grau de seriedade; se é uma notícia trágica, não há lógica em sorrir; mas se é algo relacionado ao esporte, à cultura ou à tecnologia, há uma "permissão" de sorriso e/ou uma postura

menos rígida. Segundo Minchillo (1989 *apud* COTES, 2008, p. 53), "[...] o papel da narração não é apenas informar sobre os acontecimentos, mas mostrá-los de modo a prender nosso interesse. As pausas, quando bem utilizadas podem destacar uma informação e criar expectativa no ouvinte".

Além das pausas, como já dito anteriormente, a entonação, as ênfases dadas a certas palavras ou frases, a forma de se postar em frente à câmera, os movimentos corporais e faciais dão ritmo à notícia e contribuem para levar o telespectador a prestar atenção no que está sendo dito e comumente a crer que aquela notícia é verdadeira.

Abreu (2009, p.13) complementa que, além da voz, a postura corporal do outro, suas expressões faciais, a maneira como anda, como gesticula e, até mesmo, o modo como se veste nos dão informações preciosas. Esses elementos colaboram não apenas para a compreensão do que se está falando, mas, também, para a persuasão do outro.

A proposição de Abreu (2009) se mostra muito clara se considerarmos a atualização dos telejornais nos últimos anos, na qual a bancada, lugar de onde o âncora lia todas as notícias, deixou de ser obrigatória, permitindo, assim, que o jornalista caminhe pelo cenário utilizando das telas interativas para demonstrar ou complementar uma nota ou uma informação e interagir com os repórteres que aparecem ao vivo.

Assim, percebemos que a prosódia e todas as suas nuances são relevantes para a comunicação de modo geral. No entanto, apesar de reconhecer a importância de todos os parâmetros prosódicos para o ato da fala, compreendemos que, a depender da pergunta da pesquisa, um parâmetro deverá ser estudado mais profundamente que outro e, considerando as necessidades deste trabalho, optamos por analisar a variação da frequência fundamental (F_0) dentro de grupos tonais na fala de telejornalistas para que nosso propósito fosse alcançado. Trataremos melhor deles nas próximas seções.

3.1 FREQUÊNCIA FUNDAMENTAL

Para enfatizar um trecho de sua narração ou minorar determinadas passagens, o jornalista alterna a altura da frequência fundamental de sua fala. De forma sucinta, a frequência fundamental (F_0) é um parâmetro acústico que está relacionado ao número de vezes em que as pregas vocais vibram por segundo, produzindo, assim, perceptualmente, tons mais grave ou mais agudo.

Como já foi exposto por vários autores da área (FRY, 1979; KENT; READ, 2015), a fala é som e o som é composto por ondas sonoras que têm a forma de senóide. Quanto maior o ciclo de uma senóide, menor será a frequência, dessa forma, mais grave será o som. Inversamente, quanto menor o ciclo de uma senóide, maior será a frequência, configurando, então, um som mais agudo.

Então compreendemos que a frequência é resultante do número de ciclos que uma senóide realiza em um segundo. Quanto mais ciclos, maior a frequência e mais agudo é o som, e quanto menos ciclos, menor a frequência e mais grave o som será. Segundo Pacheco (2006, p. 51), normalmente, "[...] os homens, na fala diária, possuem uma variação de frequência fundamental típica, que gira em torno de 80 e 200 Hz; as mulheres entre 180 e 400 Hz". Por possuírem frequências fundamentais mais baixas que as das mulheres, os homens tendem a ter uma voz mais grave e as mulheres, mais aguda.

Além de nos permitir perceber a altura da voz de uma pessoa, a variação da F_0 também é responsável por dar um ou outro sentido a uma sentença dependendo da curva entoacional, assim como nos permite perceber a ênfase numa determinada informação. É a partir da variação da F_0 que sabemos se uma sentença é uma frase afirmativa ou uma interrogativa, por exemplo. Da mesma maneira, percebemos como e quando a ênfase acontece.

As variações de F_0 podem organizar as palavras em unidade prosódicas maiores, à semelhança de Grupo Tonal, como mostraremos na seção seguinte.

3.2 GRUPO TONAL (GT)

O Grupo Tonal, ou simplesmente GT, é a unidade prosódica prevista no modelo de descrição prosódico da entoação desenvolvido por Halliday (1970). Nesse modelo, o autor trabalha dentro de uma perspectiva fonético-fonológica e integra os dois campos a outras áreas da linguística (sintaxe, semântica e pragmática). Inicialmente pensado para descrever o padrão prosódico do inglês, esse modelo foi adaptado por Cagliari (1981) para descrever o sistema entoacional do português brasileiro.

De modo geral, o modelo propõe o grupo tonal como a unidade rítmica entoacional. De acordo com Cagliari (2007, p. 161), "[...] o modelo de Halliday incorpora parte da descrição do ritmo da língua, como base para a descrição entoacional". Conforme o modelo, o GT é caracterizado por padrões entoacionais, ou tons, contendo um significado estrutural (sintático) e um significado interpretativo (semântico); assim, "[...] a divisão de um texto em GTs tem a ver com a organização de unidades de informação, cuja forma sintática mais típica é a frase" (CAGLIARI, 1992, p. 138).

Pensemos no seguinte exemplo:

//Você vai ver a/**go**ra// //o ca/**mi**nho// //do di/**nhei**ro// //da /**co**rrupção//[4].

Nele, temos quatro GTs. No primeiro, //você vai ver a/**go**ra//, temos uma sílaba tônica saliente, que é a sílaba em que acontece a mudança mais significativa da curva melódica. A sílaba tônica saliente nessa frase está na sílaba *go*. Então, toda informação que está antes da sílaba tônica saliente é considerada como componente pretônico e toda informação que vem depois engloba o componente tônico.

No segundo GT, //o ca/**mi**nho//, mais uma vez temos o componente pretônico, toda a informação antes da sílaba tônica saliente *mi*, e o componente tônico *minho*. O mesmo acontece com o outro GT. Coincidentemente, há o componente pretônico que, como explica Cagliari (2007), não é obrigatório, e o componente tônico.

Notamos que todos os GTs contêm todas as especificações descritas por Cagliari: padrões tonais (entoação), com um significado estrutural (sintaxe) e um significado interpretativo (semântica).

Cagliari (2007) ainda explica que um GT pode ser simples ou composto. Sendo simples quando tiver apenas uma sílaba tônica saliente e composto quando tiver duas. É importante lembrar que o GT composto não deve ser confundido com uma sequência de dois GTs. O GT composto tem em si apenas uma unidade de informação e a sequência de GTs carrega unidade de informações diferentes.

O GT como unidade prosódica nos permite compreender a dinâmica da fala do telejornalista ao noticiar um fato. Assim, essa é a unidade prosódica a ser de investigada nesta pesquisa.

4 METODOLOGIA

Como este trabalho é um recorte de uma pesquisa maior, utilizamos de parte dos dados e metodologia daquela pesquisa para a construção desta. O propósito desta pesquisa é avaliar acusticamente as características prosódicas dos telejornalistas do *Jornal Nacional* da Rede Globo. Para isso, avaliamos contrastivamente a curva melódica dos âncoras do telejornal *Jornal Nacional*, da Rede Globo, com a curva melódica de jornalistas de outras emissoras que disputam o segundo lugar de audiência, segundo as pesquisas do IBOPE, a saber: SBT e Rede Record.

[4] Exemplo nosso.

Buscamos por vídeos de telejornais noturnos, das emissoras SBT e Rede Record, que seguissem o mesmo formato editorial do *Jornal Nacional*, a fim de termos uma base comparativa equivalente, e que fossem exibidos mais ou menos no mesmo período dos meses de maio de 2016 e de 2017. A escolha dessa data se deu por três motivos importantes: primeiro, por conta de um acontecimento de nível nacional que foi noticiado em 18 de maio de 2017, que dizia respeito à delação premiada que o dono do frigorífico JBS fez sobre o então presidente Michel Temer; segundo, por acreditar que, ao escolher a mesma data de exibição para todos os jornais, manteríamos um certo grau de imparcialidade na pesquisa; e terceiro, por considerar que esse recorte nos dá uma boa amostra do que acontece "atualmente" no telejornalismo brasileiro. Dessa forma, obtivemos o seguinte quadro:

Emissoras	Telejornais	Horário de exibição	Telejornalistas
ede Globo	*Jornal Nacional* **(JN)**	20h15	William Bonner Renata Vasconcellos
SBT	*Jornal SBT Brasil* **(SBTB)**	19h45	Carlos Nascimento Rachel Sheherazade
Rede Record	*Jornal da Record* **(JR)**	21h40	Celso Freitas Adriana Araújo

Quadro 1: Seleção dos telejornais e telejornalistas da pesquisa
Fonte: Elaboração própria

Após a seleção dos vídeos, extraímos os áudios e, de oitiva, selecionamos os Grupos Tonais (GTs) de cada âncora, seguindo, assim, o modelo de Halliday (1970) adaptado por Cagliari (2007).

No Praat, abrimos os arquivos de áudio e extraímos a F_0 no ponto inicial, no ponto medial e no ponto final de cada GT. Optamos por mensurar a F_0 balanceada (ou relativa) e não a absoluta, por não termos controle sobre os aparelhos de recepção e reprodução de voz utilizados pelas emissoras e também porque esse método nos possibilitou saber o quanto a F_0 subia e/ou caia num GT.

Para calcular a variação percentual da F_0 relativa de dado intervalo, adotamos a fórmula =((x2/x1)-1), na qual x1 corresponde à F_0 inicial e x2 corresponde à F_0 final. O cálculo é feito em duas etapas. Na primeira etapa, dividimos x2 por x1 (x2/x1) para encontrar o valor percentual de x2 em função de x1. Na segunda etapa, subtraímos 1 do valor encontrado para alcançarmos o valor percentual referente à variação entre x1 e x2. Feito isto, alteramos o tipo da célula no Excel para porcentagem e obtivemos o valor formatado com duas casas decimais. Por exemplo, se temos na célula inicial o valor de 200Hz e na medial o valor de 180Hz, ao aplicamos a fórmula obtemos a seguinte equação:

= ((180/200)-1)
= ((0,9)-1)
= (0,9-1)
= -0,1

Com a alteração do tipo da célula para porcentagem, seguida do aumento do número de casas decimais para dois dígitos, ficamos com o valor de -10%. Em seguida, o cálculo se repete para o intervalo seguinte, considerando o valor da célula medial como x1 (no exemplo dado, 180Hz), e da célula final como x2.

Após extrair a F_0 relativa, aplicamos o teste ANOVA de Kruskal-Wallis a fim de verificar se os âncoras possuem curvas de F_0 específicas. O teste ANOVA de Kruskal-Wallis é um teste estatístico não linear que visa identificar se há diferença significativa entre as variáveis comparadas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta pesquisa, analisamos a curva de F_0 de cada grupo tonal de cada âncora dos três telejornais supracitados com o intuito de avaliar acusticamente as características prosódicas dos telejornalistas do *Jornal Nacional,* comparando com as características prosódicas dos jornalistas dos telejornais das outras duas emissoras.

Desde já é importante salientar que os dados analisados neste trabalho são referentes ao momento da *chamada* de uma matéria e da *nota*. A *chamada*, no telejornalismo, é uma introdução feita pelos âncoras sobre a notícia que será transmitida e desenrolada pelo repórter e a *nota* é um esclarecimento complementar feito pelo âncora após a conclusão da matéria. Deste modo, pelo fato de tanto a chamada quanto a nota serem feitas num pequeno período de tempo (nos casos analisados variaram de 6 a 35 segundos), o número de GTs encontrados na fala destes profissionais é limitado.

A princípio, buscamos por algum padrão na curva de F_0 dos 69 GTs extraídos das falas dos jornalistas. Na tabela 1, é possível observar o número de subidas e quedas da F_0 dentro de um GT em duas partes: primeiro da frequência inicial para a medial (F_0 i-m) e em seguida da F_0 medial para a final (F_0 m-f).

Nessa tabela, percebemos que a jornalista Renata Vasconcellos produziu 10 GTs durante a sua fala. Desses 10 GTs, da F_0 inicial para a medial, em 7 ela começou num tom baixo e o baixou ainda mais e em 3 iniciou num tom baixo e subiu no final. Da F_0 medial para a final, a apresentadora subiu o tom em 2 GTs e em 8 finalizou com quedas no tom.

Do mesmo modo, se observarmos os GTs da fala de William Bonner, também apresentador do *JN*, notamos a mesma tendência de subidas e quedas na curva de F_0.

Já em relação aos âncoras do *Jornal SBT Brasil* notamos que, na fala da apresentadora Raquel Sheherazade, há um equilíbrio entre subidas e quedas da F_0i-m[5] e uma preferência às quedas da F_0m-f[6]. Verificamos que, dos 8 GTs da apresentadora, no momento da F_0i-m, em 4 ela inicia com subida e em 4 ela inicia com queda no tom. Já no segundo momento, da F_0m-f, dos 8 GTs, em 3 a apresentadora sobe o tom e em 5 ela desce.

Já dos 8 GTs extraídos da fala de Carlos Nascimento, o outro apresentador do mesmo telejornal, em 3 GTs ele sobe o tom no momento da F_0 inicial para a medial e em 5 ele desce. Já da F_0 medial para a final, desses 8 GTs, em 6 ele sobe e em 2 ele descende o tom. Ou seja, Nascimento fez mais quedas no momento da F_0i-m e mais subidas na parte da F_0m-f.

Neste caso em especial, um ponto a se ressaltar é que coincidentemente os dois âncoras possuem o mesmo número de GTs e isto nos permitiu visualizar comparativamente que não existe um padrão de fala por várias razões. Enquanto Sheherazade "equilibra" o início dos GTs entre subidas e quedas, conforme a tabela 1, Nascimento, ao que parece, prefere as quedas. Já do meio para o final, Sheherazade opta mais pela queda, enquanto Nascimento prefere a subida do tom. Percebemos assim, que enquanto os âncoras do *JN* reproduziam um padrão semelhante nas subidas e quedas, os âncoras do *SBTB* não seguiam nenhum padrão entre si.

Por fim, ao observarmos a alteração entre subidas e quedas dos âncoras do *JR* (ainda na tabela 1), notamos que do mesmo modo que acontece com os jornalistas da Globo e do SBT, em alguns GTs os jornalistas do Jornal da Record também fazem uma grande variação com a subida e descida de tom.

Notamos, ainda, que enquanto Adriana Araújo faz mais subidas da F_0i-m (dos 14 GTs analisados da F0i-m, em 11 ela sobe o tom e em 3 ela desce o tom), Celso Freitas opta pelas quedas (dos 5 GTs, em 2 ele sobe o tom e em 3 ele desce). Já da F_0m-f, os dois âncoras preferem terminar com quedas (Araújo com 9 quedas e Freitas com 4).

[5] F0i-m: frequência inicial para a medial.

[6] F0m-f: frequência medial para a final.

Âncoras 2016-2017		F_0 inicial para a medial		F_0 medial para a final		Total de GTs
		Subidas	Quedas	Subidas	Quedas	
JN	Renata Vasconcellos	3 (30%)	7 (70%)	2 (20%)	8 (80%)	10 (100%)
	William Bonner	9 (37%)	15 (63%)	7 (29%)	17 (71%)	24 (100%)
SBTB	Rachel Sheherazade	4 (50%)	4 (50%)	3 (37%)	5 (63%)	8 (100%)
	Carlos Nascimento	3 (37%)	5 (63%)	6 (75%)	2 (25%)	8 (100%)
JR	Adriana Araújo	11 (79%)	3 (21%)	5 (36%)	9 (64%)	14 (100%)
	Celso Freitas	2 (40%)	3 (60%)	1 (20%)	4 (80%)	5 (100%)

Tabela 1: Número de subidas e quedas das F0 dentro de grupos tonais da F0i-m e da F0m-f dos âncoras dos telejornais da Rede Globo, SBT e Rede Record

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 1, verificamos que, apesar da variabilidade das subidas e quedas das F_0, existe uma preferência tonal entre os jornalistas do *JN*, como já explicado anteriormente. Há uma relação proporcional entre a fala dos âncoras tanto na subida, quanto nas quedas. Relação esta que não fica visível na fala dos âncoras das outras duas emissoras.

No caso dos âncoras do *SBT Brasil*, no momento da F_0 inicial para a medial, Shehezarade equilibra as subidas e quedas de tom, ao passo que Nascimento prefere as quedas às subidas. Já no momento da F_0 medial para a final ocorre o contrário: enquanto Sheherazade opta pelas quedas, Nascimento prefere as subidas no tom.

No caso dos âncoras dos *JR*, notamos que enquanto na fala de Araújo há maior tendência de subida de tom da curva inicial para a medial, na fala de Freitas há tendência de quedas. Já no momento da F_0 medial para a final, há, em ambos os âncoras, a tendência de finalizar com quedas de tom.

Em relação à quantidade de quedas do tom da F_0 medial para a final, nossa hipótese é de que talvez essa tendência em finalizar os GTs com quedas esteja relacionada ao padrão entoacional do português brasileiro. Contudo, apesar de relevantes, essas questões não serão aprofundadas neste estudo por não comporem o escopo deste trabalho.

Na tabela 1, pudemos observar o número de subidas e quedas da F_0 dentro de um GT em duas partes: primeiro da frequência inicial para a medial e em seguida da frequência medial para a final. Agora, na tabela 2, vamos analisar a relação entre subidas e quedas da F0 i-m para a F0 m-f dentro de cada GT.

É visível que nenhum jornalista segue um padrão de variação. Por vezes, eles iniciam os GTs com subidas, em outros, já começam alto e descem o tom. Analisemos mais de perto o caso dos âncoras do *JN*:

Vasconcellos divide sua fala em 10 grupos tonais. Dentre as quedas e subidas de tom, ela sobe o tom (no momento da F_0 inicial para medial) para depois descer (da F_0 medial para a final) 3 vezes, o que equivale a 30% das variações. Por 2 vezes (20%), ela começa com o tom alto (da F_0 i-m), cai e finaliza com subida (no ponto da F_0 m-f). Nos outros 5 GTs (50%), ela começa alto e desce o tom (da F_0

i-m) e, no momento da F0 m-f, ela finaliza com outra queda. Nos casos analisados, a jornalista não faz nenhuma subida de tom para finalizar com outra ascensão.

Já Bonner (ver tabela 2) divide sua fala em 24 GTs. Em 33% deles, o jornalista começa com uma subida (F_0 i-m) e finaliza com quedas de tom (F_0 m-f), enquanto que em 25% acontece o contrário: inicia com queda e finaliza com subida. Bonner ainda apresenta 1 GT (4%) que inicia subindo e finaliza com outra subida e 9 GTs (38%) que iniciam e finalizam com quedas de tom.

Âncoras 2016-2017		**F0 i-m para a F0 m-f**	**F0 i-m para a F0 m-f**	**F0 i-m para a F0 m-f**	**F0 i-m para a F0 m-f**	**Total de Grupos Tonais**
		Subidas e Quedas	**Quedas e subidas**	**Subida e subida**	**Quedas e Quedas**	
JN	**Renata Vasconcellos**	3 vezes (30%)	2 vezes (20%)	0 vezes (0%)	5 vezes (50%)	10 (100%)
	William Bonner	8 vezes (33%)	6 vezes (25%)	1 vez (4%)	9 vezes (38%)	24 (100%)
SBTB	**Rachel Sheherazade**	3 vezes (38%)	2 vezes (25%)	1 vez (13%)	2 vezes (25%)	8 (100%)
	Carlos Nascimento	2 vezes (25%)	5 vezes (63%)	1 vezes (12%)	0 vezes (0%)	8 (100%)
JR	**Adriana Araújo**	8 vezes (58%)	2 vezes (14%)	3 vezes (21%)	1 vez (7%)	14 (100%)
	Celso Freitas	2 vezes (40%)	1 vez (20%)	0 vezes (0%)	2 vezes (40%)	5 (100%)

Tabela 2: Número de subidas e quedas das F0 dos âncoras dos telejornais da Rede Globo, SBT e Rede Record

Fonte: Elaboração própria

Contudo, mesmo com toda essa variação entre a fala dos dois âncoras, notamos uma relação proporcional entre as subidas e quedas da F_0. Observando com mais cuidado, notamos ainda que os dois âncoras, proporcionalmente, seguem variações parecidas. No gráfico 1, podemos observar melhor essa relação.

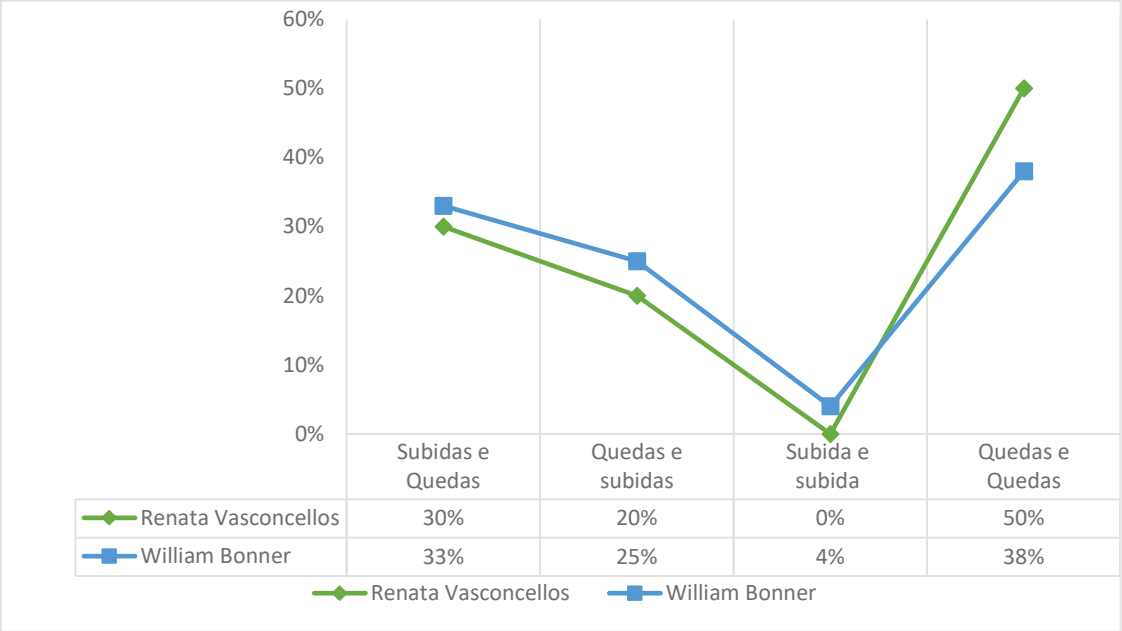
Já no caso dos jornalistas das outras duas emissoras, não é visível uma relação de proporcionalidade entre as variações. Ao observarmos o caso dos jornalistas do *SBT Brasil*, por exemplo, notamos que Sheherazade perpassa por todos os tipos de variações, quase equilibradamente. Já seu colega de bancada, Nascimento, apresenta uma maior produção na variação de quedas e subidas.

Em relação aos jornalistas do *Jornal da Record*, notamos que Araújo apesar de perpassar por todas as variações tonais, tende a produzir mais GTs com o tom baixo, elevar até a porção medial e finalizar com queda. Já Freitas produz as variações de subida seguida de queda e de queda seguida por outra queda, equilibradamente. De acordo como os dados da tabela, Celso Freitas não produz a variação de subida seguida por outra subida.

Observemos os dados nos gráficos para melhor visualizarmos o que acontece com as variações dos âncoras das três emissoras.

No gráfico 1, temos a variação proporcional dos GTs dos âncoras do *Jornal Nacional*. Nele, notamos que a porcentagem entre as subidas e quedas de tom são muito próximas, o que evidencia que os dois âncoras seguem o mesmo "trajeto" de variação.

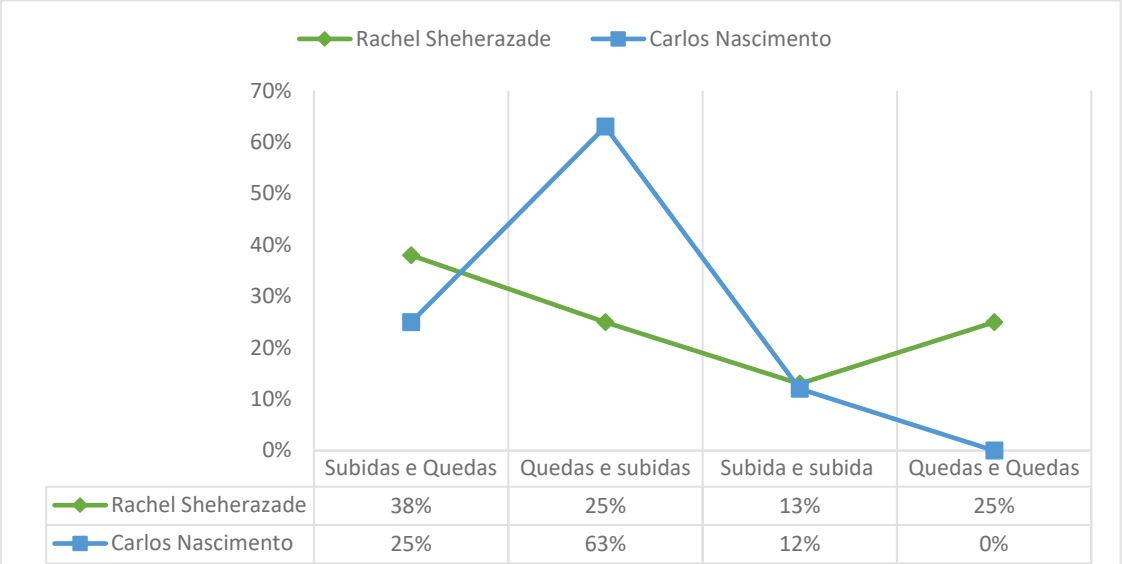
Gráfico 1: Variação entre as subidas e quedas da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras do Jornal Nacional



Fonte: Elaboração própria

Observemos, no gráfico 2, o caso dos âncoras do *SBT Brasil*. Nele, notamos uma maior diferença entre a variação entoacional. Enquanto Sheherazade balanceia mais as subidas e quedas, respectivamente, nos GTs, Nascimento faz menos tal variação, preferindo, nessa ordem, as quedas e subidas dentro dos GTs.

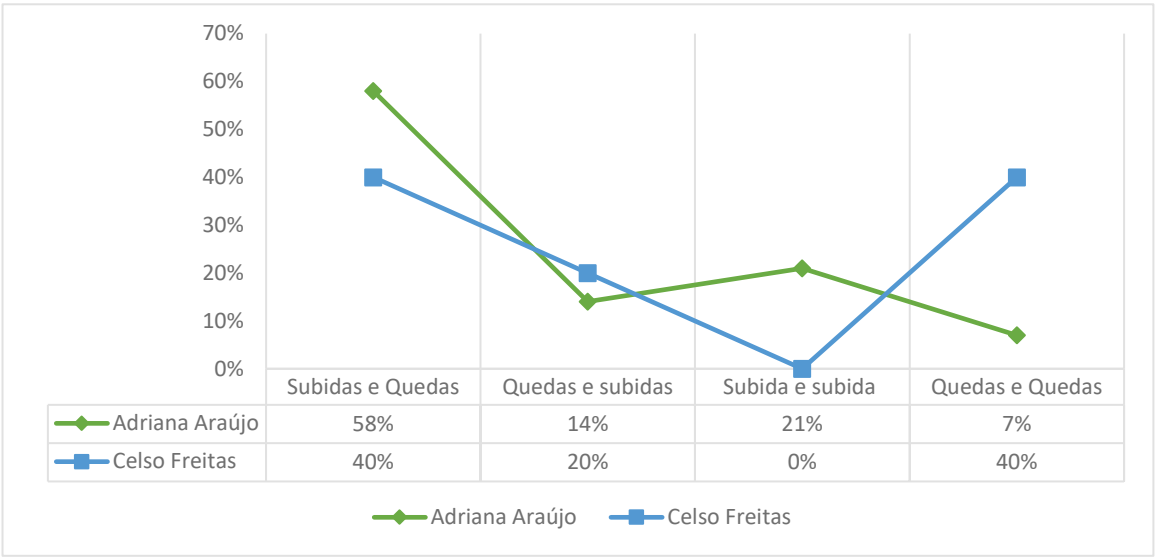
Gráfico 2: Variação entre as subidas e quedas da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras do SBT Brasil.



Fonte: Elaboração própria

Por fim, com os âncoras do *Jornal da Record*, notamos a diferença entre a variação entoacional dos dois jornalistas. Enquanto Adriana Araújo prefere iniciar os GTs com subidas e finalizar com quedas, Celso Freitas prefere iniciar a maior parte dos GTs (67%) com quedas e finalizar com outra queda. Observemos o gráfico 3:

Gráfico 3: Variação entre as subidas e quedas da F0 i-m para a F0 m-f dentro dos GTs dos âncoras do Jornal da Record.



Fonte: Elaboração própria

É importante salientar ainda que esses resultados foram observados considerando apenas a natureza geral dos GTs, sem considerar as informações individuais de cada GT[7].

Além de tentar identificar algum padrão na variação da F_0 dos jornalistas, também procuramos identificar algum tipo de diferença significativa entre a frequência fundamental inicial/medial para a medial/final. Para isso, aplicamos o teste estatístico ANOVA de Kruskal-wallis. Os resultados (Tabela 3) nos mostram que não há diferença significativa entre as variáveis.

Âncoras 2016-2017		F0 relativa: média i-m (%)	F0 relativa: média m-f (%)	Valor de p
JN	**Renata Vasconcellos (2016-2017)**	0.43	-15.58	p = 0.1509 ^{ns}
	William Bonner (2016-2017)	-3.11	-6.45	p = 0.4333 ^{ns}
SBTB	**Rachel Sheherazade (2016-2017)**	-0.46	-1.88	p = 0.5286 ^{ns}
	Carlos Nascimento (2017)	-11.87	11.46	p = 0.1722 ^{ns}
JR	**Adriana Araújo (2016-2017)**	18.32	3.90	p = 0.1681 ^{ns}
	Celso Freitas (2016-2017)	-5.74%	-26.20%	p = 0.7540 ^{ns}

OBS: *s = Significativo para p<0,05*

ns = não significativo para p<0,05

Tabela 3: Kruskal-Wallis da fala dos âncoras dos telejornais do JN, SBTB e JR e seus respectivos valores de p

Fonte: Elaboração própria

Os resultados do teste nos mostram que não existe diferença significativa entre a F_0i-m e a F_0m-f. Em outras palavras, outros fatores, que não os prosódicos, influenciam a variação da curva da frequência. Considerando estes resultados e a própria natureza do Jornalismo, compreendemos que o telejornalista varia o tom de modo a enfatizar determinadas parcelas de informação consideradas, por ele mesmo, como importante e que o favoreça em sua função de persuadir o telespectador.

Após observar os valores das tabelas e dos gráficos, nos fica claro que, apesar da variação existente na fala dos telejornalistas do *Jornal Nacional*, eles seguem uma espécie de "tendência de fala". A variação existente e a mudança de tom, conforme a necessidade de enfatizar uma informação percebida como relevante para a notícia, segue uma candência, que não é observada no caso dos jornalistas das outras emissoras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados dos dados, vimos comparativamente que os jornalistas do *Jornal Nacional* aqui analisados apresentam uma preferência de produção de tons descendentes. Já os âncoras do *SBT Brasil* se dividem entre a produção de subidas e quedas e quedas e subidas. E os jornalistas do *Jornal da Record* produzem mais a variação de subidas e quedas.

Ainda de acordo com os resultados, os testes estatísticos apontaram para a não existência de um padrão tonal entre as F_0i-m e F_0m-f na fala dos jornalistas das emissoras observadas. Notamos assim que, embora os jornalistas variem a frequência ao longo dos GTs de forma arbitrária e mudem o tom de acordo com a necessidade de enfatizar alguma informação, os jornalistas do *Jornal Nacional*

[7] Pretendemos aprofundar esse estudo em trabalhos futuros.

apresentam uma relação proporcional entre as subidas e quedas de tom, relação inexistente no caso dos outros jornalistas, como observamos nas tabelas 1 e 2 e nos gráficos 1, 2 e 3.

Considerando esses resultados iniciais e a própria natureza do jornalismo, julgamos que o telejornalista priorize enfatizar determinadas parcelas de informação que favoreçam seu discurso, em detrimento de seguir um padrão tonal possivelmente estabelecido. Assim, em nossos próximos estudos, analisaremos as informações existentes em cada GT e observaremos se o tipo de informação influencia no tipo de variação desse GT e se há diferenças entre o modo de transmitir a notícia pelos jornalistas de uma mesma emissora e de emissoras diferentes. Nossa hipótese é a de que a informação contida em cada GT influencia na escolha de sua variação.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. *A arte de argumentar gerenciando a razão e emoção.* 13. ed. São Paulo: Ateliê Edições, 2009.

AZEREDO, M. I. P.; PACHECO, V.; OLIVEIRA, M. A persuasão no telejornalismo: um estudo fonético. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 9., 2017, Vitória da Conquista. Anais dos Seminários de Pesquisa em Estudos Linguísticos. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2017, p. 309-313. Disponível em: http://anais.uesb.br/index.php/periodicos-uesb-br-spel/article/view/7662. Acesso em: 10 abr. 2018.

BASTOS, R.; GONZALES, R. *Decompondo o Telejornalismo*. Apostila para o Projeto de Desenvolvimento do Telejornalismo das Afiliadas da Rede Globo de Televisão. Campo Grande: maio, 1988.

BONORA, M. Sotaque x telejornalismo. *In*: KYRILLOS, L.; FEIJÓ, D. *Fonoaudiologia e Telejornalismo*. Editora Revinter, Rio de Janeiro: 2004. p. 81-93.

CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 23, p. 137-151, jul./dez., 1992. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636850/4571. Acesso em: 1 jun. 2017.

CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.

COTES, C. S. G. *O estudo dos gestos vocais e corporais no telejornalismo brasileiro*. 2008. 200 f. Tese – (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.

CUNHA, A. A. da. *Telejornalismo*. São Paulo: Atlas, 1990.

FRY, D. B. *The Physics of Speech Cambridge Textbooks in Linguistics*. Cambdrige: Cambridge University Press, 1979.

JORNAL DA RECORD 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=socevm66erE&index=365&list=PLPGY2Y0KCcI6HdygGTTZW--rwzQ0mxDr3. Acesso em: 1 jun. 2017.

JORNAL DA RECORD. 2016 . Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=socevm66erE&index=365&list=PLPGY2Y0KCcI6HdygGTTZW--rwzQ0mxDr3. Acesso em: 1 jun. 2017.

JORNAL DA RECORD. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=S2YZ9oi1q10&t=815s. Acesso em: 1 jun. 2017.

JORNAL NACIONAL 2016. Disponível em: http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2016/05/18.html. Acesso em: 1 jun. 2017.

JORNAL NACIONAL. 2017. Disponível em: http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2017/05/18.html. Acesso em: 1 jun. 2017.

KENT, R. D; READ, C. *Análise acústica da fala*. Trad. Alexsandro Rodrigues Meireles. São Paulo: Cortez, 2015.

MATTOS, S. A evolução história da televisão brasileira. *In*: VIZEU, A.; PORCELLO F.; COUTINHO, I. *60 anos de telejornalismo no Brasil* – história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010. p 23-55.

MEMÓRIA GLOBO. *Jornal Nacional*: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MINCHILLO, C. A.; CABRAL. I. *A narração*. 5.ed. São Paulo: Atual, 1989.

NOOTEBOOM, S. The prosody of speech: melody and rhythm. *In:* HARDCASTLE, W.; LAVER, J. GIBBON, F. (org.). *The Handbook of Phonetic Sciences*, Utrecht: Utdallas.Edu, 1997. p. 640-673. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Sieb_Nooteboom/publication/46675980_The_prosody_of_speech_Melody_and_rhythm/links/00b4952e050278514b000000/The-prosody-of-speech-Melody-and-rhythm.pdf Acesso em: 5 jul. 2017.

PACHECO, V. *O efeito dos estímulos auditivo e visual na percepção dos marcadores prosódicos lexicais e gráficos usados na escrita do português brasileiro.* 2006 Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

PARTENOSTRO, V. Í. *O texto na TV*: Manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PEUCER, T. Os relatos jornalísticos. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 1, n. 2, p. 13-29, 2004.

REDE GLOBO. *Princípios e Valores da TV Globo no Vídeo.* Disponível em: http://estatico.redeglobo.globo.com/2013/06/03/Principios_e_Valores_da_TV_Globo_no_Video.pdf Acesso em: 15 mai. 2017.

REINIGER, A. M. História da fonoaudiologia no telejornalismo. *In:* KYRILLOS, L.; FEIJÓ, D. (org.). *Fonoaudiologia e Telejornalismo.* Rio de Janeiro: Editora Revinter, 200. p. 1-3.

REIS, C. Prosódia e telejornalismo. *In*: GAMA, A. C. C.; KYRILLOS, L. FEIJÓ D. (org.). *Fonoaudiologia e telejornalismo*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. p. 1-18.

SBT BRASIL 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-wp5GbAWcl8/Pílula-do-cancer-a-polêmica-em-torno-da-substância.html. Acesso em: 24 ago. 2017.

SBT BRASIL 2017. Disponível em: http://www.sbt.com.br/jornalismo/sbtbrasil/noticias/90122/Michel-Temer-teria-dado-aval-para-compra-de-silencio-de-Eduardo-Cunha.htm. Acesso em: 24 ago. 2017.

YORKE, I. *Jornalismo diante das câmeras.* São Paulo: Summus, 1998.

Recebido em 05/04/2020. Aceito em 22/11/2021.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e84569

ROTACISMO EM ALAGOAS: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA

ROTACIÓN EN ÁLAGOAS: UN ANÁLISIS VARIACIONISTA

THE RHOTACISM IN ALAGOAS: A VARIATIONIST ANALYSIS

Maria Aparecida dos Santos Valentim*
Maria de Fátima Rocha Santos**
Almir Almeida de Oliveira***
Universidade Estadual de Alagoas

RESUMO: Investiga-se, neste trabalho, o fenômeno do rotacismo em Alagoas, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008). Objetiva-se analisar o processo do rotacismo no estado de Alagoas e as pressões sociais e linguísticas envolvidas neste processo. Analisam-se 623 ocorrências suscetíveis de rotacismo em entrevistas de 120 falantes de 5 cidades alagoanas. Nota-se que a variável escolaridade influencia a realização do rotacismo, no sentido de que quanto menos escolarizado for o falante, mais favorecida é a realização do rotacismo, revelando uma possível valoração social negativa por parte da escola. Para as variáveis linguísticas, destaca-se o contexto anterior e o contexto seguinte, que mostrou, respectivamente, que a realização do rotacismo é favorecida se a consoante precedida de /l/ for labial e se a vogal seguida de /l/ for a vogal baixa.
PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Variacionista. Alagoas. Rotacismo.

RESUMEN: Este trabajo investiga el fenómeno de la rotación en Alagoas, a la luz de los supuestos teórico-metodológicos de la sociolingüística variacionista (LABOV, 2008). El objetivo es analizar el proceso de rotación en el estado de Alagoas y las presiones sociales y lingüísticas involucradas en este proceso. Se analizaron 623 ocurrencias susceptibles de rotación en entrevistas con 120 ponentes de 5 ciudades de Alagoas. Se observa que la variable educación influye en el desempeño de la rotación, en el sentido de que cuanto menos educado es el hablante, más favorece el desempeño de la rotación, revelando una posible valoración social negativa por parte de la escuela. Para las variables lingüísticas, destacamos el contexto anterior y el contexto siguiente, que mostraron, respectivamente, que se favorece la realización de la rotación si la consonante precedida por /l/ es labial y si la vocal seguida de /l/ es la vocal baja.
PALABRAS CLAVE: Sociolingüística Variacionista. Alagoas. Rotación.

* Graduanda em Letras pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. E-mail: mariavalentim@alunos.uneal.edu.br.

** Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. E-mail: fatimarocha2014@hotmail.com.

*** Professor Adjunto da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. E-mail: almir.oliveira@uneal.edu.br.

ABSTRACT: This work investigates the phenomenon of rhotacism in Alagoas, based on the theoretical-methodological assumptions of variationist sociolinguistics (LABOV, 2008). The objective is to analyze the rotation process and the social and linguistic pressures involved in this process in the state of Alagoas. About 623 occurrences susceptible to rotation were analyzed in the identification of 120 speakers from 5 cities in Alagoas. It is noted that the schooling variable influences the performance of rhotacism, in the sense that the less educated the speaker is, the more he favors the accomplishment of rhotacism, revealing a possible negative social valuation on the part of the school. It is concluded, therefore, that the phenomenon of rhotacism is progressing steadily in Alagoas, it not being an expanding process. It is also concluded that the education variable influences the performance of rotation, in the sense that the less educated the speaker, the more he will produce rotation. In this case, the rhotacism phenomenon does not show signs of social stigma in Alagoas, but suffers from a negative social valuation by the school. For the linguistic variables, the previous context and the following context stand out, which show, respectively, that the rotation is favored if the consonant is preceded by /l/ for lip and if the vowel is followed by /l/ or for a low vowel.
KEYWORDS: Sociolinguística Variacionista. Alagoas. Rhotacism.

1 INTRODUÇÃO

O objeto de estudo deste trabalho é o fenômeno do rotacismo, caracterizado pela alternância da consoante /l/ pela consoante /ɾ/ em palavras como: "planta ~ pranta", "problema ~ probrema" e "claro ~ craro". A pesquisa se propõe a investigar como o rotacismo é produzido no estado de Alagoas e, para tanto, analisa dados de fala espontânea de falantes de cinco das mais importantes cidades do estado: Arapiraca, Delmiro Gouveia, Maceió, Palmeira dos Índios e Santana do Ipanema, distribuídas pelas três mesorregiões do estado de Alagoas: Litoral, Agreste e Sertão.

O rotacismo é um dos fenômenos linguísticos mais comuns na língua portuguesa e tem sido produzido desde a língua latina, passando pelo processo de formação do português. Pode-se perceber como as formas latinas 'blandu', 'clavu' e 'plaga' foram transformadas nas formas portuguesas 'brando', 'cravo' e 'praga'. Para Bagno (2015, p. 65), "[...] as palavras tinham, na sua origem, um L bem nítido que se transformou em R".

Embora o fenômeno do rotacismo faça parte da história da língua portuguesa e tenha uma produção considerável no Brasil, ainda é um fenômeno estigmatizado, conforme relata Costa (2011), pois é constantemente associado aos falantes de classes sociais e graus de escolaridade mais baixos. No Brasil, são poucos os trabalhos realizados que tratam o fenômeno do rotacismo com base em dados de fala espontânea.

O trabalho de Santos (2019), realizado em Capela/AL, é um dos primeiros a pesquisar o rotacismo no estado de Alagoas. A pesquisa indica o fenômeno do rotacismo como um processo com valoração social negativa, produzido por pessoas mais velhas e favorecido pelos informantes com menos escolaridade.

Nesse viés, as pesquisas de Reis (2010), Costa (2007) e Tem (2010) apontam em seus resultados a influência da escolaridade na realização do rotacismo. Reis (2010), que investiga o rotacismo no estado do Maranhão, ratifica a importância da escolaridade no favorecimento do rotacismo, constatando que a ação normatizadora da escola pode reprimir a ocorrência do fenômeno.

Costa (2007), em São José do Norte, no Rio Grande Sul, encontra resultados semelhantes, que indicam a realização do rotacismo por indivíduos com menos escolaridade.

Nos estudos de Tem (2010), no Rio de Janeiro, verificou-se que a escolaridade é um fator que exerce influência na realização do rotacismo, evidenciando que os indivíduos com menor nível de escolaridade tendem a realizar mais o rotacismo e indivíduos com maior escolaridade evitam a forma estigmatizada como "pranta", dando preferência pelas formas prestigiadas, como "planta". Deste modo, uma das hipóteses deste trabalho é a de que o rotacismo está em processo de mudança, dando espaço para a variante prestigiada.

As perguntas norteadoras do trabalho são as seguintes:

a) A alternância entre /l/ e /ɾ/ é socialmente motivada?

b) De que forma os fatores internos da língua atuam no processo do rotacismo?

c) O fenômeno é de fato socialmente estigmatizado em falares alagoanos?

d) Trata-se de um processo de mudança linguística em progresso?

Para responder a essas questões, adotam-se os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), que investigam fatores linguísticos e sociais de forma correlacionada, atuando no condicionamento de processos linguísticos variáveis, permitindo identificar os valores sociais que operam sobre a língua.

O trabalho será organizado em três seções: na primeira, será abordada a **metodologia** utilizada, na qual serão apresentados os procedimentos metodológicos da coleta de dados com o tratamento estatístico utilizado. A segunda seção destina-se à **análise dos resultados**, obtidos por meio de programas computacionais, que serão apresentados em tabelas e gráficos para uma melhor interpretação dos resultados. Por fim, nas **Considerações finais**, serão feitas algumas considerações acerca dos resultados encontrados, além de uma síntese referente ao fenômeno do rotacismo em Alagoas.

2 METODOLOGIA

Neste estudo, utiliza-se a proposta teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008) para a análise da variação e mudança linguística, com o intuito de investigar, no estado de Alagoas, o rotacismo, caracterizado como o processo de alternância das consoantes /l/ e /ɾ/.

Para efeito da investigação, são analisados dados de fala espontânea de sujeitos das cidades de Arapiraca, Delmiro Gouveia, Maceió, Palmeira dos Índios e Santana do Ipanema. São realizadas análises com o objetivo de encontrar os fatores que interferem no processo de variação e mudança linguística desse fenômeno. A amostra desta pesquisa foi composta por dados de fala espontânea de 120 participantes das cinco cidades analisadas e fazem parte do banco de dados do projeto 'PORTAL - Português Alagoano'.

Os critérios de seleção foram os seguintes: (1) ter nascido no município; (2) não ter se ausentado do município por mais de 10 anos; e (3) ter ambos os pais nascidos também no município (preferencialmente). A amostragem utilizada foi a não probabilística, na qual a seleção das amostras ocorreu por meio da indicação de amigos e conhecidos. A amostra de cada cidade foi distribuída considerando as variáveis sociais de sexo (feminino e masculino), idade (entre 18 e 30 anos, entre 40 e 55 anos, e acima de 65 anos) e escolaridade (menos de 9 anos e mais de 11 anos). É importante ressaltar que, independentemente de terem sido consideradas na coleta de dados como variáveis categóricas, a escolaridade e a idade foram tratadas como variáveis contínuas dentro de um modelo estatístico de análise de regressão logística multinível.

Os dados que formam o *corpus* desta pesquisa foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, pois, de acordo com Labov (2008), a observação direta do vernáculo, língua usada em situações reais de interação face a face, seria o principal método de investigação linguística.

Para as gravações, foi utilizado um gravador de voz da marca TASCAM, modelo DR-100. As gravações foram realizadas em formato .WAV, com taxa de amostragem de 24 *bits* e resolução de 48kHz. A média da duração das gravações foi entre 9 e 11 minutos.

Os dados foram transcritos ortograficamente no *Software* PRAAT, que permitiu a sincronização entre áudio e transcrição. Os intervalos no PRAAT foram criados em razão das pausas (silêncio maior ou igual a 200ms). Com isso, foram criados 3 *tiers*: para as falas do documentador; para a fala do participante; e para 'outros', no qual seriam registradas as falas de pessoas que não estavam inseridas na entrevista ou outros sons. A codificação dos participantes seguiu o seguinte raciocínio: o participante DE19M13 é morador da cidade de Delmiro Gouveia (DE), tem 19 anos, é do sexo masculino (M) e tem 13 anos de escolaridade.

A seleção das ocorrências foi realizada automaticamente, utilizando recursos de pesquisa de texto no PRAAT. Todas as ocorrências foram analisadas acusticamente (com análise de espectrogramas e oscilogramas), com o intuito de classificar de forma mais objetiva as variantes.

As variáveis sociais investigadas foram: sexo (masculino ou feminino); idade; e escolaridade – analisadas como variáveis contínuas; e a localidade geográfica, pertencendo, os entrevistados, às cidades de diferentes regiões do estado de Alagoas: Arapiraca, Delmiro Gouveia, Maceió, Palmeira dos Índios, Santana do Ipanema.

As variáveis linguísticas investigadas foram: *contexto silábico*, que se refere às posições do encontro consonantal, distinguindo-as em inicial, medial e final (**pl**anta, pro**bl**ema, sim**pl**es); *contexto anterior,* que trata do que precede a variável em questão, *labial* (bí**b**lia, **p**lanejar, **f**lores) ou *dorsal* (bici**c**leta, te**c**lado, **c**lube); *contexto seguinte,* que diz respeito à altura das vogais depois de /l/, classificando-as entre vogal baixa, vogal média e vogal alta (pl**a**netário, simpl**e**s, bl**o**co, cl**u**be, cl**i**ma); e a *tonicidade,* que se refere à ausência ou presença do acento no contexto silábico que contém a consoante /l/: tônico como em **Cláu**dia e átono como em bí**blia**.

Para a análise quantitativa, foi utilizado o programa de análise estatística R, em sua plataforma de desenvolvimento integrado *RStudio*, utilizando o método inferencial de regressão logística multinível, que permitiu a realização do teste da razão da máxima verossimilhança (TRMV), do teste de Wald (TW) e da Correlação de Coeficiente Intraclasse (CCI).

O TRMV analisa a significância estatística entre variáveis independentes, possibilitando verificar o possível condicionamento das variáveis independentes estatisticamente significativas e hierarquizá-las. A partir do TRMV, são mantidas no modelo final de análise somente as variáveis investigadas que tiveram dentro do intervalo de confiança ≥ 95%, ou seja, que obtiverem Sig.TRMV igual ou menor que 0,05.

O TW possibilita analisar a significância estatística entre fatores no interior das variáveis independentes, permitindo encontrar os fatores que apresentam efeitos estatisticamente diferentes da média dos efeitos dos fatores em uma variável independente (peso relativo = 0,50). A significância do TW avalia a probabilidade de se cometer um erro ao negar-se a hipótese nula, sendo a hipótese nula verdadeira.

A hipótese nula do *teste de Wald* refere-se ao fato de que o efeito de um fator em uma variável independente é igual à média dos efeitos dos fatores dessa variável. A hipótese alternativa é a de que o efeito desse mesmo fator é diferente da média dos efeitos dos fatores. Quanto menor a significância no TW, maior a diferença entre o efeito de um fator e a média dos efeitos dos fatores. O TW permite verificar se o efeito de um fator é estatisticamente diferente de um efeito neutro.

Também foi realizado o teste de coeficiente de correlação intraclasse (CCI), que avalia a concordância entre o conjunto de dados variáveis, sendo utilizado para determinar a validade do conteúdo investigado. No caso desta pesquisa, foram analisados, a partir do CCI, o indivíduo e o item lexical, com o intuito de aferir quanto do condicionamento da variável dependente pode ser explicado pelas variáveis internas e externas presentes no modelo final de análise.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção, serão apresentados os resultados obtidos na análise estatística do fenômeno linguístico do rotacismo, tomando como variável dependente a presença da consoante líquida /l/ ou sua alternância com a oclusiva simples /ɾ/.

Foram analisadas todas as realizações ocorridas no ambiente de ataque complexo[1], formado por uma obstruinte mais uma lateral – contexto linguístico da realização do rotacismo, em palavras como "planta ~ pranta" e "problema ~ probrema" –, verificando-se,

[1] O ataque complexo é um encontro consonantal característico do português brasileiro (PB). Este encontro permite a combinação CCV (consoante + consoante + vogal), como em **pla**nta ou **pra**to, sendo que apenas as consoantes /l/ e /r/ podem ocupar a segunda posição num ataque complexo (COLLISCHONN, 2006).

desta forma, 623 ocorrências suscetíveis de rotacismo, distribuídas entre as 5 cidades alagoanas tomadas como *corpus* (Arapiraca, Delmiro Gouveia, Maceió, Palmeira dos Índios e Santana do Ipanema).

Inicialmente, as variáveis investigadas em nível extralinguístico foram: idade, sexo e escolaridade; e, em nível linguístico: contexto silábico, contexto anterior, contexto seguinte e tonicidade. Após a aplicação do TRMV, foram selecionadas para o modelo final de análise apenas a variável externa escolaridade e as variáveis internas contexto anterior e contexto seguinte.

	Total	**%rotacismo**	**Peso Relativo**	**Sig Wald**	**Sig TRMV**
Escolaridade[2]	*	*	*	*	6,97e-07[3]
Cont. Anterior					0,001
Dorsal	184	3.3%	0.14	0,019	*
Labial	439	9.8%	0.86	0,018	*
Cont. Seguinte					0,009
Vogal alta	203	2.5%	0.23	0,030	*
Vogal baixa	140	17.9%	0.76	0,031	*
Vogal média	280	6.8%	0.51	0,927	*

Tabela 1: Variáveis independentes incluídas no modelo final (consideradas significativas)
Fonte: Elaboração dos autores

Os resultados obtidos na análise estatística mostraram como favorecedoras ao rotacismo somente as variáveis escolaridade, contexto anterior e contexto seguinte, conforme pode ser visto na Tabela 1, pois obtiveram Sig. TRMV inferior a 0,05.

A variável escolaridade mostrou-se significativa enquanto condicionante do processo de variação do rotacismo. Como se vê no Gráfico 1, há uma relação direta entre a variável escolaridade e a realização do rotacismo, evidenciando que, conforme o indivíduo aumenta seu nível de instrução escolar, menores são as chances dele realizar o rotacismo.

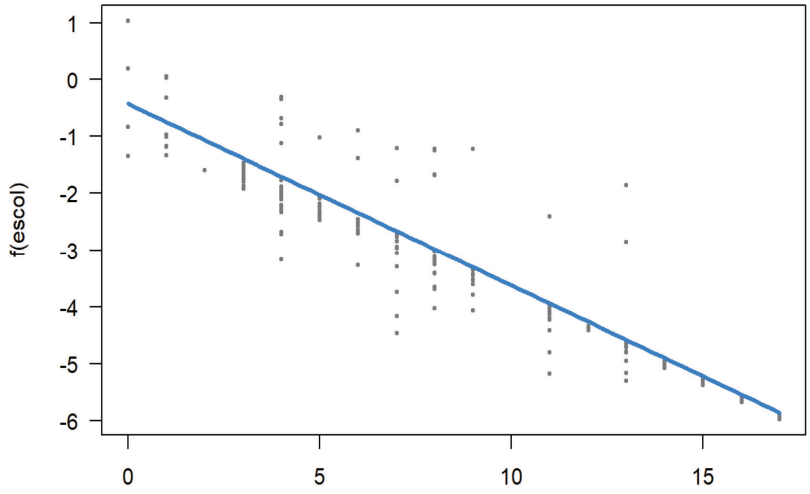


Gráfico 1: Efeito da variável escolaridade na realização do rotacismo em Alagoas
Fonte: Elaboração dos autores

[2] A variável escolaridade não apresenta percentuais, peso relativo e Sig.Wald, por se tratar de uma variável contínua, sendo analisada através de sua distribuição linear.

[3] Esta notação representa a quantidade de zeros antes da primeira casa decimal.

Esse resultado corrobora aqueles encontrados em outras pesquisas, como em Palhano (2016), na cidade de Quedas do Iguaçu, que traz em seus resultados uma aplicação de 67% do rotacismo para os informantes com Ensino Fundamental e 33% para os informantes com Ensino Médio, reforçando a tese de que o nível de escolaridade tem grande influência na realização do rotacismo.

Costa (2006), em São José do Norte, no Rio Grande do Sul, também aponta a variável escolaridade como significativa em sua pesquisa, com um percentual de aplicação do rotacismo de 14% para os informantes com até 4 anos de estudo e de 7% para informantes com mais de 4 anos de estudo.

Resultados como estes evidenciam dois fatores: 1) a escola influencia grandemente os indivíduos a usarem as formas prestigiadas, deixando de lado, dessa maneira, as formas desprestigiadas; 2) a importância da escola na formação de sujeitos que sejam capazes de notar a valoração social que recai sobre as diferentes variantes linguísticas.

A forma estigmatizada é interpretada como inferior, em termos estéticos e informativos, pelos membros da comunidade discursiva. Assim, criam-se consensos quanto ao caráter estigmatizado dos usuários de framengo, probrema e homi. (VOTRE, 2004, p. 52)

Quanto à variável contexto anterior, os resultados apontam que as consoantes labiais, como em formas linguísticas do tipo "**p**lanta", "pro**b**lema" e "**f**lor", se comportam como favorecedoras do rotacismo, em detrimento das dorsais do tipo "in**c**lusive e "**c**lima". Para evidenciar isso, veja-se a seguir o gráfico que ilustra como se deu a dispersão da variável contexto anterior na realização do rotacismo:

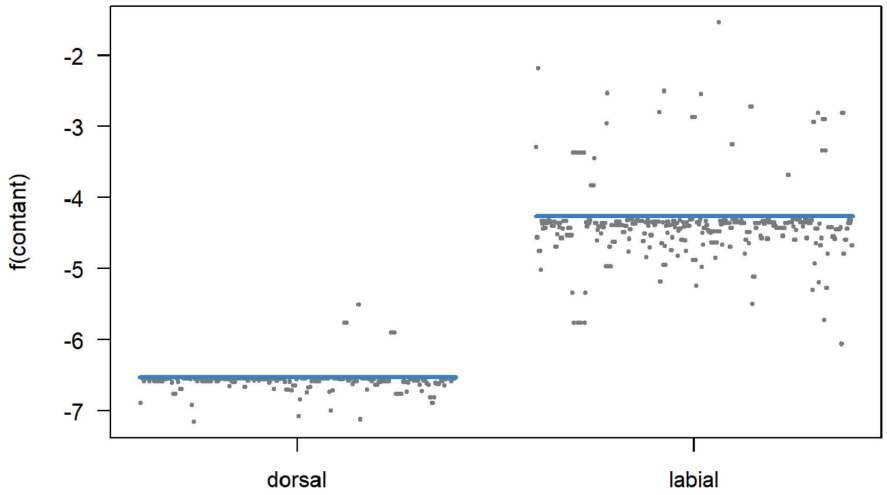


Gráfico 2: Variável contexto anterior e realização do rotacismo

Fonte: Elaboração dos autores

As consoantes labiais apontam para um alto índice de significância estatística, o que não se vê nas consoantes dorsais, que têm uma média menor. Os valores totais de realização, percentuais e pesos relativos, apresentados na Tabela 1, indicam como as consoantes labiais em contexto anterior às líquidas estão relacionadas ao favorecimento do fenômeno do rotacismo.

A variável contexto anterior evidenciou um peso relativo de 0,86 para as labiais e 0,14 para as dorsais, mostrando que o contexto anterior com uma consoante labial é o ambiente que mais favorece a realização do rotacismo, enquanto o contexto anterior com a presença de um som dorsal inibe o processo de rotacismo.

A variável contexto seguinte também se mostrou significativa na análise estatística. Para o contexto seguinte, foram investigadas as categorias de vogais ocorridas depois da consoante lateral, usando a altura das vogais: vogal baixa ([a]), vogal média ([e], [ɛ],[o] e [ɔ]) e vogal alta ([u] e [i]) em palavras do tipo "[pl]anta ~ [pɾ]anta", "pro[bl]ema ~ pro[bɾ]ema", "in[kl]usive ~ in[kɾ]usive" e " [kl]ima ~ [kɾ]ima".

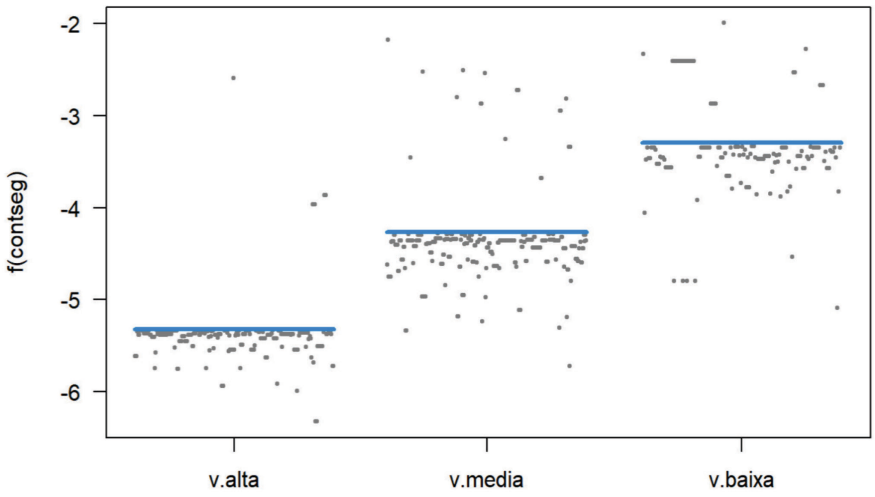


Gráfico 3: Efeito do contexto seguinte no rotacismo
Fonte: Elaboração dos autores

Como se vê, a vogal baixa apresentou um condicionamento positivo no contexto seguinte, favorecendo a realização do rotacismo. A vogal baixa apresentou um peso relativo de 0,76, seguida da vogal média com peso relativo de 0,51, finalizando com a vogal alta, que obteve um peso relativo de 0,23.

Considerando os resultados do Sig.Wald, na Tabela 1, nota-se que há cerca de 3% de possível variação no valor do peso relativo (para cima ou para baixo) quanto aos fatores vogal baixa e vogal alta, o que não interfere em seu condicionamento linguístico, uma vez que independente dessa possível variação, a vogal baixa continua tendo um peso relativo menor que 0,5, desfavorecendo o processo de rotacismo. De igual modo, a vogal alta continua com peso relativo maior que 0,5, mesmo se oscilar em 3%, favorecendo o processo de variação. Por outro lado, com quase 93% de possível oscilação do peso relativo da vogal média, não é possível assegurar qualquer tipo de condicionamento desse fator no processo de variação do rotacismo em Alagoas.

Os resultados indicam, então, que há uma clara relação entre altura da vogal do contexto seguinte e o processo do rotacismo, sendo que a vogal alta inibe o processo, a vogal média é neutra e a vogal baixa o favorece.

Dentre as variáveis mais agregadas, analisadas a partir do CCI, a variável com maior significância foi a variável indivíduo (Tabela 2), indicando que um percentual alto da variabilidade (65%) pode ser atribuído ao indivíduo falante e que de algum modo não foi controlado no modelo final desta pesquisa.

Nesse sentido, o teste de CCI permite determinar a confiabilidade dos dados analisados, pois possibilita verificar o quanto do teste pode ser explicado por questões de natureza do indivíduo ou da língua, que não foram considerados no modelo de análise final. Ou seja, como apenas a variável escolaridade – dentre as variáveis sociais – foi mantida no modelo final, isso significa que 35% do processo variável é explicado pela escolaridade do falante, mas é possível que outros fatores externos, de algum modo, interfiram no processo de variação do rotacismo.

	n	Variância	CCI	Sig.TRMV
Indivíduo	120	6.119	65,0%	2,2e-16[4]
Item lexical	146	5.591e-10	1,7%	6,0e-05

Tabela 2: Variáveis agregadas de efeito aleatório incluídas no modelo final
Fonte: Elaboração dos autores

[4] Este valor após e- indica a quantidade de casas decimais em zero antes do primeiro algarismo da expressão.

O resultado para a variável item lexical, por outro lado, indica que há pouco da natureza linguística não controlada por esta pesquisa que interfira no processo de variação do rotacismo, menos de 2%. Isso indica que as variáveis linguísticas presentes no modelo final de análise (contexto anterior e contexto seguinte) são suficientes para explicar o condicionamento linguístico do rotacismo em Alagoas.

Após fazer este percurso e adentrar nas variáveis significativas (escolaridade, contexto anterior, contexto seguinte), são feitas algumas considerações acerca das variáveis descartadas no modelo final.

	Total	**%rotacismo**	**Peso Relativo**	**Sig Wald**	**Sig TRMV**
Sexo					0,09
Feminino	249	4.8%	*	*	
Masculino	374	9.9%	*	*	
Idade[5]	*	*	*	*	0,29
Cidade					0,12
Arapiraca	157	14%	*	*	
Delmiro	102	6.9%	*	*	
Maceió	227	12%	*	*	
Palmeira dos Índios	92	1%	*	*	
Santana	45	15.%	*	*	
Cont. Silábico					0,30
Final	144	3.5%	*	*	
Inicial	181	11%	*	*	
Medial	298	8.1%	*	*	
Tonicidade					0,78
Átono	278	5.8%	*	*	
Tônico	296	9.8%	*	*	

Tabela 3: Variáveis independentes descartadas do modelo final (sem significância estatística)

Fonte: Elaboração dos autores

A tonicidade do segmento não demonstrou favorecimento na produção do rotacismo, diferentemente do resultado obtido por Santos (2019) em Capela/AL, onde esta variável se mostrou significativa. Neste estudo, a hipótese inicial era de que a tonicidade favoreceria o rotacismo, o que não se confirmou, tendo em vista que a variável obteve um valor Sig. TRMV acima de 0,05.

[5] A variável idade não apresenta percentuais por se tratar de uma variável contínua, sendo analisada através de sua distribuição linear.

Como se vê na Tabela 3, a variável sexo/gênero também não mostrou significância estatística. Para todos os efeitos, o sexo/gênero masculino obteve 9.9% de realização, um valor maior de realização em relação ao sexo/gênero feminino, com 4,8%. O sexo/gênero é uma variável importante nos estudos sociolinguísticos e está associada à construção dos papéis sociais interpretados pelos indivíduos. Porém, em Alagoas, não é possível identificar o condicionamento linguístico do rotacismo em relação ao sexo/gênero do falante.

De igual modo, a análise estatística identificou a variável idade como não sendo favorecedora à realização do rotacismo. A idade do informante constitui uma variável um tanto complexa nas pesquisas sociolinguísticas, pois sua distribuição é naturalmente correlacionada com outros aspectos também de ordem social.

Na pesquisa de Costa (2006), a idade do informante foi considerada favorecedora do rotacismo, evidenciando que tanto a faixa etária mais nova quanto a mais velha realizam o fenômeno. Este resultado aponta para o lado oposto do estudo piloto realizado por Costa (2006), no qual a faixa etária mais nova foi significativa para a realização do rotacismo, mostrando uma mudança em progresso na comunidade de São José do Norte.

O não condicionamento da variável idade indica que o processo do rotacismo caminha de forma estável em Alagoas, pois, "[...] quando os falantes mais jovens e mais velhos usam uma variável, significa que ela apresenta indícios de estabilidade, ainda mais se for uma variável estigmatizada como o rotacismo" (COSTA, 2006, p. 104).

A variável cidade também não apresenta significância estatística quanto a produção do rotacismo em Alagoas. Apesar de não haver uma uniformidade na distribuição percentual dos dados, não ocorreu um condicionamento linguístico dessa variante para o estudo. Das cidades que formam o corpus desta pesquisa, Santana obteve 15.6%; seguida de Arapiraca, com 14%; Maceió, com 12%; Delmiro, com 6.9%; e Palmeira dos Índios, com 1%. Assim, é possível inferir que Alagoas tem um comportamento linguístico relativamente uniforme quanto a realização do rotacismo, não havendo distinções pontuais no interior desta comunidade de fala.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das variáveis sociais testadas, a escolaridade foi a única que se mostrou condicionante do processo de variação do rotacismo, revelando uma possível valoração social negativa por parte da escola. Isso se confirma no fato de que quanto mais o indivíduo aumenta seu nível de instrução escolar, menores são as chances de ele realizar o rotacismo.

Embora não seja possível afirmar categoricamente, com base nos resultados desta pesquisa, que a consoante resultante do processo de rotacismo seja uma variante estigmatizada no estado de Alagoas, parece claro que ela sofre algum tipo de valoração social negativa influenciada pelo ambiente da escola, o que caracteriza o processo como variação do tipo marcador.

Com o descarte das variáveis sexo, idade e cidade do modelo final, observa-se que o processo do rotacismo caminha de forma estável em Alagoas, não se tratando de um processo em expansão. Isso é evidenciado tanto pelo descarte destas variáveis sociais quanto por sua produção por falantes de todas as idades e de ambos os sexos/gêneros. Dessa forma, pode-se dizer que o processo de alternância entre /l/ e /r/ não é socialmente motivado (idade e sexo não mostram condicionamento no processo) e está em plena atividade.

Referente aos condicionamentos linguísticos, conclui-se que o fenômeno do rotacismo é influenciado pelo contexto anterior precedido de uma labial. Do mesmo modo, o contexto seguinte sucedido da vogal baixa atua de forma positiva no favorecimento do rotacismo.

Por fim, compreende-se a necessidade de realização de outras pesquisas para aprofundar as descobertas sobre as forças sociais que interferem no processo de rotacismo em Alagoas, sobretudo porque o teste de CCI indicou que ainda há muito de natureza externa – além da escolaridade, que foi controlada no modelo final de análise – que interfere no processo de variação linguística.

Assim, é importante que se realizem novos estudos com ampliação de *corpus* de análise e inserção de novas variáveis sociais, com a finalidade de dirimir dúvidas sobre as forças que atuam sobre o processo de variação do rotacismo.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. *Preconceito linguístico.* 56. ed. São Paulo: Editora Parábola, 2015.

COLLISCHONN, G. *Fonologia do português brasileiro, da sílaba à frase*. UFRGS: Instituto de Letras, 2006. p. 34-45.

COSTA, L. T. Análise variacionista do rotacismo. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – *ReVEL*, v. 5, n. 9, ago. 2007.

COSTA, L. T. *Estudo do rotacismo*: variação entre as consoantes líquidas. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolinguística*: o tratamento da variação. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à Sociolinguística*: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.

PALHANO, M. S. A. C. *Rotacismo na cidade de Quedas do Iguaçu*. 2016. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português-Inglês) – Departamento Acadêmico de Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2016.

REIS, G. F. M. CRAVÍCULA E CARCANHÁ: a incidência do rotacismo no falar maranhense. *Revista Littera*, v. 1, n. 1, jan./jul. 2010.

SANTOS, C. M. *O rotacismo em Capela/AL*: uma análise variacionista. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Português) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, Universidade de Maceió, Maceió, 2019.

TEM, L. F. Rotacização das líquidas nos grupos consonantais: e apresentação Fonológica da Variação. *Dissertação*. (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à Sociolinguística*: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 51-57.

Recebido em 02/10/2021. Aceito em 05/02/2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e84569

RHOTACISM IN ALAGOAS: A VARIATIONIST ANALYSIS

ROTACISMO EM ALAGOAS: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA

ROTACIÓN EN ÁLAGOAS: UN ANÁLISIS VARIACIONISTA

Maria Aparecida dos Santos Valentim*
Maria de Fátima Rocha Santos**
Almir Almeida de Oliveira***
State University of Alagoas

ABSTRACT: This paper presents an investigation on the phenomenon of rhotacism in Alagoas in the light of the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008). The objective is to analyze the process of rhotacism in Alagoas and the social and linguistic pressures involved in this process. Six hundred twenty-three susceptible occurrences of rhotacism are analyzed in interviews with 120 speakers from 5 cities of the state of Alagoas. It is noted that the schooling variable influences the performance of rhotacism, the less educated the speaker is, the more likely the presence of rhotacism, revealing a possible negative social valuation by the school. For linguistic variables, the previous context and the following context stand out, evidencing, respectively, that the performance of rhotacism is favored if the consonant preceded by /l/ is labial and if the vowel followed by /l/ is the low vowel.
KEYWORDS: Variationist Sociolinguistics. Alagoas. Rhotacism.

RESUMO: Investiga-se, neste trabalho, o fenômeno do rotacismo em Alagoas, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008). Objetiva-se analisar o processo do rotacismo no estado de Alagoas e as pressões sociais e linguísticas envolvidas neste processo. Analisam-se 623 ocorrências suscetíveis de rotacismo em entrevistas de 120 falantes de 5 cidades alagoanas. Nota-se que a variável escolaridade influencia a realização do rotacismo, no sentido de que quanto menos escolarizado for o falante, mais favorecida é a realização do rotacismo, revelando uma possível valoração social negativa por parte da escola. Para as variáveis linguísticas, destaca-se o contexto anterior e o contexto seguinte, que mostrou, respectivamente, que a realização do rotacismo é favorecida se a consoante precedida de /l/ for labial e se a vogal seguida de /l/ for a vogal baixa.
PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Variacionista. Alagoas. Rotacismo.

RESUMEN: Este trabajo investiga el fenómeno de la rotación en Alagoas, a la luz de los supuestos teórico-metodológicos de la sociolingüística variacionista (LABOV, 2008). El objetivo es analizar el proceso de rotación en el estado de Alagoas y las presiones sociales y lingüísticas involucradas en este proceso. Se analizaron 623 ocurrencias susceptibles de rotación en entrevistas con 120

*Graduating in Letras from the State University of Alagoas – UNEAL. E-mail: mariavalentim@alunos.uneal.edu.br.

** Graduated in Letras from the State University of Alagoas – UNEAL. E-mail: fatimarocha2014@hotmail.com.

*** Adjunct Professor at the State University of Alagoas – UNEAL. E-mail: almir.oliveira@uneal.edu.br.

ponentes de 5 ciudades de Alagoas. Se observa que la variable educación influye en el desempeño de la rotación, en el sentido de que cuanto menos educado es el hablante, más favorece el desempeño de la rotación, revelando una posible valoración social negativa por parte de la escuela. Para las variables lingüísticas, destacamos el contexto anterior y el contexto siguiente, que mostraron, respectivamente, que se favorece la realización de la rotación si la consonante precedida por /l/ es labial y si la vocal seguida de /l/ es la vocal baja.
PALABRAS CLAVE: Sociolingüística Variacionista. Alagoas. rotacíon.

1 **INTRODUCTION**

The object of study of this work is the rhotacism phenomenon, characterized by the substitution of the consonant /l/ for the consonant /ɾ/ in words such as: "planta ~ pranta," "problema ~ probrema," and "claro ~ craro." The research investigates how rhotacism is produced in Alagoas and analyzes spontaneous speech data from speakers of five of the most important cities in the state: Arapiraca, Delmiro Gouveia, Maceió, Palmeira dos Índios, and Santana do Ipanema, distributed among the three mesoregions of Alagoas: Coast, Agreste, and Sertão.

Rhotacism is one of the most common linguistic phenomena in the Portuguese language and has appeared since the Latin language, through the Portuguese formation process. One can see how the Latin forms 'blandu,' 'clavu,' and 'plaga' were transformed into the Portuguese forms 'brando,' 'cravo,' and 'praga.' For Bagno (2015, p. 65), "the words had, in their origin, an obvious L that turned into R."

Although the phenomenon of rhotacism is part of the history of the Portuguese language and is widespread in Brazil, it is still a stigmatized phenomenon, as reported by Costa (2011), constantly associated with speakers of lower social classes and levels of education. In Brazil, few studies address the phenomenon of rhotacism based on spontaneous speech data.

The work by Santos (2019), carried out in Capela/AL, is one of the first to research rhotacism in Alagoas. It indicates the phenomenon of rhotacism as a process with negative social valuation, produced by older people and favored by informants with less education.

Along this line, the research of Reis (2010), Costa (2007), and Tem (2010) indicate in their results the influence of schooling on the manifestation of rhotacism. Reis (2010), who investigates rhotacism in the state of Maranhão, confirms the importance of poor education in favoring rhotacism, noting that the normalizing action of the school can suppress the occurrence of the phenomenon. Costa (2007), in São José do Norte, Rio Grande Sul, finds similar results that indicate the prevalence of rhotacism in individuals with less schooling.

Studies by Tem (2010) in Rio de Janeiro found that schooling is a factor that influences the use of rhotacism, evidencing that individuals with a lower level of education tend to perform rhotacism more and individuals with higher education avoid the stigmatized forms, such as "pranta," giving preference to more prestigious forms, such as "planta." Thus, one of the hypotheses of this work is that rhotacism is in the process of change, giving way to the prestigious variants.

The guiding questions of this work are the following:

a) Is the alternation between /l/ and /ɾ/ socially motivated?
b) How do the internal language factors act in the process of rhotacism?
c) Is the phenomenon socially stigmatized in Alagoa's speech?
d) Is there a process of linguistic change in progress?

To answer these questions, the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008) are adopted, which investigate linguistic and social factors in a correlated way, acting in the conditioning of variable linguistic processes, allowing to identify the social values that operate on the language.

The work will be organized into three sections: first, the **methodology** used will be addressed, and methodological procedures of data collection will be presented with the statistical treatment used. The second section is intended to analyze **the results** obtained through computer programs, presented in tables and graphs for a better interpretation. Finally, in the **Conclusion**, some considerations will be made about the results found, in addition to a synthesis regarding the phenomenon of rhotacism in Alagoas.

2 METHODOLOGY

In this study, the theoretical-methodological proposal of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008) is used to analyze linguistic variation and change to investigate, in the state of Alagoas, rhotacism, characterized as the process of alternating consonants /l/ and /ɾ/.

For the investigation, spontaneous speech data from subjects from Arapiraca, Delmiro Gouveia, Maceió, Palmeira dos Índios, and Santana do Ipanema are analyzed. Analyzes are carried out to find the factors that interfere in the process of linguistic variation and change of this phenomenon. The research sample consisted of spontaneous speech data from 120 participants from the five cities analyzed and is part of the 'PORTAL - Português Alagoano' project database.

The selection criteria were: (1) having been born in the municipality, (2) not having been absent from the municipality for more than 10 years, and (3) having both parents also born in the municipality (preferably). The sampling used was non-probabilistic, in which the selection occurred through the indication of friends and acquaintances. Samples of each city were distributed considering the social variables gender (female and male), age (between 18 and 30 years old, between 40 and 55 years old, and over 65 years old), and schooling (less than 9 years and more than 11 years). It is important to note that, regardless of whether they were considered in the data collection as categorical variables, schooling and age were treated as continuous variables within a statistical model of multilevel logistic regression analysis.

The data that form the *corpus* of this research were collected through semi-structured interviews because, according to Labov (2008), the direct observation of the vernacular, the language used in real situations in face-to-face interaction, would be the primary method of linguistic investigation.

A TASCAM voice recorder, model DR-100, was used. The recordings were made in .WAV format, with a sampling rate of 24 *bits* and a resolution of 48kHz. The duration of the recordings averaged between 9 and 11 minutes.

The data were orthographically transcribed in the PRAAT *Software*, which allowed synchronization between audio and transcription. The intervals in the PRAAT were created due to the pauses (silence greater than or equal to 200ms). With this, 3 *tiers* were developed: for the documenter's speeches, for the participant's speech, and for 'others,' in which the speeches of people who were not included in the interview or other sounds would be recorded. The coding of the participants followed the reasoning: participant DE19M13 lives in the city of Delmiro Gouveia (DE), is 19 years old, is male (M), and has 13 years of schooling.

The occurrences were selected automatically, using text search features in PRAAT. All events were analyzed acoustically (with spectrograms and oscillograms) to classify the variants objectively.

The social variables investigated were gender (male or female), age, and schooling – analyzed as continuous variables –; and geographic location, the respondents belonged to cities in different regions of the state of Alagoas: Arapiraca, Delmiro Gouveia, Maceió, Palmeira dos Índios, Santana do Ipanema.

The linguistic variables investigated were: *syllabic context*, which refers to the position of the consonant cluster, distinguishing them into initial, medial, and final (**pl**anta, pro**bl**ema, sim**pl**es); *previous context,* which deals with what precedes the variable in question, *labial* (bí**b**lia, **p**lanejar, **f**lores) or *dorsal*; *following context,* which concerns the height of the vowel after /l/, classifying them between *low vowel, middle vowel, and high vowel* (pl**a**netário, simpl**e**s, bl**o**co, cl**u**be, cl**i**ma); and *stress,* which refers to the absence or presence of the accent in the syllabic context that contains the consonant /l/: stressed as in **Cláu**dia and unstressed as in b**íblia**.

For the quantitative analysis, the statistical analysis program R was used, in its integrated development platform *RStudio*, using the inferential method of multilevel logistic regression, which allowed the performance of the maximum likelihood ratio (TRMV) test of the Wald test (TW), and the Intraclass Coefficient Correlation (ICC).

The TRMV analyzes the statistical significance between independent variables, making it possible to verify the possible conditioning of statistically significant independent variables and rank them. From the TRMV, only the investigated variables within the confidence interval ≥ 95% are kept in the final analysis model, that is, those that obtain Sig.TRMV equal to or less than 0.05.
The TW allows analysis of the statistical significance between factors within the independent variables, making it possible to find the factors that present statistically different effects from the mean of the impact of the elements on an independent variable (relative weight = 0.50). The significance of the TW assesses the probability of making an error by denying the null hypothesis, with the null hypothesis being true.

The Wald test null hypothesis refers to the effect of a factor on an independent variable being equal to the mean of the effects of the factors on that variable. The alternative view is that the effect of the same factor is different from the average of the effects of the elements. The lower the significance in the TW, the more significant the difference between the effect of a factor and the average of the effects of the factors. The TW allows checking whether the effect of an element is statistically different from a neutral effect.

The intraclass correlation coefficient (ICC) test was also performed, assessing the agreement between the set of variable data. It is used to determine the validity of the investigated content. In the case of this research, the individual and the lexical item were analyzed from the CCI to assess how much of the conditioning of the dependent variable can be explained by the internal and external variables present in the final analysis model.

3 ANALYSIS OF RESULTS

In this section, the results obtained in the statistical analysis of the linguistic phenomenon of rhotacism will be presented, taking as the dependent variable the presence of the liquid consonant /l/ or its alternation with the simple occlusive /ɾ/.

All occurrences in the complex attack environment were analyzed[1], formed by an obstruent plus a lateral – linguistic context of the rhotacism, in words like "planta ~ pranta," "problema ~ probrema" – verifying 623 susceptible occurrences of rhotacism, distributed among the 5 cities, in Alagoas, taken as the *corpus* (Arapiraca, Delmiro Gouveia, Maceió, Palmeira dos Índios, and Santana do Ipanema).

Initially, the extralinguistic variables investigated were age, sex, education, and at the linguistic level syllabic context, previous context, following context, and stress. After applying the TRMV, only the external schooling variable and the internal variables previous context and following context were selected for the final analysis model.

[1] The complex attack is a characteristic consonant cluster in Brazilian Portuguese (BP). This cluster allows the combination CCV (consonant + consonant + vowel), as in **planta** or prato, with only the consonants /l/ and /r/ being able **to** occupy the second position in a complex attack (COLLISCHONN, 2006, p.36).

Table 1: Independent variables included in the final model (considered significant)

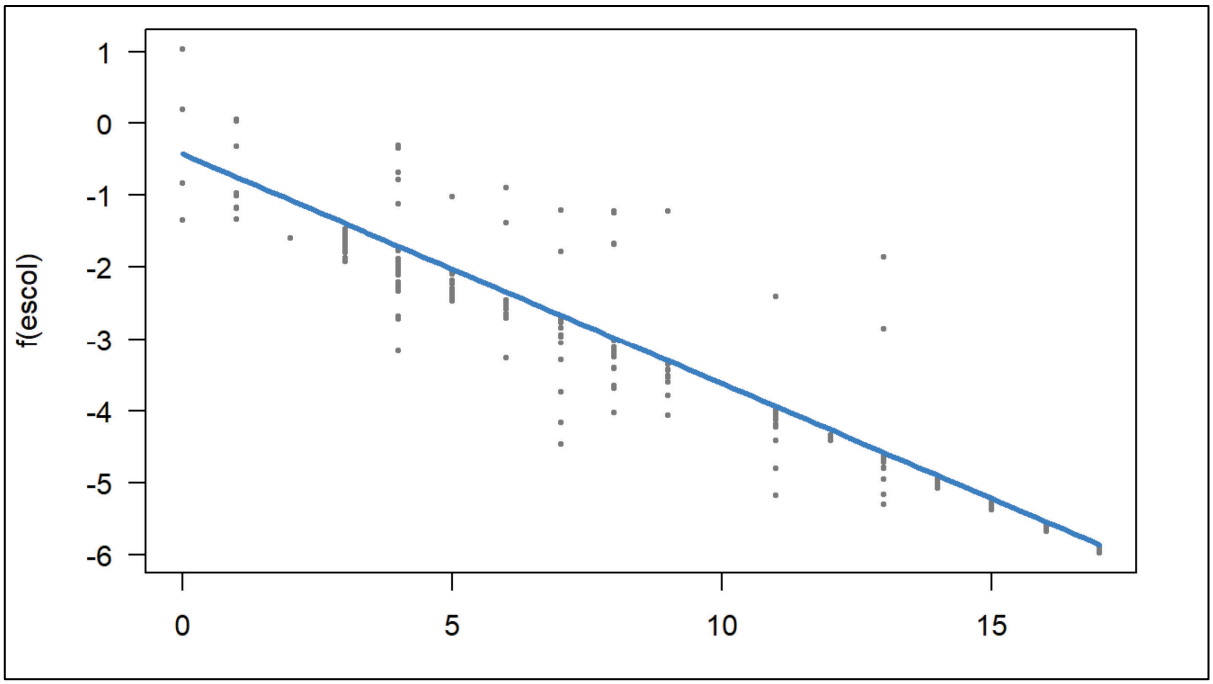
	Total	%Rhotacism	Relative Weight	Sig Wald	Sig TRMV
Education[2]	*	*	*	*	6.97e-07[3]
Total Previous					0.001
Dorsal	184	3.3%	0.14	0.019	*
Lip	439	9.8%	0.86	0.018	*
Total. Following					0.009
High vowel	203	2.5%	0.23	0.030	*
Low vowel	140	17.9%	0.76	0.031	*
Middle vowel	280	6.8%	0.51	0.927	*

Source: Author (2021)

The results obtained in the statistical analysis showed that only the variables schooling, previous context, and following context were favorable to rhotacism, as can be seen in Table 1 since they obtained Sig. TRMV less than 0.05.

The schooling variable proved to be significant as a conditioning factor for the process of rhotacism variation. As shown in Graph 1, there is a direct relationship between the schooling variable and the performance of rhotacism, evidencing that as the individual increases their level of schooling, the lower the chances of performing rhotacism.

Graphic 1: Effect of the schooling variable on the performance of rhotacism in Alagoas



Source: Author (2021)

[2] The schooling variable does not present percentages, relative weight, and Sig.Wald because it is a continuous variable, being analyzed through its linear distribution.

[3] This notation means represents the number of zeros before the first decimal place.

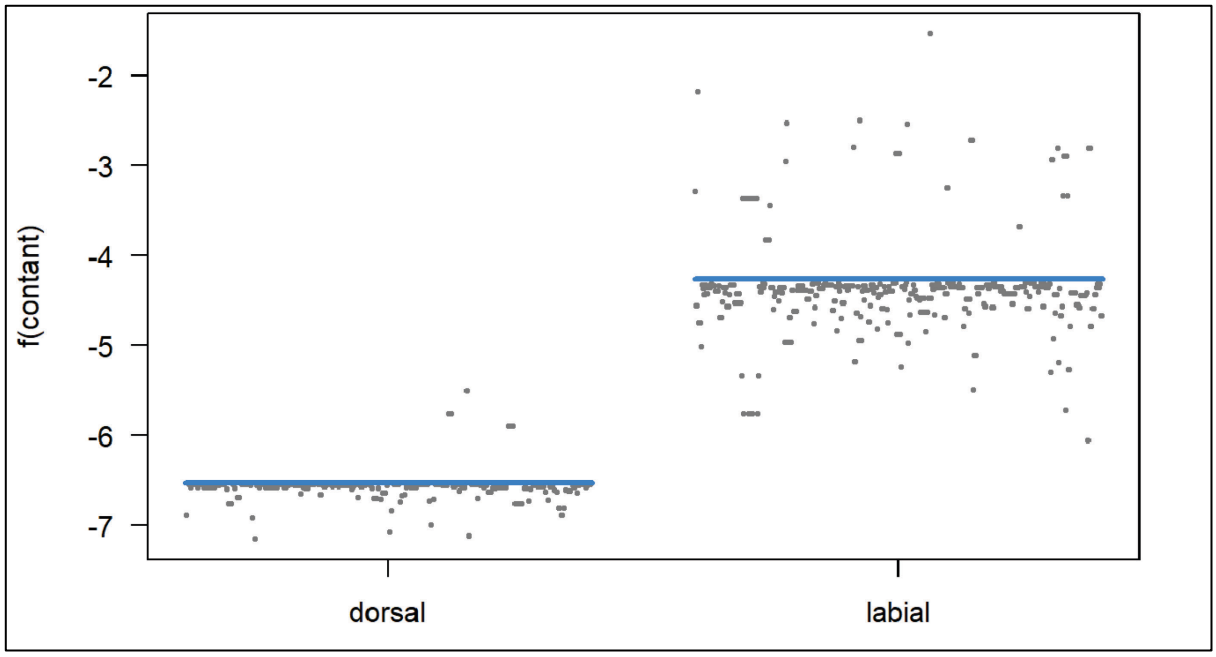
This result corroborates those found in other research, such as Palhano (2016), in the city of Quedas do Iguaçu, which brings in its results an application of 67% of rhotacism for informants with Elementary School and 33% for informants in High School, reinforcing the thesis that the level of schooling has a significant influence on the performance of rhotacism.

Costa (2006) in São José do Norte, Rio Grande do Sul, also points out the schooling variable as significant in his research, with a percentage of application of rhotacism of 14% for informants with up to 4 years of schooling and 7% for informants with more than 4 years of study.

Results like these show two factors: 1) the school greatly influences individuals to use the prestigious forms, leaving aside the discredited forms; 2) the importance of the school in the formation of subjects who can notice the social valuation that falls on the different linguistic variants: "The stigmatized form is interpreted as inferior, in aesthetic and informative terms, by the members of the discursive community. Thus, the consensus is created regarding the stigmatized character of users of framengo, probrema, and homi". (VOTRE, 2004, p.52).

As for the previous context variable, the results indicate that labial consonants, as in linguistic forms such as "**p**lanta," "pro**b**lema," and "**f**lor," behave as favoring rhotacism, to the detriment of dorsal ones of the type "in**c**lusive" and "**c**lima." To demonstrate this, see the graph below that illustrates how the previous context variable was dispersed in the performance of rhotacism:

Graph 2: Previous context variable and performance of rhotacism.



Source: Author (2021)

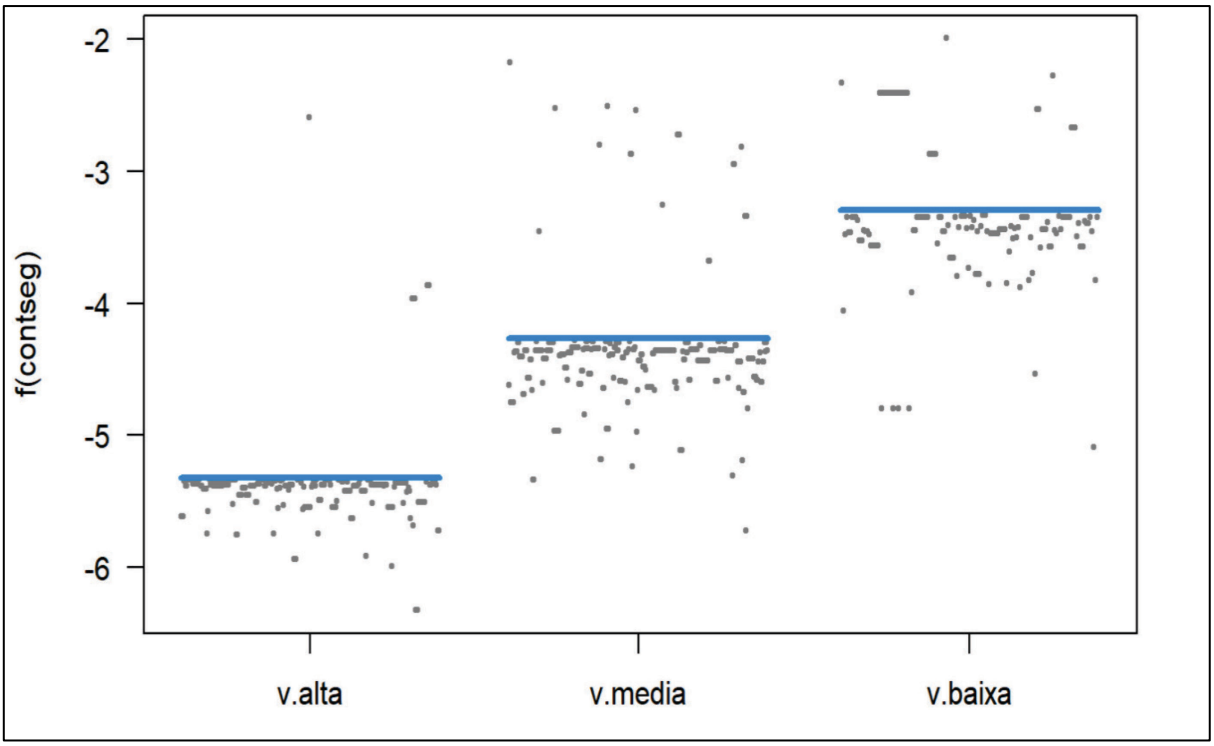
Labial consonants point to a high statistical significance index, not seen in dorsal consonants with a lower mean. The total realization values, percentages, and relative weights, presented in Table 1, indicate how labial consonants in a context before liquid consonants are related to favoring the rhotacism phenomenon.

The anterior context variable showed a relative weight of 0.86 for labials and 0.14 for dorsal ones, evidencing that the anterior context with a labial consonant is the environment that most favors rhotacism. In contrast, the previous context with a dorsal sound inhibits rhotacism.

The following context variable was also significant in the statistical analysis. For the following context, the vowel categories that occur after the lateral consonant were investigated, using the vowel height: low vowel ([a]), middle vowel ([e], [ɛ], [o], and [ɔ]); and

high vowel ([u] and [i]) in words like "[pl]anta ~ [pɾ]anta," "pro[bl]ema ~ pro[bɾ]ema," "in[kl]usive ~ in[kɾ]usive," and " [kl]ima ~ [kɾ]ima."

Graph 3: Effect of the following context on rhotacism



Source: Author (2021)

As can be seen, the low vowel presented positive conditioning in the following context, favoring rhotacism. The low vowel had a relative weight of 0.76, followed by the medium vowel with a relative weight of 0.51, ending with the high vowel, which had a relative weight of 0.23.

Considering the results of Sig.Wald, in table 1, it is noted that there is about 3% of possible variation in the relative weight value (up or down) regarding the low vowel and high vowel factors, which does not interfere in its linguistic conditioning since, regardless of this possible variation, the low vowel continues to have a relative weight of less than 0.5, disfavoring the rhotacism process. Likewise, the high vowel continues with a relative weight greater than 0.5, even if it fluctuates by 3%, favoring the variation process. On the other hand, with almost 93% of possible oscillation of the middle vowel's relative weight, it is impossible to guarantee any conditioning of this factor in the process of rhotacism variation, in Alagoas.

The results indicate a clear relationship between the vowel height of the following context and rhotacism, with the high vowel inhibiting the process, the middle vowel being neutral, and the low vowel favoring it.
Among the most aggregated variables analyzed from the CCI, the variable with the greatest significance was the individual variable (Table 2), indicating that a high percentage of variability (65%) can be attributed to the speaking individual and that somehow it was not controlled in the final model of this research.

In this sense, the ICC test makes it possible to determine the reliability of the analyzed data. It allows the verification of how much of the test can be explained by questions of the nature of the individual, or the language, which were not considered in the final analysis model. Since only the education variable – among the social variables – was kept in the final model, it means that the speaker's education explains 35% of the variable process. Still, it is possible that other external factors somehow interfere in the process of rhotacism variation.

Table 2: Aggregate random effect variables included in the final model

	n	Variance	ICC	Sig. TRMV
Individual	120	6.119	65.0%	2.2e-16[4]
lexical item	146	5.591e-10	1.7%	6.0e-05

Source: Author (2021)

The result for the lexical item variable, on the other hand, indicates that there is little of the linguistic nature not controlled by this research that interferes in the process of rhotacism variation, less than 2%. This suggests that the linguistic variables present in the final analysis model (previous context and following context) are sufficient to explain the linguistic conditioning of rhotacism in Alagoas.

After taking this route and entering the significant variables (education, previous context, next context), some considerations are made about the variables discarded in the final model.

Table 3: Independent variables discarded from the final model (no statistical significance)

	Total	**% Rhotacism**	**Relative Weight**	**Sig Wald**	**Sig TRMV**
Gender					0.09
Female	249	4.8%	*	*	
Male	374	9.9%	*	*	
Age[5]	*	*	*	*	0.29
City					0.12
Arapiraca	157	14%	*	*	
Delmiro	102	6.9%	*	*	
Maceió	227	12%	*	*	
Palmeira dos Índios	92	1%	*	*	
Santana	45	15%	*	*	
Cont. Syllabic					0.30
Final	144	3.5%	*	*	
Initial	181	11%	*	*	
Medial	298	8.1%	*	*	
Tonicity					0.78
Unstressed	278	5.8%	*	*	
Tonic	296	9.8%	*	*	

Source: Author (2021)

[4] This value after e- indicates the number of decimal places in zero before the first digit of the expression.

[5] The age variable does not present percentages because it is a continuous variable, being analyzed through its linear distribution

The tonicity of the segment did not favor the production of rhotacism, differently from the result obtained by Santos (2019) in Capela/AL, where this variable proved to be significant. In this study, the initial hypothesis was that tonicity would favor rhotacism, which was not confirmed, considering that the variable obtained a Sig value. TRMV above 0.05.

As shown in Table 3, the gender variable also did not show statistical significance. The male gender achieved 9.9%, a higher achievement value than the female gender with 4.8%. Gender is an essential variable in sociolinguistic studies and is associated with the construction of social roles interpreted by individuals. However, in Alagoas, it is impossible to identify the linguistic conditioning of rhotacism concerning the speaker's gender.

In the same way, the statistical analysis identified the age variable as not favorable to the rhotacism's performance. The informant's age is a rather complex variable in sociolinguistic research, as its distribution is naturally correlated with other aspects of a social nature.

In Costa's (2006) research, the informant's age favored rhotacism, showing that both the youngest and the oldest age groups perform the phenomenon. This result points to the opposite side of the pilot study carried out by Costa (2006), in which the younger age group was significant for the performance of rhotacism, showing a change in progress in the community of São José do Norte.

The non-conditioning of the age variable indicates that the process of rhotacism is stable in Alagoas because "when younger and older speakers use a variable, it means that it shows signs of stability, even more so if it is a variable as stigmatized as the rhotacism variable." (COSTA, 2006, p. 104).

The city variable also does not show statistical significance regarding the production of rhotacism in Alagoas. Although there was no uniformity in the percentage distribution of data, this variant had no linguistic conditioning for the study. Of the cities that form the *corpus* of this research, Santana obtained 15.6%, followed by Arapiraca, with 14%, Maceió, with 12%, Delmiro, with 6.9%, and Palmeira dos Índios, with 1%. Thus, it is possible to infer that Alagoas has a relatively uniform linguistic behavior regarding the performance of rhotacism, with no punctual distinctions within this speech community.

4 CONCLUSION

Of the social variables tested, schooling was the only one that proved to be a conditioning factor in the process of the rhotacism variation, revealing a possible negative social valuation on the part of the school. This is confirmed by the fact that the more the individual increases his level of schooling, the lower the chances of performing rhotacism.

Although it is not possible to categorically state, based on the results of this research, that the consonant resulting from the rhotacism process is a stigmatized variant in the state of Alagoas, it seems clear that it suffers some negative social valuation influenced by the school environment, which characterizes the process as a marker-type variation.

With the exclusion of the variables gender, age, and city from the final model, it is observed that the process of rhotacism is stable in Alagoas, not an expanding process. This is evidenced by the discarding of these social variables and by their production by speakers of all ages and genders. Thus, it can be said that the process of switching between /l/ and /r/ is not socially motivated (age and gender do not show conditioning in the process) and is in full swing.

Regarding linguistic conditioning, it is concluded that the phenomenon of rhotacism is influenced by the previous context preceded by a labial. In the same way, the following context following the low vowel acts positively in favoring rhotacism.

Finally, it is understood the need to carry out further research to deepen the discoveries about the social forces that interfere in the process of rhotacism in Alagoas, mainly because the CCI test indicated that there is still much of external nature - in addition to schooling, which was controlled in the final analysis model – which interferes in the process of linguistic variation.

Thus, it is essential to carry out new studies with the expansion of the *corpus* of analysis and the insertion of new social variables to resolve doubts about the forces that act on the process of rhotacism variation.

REFERENCES

BAGNO, M. *Preconceito linguístico*. 56. ed. São Paulo: Editora Parábola, 2015.

COLLISCHONN, G. *Fonologia do português brasileiro, da sílaba à frase*. UFRGS: Instituto de Letras, 2006. p. 34-45.

COSTA, L. T. Análise variacionista do rotacismo. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – *ReVEL*, v. 5, n. 9, ago. 2007.

COSTA, L. T. *Estudo do rotacismo*: variação entre as consoantes líquidas. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolinguística*: o tratamento da variação. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à Sociolinguística*: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.

PALHANO, M. S. A. C. *Rotacismo na cidade de Quedas do Iguaçu*. 2016. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português-Inglês) – Departamento Acadêmico de Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2016.

REIS, G. F. M. CRAVÍCULA E CARCANHÁ: a incidência do rotacismo no falar maranhense. *Revista Littera*, v. 1, n. 1, jan./jul. 2010.

SANTOS, C. M. *O rotacismo em Capela/AL*: uma análise variacionista. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Português) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, Universidade de Maceió, Maceió, 2019.

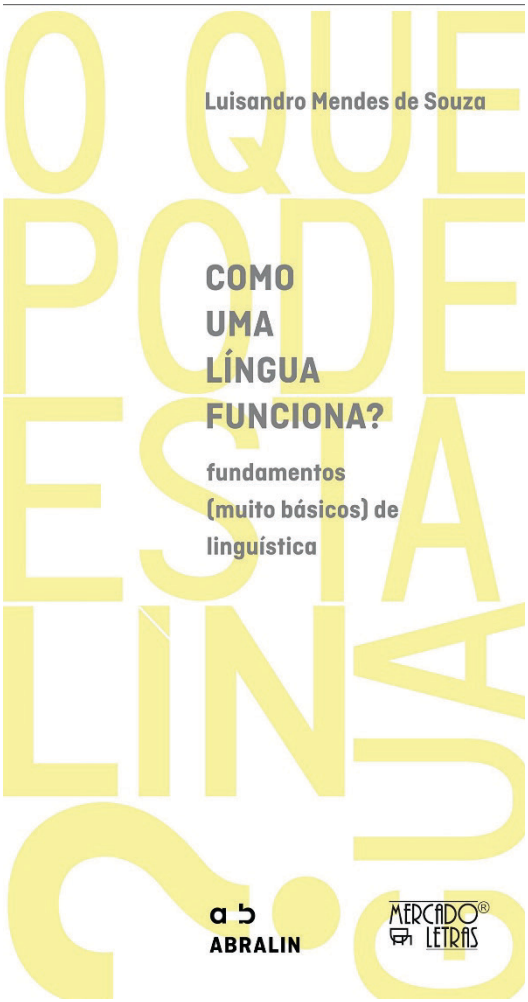
TEM, L. F. Rotacização das líquidas nos grupos consonantais: e apresentação Fonológica da Variação. *Dissertação*. (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à Sociolinguística*: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 51-57.

Received on October 10, 2021. Approved on February 5, 2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e90019

RESENHA/*REVISIÓN*/REVIEW



SOUZA, L. M. de. *Como funciona uma língua*: fundamentos (muito básicos) de linguística. Campinas: Mercado de Letras, Abralin, 2021.

Marcelo Módolo*

Muri Lucas Pereira**

Universidade de São Paulo

Inciativas de vulgarização do conhecimento científico cumprem papel essencial não só na formação de novas gerações de pensadores, mas também no próprio questionamento das ideias veiculadas. É esse caráter pedagógico e, portanto, dialógico da busca de um objeto cognoscível que lança novos olhares sobre aquilo que se estuda (FREIRE, 1980), sendo esta uma das razões para o esforço educador, qualquer que seja a área do saber. É tentando cumprir esse papel e aproximar de um amplo público o pensamento científico sobre a língua, a linguística, que Luisandro Mendes de Souza se debruça em *Como funciona uma língua: fundamentos (muito básicos) de linguística*.

* Doutor em Letras (USP/CNPq). Professor de Filologia e Língua Portuguesa no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: modolo@usp.br.

** Graduada em Engenharia Química (UFSCar). Graduanda em Letras (USP). E-mail: murilucas@usp.br.

Neste livro, o leitor encontrará uma louvável tentativa de abarcar campos vastos e diversos do pensamento sobre a língua em curtas 167 páginas. Na primeira parte do texto, o autor versa sobre a história das reflexões linguísticas passando pela Antiguidade Clássica, um breve comentário acerca da origem dos estudos gramaticais do português, chegando até os estudos histórico-comparativos pré-saussurianos. Com foco claro na valorização do método científico e de suas conquistas, o autor enfatiza, neste primeiro momento, o surgimento da linguística como ciência nos estudos estruturalistas de Ferdinand de Saussure, delineando suas principais ideias por meio de suas bem conhecidas dicotomias. Há breve comentário acerca do estruturalismo norte-americano de Leonard Bloomfield ao que se segue as teorias e biografias de influentes pensadores do século XX, quais sejam, Noam Chomsky, William Labov e Mikhail Bakhtin.

A segunda parte é dedicada a considerações mais específicas sobre língua e linguagem visando responder à pergunta que motiva a obra. Assim, influências sociopolíticas na definição do objeto linguístico e a consequente variação e disputa nos conceitos de língua e dialeto são cotejadas com uma abordagem mentalista do que seria a língua, típica do gerativismo chomskyano. De modo a dar uma dimensão mais concreta do trabalho de um linguista, os principais campos de pesquisa desta disciplina são apresentados (fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática) além de uma seção descritiva sobre as várias possibilidades de atuação deste profissional.

É interessante notar que a proposta do livro vem já no título anunciada com uma expressão posta em destaque por um parêntese (*muito básicos*). Esta marca prosaica convida o leigo (público dileto do livro) e marca a faceta didática a qual se propõe o material, reiterada logo na introdução: "Estudar língua na escola certamente envolve aprender regras do que julgamos como a escrita ideal, mas também deveria envolver encarar a nossa língua e todas as línguas humanas como um objeto de investigação científica." (p. 8).

Nela, percebe-se o rigor científico com o qual se pretende apresentar os conceitos deste campo do saber sem deixar de lado a faceta humana e natural que é característica de todas as línguas que, nos compêndios tradicionais de gramática e linguística, acaba se afastando do leitor/aluno, quase como que se esses tratassem de um idioma diferente. A linguagem informal e prosaica, com tons de comicidade, já antecipada pelo título, é, assim, o maior destaque desse livro. Além de aproximar da obra um público mais amplo, ela também funciona como maneira de quebrar ideias preconcebidas acerca da pesquisa científica da linguagem, como a de que o falar cotidiano não seria objeto digno de análise, ou que este seria forma "inferior" de língua.

A escolha de exemplos tão atuais como "flopar" ou "biscoiteira" (p. 119), por exemplo, cumpre a veia educativa e científica mencionada anteriormente de forma engenhosa: ao leitor contemporâneo, instigará e chamará a atenção o rigor e prestígio dado a termos tão correntes de seu falar e escrever. Já ao leitor vindouro, quando não mais estiverem em uso tais vocábulos, interessará a curiosidade do estado da língua em tempos anteriores sendo este convidado a encontrar equivalentes de seu próprio tempo e analisá-los.

Não obstante o comportamento passivo que a leitura silenciosa muitas vezes representa, um diálogo entre autor e leitor, tão caro ao ensino, é estabelecido de forma despretensiosa e engraçada no livro de Luisandro por meio de convites a reflexão - "Para começar a empreitada, faça um exercício de observação da realidade" (p. 51) – e a construção de ideais a partir de exemplos abundantes da fala cotidiana, além de vários materiais de apoio indicados ao longo da leitura. Esta faceta interativa do livro, torna-o candidato forte ao uso no ensino básico e médio como ferramenta complementar e crítica ao estudo da gramática tradicional que tende a engessar as possibilidades da língua dado seu prescritivismo, bem como propagar concepções há muito desatualizadas.

Em um livro que tem escopo tão amplo, abarcando áreas vastas do estudo da língua, de fonética à pragmática, mencionando aspectos de metodologia e história da pesquisa linguística, é impossível que se espere mais que uma visão geral das ideias que norteiam tais campos, sem muito apresso a tendências teóricas divergentes, ou mesmo uma sistematização de conceitos.

Ainda, o que muitas vezes falta ao iniciante em uma nova área de interesse é uma visão sistêmica desta que o situe e dê dimensão de seu tamanho, algo como um mapa conceitual inicial a ser apurado e expandido em estudos futuros. Neste aspecto, o livro resenhado é certeiro. Ao final da leitura, mesmo que não se saia com conceitos sólidos e bem definidos de linguística, o leitor terá em seu arsenal um mapa teórico e relacional permitindo que este encare textos específicos sem perder, contudo, a noção do todo.

Dito isso, é tarefa daquele que se propõe a ensinar e vulgarizar, instigar e desafiar o interlocutor, expondo contradições, tensões ou ideias complexas, sem a pretensão de que sejam resolvidas no curso da leitura, mas que promovam certa busca e reflexão posteriores. Dada a linguagem acessível do livro, a princípio uma barreira a menos, a impressão que fica é a de um compêndio informativo que possui seu valor, como apontado acima, sem a promoção ativa de uma postura crítica daquele que lê.

A título de exemplo está o *capítulo As orações e os sintagmas*, no qual o autor menciona a existência de outras abordagens a sintaxe que não a chomskyana, no entanto perde a oportunidade de desenvolver um contraponto que seja a essa. Em um livro introdutório esta postura acaba por dar papel de destaque à teoria escolhida, quando uma perspectiva questionadora enriqueceria sobremaneira a discussão.

Como funciona uma língua é, assim, de grande valia ao iniciante que procura se situar nesta vasta e rica área do conhecimento que é a linguística. Apesar de muitas vezes funcionar como um compêndio informativo, há tentativas em construir um pensamento analítico sobre a língua caro ao linguista e ao cientista, em geral. Estudos mais aprofundados serão, no entanto, necessários para que se inicie de fato nas discussões teórico-metodológicas pertinentes à disciplina.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

Recebido em 05/07/2022. Aceito em 22/08/2022.

doi: http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e90848

RESENHA/*REVISIÓN*/REVIEW



DURÃO, A. B. de A. B.; DURÃO, A. B; SASTRE RUANO, M. Á. (org.). *(Meta)Lexicografia e Terminografia*. v. 3. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. 324 p.

Ana Carolina Moreira Salatini*
Universidade Estadual de Londrina

Publicado em 2020, o livro organizado por Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, Aylton Barbieri Durão e María Ángeles Sastre Ruano, intitulado *(Meta)Lexicografia e Terminografia*, apresenta, como o próprio nome indica, trabalhos e reflexões teóricas e de cunho prático acerca das áreas lexicográficas e terminográficas. Dividido em três grandes partes, *Lexicografia Geral*, *Lexicografia Especial* e *Terminografia,* a publicação compila artigos de autores espanhóis e brasileiros, tanto da cultura ouvinte como da comunidade surda. A presença desta última, com certeza, pode ser reconhecida como um diferencial do exemplar, que os coloca, como poucas vezes visto, no papel de protagonistas na elaboração de conteúdos lexicográficos[1].

* Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Mestre pelo programa de Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas da UEL. Professora colaborada na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). E-mail: carolsalatini@yahoo.com.br.

[1] Esta resenha é fruto do trabalho final desenvolvido para a disciplina de Lexicologia e Lexicografia (2LET782), do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina (Paraná/Brasil), ministrada pelo Prof. Dr. Otávio Goes de Andrade, no segundo semestre de 2021.

O primeiro conjunto de textos, pertencentes ao apartado *Lexicografia Geral,* foi desenvolvido, em sua maioria, a partir da disciplina de doutoramento *Metalexicografía y Lexicografía Práctica*, lecionada pelas professoras Adja Durão (professora-visitante) e María Ángeles Sastre (professora anfitriã), na *Universidad de Valladolid*, em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), entre os anos de 2019 e 2020[2]. O artigo inicial, inclusive, elaborado pelas próprias docentes, consiste em uma contextualização sobre o perfil dos alunos, objetivos, percursos, atividades e expectativas da supracitada disciplina. De maneira didática, relatam o passo a passo de todo o movimento do curso que, em suas palavras, buscava um enfoque, concomitantemente, teórico-crítico-prático, em que os estudantes-professores, (denominados desta maneira pelas professoras, pois são todos professores universitários de língua/literatura) pudessem, de fato, exercer o saber lexicográfico.

Uma das tarefas dos estudantes-professores detalhadamente descrita, por exemplo, se refere à elaboração de verbetes (monodirecionais espanhol-português/Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS) com palavras culturalmente marcadas da língua espanhola: *alfar*, *alfarero*, *biblioteca* (*histórica*), *bollo* (*bañado)*, *botijo*, *códice*, *níscalo* e *tortilla* (*española*). Antes de concebê-los, no entanto, foram organizadas visitas à locais, como uma olaria, uma escola de cozinha e uma biblioteca histórica, nas quais os estudantes-professores puderam conhecer o contexto real de uso de cada palavra na Espanha. Os três artigos seguintes do livro são resultados dessa atividade, no qual cada dupla de professores-docentes descreveram a macro e microestrutura de suas propostas, o perfil dos consulentes potenciais e expuseram os verbetes já produzidos. Como foram elaborados por pares diferentes e dirigidos a públicos-alvo específicos, a saber, estudantes universitários brasileiros aprendizes de espanhol, bacharéis de tradução brasileiros e comunidade surda bilíngue Libras-português, os verbetes, ainda que contemplem as mesmas palavras, apresentaram características próprias. Esta prática é uma demonstração de como a produção lexicográfica está diretamente relacionada à subjetividade dos seus autores, ou seja, ao seu conhecimento e maneira de enxergar o mundo, e à sua audiência, ou seja, quem irá utilizá-la e que informações possivelmente necessitará.

O primeiro bloco conta ainda com outros dois artigos. Um com outra proposta didática para construção de verbetes bilíngues LIBRAS-português, destinados a crianças surdas em processo inicial de letramento, no qual os autores, além de descreverem as macro e microestruturas do seu projeto de dicionário, trazem aportes teóricos significativos no que se refere à metalexicografia escolar, letramento, educação e cultura dos surdos. O outro, cujo foco está na discussão sobre a importância de se simplificar, nas obras lexicográficas, termos excessivamente técnicos, como são empregados pelos estudiosos da área da fonética, a fim de facilitar a compreensão dos consulentes. Ele traz uma reflexão ainda mais profunda no que diz respeito à quais informações que devem ser inseridas em uma macro e microestrutura de um dicionário e como fazê-lo para que seja compreensível e útil aos seus consulentes potenciais, considerando, assim, seus conhecimentos prévios e ânsias.

Na segunda parte do livro, denominada *Lexicografia Especial*, constam textos produzidos, majoritariamente, a partir da disciplina Lexicografia Teórica (Metalexicografia) e Tradução, ministrada pela professora Adja Durão como parte das atividades do Doutorado Interinstitucional em Estudos da Tradução (UFSC/Universidade Federal do Pará-UFPA). São artigos relacionados à produção de repertórios lexicográficos de temas regionais específicos, como de ingredientes da gastronomia pan-amazônica (único desenvolvido em espanhol e em português), das festividades e atos religiosos, tais quais "Marujada de São Benedito" e "Círio de Nazaré", e de gírias de uma microrregião paraense. Encontram-se conceitos referentes à macro e microestrutura, fontes primárias e secundárias para obras lexicográficas, glosas, tipos de imagens, unidades léxicas, gírias e multimodalidade (em um dos artigos, os verbetes propostos incluem imagens e vídeos). Abundantes em referências culturais, os trabalhos demonstram a diversidade e riqueza lexical do Brasil e atuam como uma valiosa ferramenta de registro e divulgação do falar brasileiro.

Os últimos artigos, que formam a seção dedicada à *Terminografia*, abordam temáticas relacionadas à essa ciência, mais precisamente sobre a construção e complexidade de obras terminográficas. Os autores, provenientes de diferentes instituições de ensino superior, discorrem sobre suas propostas para a elaboração de vocabulários, glossários e dicionários voltados a contextos específicos, no caso, termos relacionados à literatura surda, à linguagem acadêmica e ao direito do consumidor. São levantadas reflexões sobre a variação terminológica, a classificação de obras (glossário e vocabulário), a ordem dos componentes da macroestrutura e o uso de novas tecnologias, seja como lugar de disponibilização e consulta de uma produção, ou como instrumento para coleta e análise de dados.

[2] As atividades em território espanhol foram realizadas em dezembro de 2019.

No que se refere a este último, o texto "Linguagem acadêmica especializada e o uso da Linguística de Corpus" nomeia algumas ferramentas computacionais úteis desenvolvidas para análises linguísticas. Além disso, é fornecida uma série de referências bibliográficas para os interessados nos estudos da área da Terminologia. Do mesmo modo dos apartados anteriores, os textos foram construídos didaticamente, mostrando todo o caminho recorrido e aspectos considerados para cada proposta.

Em suas páginas finais, o livro traz ainda uma homenagem de uma de suas organizadoras, Adja Durão, ao mundialmente reconhecido lexicógrafo alemão Reinhold Otto Werner, falecido em 2015, autor de publicações básicas de consulta para os estudiosos da área da Lexicografia, a exemplo de *La Lexicografía: de la linguística teórica a la lexicografía práctica*. A docente relata sua aproximação e relação profissional com o renomado teórico e disponibiliza as referências de uma série de trabalhos publicados por Werner (os mais relevantes, nas palavras de Durão). Leituras obrigatórias a todos os interessados na ciência lexicográfica.

Assim como idealizaram a disciplina que resultou nos artigos iniciais do presente exemplar, ou seja, demonstrando que o conhecimento lexicográfico não se restringe apenas à teoria, mas também inclui a prática, as autoras conseguiram, ao longo de 324 páginas, reunir pesquisas lexicográficas e terminográficas que, além de oferecer referências e conceitos fundamentais pertencentes à essas ciências, descreveram e exemplificaram sua práxis. Dessa maneira, para os iniciantes, esses estudos contribuem para um entendimento sequencial e global dos saberes e elementos que conformam, principalmente, a lexicografia, enquanto que para os mais experientes, desvela-se como um material rico em reflexões, aportes e sugestões de como se desenvolver um trabalho lexicográfico e/ou terminográfico. O leque de questionamentos, propostas e temáticas apresentados evidenciam a relevância, a complexidade e o muito que ainda há por se fazer no âmbito da construção de repertórios lexicais de uma língua.

Recebido em 06/09/2022. Aceito em 14/01/2023.